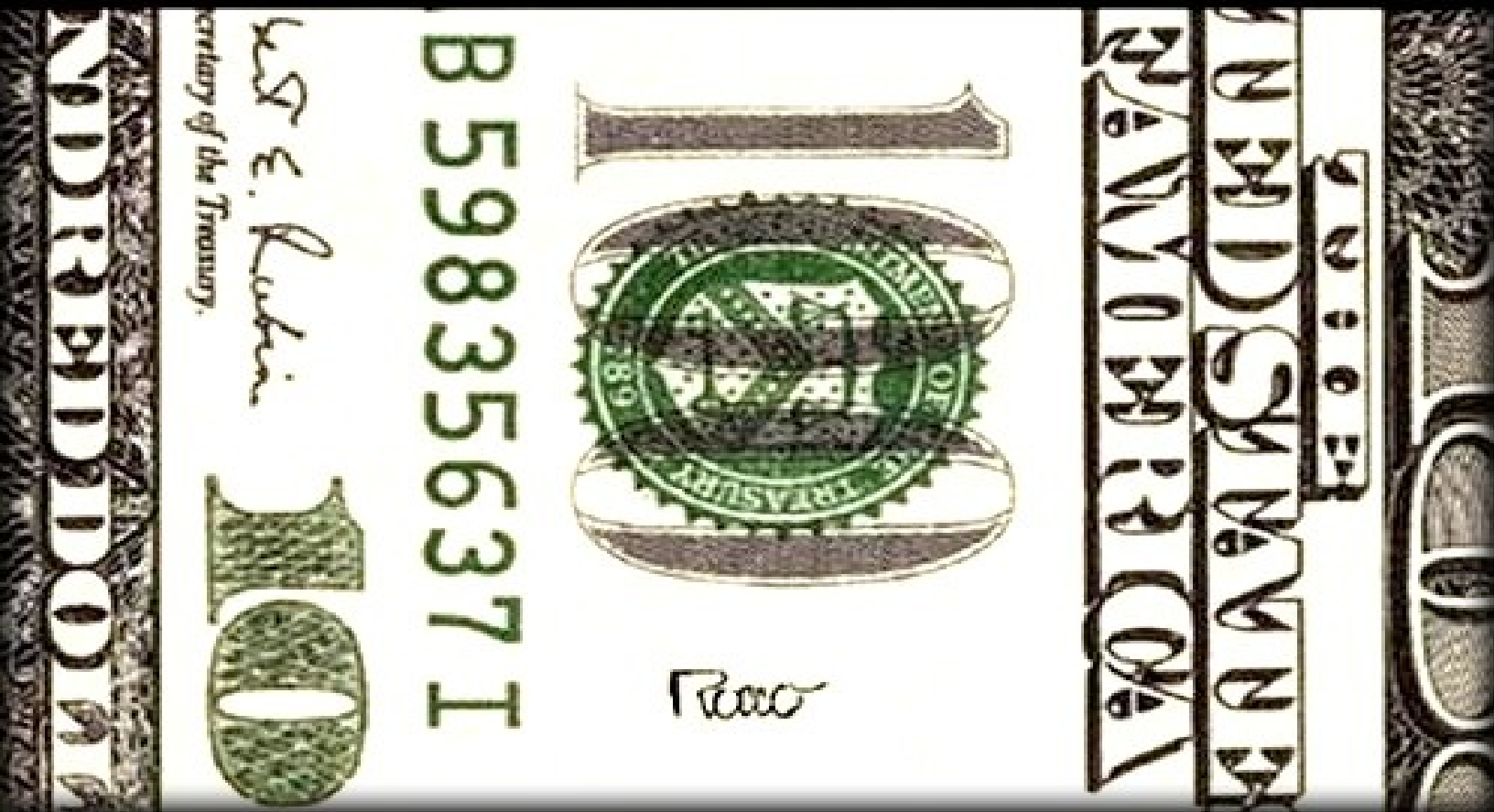


DAVID BALDACCI

A VENCEDORA



110 milhões de livros vendidos no mundo

DAVID BALDACCI

A VENCEDORA

Tradução
Haroldo Netto

1999

David Baldacci

A Vencedora

Tradução de

Haroldo Netto

Preparação de originais: Leny Cordeiro

Rio de Janeiro, 1999

Titulo original *The winner*

Copyright © 1997 by Columbus Rose, Ltd.

Todos os direitos reservados

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade a

EDITORA ROCCO LTDA

CIP-Brasil Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros RJ

145 Baldacci, David

A vencedora — David Baldacci , tradução de Haroldo Netto

Rio de Janeiro Rocco, 1999

Tradução de *The winner*

ISBN 85-125-0995-9

Ficção norte-americana I Netto, Haroldo II Titulo 99-0168

CDD-813

CDU — 820(73)-3

EDITORA ROCCO LTDA

Rua Rodrigo Silva, 26, 5º andar

20011-040 — Rio de Janeiro — RJ

Tel 507-2000 • Fax 507-2244

Printed Brazil/Impresso no Brasil

Sinopse

Em Rikersville, Georgia, uma mulher de vinte anos vive dias de completa desesperança. Com um bebê nos braços, um emprego medíocre de garçonete e um namorado indolente, LuAnn Tyler só deseja uma coisa: buscar uma vida mais digna para si mesma e a filha. Um telefonema inusitado, trazendo aparentemente uma oferta de emprego, faz com que acalente uma esperança que logo se transforma em pesadelo de dimensões macabras.

Em *A vencedora*, David Baldacci apresenta uma heroína em que os atributos de coragem, força física e emocional sem limites se ligam a uma inteligência excepcional. A seu lado, o perfil sinistro de outra inteligência, esta voltada para o crime e a manipulação — Jackson, uma criatura desprovida de qualquer sentimento humano. Esses dois personagens protagonizam uma trama que alia uma fraude de proporções universais a uma história de amor e dedicação.

A vencedora é um envolvente *thriller*, que confirma o talento de David Baldacci — autor de *Poder absoluto* e *Controle total* —, e reúne a agilidade de um best-seller bem construído à prosa segura de um ficcionista que se inclui entre os mestres do gênero.

A Collin,
meu chapa,
meu garoto,
meu filho

Agradecimentos

A Michelle, por manter tudo funcionando enquanto me afasto no meu mundo de sonhos.

A Jennifer Steinberg, pelo trabalho de pesquisa, soberbo como sempre.

À Dra. Catherine Broome, por ter reservado um pouco de tempo de uma agenda superlotada para conversar comigo sobre venenos durante um almoço.

A Steve Jennings, por sua visão sempre aguçada de editor.

A Carl Patton, meu contador favorito, e a Tom DePont, do Nations Bank, pela ajuda tão necessária em complexas questões tarifárias.

A Larry Kirshbaum, Maureen Egen e ao resto da equipe da Warner, por serem, além de prestimosos, pessoas comuns e generosas.

A Aaron Priest, por ser meu sábio, meu mentor e, mais importante, meu amigo.

A Frances Jalet-Miller, por mais uma vez ter tornado a história incomensuravelmente melhor.

Ao resto da minha família e amigos, pelo apoio e amor de todas as horas.

•••••Parte um•••••

1

JACKSON EXAMINOU O CORREDOR comprido do shopping, onde mães exaustas pilotavam carrinhos de criança carregados e grupos de cidadãos de terceira idade caminhavam, tanto pelo exercício quanto pelo prazer da conversa. Vestindo um terno cinza listrado, o corpulento Jackson olhava fixa e atentamente a entrada norte do shopping.

Sem dúvida seria a que ela ia usar, já que o ponto de ônibus era bem em frente. Ela não tinha, e Jackson bem o sabia, outro meio de transporte. A picape do namorado com quem morava tinha sido recolhida ao pátio da polícia, pela quarta vez em quatro meses. Devia estar ficando um tanto tedioso para ela, pensou Jackson. O ponto de ônibus ficava na rua principal e era preciso caminhar quase dois quilômetros para chegar lá, mas com frequência ela fazia isso. Que outra escolha tinha? Traria o bebê consigo, Jackson tinha certeza. Jamais o deixaria com o namorado.

Embora seu nome permanecesse Jackson para todos os empreendimentos comerciais, no mês seguinte a aparência dele iria mudar drasticamente — deixaria de ser o corpulento homem de meia-idade que era atualmente. É claro que suas feições seriam alteradas outra vez. Gordo ou magro? Homem ou mulher? Idoso ou jovem? A persona, como acontecia com frequência, seria inspirada em gente que ele conhecia, completamente ou fragmentos de pessoas diferentes, costurados até que o delicado tecido da criação se completasse. Na escola, biologia fora uma de suas matérias favoritas. Espécimes pertencentes à mais rara de todas as classes, os hermafroditas, nunca deixaram de fasciná-lo. Sorriu quando pensou por um momento na maior de todas as suas duplicações físicas.

Jackson recebera uma educação de primeira qualidade em uma prestigiosa escola do Leste. Combinando o amor pela arte de representar com o talento natural para ciências e química, conseguira uma rara especialização dupla em arte dramática e engenharia química. Pela manhã se debruçava sobre páginas e páginas de equações complexas ou preparados malcheirosos, enquanto à noite era possível vê-lo energicamente mergulhado na produção de um clássico de Tennessee Williams ou Arthur Miller.

Tais realizações lhe estavam sendo bastante úteis. Se ao menos os colegas pudessem vê-lo agora...

No processo de viver o personagem daquele dia — um homem de meia-idade, com excesso de peso e fora de forma devido ao fato de levar uma vida

sedentária —, uma gota de transpiração de repente brotou na testa de Jackson. Os lábios se retorceram num sorriso. A reação física o agradou sobremaneira, mesmo que tivesse sido ajudada pelo enchimento que lhe garantia a aparente obesidade, além de ocultar sua estrutura frágil. Havia algo mais do que isto: ele se orgulhava de, ao representar, tornar-se por completo uma outra pessoa, a ponto de diferentes reações químicas terem lugar no seu corpo dependendo de quem e do que fingia ser.

Normalmente não era um homem de shoppings; seu gosto pessoal era muito mais sofisticado. A clientela, no entanto, sentia-se muito mais à vontade nesse tipo de ambiente, o que era uma importante consideração em sua linha de trabalho. As reuniões que organizava tendiam a fazer com que as pessoas ficassem muito excitadas, às vezes de modo negativo. Diversas entrevistas haviam se tornado extremamente animadas, compelindo-o a improvisar. Essas reminiscências trouxeram outro sorriso aos lábios de Jackson. Mas não se pode discutir com o sucesso. Estava atingindo um número fantástico de acertos. Bastava, contudo, um único erro para estragar seu recorde perfeito. O sorriso se desvaneceu rapidamente. Matar uma pessoa nunca era uma experiência agradável. Poucas vezes era justificada, mas às vezes precisava simplesmente fazer o que fosse preciso e seguir em frente. Por diversas razões esperava que o encontro daquele dia não precipitasse essa consequência.

Secou cuidadosamente atesta com o lenço, dando pancadinhas delicadas, e ajustou os punhos da camisa. Alisou um nó quase invisível nas fibras sintéticas da peruca muito bem penteada. O cabelo verdadeiro estava comprimido sob uma touca de látex.

Abriu a porta para o espaço que alugara no shopping e entrou. Viu que tudo estava limpo e em ordem — na verdade, ordem e limpeza excessivas, pensou subitamente ao examinar, sem pressa, o ambiente. Não tinha o aspecto de um local onde se trabalhasse de verdade.

A recepcionista sentada atrás de uma mesa barata de metal na antessala levantou os olhos para ele. De acordo com as instruções, nem tentou falar. Não tinha ideia de quem ele era ou do motivo pelo qual se encontrava ali sentada. Assim que a pessoa que Jackson esperava aparecesse, fora instruída para ir embora. Dentro de muito pouco tempo embarcaria em um ônibus para fora da cidade, a bolsa um pouco mais gorda com o pagamento pelos mínimos problemas que tivera. Jackson nunca olhou para ela; era um simples acessório em sua última produção teatral.

O telefone ao lado dela permanecia em silêncio, a máquina de escrever, sem uso. Sim, sem dúvida nenhuma, bem organizado demais, concluiu Jackson, fechando a cara.

Deu uma olhada na pilha de papel sobre a mesa de metal. com um gesto repentino, espalhou algumas folhas na superfície da mesa. Em seguida torceu o telefone um pouquinho e enfiou uma folha de papel na máquina, colocando-a em posição ao acionar diversas vezes o rolo.

Jackson avaliou o que fizera e suspirou. Não se pode pensarem tudo ao mesmo tempo.

Passou pela pequena área destinada à recepção, chegou rapidamente ao fim do espaço mínimo e virou à direita. Abriu a porta da minúscula sala de dentro, atravessou-a e sentou-se atrás da mesa de madeira arranhada. A tela em branco do pequeno aparelho de televisão instalado num canto devolveu seu olhar. Pegou um cigarro no bolso, acendeu e recostou-se o máximo que pôde. Esforçando-se para relaxar a despeito do fluxo constante de adrenalina. Alisou o bigode fino e escuro. Também era de fibra sintética, montado numa superfície de tela presa à pele com uma goma de base volátil. O nariz também havia se alterado consideravelmente. Uma base de massa ajudada pela pintura transformara as linhas retas e delicadas do formato original em uma coisa volumosa e ligeiramente torta. A pequena verruga bem ao lado da ponte alterada do nariz também era falsa — não passava de gelatina com sementes de alfafa misturadas em água quente. Os dentes perfeitos foram cobertos por jaquetas de acrílico para ganhar uma aparência irregular e pouco saudável. Todos esses artifícios seriam lembrados até mesmo pelo mais distraído dos observadores. Assim, quando fossem removidos, ele, em essência, desapareceria. O que mais poderia desejar alguém tão incondicionalmente devotado a atividades ilegais?

Em breve, se as coisas acontecessem segundo o plano, começaria tudo de novo. De cada vez era um pouco diferente, mas esta era a parte excitante: não saber. Consultou o relógio de novo. Sim, muito em breve. Esperava ter um encontro extremamente produtivo com ela; para ser mais preciso, um encontro que beneficiasse ambas as partes.

Tinha apenas uma única pergunta a fazer a LuAnn Tyler, uma pergunta simples mas com possibilidade de repercussões muito complexas. com base em sua experiência, estava razoavelmente seguro do que ela ia responder, mas nunca se sabe. Jackson torcia para que desse a resposta correta, para o seu próprio bem. Pois havia apenas uma resposta "certa". E se dissesse que não? Bem, o bebê jamais teria oportunidade de conhecer a mãe, porque seria órfão. Bateu ruidosamente na tampa da mesa com a palma da mão. Ela diria que sim. Todos os outros tinham dito. Jackson sacudiu a cabeça vigorosamente ao pensar em como seria. Ia fazer com que compreendesse, ia convencê-la da lógica irresistível de se juntar a ele. Mostrar como tudo iria se modificar para ela. Mais do que poderia imaginar. Muito mais do que poderia esperar.

Como dizer não? Tratava-se de uma oferta que simplesmente ninguém podia recusar.

Se ela viesse... Jackson esfregou a bochecha com as costas da mão, puxou uma longa tragada no cigarro, o olhar perdido na parede. Mas, verdade seja dita, como ela poderia não vir?

2

O VENTO REVIGORANTE DESCIA direto pela estreita estrada de terra, canalizado pela densa floresta de ambos os lados. De repente a estrada faz uma curva para o norte e logo depois, com a mesma sem-cerimônia, vira para o leste. Do topo de uma ligeira elevação, viam-se mais árvores, algumas morrendo, retorcidas pelo vento, outras pela doença e pelo tempo, que lhes davam formas que pareciam penosas; mas a maioria delas era reta, dona de troncos grossos e de galhos altos e cheios de folhas.

Do lado esquerdo da estrada, olhos mais atentos poderiam discernir um semicírculo de espaço aberto consistindo de lama entremeada com pedaços de grama nova da primavera.

Aninhavam-se junto com a natureza, nessa clareira, blocos de motores enferrujados, pilhas de objetos descartados, uma pequena montanha de latas de cerveja absolutamente secas, peças de mobília abandonadas e uma coleção de outras coisas sem valor que serviam como objetos de arte visual quando cobertas pela neve, e como abrigo para cobras e outras criaturas quando o mercúrio do termômetro subia. Bem no meio dessa ilha semicircular, havia um pequeno trailer pousado sobre alicerces de blocos de concreto. Aparentemente o único contato que tinha com o resto do mundo eram as linhas do telefone e luz que vinham dos postes grossos e um tanto inclinados que corriam ao longo da estrada e iam dar em um dos lados do trailer. Este, por sinal, era sem dúvida uma visão ofensiva no meio do nada. Seus ocupantes teriam concordado com essa descrição. O meio do nada servia também para descrevê-los à perfeição.

No interior do trailer, LuAnn Tyler pendurou-se no espelho equilibrado em cima da cômoda. Manteve o rosto num ângulo incomum, não só porque a velha cômoda era inclinada para o lado onde tinha uma perna quebrada, mas também porque o espelho estava partido. Linhas sinuosas corriam na superfície do espelho como os frágeis galhos de uma árvore nova, de tal modo que, se LuAnn houvesse se olhado de frente, teria visto não apenas um mas três rostos refletidos.

Não sorriu ao se contemplar; não era capaz de lembrar-se de algum dia ter sorrido ao se olhar. Suas feições eram sua única qualidade — tinham enfiado isso na cabeça dela desde que se entendia por gente —, embora um bom trabalho dentário pudesse ajudar bastante. O fato de ter crescido com a água não fluoretada do poço e nunca ter posto os pés em um consultório de dentista não ajudaram em nada.

Sem inteligência, Benny Tyler, o pai, repetira vezes sem conta. Sem inteligência ou sem oportunidade para usá-la? Nunca discutira isto com ele, falecido havia cinco anos. A mãe, Joy, morta havia quase três, nunca fora mais feliz do que após a morte do marido. O que deveria ter dissipado por completo a opinião de Benny Tyler sobre sua capacidade mental, mas garotinhas acreditam, quase que incondicionalmente, no que o pai lhes diz. Virou-se para a parede onde o relógio estava pendurado.

Era a única coisa que lhe restara da mãe; de um modo ou de outro, uma espécie de bem de família, já que fora dado a Joy Tyler pela mãe dela, avó de LuAnn, no dia em que Joy se casara com Benny. Não tinha valor intrínseco; podia-se comprar um daqueles em qualquer loja de penhor por dez pratas. LuAnn, no entanto, o considerava valiosíssimo. Quando pequena, ficava ouvindo suas batidas lentas e metódicas noite adentro. Sabia que no meio da escuridão ele sempre estaria ali, a tranquilizá-la antes do sono e a saudá-la ao amanhecer. Fora um dos poucos pontos de sustentação que tivera antes de chegar à idade adulta. Funcionava também como uma espécie de elo com a avó, uma mulher que LuAnn adorara. Ter aquele relógio por perto era como ter a avó a seu lado para sempre. com o passar dos anos, o maquinismo se desgastara consideravelmente, de modo que passara a produzir sons únicos. Acompanhara LuAnn mais em épocas ruins do que boas. Pouco antes de Joy morrer, ela dissera a LuAnn para ficar com ele, tomar conta dele com todo o cuidado. E agora LuAnn o guardaria para a filha.

Puxou o cabelo grosso, castanho avermelhado, para trás, tentou um coque e depois fez, com grande destreza, uma trança. Não satisfeita com nenhum dos dois penteados, finalmente empilhou as grossas trancas em cima e as prendeu com uma legião de grampos, inclinando frequentemente a cabeça para ver o efeito. com quase um metro e oitenta de altura, tinha de se encolher para se ver no espelho.

A todo momento olhava para a trouxinha em cima da cadeira a seu lado. Sorria ao contemplar os olhos fechados, a boquinha recurvada, as bochechas de esquilo e os pequeninos punhos roucos. Oito meses e crescendo rápido. Sua filha já começara a rastejar com giros engraçados para trás e para a frente, próprios da idade. Em breve estaria andando. Lisa não precisaria de muito tempo para caminhar para longe daquele lugar. O interior, a despeito dos diligentes esforços de LuAnn para conservá-lo limpo, lembrava muito o exterior, em grande parte devido às explosões temperamentais do homem esparramado na cama. Duane Harvey se mexera uma ou duas vezes desde que chegara em casa, cambaleando, às quatro horas da madrugada, tirando as roupas e se metendo na cama, mas, a não ser por isso, permanecera imóvel. Emocionada, lembrou que ele havia

chegado em casa sóbrio uma noite, bem no início da relação deles. O resultado fora Lisa. Lágrimas brilharam por uma fração de segundo nos olhos cor de avelã de LuAnn. Não tinha muito tempo ou paciência com lágrimas, particularmente as suas. Segundo ela, aos vinte anos de idade já chorara tudo o que tinha de chorar até o último dos seus dias.

Virou-se outra vez para o espelho. Enquanto com uma das mãos brincava com o pulso pequenino de Lisa, LuAnn usou a outra para ir tirando os grampos. Puxou o cabelo para trás e deixou os cachos caírem naturalmente sobre a testa alta. Usara esse penteado na escola, pelo menos até a sétima série, quando se juntara a muitos dos amigos do mesmo município rural e abandonara os estudos para procurar emprego e o respectivo pagamento. Todos haviam pensado, erradamente como foi possível perceber depois, que um contracheque pago com regularidade era muito melhor que a escola em qualquer dia da semana. Para LuAnn, não houve muitas alternativas. Metade do salário se destinava a ajudar os pais, cronicamente desempregados. A outra metade servia para pagar as coisas que os pais não podiam lhe dar, como, por exemplo, comida e roupa.

Olhou cuidadosamente para Duane enquanto abria o robe andrajoso. Não vendo nele qualquer sinal de vida, enfiou rapidamente a roupa de baixo. Ao crescer, seu corpo viçoso fora em verdade uma revelação para os rapazes da localidade, fazendo-os ansiar pela maturidade, muito antes que a ordem natural das coisas os autorizasse a chegar lá.

LuAnn Tyler, a futura estrela do cinema e supermodelo. Muitos residentes do município de Rikersville, na Georgia, tinham pensado seriamente no destino de LuAnn e lhe outorgado esse título, atribuindo-lhe assim a mais elevada das expectativas. Que ela não estava destinada a permanecer muito tempo com eles, era mais que evidente, decretavam as mulheres locais, gordas e cheias de rugas, instaladas em suas varandas largas e decadentes, e ninguém discordava. Sua beleza natural lhe garantiria nada menos que a mais reluzente de todas as recompensas. LuAnn corporificava as esperanças daquela gente. Nova York ou talvez Los Angeles chamaria a LuAnn delas, era apenas uma questão de tempo. Só que LuAnn ainda estava ali, no mesmo lugar em que vivera toda sua vida. Era um desapontamento e jamais — a despeito de mal ter entrado na casa dos vinte anos — tivera a oportunidade de concretizar qualquer de seus objetivos. Ela sabia que todo mundo ficaria surpreso se soubesse que suas ambições não incluíam deitar nua na cama ao lado do gostosão do mês de Hollywood, ou desfilar pela passarela dos modelos usando as mais recentes criações do pessoal da alta-costura. No entanto, ao vestir o sutiã, ocorreu-lhe que, naquele exato momento, vestir roupas da última moda em troca de dez mil dólares por dia não podia ser classificado como mau negócio.

Seu rosto. E seu corpo. O pai fizera comentários frequentes sobre esses atributos. Voluptuoso. Carnudo. Era como o descrevia, como se fosse uma entidade distinta dela. Cabeça fraca, corpo deslumbrante. Ainda bem que nunca ultrapassara essas verbalizações. Às vezes ela se perguntava, tarde da noite, se ele a desejara mas simplesmente lhe faltara coragem ou oportunidade. O modo como de vez em quando a olhava. Em raras ocasiões ela se arriscava a mergulhar nas profundezas do seu subconsciente e sentia, como a repentina picada de uma agulha, os fragmentos de uma lembrança que a fazia se perguntar se a oportunidade não teria se apresentado. Ao chegar a esse ponto, sempre estremecia e dizia a si mesma que pensar mal dos mortos não era uma boa coisa.

Observou o conteúdo do pequeno armário. Na verdade, tinha apenas um vestido apropriado para o encontro. O azul-marinho de manga curta, com um enfeite branco na gola e na bainha. Relembrou o dia em que o comprara. Um cheque inteiro de seu pagamento. Sessenta e cinco dólares. Isso fora há dois anos e nunca mais repetira tão louca extravagância. Na verdade, fora o último vestido que comprara. O tecido ficara um pouco puído, mas ela fizera um bom trabalho de reforma com linha e agulha. No pescoço comprido, um fio de pérolas falsas pequenas, presente de aniversário de um antigo admirador. Ficara acordada até tarde colorindo metodicamente as rachaduras do couro de seu único par de sapatos de salto alto. Era marrom-escuro e não combinava com o vestido, mas ia ter de combinar. Sandália de borracha ou tênis, as duas únicas outras alternativas, seriam impossíveis, embora fosse usar o tênis nos quase dois quilômetros que tinha de andar até o ponto do ônibus. Hoje podia ser o começo de uma coisa nova, ou pelo menos diferente. Quem poderia dizer? Podia levá-la a algum lugar, a qualquer lugar. Quem sabe se não a levaria, assim como a Lisa, para alguma outra coisa que não fossem os Duanes deste mundo?

LuAnn respirou fundo, abriu o zíper de uma divisão interna da bolsa e desdobrou com cuidado um pedaço de papel. Havia escrito o endereço e outras informações fornecidas em um telefonema de uma pessoa que se identificara como um certo Sr. Jackson, um telefonema que quase não atendeu depois de ter trabalhado no turno da meia-noite às sete como garçonete da Parada de Caminhões Número Um.

Quando ligaram, os olhos de LuAnn estavam quase soldados de tão fechados; ela se encontrava sentada no chão da cozinha dando de mamar a Lisa. Os dentinhos da menina começavam a nascer e os mamilos de LuAnn ficavam em fogo, mas a mistura para preparar a mamadeira era muito cara e não havia leite em casa. A princípio, LuAnn não quisera atender. Seu emprego na popular parada de caminhões ao lado da rodovia interestadual a fazia correr sem parar, com Lisa metida em sua cadeirinha de bebê embaixo do balcão. Por sorte a

menina era capaz de segurar sozinha a mamadeira e o gerente do restaurante gostava de LuAnn o bastante para tolerar o arranjo sem pôr em perigo seu emprego. Não recebiam muitos telefonemas em casa. Quase sempre era algum amigo de Duane o procurando para beber ou depenar um carro enguiçado na estrada. Era para o dinheiro da Loura e das Louras, diziam, muitas vezes bem na cara dela, referindo-se à cerveja e às outras mulheres. "Não, não era nenhum dos companheiros de Duane, telefonando tão cedo. Às sete da manhã eles estariam dormindo há umas três horas, o sono profundo de mais uma cervejada.

Depois do terceiro toque, por algum motivo, esticou a mão e pegou o aparelho. A voz do homem era brusca e profissional. Dava a impressão de que lia um roteiro e o cérebro enevoado de LuAnn raciocinou que deveria estar tentando lhe vender alguma coisa. Que grande piada! Sem cartões de crédito, sem conta no banco, só um restinho de dinheiro num saco plástico pendurado dentro da cesta que usava para as fraldas sujas de Lisa — o único lugar em que Duane jamais iria procurar. Número do cartão de crédito? Bem, deixe eu inventar um agora. Visa? MasterCard? AmEx? Platinum. Tenho todos, pelo menos nos meus sonhos. Mas o homem perguntara por ela dizendo seu nome. E depois mencionara o trabalho. Ele não estava vendendo nada. Em essência lhe oferecera um emprego. Como foi que você conseguiu meu telefone?, perguntara a ele. Tratava-se de uma informação prontamente disponível, respondera, e num tom de voz tão cheio de autoridade que ela no mesmo instante acreditara. Mas já tinha um emprego, dissera a ele. Ele perguntou quanto era seu salário. A princípio recusou-se a responder, mas depois, abrindo os olhos enquanto Lisa sugava contente seu seio, disse quanto era. Não saberia explicar ao certo por quê. Mais tarde pensaria que fora uma espécie de premonição das coisas que estavam por acontecer.

Porque fora quando ele mencionara o pagamento. Cem dólares por dia útil, com duas semanas garantidas. Ela fizera rapidamente as contas de cabeça. Um total de mil dólares com a possibilidade muito real de mais trabalho com o mesmo pagamento. E não era o dia inteiro. O homem dissera quatro horas, no máximo, por dia. Não afetaria de modo algum seu trabalho na parada de caminhões. Era o mesmo que dizer que ia ganhar vinte e cinco dólares por hora. Não conhecia ninguém que já tivesse ganhado tanto dinheiro! Ora, considerando todo o ano, eram vinte e cinco mil dólares! E, na verdade, estaria trabalhando apenas metade do tempo, o que transformava os vinte e cinco em mais de cinquenta mil dólares em um ano! Médicos, advogados e astros do cinema ganhavam somas gigantescas assim, não uma mãe solteira que não acabara o segundo grau e morava com um sujeito chamado Duane nas garras de uma pobreza sem esperanças. Como se estivesse respondendo aos pensamentos que

ela não chegara a formular, Duane se remexeu, fitando-a com olhos vermelhos cor de tijolo.

— Aonde diabos você está indo? — a voz de Duane era carregada do sotaque arrastado da região. A impressão dela era de que ouvira aquelas mesmas palavras, ditas no mesmo tom, toda a sua vida, pronunciadas por vários homens. Como resposta, pegou uma lata vazia de cerveja em cima da cômoda.

— Que tal uma outra cerveja, benzinho? — ela deu um sorriso sedutoramente tímido e arqueou as sobrancelhas com malícia. Os lábios grossos foram soltando cada sílaba sedutoramente. Teve o efeito desejado. Duane produziu um grunhido ante a visão do seu Deus de malte e alumínio e retornou às garras da ressaca que em breve o assaltaria.

A despeito das frequentes bebedeiras, não tinha a menor resistência. Em outro minuto estava adormecido mais uma vez. O sorriso sedutor de LuAnn desvaneceu-se prontamente e ela voltou a atenção para o papel com a anotação. O trabalho, assim dissera o homem, consistia em experimentar produtos novos, ouvir anúncios, opinar sobre várias coisas. Uma espécie de pesquisa. Análise demográfica, ele dissera, seja lá o que isso significava. Essas coisas são feitas o tempo todo. Tem a ver com os preços cobrados para divulgar publicidade e comerciais da televisão, coisas assim. Cem dólares por dia só para dar sua opinião, coisa que fazia de graça a cada minuto da sua vida.

bom demais para ser verdade. Foi o que pensou inúmeras vezes desde o telefonema. Era muito menos burra do que o pai achava. Na verdade, por trás do rosto bonito, havia uma inteligência muito mais poderosa do que o falecido Benny Tyler podia ter imaginado, associada a uma astúcia que lhe permitia sobreviver havia anos. No entanto, apenas raramente alguém via algo mais do que sua aparência. Muitas e muitas vezes sonhava com uma existência em que seus peitos e bunda não fossem a primeira, última e única coisa que as pessoas notassem nela, que comentassem.

Desviou o olhar para Lisa. A menininha estava acordada, os olhos dardejando por todo o quarto até que vieram se deter, com júbilo, no rosto da mãe. Os semicerrados olhos de LuAnn, focalizaram o bebê. Afinal, o que poderia ser pior para ela e Lisa do que a atual realidade? Normalmente se sustentava num emprego por um ou dois meses, ou, se tivesse realmente com sorte, seis meses, quando vinha uma demissão com a promessa de recontratação quando as coisas melhorassem, o que nunca parecia acontecer. Sem o diploma de conclusão do segundo grau, era imediatamente classificada como estúpida. Pelo fato de viver com Duane, havia muito tempo admitira merecer esse rótulo. Mas ele era o pai de Lisa, mesmo que não tivesse intenção de se casar com LuAnn, ou que ela quisesse forçá-lo. Não se sentia ansiosa para passar a usar o

sobrenome de Duane, ou do homem-criança que vinha junto com ele. No entanto, por ter sido criada em algo que nem de longe se aproximava de uma família feliz e carinhosa, LuAnn estava firmemente convencida de que a unidade da família era importantíssima para o bem-estar das crianças. Lera todas as revistas, assim como assistira a um número enorme de programas de televisão que tratavam do assunto. Em Rikersville, LuAnn estava um grau acima do dinheiro da Previdência; havia cerca de vinte pessoas para cada emprego desprezível. Lisa podia e se sairia bem melhor que a mãe — LuAnn dedicara a vida a fazer disso uma realidade. com mil dólares, talvez conseguisse se dar bem. Uma passagem de ônibus para um lugar qualquer. Algum dinheiro para viver até encontrar um emprego; a pequena poupança que desejara tão desesperadamente em todos aqueles anos mas que nunca conseguira acumular. Rikersville estava morrendo. O trailer era o sepulcro não oficial de Duane. Ele nunca se sairia melhor e provavelmente ainda ia piorar muito antes que a terra o engolisse. E seria o túmulo dela também, LuAnn sabia, só que não seria. Não depois do dia de hoje. Não depois de ir ao encontro do tal homem. Dobrou o pedaço de papel e o colocou na bolsa. Tirando uma caixinha de uma das gavetas, encontrou troco bastante para pagar o ônibus. Terminou de arrumar o cabelo, abotoou o vestido, pegou Lisa no colo e saiu, deixando o trailer, e Duane, para trás.

3

BATERAM VIGOROSAMENTE NA PORTA. O homem se levantou rápido por trás da mesa, ajustou a gravata e abriu uma pasta que tinha diante de si. No cinzeiro podiam ser vistos os restos de três cigarros.

— Entre — disse ele, a voz alta e clara.

A porta se abriu e LuAnn entrou e deu uma olhada em torno. com a mão esquerda segurava a alça do bebê-conforto, de onde Lisa examinava a sala com evidente curiosidade.

Pendurada no ombro direito de LuAnn havia uma enorme bolsa. O homem observou a veia que descia pelo biceps comprido e vigoroso de LuAnn, e que mais abaixo ia se ligar a um labirinto de outras no antebraço musculoso. A mulher era obviamente forte. E seu caráter? Também seria forte?

— Estou falando com o Sr. Jackson? — perguntou LuAnn. Olhou diretamente para ele enquanto falava, esperando que seus olhos fizessem o inevitável inventário de rosto, colo, quadris e assim por diante. Não importava a que nível social pertencessem, neste aspecto todos os homens eram iguais. Assim, ela ficou muito surpresa quando o olhar dele se limitou a seu rosto. O homem estendeu a mão e ela a apertou firmemente.

— Sou eu mesmo. Sente-se, por favor, Sra. Tyler. Muito obrigado por ter vindo. Sua filha é muito bonita. Gostaria de colocá-la ali? — ele apontou para um canto da sala.

— Ela acaba de acordar. A caminhada e o ônibus sempre fazem com que durma. Prefiro ficar com ela do meu lado, se não se importa — como se concordasse, Lisa começou a balbuciar e apontar.

Ele balançou a cabeça, assentindo, sentou de novo e ficou examinando a pasta por um momento.

LuAnn colocou Lisa e a bolsa grande a seu lado, puxou um conjunto de chaves plásticas e as deu à filha, para que brincasse. Depois endireitou-se e observou Jackson com considerável interesse. Vestia roupas caras. Uma linha de gotículas de suor lhe atravessava a testa, como uma miniatura de pérolas, e parecia estar um pouco nervoso. Normalmente ela atribuiria isso à sua aparência. A maioria dos homens que encontrava ou agiam como idiotas na tentativa de impressioná-la ou se fechavam em si mesmos como animais feridos. Algo lhe disse que nenhuma das duas hipóteses correspondia ao caso daquele homem.

— Não vi uma placa na porta do seu escritório. As pessoas podem nem saber que o senhor está aqui dentro — ela o fitou com olhar curioso.

Jackson dirigiu-lhe um sorriso relutante.

— No nosso ramo, não nos interessamos por quem passa por perto. Não interessa que as pessoas no shopping saibam ou não que estamos aqui. Todo o nosso negócio é conduzido por entrevistas, telefonemas, esse tipo de coisa.

— Então eu devo ser a sua única entrevista marcada para agora. A sala de espera está vazia.

A bochecha de Jackson tremeu enquanto ele formava uma espécie de torre com as palmas das mãos juntas.

— Nós marcamos nossas entrevistas de forma a não fazer as pessoas esperarem. Sou o único membro da firma nesta locação.

— Vocês fazem negócio também em outros lugares? Ele aquiesceu, distraidamente.

— Poderia me fazer o favor de preencher esta ficha de informações? Não se apresse — ele empurrou uma folha de papel e uma caneta na direção dela. LuAnn encheu rapidamente a ficha, fazendo movimentos curtos e rígidos com a caneta. Jackson permaneceu observando-a e reviu as informações depois que ela terminou. Já sabia tudo o que estava ali.

LuAnn olhou em torno. Sempre fora observadora. Sendo objeto do desejo de tantos homens, costumava estudar a configuração de todos os lugares em que se encontrava, nem que fosse para determinar qual seria a rota de fuga mais rápida.

Quando levantou os olhos, ele notou que ela examinava o escritório.

— Algo errado? — perguntou.

— É esquisito.

— Receio não ter entendido.

— Você tem um escritório esquisito, é só isso.

— Como assim, esquisito?

— Bem, não tem um relógio em parte alguma, lata de lixo, calendário ou telefone. Acontece que nunca trabalhei em lugares em que os homens usam gravatas, mas até mesmo o Red na parada de caminhões tem um calendário, e passa mais tempo ao telefone do que fora dele. E a mulher que trabalha aí fora não tem a menor ideia do que está acontecendo. Também, com aquelas unhas enormes seria mesmo difícil bater à máquina — LuAnn percebeu a expressão de espanto no rosto dele e rapidamente mordeu o lábio. Essa mania de falar sem parar já a metera em encrenca antes, e não podia se dar ao luxo de fracassar nesta entrevista agora. — Não estou querendo dizer nada de especial — desculpou-se, rapidamente. — Só estou falando. Acho que é porque estou um pouco nervosa, mais nada.

Os lábios de Jackson se moveram por um instante e por fim ele sorriu rigidamente.

— Você é muito observadora.

— Tenho dois olhos como todo mundo — LuAnn sorriu bonito, voltando a usar o velho e confiável truque.

Jackson ignorou a tentativa e mexeu ruidosamente em seus papéis.

— Você se lembra dos termos do emprego que falei pelo telefone?

Ela voltou bruscamente aos negócios.

— Cem dólares por dia durante duas semanas, com talvez mais algumas semanas com o mesmo pagamento. Trabalho até as sete da manhã. Se for possível, eu gostaria de vir trabalhar no início da tarde. Que tal lá pelas duas horas? E posso trazer a menina? É justamente quando ela tira seu maior cochilo, de modo que não vai atrapalhar nada. Juro por Deus — com um movimento automático LuAnn abaixou-se e pegou as chaves de brinquedo no chão, onde a menina as jogara, e entregou-as de volta à Lisa.

Lisa agradeceu à mãe com um grunhido.

Jackson levantou e enfiou as mãos nos bolsos.

— Tudo bem. Tudo bem. Você é filha única e seus pais já morreram, correto?

LuAnn estremeceu com a mudança abrupta de assunto. Hesitou e depois fez que sim, os olhos semicerrados.

— E por quase dois anos inteiros vive com Duane Harvey, um trabalhador medíocre e sem especialização, atualmente desempregado, em um trailer na parte ocidental de Rikersville — ele olhou para ela enquanto repassava a informação. Não esperava por confirmação naquela hora. LuAnn sentiu isso e limitou-se a encará-lo. — Duane Harvey é o pai de sua filha Lisa, com oito meses de idade. Você deixou a escola na sétima série e teve inúmeros empregos de salários baixos desde então; acho que todos esses empregos poderiam ser rotulados como becos sem saída. Você é dona de rara inteligência, assim também como de admirável talento para sobreviver. Nada é mais importante para você do que o bem-estar de sua filha. Está desesperada para mudar a situação econômica da sua vida, assim como abandonar o Sr. Harvey. Na presente ocasião, imagina como seria possível conseguir realizar qualquer dos seus desejos sem ter os recursos financeiros para fazê-lo, o que provavelmente continuará acontecendo. Sente-se presa numa armadilha e não vejo como não deveria se sentir assim. A senhora está presa numa armadilha, Sra. Tyler — ele encerrou o pequeno discurso encarando-a firmemente.

O rosto de LuAnn estava vermelho quando ela se levantou.

— O que diabos está acontecendo aqui? Que direito você tem de...

Ele a interrompeu, impaciente.

— Você veio porque lhe ofereci mais dinheiro do que jamais ganhou em toda a sua vida. Certo?

— Como é que pode você saber todas essas coisas a meu respeito? — indagou ela.

Ele cruzou os braços e a observou intensamente antes de responder.

— É do meu interesse saber tudo o que eu puder sobre a pessoa com quem vou fazer negócio.

— O que é que essas coisas que sabe a meu respeito podem ter a ver com minhas opiniões, pesquisas e tudo mais?

— Muito simples, Sra. Tyler. Para saber como avaliar a opinião de uma pessoa, preciso conhecer detalhes íntimos dela. Quem é, o que quer, o que sabe. E o que não sabe. As coisas de que gosta, de que não gosta, preconceitos, pontos fortes e pontos fracos. Nós todos os temos, em graus variados. Em suma, se eu não souber tudo a seu respeito, não terei cumprido minha obrigação — ele contornou a mesa e empoleirou-se na beirada. — Desculpe se a ofendi. Fui um tanto rude; no entanto, não quis desperdiçar seu tempo.

A raiva nos olhos de LuAnn finalmente desapareceu.

— Bem, acho que dito desse jeito...

— É como eu digo, Sra. Tyler. Posso chamá-la de LuAnn?

— É o meu nome — foi a resposta brusca. Ela se recostou na cadeira. — Bem, como também não quero desperdiçar o seu tempo, o que me diz do horário? À tarde está bem?

Jackson retornou abruptamente à sua cadeira e olhou para o tampo, esfregando as mãos devagar sobre a superfície arranhada. Quando a encarou de novo, suas feições estavam ainda mais sérias do que antes.

— Você já sonhou em ser rica, LuAnn? Falo de ser mais rica do que nos seus sonhos mais loucos. Tão rica que em verdade você e sua filha poderiam fazer literalmente qualquer coisa no mundo que quisessem, quando bem entendessem? Algum dia já teve este sonho?

Ela começou a rir até que percebeu a expressão dos olhos dele. Não havia humor neles, timidez ou compreensão, apenas o intenso desejo de ouvir a resposta que LuAnn daria.

— Claro que tive. Quem já não teve esse sonho?

— Bem, os que já são podres de ricos raramente têm, posso lhe assegurar. No entanto, você está certa, a maior parte das pessoas, em algum ponto de suas vidas, tem essa fantasia. E, no entanto, praticamente ninguém consegue transformá-la em realidade. A razão é simples: não podem.

O sorriso de LuAnn foi apaziguador.

— Mas cem pratas por dia não é nada mau.

Jackson coçou o queixo por alguns segundos, pigarreou e fez a pergunta:

— LuAnn, você costuma jogar na loteria?

Ela se espantou mas respondeu prontamente.

— De vez em quando. Todo mundo joga. Mas pode ficar muito caro. Duane joga toda semana, às vezes, metade do seu salário — isto é, quando recebe um salário, o que geralmente não é o caso. Ele fica todo aceso achando que vai ganhar. E eu digo que ele é mais burro do que sujo. Por quê?

— Já apostou alguma vez na loteria nacional?

— Você se refere a uma para todo o país?

Jackson fez que sim, os olhos fixos nela.

— Sim — disse, devagar. — É exatamente a isto que me refiro.

— De vez em quando. Mas as chances são tantas que era mais fácil eu dar um passeio na Lua do que ganhar um prêmio.

— Você está absolutamente certa. Na verdade, as chances este mês são de aproximadamente uma em trinta milhões.

— É isso aí. Prefiro tentar a raspadinha. Nela você tem pelo menos a chance de ganhar vinte pratas rapidinho. Não adianta jogar dinheiro bom em coisa ruim, particularmente quando não se tem grande coisa.

Jackson umedeceu os lábios e apoiou os cotovelos na mesa enquanto a encarava.

— O que você diria se eu pudesse melhorar drasticamente suas chances de ganhar na loteria? — ele manteve os olhos resolutamente fixos nela.

— Como é que é? — Jackson não respondeu. LuAnn olhou em torno como se esperasse ver uma câmera de vigilância em alguma parte. — O que isso tem a ver com o emprego? Não vim aqui para brincar, senhor.

— E se — prosseguiu Jackson, sem ligar para as perguntas dela — eu pudesse reduzir as chances para uma em uma? Você jogaria?

LuAnn explodiu.

— Isto é alguma brincadeira? Se eu não soubesse que era impossível, ia pensar que talvez Duane estivesse por trás dessa história. É melhor me dizer o que diabo está acontecendo antes que eu fique realmente furiosa.

— Isto não é brincadeira, LuAnn.

LuAnn levantou-se.

— Você com toda certeza está maquinando alguma coisa e eu não quero nem saber o que é. Nem saber! Cem pratas por dia ou nada — exclamou ela, profundamente ofendida, e ainda mais desapontada, agora que seus planos de ganhar mil dólares se desvaneciam rapidamente. Pegou Lisa e a bolsa e virou-se para ir embora.

O tom sereno da voz de Jackson a alcançou por trás.

— Estou garantindo que você ganhará a loteria, LuAnn. Estou garantindo que você ganhará, no mínimo, cinquenta milhões de dólares.

Ela parou. A despeito do seu cérebro lhe dizer para correr o mais depressa que pudesse para longe daquele lugar, viu-se virando lentamente para encará-lo.

Jackson não se mexera. Continuava sentado, mãos entrelaçadas.

— Nada mais de Duanes, ou de turnos da madrugada no restaurante de caminhoneiros e tampouco preocupação com comida e roupa limpa para sua filha. Tudo o que quiser, poderá ter. Aonde quiser ir, poderá ir. Tudo o que quiser ser, será possível — o tom de voz dele permaneceu sereno e firme.

— Você se importa de me contar como consegue fazer isso? ele tinha falado em cinquenta milhões de dólares? Deus Todo-Poderoso! Ela colocou uma das mãos na porta para se firmar.

— Preciso de uma resposta para a minha pergunta.

— Que pergunta?

Jackson estendeu as mãos.

— Você quer ser rica?

— Você é maluco, não é? Sou uma mulher forte, de modo que, se tentar alguma coisa para o meu lado, eu chuto o seu rabo até a rua e deixo você com a metade dos miolos com que começou o dia.

— Devo considerar isto como um não?

LuAnn jogou o cabelo para o lado e passou a alça do bebê-conforto da mão direita para a esquerda. Lisa olhava ora para a mãe ora para Jackson, como se estivesse absorta na conversa acalorada.

— Olhe, não há como poder me garantir uma coisa dessas. De modo que vou embora daqui chamar o hospício para vir pegar você.

Em resposta, Jackson consultou o relógio, adiantou-se até o aparelho de televisão e o ligou.

— Dentro de um minuto o sorteio diário nacional vai acontecer. É apenas um prêmio de um milhão de dólares; servirá, contudo, para ilustrar o que estou dizendo. Compreenda que não lucro com isto, é usado apenas para fins de demonstração, visando pôr fim a seu ceticismo bem compreensível.

LuAnn virou-se para olhar a tela. Viu o sorteio começar e as máquinas com as bolas serem acionadas.

Jackson a encarou.

— Os números sorteados serão oito, quatro, sete, onze, nove e seis, nesta ordem — ele pegou papel e caneta no bolso e escreveu os números. Entregou o papel a LuAnn.

Ela quase riu mas, embora tivesse se controlado, uma sonora risada chegou a escapar de sua boca. Silenciou na mesma hora em que o primeiro número anunciado foi oito.

Em rápida sucessão as bolas com os números quatro, sete, onze, nove e seis

foram sorteadas e anunciadas como a combinação vitoriosa. Muito pálida, LuAnn examinou o papel e depois os números vitoriosos na tela. Jackson desligou a televisão.

— Acredito que suas dúvidas a respeito de minha capacidade tenham sido satisfeitas. Talvez possamos voltar à minha oferta.

LuAnn encostou-se na parede. Sentia a pele zumbindo contra os ossos, como se um milhão de abelhas houvesse mergulhado em seu corpo. Olhou de novo para o aparelho de televisão. Não viu fios especiais ou engenhocas que pudessem tê-lo ajudado a prever o resultado. Nada de videocassete. Estava simplesmente ligado na parede. Engoliu em seco e encarou Jackson de novo.

— Como diabos você fez isso? — as palavras foram pronunciadas num tom abafado, temeroso.

— Você não tem a menor necessidade de ter conhecimento desta informação. Basta que responda minha pergunta, por favor — a voz dele elevou-se ligeiramente.

Ela respirou fundo, tentou acalmar os nervos.

— Você está me perguntando se estou querendo fazer algo de errado. Pois então vou dizer na sua cara que não. Não tenho nada, mas não sou criminosa.

— Quem disse que é uma coisa errada?

— Vai me desculpar, mas está querendo dizer que garantir que vai ganhar na loteria não é errado? com toda a certeza para mim parece no mínimo suborno. Você acha que só porque trabalho em empregos de merda sou burra?

— Na verdade, tenho em alta conta a sua inteligência. Este é o motivo pelo qual você está aqui. No entanto, alguém tem de ganhar aquele dinheiro, LuAnn. Por que não você?

— Porque é errado, aí está.

— E quem, exatamente, você está prejudicando? Além do mais, não é errado, tecnicamente falando, se ninguém descobrir.

— Eu saberia.

Jackson suspirou.

— Muito nobre de sua parte. Mas será que você pretende realmente passar o resto de sua vida com Duane?

— Ele tem seus pontos positivos.

— É mesmo? Você se incomodaria de enumerá-los?

— Por que você não vai para o inferno? Acho que vou sair daqui direto para uma delegacia de polícia. Tenho um amigo que é policial. Aposto como vai se interessar em ouvir esta história LuAnn virou-se e pôs a mão na maçaneta da porta.

Aquele era o momento pelo qual Jackson havia esperado.

— Quer dizer então que Lisa vai crescer num trailer imundo perdido no meio do mato. Sua filhinha será extraordinariamente bonita se puxar à mãe. Ao atingir certa idade, os jovens vão começar a se interessar, ela desiste dos estudos, talvez apareça um bebê e o ciclo recomeça. Como a mãe? — ele fez uma pausa. — Como você? — acrescentou Jackson falando baixinho.

LuAnn voltou-se lentamente, os olhos arregalados e brilhantes. Jackson dirigiu-lhe um olhar cheio de solidariedade.

— É inevitável, LuAnn. Estou falando a verdade, você sabe que estou. Que futuro você e Lisa têm com ele? E se não for ele, outro Duane, e outro e outro. Você vai viver e morrer na pobreza, e com sua filhinha será a mesma coisa. Não há como mudar isso. Não é justo, claro, mas o fato de não ser justo não torna o que falei menos inevitável. Ah, sim, gente que nunca esteve na sua situação diria que tudo o que você tem a fazer é arrumar as malas e ir embora. Pegar sua filha e simplesmente ir embora. Só que nunca lhe dirão como fazer isso. De onde virá o dinheiro para as passagens de ônibus, quartos de hotel e comida? Quem cuidará da menina, primeiro quando você for procurar emprego e depois quando achar, se é que vai conseguir achar? — Jackson sacudiu a cabeça em sinal de compreensão e passou o dorso de uma das mãos no queixo enquanto a fitava. — Claro, você pode procurar a polícia, se quiser. Mas, quando voltar, não haverá ninguém aqui. E você pensa que vão mesmo acreditar no que lhes disser? — uma expressão de desdém surgiu nas feições dele. — E o que você terá conseguido realizar? Terá simplesmente perdido a oportunidade de uma vida. Sua única chance de dar o fora. Perdida — ele sacudiu a cabeça tristemente para ela, como se quisesse dizer: "Por favor, não seja tão burra."

LuAnn apertou com mais força a alça do bebê-conforto. Lisa, agitada, começava a lutar para sair e a mãe começou automaticamente a balançar a menina para trás e para frente.

— O senhor está falando em sonhos, Sr. Jackson, mas eu tenho os meus sonhos. Grandes sonhos. Malditos grandes sonhos — mas a voz dela tremia. LuAnn Tyler tinha um aspecto rijo, moldado ao longo de muitos anos economizando para viver sem nunca conseguir chegar a parte alguma; mesmo assim, as palavras de Jackson a tinham magoado, ou melhor, a verdade existente naquelas palavras.

— Eu sei disso. Eu disse que você era inteligente e você não fez outra coisa neste encontro senão reforçar minha opinião. Você merece bem mais do que tem no presente. No entanto, é muito raro que as pessoas tenham o que merecem nessa vida. O que estou lhe oferecendo é um modo de realizar seus grandes sonhos — ele estalou os dedos de repente, para causar efeito. — Assim.

De repente ela sentiu medo.

— Como vou saber que você não é um policial tentando montar um esquema para me pegar? Não vou para a prisão por causa de dinheiro.

— Porque seria um caso claro de montar uma armadilha para pegar uma pessoa, mais nada. Não poderia ser usado em juízo. E por que cargas d'água neste mundo de Deus a polícia ia eleger você como alvo de um esquema tão complicado?

LuAnn apoiou-se na porta. Sob o vestido sentia o coração bater erraticamente entre os seios. Jackson levantou-se.

— Eu sei que você não me conhece, mas eu encaro o meu trabalho muito, mas muito seriamente mesmo. Eu não estaria aqui desperdiçando o seu tempo com alguma brincadeira, e, com toda a certeza, jamais desperdiçaria o meu próprio tempo — a voz de Jackson continha um toque inequívoco de autoridade e seu olhar penetrante se fixou em LuAnn com uma intensidade que foi impossível ignorar.

— Por que eu? Por que, entre tanta gente nessa droga de mundo, você foi bater na minha porta? — a pergunta foi feita em tom quase súplice.

— Pergunta adequada; no entanto, não estou preparado para responder, nem ela é pertinente.

— Como você pode saber que vou ganhar? Ele olhou para a televisão.

— A menos que ache que tive uma sorte incrível, você não devia duvidar do resultado.

— Hmm! Neste momento eu duvido de tudo o que ouço. E se eu jogar e não ganhar?

— O que você terá perdido?

— As duas pratas que me custou o jogo! Pode não parecer muito dinheiro para você, mas dá para pagar o ônibus quase uma semana!

Jackson puxou quatro notas de um dólar do bolso e entregou a ela.

— Considere então esse risco eliminado e um retorno de cem por cento.

Ele esfregou o dinheiro entre os dedos.

— Quero saber o que você ganha com isso. Já estou meio velha para acreditar em fadas madrinhas e estrelas cadentes que realizam nossos desejos — os olhos de LuAnn estavam claros e concentrados agora.

— Mais uma vez temos uma boa pergunta, mas ela só passa a ser aplicável se e quando você concordar em participar. Você tem razão, no entanto; não estou fazendo isso só porque sou bonzinho — um pequeno sorriso escapou de seus lábios. — É uma operação de negócios. E em toda a boa transação, ambos os lados se beneficiam. Penso, contudo, que você ficará satisfeita com a generosidade dos termos.

LuAnn meteu o dinheiro na bolsa.

— Se você precisar da minha resposta neste exato momento, ela será um não redondo e bem sonoro.

— Reconheço que minha proposta tem certas complexidades. Assim, lhe darei algum tempo para pensar — ele escreveu um número de discagem direta gratuita em um pedaço de papel que passou para ela. — Mas não tempo demais. O sorteio mensal da loteria se realiza em quatro dias. Vou precisar de sua resposta às dez da manhã dentro de dois dias. com este número aqui você será capaz de me alcançar em qualquer parte.

Ela olhou para o papel na mão dele.

— E se eu ainda disser não em dois dias, o que provavelmente acontecerá?

Jackson deu de ombros.

— Então outra pessoa ganhará a loteria, LuAnn. Alguém ficará pelo menos cinquenta milhões de dólares mais rico e certamente não perderá tempo se sentindo culpado, isto eu posso lhe assegurar — ele sorriu agradavelmente. — Acredite em mim quando digo que muita gente tomaria o seu lugar com muita alegria. Muita alegria — ele repetiu, colocando o papel na mão dela e fechando-lhe os dedos em torno. — Lembre-se, um minuto depois das dez e a oferta perde o valor. Para sempre — Jackson, é claro, não mencionou o fato de que, se LuAnn dissesse "não", a mataria imediatamente. Seu tom de voz foi quase áspero, mas então ele sorriu de novo e abriu a porta para ela, dando uma espiada em Lisa. Ao fazê-lo, a garotinha parou de fazer bagunça e ficou olhando para ele de olhos arregalados. Ela parece com você. Espero que tenha saído também com o seu cérebro.

Quando ela passou pela porta, ele acrescentou:

— Obrigado por ter vindo, LuAnn. Tenha um bom dia.

— O que me faz pensar que o seu nome não é Jackson? — retrucou ela, com um olhar penetrante.

— Eu espero sinceramente ter notícias suas em breve, LuAnn. Gosto de ver coisas boas acontecerem com gente que merece. E você? — ele fechou a porta vagarosamente.

4

NO ÔNIBUS DE VOLTA PARA CASA, LuAnn agarrou tanto Lisa quanto o pedaço de papel que tinha o número do telefone com igual tenacidade. Tinha a sensação muito desconfortável de que todo mundo no ônibus estava ciente do que acabara de lhe acontecer e, como resultado, a julgava severamente. Uma velha toda recurvada, vestindo um casaco sovado e meias rasgadas na altura dos joelhos, segurou com força suas sacolas de compras de plástico e não tirou os olhos de LuAnn. Se estava realmente a par da entrevista de LuAnn ou se tão-somente se ressentia da juventude dela, sua aparência e de sua linda filhinha, LuAnn não poderia garantir.

Recostou no banco e deixou o pensamento vagar, a fim de examinar sua vida de acordo com a resposta que desse à proposta. Embora declinar da oferta parecesse ter certas consequências, todas intimamente ligadas à pessoa de Duane, a aceitação parecia trazer seus próprios problemas. Se realmente viesse a ganhar a loteria e passasse a ser proprietária de uma riqueza incalculável, o homem disse que podia fazer qualquer coisa que quisesse. Qualquer coisa! Ir a qualquer parte. Fazer qualquer coisa. Meu Deus! Só de pensar numa liberdade assim sem limites, de quem estava separada por um simples telefonema e quatro dias de distância, fazia ter ímpetos de sair correndo a gritar pelo corredor estreito do ônibus. Pusera de lado a ideia de que tudo não passava de uma fraude ou de algum esquema fantástico. Jackson não pedira dinheiro, coisa que ela não tinha para lhe dar. Também não dera indicações de que desejasse favores sexuais, embora os termos completos do contrato ainda não tivessem sido revelados.

Fosse como fosse, Jackson não lhe parecera estar interessado nela sexualmente. Não tentara tocá-la nem comentara suas feições, pelo menos não diretamente, e parecera ser, sob todos os aspectos, profissional e sincero. Podia ser maluco, mas se fosse certamente fizera um trabalho admirável de fingir sanidade na sua frente. Além do mais, custara-lhe dinheiro alugar aquele espaço, contratar a recepcionista e assim por diante. Se Jackson fosse maluco de carteirinha, com toda a certeza tinha momentos de normalidade. Ela sacudiu a cabeça. E acertara todos os números do sorteio diário, antes mesmo das malditas máquinas cuspirem as bolas. Isto ela não podia negar. Assim, se ele estava falando a verdade, a única coisa que verdadeiramente pegava na sua proposta era o fato de ela cheirar fortemente a ilegalidade, fraude e outras coisas ruins de que não fazia questão de se lembrar. O que era um enorme problema. E se fosse em frente e depois, de um modo ou de outro, a apanhassem e toda a verdade

aparecesse? Podia ir para a prisão, talvez para o resto da vida. O que aconteceria a Lisa? De repente se sentiu desesperada. Como a maioria das pessoas, muitas vezes sonhara com o pote de ouro. Uma visão que a sustentara em muitas ocasiões de desespero, quando a autocomiseração ameaçava apossar-se dela. Em seus sonhos, contudo, o pote de ouro não era vinculado a uma bola de ferro e correntes.

— Que droga! — disse, baixinho. Uma clara escolha entre o céu e o inferno? E quais seriam as condições de Jackson? Tinha certeza de que o homem ia cobrar um preço muito alto por transformá-la de pobrezinha em princesinha.

Assim, se aceitasse e ganhasse mesmo, o que iria fazer? O potencial de tamanha liberdade era fácil de ver, saborear, ouvir, sentir. Já sua implementação era algo inteiramente diferente. Viajar pelo mundo? Nunca saíra de Rikersville, que era mais conhecida pela feira anual e matadouros fedorentos. Podia contar nos dedos de uma das mãos as vezes em que andara de elevador. Nunca tivera uma casa ou um carro; na verdade, nunca tivera nada. Nenhuma conta bancária jamais portara o seu nome.

Sabia ler, escrever e falar de modo aceitável, mas era óbvio que não serviria para integrar uma lista de pessoas de proeminência social na comunidade. Jackson dissera que poderia fazer qualquer coisa. Mas poderia mesmo? Seria possível mesmo pegar um sapo num brejo e depositá-lo em um castelo na França e acreditar que fosse dar certo? Mas não precisava fazer nada disso, mudar sua vida tão radicalmente, tornar-se algo e alguém que decididamente não era. LuAnn teve um arrepio.

Só que a questão era justamente esta. Afastou o cabelo comprido do rosto e fez um carinho na testa da filha. Respirou fundo, enchendo os pulmões com o doce ar da primavera que entrava pela janela aberta do ônibus. A verdade é que desejava desesperadamente ser outra pessoa, qualquer uma, diferente da que era agora. A maior parte de sua vida sentira, acreditara e tivera esperança de que um dia faria algo a esse respeito. A cada ano que se passava, contudo, a esperança perdia mais e mais a substância, e passava a ser um sonho que um dia finalmente iria abandoná-la e, quando estivesse enrugada, velha, com a vida rapidamente se esvaindo, uma vida sem nada que a tivesse destacado, nem mais se lembraria de que chegara a sonhar esse sonho. A cada dia seu futuro sombrio se tornava mais e mais nítido, como um aparelho de televisão em que finalmente se tivesse instalado uma antena.

Agora as coisas haviam mudado abruptamente. LuAnn fixou os olhos no número do telefone enquanto o ônibus seguia pela rua cheia de buracos, carregando a ela e a Lisa para a rua de terra que a levaria até o trailer onde Duane aguardava a volta delas, certamente de mau humor. Ia querer dinheiro

para a cerveja. Mas ela ficou contente ao se lembrar de que tinha duas notas extras de um dólar no bolso. O Sr. Jackson com certeza lhe assegurara algum benefício. Poder colocar Duane fora do seu caminho já era um bom começo para poder pensar. Aquela era uma noite de preços promocionais no Squat e Gobble, o ponto favorito dele. com duas pratas poderia beber até cair duro. Ela olhou pela janela para o mundo que acordava do inverno. A primavera estava chegando. Um novo começo. Seria um novo começo para ela também? Ocorreria às dez horas da manhã ou antes, dentro de dois dias. Ela e Lisa ficaram se encarando por um longo momento e depois mãe e filha trocaram sorrisos ternos. LuAnn apoiou a cabeça delicadamente no peitinho de Lisa, sem saber se ria ou chorava, e, na verdade, querendo muito fazer as duas coisas.

5

A PORTA DE TELA QUEBRADA rangeu e LuAnn passou carregando Lisa. O trailer estava escuro, frio e silencioso. Podia ser que Duane ainda dormisse. Mesmo assim, enquanto seguia pelo estreito corredor, manteve os olhos e ouvidos bem abertos, atentos a qualquer movimento ou som. Não sentia medo de Duane, a menos que ele conseguisse uma nítida vantagem sobre ela. Em uma luta limpa, ela podia mais do que se defender. Acabara com ele em mais de uma ocasião, em que estava particularmente embriagado.

Duane normalmente não tentava nada violento em excesso quando sóbrio, o que seria o caso agora, ou pelo menos quase, como costumava acontecer. Era um estranho relacionamento, aquele, para se ter com uma pessoa que podia ser classificada como importante para ela. Podia, no entanto, citar dez outras mulheres que conhecia e que tinham arranjos semelhantes, fundados mais em motivos econômicos, opções limitadas e, em essência, inércia, do que em qualquer coisa parecida com emoções ternas. Ela tivera outras ofertas, mas dificilmente a grama era mais verde no vizinho, isto LuAnn sabia por experiência própria. Ela apertou o passo quando ouviu os roncos e meteu a cabeça no pequeno quarto de dormir. Conteve a respiração quando viu os dois vultos deitados sob as cobertas. A cabeça de Duane era visível do lado direito. A outra pessoa estava completamente coberta pelo lençol; as duas elevações gêmeas na região peitoral, no entanto, sugeriam que não se tratava de um dos colegas de bebedeira de Duane curtindo o porre.

LuAnn seguiu silenciosamente pelo corredor, colocou Lisa, com uma carinha ansiosa, dentro do bebê-conforto, no banheiro, e fechou a porta. LuAnn não queria que a menina se perturbasse com o que estava para acontecer. Quando abriu de novo a porta do quarto, Duane ainda roncava sonoramente; o corpo a seu lado, no entanto, tinha se movido e a cabeleira ruiva era claramente visível agora. Foi preciso apenas um segundo para LuAnn agarrar a juba densa e puxá-la com toda a sua imensa força, içando a infeliz proprietária dos cachos compridos e atirando-a, nua em pelo, de encontro à parede mais distante.

— Merda! — berrou a mulher quando aterrissou em cima da bunda e foi imediatamente arrastada por cima do carpete todo esburacado por uma feroz LuAnn. — Que droga, LuAnn, largue!

LuAnn voltou-se para ela por uma fração de segundo.

— Shirley, você vem fazer biscate de rameira por aqui de novo, e eu juro por Deus que quebro seu pescoço.

— Duane! Ajude-me, pelo amor de Deus! Ela está louca! lamentou-se Shirley, puxando e metendo as unhas no próprio cabelo, num esforço inútil para fazer LuAnn largar.

Shirley era baixa e tinha uns dez quilos de excesso de peso. Suas pernas roucas e cheias e os seios balouçantes iam sacudindo para a frente e para trás, um contra o outro, enquanto as duas mulheres prosseguiam na direção da porta do quarto.

Duane remexeu-se quando LuAnn passou por ele.

— O que está acontecendo? — perguntou, sonolento.

— Cale a boca — retrucou LuAnn.

Quando seus olhos entraram em foco e conseguiu se dar conta da situação, Duane esticou o braço e pegou um maço de Marlboro na gaveta. Sorriu para Shirley quando acendeu o cigarro.

— Indo para casa tão cedo, Shirl? — ele afastou o cabelo do rosto ao tragar, satisfeito, o cigarro.

Mesmo virada para trás, como estava, Shirley o fulminou com um olhar, as bochechas gordas cor de vinho.

— Você é um merda.

Duane soprou um beijo imaginário.

— Amo você, Shirley. Obrigado pela visita. Você me proporcionou uma manhã e tanto — ele deu uma gargalhada e bateu com a palma da mão na coxa ao se recostar no travesseiro. LuAnn e Shirley desapareceram porta afora.

Depois de depositar Shirley perto de um bloco de motor Ford enferrujado na frente do trailer, LuAnn voltou para casa. Shirley levantou e deu um grito agudo.

— Você me arrancou metade do cabelo, sua puta — LuAnn continuou andando, sem olhar para trás. — Quero minhas roupas. Quero a porra das minhas roupas, LuAnn!

LuAnn virou-se.

— Você não precisou delas quando estava lá dentro, de modo que não vejo razão para que precise agora.

— Não posso ir assim para casa.

— Então não vá para casa — LuAnn subiu os degraus de blocos de concreto, entrou e bateu a porta do trailer.

Duane a esperava no corredor, cuecas samba-canção, um Marlboro apagado pendurado no canto da boca.

— Faz bem a um homem ter duas gatas no cio brigando por causa dele. Faz o meu sangue ferver, LuAnn. Que tal subir e tomar lugar no meu prato? Vamos, *baby*, me dê um beijo.

Ele sorriu e tentou passar um braço pelo pescoço comprido de LuAnn. Na

próxima vez em que respirou, sua respiração foi torturada, na medida em que o punho direito dela o acertou em cheio na boca, afrouxando uns dois dentes. Formais doloroso que o golpe tenha sido, não chegou nem perto da joelhada com que ela o acertou entre as pernas. Duane caiu pesadamente no chão.

LuAnn adiantou-se, pairando em cima dele.

— Se enfiar de novo isso aí onde não deve, Duane Harvey, que Deus me ajude, eu corto fora e jogo no vaso.

— Mulher maluca — ele meio gemeu, meio cuspiu as duas palavras, segurando a genitália; o sangue escorria de seus lábios.

Ela abaixou-se e agarrou as bochechas dele com dedos de ferro. — Não, você é quem é o maluco, se pensa por um segundo que eu vou tolerar essa merda.

— Nós não somos casados.

— É verdade, mas vivemos juntos. Temos uma filha. E este lugar aqui é tanto meu quanto seu.

— A Shirl não quer dizer nada para mim. Por que é que você liga? — ele continuou a encará-la fixamente, pequenas lágrimas surgindo no canto dos olhos, enquanto ela continuava a apertar suas partes.

— Porque aquele pedaço de toucinho vai sair por aí requebrando até o IGA, o salão de beleza e o maldito Squat & Gobble, a contar a todo mundo que queira ouvir e eu vou ficar com cara de idiota, da maior idiota deste mundo.

— Você não devia ter me deixado hoje de manhã — ele se esforçou para levantar-se. — Está vendo só? A culpa foi toda sua. Ela apareceu querendo falar com você. O que é que eu devia fazer?

— Não sei, Duane, que tal dar a ela uma caneca de café, em vez do seu pinto?

— Não me sinto bem, baby. Realmente não me sinto. Ela o empurrou ao passar por ele, para ver Lisa.

— A melhor notícia que tive o dia inteiro.

Um minuto mais tarde passava por ele de novo em sentido contrário e entrava no quarto, onde começou a tirar as cobertas da cama.

Duane, do portal, ficou olhando para ela, emburrado.

— Pode jogar tudo fora. Não ligo a mínima, foi você que comprou.

Ela não olhou para ele ao responder.

— Vou levar tudo para lavar na Wanda. Se você vai ficar dormindo com essas cadelas por aí, não vou deixar que me custe nada.

Ao levantar o colchão, uma mancha verde chamou a atenção de LuAnn. Empurrou o colchão para fora do estrado e olhou para Duane.

— Que diabo é isto aqui? — indagou.

Duane olhou friamente para ela. Entrou devagar no quarto, recolheu pilhas de dinheiro e enfiou tudo num saco de papel que estava em cima da mesa de cabeceira. Não tirou os olhos de LuAnn enquanto enchia o saco de papel com as notas.

— Digamos apenas que ganhei na loteria — disse ele, arrogante. Ela ficou nitidamente sem graça ao ouvir suas palavras — foi como se tivesse levado uma bofetada na cara. Por um momento achou que ia desmaiar. Será que Duane estava por trás de tudo aquilo? Ele e Jackson estariam juntos? Não poderia imaginar um par que combinasse menos. Não, não era possível. LuAnn recuperou-se rapidamente e cruzou os braços.

— Papo furado. Onde foi que arranjou este dinheiro, Duane?

— Basta dizer que esse dinheiro é uma excelente razão para que você seja boazinha comigo e mantenha sua boca calada.

Empurrando-o furiosamente para fora do quarto, ela trancou a porta. Vestiu uma calça jeans, tênis e um moletom e arrumou rapidamente uma bolsa com coisas para passar uma noite fora. Quando destrancou a porta e saiu, Duane não se mexera e o saco de papel ainda estava em sua mão. Ela passou rapidamente por ele, abriu a porta do banheiro e pegou Lisa — que se sacudia toda — com um dos braços. com a roupa de cama suja e a bolsa com as roupas na outra mão, dirigiu-se para a porta da frente.

— Aonde vai, LuAnn?

— Não é da porra da sua conta.

— Quanto tempo você vai ficar zangada? Eu não fiquei com raiva porque você me chutou os ovos, fiquei? Na verdade até já esqueci.

Ela se virou por um segundo.

— Duane, você deve ser a pessoa mais burra sobre a face da terra.

— É mesmo? Bem, quem é que você pensa que é? Ora, se não fosse eu, você e Lisa não teriam um maldito lugar onde ficar. Ou eu a punha para dentro de casa ou você não tinha nada — ele acendeu outro cigarro, mas, precavido, ficou fora do alcance do punho dela. Esmagou o fósforo no carpete rasgado. — Assim, em vez de ficar torrando o saco o tempo todo, você devia tentar ser boazinha comigo — Duane levantou o saco de papel entupido de dinheiro. Tem muito mais de onde veio este, garota. Não vou viver neste buraco de merda muito tempo mais. É melhor você pensar bem. É melhor pensar muito bem. Não vou tolerar mais insultos da sua parte nem de mais ninguém. Está me ouvindo?

Ela abriu a porta da frente.

— Duane, vou começar a ser boazinha com você neste exato momento. Sabe como?Vou embora antes de matá-lo! — Lisa começou a chorar ao ouvir o tom de briga da mãe, pensando, na certa, que era com ela. LuAnn a beijou e

conseguiu acalmá-la.

Duane ficou olhando LuAnn marchar através do terreno enlameado, admirando seu traseiro macio sob a calça jeans apertada. Por um momento olhou em torno, à procura de Shirley, mas tudo indicava que ela já fugira, nua e tudo.

— Eu amo você, *baby* — gritou ele para LuAnn, sorrindo.

— Vá para o inferno, Duane.

6

O SHOPPING ESTAVA MUITO MAIS CHEIO do que durante a visita dela no dia anterior. LuAnn sentiu-se feliz com a existência daquela gente toda, ao mesmo tempo em que mantinha uma distância apreciável do escritório que visitara antes, embora na verdade tivesse dado uma espiada em sua direção ao passar por lá. Através dos vidros da porta, tudo parecia escuro do lado de dentro. Supôs que, se tentasse a maçaneta, veria que estava trancada. Não imaginava que Jackson tivesse permanecido ali por muito tempo depois que saíra, e presumia que fora a única "cliente" dele.

Não fora trabalhar, dizendo-se doente, e passara uma noite sem dormir na casa de uma amiga, alternando entre contemplar a lua cheia e a boquinha de Lisa, que ia produzindo aleatoriamente sorrisos, caretas e todo tipo de expressões intermediárias enquanto dormia um sono profundo. Por fim decidira não decidir sobre a proposta de Jackson enquanto não tivesse mais informações. Chegara a uma conclusão: não iria à polícia. Não podia provar nada, e quem acreditaria nela? Não havia qualquer vantagem potencial para um gesto desses e pelo menos cinquenta milhões de razões contra. Apesar de toda a sua forte noção de certo e errado, não conseguia escapar de uma tentação: uma fortuna súbita e inacreditável talvez estivesse bem diante dela. Sentia-se culpada por não tomar uma decisão que fosse mais nítida, preto ou branco. Só que o último episódio com Duane reforçara a certeza de que Lisa não podia crescer em tal ambiente. Alguma coisa tinha de ser feita.

O escritório do shopping ficava no fim de um corredor do lado sul do prédio. LuAnn abriu a porta e entrou.

— LuAnn?

Ela olhou para a origem desta exclamação. Atrás do balcão, o rapaz estava elegantemente vestido com uma camisa de manga curta, gravata e calça preta. Na sua animação, ele fez estalar repetidamente uma caneta na mão direita. LuAnn encarou, mas não o reconheceu.

O rapaz quase pulou por cima do balcão.

— Eu não esperava que você me reconhecesse. Johnny Jarvis. Agora é John — ele estendeu a mão profissionalmente mas depois, sorrindo, deu-lhe um forte abraço e levou pelo menos um minuto brincando com Lisa. LuAnn pegou uma mantinha na bolsa, ajeitou a filha em cima e deu para ela um brinquedo de pelúcia.

— Não posso acreditar que seja você, Johnny. Não o vejo desde... a sexta

série?

— Você estava na sétima e eu na nona.

— Você está bem. Muito bem mesmo. Há quanto tempo trabalha aqui?

Jarvis sorriu orgulhosamente.

— Depois do segundo grau entrei para a faculdade pública e consegui, após um curso de dois anos, me graduar em ciências. Estou trabalhando aqui já há dois anos.

Comecei como digitador mas agora fui promovido a uma espécie de assistente de gerente de operações.

— Parabéns. Isso é maravilhoso, Johnny — quer dizer, John.

— Nada disso, você pode me chamar de Johnny. Não posso acreditar que tenha acabado de entrar por aquela porta. Quando a vi, pensei que fosse cair duro e morrer.

Nunca pensei em vê-la de novo. Achei que tivesse ido para Nova York ou coisa assim.

— Nada, ainda por aqui — apressou-se em dizer LuAnn.

— Estou meio surpreso de nunca a ter visto no shopping antes.

— Não venho sempre. É um pouco longe do local onde estou morando agora.

— Sente-se e conte o que tem feito. Não sabia que tinha filho. Não sabia nem mesmo que tinha se casado.

— Não sou casada.

— Oh — o rosto de Jarvis ficou ligeiramente vermelho. — Bem, vai querer café ou alguma outra coisa? Acabo de fazer uma jarra nova.

— Estou com um pouco de pressa, Johnny.

— Oh, bem, o que posso fazer por você então? — ele de repente pareceu surpreso. — Não está procurando emprego, está?

Ela lhe dirigiu um olhar penetrante.

— E se eu estivesse? Alguma coisa de errado com isso?

— Não, quer dizer, claro que não. Só quis dizer, você sabe, que nunca pensei em vê-la por aqui, trabalhando no shopping, só isso ele sorriu.

— Um emprego é um emprego, não é? Você trabalha aqui. E já que o assunto é esse, o que exatamente eu devia estar fazendo com a minha vida?

O sorriso de Jarvis se desvaneceu rapidamente e ele esfregou, nervoso, as mãos nas pernas das calças.

— Não quis me intrometer, LuAnn. Sempre pensei em você vivendo em algum castelo, vestindo roupas bonitas e dirigindo carros de luxo. Desculpe.

A raiva de LuAnn se desfez quando ela se lembrou da proposta de Jackson. Castelos podiam estar a seu alcance.

— Está bem, Johnny, esta foi uma longa semana, entende o que quero dizer? Não estou procurando emprego. O que quero é uma informação sobre um dos seus locatários aqui.

Jarvis olhou por cima do ombro para a área de trás do escritório, onde o barulho de telefones e teclados de computador sendo digitados podia ser ouvido misturado às curtas rajadas de conversação, e depois se virou para ela.

— Informação?

— Sim. Eu estive aqui ontem de manhã. Tinha uma entrevista.

— com quem?

— É isto que eu quero que você me diga. É aquela sala à direita de quem entra, perto do ponto do ônibus. Não tem cartaz nem nada, mas é ao lado da loja de sorvete.

Jarvis ficou intrigado por um segundo.

— Pensei que aquele espaço ainda estivesse vago. Temos muitos nessas condições. Este shopping não se situa exatamente no meio de uma área em franca expansão.

— Pois bem, não estava vago ontem.

Jarvis dirigiu-se ao computador que ficava em cima do balcão e começou a acionar botões.

— Para que era a entrevista?

A resposta de LuAnn foi imediata.

— Oh, era um emprego de vendedora, sabe? Oferecer produtos de porta em porta.

— É, temos tido locações por temporada. Mais como uma sala de entrevistas do que como qualquer outra coisa. Se dispomos do espaço, o que geralmente acontece, alugamos, às vezes apenas por um dia. Especialmente quando se trata de um escritório pronto.

Ele chamou uma tela no computador e a estudou. Como o barulho das vozes vindas da sala dos fundos persistiu, ele foi até lá e fechou a porta. Depois voltou-se, a expressão um tanto apreensiva, para LuAnn.

— O que é mesmo que você queria saber?

Ela notou sua preocupação e deu uma espiada na direção da porta que ele acabara de fechar.

— Isso vai lhe trazer problemas, Johnny? Ele fez um gesto que traduzia indiferença.

— Claro que não. Lembre-se de que sou o subgerente daqui disse, dando-se ares de importância.

— Bem, então me diga o que puder. Quem são as pessoas. De que negócio se trata. Um endereço em outro lugar. Coisas desse gênero.

Jarvis pareceu confuso.

— Bem, eles não lhe disseram isto durante a entrevista?

— Alguma coisa, sim — respondeu ela, devagar. — Mas só quero me assegurar de que tudo é legítimo, sabe como é. Antes de aceitar ou não. Tenho de comprar umas roupas melhores e talvez também um carro. Não quero fazer isso se não se tratar de algo cem por cento honesto.

— Bem, você está sendo esperta agindo assim. Quer dizer, o fato de alugarmos o espaço para essas pessoas não quer dizer que estejam jogando limpo com você — ele fez uma pausa e acrescentou, ansioso. — Não pediram dinheiro a você, não é?

— Não, para dizer a verdade o dinheiro que falaram que eu poderia ganhar era inacreditável.

— Provavelmente bom demais para ser verdade.

— É o que receio — ela observou os dedos dele voarem sobre o teclado do computador. — Onde foi que aprendeu a fazer isso? perguntou, com admiração.

— O quê? Isto? Foi quando estava na faculdade. Eles têm programas lá para ensinar você a fazer de tudo. Computadores são um troço muito legal.

— Eu não me incomodava nem um pouco de voltar à escola um dia.

— Você sempre foi muito inteligente na escola, LuAnn. Aposto como você pegaria tudo rapidamente. Ela lhe dirigiu um olhar bonito.

— Um dia, talvez. Agora, o que é que você pode me dizer? Jarvis estudou a tela de novo.

— O nome da firma é Associates, Inc. Pelo menos foi isso que puseram no documento da locação. Alugaram por uma semana, a começar de ontem. Pagamento à vista. Não deram outro endereço. Quando o pagamento é à vista, nós realmente não nos importamos.

— Não há ninguém lá agora.

Jarvis balançou a cabeça distraidamente enquanto fazia rolar a tela.

— Um cara chamado Jackson assinou o contrato de locação — disse.

— Mais ou menos da minha altura, cabelo preto, meio gordo?

— Exato. Lembro-me dele agora. Parecia muito profissional. Aconteceu alguma coisa de diferente em sua entrevista?

— Depende do que você chama de diferente. Mas ele se mostrou muito profissional comigo também. Alguma coisa mais que você possa me dizer?

Jarvis esmiuçou a tela mais uma vez, na esperança de encontrar uma migalha qualquer de informação com a qual pudesse seduzir LuAnn. Finalmente, com um forte desapontamento estampado nas feições, ele olhou para ela e suspirou.

— Não, acho que não.

LuAnn levantou Lisa e dirigiu o olhar para uma pilha de blocos de

estenografia e um copo cheio de canetas em cima do balcão.

— Posso pegar um desses blocos e uma caneta, Johnny? Eu podia lhe pagar alguma coisa por eles.

— Você está brincando? Pelo amor de Deus, pegue tudo o que quiser.

— Um de cada é tudo de que eu preciso. Obrigada — ela pôs o bloco e a caneta na bolsa.

— Não é problema algum, temos toneladas desses troços.

— Bem, eu lhe agradeço pelo que me disse. Sinceramente. E foi muito legal ver você de novo, Johnny.

— Puxa, ganhei o dia vendo você entrar por esta porta de repente — ele deu uma espiada no relógio. — Meu intervalo de almoço é daqui a cerca de dez minutos. Tem um restaurante chinês muito bom na praça de alimentação. Você tem tempo? Eu convido. Podíamos conversar mais um pouco, pôr os assuntos em dia.

— Outro dia talvez. Como já falei, hoje estou meio apressada. LuAnn percebeu o desapontamento de Jarvis e sentiu-se meio culpada. Abaixou Lisa e lhe deu um forte abraço. Sorriu quando o ouviu respirar com o nariz no seu cabelo recém-lavado. Quando apertou as mãos nas costas dela e o calor e a suavidade do seu peito foram transferidos para ele, Jarvis reanimou-se prontamente.

— Você se saiu realmente bem, Johnny — disse LuAnn, quando recuou. — Eu sempre soube que você ia se dar bem — as coisas podiam ser diferentes, pensou, se tivesse encontrado Johnny algum tempo antes.

Jarvis estava andando sobre uma fina camada de nuvens muito brancas.

— É mesmo? Pois olhe, fico meio surpreendido de saber que você pensou em mim.

— Aí está, é que sou uma pessoa cheia de surpresas. Cuide-se, Johnny, talvez eu o veja por aí — ela pegou Lisa, que estava esfregando o bichinho de brinquedo no rosto da mãe e balbuciando alegremente coisas ininteligíveis, e dirigiu-se para a porta.

— Ei, LuAnn.

Ela se virou.

— Vai aceitar aquele emprego?

Ela pensou na pergunta por um instante.

— Não sei ainda. Mas acho que você provavelmente saberá se eu aceitar.

A próxima parada de LuAnn foi na biblioteca pública, um lugar que frequentara nos tempos de escola, mas que fazia anos que não visitava. A bibliotecária se mostrou muito agradável e a elogiou pela filha. Lisa abraçou a mãe com força enquanto olhava todos os livros.

— *Da. Da, uuh.*

— Ela gosta de livros — disse LuAnn. — Leio para ela todos os dias.

— Ela tem os seus olhos — disse a mulher, dividida entre mãe e filha. LuAnn estendeu a mão e fez um carinho na bochecha de Lisa.

O sorriso da bibliotecária desvaneceu-se quando percebeu que LuAnn não tinha aliança. LuAnn percebeu seu olhar.

— Melhor coisa que já fiz na vida. Não tenho muito, mas esta menina nunca vai sofrer por amor.

A mulher sorriu desanimadamente e balançou a cabeça.

— Minha filha é mãe solteira. Faço o que posso para ajudar, mas é muito difícil. Parece que o dinheiro nunca chega.

— Eu é que sei — LuAnn pescou uma mamadeira e um recipiente com água na sacola das fraldas, misturou os ingredientes que conseguira com uma amiga e ajudou Lisa a segurar o frasco. — Se eu algum dia terminar uma semana com mais dinheiro do que quando comecei, não vou saber o que fazer de mim.

A bibliotecária balançou a cabeça melancolicamente.

— Sei que dizem que o dinheiro é a raiz de todo o mal, mas muitas vezes penso em como seria bom se não fosse preciso me preocupar com as contas. Nem consigo imaginar como seria. Você consegue?

— Consigo sim. Imagino que deva ser uma sensação danada de boa.

A outra mulher riu.

— Agora me diga, como posso ajudá-la?

— Você guarda cópias dos diferentes jornais naquele negócio dos filmes, certo?

Ela fez que sim.

— São cópias em microfilme. É naquela sala — ela apontou para uma porta na outra ponta do salão.

LuAnn hesitou.

— Sabe usar a máquina de microfilme? Se não sabe, posso mostrar. Não é muito difícil.

— Seria muita delicadeza de sua parte. Muito obrigada.

As duas entraram na tal sala, que estava vazia e às escuras. A bibliotecária acendeu a luz do teto, sentou LuAnn em um dos terminais e pegou um rolo de microfilme de um dos arquivos. Foi preciso apenas um minuto para que inserisse o carretei e as informações na tela iluminada aparecessem. Ela acionou os controles e as linhas do texto surgiram. LuAnn observou cuidadosamente quando ela tirou o carretei e desligou a máquina.

— Agora é a sua vez — disse ela.

LuAnn inseriu o carretei com perícia e manipulou os controles, fazendo o

filme avançar.

— Muito bom. Você aprende muito depressa. A maioria das pessoas não pega a manha disso de imediato.

— Sempre tive habilidade manual.

— Os arquivos são marcados com muita clareza. Temos o jornal da cidade, é claro, e alguns dos de circulação nacional. As datas das publicações são impressas do lado de fora das gavetas dos arquivos.

— Muito obrigada.

Assim que a bibliotecária se retirou, LuAnn carregou Lisa, que ainda estava mamando ruidosamente, e começou a examinar as fileiras de arquivos. Deixou a menina no chão e viu, achando graça, como a garotinha rolava até um armário, largava a mamadeira e tentava ficar de pé. LuAnn localizou um importante jornal em um dos armários e seguiu adiante verificando as caixas onde ficavam os carreteis, até que encontrou os correspondentes aos últimos seis meses. Gastou um minuto para trocar Lisa e fazê-la arrotar e depois inseriu o primeiro carretei na máquina. com Lisa no colo apontando excitadamente e balbuciando coisas ininteligíveis para as imagens que apareciam na tela, LuAnn examinou a primeira página. Prontamente localizou a história e a manchete de cinco centímetros. "Vencedor da Loteria Embolsa Quarenta e Cinco Milhões de Dólares." Rapidamente, LuAnn leu a história. Vindo de fora, o barulho da chuva forte assaltou seus ouvidos. A primavera provocava muita chuva naquela região, geralmente na forma de tempestades com raios e trovões. Como se respondesse seus pensamentos, um trovão estrondou e o prédio todo pareceu tremer LuAnn deu uma olhada ansiosa em Lisa, mas a garotinha nem tomava conhecimento do barulho. LuAnn pegou uma mantinha na bolsa, esticou-a no chão junto com alguns brinquedos e colocou Lisa ali. Em seguida sua atenção retornou ao cabeçalho. Pegou na bolsa o bloco e a caneta que trouxera da sala de Johnny e começou a tomar notas. Quando terminou, passou para o mês seguinte. O sorteio da loto nacional era no dia quinze de cada mês. Tinha de verificar as datas de dezesseis até vinte. Duas horas mais tarde havia completado o estudo dos últimos seis vencedores. Soltou o último carretei e o colocou no arquivo. Recostou-se e deu uma espiada em suas anotações. O coração batia forte e a vontade que tinha era de tomar um café. A chuva começara a cair com força. Carregando Lisa, voltou à biblioteca, pegou uns livros infantis, mostrou a ela algumas figuras e leu um pouco. Em menos de vinte minutos Lisa tinha caído no sono. LuAnn a colocou no bebê-conforto, que pôs em cima da mesa a seu lado.

O salão de leitura era silencioso e aquecido. Quando sentiu que também ela começava a cochilar, passou um braço protetor em torno de Lisa e segurou a perninha da menina delicadamente. Algum tempo depois acordou sobressaltada,

com uma mão tocando seu ombro. Levantou a cabeça e deu com os olhos na bibliotecária.

— Desculpe acordá-la, mas estamos fechando.

LuAnn olhou em torno, desorientada.

— Meu Deus, que horas são?

— Pouco depois das seis, querida.

LuAnn rapidamente arrumou suas coisas.

— Desculpe por ter dormido desse jeito.

— Não me incomodou nem um pouco. Só senti pena de ter de acordá-la. Você parecia tão tranquila aqui com sua filha e tudo mais.

— Mais uma vez muito obrigada pela ajuda.

LuAnn inclinou a cabeça ao ouvir o barulho da chuva batendo no telhado.

A bibliotecária olhou para ela.

— Gostaria de poder lhe oferecer uma carona, mas eu ando de ônibus.

— Tudo bem. O ônibus e eu somos bons amigos.

LuAnn ajeitou o casaco sobre Lisa e saiu. Correu até o ponto e esperou até que, meia hora depois, o ônibus apareceu e parou com o guincho dos freios e o suspiro fundo da porta acionada a ar comprimido. Faltavam-lhe dez centavos para completar a passagem, mas o motorista, um negro corpulento que ela conhecia de vista, mandou que subisse depois que completou o que faltava com dinheiro do próprio bolso.

— Todos nós precisamos de ajuda de vez em quando — disse ele.

LuAnn agradeceu com um sorriso. Vinte minutos mais tarde, ela entrava na Parada de Caminhões Número Um, muitas horas antes de iniciar seu turno.

— Ei, garota, o que está fazendo aqui tão cedo? — perguntou Beth, colega de trabalho de LuAnn, uma mulher de cinquenta anos e muito corpulenta que esfregava um pano úmido no balcão de formica.

Um motorista de caminhão, homem com seus cento e cinquenta quilos de peso, avaliou LuAnn por cima da caneca de café e, mesmo encharcada como estava de sua excursão na chuva, ficou devidamente impressionado. Como acontecia sempre com todo mundo, motoristas ou não.

— Ela chegou cedo para não deixar de ver o velho Frankie aqui — disse ele, com um sorriso que ameaçou engolir sua cara larga. Sabia que eu estava no primeiro turno e não pôde suportar a ideia de não me ver mais.

— Você tem razão, Frankie, LuAnn ficaria com o coração partido se não visse sua cara peluda e enorme com regularidade — retrucou Beth, tendo entre os dentes um canudinho de mexer bebida.

— Oi, Frankie, como vai? — cumprimentou LuAnn.

— Vou bem, obrigado — respondeu ele, o sorriso ainda cimentado na cara

gorda.

— Beth, pode dar uma olhada em Lisa um minuto enquanto visto o uniforme? — perguntou LuAnn, enquanto secava o rosto e os braços com uma toalha. Examinou Lisa e deleitou-se ao descobrir que estava seca e com fome. — Vou preparar uma mamadeira de mingau de aveia para ela num minuto. Depois estará pronta para dormir a noite toda, muito embora tenha cochilado bastante não muito tempo atrás.

— Claro que posso pegar essa criança linda nos meus braços. Venha, querida —Beth pegou Lisa, acomodou-a em seu colo e Lisa começou a fazer todos os tipos de barulhos e a querer pegar a caneta presa atrás da orelha de Beth. — Sinceramente, LuAnn, você não vai ter de começar a trabalhar senão em mais algumas horas. O que está havendo?

— Fiquei encharcada e o uniforme é a única roupa limpa que tenho para vestir. Além do mais, fiquei chateada por ter faltado ontem. Ei, sobrou alguma coisa do almoço? Não me lembro de ter comido nada hoje.

Beth dirigiu um olhar de desaprovação a LuAnn e plantou uma das mãos na cadeira.

— Se você cuidasse de si mesma a metade do que cuida desta menina... Meu Deus, criança, são quase oito horas.

— Não se zangue, Beth, eu só me esqueci, mais nada.

— Muito bem — resmungou Beth —, Duane bebeu o seu dinheiro de novo, não foi?

— Você devia largar aquele filho da mãe, LuAnn — grunhiu Frankie. — Mas deixe eu primeiro dar um pontapé no rabo dele. Você merece coisa melhor do que aquele crápula.

Beth ergueu uma das sobrancelhas, sinal de que concordava plenamente com Frankie.

LuAnn fez uma careta que incluía ambos.

— Muito obrigada a vocês dois por tentarem decidir minha vida. Agora me dão licença?



Algum tempo depois, LuAnn sentava-se em um reservado mais distante, terminando um prato de comida que Beth arranjara para ela. Quando terminou, empurrou o prato e tomou um gole do café fresco. A chuva começara a cair de novo e o barulho dos pingos no telhado de zinco do restaurante era

tranquilizador. Puxou o suéter leve que lhe protegia os ombros e checou o relógio que ficava atrás do balcão. Tinha ainda duas horas antes de entrar de serviço. Normalmente, quando chegava cedo, tentava faturar umas horas extras, mas o gerente não permitia mais. Prejudicava o balanço, explicara a LuAnn. Bem, você não quer saber como é que fica o meu balanço, retrucara ela na mesma hora, mas fora inútil. De qualquer maneira, o que importava era que ele deixava que trouxesse Lisa. Sem isso, não poderia trabalhar. E lhe pagava em dinheiro vivo. Sabia que deste modo estava fugindo do pagamento dos impostos referentes a folha de pagamentos, mas ganhava muito pouco para querer que o governo tomasse algum. Nunca preenchera um formulário de imposto de renda. Vivera toda sua vida bem abaixo da linha da pobreza e imaginava, corretamente, que não devia imposto algum.

Lisa estava no bebê-conforto, a seu lado. LuAnn ajeitou melhor a manta em torno da menina adormecida. LuAnn dera partes de seu jantar a ela; a garota começava a aceitar comida sólida muito bem, mas não tinha acabado com as cenouras amassadas antes de cair no sono de novo. LuAnn preocupava-se com a possibilidade de a filha não estar tendo a espécie correta de sono. E se perguntava se o fato de enfiá-la todas as noites debaixo do balcão de um restaurante barulhento e enfumaçado não ia prejudicar a cabeça dela daqui a alguns anos. Como, por exemplo, reduzir sua autoestima e provocar outros danos sobre os quais LuAnn lera em revistas ou vira na televisão. Essa ideia assustadora já lhe causara mais horas de insônia do que era capaz se lembrar. E não era tudo. Quando Lisa passasse a comer definitivamente comida sólida, haveria sempre o bastante? Não tinha um carro, estava continuamente raspando centavos para pagar o ônibus, andando, ou correndo na chuva. E se Lisa pegasse alguma coisa? E se LuAnn ficasse doente? E se tivesse de ficar de cama por algum tempo? Quem tomaria conta de Lisa? Não tinha seguro. Levava Lisa para o posto de saúde do município para as vacinas e exames de rotina, mas ela mesma não ia a um médico havia mais de dez anos. Era jovem, forte e saudável, mas isso podia mudar rapidamente. Nunca se sabe. Quase riu quando pensou em Duane tentando dar conta dos detalhes intermináveis das exigências diárias de Lisa. O sujeito ia fugir para o mato gritando em poucos minutos. Só que, na verdade, não se tratava de uma coisa engraçada.

Enquanto olhava para a boquinha de Lisa abrindo e fechando, LuAnn de repente sentiu o coração tão pesado quanto as carretas paradas no estacionamento do restaurante.

A filha dependia dela para tudo e a verdade era que LuAnn nada tinha. A cada dia de sua vida o abismo se aproximava mais e mais. A queda era inevitável. Tratava-se apenas de uma questão de tempo. Relembrou as palavras

de Jackson. Um ciclo. Sua mãe. Depois LuAnn. Duane parecia com Benny Tyler, o pai, sob vários aspectos. A seguir vinha Lisa, sua queridinha por quem seria capaz de matar ou morrer, o que fosse preciso para protegê-la. Aquele era um país de oportunidades, era o que todos não se cansavam de dizer. Era preciso apenas descobri-las, abrir a porta do lugar onde se escondiam. Só que haviam se esquecido de dar as chaves para gente da espécie de LuAnn. Ou talvez não tivessem se esquecido coisa nenhuma. Podia ser que fosse intencional. Pelo menos era como costumava ver as coisas quando se sentia um pouco mais deprimida do que o normal, como agora.

Sacudiu a cabeça e esfregou as mãos. Esse tipo de pensamento não a ajudaria em nada agora. Pegou a bolsa e guardou o bloco. O que descobrira na biblioteca a intrigara bastante.

Seis ganhadores da loteria. Começara com os ganhadores do outono e seguira até o momento presente. Escrevera os nomes e as histórias deles. Os artigos tinham uma foto de cada vencedor; seus sorrisos pareciam tentar ser mais largos que a página do jornal. Em ordem reversa, eram: Judy Davis, vinte e sete anos, mãe sustentada pelo Seguro Social, com três filhos pequenos; Herman Rudy, cinquenta e oito anos, antigo motorista de caminhão, em tratamento de saúde, às voltas com uma quantidade imensa de contas médicas por conta de um acidente de trabalho; Wanda Tripp, sessenta e seis, viúva, vivendo por conta dos quatrocentos dólares por mês pagos pelo Seguro Social; Randy Stith, trinta e um anos, viúvo recente, com um filho pequeno, que perdera pouco tempo atrás o emprego numa linha de montagem; Bobbie Jo Reynolds, trinta e três, garçonete em Nova York, que depois de ganhar o prêmio, segundo o artigo, desistira do sonho de ser estrela na Broadway para ir pintar no sul da França.

Finalmente Raymond Powell, quarenta e quatro anos, falido recentemente e que tinha se mudado para um alojamento de sem-teto.

LuAnn recostou-se. E LuAnn Tyler, vinte anos de idade, mãe solteira, paupérrima, sem estudo, sem perspectiva, sem futuro. Ajustava-se àquele grupo de desesperados perfeitamente.

Havia pesquisado apenas o período de seis meses. Quantos mais haveriam? Material adequado para grandes histórias, tinha de admitir. Pessoas em situação dificílima que ganhavam o grande prêmio. Gente idosa com fortuna recém-encontrada. Jovens com um futuro subitamente brilhante. com todos os sonhos se concretizando. O rosto de Jackson apareceu em seus pensamentos. Alguém tem de ganhar. Por que não você, LuAnn? Seu tom de voz calmo e frio a atraía. Na verdade, essas duas frases reverberavam sem parar na sua cabeça. Era como se estivesse começando a deslizar de cima de uma represa imaginária. O que a esperava lá embaixo, nas águas profundas, não sabia ao certo. O desconhecido

tanto a assustava quanto a atraía, e muito. Não conseguia se livrar da imagem da filhinha crescendo e se transformando em uma mulher presa em um trailer, sem ter para onde fugir, enquanto os jovens lobos circulavam a seu redor.

— O que está fazendo, queridinha?

LuAnn estremeceu e, ao virar-se, deu de cara com Beth. com grande perícia, ela equilibrava pratos cheios de comida em ambas as mãos.

— Nada, só contando a minha fortuna — respondeu LuAnn. Beth sorriu e olhou para o bloco, que LuAnn rapidamente fechou.

— Bem, não se esqueça jamais dos pobres quando ficar rica, Srta. LuAnn Tyler — Beth deu uma risada e seguiu em frente para entregar os pedidos dos seus clientes.

LuAnn sorriu, meio sem graça.

— Não vou me esquecer, Beth, juro — disse, baixinho.

7

OITO HORAS DA MANHÃ DO DIA. LuAnn saltou do ônibus com Lisa. Não era seu ponto habitual, mas era próximo o bastante do trailer para que pudesse fazer o percurso em mais ou menos meia hora, o que não era nada para ela. A chuva passara e deixara o céu azul brilhante e a terra verde exuberante. Pequenos bandos de passarinhos cantavam as maravilhas da nova estação e saudavam o fim de outro tedioso inverno. Para toda a parte que LuAnn se voltasse sob o sol nascido pouco antes, havia algo crescendo. Ela gostava daquela hora do dia. Era calma, reconfortante, e ela tendia a se sentir esperançosa.

LuAnn olhou adiante para o campo suavemente ondulado e seu jeito passou a ser ao mesmo tempo sombrio e cheio de expectativa. Caminhando devagar, atravessou o portal em arco e o cartaz patinado que proclamava que acabara de entrar no Cemitério Campinas Celestiais. Seus pés compridos e magros a carregaram automaticamente para a Seção 14, lote 21, Sepultura 6; ocupava um espaço em uma pequena elevação arredondada à sombra de uma árvore que dentro de muito pouco tempo estaria exibindo suas características únicas. Deixou o bebê-conforto de Lisa sobre o banco de pedra perto do túmulo da mãe e levantou a menina no colo. Ajoelhando-se na grama úmida de orvalho afastou alguns galhos e sujeiras da placa de bronze. A mãe dela, Joy, não tinha vivido tanto assim: trinta e sete anos. O que parecera ao mesmo tempo uma eternidade e um período breve para Joy Tyler, isso LuAnn sabia. Os anos com Benny não foram agradáveis e LuAnn tinha plena convicção de que aceleraram a partida da mãe do mundo dos vivos.

— Lembra? É aqui que sua avó está, Lisa. Passamos um bocado de tempo sem vir porque o tempo estava muito ruim. Mas agora, com a primavera, chegou a hora de visitar a vovó de novo — LuAnn levantou a menina e apontou para o terreno rebaixado. — É bem ali. Ela está dormindo agora, mas, sempre que a gente vem, ela meio que acorda.

Ela não pode na verdade falar conosco, mas, se você fechar os olhos como um filhote de passarinho e fizer força para escutar, mas força mesmo de verdade, é possível ouvi-la. Você assim saberá o que ela pensa sobre as coisas.

Depois de dizer isso, LuAnn levantou e sentou-se no banco com Lisa no colo, encolhidinha para se defender do frio da manhã. Lisa ainda estava sonolenta; em geral, precisava de algum tempo para acordar, mas, uma vez que acordava, não parava de se mexer ou falar horas a fio. O cemitério estava deserto a não ser por um homem que LuAnn podia ver à distância, cortando grama

montado num tratorzinho. O barulho do motor não chegava aos ouvidos de LuAnn e havia poucos carros na estrada. Era um silêncio cheio de paz e ela fechou os olhos como um filhote de passarinho e se esforçou o mais que pôde para ouvir.



No restaurante, tomara a decisão de ligar para Jackson logo que largasse o trabalho. Ele dissera que podia ligar a qualquer hora e LuAnn imaginava que atenderia ao primeiro toque, independente do horário. Dizer que sim lhe parecera a coisa mais fácil do mundo para fazer. E a mais esperta. Chegara sua vez. Depois de vinte anos cheios de dor, desapontamento e um desespero profundo que parecia ter uma elasticidade interminável, os deuses haviam sorrido para ela. Entre bilhões de nomes, o seu fora contemplado com uma oportunidade única. Nunca mais aconteceria de novo, disto estava mais do que certa. Tinha certeza também de que as pessoas a respeito de quem lera nos jornais haviam feito uma ligação telefônica semelhante. Não lera nada a respeito de qualquer um deles ter se metido em encrenca. Esse tipo de notícia, por sinal, teria se espalhado, ainda mais em uma região tão pobre quanto a que vivia, onde todo mundo jogava na loteria, num esforço frenético para se livrar da amarga desesperança de ser um joão-ninguém. Em algum ponto entre sair do restaurante e entrar no ônibus, contudo, sentira algo bem no fundo instando com ela para, em vez de pegar o telefone, aconselhar-se com outra pessoa. Ela ia ao cemitério com frequência para desabafar, levar flores que colhia ou arrumar a morada final da mãe. No passado, muitas vezes imaginara que realmente se comunicara com ela. Nunca ouvira vozes. Era mais uma questão de emoções, de sentidos. Às vezes se deixava empolgar por intensa euforia ou então por profunda tristeza e acabava por acreditar que era porque a mãe queria se comunicar com ela e deixar que a opinião sobre coisas relacionadas à filha invadisse o corpo e a mente de LuAnn. Sabia que os médicos provavelmente a classificariam como maluca, mas não era por isto que ia deixar de sentir o que sentia.

Naquele instante esperava por algo que lhe falasse, que lhe dissesse o que fazer. A mãe a criara direito. LuAnn nunca dissera uma mentira até começar a viver com Duane. Então as invenções pareciam simplesmente acontecer, como se fizessem parte inextricável da simples sobrevivência. Mas nunca roubara nada em toda a sua vida, nunca fizera realmente nada de errado, pelo menos que soubesse. Conservara a dignidade e o autorrespeito todos aqueles anos, o que

fazia com que se sentisse bem.

Ajudava-a a levantar-se e enfrentar a labuta de mais um dia, mesmo que esse dia contivesse poucas esperanças de que o futuro seria diferente, melhor.

Mas agora nada estava acontecendo. O cortador de grama se aproximava, barulhento, e o trânsito ficara muito mais pesado. Abriu os olhos e suspirou. Não estava dando certo. Tudo indicava que a mãe não estaria disponível logo hoje, entre tantos dias. Levantou-se e se preparava para ir embora quando uma sensação a invadiu. Nada como as que experimentara antes. Seus olhos foram automaticamente atraídos para outro setor do cemitério, a cerca de quinhentos metros de distância. Alguma coisa a atraía para lá, e não tinha dúvida do que era. Olhos arregalados, pernas se movendo por conta própria, LuAnn percorreu a estreita e sinuosa trilha asfaltada. Alguma coisa fez com que segurasse Lisa firmemente de encontro a seu colo; sentia que, se não o fizesse, a garotinha seria sugada pela força invisível que atraía LuAnn para seu epicentro. À medida que ia se aproximando do ponto, o sol pareceu se esconder e o céu ficou terrivelmente escuro. O barulho do cortador de grama desapareceu, e o movimento de carros cessou. O único ruído era do vento soprando sobre a grama e em torno dos marcos que homenageavam os mortos. com o cabelo esvoaçando para trás, LuAnn finalmente parou e olhou para baixo. A placa de bronze era similar em estilo à da mãe, e o último nome era idêntico: Benjamin Herbert Tyler. Não vinha ali desde que o pai morrera. Apertara com toda a força a mão da mãe durante o funeral, nenhuma das duas se sentindo nem um pouco triste e ainda assim tendo de exibir as emoções adequadas para os muitos amigos e a família do falecido. Na estranha maneira como as coisas deste mundo às vezes ocorrem, Benny Tyler fora popularíssimo, por ter sido generoso e cordial com todo mundo, a não ser com a própria família. Ao ver o nome dele gravado por inteiro no metal, LuAnn conteve a respiração. Era como se as letras estivessem pintadas na porta de um escritório e dentro em breve fosse entrar para ver o homem pessoalmente. Começou a recuar, a fugir dos fortes socos que pareciam acertá-la mais fundo a cada passo que dava na direção dos restos mortais dele. Então a sensação intensa que não experimentara ao lado do túmulo da mãe subitamente se apossou dela. Logo ali. Quase pôde ver os fios esbranquiçados, como gaze, volteando em cima da sepultura como uma teia de aranha apanhada pelo vento. LuAnn se virou e saiu correndo. Mesmo segurando Lisa, disparou com tanta velocidade que teria deixado muito atleta olímpico com inveja. Sem errar um passo e levando Lisa grudada no peito, meteu a mão no bebê-conforto e passou em desabalada carreira pelos portões do cemitério. Não fechara os olhos como o filhote de um passarinho. Sequer se esforçara para ouvir com mais atenção. E, no entanto, o discurso de Benny Tyler se alçara de uma profundeza

imperscrutável, e abrira caminho ferozmente até os delicados canais auditivos de sua única filha.

Pegue o dinheiro, menina. Papai diz para você pegar o dinheiro e que se danem os outros e tudo o mais. Use o pouquinho de inteligência que tem. Quando o corpo acaba você não fica com nada. Nada! Quando foi que menti para você, boneca? Pegue esse dinheiro, sua burra! Papai ama você. Faça isso pelo papai. Você sabe que quer pegar, vamos, pegue logo.

O homem no tratorzinho de cortar grama parou para vê-la correndo sob o céu de azul puríssimo, que implorava para ser fotografado. O trânsito aumentou de forma considerável.Todos os sons da vida, desaparecidos tão inexplicavelmente para LuAnn durante aqueles momentos, haviam reaparecido.

O homem olhou para a sepultura da qual LuAnn saíra fugida. Algumas pessoas simplesmente ficavam assustadas com fantasmas em túmulos, mesmo em plena luz do sol.

Ele retomou o trabalho de cortar grama.

LuAnn já não estava mais à vista.

O vento perseguiu as duas, LuAnn e Lisa, ao longo da comprida estrada de terra. O suor ensopou o rosto de LuAnn à medida que o sol a banhava nos intervalos da folhagem; suas pernas longas devoravam o chão com uma passada que era ao mesmo tempo mecânica na precisão e maravilhosamente animal na elegância. Antigamente ela conseguia ser mais rápida que praticamente todo mundo no município, inclusive a maior parte da equipe de futebol americano da universidade. Dom divino, uma velocidade ao nível de competição mundial, foi o que lhe disse a professora de ginástica da sétima série. O que exatamente deveria fazer com esse dom divino ninguém lhe disse. Para uma garota de treze anos com corpo de mulher queria dizer apenas que, se não conseguisse bater no garoto que estivesse tentando apalpá-la, pelo menos poderia correr mais do que ele.

Sentiu os pulmões arderem. Por um minuto ficou na dúvida se não morreria de um ataque do coração, como acontecera com o pai. Talvez houvesse algum defeito físico escondido lá no fundo do organismo dos descendentes do homem, apenas esperando pela oportunidade em que conseguiria abater outro Tyler das fileiras dos vivos. Reduziu a marcha. Lisa agora berrava e LuAnn finalmente parou de correr e abraçou com força a garotinha, sussurrando palavras tranquilizadoras na orelhinha cor-de-rosa da menina, ao mesmo tempo em que fazia, devagar, círculos amplos na sombra densa da vegetação, até que os gritos finalmente cessaram.

LuAnn andou o resto do caminho até a casa. As palavras de Benny Tyler tinham feito com que se decidisse. Uma vez no trailer, colocaria tudo que

pudesse numa mala e depois mandaria alguém pegar o resto. Ficaria com Beth por algum tempo. Ela já oferecera antes. Tinha uma casa velha caindo aos pedaços, mas com uma porção de quartos, e depois da morte do marido sua única companhia era um par de gatos que a própria Beth jurava serem mais malucos que ela. LuAnn levaria Lisa consigo para a sala de aula, se fosse preciso, mas ia conseguir o diploma de segundo grau num curso supletivo e depois talvez fazer um curso na faculdade pública. Se Johnny Jarvis havia conseguido, ela também conseguiria. E o Sr. Jackson podia encontrar alguém para tomar "alegremente" o seu lugar. Todas essas respostas aos dilemas de sua vida tinham caído tão ruidosa e rapidamente em cima dela que mal conseguiu impedir que a cabeça explodisse de tanto alívio. A mãe havia lhe falado, de uma maneira talvez atravessada, mas a mágica funcionara.

— Nunca se esqueça dos mortos queridos, Lisa — murmurou para a garotinha. — Nunca se sabe se a gente vai precisar deles.

LuAnn diminuiu o passo quando se aproximou do trailer. Duane rolara em dinheiro na véspera. Gostaria de saber quanto ele ainda tinha. Ele era muito rápido para pagar rodadas no Squat & Gobble quando tinha uma grana no bolso. Só Deus podia saber o que teria feito com o rolo de notas que guardara debaixo da cama. Ela não queria saber onde arranjara aquilo. Imaginava que fosse apenas mais uma razão para dar o fora dali correndo.

Quando fez a curva, um bando de melros levantou voo das árvores próximas e a assustou. LuAnn olhou para eles por um instante, furiosa, e continuou andando. Quando o trailer entrou em seu campo visual, parou abruptamente. Havia um carro estacionado na frente. Um conversível, grande e largo, preto reluzente e com pneus de banda branca. No capo, um imenso ornamento cromado que de longe parecia vagamente com uma mulher engajada em algum ato sexual indecoroso. O carro de Duane era uma picape Ford caindo aos pedaços recolhida ao estacionamento de carros apreendidos pela polícia desde a última vez em que LuAnn a vira. Nenhum dos amigos de Duane tinha algo de parecido com aquele carro maluco. O que diabos estaria acontecendo? Duane teria enlouquecido de vez e comprado aquela lancha? Aproximou-se furtivamente do carro e o examinou, sempre de olho no trailer. Os bancos eram forrados de couro branco debruados em cor de vinho. O interior era imaculado, o relógio do painel polido o bastante para machucar o olho quando o sol incidisse diretamente nele. Não havia nada em cima dos bancos, da frente ou de trás, para identificar o dono. As chaves estavam penduradas na ignição, uma miniatura de lata da cerveja Budweiser presa na argola. Um telefone descansava em um dispositivo construído especialmente para isso e fixado na saliência entre o banco da frente e o painel. Talvez aquela coisa fosse mesmo de Duane. Só que

ele teria gasto todo o dinheiro que escondera debaixo do colchão e arranjado mais algum para comprar aquele verdadeiro navio.

Subiu depressa a escada e parou para ver se escutava alguma coisa, sem coragem de ir mais longe. Não ouvindo nada, decidiu finalmente se arriscar. Tinha chutado o traseiro dele na última vez, podia chutar de novo.

— Duane? — ela bateu a porta ruidosamente. — Duane, o que diabo você andou fazendo? Essa coisa aí fora é sua? — ainda não houve resposta. LuAnn ajeitou Lisa, a essa altura bastante agitada, no bebê-conforto e prosseguiu através do trailer. — Duane, você está aqui? Vamos, responda, por favor. Não tenho tempo a perder com brincadeiras.

Entrou no quarto de dormir, mas ele não estava. Os olhos dela se fixaram no relógio na parede. Bastou um instante para metê-lo na sacola. Não ia deixar aquilo com Duane. Saiu do quarto e tomou o corredor, passando por Lisa ao fazê-lo. Parou para acalmar a menina e deixou a sacola junto ao bebê-conforto.

Até que por fim viu Duane, deitado no sofá rasgado. A televisão estava ligada mas nenhum som saía do velho aparelho. Um balde de papelão manchado de gordura, cheio de asas de frango podia ser visto na mesinha de centro, ao lado do que LuAnn imaginou que fosse uma lata de cerveja vazia. Um resto de batatas fritas e um frasco derrubado de catchup estavam ao lado do balde de asas de frango. Se aquilo era o desjejum ou o que restara do jantar da véspera, não dava para garantir.

— Ei, Duane, não me ouviu?

Ele virou a cabeça muito, mas muito devagar, em sua direção. LuAnn fechou a cara. Ainda estava bêbado.

— Duane, você não vai crescer nunca? — ela se adiantou. Temos de conversar. Você não vai gostar, mas é uma pena porque...

Não conseguiu prosseguir quando a mão enorme lhe tapou a boca, não permitindo que gritasse. Um braço grosso a envolveu pela cintura, prendendo ambos os braços dela ao lado do corpo. Quando seus olhos apavorados vasculharam a sala, ela notou pela primeira vez que a frente da camisa de Duane era uma massa escarlate. Enquanto olhava aterrorizada, ele caiu do sofá com um grunhido e não se mexeu de novo.

A mão enorme agarrou-lhe o pescoço e empurrou o queixo com tanta força que ela pensou que o pescoço fosse quebrar com a pressão. Respirou fundo quando viu a outra mão segurando a faca descer sobre seu pescoço.

— Sinto muito, moça, hora errada, local errado — LuAnn não reconheceu a voz. O hálito era uma mistura de cerveja barata e asas de galinha fortemente temperadas.

O fedor de encontro ao seu rosto era tão agressivo quanto a mão na sua boca.

Só que ele cometera um erro. com uma das mãos no queixo de LuAnn e a outra segurando a faca, deixara seus braços livres. Podia ter pensado que ia ficar paralisada de medo — o que estava longe de acontecer. O pé dela acertou em cheio o joelho do bandido ao mesmo tempo em que o cotovelo ossudo entrava fundo em sua barriga mole, batendo em cheio no diafragma.

Com a força do golpe, a mão dele tremeu de repente, e a faca cortou o queixo de LuAnn. Ela sentiu o gosto de sangue. O homem caiu no chão, cuspindo e tossindo ao mesmo tempo. A faca de caça caiu no carpete gasto. LuAnn lançou-se na direção da porta da frente, mas o atacante conseguiu esticar uma perna quando ela passou, fazendo-a estatelar-se no chão ao lado dele. A despeito de ainda estar dobrado em dois pela dor, ele agarrou o tornozelo de LuAnn com os dedos grossos e a puxou para trás, na sua direção. Finalmente conseguiu dar uma boa olhada nele, ao se virar de costas, chutando-o com toda a força: pele queimada de sol, sobrancelhas grossas que mais pareciam lagartas, cabelo preto suado e lábios grossos e rachados, que naquele exato momento se contraíam em uma careta de dor. Não deu para ver os olhos dele, semicerrados enquanto procurava defender-se. LuAnn registrou aquelas feições em um instante. O mais evidente era o fato de ele ter duas vezes o seu tamanho. Não tinha qualquer possibilidade de liberar a perna, que ele agarrava com muita força.

Na verdade, sabia que não tinha a menor chance contra aquele sujeito, considerando apenas a questão da força. No entanto, não ia deixar Lisa enfrentá-lo sozinha; não sem antes lutar muito mais do que já lutara até agora.

Mas, em vez de continuar resistindo, mudou de tática e atirou-se de encontro a ele, gritando o mais alto que pôde. O grito e o pulo repentino o assustaram. Desequilibrado, ele largou a perna dela. LuAnn pôde enfim ver seus olhos, castanho-escuros, da cor dos antigos *pennies*. Em mais um segundo eles foram novamente fechados com força quando espetou os dedos indicadores em ambos. Uivando de novo, o homem caiu de costas contra a parede, onde ricocheteou como uma bola elástica e se atirou às cegas sobre ela. Os dois voaram por cima do sofá. A mão de LuAnn, sacudindo vigorosamente, fechou-se em torno de um objeto durante a queda. Não podia ver exatamente de que se tratava, mas viu que era sólido e duro e só isto lhe interessou ao bater com ele com toda a força na cabeça dele uma fração de segundo antes de cair no chão, por pouco não atingindo o corpo de Duane para em seguida ir bater de cabeça na parede.

O telefone espatifou-se em muitos pedaços com o impacto no crânio duro do homem. Aparentando estar inconsciente, seu agressor jazia de cabeça virada para o chão.

O cabelo escuro agora era um emaranhado vermelho, com o sangue jorrando do ferimento na cabeça. LuAnn permaneceu deitada no chão por um instante e

sentou-se. O braço doía, no ponto onde batera na mesinha de centro, e depois ficou dormente. As nádegas também doíam, com o choque da queda. E a cabeça latejava no ponto onde se chocara contra a parede.

— Droga — exclamou, lutando para recuperar o equilíbrio. Tinha de dar o fora dali, disse a si mesma. Pegar Lisa e correr enquanto seus pulmões ou suas pernas aguentassem.

Por um instante sua visão saiu de foco e ela rolou os olhos para cima.

— Oh, meu Deus — resmungou, sentindo que ia desmaiar. Seus lábios se entreabriram e ela arriou no chão, inconsciente.

8

LUANN NÃO FAZIA IDEIA de quanto tempo estivera desmaiada. O sangue do ferimento no queixo ainda não formara crosta, de modo que não podia ser tanto tempo assim.

A blusa estava rasgada e manchada de sangue; um dos seios se soltara do sutiã. Devagar, ela se sentou e ajeitou-se com o braço bom. Esfregou o queixo e passou a mão no corte. Era irregular e doloroso. Levantou-se, também vagarosamente. A impressão que tinha era de que não conseguia voltar à calma e respirar com regularidade, com o terror e o trauma físico que ainda a castigavam, tanto interna quanto externamente.

Os dois homens jaziam lado a lado; o grandalhão ainda respirava, sem dúvida, as expansões e contrações do seu imenso ventre eram muito fáceis de ver. LuAnn não podia garantir quanto a Duane. Ficou de joelhos e procurou o pulso dele; se ainda tinha pulso, não conseguiu sentir. Seu rosto parecia acinzentado, mas era difícil ter certeza, no escuro. Ficou de pé num pulo e acendeu uma lâmpada, mas ainda assim a iluminação era fraca. Ajoelhou-se de novo ao lado dele e apalpou-lhe o peito com grande cuidado. Em seguida levantou a camisa dele, mas rapidamente a abaixou, nauseada com a visão de todo aquele sangue.

— Oh, meu Deus, Duane, o que você foi fazer? Duane, pode me ouvir? Duane! — mesmo sob a luz mortiça ela pôde ver que o sangue não fluía mais dos seus ferimentos: sinal de que o coração provavelmente parará de bater. Colocou a mão no braço dele; sentiu o calor normal, mas quando pegou nos dedos percebeu que começavam a ficar recurvados e a esfriar. Deu uma espiada nos restos do telefone. Não havia como chamar uma ambulância agora, mesmo que tudo indicasse que Duane não fosse precisar. Mas provavelmente chamaria a polícia. Para descobrir quem era o outro homem, por que cortara Duane e tentara matá-la.

Quando se levantou para ir embora, LuAnn reparou em um montinho de sacos que havia ficado escondido atrás do balde de papelão engordurado. Tinha caído da mesa com a briga. LuAnn abaixou-se e pegou um dos sacos. Era de plástico transparente. Dentro uma pequena quantidade de pó branco. Drogas.

Foi nesta hora que ouviu o gemido. Oh, meu Deus, onde estava Lisa? Mas houve outro ruído, LuAnn prendeu a respiração e olhou para baixo. A mão do sujeito grandão estava se movendo, ele ia pegá-la! Oh, meu Deus amado, ele ia pegá-la! LuAnn largou o saco plástico com a droga e correu para o corredor.

Usou o braço bom para pegar Lisa, que começou a gritar quando viu a mãe. LuAnn saiu como um raio pela porta da frente, empurrando-a com tanta força que ela bateu na lateral do trailer, passou correndo pelo conversível, parou e se viro. A enorme montanha de carne em que batera com o telefone não explodiu porta afora. Pelo menos por enquanto.

Seus olhos se desviaram ligeiramente para o carro; as chaves balançando na ignição cintilaram tentadoramente à luz do sol. Hesitou apenas por um instante; no momento seguinte ela e Lisa já estavam acomodadas no carro. LuAnn acelerou o motor e saiu da terra solta derrapando de traseira e pegou a estrada. Levou um minuto para controlar os nervos antes de virar na rodovia principal que ia dar na cidade.

Agora a súbita riqueza de Duane passara a fazer sentido, um bocado de sentido. Vender drogas era obviamente muito mais lucrativo do que depenar carros para viver.

Só que Duane parecia ter ficado muito ganancioso, guardando para si mais droga ou dinheiro do que devia. Que imbecil! Tinha de chamar a polícia. Mesmo que Duane estivesse vivo, o que duvidava, provavelmente só o estaria salvando para uma longa temporada na cadeia. Mas, se ele ainda estivesse vivo, não podia simplesmente deixá-lo morrer. Quanto ao outro sujeito, não ligava a mínima. Só gostaria de ter batido com mais força. Ao acelerar, deu uma olhada em Lisa. A garotinha estava sentada no seu bebê-conforto, o terror ainda claramente visível nos lábios e bochechas trêmulas. LuAnn ajeitou o braço machucado por cima da filha, mordendo os lábios por causa da dor que o simples movimento lhe causara. Tinha a impressão de que um carro passara por cima do seu pescoço. Nesse ponto, os olhos de LuAnn deram com o telefone celular. Saiu da estrada e pegou o aparelho.

Depois de ver rapidamente como ele funcionava, começou a discar 911. Mas abaixou lentamente o telefone. Olhou para seus dedos. Tremiam tanto que não devia conseguir fechar a mão. E também estavam cobertos de sangue, e provavelmente não apenas o seu. De repente lhe veio à cabeça que podia facilmente ser envolvida em tudo aquilo.

A despeito de ter começado a se mexer, o sujeito grande podia ter caído duro para trás, morto. Neste caso, o teria matado em legítima defesa, sabia disso, mas quem mais sabia? Um traficante de drogas. E estava dirigindo o carro dele.

Este pensamento a fez olhar em torno num movimento brusco, para ver se não haveria alguém olhando. Alguns carros vinham em sua direção. A capota! Tinha de levantar a capota. Pulou para o banco de trás, agarrou a estrutura rígida e puxou para cima — a grande capota branca desceu sobre elas como uma casca de caramujo se fechando.

Ela acionou os fechos de segurança, pulou de volta no banco da frente e prosseguiu.

Será que a polícia acreditaria que não sabia nada sobre Duane vender drogas? Ele dera um jeito para que ela não percebesse nada, mas quem aceitaria isso? A própria LuAnn não aceitava. A realidade a envolveu como um incêndio em uma casa de papel; não havia como fugir. Só que talvez houvesse. Ela quase gritou quando pensou nisso.

Por um instante o rosto da mãe apareceu em seus pensamentos. Foi com imensa dificuldade que o afastou.

— Desculpe, mamãe. Não tenho alternativa — LuAnn tinha de telefonar para Jackson.

Foi quando seu olhar veio a descansar no painel. E por alguns segundos não conseguiu sequer respirar. Era como se cada gota de sangue tivesse se evaporado do seu corpo no tempo em que os olhos ficaram presos no relógio reluzente.

O relógio marcava cinco minutos depois das dez horas.

Perdida. Para sempre, dissera Jackson, e ela não duvidava por um só instante de que falara sério. Parou no acostamento e arriou a cabeça sobre o volante no seu desespero.

O que aconteceria a Lisa enquanto estivesse na cadeia? O imbecil do Duane! Ferrara a vida dela enquanto vivo, e continuava a ferrar agora depois de morto.

Levantou devagar a cabeça e olhou para o outro lado, esfregando os olhos para enxergar direito: uma agência bancária, acaçapada, sólida, toda revestida de tijolos.

Se tivesse uma arma, pensaria seriamente em assaltá-la. Nem isso, contudo, podia considerar como alternativa válida: era domingo e tudo estava fechado. Mas, quando os olhos de LuAnn foram percorrendo ao acaso a frente do banco, seu coração começou a bater novamente depressa. A mudança do estado de espírito foi tão rápida como se tivesse sido induzida por drogas.

O relógio do banco mostrava quatro minutos antes das dez.

Banqueiros costumavam ser gente séria, confiável. Esperava em Deus que seus relógios também fossem confiáveis. Pegou o telefone, ao mesmo tempo em que pescava freneticamente no bolso o pedaço de papel onde estava escrito o número. Sua coordenação parecia tê-la abandonado por completo. Foi difícil forçar os dedos a teclar os números.

Teve a impressão de que se passou uma eternidade até que o telefone do outro lado começasse a tocar. Para sorte dos seus nervos, tocou apenas uma vez antes de ser atendido.

— Eu estava começando a pensar em você, LuAnn — disse Jackson.

Ela podia visualizá-lo consultando o relógio, provavelmente espantado ao

ver como conseguira telefonar ainda a tempo. Procurou controlar-se e respirar normalmente.

— Acho que perdi a noção do tempo — disse. — Aconteceu muita coisa.

— Seu ar descuidado é interessante, embora, para ser franco, eu me sinta um tanto surpreso.

— O quê?

— Você não está esquecendo de nada? LuAnn ficou intrigada.

— O quê? — o cérebro dela parecia prestes a sofrer um curto-circuito. Dores lhe assaltaram o corpo. Se aquilo tudo não passasse de uma brincadeira...

— Eu lhe fiz uma oferta, LuAnn. A fim de ter uma combinação legalmente válida, preciso de sua aceitação. Uma formalidade, talvez, mas na qual sou obrigado a insistir.

— Eu aceito.

— Maravilhoso. Posso lhe assegurar que jamais se arrependerá desta decisão.

LuAnn olhou nervosamente em torno. Duas pessoas caminhando do outro lado da estrada olhavam fixamente para o carro. Por isso engrenou e seguiu em frente.

— E agora? — perguntou a Jackson.

— Onde é que você está? — retrucou ele.

O tom de voz dela foi cauteloso.

— Por quê? — mas acrescentou rapidamente. — Estou em casa.

— Ótimo. Vá até a loja que venda bilhetes de loteria mais próxima. Compre um.

— Em que números eu jogo?

— Não faz diferença. Como sabe, você tem duas opções. Ou aceita um bilhete com os números fornecidos automaticamente pela máquina ou escolhe os números que quiser. Todos os números dos bilhetes vão alimentar o mesmo sistema do computador central com resultados constantemente atualizados e que não permite combinações em duplicata. Isso assegura a existência de apenas um vencedor. Se optar por uma combinação personalizada e sua primeira escolha já tiver sido jogada, simplesmente escolha outra.

— Mas eu não entendo. Pensei que você fosse me dizer em que números jogar. Os números vencedores.

— Não há necessidade de você compreender nada, LuAnn — a voz de Jackson subiu um tom. — Você deve se limitar a fazer o que lhe for dito. Depois que tiver em mãos o bilhete com a combinação de números em que jogou, ligue para mim e me diga quais são os números. Eu cuidarei do resto.

— Quando eu recebo o dinheiro?

— Haverá uma entrevista coletiva...

— Entrevista coletiva? — LuAnn quase bateu com o carro. Lutou com o braço bom para mantê-lo sob controle enquanto ajeitava o telefone sob o queixo.

A voz de Jackson soou nitidamente exasperada.

— Será que você nunca viu uma? O ganhador dá uma entrevista coletiva, normalmente em Nova York. É televisada para todo o país, para todo o mundo. Vão tirar uma foto sua segurando o cheque feito especialmente para a cerimônia e depois os repórteres farão perguntas sobre seu passado, sua filha, seus sonhos, o que você fará com o dinheiro. Um troço nauseante, mas a Comissão da Loteria insiste. É um fantástico evento de relações públicas para eles. Este é o motivo pelo qual as vendas dos bilhetes da loteria vêm dobrando a cada ano nos últimos cinco anos. Todo mundo adora um ganhador ou ganhadora que merece o grande prêmio, se não por nenhum outro motivo, porque as pessoas sempre acreditam que elas mesmas merecem.

— Eu *tenho* que fazer isso?

— Como?

— Não quero aparecer na televisão.

— Bem, receio que você não tenha escolha. Lembre-se de que você estará no mínimo cinquenta milhões de dólares mais rica, LuAnn. Por tanto dinheiro, espera-se que você seja capaz de dar uma entrevista coletiva. E, para ser sincero, não podia ser diferente.

— Quer dizer então que eu vou ter que ir?

— Com toda a certeza.

— Vou ter de usar meu nome verdadeiro?

— E por que você não ia querer usar?

— Tenho meus motivos, Sr. Jackson. Vou ter que usar?

— Sim! Há certo estatuto legal, LuAnn, o que não significa que eu esperasse que você tivesse ciência dele, que é conhecido como lei do "direito a saber". Simplificando, diz que o povo tem o direito de conhecer as identidades, as identidades verdadeiras, de todos os ganhadores da loteria.

LuAnn soltou o ar dos pulmões, cheia de desapontamento.

— OK, quando então recebo o dinheiro?

Jackson fez então — e nitidamente — uma pausa. Os pelos da nuca de LuAnn começaram a se eriçar.

— Olhe só, não tente vir com papo furado para cima de mim. O que me diz do maldito dinheiro?

— Não há motivo para ficar impaciente, LuAnn. Eu só estava ponderando sobre como explicar tudo a você nos termos mais simples possíveis. O dinheiro será transferido para uma conta de sua escolha.

— Mas eu não tenho conta. Nunca tive dinheiro bastante para abrir uma maldita conta.

— Acalme-se, LuAnn, eu cuido de tudo. Você não tem que se preocupar. A única coisa que tem a fazer é ganhar — a voz de Jackson esforçou-se para soar otimista. — Ir para Nova York com Lisa, segurar o cheque gigante, sorrir, acenar, dizer coisas bonitas e humildes e depois passar o resto da vida na praia.

— Como é que eu vou para Nova York?

— Boa pergunta; trata-se, contudo, de uma pergunta para a qual me preparei. Não há aeroporto perto de onde você mora, mas há uma estação rodoviária. Você tomará um ônibus para a estação ferroviária de Atlanta. Lá tem uma linha da Amtrak chamada Crescent. Gainesville é mais perto de você, mas lá não vendem bilhetes. É uma longa viagem, mais ou menos dezoito horas com inúmeras paradas; contudo, durante boa parte dela estará dormindo. Você vai para Nova York sem ter que trocar de trem. Eu podia pôr vocês em um avião, mas seria um pouco mais complicado. Você teria de apresentar identidade e, para ser sincero, não a quero em Nova York tão depressa assim. Tomarei todas as providências. Haverá um bilhete reservado à sua espera em cada estação. Você pode viajar logo depois do sorteio da loteria.

Os vultos de Duane e do homem que tanto se esforçara para matá-la, deitados de bruços, passaram pela cabeça de LuAnn.

— Não sei se vou querer ficar por aqui tanto tempo assim.

Jackson espantou-se.

— Por quê?

— O problema é meu — retrucou ela incisivamente, mas logo em seguida seu tom de voz abrandou. — É só que, se eu vou ganhar esse troço, não quero estar aqui quando as pessoas descobrirem, mais nada. Vai ser como um bando de lobos atacando uma ovelha, se entende o que quero dizer.

— Isto não acontecerá. Você não será publicamente identificada como vencedora enquanto não acontecer a entrevista coletiva em Nova York. Quando você chegar lá, haverá alguém à sua espera e essa pessoa a levará até a sede da loteria. Seu bilhete vencedor será confirmado e a entrevista coletiva se dará no dia seguinte. Antigamente levavam semanas para verificar o bilhete ganhador. com a tecnologia disponível hoje em dia, é questão de horas.

— E se eu for de carro até Atlanta e pegar o trem ainda hoje?

— Você tem um carro? Meu Deus, o que Duane dirá? — Jackson achou a ideia engraçada.

— Deixe que eu me preocupe com isso — retrucou LuAnn.

— Sabe, LuAnn, você podia agir de modo um pouco mais agradecido, a menos, é claro, que alguém costume transformá-la rotineiramente em milionária.

LuAnn engoliu em seco. Ela ia ser rica, claro. Trapaceando.

— Eu sou grata — disse, lentamente. — É que acabo de me decidir, e tudo vai mudar. Toda a minha vida. E a de Lisa também. Deixa a gente meio zureta.

— Bem, eu entendo isso. Mas tenha em mente que esta mudança é definitivamente de um tipo positivo. Não é como você ir para a prisão ou algo assim.

LuAnn lutou para conter o nó na garganta e mordeu o lábio inferior.

— Posso, por favor, tomar o trem hoje? Por favor?

— Espere um minuto por favor — LuAnn ouviu um estalo e a ligação foi interrompida. Ela olhou em frente. Viu um carro da polícia parado no acostamento, com um radar portátil apoiado na porta. Automaticamente LuAnn checou o velocímetro e, embora estivesse abaixo do limite, reduziu um pouco a velocidade. Não respirou de novo senão quando já tinha andado algumas centenas de metros. Novo clique, e Jackson retornou, o tom brusco de sua voz a alarmando.

— A linha Crescent da Amtrak chega a Atlanta às sete e quinze da noite e a Nova York à uma e meia da tarde. Atlanta fica a apenas umas duas horas de carro de onde você está — ele fez uma pausa. — Você vai precisar de dinheiro para a passagem, contudo, e presumo que há de precisar de fundos adicionais, talvez para pequenas despesas relacionadas à viagem.

Inconscientemente, LuAnn balançou a cabeça para o telefone.

— Sim — de repente sentiu-se muito suja, como uma prostituta suplicando um dinheirinho extra após uma hora de trabalho.

— Há uma agência da Western Union perto da estação ferroviária. Enviarei cinco mil dólares a essa agência em seu nome — LuAnn engoliu em seco à menção da quantia. — Lembra-se da minha oferta inicial de emprego? Chamemos isto de seu salário por um serviço bem-feito. Você só vai ter que mostrar uma identificação adequada.

— Não tenho.

— Basta a carteira de motorista ou o passaporte. É só do que precisam.

LuAnn quase riu.

— Passaporte? Você não precisa de um passaporte para ir do Piggly-Wiggly ao Wal-Mart, precisa? E também não tenho carteira de motorista.

— Mas você está planejando ir de carro a Atlanta — a voz espantada de Jackson fez com que ela achasse ainda mais graça. O homem se metia a orquestrar um esquema fraudulento de muitos milhões de dólares e não era capaz de compreender que LuAnn dirigisse sem licença.

— Você ficaria surpreso em saber quanta gente não tem licença para nada e mesmo assim faz tudo.

— Bem, você não pode receber o dinheiro sem uma identificação adequada.

— Você está em algum lugar aqui perto?

— LuAnn, eu só fui à gloriosa Rikersville a fim de atender à entrevista com você. Uma vez terminada a entrevista não tinha mais o que fazer lá.

Ele fez outra pausa, e LuAnn pôde sentir o desprazer na voz dele quando se dirigiu a ela novamente.

— Bem, então temos um problema.

— Quanto custaria a passagem de trem para Nova York?

— Cerca de mil e quinhentos.

Lembrando do súbito tesouro de Duane, LuAnn de repente teve uma ideia Abandonou a estrada, parou no acostamento, largou o telefone e fez uma rápida pesquisa no interior do carro. A bolsa de couro marrom que encontrou sob o banco da frente não a desapontou. Ali havia dinheiro suficiente para comprar o trem.

— Uma mulher com quem trabalho... o marido dela deixou muito dinheiro ao morrer. Posso pedir a ela. Um empréstimo. Sei que ela me emprestará — disse a Jackson. — Não vou precisar de identidade se levar dinheiro vivo, vou?

— O dinheiro é soberano, LuAnn. Tenho certeza de que a Amtrak acomodará você. Apenas não use seu nome verdadeiro, claro. Use algo simples, que não chame atenção. Agora vá comprar o bilhete de loteria e depois ligue imediatamente para mim. Sabe como chegar a Atlanta?

— É um lugar enorme, pelo menos foi o que ouvi dizer. Eu encontro.

— Use alguma coisa para cobrir seu rosto. A última coisa de que precisamos é que você seja reconhecida.

— Compreendo, Sr. Jackson.

— Você já está quase lá. Parabéns.

— Não me parece que haja muito o que celebrar.

— Não se preocupe, você tem o resto da vida para fazer isso.

LuAnn largou o telefone e olhou em torno. Os vidros das janelas eram escuros, de modo que não era o caso de pensar que alguém a tivesse visto, mas isso podia mudar. Tinha que se livrar do carro o mais depressa possível.

A única questão era onde. Não queria ser vista saindo do carro. Seria muito difícil deixar de reparar numa mulher alta, coberta de sangue, saindo com um bebê de um carro com vidros escuros e uma estatueta cromada no capo em atitudes indecorosas. Finalmente teve uma ideia. Um pouco perigosa, talvez, mas naquele instante não tinha alternativa. Fez uma curva completa na estrada e seguiu na direção oposta. Dentro de vinte minutos parava novamente na estrada de terra, cada vez mais atenta ao que tinha diante de si na medida em que se aproximava de seu destino. O trailer finalmente surgiu diante dela. Não viu

outros veículos, ou qualquer movimento.

Quando parou em frente ao trailer, sentiu-se gelada de medo, com a lembrança das mãos do homem em torno de sua garganta, e da lâmina da faca avançando para ela.

— Se você vir aquele homem saindo dessa casa — disse LuAnn em voz alta para si mesma —, vai passar com o carro por cima do rabo dele, vai fazer com que ele beije o bujão do depósito de óleo deste motor.

Ela baixou o vidro da janela do lado do passageiro para poder verificar se havia barulho dentro do trailer, mas não ouviu nada. Tirou uma fralda da bolsa de Lisa e limpou metodicamente todas as superfícies do carro em que havia tocado. Tinha visto alguns episódios da série Os criminosos mais procurados. Se não fosse perigoso demais, entraria no trailer e limparia o telefone. Mas havia morado ali quase dois anos. Suas impressões digitais estariam espalhadas, de qualquer maneira, por toda a casa. Saiu do carro, enfiando tanto dinheiro quanto pôde embaixo do forro da cadeirinha de Lisa. Ajeitou a camisa rasgada o melhor que pôde. Silenciosamente, fechou a porta do carro, e, segurando Lisa com o braço bom, voltou depressa pela estrada de terra.



Do interior do trailer, um par de olhos escuros observou a saída apressada de LuAnn, registrando cada detalhe. Quando ela subitamente olhou para trás, o homem recuou para as sombras do interior do trailer. LuAnn não o conhecia, mas ele não ia se arriscar. Sua jaqueta preta de couro tinha o zíper fechado pela metade, deixando visível a coronha de uma 9mm. Passou rapidamente por cima dos dois homens estirados no chão, cuidando para não pisar nas poças de sangue. Ele aparecera numa hora oportuna. Ficara com os restos de uma batalha que nem sequer tivera que travar. O que poderia ser melhor? Recolheu os pacotinhos de droga tanto de cima da mesa de centro quanto do chão e colocou em um saco plástico que tirou do bolso. Depois de pensar por um instante no que fizera, resolveu colocar de volta metade da droga no mesmo lugar em que apanhara. Não adiantava ser ganancioso, e, se a organização para a qual os dois rapazes trabalhavam descobrisse que a polícia não encontrara drogas no trailer, podia resolver tentar descobrir quem havia levado. Se apenas uma parte da mercadoria estivesse faltando, ia parecer que os policiais surrupiaram.

Ele contemplou a cena da luta e só então notou o pedaço de pano rasgado no chão; a satisfação que sentiu ao reconhecê-lo se estampou no seu rosto. Era da

blusa da mulher. Guardou no bolso. Ela agora ficava lhe devendo. Avaliou os restos do telefone, a posição do corpo de cada homem, a faca e as marcas na parede. Ela devia ter chegado bem no meio da briga dos dois homens, deduziu. O homem gordo pegou o homem pequeno e LuAnn, de algum modo, pegou o homem gordo. Sua admiração por ela aumentou ao notar o tamanho do homem.

Neste ponto o homem gordo começou a se mover muito vagarosamente. Sem esperar que ele se recuperasse mais, o outro homem se abaixou, usou um pano para a faca e a mergulhou repetidamente no corpo dele. O moribundo ficou momentaneamente rígido, os dedos cravados no carpete ralo, apegando-se aos últimos segundos de vida, relutando desesperadamente na viagem final. Após alguns momentos, contudo, seu corpo se sacudiu por um instante e depois relaxou devagar. Os dedos se distenderam e as palmas das mãos se achataram contra o chão. O rosto ficou virado para o lado; um olho baço, cheio de sangue, se fixou no assassino.

A seguir, desviou a atenção para Duane, esforçando-se na obscuridade para determinar se o tórax dele subia e descia. Para não correr risco, aplicou nele vários golpes com a faca, cuidadosamente dirigidos, a fim de se assegurar de que Duane Harvey se juntasse ao homem gordo no além-túmulo. Depois jogou a faca no chão.

Dentro de mais alguns segundos, ele tinha atravessado a porta da frente e contornado o trailer até um ponto de onde mergulhou no mato. Deixara o carro estacionado ao lado de uma picada que percorria o mato fechado. Era sinuosa e acidentada, mas o deixaria na estrada principal com tempo de sobra para realizar sua verdadeira tarefa: seguir LuAnn Tyler. Quando entrou no carro, o telefone estava tocando. Ele atendeu.

— Seus deveres terminaram — disse Jackson. — A caçada foi oficialmente considerada encerrada. O resto de seu pagamento será enviado pelos canais usuais. Agradeço seu trabalho e guardarei seu nome para uma futura contratação.

Anthony Romanello apertou com força o telefone. Refletiu se contava ou não a Jackson sobre os dois corpos no trailer e decidiu que não. Podia ser que tivesse tropeçado em algo realmente interessante.

— Vi a mocinha saindo daqui a pé. Não parece que tenha recursos para ir longe — disse Romanello.

Jackson deu uma risada.

— Dinheiro será a menor de suas preocupações — em seguida a linha ficou muda.

Romanello desligou o telefone e ponderou um momento sobre o assunto. Tecnicamente fora demitido. Seu trabalho terminara e ele podia simplesmente ir para casa e esperar pelo resto do dinheiro. Mas havia alguma coisa esquisita em

tudo aquilo. Na verdade, tudo acerca do seu trabalho era meio incomum. Primeiro recebera ordens para vir até essa roça a fim de matar uma garota caipira. E depois a contraordem. E ainda havia a referência de Jackson a dinheiro. Dinheiro era algo que sempre despertava a atenção de Romanello. Finalmente ele chegou a uma conclusão e engrenou o carro. Ia seguir LuAnn.

9

LUANN PAROU EM UM POSTO DE GASOLINA, entrou no banheiro e limpou-se da melhor forma que pôde. Lavou o ferimento no queixo, pegou um Band-Aid na sacola de fraldas de Lisa e cobriu o corte. Enquanto Lisa tomava uma mamadeira satisfeita da vida, comprou o bilhete de loteria, gaze e uma pomada na loja 7-Eleven. Como parte dos números que escolheu, usou os aniversários dela mesma e de Lisa.

— As pessoas têm vindo aqui aos montes — disse o empregado da loja, que era um amigo seu chamado Bobby.

— O que foi que aconteceu aí? — perguntou ele, apontando para o grande curativo no rosto de LuAnn.

— Caí e me cortei — disse ela rapidamente. — Então, a quantas anda o maior prêmio? — indagou LuAnn.

— Sessenta e cinco mil e continua subindo — os olhos de Bobby reluziram de expectativa. — Comprei uns doze bilhetes. Estou com um bom pressentimento a respeito deste sorteio, LuAnn. Ei, lembra-se daquele filme em que o policial dá à garçonete metade do que ganha na loteria? LuAnn, eu lhe digo uma coisa, querida, se eu ganhar esse troço, dou a metade para você, juro que dou.

— Agradeço muito, Bobby, mas o que é exatamente que tenho de fazer por esse dinheiro?

— Ora, casar comigo, é claro! — Bobby sorriu ao entregar o bilhete que ela havia comprado. — Então, que tal me dar metade do prêmio se você ganhar?

— Acho que vou preferir jogar sozinha desta vez. Além do mais, eu pensei que você estivesse noivo da Mary Anne Simmons.

— Eu estava, mas isto foi na semana passada — Bobby a avaliou da cabeça aos pés, com franca admiração. — Duane é burro pra caramba.

LuAnn enfiou o bilhete no fundo do bolso da calça jeans.

— Você o tem visto muito ultimamente? Bobby sacudiu a cabeça.

— Não, ele anda sumido ultimamente. Ouvi dizer que está gastando um bocado de tempo lá para os lados do município de Gwinnett. Tem um negócio lá ou coisa que o valha.

— Que tipo de negócio? Bobby deu de ombros.

— Não sei. Não quero saber. Tenho coisas melhores a fazer do meu tempo do que me preocupar com gente como ele.

— Duane pôs a mão em algum dinheiro que você tenha sabido?

— Agora que você falou nisso, ele andou exibindo uma grana por aí uma noite dessas. Pensei que talvez tivesse ganhado na loteria. Se ele ganhou, acho que vou me matar agora mesmo. Puxa vida, ela é a sua cara — Bobby fez um carinho na bochecha de Lisa.

— Se mudar de ideia a respeito de dividir o prêmio ou se casar comigo, me diga logo, lindeza. Eu largo às sete.

— Vejo você por aí, Bobby.

Em um telefone público próximo, LuAnn discou o número de novo e mais uma vez Jackson atendeu ao primeiro toque. Ela lhe deu os dez algarismos do seu bilhete e ouviu o barulho dele mexendo em papel do outro lado da linha antes de anotar.

— Leia mais uma vez, devagar — disse Jackson. — Como você deve compreender, não podemos cometer erros agora.

Ela leu os números de novo e ele os repetiu para confirmar.

— Ótimo — disse então. — Muito bom. Bem, agora a parte difícil está terminada. Entre no trem, dê a sua entrevista coletiva e desapareça ao pôr-do-sol.

— Estou indo agora mesmo para a estação ferroviária.

— Haverá alguém à sua espera na Penn Station para levá-la ao hotel.

— Pensei que eu estivesse indo para Nova York.

— Penn é o nome da estação de Nova York, LuAnn — retrucou Jackson, impaciente. — A pessoa que irá esperá-la tem uma descrição sua e de Lisa — ele fez uma pausa. — Suponho que você a esteja levando.

— Se ela não for, eu não vou.

— Não é isto que eu quis dizer, Lu Ann, claro que pode levá-la. Confio, no entanto, que você não tenha incluído Duane em seus planos de viagem.

LuAnn engoliu em seco ao pensar no sangue da camisa de Duane, em como ele caíra do sofá e não se mexera mais.

— Duane não vai — disse.

— Excelente — disse Jackson. — Faça boa viagem.

O ônibus deixou LuAnn e Lisa na estação ferroviária de Atlanta. Depois do último telefonema para Jackson, ela parará em um WalMart e comprara alguns itens essenciais para si mesma e Lisa, que eram uma bolsa a tiracolo e uma blusa que substituiu a rasgada. Um chapéu de caubói e os óculos escuros escondiam seu rosto. Fez uma limpeza completa e um curativo no ferimento provocado pela faca. Sentia-se muito melhor. Foi até o guichê para comprar a passagem para Nova York. E foi quando cometeu um grande erro.

— Nome, por favor — pediu a agente.

LuAnn estava às voltas com Lisa, irrequieta naquele instante e respondeu, automaticamente, "LuAnn Tyler". Conteve a respiração assim que percebeu o

que dissera.

Olhou para a funcionária, que digitava a informação no computador. LuAnn não podia mudar agora. Obviamente ia deixar a mulher desconfiada. Engoliu em seco e pediu a Deus que aquele erro não viesse a persegui-la depois. A mulher recomendou acomodações no carro leito Deluxe, já que LuAnn viajava com um bebê.

— Há uma cabine disponível, com chuveiro privativo e tudo disse a mulher. LuAnn concordou mais que depressa. Enquanto o bilhete estava sendo processado, a agente de vendas levantou uma sobrancelha ao ver LuAnn puxar algumas notas escondidas sob a criança para pagar, e meter o resto no bolso.

LuAnn observou o olhar da mulher, pensou rápido e sorriu para ela.

— Meu dinheiro para os dias de necessidade, os dias de chuva, como dizem algumas pessoas. De repente achei melhor gastar enquanto não chove, aproveitar os dias de sol. Ir até Nova York, dar uma espiada naquilo lá.

— Tudo bem, divirta-se. Mas tenha cuidado. Você não devia levar muito dinheiro vivo. Meu marido e eu cometemos este erro quando fomos lá, há vinte anos. Não tinham se passado cinco minutos após termos saído da estação quando fomos roubados. Tivemos de pedir a minha mãe que enviasse dinheiro para voltarmos.

— Obrigada, tomarei muito cuidado.

A mulher dirigiu o olhar para um ponto atrás de LuAnn.

— Onde está sua bagagem?

— Oh, eu gosto de viajar carregando o mínimo possível de coisas. Além do mais, temos família lá. Mas obrigada, novamente LuAnn virou-se e saiu caminhando em direção à área de embarque.

A mulher ficou olhando para LuAnn e, quando se virou, assustou-se com a pessoa que pareceu sair do nada e que agora estava diante do guichê. O homem de jaqueta de couro preta pôs ambas as mãos sobre o balcão.

— Uma passagem de ida para a cidade de Nova York, por favor — pediu Anthony Romanello polidamente, dirigindo depois um olhar disfarçado na direção de LuAnn. Ele tinha visto através da parede de vidro do 7-Eleven LuAnn comprar o bilhete de loteria. Depois a vira dar um telefonema do telefone público, embora tivesse preferido não se arriscar para ouvir a conversa. O fato de ela agora estar a caminho de Nova York excitou sua curiosidade ao máximo. De qualquer forma ele tinha muitas razões para querer abandonar a área o mais depressa possível. Muito embora sua missão houvesse sido cancelada, descobrir o que LuAnn queria e o que ia fazer em Nova York era apenas um incentivo a mais. Era mais conveniente ainda porque ele, casualmente, morava lá. Podia ser que ela estivesse simplesmente fugindo dos corpos no trailer. Ou podia ser mais.

Muito mais. Ele pegou a passagem e seguiu para a plataforma.

LuAnn conservou-se bem longe dos trilhos quando o trem entrou ruidosamente na estação um pouquinho antes da hora. Com a ajuda do chefe, ela encontrou sua cabine, a Deluxe Viewliner. Tinha uma cama-beliche, uma cadeira de braços, pia, toalete e chuveiro. Tendo em vista o adiantado da hora, e com permissão de LuAnn, o camareiro arrumou o compartimento, preparando-o para a passagem da noite. Depois que terminou, LuAnn fechou a porta, sentou-se na cadeira de braços e deu a mamadeira a Lisa, à medida que o trem deslizava silenciosamente para fora da estação, meia hora mais tarde. Logo o trem ganhou velocidade e LuAnn se pôs a contemplar a paisagem do campo passar diante das duas grandes janelas panorâmicas. Terminou de dar a mamadeira a Lisa e a pôs no colo para fazer com que arrotasse. Isto resolvido, LuAnn virou Lisa e começou abater palmas e cantar canções, com a menina deleitada, tentando cantar também, do seu jeito todo especial. Passaram mais ou menos uma hora brincando até que por fim Lisa cansou e LuAnn a colocou no bebê-conforto.

LuAnn recostou-se e tentou descansar. Nunca andara de trem e o movimento deslizante e o clicar ritmado das rodas também foram lhe dando sono. Não saberia lembrar direito a última vez em que dormira, e acabou por cair no sono. Acordou sobressaltada algumas horas mais tarde. Achou que devia ser perto de meia-noite. Lembrou de repente que não comera o dia todo. Não lhe parecera importante com tudo que acontecera. Meteu a cabeça pela porta da cabine, viu um atendente e perguntou se havia comida no trem. O homem pareceu um pouco surpreso e consultou o relógio.

— O último chamado para o jantar foi há algumas horas, senhora. O vagão-restaurante já está fechado.

— Oh — fez LuAnn. Não seria a primeira vez que ficava com fome. Pelo menos Lisa comera.

No entanto, quando o homem viu Lisa e percebeu como LuAnn parecia cansada, sorriu bondosamente e disse que esperasse um pouquinho. Vinte minutos mais tarde voltava com uma bandeja cheia de comida e ainda ajeitou tudo para ela, usando o beliche inferior como mesa improvisada. LuAnn lhe deu uma generosa gorjeta, sacada do seu esconderijo. Depois que ele se foi, devorou a comida. Em seguida limpou bem as mãos e pegou com todo o cuidado o bilhete de loteria no bolso. Deu uma espiada em Lisa; sua mãozinha estava balançando delicadamente em seu sono, e um sorriso iluminava o rostinho delicado. *Deve ser um sonho bom*, pensou LuAnn, sorrindo para aquela visão tão preciosa.

As feições de LuAnn ficaram mais suaves ainda quando ela se abaixou e falou baixinho junto à minúscula orelha de Lisa.

— Mamãe vai poder tomar conta de você agora, neném, como devia ter feito sempre. O homem disse que vamos poder ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa — ela alisou a bochecha de Lisa com as costas da mão. — Aonde quer ir, princesa? Diga o nome, que nós iremos. Que tal isso? Gostou?

LuAnn trancou a porta, deitou Lisa na cama, certificou-se de que as tiras do assento dela estavam presas. Logo também se deitou, ajeitando o corpo protetoramente em torno da filha. Enquanto o trem prosseguia rumo à cidade de Nova York, ela foi olhando fixamente o escuro do outro lado da janela, pensando intensamente no que haveria de acontecer a seguir.

10

O TREM FICARA RETIDO EM DIVERSOS PONTOS ao longo da rota e eram quase três e meia da tarde quando LuAnn e Lisa desembarcaram no burburinho da Penn Station. LuAnn nunca tinha visto tanta gente em um único lugar em toda a sua vida. Olhou em torno, estonteada, quando pessoas e bagagens passavam voando por ela como rajadas de balas. Segurou com mais força o bebê-conforto de Lisa quando a advertência da vendedora das passagens de trem voltou à sua memória. O braço ainda latejava dolorosamente, mas imaginou que ainda seria capaz de derrubar praticamente qualquer pessoa que tentasse algo. Abaixou os olhos para Lisa. com tantas coisas interessantes acontecendo ao redor dela, a menina parecia a ponto de explodir. LuAnn se moveu lentamente, sem saber como sairia dali. Viu um cartaz do Madison Square Garden e relembrou vagamente que alguns anos antes havia visto na televisão, uma luta de boxe, transmitida de lá. Jackson dissera que haveria alguém à sua espera, mas LuAnn não podia imaginar como alguém iria encontrá-la no meio daquele caos.

Sobressaltou-se ligeiramente quando o homem esbarrou nela. LuAnn encarou o sujeito, um tipo de olhos castanho-escuros e um bigode cor de prata sob o nariz largo e chato. Por um instante perguntou-se se não seria ele o homem que vira lutando na televisão; mas percebeu logo que era muito mais velho, tendo no mínimo uns cinquenta anos. Tinha, contudo, os ombros largos, as orelhas meio deformadas e o rosto marcado que o distinguiam como ex-boxeador.

— Srta. Tyler? — A voz era baixa, mas clara. — O Sr. Jackson me pediu que a pegasse.

LuAnn fez que sim e esticou a mão.

— Chame-me de LuAnn. Qual é o seu nome?

O homem se assustou por um instante.

— Isto na verdade não tem importância. Siga-me, por favor, tenho um carro esperando — ele começou a se afastar.

— Eu gosto mesmo de saber os nomes das pessoas — disse LuAnn, sem se mexer.

Ele voltou para junto dela, ligeiramente irritado, embora em algum ponto de suas feições LuAnn imaginasse vislumbrar o início de um sorriso.

— Tudo bem, pode me chamar de Charlie. Que tal?

— Está ótimo, Charlie. Acho que você trabalha para o Sr. Jackson. Vocês usam os nomes verdadeiros um com o outro?

Ele a conduziu na direção da saída, sem responder.

— Quer que eu carregue a garotinha? Essa coisa aí parece pesada.

— Pode deixar — ela estremeceu com outra pontada de dor no braço machucado.

— Tem certeza? — ele avaliou o curativo no queixo dela. — Parece que você andou numa briga.

Ela balançou a cabeça.

— Eu estou bem.

Eles saíram da estação, passaram pela fila de quem esperava táxi e Charlie abriu a porta de uma limusine comprida para LuAnn. Ela ficou boquiaberta apreciando o luxuoso veículo antes de entrar.

Charlie sentou-se em frente a ela. LuAnn não conseguiu deixar de examinar, extasiada, o interior da limusine.

— Estaremos no hotel em cerca de vinte minutos. Quer comer ou beber alguma coisa nesse meio tempo? Comida de trem é horrível — disse Charlie.

— Já comi coisa muito pior, embora esteja com um pouco de fome. Mas não quero que pare só para isso.

Ele lhe dirigiu um olhar de curiosidade.

— Não temos de parar — disse, e abriu a geladeira para pegar refrigerante, cerveja, sanduíches e biscoitos. Em seguida mexeu em qualquer coisa que fez materializar-se uma mesa. Enquanto LuAnn a tudo observava assombrada, Charlie arrumou a comida e a bebida e completou a refeição com um prato, talheres e guardanapo, as mãos enormes trabalhando rápida e metodicamente.

— Eu sabia que você ia trazer o bebê, e por isso mandei que a limusine viesse com leite, mamadeiras e coisas assim. Vai encontrar no hotel tudo de que precisar.

LuAnn preparou uma mamadeira para a filha, ajeitou-a no colo e a alimentou com uma das mãos, enquanto devorava um sanduíche com a outra.

Charlie observou o modo terno como LuAnn segurava a filha.

— É linda a menina, como se chama?

— Lisa, Lisa Marie. Sabe, igual à filha do Elvis.

— Você parece muito jovem para ter sido fã do Elvis.

— Eu não fui mesmo. Quer dizer, não escuto realmente aquele tipo de música. Mamãe é que gostava. Era uma grande fã dele. Escolhi o nome por causa dela.

— Ela deve ter gostado.

— Não sei. Espero que sim. Mamãe morreu antes de Lisa nascer.

— Oh, sinto muito.

Charlie ficou em silêncio por um momento.

— Bem, de que tipo de música você gosta?

— Clássica. Na verdade não sei nada a respeito, só gosto de ouvir. O modo como faz com que eu me sinta, limpa e graciosa, como se estivesse nadando em um lago nas montanhas, com a água tão clara que dá para ver o fundo.

Charlie sorriu.

— Nunca pensei nisso desta forma. Minha praia é jazz. Na verdade toco um pouquinho de trompete. Tirando Nova Orleans, Nova York tem alguns dos melhores clubes de jazz que existem. Toca-se também até o dia raiar. Alguns não são muito longe do hotel.

— Para que hotel estamos indo? — quis saber ela.

— Waldorf-Astoria. No prédio que chamam de as Torres. Já esteve em Nova York? — Charlie tomou um gole de club-soda e recostou-se, desabotoando o paletó.

LuAnn sacudiu a cabeça e engoliu o pedaço de sanduíche que acabou de mastigar.

— Na verdade nunca estive em parte alguma. Charlie riu baixinho.

— Bem, então a Grande Maçã é um lugar e tanto para começar.

— Como é o hotel?

— Realmente legal. De primeira, especialmente as Torres. Não chega a ser um Plaza, mas que hotel chega? Talvez você vá ficar um dia no Plaza, quem sabe — ele riu e esfregou a boca com o guardanapo. Ela notou que seus dedos eram anormalmente grandes e grossos, com os nós possantes e arredondados.

LuAnn o fitou nervosamente enquanto terminava o sanduíche e bebia um gole de Coca-Cola.

— Você sabe por que estou aqui?

Charlie dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Digamos que sei o bastante para não fazer perguntas demais. E deixemos assim — ele sorriu rapidamente.

— Conhece o Sr. Jackson?

Charlie fechou a cara.

— Vamos deixar isso de lado, está bem?

— OK, estou curiosa, mais nada.

— Bem, você sabe o que foi que aconteceu ao gato velho por causa da curiosidade — os olhos escuros brilharam brevemente, fixos em LuAnn, enquanto ele pronunciava as palavras. — Fique fria, faça tudo que mandarem e você e sua filha nunca mais terão problemas, nunca mais. Parece bom para você?

— Parece bom para mim — concordou LuAnn, submissa, ajeitando Lisa mais para perto do seu quadril.

Pouco antes de saltarem da limusine, Charlie pegou uma capa de chuva de

couro preto e um chapéu de aba larga combinando e pediu a LuAnn para vestir.

— Por motivos óbvios, não queremos que você seja observada agora. Pode sumir com o chapéu de caubói.

LuAnn vestiu a capa e pôs o chapéu na cabeça, apertando bem o cinto.

— Vou tratar da sua hospedagem. A sua suíte está reservada para Linda Freeman. Empresária americana de uma firma com sede em Londres que faz com a filha uma viagem de lazer e negócios ao mesmo tempo.

— Uma empresária? Espero que ninguém me faça perguntas.

— Não se preocupe, ninguém fará.

— Quer dizer então que sou Linda Freeman?

— Pelo menos até o grande evento. Depois voltará a ser LuAnn Tyler.

Terei mesmo de voltar a ser LuAnn? — perguntou-se LuAnn.

A suíte a que Charlie a acompanhou depois de a ter registrado na recepção ficava no trigésimo segundo andar e era gigantesca. Tinha uma sala enorme e um quarto separado.

LuAnn foi examinando tudo, admirada com os detalhes elegantes, e quase caiu dura quando viu o banheiro luxuoso.

— Posso usar esses robes? — ela apalpou o algodão macio.

— Pode até ficar com eles, se quiser. Quer dizer, por setenta e cinco pratas cada — respondeu Charlie.

Ela foi até a janela e abriu parcialmente a cortina. Tinha diante dos olhos uma boa faixa da linha do horizonte da cidade. O céu estava coberto e já começava a escurecer.

— Nunca vi tantos edifícios na minha vida. Como é que as pessoas conseguem distinguir uns dos outros? Todos me parecem iguais — ela encarou Charlie.

Charlie sacudiu a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Você é engraçada. Se eu não soubesse que não é assim, iria pensar que você é a maior caipira do mundo.

LuAnn abaixou os olhos.

— Eu sou a maior caipira do mundo. Pelo menos a maior que você provavelmente verá.

Ele percebeu o olhar dela.

— Não tive intenção de ofendê-la. Quando se é criado aqui em Nova York, a gente adquire uma atitude diferente a respeito das coisas, entende?

Charlie parou por um minuto observando LuAnn se encaminhar para Lisa e acariciar seu rostinho.

— Olhe, aqui fica o bar — disse, finalmente, mostrando como funcionava. Em seguida abriu a pesada porta do armário. — O cofre fica aqui — ele indicou

a pesada porta de metal embutida na parede. Digitou um código e os cilindros giraram. — É uma excelente ideia guardar seus bens de maior valor aqui.

— Não creio que eu tenha nada que valha a pena guardar num cofre.

— E o bilhete de loteria?

LuAnn engoliu em seco, enfiou a mão no bolso e pegou o bilhete.

— Então você sabe disso, hein?

Charlie não respondeu. Pegou o bilhete, mal olhando para ele, e o meteu no cofre.

— Escolha uma combinação de números — nada tão óbvio como datas de aniversário ou coisas do gênero. Mas escolha algo que seja fácil de lembrar. Você não vai querer andar por aí escrevendo os números do segredo que escolheu para o cofre. Entendeu? — ele abriu o cofre de novo.

LuAnn fez que sim, teclou o código que escolheu e esperou que o cofre estivesse em condições de ser trancado antes de fechar a porta do armário.

Charlie dirigiu-se para a porta.

— Voltarei amanhã de manhã lá pelas nove horas. Se sentir fome ou quiser alguma coisa, basta telefonar para o serviço de quarto e pedir. Mas não deixe o garçom que trouxer a comida olhar muito para seu rosto. Prenda o cabelo ou coloque uma touca, como se estivesse prestes a mergulhar na banheira. Abra a porta, assine a conta como Linda Freeman e depois vá para o quarto de dormir. Deixe dinheiro para gorjeta em cima da mesa. Aqui está — ele pegou um maço de notas no bolso e entregou a ela.

— De modo geral, tenha um comportamento reservado. Não vá sair andando pelo hotel ou coisa assim.

— Não se preocupe, sei que não pareço uma executiva — Lu Ann tirou um cabelo que caía nos olhos e tentou parecer petulante, embora o nível baixo de sua autoestima fosse tão evidente quanto o tom magoado da voz de Charlie ao responder.

— Não é isso, LuAnn, eu não quis dizer... — ele desistiu e deu de ombros. — Olhe, eu mal terminei o segundo grau. Nunca fui à faculdade e me saí bem sozinho. Assim, nenhum de nós dois poderia passar por ex-alunos de Harvard. Que importância tem? — Ele tocou ligeiramente no ombro dela. — Tenha uma boa noite de sono. Quando eu voltar amanhã, podemos ver algumas paisagens da cidade e você poderá então desabafar, que tal?

Ela se alegrou.

— Sair seria ótimo.

— Amanhã deve fazer muito frio, vista uma roupa quente.

LuAnn subitamente abaixou os olhos para a camisa amarrotada e a calça jeans.

— Hum, estas são as únicas roupas que tenho. Eu... bem eu saí de casa meio depressa — ela pareceu envergonhada.

— Tudo bem — disse Charlie, bondosamente. — Sem bagagem, sem problema — ele a avaliou rapidamente. — Você deve ter quase um metro e oitenta? Tamanho oito?

LuAnn fez que sim e corou ligeiramente.

— Talvez um pouco maior na parte de cima.

Os olhos de Charlie se detiveram um pouco na região do tórax de LuAnn.

— Certo — concordou. — Trarei algumas roupas amanhã. Inclusive para Lisa. Mas vou precisar de algum tempo extra. Chegarei por volta de meio-dia.

— Posso levar Lisa?

— É claro, a menina vai conosco.

— Obrigada, Charlie. Eu fico sinceramente muito agradecida. Não teria coragem para sair sozinha. Nunca vi um lugar tão grande em toda a minha vida. Aposto como provavelmente há muito mais gente neste hotel do que em toda a minha cidadezinha.

Charlie deu uma risada.

— É, acho que, por ser daqui, nem penso mais nessas coisas. Mas entendo o que você quer dizer. Entendo perfeitamente.

Depois que ele saiu, LuAnn tirou Lisa delicadamente do bebê-conforto e a deitou no meio da cama enorme, acariciando-lhe o cabelo durante o processo. Despiu-a rapidamente, deu-lhe um banho na banheira exageradamente grande e vestiu-lhe um pijaminha. Depois de pôr a menina na cama, cobrindo-a com um cobertor, e colocar uns travesseiros como suporte para ela não rolar no chão, LuAnn ficou na dúvida se arriscaria também uma ida ao banheiro, podendo talvez experimentar o chuveiro para ver se se livrava de tantas dores no corpo. Foi quando o telefone tocou.

Hesitou um pouco, sentindo-se ao mesmo tempo acuada e cheia de culpa. Pegou o aparelho: — Alô?

— Srta. Freeman?

— Desculpe, mas é... — LuAnn mentalmente deu um chute em si mesma. — Sim. É a Srta. Freeman — apressou-se a dizer, tentando parecer tão profissional quanto possível.

— Um pouco mais depressa da próxima vez, LuAnn — disse Jackson. — As pessoas raramente esquecem os próprios nomes. Como vão as coisas? Está sendo bem cuidada?

— Sem dúvida. Charlie é maravilhoso.

— Charlie? Sim, claro. Tem o bilhete da loteria?

— Está no cofre.

— Boa ideia. Tem caneta e papel?

LuAnn procurou e por fim pegou uma folha de papel e uma caneta na gaveta de uma escrivaninha com aparência de antiga encostada na janela.

Jackson continuou.

— Anote tudo o que puder. Charlie também terá todos os detalhes. Você ficará feliz de saber que está tudo correndo bem. Às seis horas da tarde, depois de amanhã, o bilhete vencedor será anunciado para todo o país. Você vai poder assistir pela televisão do seu quarto. Receio que não haverá muito estardalhaço no seu caso, contudo — LuAnn quase pôde ver o pequeno sorriso nos lábios dele quando falou isto. — Depois o país inteiro esperará ansiosamente que o ganhador ou ganhadora apareça. Você não o fará de imediato. Temos de lhe dar tempo, em teoria, é claro, para se acalmar, começar a pensar com clareza, talvez conseguir orientação de especialista em finanças, advogados etc. e só então você fará sua entusiasmada aparição em Nova York. Os ganhadores não são obrigados a virem a Nova York, é claro. A entrevista coletiva pode ser realizada em qualquer lugar, inclusive na cidade natal da pessoa que ganha o prêmio. No entanto, muitos vencedores já procederam assim voluntariamente e a Comissão da Loteria gosta. É muito mais fácil conduzir uma entrevista coletiva em nível nacional daqui de Nova York. Assim, todas as suas atividades irão requerer um dia ou dois. Oficialmente são trinta dias para receber o dinheiro, de modo que não há problema por este lado. A propósito, para o caso de você ainda não ter percebido, foi esta a razão pela qual eu queria que esperasse antes de vir. Não ia causar boa impressão se as pessoas tivessem conhecimento de sua chegada a Nova York antes de o número ganhador ser anunciado. Você terá de permanecer incógnita até que estejamos prontos para apresentá-la como ganhadora — ele parecia aborrecido por causa da alteração dos planos.

LuAnn anotou o que pôde, escrevendo o mais rápido que conseguiu.

— Sinto muito, Sr. Jackson, mas eu realmente não podia esperar — explicou-se, apressadamente. — Eu lhe disse como são as coisas no lugar onde moro. É um lugar muito pequeno, e tudo mais. Todo mundo ia saber que meu bilhete era o ganhador, com certeza.

— Está certo, tudo bem, não tem sentido perder tempo discutindo isso agora —disse ele bruscamente. — O que interessa é que temos de manter você escondida por um ou dois dias depois do sorteio da loteria. Você foi de ônibus para Atlanta, correto?

— Fui.

— E tomou as precauções cabíveis para disfarçar sua aparência?

— Chapéu grande e óculos escuros. Não vi ninguém que eu conhecesse.

— E é claro que não usou seu nome verdadeiro quando comprou a passagem

de trem.

— Claro que não — mentiu LuAnn.

— Ótimo. Acho que então seus rastros foram efetivamente apagados.

— Espero que sim.

— Não vai ter importância, LuAnn. Realmente não vai. Dentro de poucos dias você estará muito longe de Nova York.

— Onde exatamente eu estarei?

— Conforme falei antes, você decide. Europa? Ásia? América do Sul? Você diz onde e eu tomo as providências.

LuAnn pensou por um momento.

— Tenho que decidir agora?

— É claro que não. Mas, se você quiser viajar imediatamente depois da entrevista coletiva, quanto mais cedo me disser qual é sua preferência, melhor. Sou conhecido por operar milagres com providências de viagem. Mas não sou nenhum mágico, particularmente tendo em vista que você não tem passaporte ou qualquer documento de identidade — ele não escondeu sua incredulidade ao formular a última frase. — Documentos que, por sinal, terão de estar preparados.

— Você pode providenciar documentos? Até mesmo o cartão do Seguro Social?

— Você não tem um número de registro no Seguro Social? Impossível!

— Não se seus pais nunca preencheram os papéis necessários — retrucou ela prontamente.

— Eu achava que os hospitais não deixassem os bebês saírem sem toda a papelada preenchida.

LuAnn quase riu.

— Eu não nasci em hospital, Sr. Jackson. Dizem que a primeira coisa que vi foi a roupa suja empilhada no quarto de dormir da minha mãe, porque foi lá que a minha avó fez meu parto.

— Bem, acho que posso lhe arranjar um número de Seguro Social — disse ele irritado.

— Poderia então fazer com que pusessem um outro nome no passaporte, quer dizer, minha foto sim, mas com um nome diferente? E em todo o resto também?

Jackson falou bem devagar:

— Por que você ia querer uma coisa dessas, LuAnn?

— Bem, por causa de Duane. Sei que ele parece burrão e tudo, mas, quando descobrir que ganhei tanto dinheiro, vai fazer tudo o que puder para me encontrar. Achei que seria melhor se eu desaparecesse. Começasse tudo de novo. Zero quilômetro, por assim dizer. Nome novo e tudo mais.

Jackson deu uma risada.

— Você pensa sinceramente que Duane Harvey conseguirá encontrá-la? Pois eu duvido seriamente que ele consiga sair do município de Rikersville, nem que seja acompanhado pela polícia.

— Por favor, Sr. Jackson, se puder fazer desse jeito, eu ficarei muito agradecida. Claro que, se for muito difícil, eu vou entender — LuAnn conteve a respiração, desesperada, esperando que o ego de Jackson mordesse a isca.

— Não é — retorquiu ele. — Na verdade é muito fácil, quando se tem as relações certas, como eu. Bem, suponho que você ainda não pensou no nome que deseja usar, pensou?

Ela o surpreendeu disparando um nome imediatamente, assim também como o lugar de onde era essa pessoa fictícia.

— Parece que você já anda pensando nisso há algum tempo. Talvez com ou sem o dinheiro da loteria. Verdade?

— Tem seus segredos, Sr. Jackson. Por que eu não teria também?

Ela o ouviu suspirar.

— Muito bem, LuAnn, seu pedido certamente que não tem precedentes, mas vou providenciar. Continuo precisando saber para onde você vai querer ir.

— Eu entendo. Vou pensar e digo logo.

— Por que de repente me preocupo com a possibilidade de vir a me arrepender de ter selecionado você para esta pequena aventura? — algo no seu tom de voz fez com que LuAnn sentisse um calafrio. — Estarei em contato com você após o sorteio da loteria. A fim de lhe dar conhecimento do resto dos detalhes. É só por agora. Aproveite sua visita a Nova York. Se precisar de alguma coisa basta falar com...

— ... o Charlie.

— Charlie, certo — Jackson desligou.

LuAnn dirigiu-se imediatamente ao bar e abriu uma garrafa de cerveja. Lisa começou a fazer barulho e LuAnn a colocou no chão e ficou observando com um sorriso a menina se deslocar pelo quarto. Nos últimos dias Lisa pegara realmente o jeito de engatinhar, e agora explorava as enormes dimensões da suíte com energia considerável.

Finalmente LuAnn foi para o chão também e se juntou a ela. Mãe e filha fizeram o circuito do quarto de hotel por cerca de uma hora, até que Lisa se cansou e LuAnn a pôs para dormir.

LuAnn depois foi para o banheiro e pôs a banheira para encher, enquanto examinava no espelho o corte no queixo. Estava cicatrizando bem, mas provavelmente deixaria uma cicatriz. O que não a incomodava; poderia ter sido muito pior. Pegou outra cerveja na geladeira e voltou para o banheiro. Enfiou-se

na água quente e tomou um gole da cerveja gelada. Tinha a impressão de que ia precisar tanto do álcool quanto da água quente e calmante para sobreviver aos próximos dias.

Pontualmente ao meio-dia, Charlie chegou com diversas sacolas da Bloomingdale's e da Baby Gap. Durante a hora seguinte, LuAnn experimentou diversas roupas que a deixaram toda arrepiada.

— Certamente que você faz justiça a essas roupas — disse Charlie, em tom de admiração. — Mais do que justiça.

— Muito obrigada. Muito obrigada por tudo isso. Você escolheu o tamanho certo.

— Bolas, você tem a altura e o corpo de modelo. Essas roupas são feitas para gente como você. Já pensou em fazer isto como profissão? Trabalhar como modelo?

LuAnn deu de ombros, pondo um blazer creme sobre uma saia preta longa e pregueada.

— Algumas vezes, quando era mais moça.

— Mais moça? Meu Deus, você é uma criança.

— Tenho vinte anos, mas me sinto mais velha depois que tive a Lisa.

— Acho que deve ser assim mesmo.

— Mas não, eu não nasci para isso.

— Por que não?

Ela olhou para ele e disse com simplicidade. — Não gosto que tirem meu retrato e não gosto de me olhar no espelho.

Charlie limitou-se a sacudir a cabeça.

— Você é definitivamente uma mocinha estranha. A maioria das garotas da sua idade, com a sua aparência, é impossível arrancar da frente do espelho. São a personificação de Narciso. Oh, mas você precisa usar os óculos de sol grandes e conservar o chapéu na cabeça; Jackson disse para manter você disfarçada. Provavelmente não deveríamos sair, mas em uma cidade de sete milhões de habitantes não creio que venhamos a ter problema. — ele levantou um cigarro. — Você se importa?

Ela sorriu.

— Está brincando? Trabalho num restaurante de caminhoneiros. Só deixam você entrar lá se tiver cigarros e for usar. Quase todas as noites o lugar parece que está pegando fogo.

— Bem, nunca mais restaurantes de caminhoneiros para você.

— Acho que não — ela prendeu um chapéu mole de aba larga no cabelo — Que tal? — perguntou, fazendo pose para ele.

— Melhor do que qualquer coisa na Cosmo, com toda a certeza.

— Você ainda não viu nada. Espere até eu vestir a minha filhinha — disse, orgulhosamente. — Isso é que é uma coisa com que eu sonho, e muito!

Uma hora mais tarde, LuAnn pôs Lisa, toda enfeitada na última moda da Baby Gap, no bebê-conforto e o pegou, virando-se para Charlie.

— Pronto?

— Ainda não — ele abriu a porta para a sala e olhou de novo para ela. — Por que não fecha os olhos? Podemos muito bem fazer uma produção completa — LuAnn dirigiu-lhe um olhar desconfiado. Vamos, feche os olhos — insistiu ele, rindo.

Ela obedeceu. Poucos segundos mais tarde ele disse.

— OK. Pode abrir — quando ela abriu os olhos deu com um carrinho de bebê novo em folha e muito caro.

— Oh, Charlie.

— Se você continuar carregando esse negócio aí muito tempo mais — disse ele, apontando para o bebê-conforto —, suas mãos vão acabar arrastando no chão.

LuAnn lhe deu um forte abraço, pôs Lisa no carrinho e lá se foram os três.

11

SHIRLEY WATSON ESTAVA MAIS FURIOSA que o demônio. Ao buscar uma vingança adequada para a humilhação que sofrerá nas mãos de LuAnn Tyler, Shirley exigira o máximo de sua inventividade. Estacionou a picape em um ponto recuado a uns quinhentos metros do trailer e saltou, segurando com força um recipiente de lata na mão direita.

Olhou para o relógio enquanto seguia andando na direção do trailer, onde tinha certeza absoluta de que LuAnn estaria dormindo profundamente depois de trabalhar no restaurante a noite inteira. Onde Duane se encontrava ela realmente não se importava. Se estivesse em casa, podia ser que se vingasse dele também por não tê-la defendido da investida tipo amazona de LuAnn.

A cada passo, a baixa e atarracada Shirley ia ficando com mais raiva. Frequentara a escola com LuAnn e como ela também desistira dos estudos antes de se formar.

Da mesma forma que LuAnn, morara em Rikersville toda a vida. Ao contrário de LuAnn, contudo, nunca tivera vontade de sair dali. O que agravava mais ainda o que LuAnn fizera. As pessoas a tinham visto esgueirar-se de volta para casa, nua em pelo. Nunca se sentira tão humilhada e não sabia como lidar com aquilo. Ia ter de conviver com essa vergonha pelo resto da vida. Iam contar aquela história tantas e tantas vezes que ela se transformaria no motivo de riso da cidade. O abuso continuaria até que estivesse morta e enterrada. E talvez nem assim terminasse. LuAnn Tyler tinha de pagar pelo que fizera. Então ela andava transando com Duane, e daí? Todo mundo sabia que Duane não tinha intenção de se casar com LuAnn. E todo mundo sabia também que LuAnn provavelmente preferia se matar a se casar com aquele homem.

Ela só ficava com ele porque não tinha para onde ir, ou não tinha coragem para enfrentar uma mudança, Shirley sabia — pelo menos acreditava que soubesse — que essa era a verdade. Todo mundo achava LuAnn tão bonita, tão capaz. Shirley fervia de ressentimento e sentia o rosto cada vez mais afogueado a despeito da brisa fria que soprava na estrada. Pois muito bem, ia adorar saber o que as pessoas teriam a dizer sobre as feições de LuAnn depois que tivesse acabado com ela.

Ao se aproximar do trailer, Shirley abaixou-se e começou a avançar de árvore em árvore. O enorme conversível ainda estava estacionado em frente ao trailer. Shirley viu as marcas de pneus na lama seca. Passou pelo carro, detendo-se um pouco para espiar no seu interior antes de continuar a progressão furtiva.

E se houvesse mais alguém no trailer? Ela sorriu. Talvez LuAnn estivesse se divertindo por fora enquanto Duane saísse. Aí então poderia ir completamente à forra. Seu sorriso alargou-se ainda mais quando visualizou LuAnn, nua em pelo, saindo do trailer correndo e aos gritos. De repente teve a impressão de que tudo ficou mais quieto ainda, mais silencioso.

Como se obedecesse a um roteiro, até a brisa parou de soprar. O sorriso de Shirley desapareceu e ela olhou em torno, nervosa. Agarrou a lata com mais firmeza ainda, meteu a mão no bolso da jaqueta e pegou uma faca de caça. Se errasse o alvo com o ácido que carregava na lata, com toda a certeza não erraria com a faca. Estava acostumada a limpar os frutos da atividade de caça e pesca, uma constante em Rikersville, desde que se entendia por gente, e podia manejar uma faca tão bem quanto os melhores.

O rosto de LuAnn seria marcado com a prova dessa sua perícia, pelo menos nas áreas em que o ácido não pegasse.

— Droga! — exclamou, quando subiu os degraus da frente e o cheiro a atingiu em cheio. Olhou em torno de novo. Nunca sentira um odor daqueles nem quando trabalhou por uma breve temporada no aterro sanitário local. Meteu a faca de novo no bolso e perdeu um instante para cobrir o nariz com o lenço. Viera de longe demais para voltar agora, com fedor ou não. Entrou silenciosamente no trailer e foi diretamente para o quarto de dormir. Deu uma espiada pela fresta da porta. Vazio. Fechou a porta de novo, com cuidado, e virou a cabeça em outra direção. Talvez LuAnn e o namorado estivessem dormindo no sofá. com o corredor escuro, ela teve de prosseguir com a mão na parede. Quando chegou mais perto, preparou-se para o ataque. Lançou-se para a frente, mas, em vez de atacar, tropeçou em alguma coisa e caiu no chão, vindo a ficar cara a cara com a fonte apodrecida do fedor. Seu grito quase pôde ser ouvido da rodovia principal.



— Você não comprou muita coisa, LuAnn — disse Charlie, avaliando as poucas sacolas em cima da espreguiçadeira.

LuAnn saiu do banheiro, onde vestira uma calça jeans e um suéter branco, fazendo uma trança no cabelo.

— Eu gosto só de olhar. Já é bastante divertido. Além do mais, não posso acreditar nos preços aqui. Meu Deus!

— Mas eu pagaria! — protestou ele. — Falei isso centenas de vezes.

— Não quero que gaste dinheiro comigo, Charlie. Charlie sentou-se numa cadeira e fixou os olhos nela.

— LuAnn, o dinheiro não é meu. Eu lhe disse isso também. Estou aqui com uma conta destinada às despesas. O que você quisesse, poderia ter comprado.

— Foi o que o Sr. Jackson falou?

— Algo assim. Chamemos de adiantamento dos seus futuros ganhos.

LuAnn sentou-se na cama e brincou com as mãos, uma expressão de profunda preocupação no rosto. Lisa ainda estava no carrinho, brincando com alguns brinquedos que Charlie lhe trouxera. Os barulhinhos de alegria que fazia enchiam todo o quarto.

— Tome aqui — Charlie entregou a LuAnn um maço de fotos. Para o álbum de lembranças — disse. — O nosso dia em Nova York.

LuAnn olhou para as fotos e seus olhos se estreitaram.

— Jamais pensei que fosse ver um cavalo e uma charrete nesta cidade. Foi muito divertido passear em torno daquele velho parque. Bem no meio de todos aqueles prédios.

— Ora, deixe disso, você nunca ouviu falar do Central Park?

— Claro que sim. Ouvi falar, pelo menos. Só que eu achava que era tudo faz de conta — LuAnn entregou a ele uma foto dela que tirou do maço.

— Puxa, obrigado por me relembrar — disse Charlie.

— É para o meu passaporte?

Ele fez que sim enquanto metia a foto no bolso do paletó.

— Lisa não precisa? Charlie sacudiu a cabeça.

— Não tem idade. Pode viajar com o seu. — Oh.

: — Então, pelo que eu entendo, você quer trocar de nome. LuAnn pôs de lado as fotos e começou a mexer nos pacotes.

— Pensei que fosse uma boa ideia. Um novo começo.

— Isso foi o que Jackson disse que você tinha falado. Não sei se é mesmo o que quer.

LuAnn arriou na *chaise-longe* e apoiou a cabeça nas duas mãos. Charlie dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Ora, vamos, LuAnn, mudar de nome não é uma coisa assim tão traumática. O que a está preocupando?

Ela finalmente levantou a cabeça.

— Você tem certeza de que vou ganhar a loteria amanhã?

A resposta foi formulada cuidadosamente.

— Vamos esperar até amanhã, mas não acredito que você fique desapontada.

— Tanto dinheiro, mas não me sinto bem a esse respeito, Charlie, nem um pouco.

Ele acendeu um cigarro e soprou a fumaça sem tirar os olhos dela.

— Vou fazer um pedido ao serviço de quarto. Três pratos, uma garrafa de vinho. Café quente, tudo. Você se sentirá melhor depois de comer — ele abriu a carta com a relação dos serviços do hotel e se pôs a examinar o menu.

— Você já fez isso antes? Quer dizer, já tomou conta de gente que... com quem o Sr. Jackson se encontrou?

Charlie tirou os olhos do menu.

— Trabalho com ele já há algum tempo, sim, mas nunca nos encontramos pessoalmente. Só nos comunicamos por telefone. Ele é um sujeito esperto. Um pouco apegado demais às coisas para o meu gosto, um pouco paranoico, mas muito esperto. E me paga bem, realmente bem. E bancar a ama-seca das pessoas em hotéis de luxo, pedindo belas comidas ao serviço de quarto, não é o que se poderia chamar de uma vida ruim — ele acrescentou com um largo sorriso. — Mas nunca cuidei de pessoa alguma com quem me divertisse tanto.

Ela se ajoelhou ao lado do carrinho de bebê, pegou um pacote embrulhado para presente num compartimento que ficava na parte de baixo e entregou a ele.

Charlie ficou boquiaberto.

— O que é isto?

— Comprei um presente para você. Na verdade, é meu e de Lisa. Eu estava procurando qualquer coisa para lhe dar e ela começou a apontar para isso e gritar.

— Quando?

— Lembra, você estava vendo umas coisas na seção de homens.

— LuAnn, você não tinha nada que...

— Eu sei que não tinha — interrompeu ela. — Por isso mesmo que é chamado de presente, uma coisa que você não tem de fazer. Charlie segurou a caixa com força, os olhos fixos nela. — Bem, vá em frente e abra, pelo amor de Deus.

Enquanto Charlie retirava cuidadosamente o papel de embrulho, LuAnn ouviu Lisa se mexer e pegou a menina. com ela no colo, as duas ficaram observando Charlie abrir a tampa da caixa.

— Puxa vida! — ele levantou delicadamente o chapéu verde-escuro. Tinha uma faixa de couro com uns dois centímetros e meio do lado de fora e uma fita creme de seda revestindo a parte de dentro.

— Vi você experimentando ele na loja. Achei que caía muito bem, que você ficava ótimo. Mas depois você colocou de novo no balcão. Vi que não queria comprar.

— LuAnn, este troço custa muito dinheiro.

Ela fez um gesto classificando o argumento dele como sem importância.

— Eu tinha um pouco de dinheiro economizado. Espero que você goste.

— Eu amei, muito obrigado — ele a abraçou e depois pegou uma das mãozinhas cheias de covas de Lisa, apertando-a formalmente.

— E muito obrigado a você também, senhorita. Excelente gosto.

— Pois bem, coloque-o de novo na cabeça. Assegure-se de que ainda gosta dele.

Ele pôs o chapéu e olhou-se no espelho.

— Bacana, Charlie. Muito bacana mesmo. Charlie sorriu.

— Nada mau — após algumas tentativas, ele finalmente descobriu qual era o ângulo certo, tirou-o e se sentou. — Nunca uma pessoa das que tomei conta me deu um presente.

De qualquer modo, só fico com elas uns dois dias e depois o Jackson assume.

LuAnn aproveitou rapidamente a deixa.

— Como é que você veio a fazer esse tipo de trabalho?

— Posso considerar esta pergunta como uma declaração de que você gostaria de ouvir minha história?

— Claro. Já aluguei muito os seus ouvidos.

Charlie recostou-se, com ar de quem estava à vontade. Apontou para o próprio rosto.

— Aposto como você não adivinhou que exercitei minhas qualidades num ringue de boxe — sorriu ele. — Fui, quase sempre, um *sparring*, um lutador que funciona como um saco de areia para treinar novatos em ascensão. Fui esperto o bastante para desistir enquanto ainda tinha cérebro, pelo menos parte dele. Depois disso passei para o futebol semiprofissional. Vou lhe dizer uma coisa, não castiga menos o corpo que o boxe, mas pelo menos você usa capacete e enchimentos. Sempre fui atlético, contudo, e, para dizer a verdade, gostava de ganhar a vida desse jeito.

— Você parece estar em excelente forma.

Charlie bateu na barriga musculosa. Nada mau para quem já vai fazer cinquenta e quatro anos. De qualquer forma, depois do futebol trabalhei um pouco como técnico, casei e andei por aí, sem encontrar nada que me servisse, sabe como é?

— Conheço muito bem essa sensação.

— Aí então minha carreira deu uma grande virada — ele fez uma pausa para apagar um cigarro e acender imediatamente um outro.

LuAnn aproveitou a oportunidade para recolocar Lisa de volta no carrinho.

— O que foi que você fez?

— Passei algum tempo como hóspede do governo — LuAnn dirigiu-lhe um olhar indagador, sem perceber o que ele quisera dizer. — Eu estive numa prisão

federal, LuAnn.

Ela ficou assombrada.

— Você não parece do tipo, Charlie.

Ele riu.

— Isso eu não sei. Além do mais, há montes de tipos diferentes cumprindo pena, LuAnn.

— O que foi que você fez?

— Sonegação de imposto de renda. Ou fraude, como eles gostam de dizer, pelo menos foi a palavra que o promotor usou. E ele estava certo. Eu simplesmente cansei de pagar. Não parecia haver nunca dinheiro suficiente para viver, muito menos tendo de desviar uma gorda parcela para o governo — ele passou a mão no cabelo. — Esse pequeno erro me custou três anos de vida e o casamento.

— Sinto muito, Charlie.

Ele deu de ombros.

— Talvez tenha sido a melhor coisa que me aconteceu, sinceramente. Fiquei numa prisão de segurança mínima com um bando de outros criminosos do colarinho branco, de modo que não tinha de me preocupar com alguém querendo me decapitar a cada minuto. Fiz uma porção de cursos, comecei a pensar no que queria fazer da minha vida. Na verdade, só uma coisa ruim me aconteceu lá dentro — ele mostrou o cigarro. — Nunca havia fumado até entrar na prisão. Lá, quase todo mundo fumava. Quando saí, finalmente larguei o cigarro. Por longo tempo. Voltei a fumar há uns seis meses. Que diabo... De qualquer forma, quando saí fui trabalhar para o meu advogado, como uma espécie de investigador residente. Ele sabia que eu era um homem honesto e confiável, a despeito da pequena condenação. E eu conhecia um bocado de gente nas duas extremidades da escala socioeconômica, se você entende o que quero dizer. Muitos contatos. Além do mais, aprendi muito quando estive lá dentro. Falando de estudo, por exemplo. Tive professores em todos os tipos de assunto, de fraudes em seguros a lojas de autopeças oriundas de carros desmantelados. Essa experiência ajudou muito quando entrei na firma do tal advogado. Eu era boa-praça, gostava do trabalho.

— E como é que você foi trabalhar com o Sr. Jackson?

Charlie ficou meio sem graça.

— Digamos apenas que ele apareceu um dia. Eu tinha me metido numa pequena encrenca. Nada de realmente sério, mas eu ainda estava em condicional e aquilo podia ter me custado um aumento da pena em reclusão, coisa séria. Ele se ofereceu para me ajudar e eu aceitei a oferta.

— Meio parecido com o meu caso — interveio LuAnn, incisiva.

— As propostas dele parecem ser meio difíceis de recusar.

Ele a fitou, os olhos subitamente fatigados.

— É — concordou, laconicamente.

LuAnn sentou na beira da cama e desabafou:

— Nunca dei um golpe em toda a minha vida, Charlie.

Charlie puxou uma tragada do cigarro e o apagou.

— Acho que isso vai depender de como se vê as coisas.

— Como assim?

— Bem, acontece que pessoas que de outra forma são boas, honestas e trabalhadoras dão golpes a cada dia de suas vidas. Umas, dão golpes de grande monta, outras, coisa pequena. Reduzem o valor dos impostos, ou simplesmente não pagam, como eu. Ou não devolvem um troco que recebem a mais. Pequenas mentiras brancas, as pessoas dizem automaticamente quase todos os dias, às vezes só para preservar sua sanidade. E tem também a grande mentira: homens e mulheres têm casos amorosos o tempo todo. Esta é uma que conheço muito bem. Minha ex-mulher diplomou-se em adultério.

— Provei um pouco dessa também — disse LuAnn, serenamente.

Charlie olhou para ela, espantado.

— Um filho da mãe muito burro, é só o que posso dizer. De qualquer forma, isso tudo vai se acumulando no decorrer de uma vida.

— Mas não até chegar a um valor de cinquenta milhões de dólares.

— Talvez não em termos de dinheiro. Mas uma grande fraude em toda uma vida pode equivaler a mil pequenas fraudes a desgastarem você aos poucos, fazendo com que não goste muito de si mesma.

LuAnn passou os braços em torno de si mesma e estremeceu. Ele a observou por um momento e depois examinou mais uma vez o cardápio do serviço de quarto.

— Vou pedir o jantar. Peixe está bom para você?

LuAnn fez que sim distraidamente e ficou olhando para os sapatos enquanto Charlie encomendava o jantar pelo telefone. Isto feito, acendeu outro cigarro.

— Que diabo, não conheço nenhuma outra pessoa que recusasse a oferta que lhe fizeram. Na minha maneira de ver as coisas, você seria burra se recusasse — ele fez uma pausa, brincando com o isqueiro. — E, pelo pouco que vi de você, é bem possível que possa se redimir, pelo menos a seus próprios olhos. Não que precise muito de redenção.

Ela olhou espantada para ele.

— Como posso fazer isso?

— Use um pouco do dinheiro para ajudar as outras pessoas — respondeu ele com simplicidade. — Estabeleça um fundo especial, ou algo parecido. Não estou

dizendo para que não desfrute do dinheiro. Acho que você merece — acrescentou ele. — Vi algumas informações sobre seu passado. Você não teve exatamente uma vida das mais fáceis.

LuAnn deu de ombros.

— Eu me safei.

Charlie sentou-se ao lado dela.

— Exatamente, LuAnn, você é uma sobrevivente. Vai sobreviver a isto também — ele a fitou intensamente. — Você se incomoda se eu lhe fizer uma pergunta pessoal, agora que me abri?

— Depende da pergunta.

— É justo — concordou Charlie. — Bem, como eu disse, dei uma espiada num relatório sobre seu passado. Fiquei curioso de saber como foi que você veio a se meter com um sujeito como Duane Harvey. Ele tem a palavra "perdedor" carimbada em todo o corpo.

LuAnn pensou no corpo franzino de Duane estirado com o rosto para baixo no carpete sujo, relembrou o gemido que ele soltara antes de mergulhar no chão, como se estivesse chamando por ela, pedindo ajuda. Só que não respondera a seu chamado.

— Duane não é tão mau assim. É que teve uma série de azares. Ela se levantou e passou a andar de um lado para o outro.

— Eu estava passando por uma fase muito difícil — prosseguiu.

— Mamãe acabara de morrer. Conheci Duane enquanto pensava no que devia fazer de minha vida. Ou você nasce naquele lugar e morre lá ou dá o fora o mais depressa possível. Nunca uma pessoa se mudou para Rikersville, pelo menos que eu tenha tido notícia — ela respirou fundo e prosseguiu. — Duane acabara de se mudar para o trailer que ele tinha arranjado. Tinha um emprego. E me tratou bem, chegou a falar sobre a gente se casar. Era diferente.

— Você queria ser uma das pessoas que nascem e morrem lá?

Ela o fitou chocada.

— Puxa vida, não. Íamos dar o fora. Eu queria e Duane também, pelo menos era o que dizia — LuAnn parou de andar e o encarou. Aí então tivemos Lisa — disse, com simplicidade —, o que mudou as coisas para Duane. Não creio que ter um filho fizesse parte dos planos dele. Mas tivemos e foi a melhor coisa que já me aconteceu. Só que depois as coisas não se acertaram mais entre nós e eu soube que tinha de ir embora. Estava justamente tentando imaginar como, quando o Sr. Jackson telefonou.

LuAnn contemplou pela janela as luzes da cidade.

— Jackson disse que haveria umas condições para tudo isso. Para o dinheiro. Sei que ele não está fazendo nada porque me adora — ela se virou para trás e

olhou para Charlie.

— Não, você está absolutamente correta a este respeito.

— Você tem alguma ideia de quais sejam essas condições?

Charlie começou a sacudir a cabeça antes que ela terminasse a pergunta.

— O que sei com certeza é que você terá muito mais dinheiro do que coisas que imagine para fazer com ele.

— E posso usar o dinheiro do jeito que eu quiser, certo?

— Exatamente. É seu, livre de qualquer exigência. Você pode comprar todo o estoque da Saks Fifth Avenue e da Tiffany. Ou construir um hospital no Harlem. Depende de você.

LuAnn voltou-se de novo para a janela e seus olhos começaram a brilhar à medida que as ideias que fervilhavam em sua cabeça pareciam reduzir o tamanho da linha de arranha-céus que se projetava contra o céu na sua frente. Naquele exato momento, tudo pareceu se encaixar! Mesmo o enorme número de prédios da cidade de Nova York parecia pequeno para abrigar todas as coisas que queria fazer com a sua vida. com todo esse dinheiro.

12

— DEVÍAMOS TER FICADO NO HOTEL e assistido de lá — Charlie olhou em torno de si nervosamente. — Jackson me mataria se soubesse que estivemos aqui. Tenho ordens estritas para nunca trazer os clientes aqui.

"Aqui" era a sede da Comissão Nacional da Loteria, localizada em um novíssimo e supermoderno edifício na Park Avenue. O imenso auditório estava cheio de gente. Os correspondentes das agências de notícias podiam ser vistos espalhados por toda parte, empunhando microfones, assim como representantes de revistas, jornais e televisões a cabo.

Perto da frente do palco, LuAnn aninhou Lisa em seu colo. Usava os óculos que Charlie lhe comprara e um boné com a pala para trás, e sob o qual prendera o cabelo comprido. O corpo espetacular estava devidamente oculto por uma capa de chuva estilo militar bem comprida.

— Tudo bem, Charlie, ninguém vai se lembrar de mim debaixo de todos estes troços.

Ele sacudiu a cabeça.

— Continuo não gostando.

— Eu tinha de vir ver. Não seria a mesma coisa sentada no quarto de hotel assistindo na televisão.

— Jackson provavelmente ligará para o hotel logo depois do sorteio — resmungou ele.

— Direi a ele que caí no sono e não ouvi o telefone.

— Certo! — Charlie abaixou a voz. — Vai ganhar pelo menos cinquenta milhões e cai no sono?

— Bem, se eu já soubesse de antemão que ia ganhar, o que poderia haver de tão sensacional no sorteio? — retrucou ela.

Sem ter uma resposta pronta, Charlie calou a boca e voltou a examinar cuidadosamente a sala e seus ocupantes.

LuAnn ficou olhando para o palco, onde a máquina para realização dos sorteios estava montada em cima de uma mesa. Tinha cerca de um metro e oitenta de comprimento e compreendia dez grandes tubos, cada um deles se erguendo acima de um depósito de bolas de pingue-pongue. Cada bola tinha um número pintado. Depois que a máquina fosse ativada, o ar faria circular as bolas até que uma delas abrisse caminho através da pequena passagem e entrasse no tubo, onde seria apanhada e retida por um dispositivo especial. Uma vez que fosse capturada uma bola, o depósito sob o tubo seria imediatamente fechado e o

depósito seguinte ativado automaticamente. E assim se repetiria o processo, fazendo aumentar cada vez mais a ansiedade de todos, até que os dez números ganhadores fossem finalmente revelados.

Muita gente olhava nervosamente para seus bilhetes; vários tinham pelo menos uns dez. Um rapaz tinha um laptop aberto no colo, a tela cheia com as centenas de combinações que ele comprara. LuAnn não precisava olhar para seu bilhete. Memorizara os números — 0810080521 — correspondentes às datas de aniversário dela e de Lisa e mais a idade que LuAnn teria no dia do próximo aniversário. Não se sentiu mais culpada ao observar os rostos esperançosos daquelas pessoas que acercavam, orando silenciosamente à medida que a hora do sorteio se aproximava. Saberia lidar com o desapontamento que sentiriam dentro de pouco tempo. Tomara sua decisão, formulara seu plano e o fato de ter se decidido a reanimara de forma inacreditável e esta era a razão pela qual se encontrava no meio daquele mar de gente tensa, em vez de estar escondida debaixo da cama na suíte do Waldorf.

Interrompeu os devaneios quando um homem entrou no palco. A plateia imediatamente se calou. LuAnn tinha certa esperança de ver Jackson surgir em cena, mas este homem era mais jovem e de muito melhor aparência. Por um instante teve vontade de saber se ele estaria envolvido na trama. Ela e Charlie trocaram sorrisos contidos. Uma loura de saia curta, meias pretas e sapatos de salto agulha ficou ao lado da máquina de aparência sofisticada, mãos cruzadas nas costas.

O homem fez um breve e claro discurso quando as câmeras da televisão focalizaram suas belas feições. Deu as boas-vindas a todos, fez uma pausa, fixou o olhar incisivamente na plateia e só então deu a verdadeira notícia da noite: o prêmio oficial baseado na venda de bilhetes até o último minuto atingira a cifra recorde de cem milhões de dólares! Um arquejo coletivo subiu das gargantas da multidão ao ouvir a gigantesca soma. Até mesmo LuAnn ficou de boca aberta. Charlie deu uma olhada para ela, sacudiu ligeiramente a cabeça e um pequeno sorriso escapou de seus lábios. Deu uma cotovelada brincalhona nela, aproximou-se mais um pouco e cochichou na sua orelha: — Diacho, você vai poder limpar a Saks e a Tiffany e ainda construir aquele hospital, só com a droga dos juros.

Era, na verdade, o maior prêmio já sorteado, e uma pessoa, dona de uma sorte incrível, dentro de pouco tempo mais ia ganhá-lo, declarou o homem da loteria, com um sorriso radiante e uma tonelada de teatralidade. A multidão aplaudiu loucamente. O homem fez um gesto dramático na direção da loura, que acionou o interruptor de energia ao lado da máquina. LuAnn viu que as bolas no primeiro receptáculo começaram a saltar. Quando começaram a atacar o estreito

caminho que dava nos tubos, ela sentiu o coração disparar e uma certa dificuldade em respirar. A despeito da presença de Charlie a seu lado, dos modos calmos e altamente confiáveis do Sr. Jackson, do fato de ele ter previsto corretamente o sorteio da loteria diária e de todas as outras coisas que ela experimentara no decorrer dos últimos dias, de repente LuAnn sentiu que estar ali era uma loucura total. Como Jackson ou qualquer outra pessoa poderia controlar o que aquelas bolas a girar iam fazer? Ocorreu-lhe que o que estava testemunhando lembrava espermatozoides mergulhando sobre um óvulo, algo que vira uma vez em um programa de televisão. Quais eram as chances de escolher corretamente o que iria vencer a corrida e fertilizar o óvulo? Seu estado de espírito ficou totalmente abalado quando se viu frente a alternativas bem diferentes: viajar de volta para casa e dar um jeito de explicar as mortes dos dois homens no trailer entupido de droga, que aconteceram exatamente quando voltara para casa. Ou então ir procurar hospitalidade em um dos abrigos mais próximos para sem-teto e pensar no que fazer com a desgraça da sua vida.

Apertou Lisa com mais força ainda e uma de suas mãos foi segurar os dedos grossos de Charlie. Uma bola conseguiu passar através da abertura e foi apanhada no primeiro tubo. Era o número zero, que foi mostrado em uma tela grande suspensa sobre o palco. Assim que isto ocorreu, as bolas do segundo recipiente começaram a pipocar.

Em poucos segundos também exibia um vencedor: o número oito. Em rápida sucessão seis outras bolas conseguiram entrar nos respectivos tubos e ser apanhadas. O conjunto sorteado foi: 0-8-1-0-0-8-0-5. LuAnn repetiu silenciosamente os algarismos tão familiares. Apareceu suor na sua testa e ela sentiu as pernas fracas.

— Oh, meu Deus — murmurou silenciosamente —, vai acontecer mesmo. — Jackson conseguira fazer o que prometera; de alguma maneira, de algum modo, o homenzinho presunçoso e desconfiado conseguira. Ela ouviu muitos gemidos e lamentos por perto enquanto os bilhetes de loteria não sorteados eram rasgados e atirados no chão, numa reação ao conjunto de números que a grande tela no palco exibia. LuAnn observou, completamente magnetizada, quando as bolas do nono depósito começaram a saltar. Todo o processo agora parecia ocorrer na mais lenta das câmeras lentas. Finalmente a bola que tinha o número dois saltou mais alto e entrou no tubo número nove. Não havia mais rostos esperançosos na multidão exceto o de uma pessoa.

As bolas do último depósito começaram a saltar e a de número um rapidamente abriu caminho através da passagem, apertada do último tubo, parecendo em condições de ser captada e consolidar a vitória a qualquer momento. A força com que LuAnn apertava os dedos de Charlie começou a

ceder. Então, como um balão de gás furado, a perder ar, a bola número 1 escorregou de volta para a parte de baixo e foi substituída perto da passagem para o tubo por uma bola de número 4 subitamente enérgica e determinada. com movimentos bruscos, ela foi se aproximando cada vez mais da passagem aberta que levava ao último tubo, embora parecesse ser repetidamente repelida da abertura. O sangue desapareceu lentamente do rosto de LuAnn e por um momento ela pensou que fosse cair no chão.

— Que merda — disse em voz alta, embora nem mesmo Charlie pudesse ouvi-la, tal o barulho que a multidão fazia. LuAnn apertou-lhe os dedos com tanta força que ele quase gritou de dor.

O coração de Charlie disparou, como se quisesse seguir o de LuAnn. Nunca vira Jackson falhar, mas bem, nunca se sabe. Que diabo, mal não podia fazer, pensou ele, deslocando a mão livre por debaixo da camisa para esfregar o grosso crucifixo de prata que usava desde que se entendia por gente. Esfregou-o para ter sorte.

Cada vez mais devagar, a tal ponto que o coração de LuAnn ameaçou parar de bater, as duas bolas, como que cuidadosamente coreografadas, trocaram de lugar de novo, no sopro de ar quente a girar, chegando a ricochetear uma na outra. Após esta momentânea colisão, a bola número 1, misericordiosamente para LuAnn, afinal passou pela abertura e foi captada no décimo e último tubo.

Tudo o que LuAnn pôde fazer foi não gritar de alívio ou de excitação por ter se tornado cem milhões de dólares mais rica. Ela e Charlie se olhavam, os olhos arregalados, os corpos tremendo, os rostos encharcados de suor, como se tivessem acabado de fazer amor. Charlie inclinou a cabeça na direção dela, as sobrancelhas arqueadas como a dizer: "Você ganhou, não ganhou?"

LuAnn fez que sim de modo quase imperceptível, a cabeça balançando lentamente como se ouvisse os acordes de uma canção favorita. Lisa chutava e se retorcia, dando a impressão de perceber o entusiasmo da mãe.

— Puxa vida — disse Charlie —, pensei que fosse fazer xixi nas calças na hora do sorteio do último número — disse. — Ele levou LuAnn para fora do salão e em alguns minutos estavam na rua, caminhando lentamente em direção ao hotel. Era uma noite bonita, revigorante; o céu sem nuvens tinha tantas estrelas que pareciam não ter fim. Tudo precisamente de acordo com o estado de espírito de LuAnn. Charlie esfregou a mão. — Meu Deus, pensei que você fosse arrancar fora meus dedos. Por que aquilo tudo?

— Não queira saber — respondeu LuAnn, com firmeza. Ela sorriu para ele, respirou fundo aquele ar puro e frio e deu um beijo na bochecha de Lisa. De repente deu uma cotovelada em Charlie, um sorriso travesso no rosto. — O último no hotel paga o jantar — ela saiu em disparada, a capa de chuva cheia de

ar às costas, como um paraquedas. Mesmo que ela o tenha deixado muito para trás, Charlie pôde ouvir seus agudos gritos de alegria flutuando de volta para ele. Sorriu e depois disparou atrás dela.

Se não estivessem tão alegres, teriam visto o homem que os seguira até o sorteio da loteria e ficara olhando do outro lado da rua. Romanello imaginara que seguir LuAnn podia resultar em qualquer coisa de interessante. Mas até mesmo ele tinha de admitir que suas expectativas tinham sido em muito ultrapassadas.

13

— TEM CERTEZA DE QUE É LÁ que você quer ir, LuAnn?

LuAnn respondeu, falando muito sério ao telefone:

— Sim, Sr. Jackson. Eu sempre quis ir à Suécia. A família de minha mãe veio de lá, há muito tempo. Ela sempre quis ir, mas nunca teve oportunidade. Assim, eu estaria mais ou menos indo por ela. Vai atrapalhar muito?

— Tudo dá trabalho, LuAnn. É só uma questão de gradação.

— Mas o senhor consegue, não é? Quer dizer, eu gostaria de ir a outros lugares, mas realmente gostaria de começar pela Suécia.

Jackson disse irritado:

— Se posso arranjar para que uma pessoa como você ganhe cem milhões de dólares, certamente posso me encarregar dos seus planos de viagem.

— Fico muito agradecida ao senhor. Sinceramente — LuAnn olhou para Charlie, que estava com Lisa no colo, brincando com ela.

Ela sorriu para ele.

— Você fica ótimo fazendo isso.

— O que é que foi? — quis saber Jackson.

— Desculpe, eu estava falando com Charlie.

— Ponha ele ao telefone, precisamos combinar sua visita à sede da loteria para que possam confirmar o bilhete vencedor. Quanto antes isto for feito, mais cedo poderemos realizar a entrevista coletiva e depois você poderá seguir viagem.

— As condições de que o senhor falou... começou LuAnn. Jackson a interrompeu.

— Não estou preparado para discutir isso neste instante. Ponha Charlie ao telefone, estou com pressa.

LuAnn trocou o telefone por Lisa. Observou atentamente enquanto Charlie falava ao telefone, em voz baixa, de costas para ela. Viu que ele balançou a cabeça afirmativamente diversas vezes e depois desligou.

— Tudo bem? — perguntou ela, ansiosa, contendo uma Lisa turbulenta.

Ele deu uma olhada no quarto por um momento antes que seus olhos finalmente encontrassem os dela.

— Claro, está tudo bem, sem problema. Você vai ter de procurar o pessoal da loteria hoje à tarde. Já se passou tempo bastante.

— Você vai comigo?

— Vou no táxi com você, mas não vou entrar no prédio. Fico de fora

esperando até você sair.

— O que é que vou ter de fazer?

— Somente apresentar o bilhete ganhador. Eles vão validar e emitir um recibo oficial. Haverá testemunhas lá e tudo. A confirmação será meticulosa. O bilhete é examinado com laser de alta tecnologia para verificar sua autenticidade. Há fios de fibra especial misturados no papel de que são feitos os bilhetes, alguns deles embaixo da fileira de números. Mais ou menos que nem no dinheiro, com a finalidade de evitar a falsificação.

É impossível duplicar, especialmente num curto período de tempo.

Vão telefonar para a loja onde você comprou o bilhete a fim de confirmar que ele foi de fato comprado lá. Vão pedir informações suas — de onde é, filhos, pais, esse tipo de coisa. Leva horas. Mas você não tem de esperar — eles entram em contato quando o processo termina. Só depois é que divulgam para a imprensa que apareceu o ganhador, mas não revelarão seu nome até a entrevista coletiva. Você sabe, para manter o suspense. Esse tipo de coisa realmente vende bilhetes para a próxima extração. Mas você também não precisará ficar por aqui por causa disso. A entrevista coletiva será no dia seguinte.

— Nós voltaremos aqui?

— Na verdade, "Linda Freeman" está saindo do hotel hoje. Vamos para outro hotel onde você possa se registrar como LuAnn Tyler, uma das pessoas mais ricas do país.

Recém-chegada à cidade e pronta para conquistar o mundo.

— Você já esteve antes numa dessas entrevistas? Ele fez que sim.

— Em algumas. Pode ser um negócio meio maluco. Especialmente quando os ganhadores trazem as famílias. O dinheiro é capaz de fazer coisas estranhas às pessoas. Mas não é muito demorado. Fazem uma porção de perguntas e logo você pode ir embora. — Ele fez uma pausa e acrescentou. — É legal isso que você está fazendo, de ir à Suécia pela sua mãe.

LuAnn baixou os olhos, enquanto brincava com os pés da filha.

— Espero que sim.

— Sem dúvida vai ser um bocado diferente.

— Não sei quanto tempo vou ficar.

— Tanto quanto quiser. Que diacho, você pode ficar para sempre, se lhe der na cabeça.

— Não sei bem se sou capaz. Não acredito que me adapte. Ele a segurou pelos ombros e a encarou.

— Escute, LuAnn, conceda algum crédito a si mesma. Está bem, você não tem estudo, mas é inteligente, cuida muito bem de sua filha e tem bom coração. No meu modo de ver, isso a coloca à frente de uns noventa por cento da

população.

— Não sei se estaria me saindo bem se você não estivesse aqui me ajudando.

Ele encolheu os ombros.

— Ei, como disse, faz parte do trabalho. Charlie afastou-se e pescou um cigarro no maço.

— Por que não vamos fazer um lanche rápido e depois você vai receber o seu prêmio? O que me diz, está pronta para ser podre de rica, mocinha?

LuAnn respirou fundo antes de responder.

— Estou.

LuAnn saiu do prédio da Comissão da Loteria, desceu a rua e virou uma esquina onde se encontrou com Charlie no ponto combinado antes. Ele tinha ficado com Lisa.

— Ela tomou conta de todo mundo que passava. É uma garota muito esperta — disse ele.

— Não vai demorar muito e vou ter de correr por toda parte atrás dela.

— Fez o que pôde para ir para o chão e sair engatinhando, juro por Deus — Charlie sorriu e colocou a exuberante criança de volta no carrinho. — Então, como é que foi?

— Eles se mostraram muito amáveis. Deram-me um tratamento especial. "Quer café, Sra. Tyler?" "Quer um telefone para fazer alguma ligação?" Uma mulher perguntou se eu queria contratá-la como assistente pessoal — ela riu.

— É melhor ir se acostumando. Trouxe o recibo?

— Está na minha bolsa.

— A que horas é a entrevista coletiva?

— Amanhã às seis, eles disseram — ela o encarou. — O que há de errado?

Enquanto andavam, Charlie olhara desconfiado, por cima do ombro, algumas vezes. Ele se virou para ela.

— Não sei. Quando estive na prisão e depois trabalhando como investigador particular, desenvolvi uma espécie de radar embutido que me diz quando há alguém prestando mais atenção em mim do que devia. O alarme desse radar acaba de disparar.

LuAnn começou a olhar para trás mas ele impediu.

— Não faça isso. Continue andando. Nós estamos bem. Registrei você em outro hotel. É a uma quadra daqui. Vamos deixar você e Lisa lá e depois vou dar uma espiada por aí. Provavelmente não é nada.

LuAnn reparou nas rugas de preocupação em torno dos olhos dele e concluiu que suas palavras não combinavam com seus sentimentos. Segurou o carrinho com mais força e continuou andando.

Vinte metros atrás e do outro lado da rua, Anthony Romanello debatia

consigo mesmo se tinha sido ou não descoberto. As ruas estavam cheias de gente àquela hora, mas alguma coisa na rigidez súbita das pessoas a quem seguia fizera disparar seu próprio alarme. Ele se encolheu e deixou-se ficar para trás mais uns dez metros, sem, contudo, os perder de vista. Ficou de olho nos táxis, para o caso de eles decidirem pegar um. A vantagem estava a seu lado, contudo, porque eles perderiam tempo carregando o carrinho e o bebê. O que lhe daria tempo de sobra para tomar um táxi. Mas eles continuaram a pé, até que chegaram a seu novo destino. Romanello esperou do lado de fora do hotel por um momento, olhou para um lado e para o outro e entrou.

— Quando foi que você comprou isso aí? — LuAnn olhou espantada para o novo conjunto de malas empilhadas a um canto da suíte do hotel.

Charlie sorriu.

— Não se pode fazer uma viagem grande sem bagagem adequada. E essas aí são superduráveis. Não é daquele tipo caro mas vagabundo, que só de olhar desmancha. Uma das malas já está cheia com as coisas de que vai precisar. Coisas para Lisa e quinquilharias. Uma amiga minha providenciou tudo. Mas vamos ter de fazer mais umas compras hoje a fim de encher as outras malas.

— Meu Deus, não posso acreditar, Charlie — ela lhe deu um abraço e um beijinho no rosto.

Ele olhou para baixo, envergonhado, o rosto vermelho.

— Nada de tão difícil assim — disse. — Tome aqui — Charlie deu o passaporte para ela. LuAnn leu solenemente seu nome, só agora assimilando a ideia da sua reencarnação.

Fechou o caderninho azul. Ele representava uma porta para um outro mundo, um mundo que em breve, com um pouco de sorte, conheceria.

— Vá em frente, LuAnn, veja todo esse maldito planeta. Você e Lisa — ele se virou para ir embora. — Vou verificar umas coisinhas. Volto logo.

Ela passou os dedos no passaporte e levantou os olhos para ele, com o rosto ligeiramente ruborizado.

— Por que não vai conosco, Charlie?

Ele se voltou lentamente, espantado.

— O quê?

LuAnn olhou para as mãos e respondeu, falando depressa.

— Eu estava pensando que agora tenho todo esse dinheiro. E você tem sido muito bom comigo e com Lisa. E eu nunca estive em lugar algum. E, bem, eu gostaria que você fosse conosco, quer dizer, se quiser. Vou compreender se não quiser.

— É uma oferta muito generosa, LuAnn — disse ele suavemente. Mas você na verdade não me conhece. E é um compromisso muito sério Para se ter com

alguém que não se conhece.

— Conheço tudo o que preciso conhecer — replicou LuAnn, obstinadamente. — Sei que você é uma boa pessoa. Sei que tem cuidado de nós. E Lisa ficou muito apegada a você — que é o que mais conta para mim.

Charlie sorriu na direção da garotinha e depois se virou de novo para LuAnn.

— Por que nós dois não pensamos nisso, LuAnn? E depois conversamos, está certo?

Ela encolheu os ombros, resignada, e tirou umas mechas de cabelo do rosto.

— Não estou pedindo você em casamento, Charlie, se é o que está pensando.

— Ainda bem, já que quase tenho idade suficiente para ser seu avô ele sorriu para ela.

— Mas eu realmente gosto de sua companhia. Nunca tive muitos amigos, muito menos gente com quem eu pudesse contar. Eu sei que posso contar com você. Você é meu amigo, não é?

Charlie tinha um nó na garganta quando respondeu.

— Sou, sim — ele tossiu e adotou um tom mais formal. — Ouvi o que você disse, LuAnn. Falaremos sobre isso quando eu voltar. Prometo.

Quando a porta se fechou atrás dele, LuAnn preparou Lisa para tirar seu cochilo. Enquanto a menina adormecia, LuAnn caminhava sem Parar de um lado para outro. Deu uma espiada pela janela a tempo de ver Charlie sair e atravessar a rua. Acompanhou-o até perdê-lo de vista. Não viu ninguém que parecesse o estar seguindo, mas havia muita gente em torno, não podia ter certeza. Suspirou e franziu a testa, preocupada. Estava fora do seu elemento ali. Tudo o que queria era que ele voltasse são e salvo. Começou a pensar na entrevista coletiva, mas quando visualizou um bando de estranhos fazendo todo tipo de perguntas, seus nervos ficaram tão tensos que desistiu.

As batidas na porta a assustaram. Virou-se, sem saber o que fazer.

— Serviço de quarto — disse uma voz. LuAnn foi até a porta e deu uma espiada pelo olho mágico. O rapaz que batera estava realmente com o uniforme de empregado do hotel.

— Não encomendei nada — disse ela, esforçando-se ao máximo para que sua voz não tremesse.

— É um bilhete e um pacote para a senhora.

— Da parte de quem? — replicou LuAnn.

— Não sei, senhora. Um homem no saguão pediu que eu entregasse.

Charlie?, pensou LuAnn.

— Ele disse meu nome?

— Não, ele apontou para a senhora quando estava se dirigindo para o elevador e só disse para entregar. Vai querer receber, senhora? — perguntou o

rapaz, pacientemente. — Se não quiser, deixo na caixa do seu quarto, no balcão de recepção.

LuAnn abriu um pouquinho a porta.

— Não, pode deixar — disse. Esticou a mão, o rapaz entregou a encomenda e ela fechou a porta na mesma hora. Ele ainda ficou ali por um instante, aborrecido por não ter ganhado uma gorjeta depois de tanto trabalho e tanta paciência. No entanto, como o tal homem lhe dera uma boa gratificação, no fim tudo deu certo.

LuAnn abriu o envelope e desdobrou a carta. A mensagem era curta e escrita em papel do hotel.

Cara LuAnn, como vai indo Duane? E o outro sujeito, afinal, com que você o atingiu? Mortinho da silva. Tomara que a polícia não descubra que você está hospedada aí. Espero que goste de ler as notícias de sua cidade natal. Vamos conversar. Dentro de uma hora. Tome um táxi para o Empire State. É um dos pontos mais característicos de Nova York e vale a pena ver. Deixe o grandalhão e a criança.

XXXOOO

LuAnn rasgou o papel pardo e o jornal apareceu. Era o *Atlanta Journal and Constitution*. Tinha uma página marcada com um pedaço de papel amarelo. Abriu o jornal nesta página e sentou-se no sofá.

Na agitação que sentiu ao ver o título, ficou de pé de um salto. Seus olhos foram devorando as palavras vorazmente, desviando-se de vez em quando para a foto que acompanhava o artigo. Se é que isso era possível, o trailer parecia ainda mais pobre e sujo assim em preto e branco. Na verdade, a impressão era de que ele ruíra e só faltava chegar o caminhão do lixo para levá-lo e a seus ocupantes para serem enterrados. O conversível também aparecia na foto, o capô comprido com o ornamento obsceno apontado para o trailer, como um cão de caça a dizer para seu dono: lá está sua presa.

Dois homens mortos, dizia o artigo. Drogas. Quando LuAnn leu o nome de Duane, uma lágrima pingou na página do jornal, borrando um pouco o texto. Ela se sentou e esforçou-se ao máximo para se recompor. O outro homem ainda não fora identificado. LuAnn continuou a ler rapidamente e só parou de procurar quando leu seu nome.

A polícia a procurava; o jornal não dizia se era acusada de algum crime, mas seu desaparecimento só serviu para aumentar as suspeitas. Estremeceu quando

leu que os corpos tinham sido encontrados por Shirley Watson. Uma lata com ácido fora encontrada no chão do trailer. LuAnn semicerrou os olhos. *Ácido*. Shirley fora lá para se vingar e levara o ácido, é claro. Duvidava, contudo, que a polícia fosse ligar para um crime que não ocorrera, com dois cadáveres para se preocupar.

Ainda se encontrava sentada, olhando o jornal em estado de choque, quando outra batida na porta quase a fez pular da cadeira.

— LuAnn?

Ela respirou fundo.

— Charlie?

— Quem mais poderia ser?

— Um minuto só — LuAnn deu um pulo, rasgou rapidamente o artigo e o enfiou no bolso, metendo a carta e o resto do jornal debaixo do colchão.

Ela destrancou a porta, Charlie entrou e livrou-se do casaco.

— Que idiotice achar que eu seria capaz de localizar alguma pessoa nessas ruas cheias de gente — ele fez um cigarro deslizar para fora do maço e acendeu, olhando, pensativo, pela janela. — Ainda assim, não consigo me livrar da impressão de que estavam nos seguindo.

— Pode ter sido apenas alguém querendo nos roubar, Charlie. Tem muito ladrão de rua por aqui, não é?

Ele sacudiu a cabeça.

— Os ladrões andam cada vez mais atrevidos, mas se fosse este o caso, teriam esbarrado em nós e saído correndo. Agarrado sua bolsa e desaparecido. A ideia não é puxar uma arma e nos assaltar no meio de um milhão de pessoas. A sensação que tive foi de que, quem quer que tenha sido, nos seguiu durante algum tempo Charlie virou-se para fitá-la. — Nada de diferente aconteceu a você na subida para o quarto, não é?

LuAnn sacudiu a cabeça e ficou olhando para ele assustada, com medo de falar.

— Que você saiba, alguém a seguiu até Nova York?

— Juro que não vi ninguém, Charlie. Juro que não vi — LuAnn começou a tremer. — Estou apavorada.

Ele pôs a mão enorme sobre o ombro dela.

— Tudo bem. Tudo bem. Provavelmente é apenas a minha paranoia fazendo com que eu me preocupe sem motivo. Mas às vezes vale a pena ser paranoico. Olhe, que tal irmos fazer mais algumas compras? Fará com que você se sinta melhor.

LuAnn apalpou nervosamente o artigo do jornal no bolso. Parecia sentir o coração na boca, buscando um espaço mais amplo, onde pudesse explodir. No

entanto, quando olhou para ele, seu rosto tinha uma expressão calma, cativante.

— Sabe o que realmente quero fazer?

— O que é? Basta dizer o que, e está resolvido.

— Quero fazer o cabelo. E talvez as unhas. Ambos estão horríveis. E, como a entrevista vai ser transmitida para todo o país e tudo, eu queria melhorar a aparência.

— Diacho, por que não pensei nisto antes? Bem, vamos procurar o salão de beleza mais grã-fino que tiver no catálogo...

— Tem um aí embaixo no saguão — interveio rapidamente LuAnn. — Vi quando entrei. Fazem cabelo, mãos e pés, e também tratamento facial, essas coisas. Parecia legal. Legal mesmo.

— Melhor ainda.

— Você pode ficar com Lisa?

— Podemos descer e acompanhar você.

— Charlie, pelo amor de Deus. Será que você não sabe?

— O quê? O que foi que eu falei?

— Homens não entram nos salões de beleza e ficam observando o que se passa lá dentro. Nós, mulheres, fazemos questão de conservar tudo em segredo. Se vocês soubessem o trabalho que dá para ficarmos bonitas, perdia a graça. Mas você tem uma tarefa.

— Qual é?

— Ficar boquiaberto quando eu voltar e me dizer como estou bonita.

— Acho que essa vai ser fácil.

— Não sei quanto tempo vou demorar. Pode ser que não consiga ser atendida logo. Tem uma mamadeira pronta na geladeira para quando Lisa tiver fome. Ela vai querer brincar por algum tempo e depois você pode colocá-la para dormir.

— Pode demorar à vontade, não tenho nenhum compromisso agendado. Uma cerveja, uma televisão a cabo — ele se adiantou e tirou Lisa do carrinho — e a companhia desta mocinha e sou um homem feliz.

LuAnn pegou seu casaco.

— Para que você precisa disso? — quis saber Charlie.

— Preciso comprar umas coisas pessoais. Tem uma farmácia do outro lado da rua.

— Pode comprar na lojinha aqui do hotel.

— Se os preços forem iguais ao do último hotel, prefiro atravessar a rua e economizar um dinheirinho, muito obrigada.

— LuAnn, você é uma das mulheres mais ricas do mundo, podia comprar todo o maldito hotel se quisesse!

— Charlie, venho economizando centavos durante toda a minha vida. Não

posso mudar da noite para o dia — ela abriu a porta e se virou para trás, tentando ocultar toda a ansiedade que sentia. Voltarei assim que puder.

Charlie adiantou-se na direção da porta.

— Não gosto disso. Se você vai sair, minha obrigação é sair junto.

— Charlie, sou uma mulher crescida. Posso tomar conta de mim. Além do mais, está na hora de Lisa tirar um cochilo e não podemos deixá-la aqui sozinha, podemos?

— Bem, não, mas...

LuAnn passou um braço pelo ombro dele.

— Você cuida de Lisa e eu volto assim que puder — ela se despediu de Lisa, com um beijo na bochecha, e de Charlie, apertando-lhe delicadamente o braço.

Depois que saiu, Charlie pegou uma cerveja na geladeira e acomodou-se numa poltrona com Lisa no colo e o controle remoto na mão. Parou de repente e deu uma espiada na direção da porta, a testa franzida denotando sua preocupação. Depois se voltou de novo para a televisão e esforçou-se ao máximo em motivar Lisa em mudar de um canal para outro.

14

QUANDO LUANN SALTOU DO TÁXI, levantou os olhos para o imponente prédio do Empire State. Não teve muito tempo, contudo, para examinar sua arquitetura, porque logo sentiu que alguém lhe dava o braço.

— Por aqui, assim podemos conversar — a voz era suave, reconfortante, mas de qualquer forma a deixou toda arrepiada de medo.

Ela libertou o braço e olhou para o dono da voz. Muito alto e de ombros largos, o rosto era bem barbeado, o cabelo grosso e escuro, combinando com as sobrancelhas.

Os olhos grandes e luminosos.

— O que você quer? — agora que podia ver a cara do homem que escrevera o bilhete, o medo de LuAnn cedeu rapidamente.

Romanello olhou em torno.

— Sabe, mesmo aqui em Nova York estamos sujeitos a chamar a atenção dos outros conversando na calçada. Tem uma delicatessen ali do outro lado da rua. Sugiro que continuemos nosso papo lá.

— E por que eu deveria aceitar a sua sugestão?

Ele cruzou os braços e sorriu para ela.

— Você leu meu bilhete e a notícia do jornal, é óbvio. Caso contrário não teria vindo.

— Li, sim — confirmou LuAnn, sem se abalar.

— Então acho que está claro que temos algumas coisas para discutir.

— Que diabos você tem a ver com o que houve? Estava envolvido naquele tráfico de drogas?

O sorriso desapareceu do rosto do homem e ele recuou por um instante. — Olhe...

— Não matei ninguém! — afirmou ela, energicamente.

Romanello olhou em torno, nervoso.

— Quer que todo mundo aqui tome conhecimento do nosso assunto?

LuAnn deu uma olhada nos transeuntes e dirigiu-se para a delicatessen pisando duro, com Romanello logo atrás.

Encontraram um reservado vazio nos fundos, isolado. Romanello pediu café e depois olhou para LuAnn.

— Alguma coisa do menu a interessa? — perguntou, amavelmente.

— Nada — ela o fulminou com um olhar.

Depois que a garçonete foi embora, ele prosseguiu.

— Já que eu entendo que você não queira prolongar essa conversa, vamos logo ao que interessa.

— Qual é seu nome?

Ele se espantou.

— Por quê?

— Basta que invente um nome, como parece que todo mundo anda fazendo.

— Do que é que você está falando — ele se interrompeu e considerou a questão por um momento. — Está bem, pode me chamar de Arco-Íris.

— Arco-Íris, hmmm, bem, pelo menos é um nome diferente. Você não parece com nenhum dos Arco-Íris que já vi.

— Está vendo só? É aí que você se engana — os olhos dele brilharam por um instante. — Os arco-íris têm potes de ouro nas extremidades.

— E daí? — a voz de LuAnn estava calma, mas sua expressão era apreensiva.

— E daí que você é meu pote de ouro, LuAnn. Na extremidade do meu Arco-Íris — ele levantou as mãos, como que a reforçar as palavras.

Ela começou a se levantar.

— Sente-se! — explodiu Romanello.

LuAnn parou no meio do caminho, olhando para o homem.

— Sente-se, a menos que queira passar o resto da vida na prisão em vez de no paraíso — a calma retornou a seus modos e ele, polidamente, fez um gesto para que ela tornasse a sentar. LuAnn sentou, sem tirar os olhos dele.

— Nunca me saí bem brincando de adivinhação, Sr. Arco-Íris. Por que não me diz logo o que quer dizer para a gente acabar com isso?

Romanello esperou um instante enquanto a garçonete voltava com seu café.

— Tem certeza de que não quer? Está bem frio aí fora. O frio olhar de LuAnn o compeliu a prosseguir. Esperou até que a garçonete colocasse o café e o creme na mesa, perguntasse se não queria mais nada e disse: , — Eu estive no seu trailer, LuAnn. Vi os corpos.

Ela levou um susto.

— O que você foi fazer lá? Ele se recostou na cadeira.

— Estava passando casualmente por lá.

— Você é mentiroso.

— Pode ser. O que interessa é que vi você chegar no trailer dirigindo aquele carro, o mesmo que aparece no jornal. Vi você puxar um monte de notas escondidas na cadeirinha da criança na estação do trem. Vi você dar um monte de telefonemas.

— E daí? Não posso dar telefonemas?

— O trailer tinha dois cadáveres e um carregamento de drogas, LuAnn. E era

o seu trailer.

Os olhos de LuAnn se estreitaram. Será que Arco-Íris era um policial querendo que confessasse? Ela se remexeu na cadeira.

— Não sei de que você está falando. Nunca vi corpo algum. Você deve ter visto uma outra pessoa saltando do carro. E quem disse que não posso guardar meu dinheiro onde bem entender? — ela enfiou a mão no bolso e pegou o artigo do jornal. — Olhe aqui. por que não pega isto e vai assustar outra pessoa?

Romanello pegou o pedaço de jornal, deu uma olhada e pôs no bolso. Quando sua mão voltou a ser visível, LuAnn ficou trêmula ao ver um pedaço da sua blusa manchada de sangue.

— Reconhece isto?

Ela lutou para manter a compostura.

— Parece uma blusa com algumas manchas. E daí? Ele sorriu.

— Sabe, pensei que você não fosse conservar a calma. Afinal, não passa de uma caipira burra. Achei que fosse cair de joelhos suplicando misericórdia.

— Desculpe não ser o que imaginou. E se me chamar de burra de novo vou acertar um pontapé no seu rabo.

De repente ele fechou a cara e abriu o zíper da jaqueta até aparecer a coronha da sua 9mm.

— A última coisa que você deve querer, LuAnn, é me irritar disse, controlado. — Quando me irrito, posso ser muito desagradável. Na verdade, posso ser violento.

LuAnn mal olhou para a arma.

— O que você quer de mim? Ele fechou o zíper de novo.

— Como disse antes, você é o meu pote de ouro.

— Eu não tenho dinheiro.

Ele quase riu.

— Por que você está aqui em Nova York, LuAnn? Aposto como você nunca havia saído daquela sua roça esquecida por Deus. Por que, entre tantos lugares, você ia querer vir logo para a Grande Maçã? — ele levantou a cabeça para ela, aguardando uma resposta.

LuAnn esfregou as mãos nervosamente sobre a superfície irregular da mesa. Não olhou para ele quando falou.

— Olhe, talvez eu saiba o que aconteceu no trailer. Mas não fiz nada de errado. Tive de sair, contudo, porque logo vi que ia me prejudicar muito. Nova York me pareceu servir tão bem quanto qualquer outro lugar — ela levantou a cabeça para examinar a reação dele à explicação que dera.

— O que você vai fazer com tanto dinheiro, LuAnn?

Ela quase ficou vesga.

— De que você está falando? Que dinheiro? O que estava na cadeirinha da minha filha?

— Espero que você não vá tentar enfiar cem milhões de dólares em uma cadeirinha de bebê — ele fixou os olhos no tórax dela. — Ou, a despeito de sua visível capacidade, dentro do seu sutiã.

LuAnn limitou-se a ficar encarando o homem, os olhos arregalados, só a boca é que se abriu um pouquinho.

— Vejamos — prosseguiu o homem —, qual o preço de mercado hoje em dia para chantagem? Dez por cento? Vinte por cento? Cinquenta? Quer dizer, mesmo sendo a metade, ainda estamos falando de milhões e milhões de dólares em sua conta. O que servirá para vestir você e a menina de jeans e tênis pelo resto da vida, certo? — ele tomou um gole do café e recostou-se, brincando com as pontas do guardanapo.

LuAnn agarrou com força o garfo que estava na sua frente. Pensou por um instante em atacá-lo, mas conteve o impulso.

— Você é maluco, mas muito maluco mesmo.

— A entrevista coletiva é amanhã, LuAnn.

— Que entrevista coletiva?

— Você sabe muito bem, é onde vai exibir aquele cheque enorme e sorrir e acenar para as massas desapontadas.

— Tenho de ir embora.

Num gesto brusco e muito rápido, a mão direita dele segurou o braço de LuAnn.

— Não penso que você vá conseguir gastar aquele dinheiro em uma cadeia.

— Eu disse que tenho de ir embora — ela libertou o braço e se levantou.

— Não seja idiota, LuAnn. Vi você comprar o bilhete. Eu assisti ao sorteio. Vi o seu sorriso enorme, o modo como saiu correndo e gritando pela rua. Eu me encontrava no interior do prédio da loteria quando você foi lá validar o bilhete ganhador. Então não tente me enganar. Você se levanta e sai daqui e a primeira coisa que faço é dar um telefonema e contar tudo o que vi para o xerife caipira daquela roça onde você mora. Em seguida mando para ele esse pedaço de pano. Não dá para acreditar na alta tecnologia que esses laboratórios têm hoje em dia. Vão reconstituir a sua blusa. E quando eu disser a eles que você acaba de ganhar na loteria e que talvez seja uma boa ideia prenderem você antes que desapareça, pode dar adeus à nova vida. Embora possa deixar sua filha num lugar legal enquanto estiver apodrecendo na cadeia.

— Eu não fiz nada de errado.

— Não, foi uma burrice, LuAnn. Você fugiu. E, quando a pessoa foge, os tiras sempre acham que ela é culpada. É assim que os tiras pensam. Vão pensar

que você estava metida naquilo até seu belo rabo. Neste exato momento, ainda não chegaram até você. Mas vão conseguir. Depende de você decidir se vão começar a concentrar as atenções em você dentro de dez minutos ou de dez dias. Mas que isso vai acontecer, não tenha dúvida. Se preferir dez minutos, considere-se morta. Se preferir dez dias, imagino que seu plano seja desaparecer para sempre. Porque é o que eu tenciono fazer. Você me paga uma vez só e eu garanto que não vou conseguir gastar todo o dinheiro nem que queira, da mesma forma que você. Deste jeito nós todos saímos ganhando. Do outro jeito, você se ferra. O que vai ser então?

Ela ficou imóvel por um momento, meio sentada, meio levantada. Depois sentou-se, devagar.

— Muito inteligente de sua parte, LuAnn.

— Não posso pagar metade. Ele fechou a cara.

— Não seja gananciosa, mocinha.

— Não tem nada a ver com ganância. Posso pagar a você, só não sei quanto, mas será um bocado. O bastante para você fazer o que bem entenda com a droga do dinheiro.

— Eu não compreendo — começou ele.

LuAnn o interrompeu e passou a usar a fraseologia de Jackson.

— Você não tem de entender nada. Mas se eu fizer isto, vou querer que me responda uma pergunta e diga a verdade. Caso contrário pode ir chamar a polícia que não ligo.

Ele a avaliou com cautela.

— Qual é a pergunta?

LuAnn debruçou-se sobre a mesa, falando baixo mas com intensidade.

— O que você estava fazendo no trailer? Não passou lá por acaso, sei disso com tanta certeza quanto estou sentada aqui.

— Olhe, que importância tem o motivo pelo qual eu me encontrava lá? — ele lançou o braço no ar num gesto casual.

LuAnn o pegou com a rapidez de uma cobra dando o bote e agarrou-o pelo pulso. Ele estremeceu quando ela apertou com uma força que não previra. Mesmo, como era um homem forte e grande, teria de usar toda sua força para se livrar daquelas garras de ferro.

— Eu disse que queria uma resposta, e é melhor que seja verdadeira.

— Eu ganho a vida — ele sorriu e corrigiu-se —, eu ganhava a vida resolvendo probleminhas para as outras pessoas.

LuAnn continuou a apertar o pulso dele.

— Que probleminhas? Tem a ver com as drogas que Duane andava vendendo?

Romanello já estava sacudindo a cabeça antes que ela terminasse.

— Eu não sabia nada sobre as drogas. Duane já estava morto. Talvez estivesse escondendo alguma coisa do seu fornecedor ou, quem sabe, ficando com a parte melhor e o outro cara chegou bem na hora. Quem sabe? Quem se importa?

— O que foi que aconteceu com o outro cara?

— Foi você que bateu nele, não foi? Como eu disse no bilhete, mortinho da silva — LuAnn não respondeu. Ele fez uma pausa e respirou fundo. — Pode largar meu pulso agora.

— Você não respondeu à minha pergunta. E, a menos que responda, pode ir chamar a polícia, porque não vai levar um centavo do meu dinheiro.

Romanello hesitou. Mas a cobiça acabou por sobrepujar o bom senso.

— Fui lá matar você — disse, sem rodeios.

LuAnn largou vagarosamente o pulso dele, após um apertão mais intenso. Ele levou um minuto esfregando para a circulação se restabelecer.

— Por quê? — indagou LuAnn, energicamente.

— Não pergunto nada. Faço o que me pagam para fazer.

— Quem lhe disse para me matar?

Ele deu de ombros.

— Não sei.

LuAnn deu novo bote para pegar-lhe o pulso, mas desta vez ele estava preparado e tirou rapidamente o braço da zona de perigo.

— Estou dizendo que não sei. Meus clientes não aparecem para tomar um cafezinho e bater papo sobre a encomenda que querem fazer. Eles telefonam, recebo metade do dinheiro como adiantamento. A outra metade quando o serviço for feito. Tudo pelo correio.

— Ainda estou viva.

— Exatamente. Mas só porque cancelaram o serviço.

— Quem cancelou?

— Quem me contratou.

— Quando foi que você recebeu o telefonema do cancelamento?

— Eu estava dentro do trailer. Vi você sair do carro e ir embora. Fui até meu carro e recebi o telefonema. Por volta das dez e quinze.

LuAnn recostou-se quando vislumbrou a verdade. Jackson. Então era assim que ele resolvia o problema dos que não concordavam com sua proposta.

Como ela não disse nada, Romanello adiantou-se um pouco.

— E agora que respondi a todas as perguntas, por que não combinamos os detalhes do nosso trato?

LuAnn o encarou por todo um longo minuto antes de falar.

— Se eu descobrir que está mentindo, não vai gostar nem um pouco.

— Sabe de uma coisa? Um assassino profissional normalmente assusta mais as pessoas do que parece ser o seu caso — disse ele, os olhos escuros dardejando. Abriu outra vez o zíper da jaqueta, exibindo novamente a coronha da9mm. — Não force a barra demais! — seu tom de voz era ameaçador.

LuAnn lançou um olhar de desprezo para a pistola antes de encará-lo.

— Cresci no meio de gente maluca, Sr. Arco-Íris. Caras de porre apontando escopetas calibre doze para os outros e depois puxando o gatilho só de farra, ou cortando tanto um sujeito que nem a mãe dele o reconheceria, só para apostar quanto tempo sangrava até morrer. Tem também a história do rapazinho negro que acabou degolado dentro do lago, capado porque alguém achou que estava muito assanhado para cima de uma garota branca. Tenho quase certeza de que meu pai esteve envolvido neste caso, o que não quer dizer que a polícia de lá fosse se incomodar com isso. Assim, sua pistolinha e esse seu papo de valentão para mim não significam nada. Vamos acabar logo com isso e depois veja se some da minha vida.

O perigo que brilhava nas profundezas dos olhos de Romanello desapareceu rapidamente.

— Está bem — concordou ele, baixinho, fechando o zíper da jaqueta mais uma vez.

15

MEIA HORA DEPOIS, Romanello e LuAnn saíram da delicatessen. LuAnn entrou num táxi e voltou para o hotel, onde, para confirmar a história que contara para Charlie, passaria as próximas horas no salão de beleza. Romanello saiu caminhando pela calçada na direção oposta, assobiando baixinho. Aquele fora um excelente dia. A combinação que fizera com LuAnn era cem por cento à prova de erros, mas seu instinto lhe dizia que ela honraria o acordo que fizera. Se o primeiro pagamento não estivesse em sua conta até o fim do segundo dia útil a contar daquele, entraria em contato com a polícia de Rikersville. Ela pagaria, Romanello tinha certeza disso. Por que se preocupar tanto?

Já que seu estado de espírito era festivo, decidiu parar e comprar uma garrafa de Chianti no caminho do apartamento onde morava. Seus pensamentos já estavam às voltas com a mansão que compraria em algum país bem distante. Ganhara um bom dinheiro, ao longo dos anos, exterminando seres humanos, mas sempre fora cauteloso a respeito de como gastá-lo ou guardá-lo. A última coisa que queria eram os fiscais da Receita Federal batendo em sua porta pedindo para ver comprovantes de rendimento. Agora esse problema ficara para trás. A imensa e instantânea fortuna permitia que ele voasse para longe do alcance dos rapazes da Receita e de todo mundo. Sim, fora um grande dia, concluiu Romanello.

Sem conseguir pegar um táxi, optou pelo metrô. Estava tão cheio que mal conseguiu encontrar lugar para ficar de pé. Após algumas paradas, forçou novamente caminho por entre as massas e saltou. Meteu a chave na porta, fechou-a e trancou de novo. Foi direto para a cozinha onde deixou a garrafa de vinho. Já ia tirar o paletó e se servir de um copo de Chianti quando bateram na porta. Deu uma espiada no olho mágico. O uniforme marrom do homem do Serviço de Entrega Postal encheu seu campo visual.

— O que é que há? — perguntou, através da porta fechada.

— Encomenda para Anthony Romanello, neste endereço — o homem do Correio examinava atarefadamente o pacote, uma caixa grande de uns dezesseis por vinte e cinco centímetros estufada no centro.

Romanello abriu a porta.

— Você é Anthony Romanello? Ele fez que sim.

— Assine aqui, por favor — ele entregou a Romanello uma caneta presa ao que parecia ser uma prancheta eletrônica.

— Você não está tentando me empurrar documentos legais, está? —

Romanello sorriu quando assinou para apanhar o pacote.

— Eles não iam ter o dinheiro que eu ia querer para fazer esse serviço — replicou o homem do Serviço de Entrega Postal. — Meu cunhado era oficial de justiça em Detroit.

Depois do segundo tiro que deram nele, foi dirigir uma perua de padaria. E aqui vamos nós. Tenha uma boa tarde.

Romanello fechou a porta e apalpou o conteúdo do pacote através da cartolina. Seus lábios se abriram num sorriso. O segundo pagamento pela liquidação de LuAnn Tyler.

Ele fora avisado da possibilidade de o projeto ser cancelado. Mas seu empregador lhe assegurara que o resto do dinheiro lhe seria pago de qualquer maneira. O sorriso congelou no seu rosto quando de repente se deu conta de que o pagamento devia ter sido mandado para seu escritório. Ninguém devia saber onde ele morava ou o seu nome verdadeiro.

Virou-se ao ouvir um barulho às suas costas.

Jackson emergiu das sombras da sala de estar. Vestido tão imaculadamente como no dia em que entrevistara LuAnn, Jackson encostou-se no portal da cozinha e examinou Romanello de alto a baixo por trás dos óculos escuros. Havia mechas brancas nos cabelos de Jackson e a barba cuidadosamente aparada lhe cobria o queixo. As bochechas eram grandes e estufadas e as orelhas vermelhas e achatadas, ambas o resultado de moldes cuidadosamente protegidos.

— Quem diabos você é e como foi que entrou aqui?

Em resposta, Jackson apontou um dedo enluvado para o pacote.

— Abra.

— O quê? — retrucou Romanello, resmungando.

— Conte o dinheiro e certifique-se de que está todo aí. Não se preocupe, não vai magoar meus sentimentos se fizer isso.

— Olhe...

Jackson tirou os óculos e seus olhos se fixaram, penetrantes, em Romanello.

— Abra — a voz mal passava de um sussurro e era tão pouco ameaçadora que ele não saberia dizer por que estaria tremendo por dentro. Afinal de contas, matara seis pessoas premeditadamente no decurso dos últimos três anos. Ninguém o intimidava.

Ele rasgou rapidamente o pacote e o conteúdo se derramou. Romanello observou os pedaços de jornal cortados voarem até o chão.

— Isto era para ser engraçado? Se era, não estou rindo — ele fulminou Jackson com um olhar.

Jackson sacudiu a cabeça tristemente.

— Assim que eu desliguei, depois de falar com você, soube que o meu

pequeno lapso acabaria sendo algo bastante sério. Mencionei LuAnn Tyler e dinheiro, e dinheiro, como você bem sabe, induz as pessoas a fazerem coisas estranhas.

— De que exatamente você está falando?

— Sr. Romanello, o senhor foi contratado para realizar um trabalho para mim. Uma vez que esse trabalho foi cancelado, sua participação nos meus negócios teve um fim. Ou, dito de outra forma: sua participação nos meus negócios teria, supostamente, terminado.

— E foi o que aconteceu. Não matei a moça e tudo o que recebo é um monte de jornal picado. Sou eu quem devia estar furioso.

Jackson foi enumerando os pontos com a ajuda dos dedos.

— Você seguiu a mulher de volta para Nova York. Na verdade, seguiu-a por toda a cidade. Mandou-lhe um bilhete e, embora eu não tenha tido acesso à conversa propriamente dita, pelo aspecto geral o assunto tratado não foi agradável.

— Como diabos você pode saber de tudo isso?

— Há muito pouca coisa que eu não saiba, Sr. Romanello. Realmente não há — ele colocou os óculos de novo.

— Bem, você não pode provar nada.

Jackson riu, uma risada que fez cada pelo do cabelo da nuca de Romanello se levantar na direção do céu e fez com que ele procurasse o cabo da pistola, uma pistola que não mais se encontrava ali.

Jackson olhou para o rosto espantado do homem e sacudiu a cabeça tristemente.

— Os trens do metrôs viajam cheios demais a esta hora da noite. Pelo que sei, os batedores de carteira podem atuar impunemente sobre as pessoas honestas. Impossível dizer de que mais você dará falta.

— Bem, como eu disse, você não pode provar nada. E também não pode procurar a polícia. Você me contratou para matar alguém, o que não trabalha muito em prol de sua credibilidade.

— Não tenho interesse em procurar as autoridades. Você desobedeceu minhas instruções e, ao fazê-lo, pôs em perigo meus planos. Vim aqui para lhe informar que tive conhecimento de tudo isso. Para deixar bem claro que o resto do dinheiro não será pago devido a suas ações impróprias e que decidi quanto à punição adequada que lhe cabe. Uma punição que estou querendo aplicar inteiramente agora.

Romanello esticou-se nos seus dois metros e tanto, ultrapassando em muito a altura de Jackson, e deu uma gargalhada.

— Bem, se você veio aqui para me punir, espero que tenha trazido alguém

para ajudar.

— Prefiro cuidar dessas coisas pessoalmente.

— Bem, então este vai ser seu último trabalho — como um raio, a mão de Romanello desceu até seu tornozelo e no segundo seguinte ele já estava ereto de novo, a faca de lâmina denteada na mão direita. Ele adiantou-se mas parou ao ver o aparelho na mão de Jackson.

— As tão alardeadas vantagens da força e do tamanho superior são quase sempre exageradas, não acha? — disse Jackson. Os dois dardos saíram simultaneamente da pistola elétrica e atingiram Romanello bem no meio do tórax. Jackson continuou a comprimir o gatilho. Romanello desabou como se tivesse sido abatido por uma machadada, e ficou no chão, olhando para cima.

— Vou conservar o gatilho comprimido por um minuto completo, o que o deixará incapacitado por um mínimo de quinze minutos, tempo mais do que suficiente para os meus propósitos.

Romanello observou, impotente, Jackson ajoelhar-se a seu lado, puxar rapidamente os dois dardos e colocar o aparelho de volta no bolso. Em seguida abriu a camisa do pistoleiro.

— Muito peludo, Sr. Romanello — comentou. — O legista jamais verá os dois furinhos no seu peito-o que ele tirou a seguir do bolso do casaco teria deixado Romanello tonto, se já não estivesse. Sentindo a língua grande e seca como um galho de árvore, Romanello achou que tinha sofrido um ataque. Os membros do seu corpo estavam inutilizados; não tinha a menor sensação física nos braços e nas pernas. Ainda podia enxergar, contudo, e de repente desejou que tivesse sido vendado. Foi com horror que viu Jackson examinar metodicamente a seringa hipodérmica que tinha em mãos.

— Não sei se você sabe, mas é basicamente uma solução salina inócua — disse Jackson, como se estivesse se dirigindo a alunos de ciências. — Eu digo basicamente, porque o que está dissolvido aqui pode ser efetivamente letal sob certas condições — ele sorriu para Romanello e parou por um momento, avaliando o significado de suas palavras, e depois continuou. — Esta solução contém prostaglandina, uma substância produzida naturalmente pelo nosso corpo. Os níveis normais são medidos em microgramas. Estou prestes a lhe aplicar uma dose vários milhares de vezes maior, na verdade medida em miligramas. Quando ela atingir seu coração, fará com que as artérias coronárias se constranjam tão severamente que causará o que os médicos designam tecnicamente como infarto do miocárdio ou oclusão da coronária, também conhecido como ataque do coração — do tipo devastador. Para lhe dizer a verdade, nunca combinei os efeitos da eletrificação causados por aquela pistola com este método de infligir a morte. Talvez seja interessante observar o processo

— Jackson não exibia mais emoção do que se estivesse prestes a dissecar uma rã em uma aula de biologia. — Como a prostaglandina é produzida naturalmente no corpo, conforme mencionei, também é metabolizada naturalmente, o que significa que não levantará suspeitas e não deixará resíduos em quantidade relevante para o médico-legista detectar. Trabalho atualmente em um veneno ao qual anexarei uma enzima protegida por um revestimento especial. Esta capa protetora é quebrada rapidamente pelos componentes da corrente sanguínea; o veneno, no entanto, terá bastante tempo para fazer seu trabalho antes que isso ocorra. Uma vez que a camada protetora desapareça, as enzimas reagirão imediatamente com a substância venenosa e a atacarão, chegando na verdade a destruí-la. Usam um processo similar em vazamentos de petróleo. É absolutamente impossível se descobrir o veneno. Eu estava planejando usar este novo sistema com você hoje, mas como ainda não está perfeito eu detesto apressar coisas desse gênero. A química, afinal, requer paciência e precisão. Por isso tive de recorrer de novo à velha e confiável prostaglandina.

Jackson segurou a agulha bem perto do pescoço de Romanello, procurando o local perfeito.

— Vão encontrar você aqui, um homem jovem e musculoso, tombado no auge da vida por causas naturais. Mais um dado estatístico no atual debate sobre a saúde.

Os olhos quase explodiram quando ele lutou com toda a sua força de vontade para se livrar da inércia que a arma de Jackson causara. As veias incharam com o esforço e Jackson agradeceu-lhe intimamente por estar lhe proporcionando um alvo tão conveniente para a injeção, pouco antes de a agulha mergulhar na veia jugular dele e que o conteúdo da seringa fosse lançado dentro do seu corpo. Jackson sorriu e, delicadamente, deu uns tapinhas na cabeça de Romanello, enquanto as pupilas do moribundo giravam para trás e para a frente como um metrônomo.

Jackson extraiu uma navalha de barba da bolsa.

— Agora, como um médico de visão aguçada poderia reconhecer o furo da agulha, temos de tratar disso — usando a navalha, Jackson cortou a pele de Romanello precisamente no local onde a agulha da seringa hipodérmica entrara. Uma gota de sangue flutuou até a superfície da pele. Jackson recolocou a lâmina na bolsa. Pegou um Band-Aid, colou-o transversalmente ao corte e recostou-se para estudar o fruto do seu trabalho, sorrindo.

— Sinto muito ter sido obrigado a isto já que seus serviços poderiam me ser úteis no futuro — Jackson pegou uma das mãos inertes de Romanello e com ela fez o sinal da cruz no peito dele. — Sei que fui criado como católico, Sr. Romanello — disse, muito sério —, embora tenha, evidentemente, me afastado

dos ensinamentos da Igreja, mas receio que um padre para lhe administrar a extrema-unção esteja completamente fora de questão. De qualquer forma, a extrema-unção dificilmente adiantaria alguma coisa tendo em vista o lugar para onde você vai, não acha? Afinal de contas, o purgatório é um conceito tão bobo — ele pegou a faca de Romanello e colocou-a de volta na bainha presa ao tornozelo.

Jackson já ia se levantando quando notou o pedaço de jornal que se projetava para fora do bolso do paletó de Romanello. Puxou-o rapidamente e, quando leu o artigo detalhando a história dos dois assassinatos, drogas, desaparecimento de LuAnn e a operação que a polícia desencadeara para descobri-la, fechou a cara. Aquilo explicava muita coisa. Romanello a estava chantageando ou tinha tentado chantageá-la. Se tivesse sabido daquilo um dia antes, sua solução teria sido bem simples. Teria executado LuAnn na mesma hora. Agora não podia mais fazer isso e odiava o fato de ter perdido parcialmente o controle da situação. Ela já fora confirmada como portadora do bilhete sorteado e em menos de vinte e quatro horas seria apresentada ao mundo como a mais recente ganhadora do grande prêmio da loteria. Sim, agora os pedidos dela faziam sentido. Ele dobrou o jornal e guardou no bolso. Gostasse ou não, estava inapelavelmente associado a LuAnn, com todos os seus defeitos e imperfeições. Era um desafio e, quanto mais não fosse, ele adorava desafios. Iria recuperar, contudo, o controle. Iria lhe dizer exatamente o que tinha de fazer, e, se ela não seguisse precisamente suas instruções, a mataria depois de ganhar o prêmio.

Jackson recolheu o recorte de jornal e os restos do pacote do Correio. O terno escuro que vestia saiu com um puxão em certas partes discretas do vestuário, e, junto com os enchimentos — agora revelados — que proporcionaram a Jackson seu perfil corpulento, foi metido num recipiente destinado ao transporte de pizzas que Jackson pegou num canto da sala. Por baixo de tudo, ele, muito mais magro, vestia uma camisa azul e branca que o caracterizava como entregador da Domino's Pizza. De um dos bolsos ele retirou um pedaço de fio. E, dirigindo-o cuidadosamente por debaixo da massa com que disfarçara o nariz, retirou-a e a colocou também na caixa de pizza. Da mesma forma livrou-se da verruga, barba e peças destinadas às orelhas. Passou no rosto um cotonete embebido em álcool de um frasco que tirou do bolso, removendo as sombras e luzes que tinham envelhecido seu rosto. As mãos de Jackson trabalhavam rápida e metodicamente graças aos muitos anos de prática. Por último, com a ajuda de um pente, passou um gel por entre os fios do cabelo, removendo efetivamente as mechas grisalhas que aplicara com spray. Verificou a aparência já alterada em um espelho pequeno pendurado na parede. Em seguida, o camaleão começou rapidamente a se transformar de novo, colando um

bigodinho eriçado e prendendo um rabo-de-cavalo comprido que saía por baixo do boné dos Yankees que ele pôs na cabeça. Óculos escuros lhe cobriram os olhos; os sapatos sociais foram substituídos por tênis. Mais uma vez verificou a aparência no espelho: completamente diferente. Teve de sorrir. Era um talento e tanto. Quando deixou o prédio poucos segundos mais tarde, as feições de Romanello estavam relaxadas, pacíficas. E assim ficariam para sempre.

16

— TUDO VAI DAR CERTO, LUANN — disse Roger Davis, o rapaz bonito que servira de mestre de cerimônias do sorteio da loteria, ao mesmo tempo em que dava uns tapinhas carinhosos na mão dela. Sei que vai ficar nervosa, mas eu estarei a seu lado. Faremos com que tudo seja o mais simples possível, dou-lhe minha palavra concluiu, galante.

Eles se encontravam em uma sala luxuosa no interior do prédio da loteria, separada do auditório por um corredor onde uma massa de jornalistas e pessoas comuns aguardam a chegada da mais recente ganhadora da sorte grande. LuAnn pusera um vestido azul-claro na altura dos joelhos, sapatos combinando, e tinha o cabelo e a maquiagem impecáveis graças aos funcionários da Comissão da Loteria. O corte no queixo cicatrizara tão bem que optara por disfarçá-lo com cosmético, dispensando o curativo.

— Você está linda, LuAnn — disse Davis. — Nunca vi uma ganhadora tão atraente, falando sério — ele se sentou ao lado de LuAnn, a perna encostada na dela.

LuAnn respondeu com um sorriso rápido, afastou-se alguns centímetros e voltou sua atenção para Lisa.

— Não quero que Lisa vá lá no palco. Tantas luzes e pessoas iam fazer com que morresse de medo.

— Tudo bem. Ela pode ficar aqui. Teremos alguém tomando conta dela, é claro, a cada minuto. A segurança aqui é muito rigorosa, como pode imaginar — ele fez uma pausa para mais uma vez avaliar o corpo bem torneado de LuAnn. — Mas anunciaremos que você tem uma filha. Esta é a razão pela qual sua história é tão boa. Mãe jovem e filha pequena, toda essa fortuna. Você deve estar se sentindo feliz — ele deu uma palmadinha carinhosa no joelho de LuAnn e deixou que a mão se demorasse um pouco antes de retirá-la. Mais uma vez LuAnn se perguntou se ele estaria por dentro de tudo. Se sabia que ela havia ganhado uma imensa fortuna por intermédio de uma fraude.

O tipo dele era bem esse, concluiu. O tipo do sujeito que faria qualquer coisa por dinheiro. Imaginou que ele deveria ser muito bem pago para ajudar a realização de uma fraude tão grande.

— Quanto tempo falta? — perguntou ela.

— Uns dez minutos — sorriu para ela de novo e disse, no tom mais casual que pôde. — Olhe só, você não foi exatamente clara quanto à sua situação conjugal. O seu marido virá...

— Não sou casada — apressou-se a dizer LuAnn.

— Oh, bem, então o pai da sua filha virá? Temos de saber por causa do nosso planejamento.

LuAnn o encarou diretamente.

— Não, ele não virá.

Davis sorriu cheio de confiança e aproximou-se mais um pouco.

— Eu entendo. Hummm — uniu as pontas dos dedos das mãos e as apoiou nos lábios por um momento, para logo em seguida colocar um braço nas costas da cadeira dela. — Bem, não sei quais são seus planos mas, se precisar de alguém para lhe mostrar a cidade, estou inteiramente à sua disposição, LuAnn, vinte e quatro horas por dia. Sei que, depois de viver a vida inteira numa cidadezinha uma metrópole como Nova York — Davis levantou o outro braço teatralmente na direção do teto — deve ser esmagadora. Mas eu a conheço como a palma da minha mão. Os melhores restaurantes, lojas, shoppings. Poderíamos nos divertir um bocado — ele se chegou ainda mais para perto, os olhos envolvendo os contornos do corpo de LuAnn enquanto os dedos escorregavam na direção do seu ombro.

— Oh, sinto muito, Sr. Davis. Acho que o senhor deve ter entendido mal. O pai de Lisa não vem para a entrevista, mas vem depois. Teve de pedir licença antes.

— Licença?

— Ele é da Marinha. Serve na tropa especial da Marinha conhecida como SEALS, já ouviu falar? — LuAnn sacudiu a cabeça e desviou o olhar, como se estivesse tendo lembranças chocantes. — Deixe eu lhe dizer uma coisa, me apavoro só de pensar em algumas coisas que ele me contou. Mas se existe uma pessoa neste mundo capaz de cuidar de si é o Frank. Ora, ele pôs seis sujeitos a nocaute em um bar só porque achou que estavam se engraçando para o meu lado. Provavelmente os teria matado se a polícia não chegasse a tempo e o tirasse de lá, e mesmo assim foram necessários cinco policiais, cada um maior que o outro.

Boquiaberto, Davis afastou-se de LuAnn. — Meu Deus do céu!

— Mas não diga nada a esse respeito na entrevista, Sr. Davis. O trabalho do Frank é ultrassecreto e ele vai ficar enfurecido com o senhor se disser alguma coisa. Enfurecido mesmo! — ela o encarou intensamente, observando o medo estampado no seu rosto de menino bonito.

Davis endireitou-se abruptamente na cadeira.

— Não, é claro que não, nem uma palavra. Juro — Davis lambeu os lábios ressequidos pelo medo e passou a mão trêmula no cabelo lambuzado de gel. — É melhor eu ir dar uma olhada nos preparativos, LuAnn — ele conseguiu forçar

um sorriso tímido, e levantou a mão direita fechada e trêmula com o polegar para cima.

Ela respondeu com gesto igual.

— Muito obrigada pela cooperação, Sr. Davis.

Depois que ele se foi ela se virou para Lisa.

— Você nunca vai ter de fazer uma coisa dessas na vida, minha boneca queridinha. E dentro de muito pouco tempo sua mãe também não terá mais de se submeter a ninguém.

Aninhou Lisa no colo e ficou olhando firme para o relógio da parede, vendo o tempo passar.

Charlie olhou para o auditório entupido de gente, enquanto metodicamente abria caminho para a frente do palco. Parou em um ponto de onde podia ver claramente e aguardou. Gostaria que estivesse no palco do auditório com LuAnn, dando-lhe o que sabia que ela mais necessitava: apoio moral. Isso, contudo, está fora de questão.

Ele tinha de permanecer no fundo do palco, levantar suspeitas não fazia parte da descrição do seu emprego. Veria LuAnn depois que terminasse a entrevista coletiva.

Também teria de lhe dizer a que decisão chegara quanto à proposta para acompanhá-la ou não. O problema era que ainda não se decidira. Meteu a mão no bolso em busca de um cigarro, mas se lembrou de que não era permitido fumar naquele prédio. Ele realmente ansiava pela influência calmante do tabaco e, por um breve instante, chegou a pensar em sair para fumar, mas não havia tempo suficiente.

Suspirou e os ombros largos arriaram. Passara a maior parte da vida vagando de um lugar para o outro, com nada que se parecesse com um plano abrangente, que incluísse objetivos de longo prazo. Amava crianças e nunca teria filhos. Era bem pago, mas mesmo que o dinheiro tivesse sido muito importante na melhoria das suas condições físicas de vida, na realidade não contribuíra de maneira destacada para sua felicidade. No entanto, na idade em que estava, imaginava que seria tolice querer mais.

Os caminhos que seguira na juventude tinham praticamente ditado como seriam os anos remanescentes de sua vida. Até agora. O que LuAnn acabava de lhe oferecer era uma saída. Não ia se iludir pensando que LuAnn estivesse sexualmente atraída por ele, e, diante da fria face da realidade, longe da sua presença despretensiosa e no entanto incrivelmente sedutora, Charlie concluiu que tampouco ele estava atraído por ela desta forma. O que desejava mesmo era sua amizade sincera e sua bondade — dois elementos que sempre haviam faltado em sua vida. O que o trazia de volta à decisão que tinha de tomar: ir ou não com

ela? Se fosse, tinha poucas dúvidas de que desfrutaria demais a companhia de LuAnn e Lisa, além de representar a figura do pai para a garotinha. Por alguns anos, pelo menos. Mas ele tinha passado a maior parte da noite pensando sobre o que aconteceria após os primeiros anos.

Era inevitável que a bela LuAnn, com sua nova fortuna e o refinamento que acompanha a riqueza, passaria a ser alvo de dezenas dos solteiros mais cobiçados do mundo.

Ela era muito jovem, tinha uma filha e ia querer mais. Claro que se casaria com um desses homens, que assumiria a responsabilidade de ser o pai de Lisa e agiria de acordo. Seria o homem da vida de LuAnn. E onde isso deixaria Charlie? Ele adiantou-se, espremendo-se entre dois câmeras da CNN enquanto pensava mais uma vez naquilo.

Em algum ponto, avaliava Charlie, seria compelido a deixá-las. Não era como se ele fosse da família ou algo assim. E, quando chegasse essa hora, seria doloroso, mais doloroso do que fora permitir que usassem seu corpo como saco de pancadas durante a juventude. Depois de alguns uns dias com ela e a filha, sentia uma ligação como não fora capaz de formar em mais de dez anos de casamento com a ex-mulher. Como seria após três ou quatro anos de convivência? Conseguiria afastar-se calmamente de Lisa e da mãe dela sem sofrer uma dor irreparável, sem um sério problema psicológico? Ele sacudiu a cabeça. Mal conhecia aquela gente simples do Sul e já tinha de tomar uma decisão cujas consequências iriam repercutir no futuro.

Uma parte dele dizia para que simplesmente aceitasse e desfrutasse ao máximo. Pode ser que você morra de um ataque do coração daqui a um ano, e, assim, que droga de importância tinha? A outra parte, contudo, parecia estar ganhando. Sabia que podia ser amigo de LuAnn pelo resto da vida, mas não sabia se podia ser amigo dela bem de perto, todos os dias, sabendo que podia terminar abruptamente.

— Que droga! — resmungou. No fundo tudo não passava de inveja, concluiu. Se ao menos tivesse vinte anos — ele deu de ombros. — OK, se fosse trinta anos mais moço. Inveja do sujeito que acabaria por conquistá-la. O sujeito que ganharia seu amor, um amor que ele tinha certeza de que duraria para sempre, pelo menos da parte dela. E que os céus ajudassem o pobre coitado que a traísse. Ela era dura na queda, era fácil de ver. Uma mulher geniosa, dona de um coração de ouro — mas isto era justamente a parte maior da atração. Polos opostos dentro da mesma casca frágil de pele e ossos e nervos são uma raridade.

Charlie interrompeu abruptamente seus devaneios e levantou os olhos para o palco. A multidão toda parecia ter ficado mais tensa ao mesmo tempo, como bíceps contraídos.

As câmeras começaram a disparar quando LuAnn, alta, calma e com porte de rainha, entrou, caminhando graciosamente, no campo de visão da plateia e parou diante de toda aquela gente. Charlie sacudiu a cabeça, maravilhado.

— Droga! — murmurou. Aquilo tornava sua decisão ainda mais difícil.

O xerife Roy Waymer quase cuspiu a cerveja que tomava quando viu LuAnn acenando na tela da televisão.

— Jesus, Maria, José! — ele olhou para Doris, sua mulher, que estava com os olhos fixos na tela de vinte e sete polegadas.

— Você a procura em todo o município e aí está ela, em plena cidade de Nova York — exclamou Doris. — O topete dessa garota. E acaba de ganhar todo aquele dinheiro — o tom de voz amargurado de Doris foi ressaltado pelo retorcer de suas mãos, e combinava com os vinte e quatro bilhetes de loteria rasgados na lata de lixo do quintal.

Waymer lutou para liberar seu considerável volume da espreguiçadeira e dirigiu-se para o telefone.

— Falei com todas as estações de trem das cercanias e com o aeroporto de Atlanta, mas ainda não tive resposta de ninguém. Mas não imaginei que ela pudesse ter ido para Nova York, verdade seja dita. Não transmiti um alerta geral porque não achei que LuAnn fosse capaz de sair daqui do município, muito menos do estado. Quer dizer, a garota não tem nem mesmo um carro. E ainda mais tendo de carregar a criança. Eu tinha quase certeza absoluta de que ela teria ido para a casa de alguma amiga.

— Bem, parece que não há dúvida de que ela passou a perna em você — Doris apontou para LuAnn na tela da televisão. — Certo ou errado não há muita gente por aí com essa aparência, isso posso garantir.

— Bem, mamãe — ele disse para a mulher —, não temos exatamente o efetivo do FBI. com Freddie fora por causa da coluna, só tenho dois policiais uniformizados. E a polícia do estado está atolada até os ossos de trabalho; não podem me ceder ninguém — ele pegou o aparelho.

Doris olhou para ele ansiosamente.

— Você acha que LuAnn matou Duane e o outro rapaz?

Waymer sustentou o telefone perto da orelha e deu de ombros.

— LuAnn era capaz de surrar a maioria dos homens que conheço. Com toda a certeza podia ter acabado com Duane. Mas o outro sujeito era um cavalo, um cara com quase cento e cinquenta quilos — ele começou a digitar um número. — Mas ela poderia ter se esgueirado por trás dele e quebrado aquele telefone na cabeça dele. LuAnn esteve numa briga... foi vista por mais de uma pessoa com um curativo no queixo naquele dia.

— As drogas estavam por trás de tudo, isso eu lhe garanto. Aquela pobre

criancinha metida num trailer com aquele monte de drogas.

Waymer balançava a cabeça.

— Eu sei disso.

— Aposto como LuAnn era o cérebro de toda a operação. Era inteligente, todos nós sabíamos disso. E sempre se considerou muito superior a nós. Disfarçava, mas todo mundo podia ver isso. O seu lugar não era aqui, ela queria ir embora, mas não tinha como. O caminho que escolheu foi o dinheiro das drogas, pode anotar minhas palavras, Roy.

— Estou ouvindo, mamãe. Só que ela não precisa mais do dinheiro das drogas — ele fez um gesto com a cabeça na direção da tela da televisão.

— É melhor você se apressar antes que ela fuja.

— Mamãe, ela é um dos possíveis suspeitos em uma investigação de duplo homicídio — disse ele, dando-se ares de importância.

— Mesmo que não tenha feito nada de errado, será o que chamam de principal testemunha.

— É, mas você pensa que aqueles ianques da polícia de Nova York vão se preocupar com aquilo? De jeito nenhum!

— Polícia é polícia, Doris. Do Norte ou do Sul. Lei é lei.

Descrente das virtudes dos seus compatriotas do Norte, Doris fez um muxoxo e de repente assumiu um ar esperançoso.

— Bem, se ela for presa não terá de devolver o dinheiro que ganhou? — Doris olhou de novo para a tela da televisão, onde aparecia o rosto sorridente de Lu Ann, e debateu mentalmente se não valeria a pena iria fora e tentar reconstituir os vinte e quatro bilhetes rasgados. — com toda a certeza ela não precisaria de todo aquele dinheiro na prisão, não é?

O xerife Waymer não respondeu. Estava tentando agora falar com a polícia de Nova York.

LuAnn segurou o cheque grande, acenou e sorriu para a plateia e depois respondeu a uma rajada de perguntas disparadas de todos os cantos do imenso salão. Sua imagem foi levada a todo o território dos Estados Unidos e depois para o resto do mundo.

Tinha planos definitivos para o dinheiro? Se tinha, quais eram?

— Vocês saberão — respondeu LuAnn. — Vocês vão ver, mas vão ter de esperar.

Houve uma série de perguntas previsivelmente burras tais como: "Você acha que tem sorte?"

— Tenho uma sorte incrível — respondeu ela. — Mais do que vocês jamais conseguirão imaginar.

— Vai gastar tudo em um só lugar?

— Não, a menos que seja um lugar realmente muito, muito grande.

— Você ajudará sua família?

— Ajudarei a todas as pessoas de quem gosto.

Três vezes sua mão foi pedida em casamento. A cada proponente ela respondeu com bom humor e polidez, mas sempre com um "Não". Charlie, irritou-se bastante com essa conversa até que, consultando o relógio, saiu da sala.

Depois de mais perguntas, mais fotos, risos e mais risos, a entrevista coletiva finalmente foi dada por encerrada e LuAnn levada para fora do palco. Voltou para a sala de espera, trocou rapidamente de roupa, vestindo calças compridas e blusa, tirou toda a pintura do rosto, prendeu o cabelo comprido sob o chapéu de caubói e pegou Lisa. Verificou o relógio. Pouco mais de vinte minutos haviam decorrido desde que fora apresentada ao mundo como ganhadora da loteria. A essa altura o xerife da sua cidade devia estar entrando em contato com a polícia de Nova York. Todo mundo de Rikersville assistia ao sorteio da loteria religiosamente, inclusive o xerife Roy Waymer. O planejamento do tempo tinha de ser perfeito.

Davis meteu a cabeça na porta.

— Ei, Sra. Tyler, há um carro à sua espera na entrada do prédio. Terei alguém para acompanhá-la se já estiver pronta.

— Já estou mais do que pronta — quando ele se virou para sair, LuAnn exclamou: — Se aparecer alguém querendo falar comigo, estarei no hotel.

Davis dirigiu-lhe um olhar frio.

— Está esperando alguém?

— Frank, o pai de Lisa. Davis fechou a cara.

— E você está hospedada...

— No Plaza.

— É claro.

— Mas, por favor, não conte a ninguém onde estou. Não vejo Frank já há algum tempo. Há quase três meses ele está em manobras. De modo que não queremos ser perturbados — ela arqueou as sobrancelhas maliciosamente e sorriu. — Sabe o que estou querendo dizer?

Davis conseguiu forçar um sorriso muito insincero e fez uma reverência zombeteira.

— Pode confiar em mim incondicionalmente, Sra. Tyler. Sua carruagem a aguarda.

LuAnn sorriu intimamente. Tinha certeza agora de que quando a polícia aparecesse atrás dela, seria dirigida imediatamente para o Plaza. Isto resultaria em alguns minutos preciosos de que ela precisaria para fugir daquela cidade, do

país. Sua nova vida estava prestes a ter início.

17

A SAÍDA DOS FUNDOS ERA MUITO RESERVADA e por isso mesmo muito tranquila. LuAnn se viu diante de uma limusine preta assim que deixou o prédio. O motorista encostou um dedo no boné, cumprimentando-a, e manteve a porta aberta para ela. Ela entrou e acomodou Lisa no banco a seu lado.

— Bom trabalho, LuAnn. Seu desempenho foi impecável disse Jackson.

LuAnn quase gritou quando se virou bruscamente com os olhos arregalados para o canto mais distante e escuro da limusine. Todas as luzes da parte traseira estavam apagadas, exceto uma, solitária, bem em cima de sua cabeça, que subitamente se acendeu, iluminando-a. LuAnn sentiu-se como se estivesse de novo no palco do prédio da loteria. Mal podia distinguir o vulto dele quando Jackson se recostou no banco.

A impressão de LuAnn foi de que a voz de Jackson veio vagando até seus ouvidos.

— Realmente teve muita pose e dignidade, um toque de humor quando foi preciso, os repórteres engoliram tudo, e você sabe disso. E, é claro, sua aparência para coroar.

E, olhe, três propostas de casamento durante uma entrevista coletiva é um recorde que supera tudo que eu já tenha ouvido falar.

LuAnn se recompôs e acomodou-se no banco, enquanto a limusine seguia em frente.

— Muito obrigada.

— Para ser franco eu estava preocupado, com medo de você fazer papel de completa idiota. Nada contra você, é claro. Como já falei antes, é uma jovem inteligente.

Mesmo assim, quem quer que seja, independente do grau de sofisticação, ao se ver lançado numa situação estranha, tem mais chance de errar do que de acertar, concorda comigo?

— Tive muita experiência.

— Como? — Jackson chegou um pouco para a frente mas continuou sem ser visto por LuAnn. — Experiência como?

LuAnn olhou na direção do canto escuro, a visão bloqueada pela forte luz sobre sua cabeça.

— Experiência com situações estranhas.

— Sabe de uma coisa, LuAnn?, você às vezes me assombra, realmente. Em alguns casos limitados a sua perspicácia rivaliza com a minha e não digo uma

coisa dessas levianamente — ele a encarou por mais alguns segundos, abriu uma maleta que estava sobre o banco a seu lado e pegou diversas folhas de papel. Quando se recostou no banco forrado de couro macio, um sorriso podia ser visto em suas feições e um suspiro de contentamento escapou-lhe dos lábios.

— E agora, LuAnn, chegou a hora de discutirmos as condições. LuAnn remexeu na blusa antes de cruzar as pernas.

— Precisamos antes falar sobre uma coisa. Jackson inclinou a cabeça.

— É mesmo? E sobre o que seria?

LuAnn deixou escapar um longo suspiro. Ficara acordada a noite toda decidindo como seria o melhor jeito de lhe contar a respeito do homem chamado Arco-Íris. Primeiro se questionara quanto à necessidade de Jackson ter conhecimento do acontecido. Depois concluíra que, já que dizia respeito ao dinheiro, ele provavelmente acabaria por descobrir. Melhor que fosse por intermédio dela.

— Um homem foi falar comigo ontem. .

— Um homem, você diz. A respeito de quê?

— Ele queria dinheiro. Jackson riu.

— LuAnn, minha querida, todo mundo vai querer dinheiro de você.

— Não, não é isso. Ele queria metade do que eu ganhei.

— Como? Mas é um absurdo.

— Não, não é. Ele... tinha informações a meu respeito, coisas que me aconteceram e que ele disse que contaria se eu não lhe pagasse.

— Meu Deus, mas que coisas foram essas?

LuAnn interrompeu-se e deu uma olhada pela janela.

— Posso tomar alguma coisa?

— Sirva-se — um dedo enluvado surgiu da escuridão e apontou para a porta embutida em um painel. LuAnn não olhou na direção dele quando abriu a porta da geladeira e pegou uma Coca-Cola.

Tomou um longo gole, enxugou os lábios e continuou:

— Aconteceu-me uma coisa pouco antes de eu lhe telefonar dizendo que ia aceitar a oferta.

— Será que eram os dois cadáveres dentro do seu trailer? As drogas? O fato de a polícia estar procurando por você? Ou talvez alguma outra coisa que queira esconder de mim?

A princípio ela não respondeu, limitando-se a segurar nervosamente a Coca-Cola no colo, o assombro que sentia evidente no rosto.

— Eu não tinha nada a ver com aquelas drogas — disse, por fim.

— E aquele homem estava tentando me matar. Eu só me protegi.

— Eu devia ter percebido quando você quis deixar a cidade tão depressa,

mudar de nome e tudo o mais, que havia algo por trás ele sacudiu a cabeça tristemente. — Minha pobre LuAnn, acho que eu também teria deixado a cidade rapidamente, dadas as circunstâncias. E quem ia imaginar isso do nosso pequeno Duane. Drogas! Mas eu vou lhe dizer que, graças ao meu bondoso coração, não vou usar nada disso contra você. O que passou, passou. No entanto — aqui o tom de voz de Jackson se tornou abertamente imperativo —, nunca mais tente me ocultar qualquer outra coisa, LuAnn. Por favor, não faça isso a si mesma.

— Mas esse homem... Jackson falou impacientemente:

— O problema desse homem já foi resolvido. Você certamente não dará nenhum dinheiro a ele.

Ela ficou olhando para o canto escuro, mais uma vez o assombro estampado no rosto.

— Mas como foi que você pôde fazer isso?

— Estão sempre me dizendo isso: "Como foi que você pôde fazer uma coisa dessas?" — Jackson pareceu achar graça e disse, abaixando a voz. — Posso fazer qualquer coisa, LuAnn, será que você ainda não sabe disso? Qualquer coisa. Isso a amedronta? Se não amedronta, deveria. Às vezes chega a amedrontar até a mim mesmo.

— O homem disse que foi enviado para me matar.

— É mesmo?

— Mas que depois cancelaram a ordem.

— Que coisa mais estranha.

— O interessante é que acho que ele recebeu a contraordem logo depois que telefonei para você concordando.

— A vida é cheia de coincidências, não é? — o tom de voz de Jackson agora era visivelmente sarcástico.

As feições de LuAnn assumiram uma expressão de ferocidade.

— Olhe, se me mordem, eu mordo de volta e com muita força. É bom que nós nos entendamos quanto a isto, Sr. Jackson.

— Acho que nós nos entendemos perfeitamente, LuAnn — na escuridão, ela ouviu o farfalhar de papéis. — No entanto, isto certamente complica a questão. Quando você quis trocar de nome, pensei que poderíamos fazer tudo sem subterfúgios.

— Como assim?

— Impostos, LuAnn. Temos a questão dos impostos.

— Mas eu pensei que todo o dinheiro fosse meu. Que o governo não poderia tocar em nada. É o que diz o anúncio.

— Mas não é exatamente verdade. O anúncio induz a erro engraçado como o próprio governo pode fazer uma coisa dessas. O principal não é livre de

impostos e sim tem o imposto posterior. Mas apenas no primeiro ano.

— O que diabo quer dizer isso?

— Quer dizer que, no primeiro ano, o ganhador não paga impostos federais ou estaduais, mas a soma total dos impostos não pagos é simplesmente postergada, ou seja, adiada, até o ano seguinte. A dívida continua de pé, o que muda é a data do pagamento. Não implica qualquer punição legal ou cobrança de juros, desde que o pagamento seja feito pontualmente durante o ano fiscal seguinte. A lei determina que o imposto deve ser pago em dez anos em frações de igual valor. Sobre cem milhões de dólares, por exemplo, você deve mais ou menos cinquenta milhões em impostos de renda federal e estadual, ou seja, a metade da quantia total. É evidente que você agora pertence à categoria que paga alíquotas mais altas. Dividindo-se isso por dez anos, temos cinco milhões de dólares por ano. Além do mais, falando de uma maneira geral, qualquer dinheiro que você ganhe ao empregar o principal incorrerá no pagamento normal de impostos, sem nenhuma vantagem de adiamento.

"E eu tenho de lhe dizer uma coisa, LuAnn. Tenho planos para esse principal, planos grandiosos. Você fará muito mais dinheiro que isso nos anos vindouros; no entanto, todo ele será renda tributável, dividendos, ganhos de capital, juros de obrigações tributáveis, esse tipo de coisa. Normalmente isto não apresentaria qualquer problema, já que os cidadãos obedientes à lei, que não estejam fugindo da polícia sob nome falso, podem preencher muito bem seus formulários de imposto de renda, pagar o que devem e viver decentemente. Você não pode mais fazer isso. Se o meu pessoal preencher sua declaração com o nome de LuAnn Tyler, colocando seu endereço atual e outras informações pessoais, não acha que a polícia poderia aparecer batendo na sua porta?"

— Eu não posso pagar o imposto sob o meu novo nome?

— Ah, potencialmente trata-se de uma solução brilhante; só que o Imposto de Renda tende a ficar muito curioso quando a primeira declaração preenchida por uma pessoa que mal acaba de fazer vinte anos tem tantos zeros. Os funcionários da Receita poderiam querer saber o que você fazia antes e por que de repente ficou mais rica do que Rockefeller. Mais uma vez o resultado seria a polícia batendo na sua porta. Não, realmente não daria certo.

— Então, o que é que nós fazemos?

O tom de voz com que Jackson respondeu foi tão ameaçador que, quando chegou aos ouvidos de LuAnn, ela abraçou Lisa com mais força.

— Vai fazer exatamente o que vou lhe dizer, LuAnn. Você tem reservas em um avião que vai levá-la para fora do país. Você jamais retornará aos Estados Unidos. Aquela pequena confusão na Georgia a condenou a uma vida errante. Receio que para sempre.

— Mas...

— Não há mas nem meio mas, LuAnn, é assim que as coisas serão. Você entende?

LuAnn recostou no banco forrado de couro e disse, obstinadamente.

— Tenho dinheiro bastante agora para ir para onde seja capaz de cuidar de mim mesma numa boa. E não gosto que me digam o que fazer.

— É mesmo? — Jackson empunhou a pistola que havia tirado da pasta; na escuridão poderia tê-la acionado em um instante: mãe e filha morreriam juntas. — Então, porque não se arrisca a sair do país sozinha? Gostaria de fazer isso?

— Sei muito bem cuidar de mim.

— Não se trata disso. Você fez um trato comigo, LuAnn. Um trato que espero que cumpra. Se não for uma imbecil, vai querer trabalhar comigo e não contra mim. Verá que, a longo prazo, os seus e os meus interesses são idênticos. Se não concordar, posso parar a limusine aqui mesmo, jogar você e a menina para fora e telefonar para a polícia vir buscá-las. A escolha é sua. Decida! Agora!

Obrigada a tomar uma decisão, LuAnn olhou para todos os lados no interior do carro. Seus olhos finalmente se detiveram em Lisa. A menina a encarou com seus olhos grandes e suaves, nos quais havia a mais completa fé. LuAnn respirou fundo. Na verdade, que outra escolha tinha?

— Está certo.

Jackson mexeu de novo nos documentos que segurava.

— Agora, temos bastante tempo para examinar estes documentos. Há um bom número deles para você assinar, mas permita que eu primeiro discuta os termos principais.

Tentarei fazer uma explanação tão simples quanto possível.

"Você acaba de ganhar cem milhões e tanto de dólares. Como falamos, o dinheiro foi colocado em uma conta especial, em seu nome, pela Comissão da Loteria. A propósito, obtive um número do Seguro Social para você, sob seu novo nome. A vida fica muito mais fácil quando se tem um desses. Uma vez que você execute esses papéis, meu pessoal será capaz de transferir os fundos da tal conta especial para uma sobre a qual terei controle completo."

— Mas como é que eu recebo o dinheiro? — protestou LuAnn.

— Paciência, LuAnn, tudo será explicado. O dinheiro será investido como me parecer conveniente e depositado em minha conta. No entanto, do fundo que foi investido, será garantido um retorno mínimo de vinte e cinco por cento ao ano, o que pode se traduzir como aproximadamente vinte e cinco milhões anuais, dinheiro este que estará disponível para você no decurso do ano. Tenho contadores e assessores financeiros que cuidarão disso tudo para você, não se preocupe. — Ele fez uma pausa, erguendo um dedo acautelador. — Compreenda

no entanto que isso será apenas um rendimento gerado pelo principal. Os cem milhões não serão tocados. Controlarei esse principal por um período de dez anos e investirei a meu bel-prazer. Serão necessários alguns meses para que eu complemente a formulação dos planos para o dinheiro, de modo que o período de dez anos começará aproximadamente no final deste outono. Dez anos depois desta data, você receberá de volta os seus cem milhões de dólares. Os rendimentos anuais que ganhar nesse período de dez anos serão, é claro, inteiramente seus. Investiremos isso para você também, sem cobrar. Tenho certeza de que você é ignorante nessas coisas, mas considerando as taxas de nossas aplicações, o seu dinheiro, levando-se em conta o acréscimo referente aos juros capitalizados e mesmo abatendo uma retirada pessoal exorbitante, dobrará mais ou menos a cada três anos, particularmente quando não se pagam impostos. Utilizando-se qualquer tipo de projeção razoável, você terá centenas de milhões de dólares ao fim do período de dez anos, sem correr qualquer risco — os olhos de Jackson cintilaram quando ele foi disparando os números, como rajadas de metralhadora. — É de deixar qualquer um tonto, não é, LuAnn? Ultrapassa longe cem dólares por dia, não é mesmo? Você percorreu um longo caminho em menos de uma semana, com toda a certeza — ele deu uma gargalhada. — Para começar, vou adiantar-lhe a quantia de cinco milhões de dólares, sem juros. Será o suficiente para sustentá-la até que o lucro dos investimentos comece a surgir.

LuAnn engoliu em seco à menção de somas tão gigantescas.

— Não sei nada sobre investimentos, mas como você pode me garantir tanto dinheiro todo ano?

Jackson pareceu ficar desapontado.

— Do mesmo modo que pude garantir que você ganhava a loteria. Se fui capaz de realizar aquela mágica, acho que posso controlar Wall Street.

— E se me acontecer alguma coisa?

— O contrato que você vai assinar contemplará seus herdeiros, naturais ou não — ele acenou para Lisa. — Sua filha. Ela, no entanto, receberá o dinheiro ao final do período de dez anos, junto com o principal. Há também uma procuração. Tomei a liberdade de preenchê-la no cartório. Sou um homem de múltiplos talentos — ele deu uma risadinha. Do seu canto escuro, Jackson passou um pacote de documentos e uma caneta para ela. Está claramente marcado onde você tem de assinar. Confio que esteja satisfeita com os termos. Eu lhe disse desde o princípio que seriam generosos, não disse?

LuAnn hesitou por um instante.

— Há algum problema, LuAnn? — indagou Jackson, em tom brusco.

Ela sacudiu a cabeça, assinou rapidamente os documentos e os devolveu. Jackson pegou todos os papéis e os inseriu em um compartimento no console da

limusine.

LuAnn ouviu o som de teclas sendo digitadas e em seguida um barulho alto e desagradável, que não demorou muito.

— O fax é um aparelho maravilhoso, principalmente quando o tempo é uma questão essencial — disse Jackson. — Dentro de dez minutos os fundos estarão depositados na minha conta — ele pegou os papéis quando deslizaram para fora do aparelho e os guardou de novo na maleta.

— Sua bagagem está na mala do carro. Os bilhetes aéreos e as reservas nos hotéis estão comigo. Planejei seu itinerário para os primeiros doze meses. Será muita coisa, mas acho que a paisagem será bastante agradável. Atendi a seu desejo de visitar a Suécia, a terra dos ancestrais de sua mãe. Pense nisso como umas férias extremamente longas. Posso fazer com que termine a viagem em Mônaco, onde não cobram imposto de renda de pessoas físicas. No entanto, pelo que talvez seja excesso de cautela, estou montando e documentando cuidadosamente uma história complicada como álibi. Resumindo, você deixou os Estados Unidos muito jovem ainda e veio a se casar com um estrangeiro riquíssimo. O dinheiro será todo dele, no que diz respeito ao Imposto de Renda. Está entendendo? Os fundos serão conservados em bancos estrangeiros e contas fora do território americano. Os bancos americanos têm de obedecer a regras muito estritas sobre as informações que devem prestar ao Imposto de Renda. Nenhum centavo do seu dinheiro, contudo, jamais será guardado nos Estados Unidos. Não se esqueça, contudo, de que você estará viajando sob a proteção de um passaporte americano, como cidadã dos Estados Unidos. Alguns sinais de sua fortuna podem ser percebidos aqui. Temos de estar preparados para isso. No entanto, se o dinheiro é todo do seu marido, que não é cidadão americano, que não reside nem jamais residiu em tempo algum nos Estados Unidos e não ganha dinheiro aqui, nem tampouco com empreendimentos ou negócios relacionados com este país, o Imposto de Renda, de um modo geral, não pode tocar em você. Não a incomodarei com a complexa regulamentação que trata de fontes de renda americanas, tais como juros de papéis emitidos pelo nosso governo, dividendos pagos por corporações americanas, outras transações e vendas de propriedades que tenham algum vínculo tangível com os Estados Unidos, regulamentação essa tão complexa que pode derrubar os menos avisados. Meu pessoal tomará conta de tudo isso. Acredite em mim quando afirmo que não será um problema.

LuAnn estendeu a mão para pegar as passagens.

— Ainda não, LuAnn, temos que tomar algumas providências. A polícia — disse ele, mordaz.

— Eu providenciei isso.

— Oh, é mesmo? — o tom de voz dele era de espanto. — Pois bem, eu não

me espantaria nada se a polícia de Nova York estivesse tomando posição em todos os aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários neste exato momento. Já que você é uma criminosa que transpôs fronteiras estaduais, provavelmente já terão chamado também o FBI. Eles são espertos. Não é como ficar parado pacientemente na porta do seu hotel esperando que apareça — ele deu uma olhada para fora pela janela da limusine. — Temos alguns preparativos a fazer. Terei de dar a eles um pouco de tempo adicional para que lancem a rede; trata-se, contudo, de uma troca que temos de fazer.

Enquanto Jackson falava, LuAnn sentiu que a limusine reduzia a marcha e parava. Em seguida ouviu um barulho metálico, longo e vagaroso, como o de uma porta sendo levantada. Quando aquilo parou, a limusine seguiu em frente e parou de novo.

O telefone tocou e Jackson atendeu imediatamente. Ouviu por alguns momentos e desligou.

— A confirmação de que os cem milhões de dólares foram recebidos, mesmo que o expediente bancário já tenha se encerrado. Eu tinha providenciado alguns arranjos especiais.

A onisciência é um dom muito compensador.

Ele deu uma palmada no banco a seu lado.

— Agora preciso que você se sente ao meu lado. Primeiro, feche os olhos, e depois me dê a mão para que eu possa guiá-la — Jackson estendeu a mão, do seu canto escuro.

— Por que tenho de fechar meus olhos?

— Seja paciente comigo, LuAnn. Não posso resistir a um pouco de drama na minha vida, principalmente por ser tão raro. Posso lhe assegurar de que o que estou prestes a fazer será absolutamente essencial à sua segurança ao fugir da polícia e começar vida nova.

Ela se acomodou ao lado dele. Sentiu uma luzinha brilhar sobre seu rosto. Sobressaltou-se quando sentiu a tesoura cortar o cabelo. A boca de Jackson estava ao lado de sua orelha.

— Não faça isso de novo. Já é bastante difícil fazer isso num espaço tão difícil e com tempo e equipamento limitados. Eu não ia querer provocar-lhe um dano sério.

— Jackson continuou cortando até que o cabelo dela ficou pela altura das orelhas. De tempos em tempos ele enfiava o cabelo cortado num saco plástico de lixo. Uma substância líquida escorria continuamente através das mechas remanescentes e, de repente, elas ficaram quase tão duras quanto concreto. Jackson usou uma escova para pôr no lugar o que restou do cabelo de LuAnn.

A seguir ele prendeu um espelho portátil cercado por luz fluorescente em um

canto do console da limusine. Normalmente, quando se tratava do trabalho de nariz que ele ia realizar agora, ele empregava dois espelhos a fim de poder verificar o perfil constantemente; não podia ter, contudo, um luxo desses ali sentado em uma limusine dentro de uma garagem subterrânea em Manhattan. Ele abriu seu kit, um estojo de dez bandejas cheias de produtos de maquiagem e uma grande quantidade de instrumentos para aplicá-los, e se pôs a trabalhar. Ela sentiu os dedos dele, ágeis, voando sobre seu rosto. Tampou as sobrancelhas de LuAnn com outras de plástico, cobriu com um selador, passou um creme em bastão em toda a área e em seguida a polvilhou. Em seguida criou sobrancelhas totalmente novas usando um pincel pequeno. Limpou com todo cuidado a parte inferior do rosto, esfregando álcool. Aplicou a cola volátil especial ao nariz e esperou que secasse. Enquanto fazia isso, passou gel lubrificante nos dedos, para que a massa do nariz não ficasse grudada neles quando a aplicasse. Deixou a massa esquentar na mão e por fim começou a aplicar metodicamente a substância maleável ao nariz de LuAnn, esticando e pressionando metodicamente até que um formato satisfatório foi criado.

— Seu nariz é comprido e reto, LuAnn, na realidade um clássico. No entanto, com um pouco de massa, um pouco de sombras, luzes e *voilà*, temos uma peça grossa e torta de cartilagem que não combina nada com seu rosto. É, contudo, apenas temporário. Afinal de contas, em nós tudo é temporário — ele deu uma risadinha com sua tirada filosófica e passou a pontilhar a massa com urna esponja preta, aplicando pó na superfície, sobre a cor básica, e acrescentando ruge ao nariz para lhe dar uma aparência natural. com o emprego sutil de sombras e tintas claras, fez os olhos de LuAnn parecerem mais juntos, assim como deixou o queixo e a linha do maxilar menos proeminentes, com a ajuda de pós e cremes. Passou habilmente ruge sobre os ossos inalares a fim de reduzir o impacto que causavam na aparência geral dela.

LuAnn sentiu que ele examinava delicadamente o ferimento no seu queixo.

— Corte feio. Suvenir daquela sua experiência no trailer — como LuAnn não respondeu ele prosseguiu. — Você sabe que vai ter de levar alguns pontos. Mesmo assim, é tão profundo que poderá deixar uma cicatriz. Não se preocupe, depois que eu terminar ficará invisível. Mas, depois de algum tempo, talvez você pense em fazer uma cirurgia plástica — ele deu outra risada e acrescentou. — Em minha opinião profissional.

A seguir, Jackson pintou cuidadosamente os lábios dela.

— Um pouco mais finos, receio, que o modelo clássico, LuAnn. Talvez você um dia queira fazer uma aplicação de colágeno.

Tudo o que LuAnn podia fazer era não dar um pulo e fugir correndo dele. Não tinha ideia de como ia ficar depois; era como se estivesse sendo submetida

às mãos de um cientista louco que a trazia de volta do mundo dos mortos.

— Agora estou salpicando sardas na testa, nariz e bochechas. Se eu tivesse tempo, faria em suas mãos também, mas não tenho tempo. De qualquer forma, ninguém vai notar a falta das sardas nas mãos, a maior parte das pessoas é muito pouco observadora — ele abriu um pouco a gola da sua blusa e aplicou base e as sardas em torno do pescoço. Em seguida abotoou de novo a blusa, guardou o equipamento e a conduziu de volta ao banco.

— Há um espelhinho no compartimento a seu lado — informou Jackson.

LuAnn puxou vagarosamente o espelho e o segurou diante do rosto. Foi com espanto que viu uma mulher ruiva de cabelo curto e espetado, pele muito clara, quase albina, e uma profusão de sardas. Seus olhos eram mais juntos um do outro, o queixo e a linha da mandíbula menos proeminentes, as bochechas rasas e ovais. Os lábios, pintados de vermelho forte, faziam a boca parecer maior. O nariz era muito mais largo e apresentava uma nítida curva para a direita. As sobrancelhas escuras estavam agora pintadas de um tom muito mais claro. Estava completamente irreconhecível até para si mesma.

Jackson jogou alguma coisa no seu colo. Ela abaixou os olhos e viu que era um passaporte. Abriu. A foto que olhou de volta era da mesma mulher que acabara de ver no espelho.

— Um trabalho maravilhoso, não acha?

Quando LuAnn levantou a cabeça, Jackson acendeu um interruptor e uma luz o iluminou. Ou a iluminou, LuAnn não sabe dizer, tamanho foi o choque que teve. Sentada à sua frente estava sua sósia, ou melhor, a sósia da mulher em que acabara de se transformar. O mesmo cabelo vermelho, a mesma tez, o nariz torto, tudo era como se de repente tivesse acabado de descobrir uma gêmea. A única diferença era que ela estava de jeans e a irmã gêmea de vestido.

LuAnn estava espantada demais para falar.

Em silêncio, Jackson juntou as mãos.

— Já me travesti de mulher antes, mas creio que esta é a primeira vez que me fantasio de uma fantasia. Essa foto é minha, a propósito. Tirada esta manhã. Acho que me saí bem, embora não creia que tenha feito justiça a seu busto. Bem, nem mesmo "gêmeas" precisam ser absolutamente idênticas em todos os aspectos — ele sorriu ante a expressão de choque de LuAnn. — Não precisa aplaudir, contudo. Mesmo assim, considerando as condições de trabalho, realmente merece uma certa admiração.

A limusine começou a se deslocar de novo. Saíram da garagem e, em pouco mais de meia hora, chegavam ao aeroporto JFK.

Antes que o motorista abrisse a porta, Jackson virou-se para LuAnn, incisivo: — Não ponha o chapéu ou os óculos, já que isso daria a ideia de que

você está querendo esconder as feições, além de estragar a pintura. Lembre-se, regra número um quando tentar se esconder, torne-se tão óbvia quanto possível, fique bem visível. Ver duas pessoas adultas gêmeas é bastante raro, mas embora as pessoas inclusive a polícia — reparem em nós, talvez até mesmo se espantem, não haverá suspeitas. Além do mais, a polícia estará procurando uma mulher. Quando vir duas, e ainda por cima gêmeas, mesmo com uma criança, nos deixarão inteiramente de lado, não importa que fiquem nos olhando espantados. É da natureza humana. Eles têm muito a investigar e não dispõem de muito tempo.

Jackson estendeu a mão para Lisa. LuAnn automaticamente bloqueou a mão dele, dirigindo-lhe um olhar desconfiado.

— LuAnn, estou me esforçando ao máximo para tirar você e sua filhinha deste país em segurança. Dentro em breve estaremos caminhando entre um esquadrão de policiais e de agentes do FBI que estarão fazendo o melhor que podem para prender você. Acredite-me, não tenho interesse em ficar com sua filha, mas preciso dela por uma razão muito específica.

Finalmente LuAnn cedeu. Eles saltaram da limusine. De saltos altos, Jackson era um pouco mais alto que LuAnn. Notou que ele tinha um corpo bom, esbelto e que — LuAnn tinha de admitir — ficava muito bem naquela roupa elegante. Ele pusera um casaco preto sobre o vestido igualmente preto.

— Vamos — disse para LuAnn. Ela se espantou com o novo tom de sua voz. Era exatamente igual ao dela.

— Onde está o Charlie? — perguntou LuAnn quando entraram no terminal poucos minutos mais tarde, um carregador gorducho com as malas a reboque.

— Por quê? — quis saber Jackson. Ele conseguia andar habilmente com os saltos altos.

LuAnn deu de ombros.

— Só queria saber. Ele tem andado por aí comigo o tempo todo. Pensei que o veria hoje também.

— Receio que as tarefas de Charlie tenham chegado ao fim.

— Oh.

— Não se preocupe, LuAnn, você está em mãos muito melhores — eles seguiram adiante, no interior do terminal, com Jackson olhando sempre reto em frente. — Por favor, aja com naturalidade; somos irmãs gêmeas, se alguém perguntar, o que não vai acontecer. Tenho, contudo, documentação para sustentar essa afirmativa no caso de alguém se interessar demais. Deixe que eu falo.

LuAnn olhou reto em frente e engoliu em seco quando viu os policiais examinarem cuidadosamente cada pessoa que entrava no aeroporto superlotado.

Passaram por eles, que realmente os fitaram espantados. Um dos policiais até

chegou a dar uma boa olhada nas pernas compridas de Jackson quando o casaco que ele usava se abriu com o vento. Jackson deu a impressão de ficar satisfeito com a atenção. Depois, exatamente como Jackson predissera, a polícia rapidamente perdeu o interesse neles e se concentrou nas outras pessoas que continuavam a chegar.

Jackson e LuAnn se detiveram diante do balcão para voos internacionais da British Airways.

— Vou me apresentar no seu lugar enquanto você espera ali perto do bar — Jackson apontou para uma lanchonete do outro lado.

— Por que eu mesma não me apresento?

— Quantas vezes você já pegou um avião para o exterior?

— Nunca andei de avião.

— Exatamente. Posso passar por essa burocracia muito mais depressa. E se você errar alguma coisa, disser algo que não devia dizer, aí a gente pode atrair uma atenção que não nos interessa nem um pouco. O pessoal que trabalha em companhias aéreas não é muito ligado a questões de segurança, mas tampouco são idiotas e você ficaria surpresa com o que eles descobrem.

— Está certo. Não quero atrapalhar nada.

— Ótimo, agora me dê seu passaporte, o que acabei de lhe entregar — LuAnn assim fez e observou quando Jackson, o carregador sempre atrás dele, pegou o bebê-conforto de Lisa com uma das mãos e saiu caminhando calmamente até o balcão. Ele tinha até conseguido imitar os maneirismos dela. LuAnn balançou a cabeça, assombrada, e deslocou-se para o ponto designado por Jackson.

A fila da primeira classe era muito pequena e andou depressa. Jackson reuniu-se a LuAnn em poucos minutos.

— Até agora, tudo bem. Agora, eu recomendaria que você não mudasse de aparência por alguns meses. Pode lavar a tintura vermelha do cabelo, é claro, embora, para ser franco, eu ache que ela fica bem em você — os olhos dele brilharam. — Quando as coisas se acalmarem, e seu cabelo começar a crescer, poderá usar o passaporte que fiz originalmente para você — ele lhe entregou um segundo passaporte, que ela rapidamente meteu na bolsa.

Com o canto do olho, Jackson observou quando dois homens e uma mulher, eles de terno e ela de tailleur, avançaram pelo salão do terminal, vasculhando a área com os olhos. Jackson pigarreou e LuAnn olhou na direção deles e desviou o rosto. Ela vira um pedaço de papel na mão de um deles. Nesse pedaço de papel havia um retrato seu, sem dúvida tirado na entrevista coletiva. Ficou imóvel até que sentiu a mão de Jackson dentro da sua. Ele lhe deu um apertão para tranquilizá-la.

— São agentes do FBI. Basta você se lembrar de que não se parece mais nem um pouco com aquela foto. É como se você fosse invisível — Jackson adiantou-se um pouco. — Seu voo sai em vinte minutos. Siga-me — seu tom de confiança afastou o medo que ela sentia. Passaram pelo pessoal da segurança, cruzaram o portão e foram se instalar na área de espera.

— Aqui está — Jackson entregou-lhe o passaporte, junto com um pacotinho. — Aqui tem dinheiro em espécie, cartões de crédito e uma carteira de motorista internacional em seu nome, esta com sua nova aparência — ele gastou um instante para brincar com o cabelo dela, com um jeito clínico. Examinou cuidadosamente as feições maquiadas de LuAnn e mais uma vez ficou impressionado com a própria arte. Jackson apertou-lhe a mão por um instante e chegou até a lhe dar uma palmadinha no ombro. — Boa sorte. Se a qualquer momento tiver dificuldade, eis aqui um número de telefone onde me achará a qualquer hora do dia ou da noite. Posso lhe dizer, contudo, que, a menos que haja algum problema, você e eu nunca mais nos veremos ou nos falaremos de novo — ele lhe entregou um cartão com um número de telefone. — Não há nada que você queira me dizer, LuAnn? — perguntou Jackson, com um sorriso amável.

Ela lhe dirigiu um olhar curioso e sacudiu a cabeça.

— Como o quê?

— Talvez algo como "muito obrigada"? — ele respondeu sem sorrir mais.

— Muito obrigada — disse ela, muito lentamente. Foi difícil desviar os olhos dele.

— De nada — respondeu ele, também muito lentamente, os olhos fixos nos dela.

Finalmente, LuAnn olhou nervosamente para o cartão. Esperava jamais precisar usar o telefone ali impresso. Acharia ótimo se nunca mais visse a cara de Jackson de novo. O modo como se sentia perto daquele homem era bastante parecido com a sensação que experimentara no cemitério quando o túmulo do pai ameaçara engoli-la. Quando levantou a cabeça de novo, Jackson desaparecera na multidão.

LuAnn pegou o passaporte e deu uma olhada nas páginas em branco. Aquilo mudaria muito em breve. Voltou então para a primeira página e olhou espantada para a foto e o nome estranhos. Um nome que não seria tão pouco usual após algum tempo: Catherine Savage de Charlottesville, Virginia. Sua mãe havia nascido em Charlottesville antes de mudar para o extremo Sul. Muitas e muitas vezes falara com LuAnn sobre os bons tempos que vivera na infância na bela paisagem campestre da Virginia. Ao se mudar para a Georgia e casar com Benny Tyler, os bons tempos abruptamente terminaram. LuAnn achara apropriado que

em sua nova identidade aquela cidade constasse como sendo também sua cidade natal. O nome novo tinha sido, da mesma forma, muito bem escolhido. Ela era uma selvagem, e continuaria a ser, não obstante a enorme fortuna que teria à sua disposição. Olhou para a foto de novo e se arrepiou ao lembrar-se de que na verdade aquele retrato era de Jackson. Fechou rapidamente o passaporte e o guardou.

Tocou de leve no novo rosto e desviou o olhar ao ver que um outro policial vinha se aproximando. Não poderia dizer se era um dos que haviam visto Jackson se apresentar no balcão em seu lugar. Nesse caso, e se ele a visse embarcar? Sentiu a boca seca e, silenciosamente desejou que Jackson não tivesse ido embora. Seu voo foi chamado.

Quando o policial se aproximou, LuAnn se dispôs a ficar de pé e, ao fazê-lo, o pacote de documentos, caiu no chão. Com coração trêmulo, ela se abaixou para pegá-lo com uma das mãos, enquanto ao mesmo tempo permanecia embalando Lisa na cadeirinha com a outra. Subitamente se viu encarando um par de sapatos pretos. O policial abaixou-se também e olhou para ela. Em um instante tinha um retrato seu. LuAnn ficou imóvel quando os olhos escuros dele se fixaram nos seus.

Um sorriso bondoso iluminou o rosto dele.

— Deixe que eu ajudo, senhora. Tenho filhos e sei como é difícil viajar com eles.

Ele recolheu os papéis, recolocou no pacote e entregou a ela. LuAnn agradeceu e o policial levou dois dedos à pala do boné antes de se afastar.

LuAnn tinha certeza de que, se alguém a tivesse cortado naquele instante, não teria saído sangue. Estava tudo congelado dentro dela.

Como os passageiros da primeira classe podiam embarcar à vontade, LuAnn gastou algum tempo observando tudo ao redor; suas esperanças, no entanto, eram cada vez menores. Tornava-se claro que Charlie não viria. Desceu da escada que dava acesso ao jato e a atendente de voo a recepcionou calorosamente enquanto LuAnn se maravilhava com o tamanho de um Boeing 747 por dentro.

— Por aqui, Srta. Savage. Bela garotinha — LuAnn foi levada por uma escada em espiral e conduzida até sua poltrona. com Lisa na poltrona ao lado, LuAnn aceitou um copo de vinho da atendente de voo. Mais uma vez apreciou o luxuoso ambiente em que se encontrava e notou a televisão embutida e o par de fones em cada poltrona.

Nunca estivera antes em um avião. Sem dúvida aquela era uma maneira principesca de estrear.

A escuridão foi aumentando rapidamente enquanto espiava pela janela. Lisa

se contentou em olharem torno da cabine e LuAnn aproveitou o tempo para pensar enquanto bebericava o vinho. Respirou fundo diversas vezes e em seguida observou os outros passageiros que iam entrando no compartimento da primeira classe. Alguns eram idosos e dispendiosamente vestidos. Outros trajavam ternos comuns. Um rapaz estava de jeans e suéter. LuAnn achou que o reconheceu como integrante de uma importante banda de rock. Por fim acomodou-se de novo em sua poltrona e levou um susto quando o aparelho começou a se deslocar. Os atendentes de voo deram as instruções de segurança e dentro de dez minutos a gigantesca aeronave se deslocava na direção da pista. LuAnn agarrou os braços das poltrona e cerrou os dentes quando o avião sacudiu e balançou ao ganhar velocidade. Não se atreveu a olhar pela janela. Oh, meu Deus, o que tinha feito? Passou um dos braços protetoramente sobre Lisa, que parecia mais calma que a mãe. Até que por fim, num movimento gracioso, o aparelho ganhou altura e parou de sacudir. LuAnn sentiu como se estivesse flutuando no céu no interior de uma enorme bolha. Uma princesa em seu tapete mágico; a imagem veio à sua mente e lá permaneceu. Reduziu um pouco a força com que se segurava nos braços da poltrona. Os lábios se entreabriram. Do outro lado da janela, lá embaixo, cintilavam as luzes da cidade do país que estava deixando para trás. Para sempre, segundo Jackson. Despediu-se com um simbólico gesto de adeus para a janela e recostou-se.



Vinte minutos depois, tinha posto os fones de ouvido e oscilava a cabeça delicadamente ao som de uma música clássica. Levou um susto quando sentiu uma mão em seu ombro e ouviu a voz de Charlie. Ele estava usando o chapéu que lhe dera. Seu sorriso era grande e sincero, mas o nervosismo era evidente em sua linguagem corporal, no piscar dos seus olhos. LuAnn tirou os fones de ouvido.

— Meu Deus do céu! — exclamou ele. — Se eu não tivesse reconhecido Lisa, teria passado direto por você. Que diabo aconteceu?

— Uma longa história — ela agarrou o pulso dele com força e deixou escapar um suspiro quase inaudível. — Isto quer dizer que você finalmente vai me dizer qual é o seu nome verdadeiro, Charlie?

Uma chuva leve começou a cair sobre a cidade logo depois que o 747 levantou voo. Caminhando lentamente em pleno centro de Manhattan, com a ajuda de uma bengala, o homem que vestia uma capa de chuva preta

impermeável de estilo militar parecia nem reparar no tempo inclemente. A aparência de Jackson mudara drasticamente desde seu último encontro com LuAnn. Ele envelhecera pelo menos quarenta anos. Bolsas pesadas sob os olhos, um resto de cabelo branco circundando a cabeça calva toda salpicada de manchas de idade. Nariz comprido e adunco, queixo e pescoço combinando. O passo, lento e medido, denotava a fragilidade do tipo que ele encarnava. Ele envelhecia costumeiramente à noite como se a escuridão o compelisse a encolher, a se aproximar mais da idade avançada, da morte. Levantou os olhos para o céu nublado. O avião estaria atravessando o espaço aéreo da Nova Escócia, dando início à rota da Europa.

E ela não fora sozinha. Charlie a acompanhara. Jackson se deixara ficar para trás, depois que se despedira de LuAnn e vira Charlie embarcar, sem saber que o patrão estava a poucos metros de distância. A companhia de Charlie afinal acabaria dando certo, pensou Jackson. Ele tinha dúvidas sobre LuAnn, sérias dúvidas. Ela lhe ocultara informações, o que quase sempre era um pecado imperdoável. Jackson conseguira evitar um sério problema eliminando Romanello, e ele tinha de reconhecer que o culpado, pelo menos parcialmente, fora ele mesmo. Afinal, ele é que contratara Romanello para matar a pessoa escolhida se ela não aceitasse sua oferta. No entanto, nunca tivera antes um ganhador fugindo da polícia. Faria o que sempre fazia quando se via diante de um possível desastre: sentar e observar. Se tudo continuasse a rolar suavemente, não faria nada. Ao menor sinal de problema, contudo, agiria imediata e vigorosamente. Assim, ter o competente Charlie junto com ela podia vir a ser uma grande coisa. LuAnn era diferente dos outros, quanto a isso não tinha a menor dúvida.

Jackson levantou a gola e, devagar, entrou em uma transversal. A cidade de Nova York na chuva e no escuro não o amedrontava. Estava fortemente armado e era perito em inúmeras técnicas de matar qualquer coisa que respirasse. Quem imaginasse que aquele "velho" seria uma presa fácil para um assalto perceberia penosamente o quanto se enganara. Jackson não tinha desejo de matar. Às vezes era necessário, mas ele não sentia prazer. Só a obtenção de dinheiro e poder, ou idealmente ambos, é que justificava uma morte. Tinha coisas muito melhores a fazer com seu tempo.

Jackson virou o rosto para o céu. A chuva fina caiu sobre as camadas de látex de sua "face". Lambeu as gotas — eram frias e davam uma sensação agradável em contato com sua pele verdadeira. *Vão com Deus,* disse baixinho, e depois sorriu. *E que Deus me ajude se algum dia me traírem.*

Continuou descendo a rua, pensando intensamente e assobiando. Era hora de fazer os planos para o vencedor do próximo mês.

••••Parte dois•••••

Dez anos mais tarde

18

O JATINHO PARTICULAR ATERRISSOU na pista do aeroporto de Charlottesville-Albermale e taxiou até parar. Eram quase dez horas da noite e o movimento do dia estava encerrado. Na verdade, o Gulfstream V foi o último voo a chegar. A limusine aguardava na pista. Três pessoas saltaram depressa do avião e entraram na limusine, que saiu imediatamente e poucos minutos mais tarde rumava para o sul pela Rota 29.

No interior da limusine, a mulher tirou os óculos e passou um braço pelos ombros da menina. Em seguida LuAnn Tyler recostou-se cansadamente e respirou fundo. Finalmente estavam de volta aos Estados Unidos. O planejamento de todos aqueles anos finalmente fora executado. Já fazia algum tempo que praticamente não pensava em mais nada.

Deu uma espiada no homem sentado na cadeira virada para trás. Tinha os olhos fixos em frente e os dedos grossos batucavam um ritmo sombrio na janela do carro. Charlie parecia preocupado e estava mesmo, mas ainda assim conseguiu sorrir, dirigir-lhe um sorriso tranquilizador. Quanto mais não fosse, sempre soubera apoiá-la nos últimos dez anos. Ele descansou as mãos no colo e inclinou a cabeça para LuAnn:

— Está com medo? — perguntou.

Ela fez que sim e depois olhou para Lisa, agora com dez anos de idade. A menina imediatamente arriou a cabeça no colo da mãe e caiu num sono de pura exaustão. A viagem fora muito longa e tediosa.

— E você? — retrucou ela.

Ele encolheu os ombros volumosos.

— Nós nos preparamos tão bem quanto pudemos, entendemos os riscos. Agora vamos conviver com eles — ele sorriu, desta vez um sorriso mais largo. — Ficaremos bem.

Ela retribuiu o sorriso, os olhos fundos e pesados. Tinham passado por muita coisa no decurso daquela década. Se nunca mais tivesse de embarcar em outro avião, nem fosse obrigada a imaginar em que país se encontrava, em que língua deveria tentar se fazer entender, seria ótimo. A viagem mais longa que queria fazer o resto da vida era da porta da casa até a caixa do correio, ou da garagem de casa ao shopping para as compras. Meu Deus, se pudesse ser assim tão fácil. Estremeceu e esfregou as têmporas, ansiosa.

Charlie percebeu na mesma hora o sentido do gesto de LuAnn. Ao longo dos anos, ele adquirira uma grande sensibilidade aos traços mais sutis das emoções

dela. Examinou Lisa por mais um instante, a fim de se assegurar de que estava mesmo dormindo. Satisfeito, soltou o cinto de segurança, sentou-se ao lado de LuAnn e falou baixo.

— Ele não sabe que voltamos. Jackson não sabe da nossa volta. — Não podemos ter certeza, Charlie — murmurou LuAnn. — Meu Deus, não sei o que me assusta mais, se ele ou a polícia. Não, é mentira. Sei que é ele. Prefiro a polícia a ele, sempre. Ele me disse para nunca mais voltar. Nunca. Mas olhe só eu aqui de volta. Nós todos.

Charlie deixou a mão em cima da dela e falou tão calmamente quanto pôde.

— Se ele soubesse, você acha que nos deixaria chegar tão longe? Seguimos a rota mais tortuosa que uma pessoa poderia ter seguido. Cinco trocas de avião, uma viagem de trem, quatro países, ziguezagueamos metade do mundo para chegar aqui. Ele não sabe. E, mesmo que tenha conhecimento da nossa volta, não vai se incomodar. Passaram-se dez anos. O trato já expirou. Por que deveria se incomodar agora?

— Por que deveria ele fazer qualquer das coisas que já fez? Diga-me. Para mim, Jackson sempre fez o que quis.

Charlie suspirou, desabotoou o paletó e recostou-se. LuAnn virou-se para ele e massageou-lhe delicadamente o ombro.

— Estamos de volta. Você tem razão, tomamos a decisão de voltar e agora vamos ter de conviver com ela. Não vou anunciar para o mundo inteiro que estou aqui. Vamos viver uma vida serena, discreta.

— Consideravelmente luxuosa. Você viu as fotos da casa. LuAnn fez que sim.

— Parece linda.

— Uma velha mansão. Cerca de dez mil metros quadrados. Estava à venda havia muito tempo, mas com o preço de seis milhões de dólares, não admira que não a tivessem vendido antes. Vou lhe dizer uma coisa, foi uma pechincha termos fechado por três ponto cinco. Sou duro na queda numa barganha. Embora, é claro, tenhamos gastado um milhão nas obras de decoração. Cerca de catorze meses de trabalho, mas tínhamos bastante tempo, certo?

— É isolada?

— Muito. São cerca de mil e duzentos quilômetros quadrados. Um pouco mais, um pouco menos, como se costuma dizer. Cerca de um terço dessa área é de "terra levemente ondulada", conforme a descrição do folheto. Sendo de Nova York, nunca vi muito verde. Fica na linda área denominada Piedmont, na Virginia, segundo as palavras que o corretor me repetiu vezes sem conta em todas as viagens que fiz na época em que procurei casa. E esta foi a mais bonita de todas que vi. É verdade que deu um bocado de trabalho para em forma, mas

consegui boas pessoas, arquitetos e o resto, para representar nossos interesses. Tem uma porção de anexos: a casa do zelador, um estábulo de três baias e dois bangalôs, tudo vazio, por sinal; não nos imagino alugando nada. De qualquer forma, todas essas grandes propriedades têm essas coisas.

Temos uma piscina. Lisa vai adorar. Bastante espaço para uma quadra de tênis. E tudo o mais. Mas há também uma floresta bastante densa. Considere isso como um fosso de madeira de lei. Ejá tratei com uma firma para construir uma cerca de segurança e portão em torno da propriedade na área que divisa com a estrada. Provavelmente isso já deve estar terminado.

— Como se você já não tivesse o que fazer. Você trabalha demais.

— Não me importo. Eu gosto.

— E meu nome não está nos documentos de propriedade?

— Catherine Savage não aparece em parte alguma. Usamos um testa de ferro para o contrato e o fechamento do negócio. A escritura foi lavrada em nome da companhia que organizei. Impossível rastrear esses documentos até você.

— Eu queria ter trocado de nome de novo, para o caso de ele estar à minha espera.

— Seria ótimo, a não ser pelo fato de que na história de disfarce que ele inventou para você, a mesma que usamos para acalmar o imposto de renda, você aparece como Catherine Savage. Já é bastante complicado sem a gente aumentar a complicação com outra troca de nome. Puxa vida, a certidão de óbito que inventamos para o seu "falecido" marido deu um trabalho danado.

— Eu sei — ela suspirou.

Ele deu uma olhada em LuAnn.

— Charlottesville, Virginia. Terra dos ricos e famosos, segundo o que ouvi dizer. Foi por isso que escolheu lá? Reservada, pode-se viver como uma eremita e ninguém se importa?

— Esta foi uma das razões.

— E a outra?

— Minha mãe nasceu aqui — disse LuAnn, a voz diminuindo um tom, enquanto delicadamente seguia a bainha da saia com a ponta do dedo. — Ela foi feliz neste lugar, pelo menos era o que me dizia. E não era rica — LuAnn ficou em silêncio, os olhos perdidos. Até que levou um susto e, com um sobressalto, virou-se de novo para Charlie, o rosto ligeiramente ruborizado. — Talvez um pouco da felicidade dela pegue na gente, o que é que você acha?

— O que eu acho é que, enquanto estiver com você e essa boneca — respondeu ele, acariciando delicadamente a bochecha de Lisa —, serei um homem feliz.

— Ela está matriculada em uma escola particular?

Charlie balançou a cabeça afirmativamente.

— St. Anne's-Belfield. Exclusiva. Relação número de estudantes/número de professores bastante baixa. Ora, as qualificações educacionais de Lisa são notáveis. Fala inúmeras línguas, esteve em todo o mundo. Já fez coisas que a maioria dos adultos jamais fará em toda a vida.

— Não sei não, talvez devesse ter contratado um professor particular para ela.

— Ora, LuAnn, ela vem sendo entregue a professores particulares quase que desde que aprendeu a andar. Precisa conviver com outras crianças. Será bom para ela. E será bom para você também. Sabe o que dizem sobre a passagem do tempo.

Subitamente ela lhe dirigiu um sorriso tímido.

— Está se sentindo claustrofóbico conosco, Charlie?

— Pode apostar. Vou começar a ficar na rua até tarde. Posso até começar a cultivar alguns hobbies, como golfe ou algo assim — ele sorriu para LuAnn a fim de demonstrar que só estava brincando.

— Esses dez anos foram bons, não é? — a voz dela denotava a ansiedade que sentia.

— Não os trocaria por nada — respondeu ele.

Esperemos que os próximos dez anos sejam iguais, disse LuAnn a si mesma. Apoiou a cabeça no ombro de Charlie. Quando contemplara o perfil do horizonte de Nova York, tanto tempo atrás, sentiu-se excitadíssima só de pensar em todo o bem que poderia fazer com o dinheiro. Prometera isso a si mesma e cumprira a promessa. Pessoalmente, contudo, os sonhos maravilhosos nunca foram concretizados. Os últimos dez anos só tinham sido bons para ela se sua definição de bom fosse estar constantemente em mudança, com medo de ser descoberta, sentindo-se culpada cada vez que comprava alguma coisa por causa do modo como viera a ganhar o dinheiro. Sempre ouvira dizer que pessoas fabulosamente ricas nunca eram de fato felizes, por muitas razões. Por ter sido criada na pobreza, LuAnn nunca acreditara nisso, que via como um subterfúgio dos afortunados. Sabia agora que era verdade, pelo menos no seu caso.

Quando a limusine começou a se deslocar, fechou os olhos e tentou descansar. Ia precisar de descanso. Sua "segunda" vida nova estava prestes a ter início.

19

THOMAS DONOVAN ESTAVA SENTADO diante da tela do computador na frenética redação do *Washington Tribune*. Prêmios jornalísticos de um sem-número de organizações notáveis enfeitavam as paredes e prateleiras do seu cubículo, inclusive um prêmio Pulitzer que ganhara antes de completar trinta anos. Donovan tinha agora cinquenta e poucos mas ainda exibia o mesmo fervor e energia da juventude. Como a maior parte dos jornalistas especializados em investigação, via com forte dose de ceticismo o modo como as coisas se processavam neste mundo, até porque já vira o pior dele. Trabalhava agora numa história cuja essência o enojava.

No momento em que dava uma espiada em algumas de suas anotações, uma sombra se projetou sobre sua escrivaninha.

— Sr. Donovan?

Donovan levantou a cabeça e deu com o rosto de um garoto que trabalhava na sala de correspondência. — Sim?

— Isto acaba de chegar. Deve ser alguma pesquisa que o senhor encomendou.

Donovan agradeceu e pegou o pacote, em que mergulhou com evidente entusiasmo.

A história da loteria em que estava trabalhando tinha enorme potencial. Ele já fizera grande quantidade de pesquisa. A loteria nacional lucrava bilhões de dólares anualmente, soma que vinha aumentando mais que vinte por cento ao ano. O governo gastava mais ou menos a metade do dinheiro arrecadado com os prêmios, cerca de dez por cento com os vendedores e outros custos operacionais e permanecia com quarenta por cento como lucro, uma margem pela qual a maioria das firmas seria capaz até de matar. Havia anos que pesquisadores e estudiosos sustentavam que a loteria não passava de uma espécie de imposto regressivo, com os pobres sendo os principais prejudicados, por despenderem, proporcionalmente, uma parte maior de sua renda na compra dos bilhetes. O governo negava, afirmando justamente o contrário, ou seja, que, segundo as tabelas demográficas, os pobres não gastavam uma parcela desproporcional de sua renda com bilhetes da loteria. Donovan não engolia este argumento.

Sabia com absoluta certeza que milhões de pessoas que jogavam na loteria viviam no limiar da pobreza, desperdiçando o dinheiro do Seguro Social, dos tíquetes-alimentação e qualquer outra coisa em que pudessem pôr as mãos a fim de conseguir ter uma vida fácil, muito embora as chances contrárias fossem tão

astronomicamente altas que chegavam a ser absurdas. E os anúncios do governo eram altamente enganosos quando se tratava de detalhar precisamente as reais proporções das probabilidades em jogo. Mas isso não era tudo. Donovan havia apurado uma assombrosa taxa de setenta e cinco por cento, por ano, de falência para os ganhadores. Nove entre os doze vencedores de cada ano declaravam falência. A abordagem de Donovan dizia respeito a companhias de gerenciamento financeiro e outras, normalmente sofisticadas e ardilosas, que adquiriam poder sobre aquela pobre gente e basicamente lhes arrancava tudo. Órgãos de caridade os perseguiam incansavelmente.

Fornecedores de todos os tipos de prazeres luxuosos lhes vendiam tudo de que não precisavam, classificando seus artigos como itens importantíssimos para o status dos novos ricos e aumentando em mil por cento o custo. E não parava aí. A riqueza súbita destruíra famílias e amizades de toda uma vida quando a cobiça suplantara todas as emoções racionais. E o governo tinha muita culpa, na opinião de Donovan, por esses desastres financeiros. Cerca de doze anos antes tinham passado a conceder o prêmio principal em um único pagamento, com o status de "imposto posterior" por um ano a fim de atrair mais jogadores. Os anúncios ressaltaram isto incisivamente, dizendo que os prêmios eram "livres de impostos" em letras bem grandes, enquanto em letras pequenas informavam que na verdade os ganhos acumulados do dinheiro referente ao prêmio não estavam sujeitos à tributação só por um ano. Antes os impostos eram recolhidos na fonte, automaticamente. com a mudança, os vencedores estruturavam como queriam o pagamento dos impostos. Alguns, Donovan descobrira, achavam que não deviam nada e se punham a gastar livremente o dinheiro. Todos os ganhos gerados pelo principal também eram sujeitos a numerosos e vultosos impostos. Os agentes do governo federal simplesmente largavam os vencedores com uma palmadinha nas costas e um cheque enorme na mão. E, quando os vencedores não eram astuciosos o bastante para montar sistemas de contabilidade e financeiros sofisticados, o pessoal do imposto corria atrás deles e tirava até o último centavo que tivessem, sob a justificativa de multas, juros e sabe-se lá mais o quê, deixando-os mais pobres que antes de ganharem o prêmio.

Era um jogo destinado à destruição final do vencedor e submetido à desculpa dada pelo governo de que se propunha a fazer bem ao povo. Donovan estava firmemente convencido de que se tratava do jogo do demônio e era o próprio governo quem o executava. E o governo assim procedia exclusivamente por um único motivo: dinheiro. Como todo mundo. Donovan já vira outros jornais concordarem hipocritamente com aquilo. E, sempre que a imprensa veiculava um verdadeiro ataque ou fazia uma exposição formal dos fatos, os funcionários da loteria contra-atacavam rapidamente e afogavam o atrevido com um

verdadeiro oceano de estatísticas provando as coisas boas que eram feitas com o dinheiro arrecadado. O povo pensava que o dinheiro era destinado à educação, manutenção de rodovias e coisas do gênero, mas a verdade era que uma grande parte dele caía em fundos de finalidade geral e terminava em lugares muito interessantes, em vez de comprarem livros escolares ou taparem os buracos das estradas.

Os funcionários da loteria recebiam gordos salários e bônus ainda mais polpudos. Os políticos que a apoiavam viam recursos vultosos fluírem para seus estados. Tudo aquilo cheirava muito mal e Donovan sentia que era mais do que tempo para que a verdade viesse à tona. Ele defenderia os menos afortunados, exatamente como fizera em toda a sua carreira. Se não conseguisse outra coisa, no mínimo envergonharia o governo e faria com que fosse reconsiderada a moral daquela gigantesca fonte de impostos. Podia não mudar nada, mas ele ia se esforçar ao máximo.

Sua atenção retornou ao pacote de documentos. Comprovava a sua teoria da média de falências pessoais nos últimos cinco anos. Aqueles documentos recuavam mais sete anos. Enquanto folheava a relação dos vencedores, via que os resultados eram quase idênticos, a proporção permanecendo praticamente a mesma, com nove em cada doze ganhadores declarando falência pessoal. Assombroso! Folheou rapidamente o maço de papel. Seu instinto não se enganara. Não era acaso.

Até que se deteve abruptamente, estudando uma página, o sorriso desaparecido. Tinha diante dos olhos a lista dos doze vencedores consecutivos de exatamente dez anos atrás. Não era possível. Tinha de haver algum engano. Donovan pegou o telefone e ligou para o serviço de pesquisa onde encomendara o estudo. Não, não havia erro algum, garantiram. Os pedidos de falência são questões de domínio público.

Donovan desligou o telefone lentamente e voltou a estudar a página. Herman Rudy, Bobbie Jo Reynolds, LuAnn Tyler, e a lista seguia, doze ganhadores. Nenhum declarara falência pessoal. Todos os demais períodos de doze meses — menos esse — tinham resultado em nove falências.

A maioria dos repórteres do calibre de Thomas Donovan vivem ou morrem por duas qualidades absolutamente intangíveis: perseverança e instinto. O instinto de Donovan lhe disse que a história com que deparava agora faria sua abordagem anterior parecer tão sensacional quanto um artigo sobre jardinagem.

Tinha de verificar algumas fontes e queria fazê-lo em ambiente mais reservado do que a sala de redação atulhada de gente. Jogou a papelada na velha pasta e saiu rapidamente. com o tráfego tranquilo daquela hora, chegou ao pequeno apartamento onde morava, na Virginia, em vinte minutos. Duas vezes

divorciado, sem filhos, Donovan levava uma vida inteiramente devotada ao trabalho. Conservava um relacionamento morno com Alicia Crane, uma socialite muito conhecida de Washington, filha de família rica e bem relacionada politicamente. Ele nunca se sentia totalmente à vontade movendo-se nesses círculos, mas Alicia o apoiava e era dedicada a ele, e, para falar a verdade, aproveitar um pouco as delícias de sua luxuosa existência não era nada ruim.

Donovan instalou-se no escritório que tinha montado em casa e pegou o telefone. Havia uma maneira incontestável de se obter informações sobre pessoas, particularmente pessoas ricas, por mais resguardadas que fossem suas vidas. Ele discou o número de uma fonte muito antiga da Receita Federal e deu os nomes dos doze ganhadores consecutivos da loteria que não tinham declarado falência. Duas horas mais tarde recebeu uma ligação de volta. Enquanto ouvia, foi riscando os nomes que ele dizia. Após mais algumas perguntas, agradeceu ao amigo, desligou e examinou de novo a lista. Todos os nomes haviam sido riscados, menos um. Onze dos ganhadores da loteria haviam entregado as respectivas declarações de renda todos aqueles anos. A informação, contudo, não foi além disso. O amigo de Donovan só acrescentara que todas as declarações eram de cifras enormes. Embora Donovan tivesse ficado intrigado com o fato de terem evitado a falência e aparentemente terem se saído bem nos últimos dez anos, outra questão ainda mais intrigante surgiu.

Fixou os olhos no único nome que não riscara. De acordo com sua fonte, aquela pessoa não apresentara qualquer declaração de rendimentos, pelo menos no próprio nome.

Na verdade, desaparecera por completo. Donovan tinha uma vaga lembrança do motivo. Dois homicídios, na zona rural do estado da Georgia: o namorado e um outro homem.

Havia envolvimento com drogas. A história não o interessara muito dez anos antes. E pouco se lembrava além do fato de a mulher ter desaparecido após ganhar cem milhões de dólares na loteria e que o dinheiro desaparecera com ela. Sua curiosidade agora cresceu muito ao ler o nome na lista: "LuAnn Tyler". Devia ter trocado de identidade ao fugir da acusação de homicídio. com o dinheiro que ganhara, podia facilmente ter inventado uma nova vida para si.

Donovan sorriu por um instante quando subitamente lhe ocorreu que ele podia ter um modo de descobrir a nova identidade de LuAnn. E talvez muito mais. Pelo menos podia tentar.

No dia seguinte Donovan telefonou para o xerife de Rikersville, Georgia, a cidade natal de LuAnn. Roy Waymer morrera fazia cinco anos. Ironicamente, o atual xerife era Billy Harvey, tio de Duane. Harvey mostrou-se muito comunicativo quando o assunto LuAnn veio à baila.

— Ela fez com que Duane fosse morto — disse ele, furioso. Obrigou-o a se envolver com drogas, tenho tanta certeza disso quanto de estar falando com você. A família Harvey não é grande coisa, mas temos o nosso orgulho.

— Tiveram notícias dela, de alguma maneira, nos últimos dez anos? — indagou Donovan.

Bill Harvey fez uma longa pausa.

— Bem, ela mandou dinheiro.

— Dinheiro?

— Para os pais de Duane. Eles não pediram, posso garantir.

— Eles aceitaram?

— Bem, eles eram entrados em anos e pobres de dar pena. Não se pode recusar um dinheiro daqueles.

— De quanto estamos falando?

— Duzentos mil dólares. Se isso não serve para provar que LuAnn estava com a consciência pesada, não sei o que serviria.

Donovan assobiou baixinho.

— Você tentou rastrear o dinheiro?

— Eu não era o xerife, mas Roy Waymer tentou. Conseguiu até que alguns rapazes do FBI local ajudassem, mas não conseguiram descobrir nada. Ela ajudou outras pessoas também, mas nós nunca conseguimos ter uma ideia do seu paradeiro. Como se fosse um maldito fantasma ou coisa assim.

— Algo mais?

— Sim, se vier a falar com ela, diga que a família Harvey não esqueceu, nem depois de todos esses anos. Aquela acusação de homicídio ainda está de pé. Se conseguirmos trazê-la de volta para a Georgia, irá passar um bocado de tempo por aqui conosco. Estou falando entre vinte anos e prisão perpétua. Não há prescrição para crime de morte. Estou certo ou errado?

— Eu falo com ela, xerife, obrigado. Oh, não sei se daria para o senhor me mandar uma cópia do que há arquivado sobre o caso. Autópsia, relatórios da investigação, trabalho do laboratório, essas coisas todas?

— O senhor realmente acha que pode encontrá-la depois de todo esse tempo?

— Venho fazendo esse tipo de coisa há trinta anos e sou muito bom nisso. Sem dúvida nenhuma vou tentar.

— Bem, então eu mandarei tudo, Sr. Donovan.

Donovan deu a Harvey o número e o endereço do jornal no FedEx, desligou e tomou algumas notas. Tyler tinha um nome novo, quanto a isto não havia dúvida. A fim de começar a seguir seu rastro, tinha de descobrir que nome era.

Passou a semana seguinte explorando cada detalhe da vida de LuAnn. Conseguiu cópias dos avisos fúnebres de seus pais na *Rikersville Gazette*. Os

obituários tinham muitas informações interessantes: locais de nascimento, parentes e outros itens que poderiam talvez levá-lo a alguma informação valiosa. A mãe nascera em Charlottesville, Virginia. Donovan falou com os parentes listados no obituário. Pelo menos com os poucos que ainda se encontravam vivos. Mas conseguiu poucos fatos úteis. LuAnn nunca tentara entrar em contato com eles.

A seguir, passou a desencavar o maior número de fatos que pôde sobre o último dia de LuAnn no país. Teve conversas com a polícia e com a agência do FBI de Nova York. O xerife Waymer vira LuAnn na televisão e imediatamente notificara a polícia de Nova York de que LuAnn era procurada na Georgia por causa de um duplo homicídio e tráfico de drogas. A polícia de Nova York, por sua vez, vigiara as estações de trem e ônibus, além dos aeroportos. Em uma cidade de sete milhões de habitantes, era o melhor que podiam fazer; não podiam exatamente montar bloqueios nas ruas. Não houve, contudo, qualquer sinal da mulher, o que intrigara enormemente o FBI.

De acordo com o agente com quem Donovan conversou, e que era razoavelmente familiarizado com o caso, não dava para entender como uma mulher de vinte anos de idade que tinha estudado só até a sétima série, nascida e criada na zona rural da Georgia e ainda por cima carregando um bebê, pudesse ter escapado da rede montada para pegá-la. Um disfarce elaborado e documentos falsos estavam fora de questão, ou pelo menos assim pensaram. A polícia jogara a rede menos de meia hora depois que ela aparecera em um programa de televisão retransmitido nacionalmente. Ninguém era tão rápido assim. E todo o dinheiro também desaparecera. Na época, alguém do FBI chegara a cogitar se ela não teria tido ajuda. Mas isto jamais foi investigado, com o aparecimento de outras crises de maior importância nacional que requisitaram o tempo e a força de trabalho do Bureau. Concluíram oficialmente que LuAnn não havia saído do país por Nova York e sim simplesmente fugido em um automóvel ou pegado o metrô até um subúrbio distante ou talvez tivesse ido para o Canadá. A polícia de Nova York informara ao xerife Waymer que fracassara e pronto, não se falara mais no caso.

Até agora. Donovan sentiu-se muito intrigado. Sua intuição lhe dizia que LuAnn deixara o país. Dera um jeito de burlar a lei. Se havia entrado em um avião, ele tinha então algo com que trabalhar.

De qualquer modo, podia reduzir a lista das possibilidades. Tinha um dia certo para investigar, ou até mesmo um conjunto de horas nesse dia. Partiria da premissa de que LuAnn abandonara o país de avião. Concentraria a atenção nos voos internacionais, começando pelo aeroporto JFK. Se lá os registros não dessem em nada, passaria para o LaGuardia e depois para o aeroporto

internacional de Newark. Pelo menos era um início. Havia muito menos voos internacionais que domésticos. Se começasse a verificar estes, concluiu que teria de tentar outra abordagem. Havia voos domésticos demais. Quando estava prestes a dar início ao processo, chegou o pacote enviado pelo xerife Harvey.

Donovan comeu um sanduíche no seu cubículo enquanto examinava os documentos. As fotos da autópsia eram compreensivelmente repugnantes. Não desconcertaram, contudo, o veterano repórter. Já vira coisas muito piores em sua carreira. Após uma hora de leitura, pôs de lado a papelada e fez algumas anotações. Pelo aspecto geral do caso, acreditava que LuAnn Tyler era inocente das acusações pelas quais Harvey queria prendê-la. Donovan havia feito algumas investigações por conta própria em Rikersville.

Segundo quase todas as pessoas ouvidas, Duane Harvey era um vadio que não prestava para nada, sem maior ambição do que passar o resto da vida bebendo cerveja, caçando mulheres e não fazendo nada de bom para ninguém. LuAnn Tyler, por outro lado, fora descrita por diversas pessoas que a conheceram como trabalhadora, honesta e mãe amorosa, que tratava a filha com muito carinho. Órfã ainda adolescente, parecia ter se saído tão bem quanto possível naquela circunstância. Donovan vira fotos dela e conseguira até uma cópia em vídeo da entrevista coletiva em que fora apresentada como a vencedora da loteria, dez anos atrás. Era muito bonita, sem dúvida, mas havia algo por trás daquela beleza. LuAnn não sobrevivera todos aqueles anos com base exclusivamente em seus predicados físicos.

Donovan terminou o sanduíche e tomou um gole de café. Duane Harvey fora esfaqueado barbaramente. O outro homem, Otis Burns, também morrera de ferimento de faca na parte superior do torso. Sofrerá também um trauma sério mas não fatal na cabeça, além dos nítidos sinais de uma briga. As impressões digitais de LuAnn haviam sido encontradas no telefone quebrado e também em todo o trailer. Nenhuma surpresa, já que ela morava ali. Uma testemunha a vira no carro de Otis Burns na manhã daquele dia. A despeito dos protestos do xerife Harvey, a pesquisa de Donovan o levou a acreditar que Duane era o traficante da família e fora apanhado roubando seu fornecedor, um homem com longo prontuário no município vizinho, tudo relacionado a drogas. Burns provavelmente fora lá acertar as contas.

Impossível saber se LuAnn tinha conhecimento do envolvimento de Duane com drogas. Ela trabalhara no restaurante do ponto de parada de caminhões até comprar o bilhete de loteria, desaparecendo então para ressurgir, mesmo que brevemente, em Nova York. Assim, se soubera das atividades ilegais de Duane, não desfrutara benefícios visíveis. Também não estava claro se estivera no trailer naquela manhã e se tinha algo a ver com a morte de um dos homens ou de

ambos. Donovan na verdade não ligava.

Não tinha razão para simpatizar com Duane Harvey ou Otis Burns. A essa altura, não sabia o que sentia sobre LuAnn. Sabia que queria encontrá-la. Queria muito encontrá-la.

20

JACKSON ESTÁ SENTADO NO ESCURO, em uma poltrona da sala de estar do apartamento luxuoso no prédio construído antes da guerra, com vista para o Central Park. Tem os olhos fechados e as mãos cuidadosamente cruzadas, apoiadas no colo. Aproxima-se dos quarenta anos mas ainda é esbelto e vigoroso. As feições verdadeiras são andróginas, embora os anos tenham gravado finas rugas em torno dos olhos e da boca. O cabelo curto tem um corte elegante, a roupa é discretamente cara. Os olhos, contudo, são seu atributo mais característico, aquele que ele tem de disfarçar com todo o cuidado quando está trabalhando. Levantou-se e deslocou-se lentamente pelo apartamento de amplas proporções. A mobília é eclética: peças antigas inglesas, francesas e espanholas, misturadas liberalmente com pinturas e esculturas orientais.

Entrou em uma área que lembrava o camarim de uma estrela da Broadway. Era a sala de maquiagem e oficina. A iluminação indireta se estendia por todo o teto. Espelhos múltiplos emoldurados por luzes especiais que não esquentavam rodeavam a sala. Duas cadeiras reclináveis forradas de couro ficavam em frente a dois dos espelhos maiores. As cadeiras tinham rodinhas que permitiam que girassem por toda a sala. Uma numerosa quantidade de fotos fora cuidadosamente pregada nos quadros de cortiça presos às paredes. Jackson era um fotógrafo entusiasmado e na maioria de suas fotos se podia encontrar a base para as identidades que criara ao longo dos anos. Uma série de apliques e perucas, separadas meticulosamente pelo tamanho do cabelo, se alinhavam em uma das paredes, penduradas em cabides forrados de algodão.

Armários feitos sob medida abrigavam dúzias de envoltórios de látex para a cabeça e outras partes do corpo, junto com dentes de acrílico, jaquetas, moldes e diversas massas e materiais sintéticos. Um gabinete enorme continha algodão absorvente, acetona, cola volátil especial para aplicação de bigodes postiços, pós e maquiagem para o corpo; escovas grandes, médias e pequenas com cerdas de rigidez variada; maquiagem sólida, argila de modelagem, colódio para fazer cicatrizes e marcas de varíola; cabelo sintético para fazer barbas, bigodes e até sobrancelhas; cera Derma para alterar a face, maquiagem cremosa, gelatina, aplicadores de maquiagem; redes, fita para colar apliques, esponjas, agulhas para prender cabelo em redes ou gaze, na confecção de barbas e perucas; e centenas de outros objetos, materiais e substâncias destinados unicamente a reformular a aparência de uma pessoa. Havia três araras de roupas de todos os tipos e diversos espelhos de corpo inteiro para testar o efeito de qualquer disfarce. Em uma caixa

especialmente construída com muitas gavetas, havia mais de cinquenta jogos completos de documentos de identificação que permitiam a Jackson viajar pelo mundo todo como homem ou como mulher.

Jackson sorriu ao ver as coisas que tinha na sala. Ali era o lugar em que se sentia mais à vontade. A criação de papéis era um prazer constante na sua vida. Representá-los, contudo, vinha em segundo plano. Sentou-se à mesa e alisou o tampo com a mão. Fixou os olhos em um espelho. Diferentemente de qualquer outra pessoa, Jackson não via seu reflexo. Via um rosto em branco, um rosto a ser manipulado, talhado, pintado, coberto e transformado no rosto de outra pessoa. Embora estivesse perfeitamente satisfeito com seu intelecto e personalidade, porque limitar-se a uma única identidade física durante toda a vida quando havia tanto a experimentar? Ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa. Dissera isto a todos os seus doze vencedores da loteria, a sua fileira de patinhes. E todos acreditaram, completa e absolutamente, pois ele estava coberto de razão.

No decorrer dos últimos dez anos, ganhara centenas de milhões de dólares para cada um dos seus vencedores, e bilhões para si mesmo. Ironicamente, fora criado em circunstâncias muito favoráveis. Tradicionalmente rica, era como poderia ser classificada sua família. Seus pais tinham morrido havia muito tempo. O pai fora, aos olhos de Jackson, um exemplo típico dos integrantes das classes superiores cujo dinheiro e posição são herdados e não conquistados. Político, tão arrogante quanto inseguro, circulou em Washington por muitos anos explorando ao máximo as relações da família, até que a falta de mérito e de talento negociável o imobilizara e a escada rolante não subira mais. Então gastou o dinheiro da família em uma inútil tentativa de recuperar o antigo ímpeto. Jackson, o filho mais velho, fora com frequência alvo da amargura do pai ao longo dos anos. Ao completar dezoito anos, descobriu que o vultoso fundo deixado para ele pelo avô fora assaltado ilegalmente tantas vezes pelo pai que não sobrara nada. A raiva constante e as agressões físicas que o pai lhe impusera quando ele o colocou frente a frente com a revelação deixaram uma profunda marca em Jackson.

As feridas físicas haviam sarado com o tempo. O dano psicológico, contudo, permanecia vivo e a raiva de Jackson parecia crescer em progressão geométrica de ano para ano, como se ele estivesse tentando ultrapassar o pai neste assunto.

Podia parecer banal para os outros, Jackson compreendia. Perdera sua fortuna? E daí? Quem liga para isso? Jackson, é claro. E muito. Ano após ano contara com aquele dinheiro para se libertar da tirânica perseguição do pai. Quando a esperança há tanto tempo acalentada foi abruptamente rompida, o choque provocou uma mudança definitiva nele. O que era seu pelo direito lhe

fora roubado pelo homem que jamais deveria ter feito isso, que deveria ter amado o filho e desejado o melhor para ele, que deveria ter respeitado e protegido esse filho. Em vez disso, tudo o que Jackson tivera havia sido uma conta de banco zerada e os golpes cheios de ódio de um louco. Jackson aceitara tudo. Até determinado ponto. Depois decidira não aceitar mais nada.

O pai de Jackson morreu inesperadamente. Pais matam seus filhos pequenos todos os dias, nunca por uma boa razão. Em comparação, os filhos só muito raramente matam os pais, de modo geral com excelente motivação. Jackson sorriu ligeiramente ao pensar nisso. Uma antiga experiência química, administrada no bem-amado uísque escocês do pai, resultará na ruptura de um aneurisma. Como acontece com qualquer ocupação, deve-se começar de algum ponto.

Quando pessoas de inteligência média ou abaixo da média cometem crimes como os de homicídio, geralmente o fazem de qualquer maneira, sem planejamento ou preparação de longo prazo. Como resultado, o que geralmente acontece é que são logo presas e condenadas. Entre as pessoas altamente inteligentes, crimes assim sérios resultam de um planejamento muito cuidadoso, longas abordagens e muitas sessões de ginástica mental. Como resultado, raramente são presas e mais raramente ainda condenadas.

Jackson pertencia, sem dúvida, a esta última categoria.

O filho mais velho se sentiu compelido a sair e recuperar a fortuna perdida. A uma bolsa de estudos conseguida por mérito escolar e uma graduação como melhor aluno da classe de uma universidade de prestígio, seguiu-se a cuidadosa retomada dos antigos contatos da família, já que eles não podiam se perder em caráter definitivo se Jackson queria mesmo que seu plano de longo alcance fosse concretizado. Em todos aqueles anos se dedicara a dominar uma variedade de talentos e habilidades, tanto do corpo quanto da mente, que lhe permitiriam perseguir o seu sonho de riqueza e do poder que a acompanha. Seu corpo era tão bem treinado e forte quanto a mente, um em preciso equilíbrio com o outro. No entanto, sempre cuidadoso para não repetir as pegadas do pai, Jackson estabeleceu um objetivo muito mais ambicioso: agiria sempre de modo a permanecer completamente invisível. A despeito do amor que tinha pela arte de representar, não ansiava por exibir-se à luz da ribalta como o pai, político que era. Sentia-se perfeitamente feliz em ser sua própria plateia.

E assim construíra seu império invisível, embora de uma maneira profundamente ilegal. Os resultados eram os mesmos, independente da origem do dinheiro. Ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa. Não se aplicava apenas a seus doze patinhes.

Ele sorriu ao ter essa ideia e continuou a se deslocar pelo apartamento.

Jackson tinha um irmão e uma irmã mais moços que ele. O irmão herdara os maus hábitos do pai, e, consequentemente, esperava que o mundo lhe oferecesse tudo o que havia de melhor sem ter de dar nada de valor comparável em troca. Jackson lhe dera dinheiro suficiente para uma existência confortável, embora longe de ser luxuosa.

Se acabasse com esse dinheiro, não haveria mais. Para ele, o poço secara. Já a irmã era outra história. Jackson gostava muito dela, embora adorasse o pai com a fé cega que as filhas costumam ter nos pais. Jackson a instalara em grande estilo mas jamais a visitava. Eram imensas as exigências a que tinha de atender na divisão do seu tempo. Uma noite podia encontrá-lo em Hong Kong, a noite seguinte em Londres. Além do mais, as visitas que fizesse à irmã implicariam a necessidade de conversar e ele não tinha vontade de mentir sobre o que fizera e continuava a fazer para ganhar dinheiro. Ela nunca seria parte desse seu mundo. E assim, poderia viver até o último dos seus dias em ócio luxuoso e na mais completa ignorância de tudo, sempre à procura de alguém para substituir o pai que acreditava ter sido tão bom, tão admirável.

Ainda assim, Jackson cuidara de sua família. Não sentia vergonha nem culpa quanto a isso. Não era igual ao pai. Fizera questão de ter sempre presente um lembrete do velho, o nome que usava em todas as transações: Jackson. O nome de seu pai era Jackson. E, fizesse o que fizesse, seria sempre Jackson: o filho de Jack.

Prosseguindo na volta que estava dando pelo apartamento, parou em uma janela e contemplou a vista de uma noite espetacular em Nova York. Aquele apartamento era o mesmo em que fora criado, embora tivesse sido completamente reformado depois que o comprara. A razão ostensiva fora a necessidade de modernizá-lo e adequá-lo às suas necessidades particulares. A motivação mais sutil fora eliminar, o máximo que pudesse, o passado. Esta compulsão não se aplicava apenas a seu meio físico. Toda vez que adotava um disfarce estava, na verdade, aplicando uma camada de fantasia sobre seu verdadeiro eu, escondendo a pessoa que o pai nunca achara que merecesse seu respeito ou amor. Mas a mágoa que sentia jamais seria esquecida, enquanto vivesse, enquanto se lembrasse A verdade era que cada canto daquele apartamento tinha a capacidade de despertar lembranças dolorosas a qualquer instante. Só que isto não era tão mau assim, ele concluíra havia muito tempo. A dor era uma maravilhosa ferramenta motivadora.

Jackson entrava e saía da sua cobertura por um elevador privativo. Ninguém era autorizado a entrar em qualquer circunstância. Toda correspondência e outras entregas ficavam na portaria, mas o movimento era pequeno. A maior parte do seu trabalho era conduzido por telefone, mensagens eletrônicas via computador e

fax. Ele mesmo fazia a limpeza, mas, com seu esquema de viagens e hábitos espartanos, o trabalho não demandava muito tempo e certamente era um preço baixo a pagar por uma privacidade absoluta.

Jackson criara um disfarce que servia como sua verdadeira identidade cada vez que saía do apartamento. Era um plano que servia para a pior hipótese, ou seja, para o caso de a polícia um dia bater na sua porta. Horace Parker, o velho porteiro que cumprimentava Jackson sempre que este entrava ou saía, era o mesmo que levava a mão ao boné para o menino tímido e com cara de estudioso pendurado na mão da mãe, tanto tempo atrás. A família de Jackson deixara Nova York quando ele era adolescente por causa da derrocada financeira do pai, de modo que Parker, muito mais velho agora, aceitara a aparência alterada de Jackson como simples consequência da passagem do tempo. com essa sua imagem falsa firmemente gravada na cabeça das pessoas, Jackson confiava que ninguém conseguiria identificá-lo com sua verdadeira aparência.

Para Jackson, ouvir seu nome de batismo dito por Horace Parker era ao mesmo tempo tranquilizador e inquietante. Equilibrar tantas identidades não era fácil, e ocasionalmente ele se dava conta de que deixava de responder quando o chamavam pelo nome verdadeiro. No entanto, às vezes era muito agradável poder assumir a verdadeira identidade.

Gostava de ser ele mesmo às vezes, como numa espécie de fuga em que podia relaxar e explorar os intermináveis emaranhados da cidade. Mas, fosse qual fosse a identidade que assumisse, acabava sempre tratando de negócios. Nada vinha antes. As oportunidades podiam estar em qualquer lugar e ele explorava todas.

Dispondo de capital ilimitado, no decorrer da última década ele transformara o mundo em seu parque de diversões particular, e os efeitos de suas manipulações podiam ser sentidos nos mercados financeiros e nos acontecimentos políticos em todo o mundo. Financiara empresas tão diversas quanto suas identidades, desde atividades de guerrilha em países do Terceiro Mundo até cartéis de mercados de metais preciosos no mundo industrializado. Quando se molda os acontecimentos dessa forma, pode-se lucrar enormemente nos mercados financeiros. Por que arriscar no mercado futuro quando se pode manipular o produto e saber exatamente a direção em que o vento soprará?

Tudo previsível e lógico; risco controlado. Eram essas as situações que ele apreciava.

Jackson também exibia um lado caridoso, e vultosas somas de dinheiro haviam sido destinadas a causas meritórias espalhadas por todo o mundo. Até nestes casos, exigia e recebia o controle final, mesmo que se mantivesse invisível, com a alegação de que tinha condições de julgar o que estava em jogo

muito melhor do que qualquer outra pessoa. com tanto dinheiro envolvido, quem iria lhe negar o que quisesse? Seu nome jamais aparecia em nenhuma lista de poderosos ou detentores de cargos políticos; nunca uma revista especializada em finanças o entrevistara. Flutuava de uma paixão para outra com a maior das facilidades. Não era capaz de imaginar uma existência mais perfeita, embora tivesse de admitir que até mesmo as perambulações pelo mundo começavam a se tornar um tanto tediosas nos últimos tempos. A redundância começava a tomar a vez da originalidade nas suas numerosas linhas de negócios e ele iniciara a procura de algo novo, que satisfizesse seu apetite cada vez maior pelo pouco usual, pelo extremamente arriscado, mesmo que fosse para reavaliar sua capacidade de controle, dominação e, acima de tudo, sobrevivência.

Entrou em um aposento menor cheio até o teto de computadores e equipamentos de informática. Ali residia o centro nervoso de sua operação. As telas planas dos monitores lhe diziam, em tempo real, como os interesses que tinha espalhados pelo mundo todo estavam se saindo. Ali, naquela saleta, tudo, do movimento das bolsas de valores e mercados futuros às reportagens mais recentes, era captado, catalogado e, com o tempo, analisado por ele.

Jackson ansiava por informações, absorvia tudo como uma criança de três anos absorve um idioma estrangeiro. Precisava apenas ouvir uma vez para nunca mais esquecer.

Ele examinou o que aparecia nas telas e, graças ao longo hábito, conseguia separar o importante do banal, o interessante do óbvio em questão de minutos. Os investimentos que apareciam em azul-claro nas telas estavam indo muito bem; os que eram vistos em vermelho vivo acusavam resultados piores. Ele sorriu, satisfeito, quando viu um mar azul.

Dali passou para uma sala um pouco maior, onde guardava sua coleção de lembranças. Pegou ao acaso um álbum, que abriu. Dentro havia fotos e informações sobre suas doze pepitas de ouro — os doze indivíduos aos quais concedera grande fortuna e novas vidas; e que, por sua vez, permitiram que ele recuperasse o dinheiro da família. Folheou, distraído, o álbum, sorrindo ocasionalmente, à medida que recordações agradáveis voltavam à sua consciência.

Escolhera cuidadosamente seus ganhadores, selecionando-os em listas do Serviço de Bem-Estar e de pedidos de falência, viajando centenas de horas através das áreas pobres e desoladas do país, tanto urbanas quanto rurais, em busca de gente desesperada que faria qualquer coisa para mudar suas vidas — cidadãos normais e obedientes à lei, mas capazes de cometer um crime financeiro de imensas proporções sem pestanejar. É maravilhoso ver como a mente humana consegue racionalizar quando recebe o necessário incentivo.

O golpe da loteria fora facílimo, como quase sempre acontece. As pessoas presumem que instituições desse tipo são absolutamente acima de corrupção ou de qualquer crítica. Gente que deve ter esquecido que as loterias governamentais foram banidas no século passado por causa da corrupção generalizada. A história tende a se repetir, mesmo que de um modo mais sofisticado. Se Jackson aprendera alguma coisa ao longo dos últimos anos, era que nada, mas absolutamente nada estava além da corrupção desde que houvesse o envolvimento de seres humanos, porque, na verdade, a maioria das pessoas é suscetível ao encanto do dinheiro ou de qualquer bem material, particularmente quando trabalham com vastas quantias todo dia. Tendem a acreditar que parte daquilo devia, por direito, lhes pertencer.

E não era necessário um exército de pessoas para efetuar seus planos. Na verdade, para Jackson, o conceito de uma "conspiração muito disseminada" era uma expressão contraditória.

Tinha um grande grupo de associados trabalhando para ele, gente espalhada por todo o mundo. No entanto, nenhuma dessas pessoas sabia quem realmente ele era, onde morava, como viera a formar sua imensa fortuna. Nenhuma delas tinha conhecimento dos grandes planos que concretizara, das maquinações em nível mundial que orquestrara.

Simplesmente tratavam de produzir sua pequena fatia da torta e eram muito bem recompensadas por fazê-lo. Quando queria algo, um detalhe qualquer de informação de que não dispusesse em caráter imediato, entrava em contato com os auxiliares e em menos de uma hora saberia o que precisava saber. O perfeito esquema para raciocinar, planejar e, por fim, agir — de modo rápido, preciso e final.

Não confiava em ninguém. E alguém com a capacidade de criar com absoluta perfeição mais de cinquenta identidades, por que deveria? com a mais avançada tecnologia de computador e de comunicações a seu alcance, podia, na verdade, estar em diversos lugares ao mesmo tempo. E encarnando pessoas diferentes. O sorriso de Jackson se alargou quando pensou no mundo como seu palco particular.

O sorriso se desvaneceu quando virou uma página do álbum, transformando-se em uma expressão menos direta. Uma mistura de interesse evidente com uma emoção que Jackson jamais sentira: incerteza. E mais alguma coisa. Ele nunca classificaria como medo: esse demônio jamais o perseguira. Poderia descrever o que sentia mais como uma impressão de inevitabilidade, de destino, como a convicção indiscutível de que ele e ela eram como dois trens em rota de colisão e que, não importava o que um ou outro fizesse, o encontro fatídico entre eles teria lugar de um modo memorável.

Jackson fixou os olhos nas feições verdadeiramente inesquecíveis de LuAnn Tyler. Dos doze ganhadores da loteria ela fora, longe, a mais notável. Havia perigo naquela mulher, perigo traduzido pelo que talvez fosse uma certa tendência à violência, o que atraía Jackson com a força do ímã mais poderoso do mundo. Passara diversas semanas em Rikersville, no estado da Georgia, um local que escolhera por uma razão muito simples: seu círculo irreversível de pobreza, desesperança. Havia muitos lugares desse tipo no país. Bem documentados pelo governo em categorias como "os níveis mais básicos de renda pessoal", "abaixo do padrão no que diz respeito a recursos de educação e saúde". Linguagem técnica que pouco ou nada faz para nos esclarecer quanto às pessoas que vivem por trás das estatísticas, para lançar uma luz sobre a queda livre de um largo segmento da população na miséria. Sempre apaixonado pelo capitalismo, Jackson surpreendentemente não dava importância ao fato de que fazia o bem num meio daqueles. Nunca escolhia um rico para ganhar, embora soubesse, sem dúvida nenhuma, que a maioria deles teria sido muito mais fácil de persuadir que os pobres que sempre escolhia.

Tinha descoberto LuAnn no ônibus que ela pegava para ir trabalhar. Sentara-se ao lado dela, disfarçado, é claro, ao fundo, com seus jeans rasgados um boné dos Georgia Bulldogs, camisa suja, barba maltratada cobrindo o rosto, os olhos penetrantes escondidos sob grossas lentes. Notara de imediato a aparência dela. Parecia deslocada; todas as outras pessoas sugeriam saúde fraca e desesperança, como se até mesmo o mais jovem estivesse contando os dias à espera da morte. Vira LuAnn brincar com a filha, ouvira-a cumprimentar as pessoas em torno e observara como o desânimo delas cedia lugar a um pouco de animação graças a seus comentários sensatos. Resolvera então investigar cada elemento da vida dela, desde seu passado muito pobre até a vida que levava em um trailer com Duane Harvey. Visitara aquele trailer muitas vezes quando LuAnn e o "namorado" não estavam. Percebera os pequenos toques empregados por LuAnn para manter a casa limpa e arrumada a despeito do relaxamento de Duane. Tudo que tinha relação com Lisa era mantido à parte e imaculado. Jackson vira isso claramente. Lisa era a vida de LuAnn.

Disfarçado de motorista de caminhão, passara muitas noites no restaurante de beira de estrada onde LuAnn trabalhava. Ele a observara com cuidado, vira as condições de sua vida se deteriorarem e ficarem a cada dia mais desesperadoras, vira como o olhar dela ficava às vezes perdido nos olhos da filha, melancolicamente, sonhando com uma vida melhor. E então, depois de muito observar, decidiu que faria dela uma das poucas afortunadas. Há uma década.

Depois não vira nem falara com LuAnn nos dez anos seguintes, embora raramente se passasse uma semana sem que pelo menos não pensasse nela. A

princípio se mantivera de olho na sua movimentação, mas com o passar dos anos e as contínuas mudanças de um país para outro de acordo com os desejos de Jackson, o zelo dele decrescera consideravelmente. Era como se estivesse agora completamente fora da tela do radar. A última notícia que teve de LuAnn foi quando se encontrava na Nova Zelândia.

No ano seguinte poderia encontrá-la em Mônaco, Escandinávia, China, sabe-se lá onde. LuAnn ia voar de um lugar para outro até morrer. Jamais voltaria aos Estados Unidos, disso ele tinha certeza.

Jackson nascera em meio a grande fortuna, grandes vantagens materiais. Perdera tudo. Para recuperar, foi preciso empregar todos os seus talentos, sua capacidade de trabalho, sua coragem. LuAnn Tyler nascera na miséria, trabalhara como um burro de carga para ganhar um quase nada. Dera a LuAnn o mundo, permitindo que se tornasse o que sempre quisera — uma outra pessoa que não LuAnn Tyler. Jackson sorriu. com a paixão que tinha pela trapaça, pela ilusão, como não se deleitar com aquela ironia? Ele passara a maior parte da vida adulta fingindo ser outras pessoas. LuAnn passara os últimos dez anos vivendo uma outra vida, preenchendo as dimensões de uma outra identidade. Estudou os olhos cor de avelã cheios de vida, a expressão altiva, o longo cabelo; acompanhou com a ponta do dedo a curva do pescoço esbelto embora forte, e mais uma vez começou a meditar sobre os dois trens e a colisão maravilhosa que um dia poderiam criar. Os olhos de Jackson começaram a brilhar só de pensar.

21

DONOVAN ENTROU NO APARTAMENTO e sentou-se à mesa de jantar, espalhando na sua frente as folhas que retirou da pasta. Seu jeito era de excitação contida. Foram necessárias diversas semanas, dúzias de telefonemas e uma imensa quantidade de trabalho braçal para acumular as informações de que agora dispunha.

No início a tarefa parecera, no mínimo, desencorajadora. Na verdade, parecia destinada ao fracasso apenas pelos números envolvidos. No ano em que LuAnn Tyler sumira, foram programados setenta mil voos internacionais passando pelo JFK. No dia presumível da fuga, foram duzentos voos, ou dez por hora, porque não houve voos entre uma e seis da manhã. Donovan reduzira os parâmetros da busca de modo a incluir mulheres de vinte a trinta anos embarcando em voos internacionais no dia da entrevista coletiva, dez anos atrás, entre sete da noite e uma da manhã. A entrevista se prolongara até as seis e meia da tarde e Donovan duvidava de que ela tivesse conseguido pegar um voo que saísse do JFK às sete, mas o voo podia ter saído atrasado e ele não queria deixar passar nada. Isso significava examinar sessenta voos e cerca de quinze mil passageiros. Durante a investigação, Donovan aprendera que as companhias aéreas, em sua maioria, mantinham registros ativos dos passageiros por cinco anos. Depois disso, as informações eram arquivadas. Sua tarefa prometia ser mais fácil porque os arquivos haviam sido digitalizados em meados da década de 1970.

Só que ele enfrentara uma verdadeira muralha de pedra quando quis consultar arquivos de passageiros datados de dez anos atrás. Disseram-lhe que o FBI poderia ter acesso a tudo que quisesse, mas só se tivesse um mandado.

Por intermédio de um contato no FBI que lhe devia um favor, Donovan conseguiu o que queria. Sem entrar em particulares e adiantar nomes para seu amigo, conseguiu transmitir-lhe os parâmetros precisos da busca, incluindo o fato de que a pessoa que procurava devia ter viajado com um passaporte recentemente expedido e com uma criança de colo. Isso tinha estreitado tremendamente o número de variantes. Só três pessoas atendiam a estes critérios e naquele instante ele estudava uma lista com o nome delas junto com os últimos endereços conhecidos.

A seguir pegou o caderninho de endereços. Ia ligar para a Best Data, uma firma de verificação de créditos que funcionava em âmbito nacional. Ao longo dos anos ela reunira um imenso banco de dados com nomes, endereços e, o mais importante, número do Seguro Social. Atendia a numerosas empresas que

precisavam dessas informações, como, por exemplo, as especializadas em cobranças ou bancos que investigavam dados fornecidos por candidatos a empréstimos. Donovan deu os três nomes e os últimos endereços conhecidos da lista e depois forneceu o número do seu cartão de crédito para pagamento da taxa da Best Data. Em menos de cinco minutos lhe deram os números do Seguro Social de todas as três pessoas, seus últimos endereços conhecidos e cinco endereços "próximos" ou de "vizinhos". Em seguida, checou estes dados com os registros das companhias aéreas. Duas mulheres haviam se mudado, o que não era surpreendente, face à idade que tinham dez anos antes; nesse ínterim provavelmente seguiram uma carreira ou se casaram. Uma delas, contudo, não mudara de endereço. Catherine Savage ainda aparecia cadastrada como residente no estado da Virginia. Donovan ligou para o serviço de auxílio às listas da Virginia, mas não havia telefone listado sob aquele nome e endereço. Sem desanimar, tentou o Departamento de Veículos a Motor. Forneceu o nome de Catherine Savage, seu último endereço conhecido e número do Seguro Social, que na Virginia coincide com o número da carteira de motorista. A pessoa que atendeu só concordou em dizer a Donovan que a mulher que ele procurava tinha uma carteira de motorista válida. Não quis revelar a data em que fora expedida ou seu atual endereço. Uma pena, mas Donovan já seguira pistas mais difíceis no passado. Pelo menos agora sabia que ela estava morando na Virginia ou que tinha uma carteira de motorista expedida lá. Tratava-se, portanto, apenas de saber onde Catherine Savage poderia estar. Ele tinha meios de descobrir, mas por ora decidiu obter mais informações sobre a história da mulher.

Retornou ao escritório, onde tinha um computador ligado à Internet em caráter permanente por conta do jornal, e acessou o banco de dados da Administração do Seguro Social. Donovan era da velha escola no que dizia respeito a métodos de pesquisa, mas ocasionalmente usava o recurso de navegar na rede. Tudo o que precisava para obter informações sobre uma pessoa era o seu número do Seguro Social, nome de solteira da mãe e seu local de nascimento. Donovan tinha tudo isso à mão. LuAnn Tyler nascera na Georgia, disto tinha certeza. No entanto, os três primeiros dígitos do número do Seguro Social que ele deu identificaram Catherine Savage como nascida na Virginia. Se LuAnn Tyler e Catherine Savage fossem a mesma pessoa, então Tyler obtivera um número de Seguro Social falso. Não era uma coisa tão difícil de fazer, mas ele duvidava que ela tivesse os conhecimentos necessários. O banco de dados que Donovan consultou listava os rendimentos ganhos desde os anos cinquenta, as contribuições feitas ao fundo do Seguro Social e os benefícios a serem recebidos após a aposentadoria com base nessas contribuições. Isto era normalmente o que era mostrado. Donovan, contudo, olhava para uma tela em

branco. Catherine Savage não tinha uma história de salários recebidos de nenhum tipo. LuAnn Tyler trabalhara, Donovan tinha certeza. O último emprego dela fora em um restaurante de beira de estrada. Se recebera salário, o empregador devia ter retido dinheiro para os impostos da folha de pagamentos, inclusive o dinheiro do Seguro Social. Ou o empregador não fizera nada disso ou LuAnn Tyler não tinha Seguro Social, ou ambos. Mais uma vez telefonou para a Best Data e passou pelo mesmo processo. A resposta agora foi diferente. No que dizia respeito à Administração do Seguro Social, LuAnn Tyler não existia. Ela simplesmente não tinha um número de registro. Não havia mais o que descobrir ali. Era tempo de tomar providências mais sérias.

Naquela noite, Donovan voltou para casa, abriu uma pasta e tirou o formulário 2848 do Imposto de Renda intitulado "Procuração e Designação de Representante". Um documento relativamente simples, como todos os do Imposto de Renda, mas com um extraordinário poder. De posse daquilo, Donovan podia obter toda a espécie de documentos fiscais sigilosos da pessoa que estivesse investigando. Na verdade, tinha de haver um pouco de distorção da verdade no preenchimento do formulário, da mesma forma que o processo também envolvia a inevitável necessidade de falsificar a assinatura da pessoa que concedia a procuração, mas, como seus motivos eram nobres, a consciência dele estava tranquila. Além do mais, Donovan sabia que o Imposto de Renda recebia dez milhões de pedidos por ano de contribuintes que queriam se informar sobre suas declarações de renda. Que alguém fosse se dar ao trabalho de cotejar assinaturas era algo situado muito além do reino das coisas possíveis. Donovan sorriu. As chances de que isso acontecesse eram tão pequenas quanto as de ganhar a sorte grande na loteria. Preencheu o formulário, escrevendo o nome da mulher e seu último endereço conhecido, acrescentou o número do Seguro Social, colocou-se como procurador para finalidades fiscais, requereu as cópias das declarações dos três últimos anos e despachou pelo correio.

Levou dois meses e numerosos telefonemas, mas a espera valeu a pena. Donovan devorou o conteúdo do pacote do Imposto de Renda quando ele finalmente chegou. Catherine Savage era uma mulher riquíssima e sua declaração do ano anterior, ocupando um total de quarenta páginas, refletia essa fortuna e as complexidades financeiras resultantes desse nível de renda. Ele havia requerido as cópias das declarações dos três últimos anos, mas o IR mandara apenas uma pela simples razão de que ela apresentou apenas uma declaração. O mistério por trás disso foi esclarecido rapidamente, porque Donovan, como representante de Catherine Savage, conseguira que a Receita Federal respondesse a quase todas as perguntas que fez sobre a contribuinte. Donovan foi informado de que a situação de Catherine Savage despertara

inicialmente grande interesse. Uma cidadã americana dona de tão extraordinário nível de riqueza preenchendo uma declaração de renda pela primeira vez aos trinta anos de idade era de fazer com que o mais preguiçoso dos funcionários da Receita entrasse em ação. Havia um milhão de americanos vivendo no exterior que nunca apresentavam declaração e, por consequência, esta era uma área que sempre recebia atenção especial da Receita. O interesse inicial, contudo, desapareceu rapidamente quando todas as perguntas foram respondidas e cada resposta foi sustentada por documentação substancial, conforme informaram a Donovan.

Donovan consultou as anotações feitas durante a conversa com o funcionário da Receita. Catherine Savage nascera nos Estados Unidos, em Charlottesville, estado da Virginia, e na verdade deixara o país quando menina, acompanhando o pai em viagem de negócios. Quando mocinha, morando na França, conhecera e se casara com um rico homem de negócios alemão, que à época residia em Mônaco. O homem falecera cerca de dois anos depois e sua fortuna fora devidamente herdada pela jovem viúva. Agora, como cidadã americana e dona do controle do seu dinheiro, que na totalidade se compunha do que é chamado de renda passiva, não realizada, começara a pagar imposto de renda na sua terra natal. Os documentos arquivados eram numerosos e legítimos, o funcionário garantira a Donovan. Tudo absolutamente certo. No que dizia respeito à Receita Federal, Catherine Savage era uma cidadã responsável que pagava devidamente tudo o que tinha de pagar, embora residindo fora dos Estados Unidos.

Donovan recostou-se e contemplou o teto, mãos cruzadas na nuca. O funcionário da Receita tinha lhe dado uma outra informação interessante. O Imposto de Renda recebera muito recentemente um formulário de mudança de endereço de contribuinte preenchido em nome de Catherine Savage. Ela agora se encontrava nos Estados Unidos. Na verdade, havia retornado, pelo menos de acordo com seus registros, à cidade onde nascera: Charlottesville, Virginia. A mesma cidade onde nascera a mãe de LuAnn Tyler. Era coincidência demais para Donovan.

De posse de todas essas informações, ele ficara razoavelmente seguro de uma coisa: LuAnn finalmente voltara. E, agora que estava tão familiarizado com quase todas as facetas de sua vida, achava que era a hora de se conhecerem. Onde e como se encontrariam era algo em que ainda teria de pensar.

22

SENTADO EM SUA PICAPE ESTACIONADA ao lado de uma acentuada curva da estrada, Matt Riggs examinou a área com um par de binóculos. O terreno, acidentado e muito íngreme, além de coberto de árvores, era, a seus olhos experientes, impenetrável. Os pouco mais de seiscentos metros da sinuosa estrada de asfalto privativa que corriam à direita de Riggs encontravam em ângulo reto a estrada em que ele estava: mais adiante se erguia uma casa enorme de onde se tinha uma bela vista das montanhas próximas.

Só que, sendo cercada por uma densa floresta, não podia ser vista de nenhuma parte, a não ser do alto. O que o fez perguntar-se mais uma vez por que o proprietário ia querer pagar para que fosse construída uma cerca dispendiosa em todo o perímetro da propriedade. A natureza já providenciara sua própria segurança.

Riggs deu de ombros e abaixou-se para calçar um par de botas Overland e em seguida vestiu o casaco. O vento frio o fustigou quando saltou da picape. Respirou fundo o ar puro e passou a mão no cabelo castanho-escuro desalinhado, flexionando os músculos do corpo vigoroso antes de calçar as luvas de couro. Ia levar cerca de uma hora para caminhar o trecho em que a cerca seria construída na frente da propriedade. Segundo os planos, ela teria dois metros e dez de altura e seria construída em aço sólido pintado de preto brilhante, com cada poste sustentado por um bloco de sessenta centímetros de concreto. Ela teria sensores eletrônicos instalados a distâncias irregulares e seria encimada por pontas perigosamente finas. Os portões, montados em pilares de concreto com acabamento de tijolos na base, teriam o mesmo estilo e tipo de construção. O projeto incluía também uma câmera de vídeo, um sistema de intercomunicação e um sistema de fechamento nos imensos portões tão eficiente que só o impacto direto de um carro de combate Abrams seria capaz de abrir sem a permissão do dono. Pelo que vira até agora, Riggs não esperava que essa permissão viesse a ser dada com frequência.

Fazendo limite com os municípios de Nelson a sudoeste, Greene ao norte e Fluvanna e Louisa a leste, o município de Albemarle, na Virginia, era escolhido como local de residência por muitas pessoas ricas, famosas ou não. Todas, no entanto, tinham algo em comum: ansiavam por desfrutar a privacidade e estavam mais do que dispostas a pagar pelo que queriam. Assim, Riggs não ficara inteiramente surpreso com todas as precauções tomadas naquele caso. Todas as negociações tinham sido mantidas com um intermediário devidamente

autorizado. Riggs ponderou que alguém que podia se dar ao luxo de mandar construir uma cerca daquelas, cujo custo certamente ultrapassaria trezentos mil dólares, provavelmente teria coisas melhores a fazer com seu tempo do que sentar para bater papo com um humilde empreiteiro.

Binóculo balançando, pendurado no pescoço, ele saiu caminhando com dificuldade pela estrada até encontrar uma estreita trilha que entrava no mato. As duas partes mais difíceis do trabalho eram perfeitamente claras para ele: levar o equipamento pesado para lá e fazer seus homens trabalharem num espaço tão restrito. Misturar concreto, fincar as pilastras, montar as estruturas e posicionar as seções de uma cerca tão pesada, tudo isso tomava espaço, um amplo espaço de que não disporiam. Ainda bem que, justamente por este motivo, ele acrescentara uma bonificação bem satisfatória ao trabalho assim como uma parcela destinada a possíveis gastos a mais. Tudo indicava que o proprietário não impusera limites ao preço, porque seu representante prontamente concordara com a vultosa quantia calculada por Riggs. Não que estivesse se lastimando. Só aquela empreitada lhe garantiria o melhor ano que já tivera desde que começara a trabalhar no ramo. E, embora só estivesse naquilo havia três anos, a firma vinha crescendo constantemente desde o primeiro dia. Era melhor ir trabalhar.

O BMW saiu lentamente da garagem e desceu a estrada de acesso, que tinha de cada lado uma cerca de quatro tábuas de carvalho, pintadas de um branco imaculado. Praticamente todos os terrenos limpos da propriedade eram delimitados pelo mesmo tipo de cerca, o branco fazendo um espantoso contraste com o verde da paisagem. Ainda não eram sete horas da manhã e o silêncio do dia ainda não fora perturbado. Aqueles passeios matinais haviam se tornado um ritual tranquilizador para LuAnn. Ela deu uma espiada na casa pelo retrovisor. Construída com tijolos envelhecidos e uma pedra lindíssima da Pensilvânia, com uma fileira de colunas brancas sustentando a espaçosa varanda da frente, calhas de cobre parecendo antigas e numerosas portas francesas, com painéis de vidro de alto a baixo, a casa era elegantemente refinada a despeito do tamanho imponente.

Quando o carro desceu um pouco a estrada e perdeu a casa de vista, LuAnn olhou de novo para a frente e subitamente tirou o pé do acelerador para pisar no freio, num movimento brusco. O homem acenava para ela, cruzando os braços na frente do corpo para que parasse. Ele se aproximou da janela da motorista e fez sinal para que abrisse. com o canto do olho, LuAnn viu um Honda preto estacionado na margem gramada da estrada.

Embora profundamente desconfiada, comprimiu o botão e o vidro desceu um pouco. Manteve, contudo, o pé no acelerador, pronto para pisar com força se a situação exigisse. De qualquer modo, a aparência dele era bastante inocente:

meia-idade, frágil de corpo, barba começando a ficar grisalha.

— Posso ajudá-lo? — perguntou ela, tentando evitar seu olhar incisivo, mas ao mesmo tempo querendo ficar atenta a qualquer movimento da parte dele.

— Acho que estou perdido. Aqui é a velha Mansão Brillstein? — ele apontou para a casa, estrada acima.

LuAnn sacudiu a cabeça.

— Nós nos mudamos recentemente mas não era esse o nome dos antigos proprietários. O nome é Wicken's Hunt.

— Puxa, eu podia jurar que era aqui.

— Quem estava procurando?

O homem se abaixou de modo que seu rosto ficou bem junto do vidro.

— Talvez seja uma conhecida sua. O nome é LuAnn Tyler, da Georgia.

LuAnn puxou o ar tão fundo que quase engasgou. Não havia como ocultar seu assombro.

Thomas Donovan, o rosto cheio de satisfação, abaixou-se mais um pouco, ficando com os lábios bem no mesmo nível dos olhos dela.

— LuAnn, eu gostaria de lhe falar. É importante e... LuAnn meteu o pé no acelerador e Donovan teve de pular para trás para não ter os pés esmagados pelos pneus do carro.

— Ei! — gritou Donovan, mas o carro já tinha quase desaparecido. Com o rosto muito branco, correu para o seu carro, deu a partida no motor e saiu atrás de LuAnn.

— Santo Deus! — murmurou.

Ele tentara o auxílio às listas de Charlottesville, mas o número de Catherine Savage não constava. Donovan teria ficado espantadíssimo se constasse. Uma pessoa que vinha fugindo todos aqueles anos não ia querer que seu telefone pudesse ser de conhecimento público. Depois de meditar muito decidira que uma abordagem direta seria, se não a melhor linha de ação, pelo menos a mais produtiva. Observou a casa durante a última semana, registrou o padrão dos passeios matinais de carro, e escolheu aquele dia para fazer o contato. A despeito de quase ter sido atropelado, teve a satisfação de verificar que estava certo. Sabia que fazer a pergunta de súbito seria o único modo seguro de conseguir a verdade. E agora não tinha mais dúvidas. Catherine Savage era LuAnn Tyler. Sua aparência mudara consideravelmente se comparada com o vídeo e as fotos de dez anos atrás. Tinham sido mudanças sutis, nada de realmente drástico, e ainda assim o efeito cumulativo fora notável. Se não fosse pela sua expressão e partida abrupta, Donovan não a teria reconhecido.

Concentrou-se na direção. Tinha acabado de vislumbrar o BMW cinza. Ainda estava muito longe, mas, na estrada acidentada e cheia de curvas, o seu

Honda menor e mais ágil levava vantagem. Não gostava de bancar o piloto de corridas. Rejeitara o papel de aventureiro quando mais jovem, na época em que cobria acontecimentos perigosos no mundo inteiro, e agora o rejeitava mais ainda. Mas tinha de obrigá-la a compreender o que estava tentando fazer. Fazer com que o ouvisse. E tinha também — e principalmente — de conseguir sua reportagem. Não trabalhara vinte e quatro horas por dia nos últimos meses tentando descobrir o paradeiro dela só para vê-la desaparecer novamente.

Matt Riggs parou por um momento e mais uma vez estudou o terreno. O ar era tão claro e puro ali, o céu tão azul, a paz e o silêncio tão etéreos, que mais uma vez se espantou por ter esperado tanto tempo para largar a cidade grande e ir para lugares mais calmos, mesmo que menos excitantes. Depois de anos no centro de milhões de pessoas tensas e cada vez mais agressivas, agora descobria como estar sozinho no mundo, mesmo que por alguns minutos, era mais tranquilizador do que poderia ter imaginado. Já ia puxar do bolso o levantamento do terreno da propriedade para estudar com mais detalhe as dimensões da linha onde seria instalada a cerca quando todos os seus pensamentos acerca de trabalhar em meio a uma pacífica paisagem campestre desapareceram abruptamente de sua cabeça.

Virou-se num movimento brusco e levou o binóculo aos olhos para ver o que havia destruído tão subitamente a calma da manhã. Localizou rapidamente a origem do barulho.

Por entre as árvores foi possível enxergar dois automóveis descendo a estrada onde a casa estava situada, os respectivos motores acelerados ao máximo. O da frente era um sedã BMW, grande. O de trás era muito menor. O que o carro menor tinha a menos em potência que o BMW sobrava na agilidade indispensável em uma estrada como aquela, tão sinuosa. Na velocidade que andavam, contudo, Riggs achou que o mais provável era que ambos terminassem batendo em uma árvore ou de cabeça para baixo em uma das valas fundas que corriam dos dois lados da estrada.

As duas outras visões que teve com a ajuda do binóculo fez com que se virasse e saísse correndo o mais depressa que pôde de volta para a picape.

A expressão de pavor no rosto da mulher que dirigia o BMW, o modo como olhava para trás a fim de verificar o avanço do seu seguidor e a cara fechada do homem que a perseguia foram tudo o que Riggs precisou para detonar todos os reflexos que ganhara na profissão anterior.

Acelerou o motor, inseguro quanto ao plano de ação que seguiria, o que não significava que houvesse muito tempo para formular um. Pegou a estrada, ao mesmo tempo em que afivelava o cinto de segurança. Normalmente carregava uma escopeta por causa das cobras, mas a esquecera naquela manhã. Tinha umas

pás e um pé-de-cabra na caçamba da picape, mas esperava que não viesse a ter de usá-los.

Os dois carros logo apareceram na sua frente, na estrada principal. O BMW fez a curva quase que em duas rodas, antes de se estabilizar, o outro logo atrás. Na reta, contudo, os trezentos e tantos cavalos do BMW puderam ser usados integralmente e a mulher abriu rapidamente uma vantagem de duzentos metros do perseguidor, vantagem que aumentava a cada segundo. Riggs sabia que aquilo não ia durar, porque se aproximava velozmente uma curva muito perigosa. Quisera Deus que ela soubesse disso; caso contrário, ele ia ver o BMW se transformar numa bola de fogo quando saísse da estrada e batesse num verdadeiro exército de árvores cujos troncos, duros, não cederiam a seu peso. com tal perspectiva praticamente em cima deles, o plano finalmente foi formulado. Riggs meteu o pé no acelerador, a picape lançou-se para a frente e ele se aproximou do que via agora ser um Honda preto. O homem que o dirigia aparentemente tinha toda a atenção focalizada no BMW, porque, quando Riggs o ultrapassou pela esquerda, o homem nem olhou. Só veio a notar, furioso, quando Riggs cortou sua frente e imediatamente reduziu a velocidade para trinta quilômetros. À frente, Riggs viu a mulher do BMW olhar para trás pelo espelho, os olhos fixos em Riggs e no seu providencial aparecimento em cena, vendo a picape e o Honda travarem uma ferrenha batalha pela supremacia na estrada. Riggs gesticulou, tentando fazer com que ela reduzisse a velocidade, para fazer com que entendesse o que ele estava querendo fazer. Se ela entendeu ou não a mensagem, Riggs não poderia dizer. Como os anéis de uma cascavel, a picape e o Honda avançavam e recuavam juntos na estrada estreita, aproximando-se perigosamente do despenhadeiro do lado direito. Em dado momento uma roda da picape derrapou no cascalho do acostamento e Riggs chegou a se preparar para o mergulho, antes de conseguir, no último instante, recuperar o controle. O motorista do Honda fazia tudo para ultrapassá-lo, buzinando o tempo todo. Mas na antiga carreira Riggs tivera sua cota de situações semelhantes, de dirigir com risco de vida e em alta velocidade, e, com muita perícia, foi anulando manobra após manobra do outro homem. Em mais um minuto fizeram a curva que era praticamente em V, um paredão de rocha à esquerda e um despenhadeiro quase vertical à direita. Riggs procurou ansiosamente pelos restos do BMW no sopé da elevação e deu um suspiro de alívio ao não ver nada. Logo depois veio outra reta. Ele vislumbrou o brilho de um para-choque já bem distante e o grande seda desapareceu completamente de vista. Seu primeiro pensamento foi de admiração. A mulher não reduzira muito a velocidade para fazer aquela curva. E, mesmo a apenas trinta quilômetros por hora, Riggs não se sentira seguro.

Riggs abriu o porta-luvas e pegou o telefone celular. Estava prestes a teclar

911 quando o Honda, cada vez mais agressivo, passou a bater na picape por trás. O telefone voou de sua mão e partiu-se no choque com o painel. Riggs praguejou, recuperou-se do impacto, agarrou com mais força o volante, engrenou uma reduzida e diminuiu ainda mais a velocidade, com o Honda insistindo na tática das batidas. E, o que ele esperava que fosse acontecer, realmente acabou por se concretizar, com o para-choque dianteiro do Honda e o traseiro da picape engatados. Ele chegou a ouvir a transmissão do Honda ranger à medida que o motorista tentava libertar seu carro, sem sucesso. Pelo retrovisor Riggs viu que o homem ia abrir o porta-luvas, e decidiu que não esperaria ele sair com uma arma lá de dentro ou não e meteu o pé no freio. A picape parou, ele engrenou a ré e os dois veículos recuaram pela estrada, os motores roncando. Foi com satisfação que Riggs viu o homem virado para trás e agarrado ao volante, obviamente em pânico. Reduziu a marcha na curva e, assim que pôde, acelerou de novo, desta vez para a frente. Quando chegou a uma reta, deu um golpe de direção para a esquerda, que era o lado do paredão rochoso, e com isso fez com que o Honda batesse na pedra. A força da colisão desenganchou os dois veículos. O outro motorista não parecia ter se ferido. Riggs acelerou forte e partiu rapidamente em perseguição ao BMW. Olhava para trás o tempo todo, mas nem sinal do Honda. Ou havia enguiçado com o choque ou seu motorista desistira de dirigir perigosamente.

A adrenalina continuou a fluir pelo corpo de Riggs por diversos minutos até que finalmente se dissipou. Há cinco anos afastado dos perigos da antiga profissão, Riggs tinha consciência de que o episódio de cinco minutos daquela manhã fizera com que se lembrasse muito vivamente das inúmeras vezes em que sobrevivera a situações de enorme risco. Nunca esperara ou desejara reviver aquela sensação de ansiedade em uma sonolenta manhã enevoada da região central da Virginia.

com o para-choque danificado batendo ruidosamente, Riggs reduziu a marcha, já que era inútil continuar a perseguição ao BMW. Havia um número incontável de estradas transversais e a mulher podia ter entrado em qualquer uma, já estando bem longe àquela altura. Riggs saiu da estrada, parou, pegou uma caneta no bolso e anotou as placas da BMW e do Honda num bloco que mantinha preso no painel. Arrancou a folha de papel e a enfiou no bolso. Tinha uma boa ideia de quem estava no BMW. Alguém que morava na casa grande. A mesma casa onde morava quem o contratara para construir a cerca de segurança mais moderna e avançada tecnologicamente possível. Agora a determinação do dono da propriedade começava a fazer muito mais sentido na cabeça de Riggs. E a pergunta que o interessava passara a ser: por quê? Voltou para a estrada e seguiu em frente, perdido em seus pensamentos, a paz da manhã

irremediavelmente estragada pela visão de puro terror no rosto de uma mulher.

23

O BMW REALMENTE HAVIA PARADO numa transversal a alguns quilômetros de distância do ponto onde Riggs e o Honda ficaram presos. A porta do lado do motorista estava aberta, o motor funcionando. Braços cruzados com força em torno do corpo, LuAnn andava em círculos curtos e frenéticos no meio da estrada deserta, agitada, soltando na direção do céu o ar gelado que expirava. Raiva, confusão e frustração eram visíveis em seu rosto. Todos os resquícios do medo haviam desaparecido, contudo. O medo quase sempre passava logo. Os outros sentimentos é que não batiam em retirada tão facilmente. Aprendera isso com o passar do tempo, da mesma forma como também aprendera a se controlar da melhor forma possível.

Aos trinta anos de idade, LuAnn Tyler ainda tinha a energia impulsiva e os movimentos ágeis da juventude. No entanto, os elementos básicos da sua beleza haviam sido visivelmente alterados. O corpo ficara mais esbelto, a cintura ainda mais fina. Como resultado, parecia ainda mais alta do que realmente era. O cabelo, além de longo, agora era mais puxado para o louro, com um corte sofisticado que destacava suas feições mais definidas, inclusive a plástica no nariz, feita mais para fins de disfarce do que estéticos. Os dentes agora eram perfeitos, após alguns anos de tratamento caríssimo. Havia, contudo, uma imperfeição.

Ela não seguira o conselho de Jackson quanto ao ferimento a faca no queixo. Levara pontos, mas deixara a cicatriz. Não era muito visível, mas toda vez que se olhava no espelho servia como lembrete de sua origem e de como chegara aonde se encontrava. Era o seu vínculo mais perceptível com o passado, e não era uma coisa agradável.

Por este motivo não quisera remover a cicatriz com uma plástica. Queria lembrar sempre a angústia e a dor que sentira.

As pessoas com quem fora criada provavelmente a teriam reconhecido, só que nunca imaginara que fosse ver uma delas ali por perto. Resignara-se a usar um chapelão e óculos escuros quando se arriscasse a aparecer em público, o que não era muito frequente. A vida inteira a se esconder do mundo: esta imposição viera com o acordo.

LuAnn sentou no banco da frente do BMW, as pernas para fora, esfregando as mãos no volante acolchoado. Olhou para trás por algum tempo, em busca de qualquer sinal do perseguidor; os únicos ruídos, contudo, eram do motor do seu carro e sua respiração irregular. Agasalhou-se melhor na jaqueta de couro,

levantou um pouco a calça jeans, jogou as pernas compridas para dentro do carro e fechou a porta, trancando-a.

Seguiu em frente, e por alguns momentos, enquanto dirigia, seus pensamentos se concentraram no homem da picape. Era evidente que ele a ajudara. Seria apenas um bom samaritano que aparecera por acaso na hora certa? Ou seria algo diferente, mais complexo? Convivia com essa paranoia há tanto tempo que era como se fosse uma camada protetora que a envolvesse. Todas as observações tinham de passar primeiro pelo seu filtro, todas as conclusões a que chegava eram, de algum modo, baseadas na maneira como percebia a motivação de quem quer que colidisse com seu universo particular. Tudo, afinal, se resumia a um fato sinistro: o pavor que sentia de ser descoberta.

Respirou fundo e perguntou-se, pela milésima vez, se não cometera um erro grave ao voltar para os Estados Unidos.

Riggs dirigiu a picape batida até a estrada particular. Ficou de olho no Honda o tempo todo durante a viagem de volta, mas tanto o carro quanto o motorista haviam desaparecido. Ir até a casa, imaginava ele, era o modo mais rápido de achar um telefone, e talvez mesmo de obter uma explicação para os eventos daquela manhã. Não que lhe devessem esclarecimentos, mas sua intervenção ajudara a mulher e ele achava que isso valia alguma coisa. De qualquer maneira, não podia exatamente deixar o assunto de lado agora. Ficou surpreso ao ver que ninguém o detinha. Não devia haver segurança particular Tinha se encontrado com o representante do proprietário na cidade; aquela era sua primeira visita à propriedade, que fora batizada de Wicken's Hunt muito tempo atrás. A casa era uma das mais belas da região.

Fora construída no início da década de 1920 com uma qual idade de mão de obra que simplesmente não existia mais hoje em dia. O magnata de Wall Street que a construíra como casa de veraneio se suicidara, saltando de um arranha-céu de Nova York durante o craque da Bolsa de 1929. A casa passara por diversas mãos, estivera no mercado por seis anos antes de ser vendida ao atual proprietário e exigira uma restauração de vulto. Riggs conversara com alguns dos empreiteiros contratados para fazer o trabalho. Todos falaram com assombro da arte e da beleza que viram na casa.

Os caminhões que trouxeram a mudança do atual proprietário deviam ter subido a estrada no meio da noite, porque Riggs não conseguira encontrar quem os tivesse visto.

Ninguém vira o proprietário, tampouco. Ele verificara no cartório de registro de terras. A casa era de propriedade de uma firma da qual Riggs jamais ouvira falar.

Os canais costumeiros da fofoca também não tinham aparecido com uma

solução para o mistério, embora a escola local, St. Anne's-Belfield, tivesse admitido uma garota chamada Lisa Savage, que dera Wicken's Hunt como endereço. Riggs ouvira falar que uma mulher jovem e alta às vezes aparecia para pegar a menina. Mesmo assim, usava sempre um chapéu de abas largas e óculos de sol. Quem pegava a garota com mais frequência era um senhor já idoso que fora descrito a Riggs como corpulento, com jeito de quem tinha sido jogador de futebol ou algo assim. Estranha aquela família. Riggs tinha alguns amigos que trabalhavam na escola, mas nenhum deles falava sobre a tal mulher. Se sabiam o nome dela, não queriam dizer.

Ao fazer uma curva, a casa apareceu de repente, bem na frente de Riggs. A picape mais parecia um simples rebocador aproximando-se do *Queen Elizabeth II*, feia e baixa, atarracada, diante da mansão de três andares, com um portal com pelo menos seis metros de largura.

Estacionou na pista que circulava um magnífico chafariz de pedra que, naquela manhã fria, não estava funcionando. A paisagem era tão luxuriante e cuidadosamente planejada quanto a casa e os espaços deixados pelas plantas que haviam morrido com o frio foram preenchidos por folhagens mais resistentes.

Ele saltou, certificando-se de que ainda tinha no bolso a folha do bloco com as duas placas. Ao se dirigir para a porta da frente, perguntou-se se uma mansão daquelas se dignaria a ter uma campainha, ou se um mordomo apareceria à sua simples apresentação. Na verdade, não aconteceu nem uma coisa nem outra, pois, assim que pisou no degrau de cima, uma voz se fez ouvir, saindo de um aparelho de intercomunicação novo em folha embutido na parede ao lado da porta.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — era uma voz de homem, forte, sólida e, na opinião de Riggs, ligeiramente ameaçadora. — Matthew Riggs. Minha firma foi contratada para construir a cerca do perímetro da propriedade.

— Entendo.

A porta não se moveu, e o tom daquela voz deixava bem claro que, a menos que Matthew tivesse mais informações a dar, a situação não iria se modificar. Ele olhou em torno, percebendo subitamente que estava sendo observado. Sem dúvida nenhuma, pois acima da sua cabeça, instalada num recesso existente na parte de trás de uma coluna, havia uma câmera de televisão. Aquilo também parecia recém-instalado. Ele acenou.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — repetiu a voz.

— Preciso de um telefone.

— Sinto muito, mas não vai ser possível.

— Bem, eu diria que devia ser possível, porque acabo de bater com minha picape num carro que estava perseguindo um imenso BMW cinza grafite que

estou certo de que saiu desta casa. Eu só queria me certificar de que a mulher que dirigia o BMW está bem. Parecia muito amedrontada na última vez em que a vi.

O som que Riggs ouviu a seguir foi oda porta sendo destrancada e aberta. O senhor idoso que o encarou tinha a mesma altura dele, pouco mais de um metro e oitenta, mas era bem mais largo nos ombros e no peito. Riggs notou que se deslocava com um pouco de dificuldade, como se as pernas e talvez os joelhos estivessem começando a ceder. Mesmo sendo ele mesmo muito forte e atlético, Riggs decidiu que não ia querer enfrentar aquele sujeito. A despeito da idade avançada e das óbvias enfermidades, parecia forte o bastante para lhe quebrar as costelas com facilidade. Evidentemente era o sujeito que fora visto na escola pegando Lisa Savage. O velho zagueiro.

— De que diabos você está falando?

Riggs apontou para a estrada.

— Cerca de dez minutos atrás, eu estava fazendo uma avaliação preliminar da linha do perímetro da propriedade para poder mandar para cá o pessoal e o equipamento necessários, quando um BMW apareceu descendo a estrada a toda, dirigido por uma mulher, loura pelo que pude ver, e morta de medo. Outro carro, um Honda Accord preto, provavelmente 92 ou 93, vinha grudado na traseira do carro dela. Era dirigido por um sujeito que parecia determinado como o diabo.

— A mulher, ela está bem? — o velho se adiantou um pouco.

Riggs recuou, não querendo que o outro se aproximasse muito enquanto não tivesse entendido direito a situação. Tudo era possível, inclusive que ele estivesse em conluio com o tal cara do Honda. O radar interno de Riggs estava funcionando plenamente àquela altura.

— Tanto quanto eu saiba. Entrei no meio dos dois e tirei o Honda da estrada, o que, por sinal, danificou a picape — Riggs esfregou o pescoço dolorido, outra consequência da colisão. Teria de mergulhar na banheira naquela noite.

— Nós cobrimos o prejuízo da picape. Onde está a mulher?

— Não vim aqui pedir indenização, senhor...

— Charlie, pode me chamar de Charlie — o homem estendeu a mão. Riggs fez o mesmo e descobriu que não tinha superestimado o vigor físico do cara. O cumprimento dele deixou marcas em sua mão, como se tivesse usado uma tenaz. Riggs não saberia dizer se estava apenas preocupado com a segurança da mulher do BMW, ou se triturava os dedos das visitas como rotina.

— E eu sou Matt. Como falei, ela desapareceu, e, tanto quanto eu saiba, está bem. Mas ainda assim eu queria telefonar.

— Telefonar?

— Para a polícia. O sujeito do Honda violou um monte de leis federais que

conheço, cometendo até alguns crimes graves. Uma pena que eu não o tenha pegado para ler os seus direitos.

— Você fala como um tira.

Riggs ficou na dúvida se vira mesmo a expressão de Charlie ficar sombria, ou se tinha sido sua imaginação.

— Algo assim — explicou. — Há muito tempo. Tomei nota da placa dos dois carros — ele fitou Charlie, estudando seu rosto marcado e envelhecido e tentando interpretar seu olhar impassível.

— Presumo que o BMW, e também a mulher, sejam desta casa.

Charlie hesitou por um momento e bateu com a cabeça.

— Ela é a dona.

— E o Honda?

— Nunca vi.

Riggs virou-se e olhou para a estrada.

— O sujeito deve ter esperado o BMW meio escondido junto à estrada de acesso. Não há nada que pudesse impedi-lo — ele se virou e encarou Charlie de novo.

— Foi por isso que contratamos você para construir a cerca e o portão — retrucou Charlie, com um brilho de raiva nos olhos.

— Agora posso entender por que isso talvez seja uma boa ideia, mas o contrato só foi assinado ontem. Trabalho depressa, mas não tão depressa.

Charlie acalmou-se ante a lógica irrefutável das palavras de Riggs e abaixou os olhos por um momento.

— Que tal me deixar usar o telefone, Charlie? — Riggs deu um passo em frente. — Olhe, conheço uma tentativa de sequestro quando vejo uma — ele levantou a cabeça, indicando a fachada da mansão. — E não é difícil ver o motivo, não é mesmo?

Charlie respirou fundo, fortemente dividido em sua lealdade e louco de preocupação com Lu Ann... *Catherine*, corrigiu-se mentalmente; a despeito da passagem de dez anos, nunca se sentira à vontade com o novo nome. Estava achando quase impossível permitir que a polícia fosse chamada.

— Presumo que você seja amigo ou parente...

— As duas coisas, na verdade — disse Charlie, com vigor renovado ao mesmo tempo que olhava por cima do ombro de Riggs, um sorriso surgindo em seu rosto.

A razão para essa mudança de atitude chegou aos ouvidos de Riggs um segundo mais tarde, fazendo com que virasse ainda a tempo de ver o BMW parando atrás da picape LuAnn saltou, deu uma espiada na picape até que seus olhos se fixaram no para-choque danificado por um segundo, antes de subir

rapidamente os degraus da varanda, passando direto por Riggs e se detendo junto a Charlie.

— Esse cara diz que você teve um problema — disse Charlie, apontando para Riggs.

— Matt Riggs — Riggs estendeu a mão. De botas não era muito mais baixa que ele. Ao vê-la de perto, a impressão da beleza excepcional que tivera através do binóculo foi consideravelmente ampliada. O cabelo era comprido e cheio, com brilhos dourados que pareciam captar cada raio de sol. O rosto e a pele eram imaculados, ao ponto de parecer impossível que fossem naturais, mas, como era muito jovem, não devia ainda se ter submetido ao bisturi do cirurgião plástico. Riggs concluiu que ela era bela assim mesmo e foi então que percebeu a cicatriz no queixo. Ficou surpreso, achou que não combinava com o resto. E também o intrigou porque, para olhos experientes, aquele ferimento devia ter sido feito por uma faca de lâmina serrilhada. Qualquer mulher, especialmente as ricas como essa obviamente era, pagaria qualquer preço para eliminar aquela imperfeição.

O par de olhos calmos, cor de avelã, que fitaram Riggs fez com que ele concluísse que ela era diferente. A pessoa para quem estava olhando era uma dessas raras criações: uma linda mulher que ligava muito pouco para a própria aparência. Em seguida notou o corpo esbelto, elegante, e viu que tinha os quadris estreitos mas os ombros largos, a tal ponto que sugeria extraordinária força física. E, quando a mão dela se fechou em torno da sua, Riggs por pouco não gemeu. A força era quase indistinguível da de Charlie.

— Espero que você esteja bem — disse Riggs. Anotei a placa do Honda. Eu ia chamar a polícia, mas meu celular quebrou quando ele bateu na picape. De qualquer forma, o Honda provavelmente era roubado. Dei uma boa olhada no cara. Este é um lugar muito isolado. Vai ser possível pegá-lo, se agirmos depressa.

LuAnn olhou para ele. uma expressão de perplexidade no rosto bonito.

— De que é que você está falando?

Riggs pestanejou e deu um passo para trás.

— O carro que estava perseguindo você.

LuAnn olhou para Charlie. Riggs observou atentamente mas não viu nenhum sinal sendo trocado entre eles. Aí então ela apontou para a picape.

— O que vi foi aquela picape e um outro carro correndo como loucos, mas não parei para fazer indagações. Não era da minha conta.

Riggs ficou boquiaberto por um momento antes de responder.

— A razão pela qual eu estava dançando com o Honda foi que ele estava se esforçando ao máximo para jogar você para fora da estrada. Na verdade, quase tomei o seu lugar como a vítima do acidente da semana.

— Peço desculpas novamente, mas não sei do que está falando. Acha que eu não ia saber se alguém tentasse me jogar para fora da estrada?

— Você está querendo me dizer que dirige a cento e vinte em estradas acidentadas e cheias de curvas só para se distrair? indagou Riggs acaloradamente.

— Não penso que meu modo de dirigir seja da sua conta retrucou ela. — No entanto, já que você se encontra dentro da minha propriedade, acho que me cabe saber a razão de sua presença.

Charlie interveio.

— Ele vai construir a nossa cerca de segurança. LuAnn encarou Riggs com firmeza.

— Então sugiro vivamente que se concentre no seu trabalho em vez de nos procurar com uma história ridícula de ter me visto sendo perseguida.

Riggs ficou muito vermelho e começou a dizer algo, mas desistiu.

— Tenha um bom dia, dona — virou-se e dirigiu-se para a picape. LuAnn não olhou para trás. Passou por Charlie sem olhar e entrou rapidamente na casa. Charlie olhou fixamente para Riggs por um momento antes de fechar a porta.

Riggs estava entrando na picape quando outro carro surgiu na pista de acesso. Era dirigido por uma senhora, e o banco de trás estava cheio de artigos de mercearia.

Era Sally Beecham, a governanta de LuAnn que residia na mansão, que acabava de regressar das compras da manhã. Ela deu uma olhada rápida em Riggs, e, embora as feições dele traduzissem a raiva que sentia, balançou a cabeça quase imperceptivelmente para cumprimentá-la e ela retribuiu o gesto. Como era seu hábito, Beecham prosseguiu até a garagem e acionou o controle remoto para abrir a porta. No interior da garagem havia comunicação direta para a cozinha e Sally Beecham era uma pessoa eficiente que detestava desperdiçar esforços.

Ao sair, Riggs deu uma olhada para trás. com tantas janelas na imensa casa, não percebeu que, em uma delas, LuAnn Tyler, os braços cruzados na frente do corpo, olhava resolutamente para ele, um misto de preocupação e culpa no rosto.

24

O HONDA REDUZIU A MARCHA, entrou na estrada secundária, ultrapassou uma ponte rústica de madeira sobre um riacho e desapareceu na densa floresta. A antena foi batendo em alguns galhos, fazendo cair uma chuva de gotas de orvalho no para-brisa. Pouco mais acima, sob a proteção de alguns carvalhos, notava-se uma pequena casa caindo aos pedaços. O Honda entrou no quintal e parou sob um abrigo existente na parte de trás. O homem saltou, fechou as portas do abrigo e entrou.

Donovan esfregou a parte de baixo das costas e depois massageou a nuca para ver se amenizava os efeitos da escapada matinal. Tremia visivelmente. Entrou pisando forte, tirou o casaco e começou a fazer café na minúscula cozinha. Fumando nervosamente um cigarro enquanto passava o café, olhou pela janela com certa apreensão, embora estivesse razoavelmente certo de que ninguém o seguira. Esfregou a testa. O chalé era isolado e o proprietário não sabia seu nome verdadeiro ou a razão pela qual resolvera estabelecer residência temporariamente ali.

O sujeito na picape... quem diabos seria aquele cara? Amigo da mulher? Aparecera por acaso? Agora que fora visto, Donovan teria de raspar a barba e fazer alguma coisa com o cabelo. O Honda estava danificado e o cara da picape certamente havia anotado a placa. Mas o Honda era alugado, e Donovan não usara o nome verdadeiro. Não tinha medo de que a mulher fosse fazer algo, mas o sujeito podia atrapalhar seus planos. Não ia se arriscar a dirigir o Honda de volta para a cidade a fim de trocá-lo por outro. Não queria ser visto dirigindo o Honda e tampouco queria explicar agora os danos sofridos pelo carro. De noite ia andando até a estrada principal, tomaria o ônibus e alugaria outro carro.

Serviu o café e foi para a sala que arrumara como escritório. Em cima da mesa havia um terminal de computador, uma impressora, fax e telefone. Podiam-se ver algumas caixas para arquivar documentos empilhadas cuidadosamente a um canto. Nas duas paredes ele prendera diversos quadros de avisos, cheios de recortes de jornal.

A perseguição na estrada fora uma burrice, resmungou Donovan. Só por um milagre os dois não estavam mortos no fundo de uma ravina àquela hora. A reação de Tyler o deixara absolutamente atônito. Embora, pensando bem, talvez não devesse. Ela estava assustada, muito justificadamente. O próximo problema com que ia se defrontar era evidente — e se ela desaparecesse de novo? Ele a encontrara em parte pela trabalheira que tivera, em parte por sorte. Não podia

apostar que teria igual sorte na segunda vez. No entanto, não havia nada que pudesse fazer. Era esperar e vigiar.

Donovan estabelecera um contato no aeroporto regional que o avisaria se qualquer pessoa que correspondesse à descrição de LuAnn Tyler ou que viajasse sob o nome de Catherine Savage embarcasse em um avião. A menos que tivesse outra identidade, seria difícil para ela viajar de avião a não ser sob o nome de Catherine Savage, e isso deixaria rastros. E se deixasse a região por terra? Bem, ele sempre podia vigiar a casa, só que não poderia fazê-lo vinte e quatro horas por dia. Avaliou por um instante a hipótese de pedir reforços ao jornal, mas havia muitos fatores contrários. Trabalhava sozinho há quase trinta anos, e arranjar um parceiro agora não era uma ideia muito atraente, mesmo que o *Washington Tribune* consentisse. Não, faria o que pudesse para vigiar os movimentos dela e se esforçaria ao máximo para arranjar outro encontro pessoal. Convencera-se de que era capaz de convencê-la a confiar nele, a trabalhar com ele. Não acreditava que tivesse matado ninguém Mas se sentia razoavelmente seguro de que ela e talvez alguns dos outros vencedores escondiam alguma coisa acerca da loteria. Queria a história, aonde quer que o levasse.

O fogo crepitava na lareira da espaçosa biblioteca de dois andares, que tinha estantes de madeira forrando inteiramente três paredes e estofados tentadores arrumados de forma a possibilitar grupos de conversa íntima. LuAnn se acomodara em um sofá de couro, sentada sobre as pernas, os pés descalços aparecendo do lado do corpo, um xale de algodão, bordado, sobre os ombros. Em cima da mesa à sua frente, viam-se uma xícara de chá e um prato com o desjejum, intacto. Sally Beecham, de uniforme cinza e um avental imaculadamente branco, acabava de sair, carregando a bandeja. Charlie fechou a porta dupla em arco e sentou-se ao lado de LuAnn.

— Você vai me contar o que realmente aconteceu ou não? — Como LuAnn não respondeu, ele pegou suas mãos. — Olhe só, parecem duas pedras de gelo. Tome o chá — ele levantou-se e atiçou o fogo até as labaredas lhe avermelharem o rosto. Então olhou para ela, ansioso. — Não posso ajudá-la se não me disser o que há de errado, LuAnn.

No decorrer daqueles dez anos, criara-se um vínculo forte e duradouro entre os dois, que muito os ajudara nas numerosas crises, pequenas ou grandes, surgidas em suas viagens. Desde o embarque no 747 que os levou para fora dos Estados Unidos até a volta, os dois passaram a ser inseparáveis. Mesmo que o verdadeiro nome dele fosse Robert, ele passara a ser "Charlie". O que não era muito longe da verdade, já que seu segundo nome era Charles. Mas afinal, o que há em um nome? Mas ele a tratava de LuAnn apenas na intimidade, como agora. Era seu confidente e amigo mais íntimo, na verdade o único, já que havia coisas

que ela não podia contar nem para a filha.

Ao se recostar, Charlie estremeceu de dor. Tinha plena consciência de que definhava mais e mais a cada dia, em um processo exacerbado pelo péssimo tratamento que dera a seu corpo na juventude. A diferença de idade entre eles era mais pronunciada do que nunca, com a natureza cobrando o que ficara lhe devendo. E, com tudo isso, seria capaz de qualquer coisa por ela, de encarar qualquer perigo, de enfrentar qualquer inimigo que ela tivesse, com toda a força e a inteligência que lhe restassem.

Foi por ter lido nos olhos de Charlie exatamente esses pensamentos que LuAnn afinal começou a falar.

— Eu acabara de sair. Ele me esperava no meio da pista, acenando para que eu parasse.

— E você parou? — o tom de voz de Charlie traduzia sua incredulidade.

— Mas não saltei. Não podia exatamente passar por cima do homem. Se ele tentasse alguma coisa ou puxasse uma arma, pode apostar como teria feito exatamente isso.

Charlie cruzou as pernas, outro movimento que foi acompanhado de mais um gemido de dor.

— Vamos, coma. Vá comendo enquanto fala, e tome seu chá! Seu rosto está branco como uma folha de papel.

LuAnn fez o que ele disse e conseguiu comer um pouco de torrada com ovo e tomar uns goles de chá quente. Descansando a xícara, secou os lábios com o guardanapo.

— Ele fez um gesto para que eu abaixasse o vidro. Abri uma fresta e perguntei o que queria.

— Espere um minuto, qual era a aparência dele?

— Estatura mediana, barba cheia, um pouco grisalha nas pontas. Óculos de armação de metal. Pele morena, talvez oitenta quilos. Provavelmente quarenta e muito ou cinquenta e poucos anos naqueles dez anos a memorização de detalhes na aparência das pessoas se tornara uma segunda natureza para LuAnn.

Charlie arquivou mentalmente a descrição e pediu:

— Continue.

— O sujeito me disse que procurava a Mansão Brillstein — ela hesitou e tomou outro gole de chá. — Eu falei que não era aqui.

Charlie inclinou-se para a frente, num movimento repentino.

— E o que foi que ele disse então? LuAnn começou a tremer visivelmente.

— Que estava procurando uma pessoa.

— Quem? Quem? — Charlie repetiu a pergunta quando o olhar de LuAnn desviou para o chão.

Até que por fim ela o encarou.

— LuAnn Tyler, da Georgia.

Charlie recostou-se. Depois de uma década, tinham praticamente esquecido o medo de serem descobertos, embora ele estivesse num canto de suas mentes, e fosse sempre estar. Acabava de ser reativado.

— Ele falou alguma outra coisa?

LuAnn esfregou o guardanapo nos lábios secos.

— Disse qualquer coisa sobre querer falar comigo. Aí eu... simplesmente me deu um branco, meti o pé no acelerador e quase o atropelei — ela suspirou e olhou para Charlie.

— E ele a perseguiu?

— Tenho nervos fortes, Charlie — disse ela, balançando a cabeça afirmativamente. — Você sabe disso, mas eles têm seus limites... Imagine só, sair para dar uma volta relaxante de carro, de manhã bem cedo, e dar de cara com uma coisa dessas? Meu Deus, eu já estava começando a me sentir à vontade. Jackson não apareceu, Lisa adora a escola, este lugar é tão lindo — ela silenciou.

— E o outro sujeito, o tal de Riggs? A história dele é verdadeira?

Subitamente agitada, LuAnn levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Até que parou e passou a mão carinhosamente numa fileira de romances com fina encadernação em uma das estantes. com o tempo, lera cada livro que ali estava. Dez anos de estudo intensivo com os melhores mestres existentes haviam produzido uma mulher articulada, culta, cosmopolita, completamente diferente daquela que fugira do trailer, dos dois homens mortos. Mas que agora não conseguia expulsar da mente aquelas imagens sangrentas.

— É verdadeira, sim. Ele simplesmente se meteu no meio. Acho que teria conseguido me distanciar do Honda — ela fez uma pausa, mas continuou logo em seguida, falando baixo. — Mas ele realmente me ajudou. E eu gostaria de lhe ter agradecido. Mas não podia, não é mesmo? — ela levantou as duas mãos, num gesto que buscava traduzir sua frustração, e sentou-se de novo.

Charlie coçou o queixo, analisando a situação.

— Você sabe que sob o ponto de vista jurídico o golpe da loteria incide em um monte de artigos do Código Penal, mas todas as violações já prescreveram. O cara realmente não pode pegar você por aí.

— E a acusação de homicídio? Crimes de morte não prescrevem. Eu realmente matei aquele homem, Charlie. Foi legítima defesa, mas quem diabos ia acreditar em mim agora?

— É verdade, mas a polícia não trata desse caso há anos.

— Tudo bem, você quer que eu me entregue?

— Não foi isso que falei. Só acho que você pode estar vendo isso com algum exagero.

LuAnn tremeu. Ir para a cadeia por causa do dinheiro ou de um crime de morte não era sua maior preocupação. Ela cruzou os dedos e olhou para Charlie.

— Papai provavelmente nunca me disse uma única palavra que fosse verdadeira. Fez tudo quanto estava a seu alcance para me fazer sentir um lixo, a pessoa mais inútil do mundo, e, sempre que eu conseguia desenvolver um pouco de autoconfiança, aparecia para me arrasar. Segundo ele, eu só prestava para ter filhos e me embonecar para o meu homem.

— Eu sei que você enfrentou muitas dificuldades, LuAnn...

— Jurei para mim mesma que nunca, jamais, eu faria isso com um filho meu. Jurei por Deus com a mão em cima de uma pilha de bíblias, repeti no túmulo de minha mãe e cochichei a mesma coisa no ouvido de Lisa enquanto ela esteve na minha barriga e todas as noites durante seis meses depois que ela nasceu — LuAnn engoliu em seco e se levantou. — E quer saber de uma coisa? Tudo o que eu disse a ela, tudo o que ela sabe a seu próprio respeito, você, eu, cada maldita molécula da existência de minha filha é uma mentira. Foi tudo inventado, Charlie. Tudo bem, pode ser que o crime da loteria já tenha prescrito, talvez eu não vá para a cadeia porque a polícia não se importa que eu tenha matado um traficante de drogas. Mas, se este homem descobriu meu passado e o revelar, Lisa vai saber. Vai saber que sua mãe lhe contou mais mentiras do que papai provavelmente jamais teria conseguido imaginar em toda a vida dele. Serei mil vezes pior que Benny Tyler, e perderei minha filhinha. Tão certo quanto o sol nasce de manhã, perderei a minha Lisa — depois do desabafo, LuAnn estremeceu e fechou os olhos.

— Desculpe, LuAnn, eu não tinha pensado dessa forma — Charlie olhou para as mãos.

Quando os olhos de LuAnn reabriram, tinham uma expressão nitidamente fatalista.

— E, se isso acontecer, se ela descobrir, aí termina tudo para mim. A prisão vai parecer um dia no parque de diversões, porque, se eu perder a minha filhinha, não terei mais razão para viver. A despeito de tudo isto — com um gesto amplo ela indicou a biblioteca e tudo o que havia dentro dela. — Nem uma única razão para viver.

LuAnn sentou-se reclinada para trás, a mão na testa.

Ao cabo de algum tempo, Charlie finalmente rompeu o silêncio.

— Riggs anotou a placa. De ambos os carros — ele ganhou tempo, mexendo na camisa e acrescentou: — Riggs foi policial, LuAnn.

A cabeça entre as mãos, LuAnn olhou para ele.

— Meu Deus do céu! E dizer que eu pensava que não podia piorar!

— Não se preocupe, se ele investigar a sua placa não vai conseguir nada senão o nome de Catherine Savage com este endereço, um número do Seguro Social legítimo, tudo certo. Sua identidade não tem furos. Não depois de todo este tempo.

— Pois eu acho que há um furo bem grande, Charlie. Senão, como explicar o sujeito do Honda?

Charlie concordou, balançando a cabeça quase imperceptivelmente.

— Certo, certo. Mas estou falando de Riggs. No que diz respeito a ele, você está legal.

— Mas, se ele seguir o outro homem, o interrogar?

— Aí então é possível que tenhamos um problemão — ele concluiu o raciocínio por ela.

— Acha que Riggs pode fazer isso?

— Não sei. Só sei que ele não acreditou na sua história sobre não saber que a tinham perseguido. Tendo em vista as circunstâncias, não a culpo por ter negado, mas o cara foi tira... Diacho, tinha de ficar desconfiado. Não penso que vá deixar ficar como está.

LuAnn tirou uns fios de cabelo dos olhos.

— O que fazemos então?

Charlie segurou carinhosamente uma das mãos dela.

— Você não faz nada. Deixe o velho Charlie ver o que pode descobrir. Já estivemos em situações difíceis antes. Certo?

Ela concordou, balançando a cabeça nervosamente, e tentou umedecer os lábios, nervosa.

— Mas esta pode ser a mais difícil de todas.



Matt Riggs subiu rapidamente os degraus da velha casa vitoriana, toda cercada por uma varanda, que ele restaurara meticulosamente no ano anterior. Riggs tivera alguns anos de experiência em trabalhos de carpintaria e marcenaria como hobbies, antes de se mudar para Charlottesville, mas não passavam de meras tentativas de aliviar o estresse provocado pela profissão. Naquele instante, contudo, não pensou nas linhas graciosas da casa.

Foi direto para o escritório, pois a casa, além de moradia, servia para seu trabalho. Fechou a porta, pegou o telefone e ligou para um velho amigo em

Washington.

O Honda tinha placa de Washington e Riggs tinha quase certeza de que ou era carro de aluguel ou roubado. Já o BMW era outro caso. Pelo menos descobrira o nome da mulher, já que lhe ocorrera subitamente no caminho de volta para casa que nem o homem que disse chamar-se Charlie nem ela mesma o haviam mencionado. Presumia que o sobrenome do proprietário fosse Savage e que a mulher do BMW fosse mãe de Lisa Savage ou, tendo em vista sua aparência jovem, uma irmã mais velha.

Em meia hora tinha as respostas que queria. O Honda era realmente um carro de aluguel; registrado na capital.

Tom Jones era o nome da pessoa que o alugara. *Tom Jones! Boa piada*, pensou Riggs. O endereço devia ser tão falso quanto o nome. Um beco sem saída — ele não esperara que fosse ser diferente.

Em seguida concentrou-se no nome da mulher, que escrevera em um pedaço de papel. Catherine Savage. Nascida em Charlottesville, Virginia. Idade: trinta anos. Número de registro no Seguro Social, verificado, endereço atual correto, Wicken's Hunt. Solteira. Crédito excelente. Sem antecedentes. Nenhum sinal de alerta no seu passado.

Riggs tinha uma boa parte desse passado em mãos em menos de meia hora. Os computadores são uma maravilha. E no entanto...

Conferiu de novo a idade dela. Trinta anos. Pensou na mansão e na área imensa que a cercava, mile duzentos e tantos quilômetros quadrados do terreno mais caro do estado da Virginia. Sabia que haviam pedido seis milhões de dólares por Wicken's Hunt. Supondo que tivesse conseguido fazer um negócio maravilhoso, a Srta. Savage teria pagado no mínimo uns quatro ou cinco milhões, mas, pelo que ele ouvira dizer, a reforma envolvera facilmente uma cifra de sete dígitos. Onde diabos uma mulher tão jovem conseguiria tanto dinheiro? Não era estrela de cinema, nem cantora de rock; o nome Catherine Savage nada queria dizer para ele, que não era tão distanciado assim da cultura popular.

Ou a grana seria de Charlie? Eles não eram marido e mulher, isto ficara claro. Ele disse que era parente, mas havia algo de estranho nisso também. Riggs recostou-se e engoliu duas aspirinas quando o pescoço ameaçou doer de novo. Ela podia ter recebido uma enorme herança da família ou ser a viúva extraordinariamente rica de um algum velho. Bastava relembrar o rosto dela para ver que podia facilmente ser isso. Muitos homens fariam questão absoluta de cobri-la com todo o ouro que tivessem.

E agora? Ele deu uma olhada pela janela, admirando a beleza das árvores que cercavam a casa, com suas cores vivas de outono. As coisas iam bem: o passado

infeliz ficara para trás e o que havia hoje era um negócio emergente em um lugar que amava. Um estilo calmo e modesto que, ele imaginava, ia acrescentar alguns anos de qualidade à sua vida. E, agora, isto. Segurou o pedaço de papel com o nome dela à altura da vista. A despeito de não ter qualquer incentivo material para se preocupar com ela, a curiosidade de Riggs disparou à intensidade máxima.

— Quem diabos é você, Catherine Savage?

25

— ESTÁ PRONTA, QUERIDA?

LuAnn deu uma espiada pela fresta da porta e lançou um olhar afetuoso para as costas da menina que terminava de se vestir. Lisa se virou de frente para a mãe.

— Quase.

com o rosto lindo e o corpo atlético da mãe, Lisa Savage era a coisa mais importante da vida de LuAnn.

Ela entrou no quarto, fechou a porta e acomodou-se na cama.

— A Srta. Sally disse que você não comeu bem no desjejum, está se sentindo bem?

— Tenho uma prova hoje. Acho que estou apenas um pouco nervosa — como resultado de ter vivido no mundo todo, a fala de Lisa carregava infinidades de traços de diferentes culturas, dialetos e acentos. O resultado era agradável, embora os meses passados na Virginia já estivessem começando a deixar a marca de um leve sotaque sulista.

LuAnn sorriu.

— Pensei que, depois de tantas notas máximas seguidas, você não ficaria mais nervosa — ela tocou carinhosamente no ombro da filha. Durante o tempo gasto com viagens, LuAnn dedicara toda sua energia e uma grande quantidade de dinheiro para remodelar-se e ser o que sempre quisera, ou seja, a pessoa mais diferente possível daquela mulher paupérrima da Georgia chamada LuAnn Tyler. Culta, falando duas línguas estrangeiras, observava com orgulho que Lisa falava quatro, sentindo-se tão à vontade na China quanto em Londres. Era como se tivesse vivido diversas vidas nos últimos dez anos. com o acontecimento daquela manhã, reconhecia que isso talvez tivesse sido uma boa coisa. Será que seu tempo estaria acabando?

Lisa terminou de se vestir e sentou-se de costas para a mãe. LuAnn pegou uma escova e começou a tratar do cabelo dela, um ritual diário das duas e que lhes permitia conversarem e colocarem seus assuntos em dia.

— Não posso me controlar, ainda me sinto nervosa. Nem sempre é fácil.

— Quase todas as coisas na vida que valem a pena não são fáceis. Mas a gente trabalha duro e é isso que importa. Faça o melhor que puder, é só o que pedirei sempre, independente das notas que tirar.

— Ela fez um rabo-de-cavalo no cabelo de Lisa. — Só não quero que venha para casa com notas menores que dez — as duas deram uma risada.

Ao descerem juntas a escada, Lisa comentou com a mãe:

— Vi você conversando com um homem em frente de casa hoje cedo. Você e tio Charlie.

LuAnn tentou ocultar sua apreensão.

— Você estava de pé? Era muito cedo.

— Como disse, eu estava nervosa com a prova.

— Certo.

— Quem era ele?

— Está colocando uma cerca de segurança em torno da propriedade. Tinha algumas perguntas a nos fazer.

— Por que precisamos de uma cerca de segurança? LuAnn segurou a mão da filha.

— Já conversamos sobre isto, Lisa. Nós somos, bem, temos uma boa posição financeira. Você sabe disso. E há algumas pessoas bem ruins neste mundo. Podem tentar fazer coisas, tirar o nosso dinheiro.

— Roubar a gente?

— Sim, ou talvez alguma outra coisa.

— Como o quê?

LuAnn parou e sentou-se nos degraus, convidando Lisa, com um gesto, a fazer o mesmo.

— Lembra-se de como estou sempre falando para que você tenha cuidado, que preste atenção às outras pessoas? — Lisa fez que sim. — Bem, isso é porque algumas pessoas ruins podem querer roubar você de mim.

Lisa pareceu assustar-se.

— Não estou falando isso agora para assustá-la, mas de certo modo acho que quero que você fique um pouco apreensiva, para que preste atenção ao que se passa à sua volta. Se usar a cabeça e ficar de olhos bem abertos, tudo estará bem. Eu e tio Charlie não deixaremos que nada lhe aconteça. Mamãe promete, OK?

Lisa fez que sim e as duas desceram a escada de mãos dadas. Charlie as esperava no hall.

— Nossa, não estamos muito lindas hoje?

— Tenho uma prova.

— E você acha que não sei? Fiquei até as dez e meia da noite de ontem com você repassando a matéria. Você vai tirar dez, fique certa. Vá pegar o casaco, eu espero no carro.

— Mamãe não vai me levar hoje? Charlie olhou para LuAnn.

— Vou dar uma folga à sua mãe. Além do mais, assim a gente tem oportunidade de recapitular a matéria da prova, certo?

LuAnn aquiesceu.

— E o que me diz do Riggs?

— Vou deixar para mais tarde. Se for procurá-lo agora, vai ficar ainda mais desconfiado. Ligo do carro se descobrir alguma coisa. Os dois entraram na Range Rover de Charlie e se afastaram, sob o olhar atento de LuAnn. Perdida em seus pensamentos, ela vestiu um casaco pesado, atravessou a casa e saiu pelos fundos. Passou pela piscina olímpica cercada de um piso de lajes de pedra e por uma mureta de tijolo de um metro de altura. Aquela época do ano, a piscina era esvaziada e protegida por uma cobertura de metal. A quadra de tênis devia ser construída no ano seguinte. LuAnn não nadava nem jogava tênis. A infância sem privilégios não lhe proporcionara oportunidades para dar raquetadas numa bolinha amarela ou relaxar em água clorada. Mas Lisa adorava tanto uma atividade quanto a outra, e, depois da chegada a Wicken's Hunt, passara a pressionar a mãe para que a quadra de tênis fosse construída. Na verdade, era muito bom saber que ia permanecer em um mesmo lugar tempo bastante para planejar a construção de uma quadra de tênis.

A única atividade que LuAnn passara a praticar em suas viagens era o que faria naquele instante. A cocheira ficava cerca de quinhentos metros atrás da casa principal e tinha três lados cercados por um denso renque de árvores. As longas passadas de LuAnn a levaram até lá rapidamente. Havia diversas pessoas empregadas em regime de tempo integral para cuidar do terreno da mansão e da cocheira, mas elas ainda não tinham começado a trabalhar. Pegou os arreios na selaria e, com muita perícia, selou Joy, assim chamada em homenagem à mãe. Depois pegou um chapéu Stetson de abas largas e um par de luvas de couro que estavam pendurados na parede e montou.

Já fazia alguns anos que tinha aquela égua, que os acompanhara na maior parte das viagens, uma tarefa nada fácil, mas que se torna possível quando a conta bancária é inesgotável. LuAnn e companhia chegaram aos Estados Unidos de avião, e Joy de navio. Uma das razões pelas quais ela e Charlie tinham se decidido por Wicken's Hunt fora a infinidade de trilhas para cavalgadas, algumas provavelmente datando dos tempos de Thomas Jefferson.

LuAnn saiu exigindo de Joy um bom ritmo e logo deixava a casa para trás. A respiração da amazona e do animal deixou um rasto de nuvens gêmeas quando desceram um declive gradual e fizeram a curva que vinha logo a seguir, os ramos das árvores querendo se abraçar por cima da trilha. A temperatura estimulante da manhã ajudava a clarear a cabeça de LuAnn, assegurava mais concentração para pensar.

Não reconhecera o homem, o que não significa que esperasse isso. Intuitivamente sempre imaginou que o reconhecimento viria de onde menos esperasse. Mas ele sabia seu verdadeiro nome. Se fora uma descoberta recente

ou antiga, não tinha como saber.

Muitas vezes havia pensado em voltar para a Georgia e contar a verdade, confessar tudo e tentar se livrar definitivamente daquela preocupação. Mas os pensamentos que tivera a respeito nunca conseguiram se transformar em ações, e os motivos eram óbvios. Embora houvesse matado o homem em legítima defesa, as palavras do sujeito que dissera se chamar Arco-Íris viviam voltando à sua memória. Ela fugira. Assim, a polícia presumiria o pior. Além do mais, agora era imensamente rica, e quem seria solidário ou compreender uma mulher tão rica? Especialmente as pessoas de sua cidade. As shirleys watsons do mundo não eram tão raras. Havia também o fato de ter feito algo absolutamente errado. O animal que montava naquele instante, as roupas que vestia, a casa em que morava, a educação e a cultura cosmopolita que obtivera com o passar dos anos para si mesma e para Lisa, tudo fora comprado e pago com dinheiro roubado. Em termos diretos, era uma das maiores ladras da história. Se fosse o caso, podiam processá-la por tudo quanto fizera. Exatamente neste momento o rosto de Lisa intrometeu-se em seus pensamentos. Quase simultaneamente, as palavras que imaginou que Benny Tyler lhe dissera naquele dia no cemitério voltaram à sua memória:

Faça isso pelo papai. Quando foi que eu menti para você, boneca? Papai ama você.

LuAnn forçou Joy a parar e mergulhou o rosto nas mãos quando uma visão dolorosa surgiu na sua cabeça.

Lisa, querida, toda a sua vida é uma mentira. Você nasceu em um trailer no meio do mato porque eu não tinha como pagar para ter você em qualquer outro lugar. Seu pai era um perdedor inútil que foi assassinado por causa de drogas. Eu colocava você debaixo do balcão da Parada de Caminhões Número Um, em Rikersville, Georgia, enquanto trabalhava de garçonete. Matei um homem e fugi da polícia por causa disso. Mamãe roubou todo o nosso dinheiro. Mais dinheiro do que você seria capaz de imaginar. Tudo que eu e você temos vem desse dinheiro roubado. Quando mamãe mentiu para você, boneca? Mamãe ama você.

Vagarosamente, LuAnn desmontou, deu alguns passos e praticamente desabou sobre uma pedra grande que se projetava ao lado da trilha. Só após alguns minutos foi lentamente voltando a si, a cabeça girando em movimentos amplos e lentos, como se estivesse embriagada.

Finalmente se levantou, pegou um punhado de pedrinhas no chão e se pôs a jogar no lago próximo, uma a uma, fazendo com que ricocheteassem cada vez mais longe, com movimentos ágeis e graciosos do pulso. Não podia mais recuar. Não tinha volta. Não havia lugar para onde pudesse voltar. Dera a si mesma uma vida nova, mas a um preço assustadoramente alto. Seu passado era uma enorme

mentira, o que tornava o futuro incerto. O cotidiano de LuAnn vacilava entre o medo do desmoronamento total da fina camada de verniz a ocultar-lhe a verdadeira identidade e a imensa sensação de culpa pelo que fizera. Mas, se tinha uma motivação na vida, era a vontade de assegurar-se de que Lisa não seria prejudicada em coisa alguma pelas ações da mãe — passadas ou futuras. Fosse o que fosse que viesse a acontecer, a menina não sofreria por causa dela.

LuAnn montou de novo e saiu num galope leve até que conteve a égua, fazendo com que seguisse a passo, quando passaram por entre alguns galhos de árvore que se projetavam sobre o caminho. Conduziu Joy até o limite da trilha e contemplou a correnteza veloz e poderosa do riacho que cortava sua propriedade. Tinha chovido forte recentemente, e as primeiras neves haviam transformado o curso d'água normalmente dócil em uma torrente perigosa. Instantes depois, fez com que Joy se virasse e seguiu caminho.

Dez anos antes, logo depois que ela, Charlie e Lisa chegaram a Londres, tomaram um avião para a Suécia. Jackson lhe dera instruções detalhadas para os primeiros doze meses, e eles não se atreveram a se afastar delas. Os primeiros seis meses foram uma verdadeira loucura, ziguezague por toda a Europa Ocidental. Depois foram alguns anos na Holanda e em seguida a volta à Escandinávia, onde uma mulher alta e de cabelos claros não pareceria fora de lugar. Passaram também algum tempo em Mônaco e nos países vizinhos. Os dois últimos anos foram na Nova Zelândia, onde todos tinham aproveitado bastante o modo de vida tranquilo, civilizado e, de certa forma, antiquado. Embora Lisa soubesse diversos idiomas, o inglês era sua língua natural; LuAnn fizera questão absoluta. LuAnn era americana, mesmo tendo passado tanto tempo fora.

Na verdade fora uma sorte o fato de Charlie ter grande experiência em viagens. Fora em grande parte graças a seus esforços que, em diversas ocasiões, evitaram-se desastres. Não tiveram notícias de Jackson, mas ambos presumiam que ele soubesse que Charlie a acompanhara. Graças a Deus por isso. Se ele não a tivesse acompanhado naquele avião, LuAnn não sabia o que teria feito. Do jeito como as coisas estavam agora, não era capaz de funcionar sem ele. O pior é que Charlie estava envelhecendo, e ela estremecia só de pensar na vida sem ele. Ser privada da única pessoa que sabia do seu segredo, que a amava e que amava Lisa. Não havia nada que Charlie não fosse capaz de fazer por elas, e quando ele se fosse e ela se visse sozinha... LuAnn respirou fundo.

As novas identidades dos três haviam se alicerçado ao longo dos anos, com LuAnn se esforçando tremendamente para consolidar a história que Jackson imaginara para ela e a filha. A parte mais difícil fora Lisa. A menina acreditava que o pai fora um financista europeu riquíssimo que morrera quando ela era muito pequena e não deixara qualquer outro familiar, a não ser elas. O papel de

Charlie, mesmo que nunca inteiramente explicado, era, sem dúvida, o de um parente, e o tratamento de "tio" tinha parecido bastante natural. Não havia fotos do Sr. Savage. LuAnn explicara a Lisa que seu pai era uma pessoa muito reservada e um tanto excêntrica e que nunca permitira que lhe tirassem retratos. LuAnn e Charlie haviam discutido por horas a fio se na verdade não valeria a pena criar um homem com fotos e tudo, mas concluíram que seria muito perigoso. Uma parede com tantos furos acabaria por ruir. E assim, Lisa acreditava que a mãe era a jovem viúva de um homem extremamente rico, cuja fortuna, por sua vez, a transformara na mulher mais rica do mundo. E uma das mais generosas.

LuAnn enviara para Beth, a antiga colega de trabalho, dinheiro suficiente para dar início à sua própria cadeia de restaurantes. Johnny Jarvis, do shopping, receberão bastante para pagar diversos cursos de pós-graduação nas universidades de maior prestígio do país. Os pais de Duane ganharam o bastante para se manterem protegidos na fase de aposentadoria.

LuAnn mandara dinheiro até para Shirley Watson, numa reação de culpa pelo fato de a ter punido com uma reputação negativa no único lugar onde teria ambição ou coragem para morar. Finalmente, o túmulo da mãe de LuAnn era agora marcado por um monumento construído com muito mais requinte. A polícia, ela não tinha qualquer dúvida, fizera tudo o que pudera para rastrear as doações, mas sem sucesso. Jackson escondera o dinheiro tão bem que não havia absolutamente nada que servisse de pista para as autoridades.

Além do mais, metade de seus rendimentos anuais fora doada anonimamente a um sem-número de obras de caridade que ela e Charlie haviam identificado com o passar do tempo. Procuravam sempre instituições que fizessem jus ao dinheiro da loteria. LuAnn decidira fazer todo o bem que pudesse com o dinheiro a fim de redimir-se, pelo menos em parte, do modo como o conseguira. Mesmo com tudo isso, o dinheiro entrava com mais velocidade do que conseguia gastar. Os investimentos de Jackson tinham rendido muito além do que ele previra e os vinte e cinco milhões previstos como lucro anual ultrapassavam os quarenta. Todo o dinheiro que LuAnn não gastava era reinvestido por Jackson e assim o principal fora crescendo com os juros, de modo que atualmente LuAnn tinha em seu nome a assombrosa cifra de quase meio bilhão de dólares. Ela sacudiu a cabeça ao pensar em tanto dinheiro. E o prêmio original da loteria, os cem milhões de dólares, lhe seria devolvido dentro de muito pouco tempo, já que o período de dez anos expirara, conforme dizia o contrato com Jackson. LuAnn não se importava com isso. Jackson podia ficar com o dinheiro, ela não precisava. Só que ele o devolveria. O homem, LuAnn tinha de admitir, cumpria exatamente o prometido.

Durante todos aqueles anos, a cada trimestre chegava um detalhado relatório financeiro, independente do que estivesse acontecendo no mundo. Mas, como só chegavam papéis e o homem nunca aparecia, a ansiedade de LuAnn finalmente passara. A carta que encaminhava os relatórios era de uma firma de investimentos com endereço suíço.

Não fazia ideia de quais seriam os vínculos dele com essa firma, e preferira não investigar. Conhecera-o o bastante para respeitar seu temperamento explosivo; e, o que era ainda mais perturbador, os resultados drásticos que poderia provocar. Lembrava-se muito bem de como tinha se preparado para matá-la caso rejeitasse sua oferta. Havia nele algo que estava longe de ser normal. Os poderes que parecia possuir não podiam ser deste mundo.

Ela parou diante de um carvalho enorme, onde havia, pendurada em um dos galhos, uma corda com vários nós. LuAnn agarrou-se na corda e levantou o corpo da sela, enquanto Joy, bastante familiarizada com aquele ritual, esperava pacientemente. Os braços se movendo como êmbolos maravilhosamente calibrados, LuAnn subiu pela corda até o galho onde estava presa, a uns nove metros do chão, e depois desceu. Repetiu o exercício duas vezes. Em casa tinha um ginásio totalmente equipado, onde se exercitava diligentemente. Não era vaidade; tinha pouco interesse pela aparência. É que era naturalmente forte e a sua força física a protegera em muitas crises. Tratava-se de uma das poucas coisas constantes em sua vida e ela detestaria vê-la desaparecer.

Havia sido criada na Georgia, acostumara-se a subir em árvores, correra muitos e muitos quilômetros pelo campo e saltara muitas ravinas. Fazia só para se divertir; a ideia de que também se exercitava não lhe passava pela cabeça. Assim, além dos aparelhos da sua academia particular, construíra uma pista natural. Subiu mais uma vez na corda, os músculos dos braços e das costas esticados como cabos de aço.

Com a respiração alterada, ela montou de novo e voltou para casa, o coração mais leve e o estado de espírito revigorado com a cavalgada e o cansativo exercício da corda.

Numa edificação bem grande que servia de depósito da propriedade, perto do estábulo, um dos empregados da mansão, um homem musculoso com seus trinta e poucos anos, começava a rachar lenha com uma marreta e uma cunha. LuAnn o viu pela porta aberta ao passar no caminho do estábulo. Desencilhou Joy rapidamente e deixou-a na baia.

Depois voltou para o depósito. O homem a cumprimentou com um gesto rápido de cabeça e continuou a trabalhar. Sabia que ela morava na mansão. Além disso, não sabia mais nada a respeito de LuAnn, que o observou por um momento, tirou o casaco, pegou uma segunda marreta na parede, testou outra

cunha entre os dedos para ver o peso, apanhou uma tora de madeira e a pôs em cima de outro cepo. Em seguida fincou a cunha na tora, com uma batida leve, recuou e desferiu uma marretada. A cunha afundou, mas não o bastante para rachar a tora em duas. LuAnn bateu de novo, bem no centro e mais uma vez. A tora se dividiu em duas. O homem olhou para ela, surpreso, e deu de ombros, continuando a rachar a lenha. Ela também continuou, os dois separados uns três metros. O homem podia rachar uma tora com uma única marretada, enquanto LuAnn continuou precisando dar duas e às vezes três. Ele sorriu para ela, o suor aparecendo na testa. LuAnn, no entanto, continuou a brandir a marreta, braços e ombros trabalhando em perfeita unidade. Em cinco minutos passou a partir as toras com uma única marretada e, antes que ele se desse conta, conseguiu que seu ritmo ultrapassasse o dele.

O homem emparelhou com o ritmo de LuAnn, o suor agora escorrendo da testa, o sorriso impossibilitado pela dificuldade cada vez maior de respirar. Vinte minutos depois ele começou a precisar de dois ou três golpes para rachar uma tora, à medida que seus braços e ombros enormes começavam a cansar rapidamente, a respiração ficava ainda mais ofegante e suas pernas pareciam feitas de borracha. Cada vez mais assombrado, ele viu que LuAnn continuava, o ritmo constante, a força dos golpes de encontro à madeira sempre a mesma. Na verdade, parecia estar batendo na cunha com força cada vez maior. O barulho do metal batendo no metal só aumentava. Finalmente o homem largou a marreta e recostou-se na parede, arquejando, os braços dormentes, a camisa encharcada de suor a despeito do frio. LuAnn terminou a pilha de toras praticamente sem errar uma vez, e, concluído o trabalho, enxugou a testa, recolocou a marreta no gancho da parede e sacudiu os braços, virando-se para o homem ofegante.

— Você é muito forte — disse ela, olhando para a volumosa pilha de lenha que ele cortara.

Ele a encarou espantado e caiu na risada.

— Eu também achava, antes que você aparecesse. Agora já tenho que pensar em ir trabalhar na cozinha.

Ela sorriu e lhe deu uma palmadinha no ombro. LuAnn cortara lenha praticamente todos os dias de sua vida, desde que começara a estudar até os dezesseis anos. Só que não era por exercício, como agora; naquele tempo, era para se manter aquecida.

— Não se envergonhe, eu tenho um bocado de prática.

Ela se dirigiu para a casa mas parou por um instante a fim de admirar a fachada posterior da mansão. A compra e a reforma daquela casa tinham sido, de longe, a sua maior extravagância. Tivera duas razões para isso. Primeiro, porque estava cansada de viajar e queria se estabelecer, embora fosse sentir-se feliz com

algo bem menos magnífico do que aquela casa. A segunda razão era a mesma pela qual sempre fizera praticamente tudo: por Lisa. Para lhe dar uma casa de verdade, com senso de permanência, onde pudesse crescer, casar e ter seus filhos. Nos últimos dez anos haviam morado em hotéis, vilas e chalés alugados, o que não significa que LuAnn reclamasse e não quisesse desfrutar esse tipo de luxo, mas nenhuma dessas moradias podia ser chamada de lar. O minúsculo trailer no meio do mato tanto tempo atrás tinha raízes muito mais fundas para ela do que a mais extravagante das residências na Europa. Agora tinham um lar. LuAnn sorriu ao contemplar a mansão: enorme, bela e segura. Quando pensou na última palavra, uma lufada de vento soprou através de um renque de árvores e ela ajeitou o casaco para se proteger.

Segura? Quando tinham ido dormir na noite passada, estavam a salvo e em segurança, ou pelo menos com a segurança possível a pessoas com o tipo de vida que viviam.

O rosto do homem que dirigia o Honda surgiu diante dela, que fechou os olhos com força, até que ele desapareceu, substituído por outra imagem, a imagem de um rosto que exprimia muitas emoções. Matthew Riggs arriscara a vida por ela, que retribuíra acusando-o de mentir. E com essa reação só conseguira torná-lo mais desconfiado.

LuAnn ainda pensou mais um pouco nessas coisas e saiu correndo.

O escritório de Charlie parecia saído de um clube masculino de Londres, com um bar de nogueira a um canto. A escrivaninha de mogno tinha em cima pilhas de correspondência cuidadosamente arrumadas, contas e outras coisas típicas da administração de uma casa. LuAnn examinou rapidamente seu arquivo de cartões, encontrou o que queria e o pegou. Em seguida apanhou a chave que Charlie conservava numa prateleira bem alta e usou-a para abrir uma das gavetas da escrivaninha. Retirou o revólver calibre 38, carregou-o e foi para o andar de cima. O peso da arma restaurou parte da sua confiança. Tomou um banho, vestiu uma saia preta e um suéter, atirou nos ombros um casaco comprido e desceu para a garagem. Ao descer a estrada de acesso, uma das mãos apertando com força o revólver no bolso do casaco, LuAnn de vez em quando olhava ansiosamente para os lados, pois o Honda podia estar à espreita. Foi com um suspiro de alívio que chegou à estrada principal e viu que continuava sozinha. Deu uma espiada no endereço e no telefone impressos no cartão e se perguntou se não seria melhor telefonar primeiro. A mão chegou a hesitar sobre o telefone do carro mas acabou decidindo por arriscar-se. Se ele não estivesse, seria melhor. Não sabia se o que estava planejando ia ajudar ou atrapalhar as questões em jogo. Por ter sempre preferido a ação à passividade, não podia mudar agora seu modo de ser. Além de tudo, o problema era seu e de ninguém mais. Teria de enfrentá-lo um

dia.

Um dia teria de enfrentar todos os problemas.

26

JACKSON ACABARA DE CHEGAR de uma viagem pelo campo e se encontrava na sala de maquiagem despindo o mais recente disfarce quando o telefone tocou. Não era o residencial, e sim o dos negócios, uma linha segura, impossível de ser grampeada, e que praticamente não tocava nunca. Jackson a usava frequentemente no horário comercial a fim de transmitir instruções a seus associados espalhados pelo mundo todo. Quase ninguém telefonava, contudo; e era assim mesmo que ele queria. Tinha uma infinidade de outras maneiras de se certificar de que suas instruções estavam sendo executadas ou não. Pegou o telefone.

— Sim?

— Acho que podemos ter um problema aqui, ou talvez não seja nada — disse uma voz de homem.

— Estou ouvindo — Jackson sentou-se e usou um pedaço comprido de fio para tirar a massa do nariz. Em seguida removeu as peças de látex presas ao rosto batendo delicadamente nas beiradas.

— Como você sabe, dois dias atrás remetemos os rendimentos do último trimestre para a conta de Catherine Savage nas Caymans. Banque Internacional. Como sempre.

— E daí? Ela está se queixando da taxa de retorno? — perguntou Jackson sarcasticamente. Ele puxou com força a parte de trás da peruca branca e fez um movimento, primeiro para cima e depois para a frente. Finalmente removeu a touca de látex e liberou o cabelo.

— Não, mas recebi um telefonema do Banque e eles queriam confirmar algo.

— O quê? — Jackson limpou o rosto enquanto ouvia, acompanhando no espelho a remoção de camadas e mais camadas de disfarce.

— Que tinham enviado todo o rendimento da conta Savage para o Citibank em Nova York.

Nova York! Enquanto absorvia a notícia espantosa, Jackson abriu a boca e removeu as capas de acrílico. Instantaneamente os dentes escuros e deformados se tornaram brancos e bonitos. Os olhos brilharam ameaçadoramente e ele parou de remover o disfarce.

— Antes de mais nada, porque eles iriam telefonar para você se a conta era dela?

— Não deviam ter telefonado Quer dizer, nunca telefonaram antes. Eu acho que o sujeito da mesa de transferências eletrônicas é novo. Deve ter visto meu

nome e número de telefone em algum documento e imaginou que eu fosse o titular da conta de recebimento em vez de estar na outra ponta da transação, a conta de remessa.

— O que foi que você lhe disse? Espero que não tenha sido nada que atraia suspeitas.

— Em absoluto — disse a voz nervosamente. — Apenas agradeci e disse que ele tinha agido certo. Espero que tenha feito o que devia, mas é claro que fiz questão de participar imediatamente a você. Pareceu estranho.

— Muito obrigado.

— Quer que eu faça um acompanhamento do caso?

— Pode deixar comigo — Jackson desligou, recostou-se e ficou brincando distraidamente com a peruca. Nenhuma parte do dinheiro de LuAnn devia aparecer nos Estados Unidos. Dinheiro nos Estados Unidos era facílimo de ser rastreado. Os bancos preenchem os formulários 1099 para o Imposto de Renda, além de outros documentos que detalham rendas e extratos de contas. Os números do Seguro Social são comunicados e mantidos como parte dos registros oficiais; é impositivo que a documentação dê entrada na Receita Federal em nome do contribuinte. E nada disso devia acontecer no caso de LuAnn Tyler. LuAnn era uma fugitiva. Fugitivos não retornam a seu país natal e começam a pagar impostos, mesmo que sob nomes falsos.

Jackson pegou o telefone e discou um número.

— Sim, senhor?

— O nome do contribuinte — disse Jackson — é Catherine Savage. — Ele acrescentou também o número do Seguro Social dela e outras informações pertinentes. — Descubra imediatamente se ela preencheu um formulário de Imposto de Renda ou qualquer outro tipo de documento para a Receita Federal. Use todas as fontes a seu dispor, mas preciso desta informação dentro de uma hora.

Desligou de novo e durante os quarenta e cinco minutos seguintes andou pelo apartamento, carregando o telefone sem fio, uma necessidade para quem gostava de perambular por um apartamento tão grande.

Então o telefone tocou de novo.

— Catherine Savage entregou uma declaração de rendimentos no ano passado — a informação foi dada num tom de voz brusco. — Não consegui os detalhes em razão da escassez de tempo, mas, segundo minha fonte, o valor declarado foi substancial. Ela apresentou também um formulário de mudança de endereço.

— Dite para mim — Jackson escreveu o endereço de Charlottesville num pedaço de papel que enfiou no bolso.

— Uma coisa mais... minha fonte falou de um documento que deu entrada muito recentemente relativo à conta fiscal da Savage.

— Quem entrou com esse documento. Ela?

— Não, foi um formulário 2848. Uma procuração que concede a uma terceira parte o direito de representar o contribuinte com respeito a tudo o que for ligado a seu imposto.

— Quem foi o requerente?

— Um sujeito chamado Thomas Jones. De acordo com os registros, ele já recebeu as informações pedidas, inclusive a mudança de endereço e a declaração do ano passado. Consegui um fax do formulário que ele preencheu. Se quiser, posso enviar-lhe imediatamente.

— Mande.

Jackson desligou e um minuto depois tinha em mãos o fax. Examinou a assinatura de LuAnn e comparou com os originais dos documentos que ela assinara dez anos antes, relativos ao acordo do prêmio da loteria. As assinaturas não eram nem parecidas, o que não queria dizer nada para o Imposto de Renda; sendo a instituição inepta que era, é claro que jamais se daria ao trabalho de comparar assinaturas. Uma falsificação. Quem quer que fosse tal homem, havia preenchido o formulário sem o conhecimento de LuAnn. Jackson examinou o endereço e o número de telefone que ele dera como seus. Discou o número — estava desligado. O endereço era de uma caixa postal. Jackson não tinha dúvida de que se tratava de outro beco sem saída. O homem estava a par da situação fiscal de Catherine Savage mas as informações que dera a seu próprio respeito eram uma completa fraude.

Este fato alarmante não foi, contudo, o que mais incomodou Jackson. Ele se sentou numa poltrona e ficou estudando a parede, enquanto sua mente ia se expandindo em círculos concêntricos. LuAnn voltara para os Estados Unidos, a despeito de suas instruções explícitas em contrário. Ela lhe desobedecera. O que era péssimo. O problema se agravava pelo fato de que havia alguém interessado nela. Por que razão? Onde se encontraria essa pessoa agora? Provavelmente no mesmo lugar para onde Jackson estava prestes a ir: Charlottesville, Virginia.

As luzes dos dois trens se tornavam mais intensas. A possibilidade da colisão com LuAnn Tyler estava cada vez mais próxima da realidade. Jackson voltou para a sala de maquiagem. Era tempo de outra criação.

27

DEPOIS DE DEIXAR LISA no St. Anne, tomando o cuidado de acompanhá-la praticamente até dentro da sala de aula, como era hábito tanto dele quanto de LuAnn, Charlie tirou o Range Rover do estacionamento e seguiu para a cidade. Enquanto nos últimos meses LuAnn permanecera reclusa na sua fortaleza encravada na encosta das montanhas, Charlie tomara a frente, fazendo contato com as pessoas mais importantes da localidade, circulando entre os homens de negócios, as pessoas que geriam obras de caridade e os administradores da universidade. Ele e LuAnn haviam concluído que não seria possível conservar em segredo sua fortuna e presença na cidade, que, mesmo pequena, era bastante cosmopolita; fazê-lo só serviria para atrair mais suspeitas, em vez de afastar. Assim, a tarefa de Charlie era lançar os alicerces com os líderes locais para o eventual ingresso de LuAnn na sociedade de Charlottesville. Seria, contudo, uma participação muito limitada. Todos podiam compreender como as pessoas extremamente ricas precisam de privacidade. Como havia muitas organizações ansiosas para receber as doações de LuAnn, o mais provável era que viessem a contar com um máximo de cooperação e entendimento. Esse canal já fora aberto, com LuAnn doando mais de cem mil dólares para causas locais. Charlie balançou a cabeça, fatigado. Todos aqueles planos, estratégias e um monte de coisas começavam a cansar. Ser fenomenalmente rico era uma amolação. Às vezes ele tinha saudade dos velhos tempos. Pouca grana no bolso, uma cerveja ao alcance da mão, um maço de cigarros quando queria fumar e uma boa luta na televisão. Sorriu atravessado. LuAnn afinal conseguira que ele parasse de fumar, cerca de oito anos atrás, e ele sabia que com isso prolongara consideravelmente sua vida, podendo de vez em quando fumar um charuto. Ela não cederia se isso fosse apressar a sua morte.

As investidas anteriores de Charlie tinham produzido um contato em uma posição extremamente útil, com o qual tencionava agora obter as informações que permitissem a ele e a LuAnn descobrir quem era o tal cara que a perseguira na estrada, e, se possível, impedir qualquer problema concreto. Menos mal se só quisesse dinheiro. Dinheiro não era problema.

LuAnn tinha o suficiente para satisfazer até mesmo o mais ambicioso dos chantagistas. Mas e se não se tratasse apenas de dinheiro? O problema era que Charlie não podia fazer ideia do que o homem sabia ou não. Ele dissera o nome verdadeiro de LuAnn. Teria conhecimento também da morte de Duane Harvey e de seu relacionamento com LuAnn? Do mandado de prisão expedido contra

LuAnn dez anos atrás? E como teria rastreado a pista de LuAnn depois de tanto tempo? Havia outra questão ainda mais crítica — ele teria descoberto o golpe da loteria? LuAnn contara a Charlie tudo sobre o sujeito que dissera chamar-se Arco-Íris. Arco-Íris podia ter descoberto tudo — afinal ele a seguira, testemunhara a compra do bilhete e a partida imediata para Nova York e vira quando ganhara uma fortuna. Teria sabido que fora tudo um golpe?

Teria contado a alguém? LuAnn não podia saber ao certo.

E o que acontecera a Arco-Íris? Charlie, nervoso, passou a língua nos lábios ressequidos. Na verdade jamais conhecera Jackson, nunca o vira pessoalmente. Mas, no tempo em que trabalhava para ele, falavam-se com frequência. E a voz de Jackson tinha características dignas de nota: controlada, calma, direta, denotando suprema confiança.

Charlie conhecera gente assim, com essa voz. Eram os homens que olham para você olho no olho, dizem precisamente o que pretendem fazer sem exagerar ou enfeitar nada, e simplesmente fazem. Tipos capazes de estripar o inimigo com o máximo de eficiência e que depois não perdem o sono por causa disso. Jackson, Charlie concluíra havia muito tempo, era uma dessas pessoas. A despeito de ser um homem forte e calejado, Charlie estremeceu ligeiramente. Onde quer que Arco-Íris estivesse, não era entre os vivos, disso tinha certeza absoluta.

Charlie seguiu em frente, olho na estrada, mas perdido em seus pensamentos.

28

ENTROU NA PISTA DE ACESSO para carros e parou diante da casa. Não viu a picape em parte alguma. Provavelmente ele estava fora, tratando de outro trabalho. Já ia embora, mas a beleza simples da casa de Matt Riggs fez com que parasse, saltasse do BMW e galgasse os degraus de madeira. As linhas graciosas da estrutura antiga, o cuidado evidente e a perícia com que fora feita a reforma a deixaram ansiosa para explorar o lugar, mesmo que seu dono estivesse ausente.

Deu uma volta pela varanda ampla, passando a mão no intricado trabalho de talha na madeira. Em seguida abriu a porta de tela e bateu na porta de entrada, mas não houve resposta. Hesitou, mas acabou por experimentar a maçaneta. Girou facilmente. No lugar em que nascera, as pessoas também não trancavam a porta. Tão preocupada com segurança como era agora, achou bom saber que ainda existiam lugares assim. Hesitou outra vez. Entrar na casa do homem sem o conhecimento dele poderia servir apenas para complicar tudo. Mas e se ele nunca viesse a saber? Talvez conseguisse obter informações úteis a respeito dele, algo que pudesse usar para ajudá-la a sair daquela situação de desastre em potencial. Empurrou a porta, entrou e fechou delicadamente. No piso da sala, de tábuas de carvalho de larguras variáveis, o tempo deixara marcas e manchas. A mobília era simples mas cuidadosamente arrumada e cada peça era de excelente qualidade. LuAnn perguntou-se se Matt Riggs as teria restaurado pessoalmente e saiu percorrendo os cômodos, admirando a qualidade do trabalho dele aqui e ali. Um leve cheiro de verniz se desprendia de diversas peças da mobília. A casa era limpa e arrumada. Não havia retratos de família: nem mulher, nem filhos. Não saberia dizer por quê, mas estranhou este detalhe. Passou pelo escritório dele, deu uma espiada e entrou, em silêncio. Deteve-se por um instante junto da escrivaninha, quando pensou ter ouvido um barulho vindo de algum lugar no interior da casa. Seu coração disparou e chegou a pensar em fugir. O barulho não se repetiu, contudo, e ela se acalmou e sentou-se diante da escrivaninha. A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi o papel em que Riggs anotara seu nome e outras informações. Lá estavam também as informações sobre o Honda. LuAnn consultou o relógio. Riggs era claramente um homem que não acreditava em ociosidade. E tinha como obter informações de fontes obviamente mais sofisticadas do que as comuns, o que era, no mínimo, preocupante.

LuAnn levantou a cabeça num gesto brusco ao olhar pela janela a parte dos fundos. Havia uma estrutura que lembrava um celeiro ou talvez uma estrebaria. A porta estava ligeiramente aberta. LuAnn imaginou ter visto movimento no

interior da construção e, ao se levantar para ir embora, enfiou a mão no bolso do casaco e empunhou o 38.

Quando saiu, começou a se encaminhar para o carro. Mas a curiosidade levou a melhor e resolveu dar uma espiada na porta do celeiro. A lâmpada acesa no teto iluminava bem a área, arrumada como oficina e depósito. Ao longo de duas paredes viam-se mesas. Bancadas e mais ferramentas que LuAnn jamais vira antes em algum lugar. Ao longo das duas outras paredes corriam prateleiras com peças de madeira e outros materiais, empilhados em configurações precisas. Ao entrar, LuAnn viu uma escada na parte de trás. Em outros tempos teria certeza de que levaria a um depósito de feno. Riggs, contudo, não parecia ter animais que necessitassem de feno.

Curiosa para saber o que haveria no jirau, subiu, vagarosamente, a escada. Quando chegou na parte de cima, espantou-se com o que viu. Estava diante de um pequeno estúdio e área de observação com duas estantes de livros, uma velha poltrona forrada de couro, um sofá e um aquecedor antigo, bojudo. A um canto, um telescópio antigo estava voltado para a janela dos fundos do celeiro. Ao adiantar-se para olhar pela janela, o coração de LuAnn disparou. A picape de Riggs estava estacionada atrás do celeiro.

Quando se virou para descer a escada correndo, viu-se diante do cano de uma escopeta calibre doze.

Ao ver quem era, Riggs baixou lentamente a arma.

— Que diabos você está fazendo aqui? — ela tentou passar por ele, mas Riggs segurou-lhe o braço. Com igual rapidez, LuAnn libertou-se.

— Você me matou de susto — disse ela.

— Desculpe. Agora, que diabos está fazendo aqui?

— É assim que você costuma dar as boas-vindas a quem o procura?

— Quem me procura costuma entrar pela porta da frente e somente depois que eu abro — ele olhou ao redor. — Com toda a certeza isto aqui não é a minha porta da frente e não me lembro de a ter convidado.

LuAnn afastou-se um pouco, olhou em torno também e voltou a encarar Riggs, visivelmente irritado.

— Você tem aqui um belo refúgio, um lugar aonde se pode ir para pensar um pouco. Que tal fazer algo parecido lá em casa?

Riggs encostou-se na parede. Ainda segurava a escopeta virada para baixo, mas poderia tomar uma posição de tiro numa fração de segundo.

— Acho que você devia ver meu trabalho na cerca antes de me contratar para qualquer outra coisa, Srta. Savage.

Ela se fez de espantada ao ouvi-lo dizer seu nome, mas aparentemente não o bastante para satisfazer Riggs.

— E então, achou alguma outra coisa interessante no meu escritório sem ser meu trabalho de casa sobre você?

Ela o fitou com mais respeito ainda.

— Sou um pouco paranoica com minha privacidade.

LuAnn deu uma espiada no bolso. Uma pequena parte do 38 era visível.

— Você tem bons olhos.

— O impacto do 38 não é grande o bastante para deter um agressor. Se considera realmente sua privacidade, e segurança, um assunto sério, devia considerar a hipótese de passar para uma pistola nove milímetros. Uma semiautomática nem pode se comparar a um revólver — ele sacudiu a escopeta. — Vou lhe dizer uma coisa, você tira o revólver do bolso, pegando pelo cano, e eu paro de mexer com minha escopeta.

— Não vou atirar em você.

— Você está absolutamente certa, não vai mesmo — disse ele, sem se alterar. — Por favor, faça o que eu disse, Srta. Savage. E bem devagar.

LuAnn tirou a pistola do bolso, segurando-a pelo cano.

— Agora descarregue e coloque as balas em um bolso e a arma no outro. E, como sei contar até seis, não vá bancar a engraçadinha.

LuAnn obedeceu, olhando para ele com raiva.

— Não estou acostumada a ser tratada como se fosse uma criminosa.

— Você invade a minha casa carregando uma arma, é exatamente assim que vou tratá-la. E considere-se com sorte por eu não ter atirado primeiro e feito a pergunta depois. Chumbo grosso irrita muito a pele.

— Eu não forcei a entrada. A porta estava aberta.

— Não se arrisque a apresentar essa desculpa num tribunal — contra-atacou ele.

Depois que confirmou que ela descarregara o revólver, ele desarmou a escopeta e largou na estante. Em seguida cruzou os braços, estudando LuAnn.

Ligeiramente enervada, LuAnn voltou ao raciocínio inicial.

— Meu círculo de amigos é muito pequeno. Quando alguém se intromete nele, eu tendo a ficar curiosa.

— Estranho. Você chama de intromissão, mas o que fiz hoje de manhã normalmente seria chamado de salvação.

LuAnn afastou uma mecha de cabelo do rosto e desviou o olhar por um instante.

— Olhe só, Sr. Riggs...

— Meus amigos me chamam de Matt. Não somos amigos, mas vou lhe conceder o privilégio — disse ele, com frieza.

— Prefiro chamá-lo de Matthew. Não quero violar suas regras.

Riggs pareceu espantar-se, mas logo voltou ao normal.

— Como queira.

— Charlie me disse que você foi tira. — Nunca falei isso.

Foi a vez dela de se espantar.

— E não foi?

— O que eu fui na verdade não é da sua conta. E você ainda não me disse o que está fazendo aqui.

Ela esfregou a mão na forração de couro da velha poltrona. Não respondeu de imediato e Riggs ficou contente em deixar o silêncio se prolongar, até que ela o quebrou.

— O que aconteceu hoje de manhã é um pouco mais complicado do que pode ter parecido. É algo de que estou cuidando — ela fez uma pausa e o encarou, os olhos examinando os dele. — Sou-lhe grata pelo que fez. Você me ajudou e não tinha obrigação alguma. Vim para agradecer.

Riggs relaxou um pouco.

— Tudo bem, embora eu não esperasse agradecimentos. Você precisava de ajuda e eu estava por perto em condições de prestar essa ajuda. De um ser humano para outro. O mundo seria muito melhor do que é se todos vivêssemos segundo essa regra.

— Também vim pedir um favor.

Riggs inclinou a cabeça na direção dela, esperando.

— A situação desta manhã... eu lhe agradeceria muito se você esquecesse o que houve. Como disse, Charlie e eu estamos cuidando do que houve. Se você se envolver, pode ser que dificulte as coisas para mim.

Riggs ponderou sobre o que ouviu por alguns instantes.

— Você conhece o sujeito?

— Eu realmente não quero falar sobre isso.

Riggs esfregou o queixo.

— Você sabe que ele bateu no meu carro de propósito. De modo que já me sinto envolvido no que houve.

LuAnn aproximou-se mais um pouco dele.

— Sei que não me conhece, mas significaria muito para mim se você simplesmente esquecesse o que houve — os olhos dela pareciam ficar maiores a cada palavra que pronunciava.

Riggs teve a exata impressão de que estava sendo arrastado na direção dela, embora não tivesse se deslocado um centímetro. O olhar de LuAnn parecia ter colado no seu rosto, era como se toda a luz do sol que passava pela janela tivesse sido bloqueada, como se um eclipse tivesse ocorrido.

— Vou lhe dizer uma coisa: a menos que o tal sujeito me cause mais

problema, esquecerei o que aconteceu.

Os ombros tensos de LuAnn arriaram, aliviados.

— Muito obrigada.

Ela passou por Riggs, dirigindo-se para a escada. A fragrância do seu perfume atingiu-lhe as narinas, perturbando-o. Ele sentiu um formigamento na pele. Fazia muito tempo que aquilo não acontecia.

— Sua casa é linda — disse LuAnn.

— Certamente não se compara à sua.

— Você fez tudo aqui sozinho?

— Quase tudo. Sou bem habilidoso.

— Por que não me procura amanhã para a gente ver se você não poderia fazer mais alguma coisa para mim?

— Srta. Savage...

— Catherine.

— Catherine, você não tem que comprar meu silêncio.

— Por volta do meio-dia? Posso estar com o almoço pronto.

Riggs pensou um pouco e deu de ombros.

— Tudo bem.

Quando ela começou a descer a escada, ele exclamou:

— O tal sujeito do Honda. Não pense que ele vai desistir.

O olhar dela demorou-se por mais um instante na escopeta antes de desviar-se para ele.

— Eu nunca penso nada, Matthew.



— Bem, é uma boa causa, John, e ela gosta de ajudar as boas causas — Charlie recostou-se na cadeira e tomou um gole do café quente. Estava sentado a uma mesa junto da vidraça na sala de refeições do Boar's Head Inn, em uma transversal à Ivy Road, a oeste da Universidade de Virginia. Em cima da mesa havia dois pratos com o resto do café da manhã. O homem sentado à frente dele sorriu, radiante.

— Bem, não tenho palavras para lhe descrever o quanto isso significa para a comunidade. Tê-la aqui... ter vocês aqui conosco é simplesmente maravilhoso.

Envergando um terno caro de paletó jaquetão, em que um lenço colorido caía frouxo do bolso da lapela, combinando com a gravata de bolinhas, cabelo ondulado, John Pemberton era um dos corretores de imóveis mais bem-

sucedidos e relacionados da região. Integrava também a direção de numerosas obras de caridade e comitês locais.

Em uma palavra, o homem sabia praticamente tudo o que acontecia por ali, o que era exatamente a razão porque Charlie o convidara para o café da manhã. Além do mais, a comissão ganha com a venda da casa a LuAnn significara uma cifra de seis dígitos a mais na conta de Pemberton, que assim se transformara num amigo eterno.

Ele abaixou o rosto e exibiu um sorriso envergonhado nas feições bonitas quando olhou de novo para Charlie.

— Na verdade, nós esperamos vir a conhecer a Srta. Savage. — Claro que sim, John, claro que sim. Ela também está ansiosa para conhecer vocês. Mas será preciso algum tempo. Ela é uma pessoa muito reservada, você compreende.

— Claro, claro, isto aqui é cheio de gente assim. Estrelas de cinema, escritores, gente que não sabe o que fazer do dinheiro que tem.

Um sorriso involuntário apareceu nos lábios de Pemberton. Charlie imaginou que estivesse sonhando com as comissões que ganharia quando toda aquela gente rica se mudasse.

— Você vai ter de se contentar com a minha companhia por mais algum tempo — foi a vez de Charlie sorrir, o rosto todo enrugado.

— Que por sinal é muito agradável — replicou Pemberton, automaticamente.

Charlie descansou a xícara de café e afastou o prato. Se ainda fumasse, teria parado para acender um.

— Contratamos Matt Riggs — disse.

— Para construir uma cerca de segurança. Estou sabendo. Sem dúvida alguma é a maior empreitada dele.

Ao notar o olhar de espanto de Charlie, Pemberton sorriu meio envergonhado.

— A despeito da aparência cosmopolita, Charlottesville na verdade é uma cidade pequena. Há muito pouca coisa que aconteça por aqui que todo mundo não saiba logo.

Charlie levou um choque quando ouviu o comentário de Pemberton. Será que Riggs já havia contado para alguém o que acontecera? Tinham, ele e LuAnn, cometido um erro indo para Charlottesville? Não teria sido melhor procurar desaparecer em meio aos sete milhões de habitantes da cidade de Nova York?

Com algum esforço, livrou-se desses pensamentos incômodos e seguiu em frente.

— Tudo bem. De qualquer forma, o cara tem excelentes referências.

— Ele trabalha muito bem, é confiável e profissional. Não mora na cidade há muito tempo, pelo padrão da maioria do pessoal da cidade, cerca de cinco anos,

mas nunca ouvi dizerem nada de ruim sobre ele.

— Ele veio de onde?

— Washington, D.C., não o estado.

— Ele era empreiteiro lá?

Pemberton sacudiu a cabeça.

— Não, ele tirou a licença depois que chegou aqui.

— Ainda assim podia ter feito um treinamento lá.

— Acho que ele tem um talento natural para essa atividade. É um marceneiro de primeira, mas trabalhou como aprendiz de Ralph Steed, um dos melhores construtores que tínhamos aqui. Ralph morreu mais ou menos nessa época e então Riggs foi trabalhar por conta própria. Tem se saído muito bem. Ele trabalha duro. E pegar uma obra de vulto como a da cerca não faz mal a ninguém.

— É verdade. Mesmo assim, o cara chegou à cidade e mergulhou em algo novo. Tem que ter peito. Quer dizer, eu o conheci e não achei que ele tenha vindo para cá assim que terminou a faculdade.

— Não, claro que não — Pemberton olhou em torno, e quando falou de novo, foi quase cochichando. — Você não é a primeira pessoa curiosa a respeito das origens de Riggs.

Charlie adiantou-se, cabeça baixa, reforçando o ar conspiratório da dupla.

— É mesmo? O que temos aqui? Uma trama secreta? — Charlie tentou aparentar despreocupação.

— É claro que os boatos vão e vêm, e você sabe que se pode questionar a veracidade da maioria deles. Ainda assim, já ouvi de várias fontes que Riggs tinha uma posição importante em Washington — Pemberton fez uma pausa para reforçar o efeito dramático. — Na comunidade de informações.

Por trás da máscara impassível, Charlie lutou para não vomitar o que acabara de comer. Embora LuAnn tivesse tido a boa sorte de ser uma das beneficiárias do controle de Jackson sobre a loteria, quem sabe se não tivera agora uma má sorte equiparável.

— Informações? Tipo o que, espião? Pemberton levantou as palmas das mãos.

— Quem sabe? Gente assim faz do segredo um modo de vida. Nem torturados abrem a boca. Provavelmente engolem uma pílula de cianureto ou algo assim e desaparecem pacificamente na escuridão da noite — Pemberton obviamente gostava de um toque dramático misturado a elementos de perigo e mistério, em especial a uma distância segura.

Charlie esfregou o joelho esquerdo.

— Ouvi dizer que ele era tira.

— Quem falou?

— Não me lembro. Ouvi de passagem.

— Bem, se ele foi policial, isso pode ser verificado. Agora, se foi espião não haverá registro, não é?

— Quer dizer então que ele nunca falou a ninguém aqui sobre o passado dele?

— Somente em termos muito vagos. Este provavelmente é o motivo pelo qual você ouviu falar que ele foi policial. As pessoas ouvem um pedacinho aqui, outro ali, e depois inventam o que falta.

— É, não é fácil — Charlie recuou, esforçando-se para aparentar calma.

— De qualquer modo, ele é um empreiteiro excepcional. Vai fazer um bom trabalho para vocês — Pemberton deu uma risada. Desde que não comece a espionar por aí. Você sabe que, se ele foi espião, ainda deve conservar hábitos desse tempo. Sempre levou uma vida escrupulosamente limpa, mas todo mundo tem esqueletos escondidos no armário, não é mesmo?

Charlie pigarreou antes de responder.

— Alguns têm mais do que outros.

Logo em seguida inclinou-se um pouco para a frente, as mãos cruzadas em cima da mesa; estava ansioso para mudar de assunto e tinha como.

— John — a voz de Charlie soou mais grave —, tenho que lhe pedir um favorzinho.

O sorriso de Pemberton alargou-se.

— É só pedir, Charlie. E considere feito.

— Um homem apareceu lá pela casa um dia desses pedindo uma doação para uma fundação de caridade que ele dizia dirigir.

Pemberton pareceu espantado.

— Qual era o nome dele?

— Ele não era daqui — apressou-se a dizer Charlie. — Disse um nome, mas não garanto que seja seu nome verdadeiro. Achei muito suspeito, se entende o que quero dizer.

— Claro, claro.

— Uma pessoa na posição de Srta. Savage precisa ter muito cuidado. Há um monte de vigaristas por aí.

— Como se eu não soubesse. É uma coisa horrível.

— Horrível mesmo. Bem, de qualquer forma, o sujeito disse que ia passar uma temporada aqui em Charlottesville. Pediu para eu marcar um encontro com a Srta. Savage.

— Espero que você não vá concordar com isso.

— Ainda não concordei. O sujeito deixou um telefone, mas não era daqui.

Liguei para lá, mas era um serviço de recados.

— Qual era o nome da fundação?

— Não me lembro exatamente, mas acho que tinha algo a ver com pesquisa médica.

— O tipo da coisa fácil de se inventar — comentou Pemberton, com ar entendido. — Naturalmente eu não tenho experiência pessoal com essas fraudes — acrescentou, rápido —, mas entendo que elas proliferam cada vez mais.

— É exatamente assim que penso. Bem, para encurtar a coisa, como o sujeito disse que ia permanecer na cidade por algum tempo, acho que talvez ele deva ter alugado um lugar para ficar, em vez de se hospedar em um hotel. Os hotéis são caros após algum tempo, especialmente quando se vive de golpe em golpe.

— E você quer saber se eu consigo descobrir onde ele está morando?

— Exatamente. Eu não pediria se não fosse de fato importante. com coisas desse tipo nunca sou pouco cauteloso. Quero saber com quem estou lidando, para o caso de a pessoa aparecer de novo.

— Claro, claro — Pemberton bebeu um gole do chá. — Certamente que farei isso por você. Podem contar comigo, você e a Srta. Savage.

— Ficaremos muito gratos por qualquer ajuda que possa nos dar. Já conversei com a Srta. Savage sobre suas outras instituições de caridade e ela falou muito positivamente sobre todas e o trabalho que você desenvolve.

Pemberton estava radiante.

— Por que você não faz uma descrição do homem? Tenho a manhã livre e posso começar uma investigação particular. Se ele estiver em um ponto qualquer no raio de oitenta quilômetros daqui, com as minhas relações, tenho certeza de que posso encontrá-lo.

Charlie descreveu o homem, deixou dinheiro em cima da mesa para pagar a despesa e levantou-se.

— Ficaremos realmente gratos, John.

29

THOMAS DONOVAN VASCULHOU AS RUAS da cidade em busca de uma vaga para estacionar. Georgetown não era conhecida pela abundância de lugares para se deixar um veículo.

Dirigia um outro carro de aluguel, agora um Chrysler último modelo. Virou à direita, saindo da rua M para cair na avenida Wisconsin, e finalmente conseguiu descobrir vaga em uma rua transversal não muito longe do local para onde se dirigia. Uma chuvinha fina começou a cair quando ele já se deslocava a pé pela calçada. Em instantes se viu percorrendo um bairro de elite, com residências altas, majestosas, quase todas revestidas de tijolos e telhados de tabuinhas, onde moravam homens de negócios e políticos de alto escalão. Foi contemplando algumas delas ao passar, e, sob as luzes visíveis através de janelas de desenhos rebuscados, Donovan podia ver seus proprietários, pessoas bem-vestidas acomodadas diante de lareiras confortáveis, bebericando e trocando beijinhos, como parte dos rituais de relaxamento após outro dia de trabalho mudando o mundo, ou apenas adicionando novas cifras às suas já avantajadas carteiras de investimentos.

Eram tão grandes o poder e a riqueza que residiam naquela área que uma energia especial parecia se desprender das calçadas de tijolos, atingindo Donovan em cheio.

Dinheiro e poder nunca haviam sido objetos principais de sua ambição. Mas seu trabalho o colocava frequentemente em íntima ligação com pessoas que consideravam uma e outra coisa mais que tudo na vida. Era uma posição maravilhosa para quem queria bancar o cético altruísta, papel que Donovan frequentemente desempenhava pelo motivo muito simples de acreditar genuinamente no que fazia para viver. Tratava-se de uma situação cuja ironia não lhe passava despercebida: sem os ricos e poderosos e suas maldades, em quem iria atirar suas pedras pontiagudas?

Donovan finalmente parou ante uma residência muitíssimo imponente: uma casa centenária de três andares, protegida da rua por um muro baixo, com cerca de um metro, encimado por uma grade de ferro trabalhado e pintado de preto encontrada em todo o bairro. Ele inseriu uma chave na fechadura do portão e entrou. Outra chave permitiu que entrasse pela porta de madeira maciça, após o que tirou o casaco.

A governanta apareceu de imediato e pegou o casaco molhado pela chuva. Usava um uniforme tradicional e falava com a prática de quem está habituada a

demonstrar respeito.

— Vou dizer para a patroa que o senhor chegou, Sr. Donovan.

Ele fez que sim, e dirigiu-se para a sala de estar, onde parou diante da lareira para se aquecer e depois olhou em torno, contente. Donovan era filho das classes trabalhadoras, mas não tentava ocultar o prazer que sentia quando ocasionalmente mergulhava no luxo. Era uma incongruência em sua natureza que muito o aborrecera na juventude mas que agora não o preocupava tanto. Algumas coisas melhoram com a idade, filosofou, até as culpas antigas vão caindo como cascas de cebola.

Quando acabou de preparar um drinque usando o estoque de bebidas guardadas em um armário a um canto da sala, a mulher apareceu.

Ela se aproximou rapidamente e deu-lhe um beijo arrebatado.

Ele pegou sua mão e a acariciou.

— Senti sua falta — disse ela.

Ele a conduziu até o imenso sofá encostado em uma das paredes. Sentaram-se tão perto um do outro que os joelhos se tocaram.

Alicia Crane era baixinha, tinha trinta e tantos anos e o cabelo comprido a cada dia parecia mais cinza do que louro. O vestido era evidentemente caro e as joias nos pulsos e orelhas exibiam a mesma riqueza da roupa; a imagem dela, contudo, era de serena riqueza e sofisticação. Feições delicadas, nariz tão pequeno que mal se notava, escondido entre o brilho profundo dos olhos castanho-escuros. Embora não fosse uma beldade no estilo tradicional, o refinamento e a fortuna evidentes criavam um conjunto bastante agradável. Em seus melhores dias, teria sido descrita como muito bem produzida.

— Também senti falta de você, Alicia. Muito.

— Não gosto quando você tem de se afastar — a voz dela era culta e digna, a cadência lenta e exata. Uma voz aparentemente formal demais para uma mulher relativamente jovem.

— Bem, faz parte do trabalho — sorriu ele. — Mas assim você torna as coisas ainda mais difíceis.

Donovan se sentia atraído por Alicia Crane. Embora não fosse a estrela mais brilhante do universo, era uma boa pessoa, sem a pretensão e os ares de importância que o dinheiro geralmente imprime aos muito ricos.

com um sobressalto, ela fixou os olhos no rosto dele.

— Por que raspou a barba? Donovan esfregou a pele lisa.

— Mudança de ritmo — disse, rapidamente. — Você sabe que os homens têm a sua própria forma de menopausa. Acho que sem ela rejuvenesci uns dez anos. O que você acha?

— Acho que você é tão bonito sem barba quanto com barba. Na verdade, me

lembra um pouco o pai. Quando ele era jovem, claro.

— Obrigado por mentir para um velho — sorriu ele. — Mas é um grande elogio ser comparado a ele.

— Posso mandar Maggie preparar qualquer coisa para você comer. Deve estar faminto — ela segurou com ambas as mãos a mão direita dele.

— Obrigado, Alicia. E talvez um bom banho quente depois.

— Claro, claro, a chuva está gelada — ela hesitou por um momento. — Você vai ter de viajar de novo em breve? Eu estava pensando que poderíamos ir até as ilhas. É lindo lá nesta época do ano.

— Parece maravilhoso, mas receio que vá ter de esperar. Viajo amanhã.

O desapontamento espelhou-se no rosto de Alicia antes que ela baixasse os olhos.

— Oh, entendo.

Ele levantou o queixo dela, forçando-a a encará-lo.

— Alicia, dei um passo à frente importantíssimo hoje, algo meio inesperado. Foi meio perigoso, mas às vezes a gente tem de correr riscos para sair ganhando — ele se lembrou da expressão de espanto de LuAnn naquela manhã. — Tanto trabalho investigando, farejando, andando de um lado para o outro, nunca se sabe ao certo o que vai aparecer. Mas faz parte do jogo.

— Ótimo, Thomas, fico muito feliz por você. Mas não quero vê-lo correndo riscos pessoais. Não sei o que faria se lhe acontecesse alguma coisa.

Ele se recostou no sofá, rememorando a temerária manhã.

— Sei cuidar de mim. Mas não corro riscos desnecessários. Deixo isso para os garotos que vão me substituir um dia — o tom de voz dele era tranquilizador.

Thomas Donovan virou-se para ela e viu que a expressão do seu rosto era a de uma criança ouvindo o herói favorito contar uma aventura. Donovan terminou o drinque.

Um herói. Ele gostou da sensação. Quem não gostaria? Quem não precisava desse tipo de admiração genuína de vez em quando? Ele sorriu, comovido, e apertou carinhosamente a pequenina mão de Alicia.

— Prometo uma coisa. Depois que eu publicar essa história, vamos tirar umas férias bem compridas. Só eu e você. Vamos para um lugar qualquer que seja quente, com muita bebida, e onde eu possa exercer de novo meu talento de marinheiro. Não navego há muito tempo e não consigo imaginar companhia melhor do que você. Que tal?

Ela encostou a cabeça no ombro dele e suspirou.

— Maravilhoso.

30

— VOCÊ o CONVIDOU PARA ALMOÇAR? — Charlie olhou para LuAnn com um misto de raiva e frustração no rosto envelhecido. — Será que se incomodaria em dizer a razão por que fez isso? E, antes de mais nada, o motivo pelo qual foi lá?

Estavam no escritório de Charlie, LuAnn de pé ao lado da escrivaninha grande e pesada, ele sentado em frente. Charlie acabara de tirar o invólucro de um charuto e se preparava para acendê-lo quando LuAnn dera a notícia da excursão que fizera de manhã.

Foi com uma expressão desafiadora na fisionomia que ela retrucou, irritada.

— Eu não podia me limitar a ficar sentada, sem fazer nada.

— Eu lhe disse que ia cuidar do caso. O que há, não confia mais no meu discernimento?

— Claro que confio, Charlie, não é isso — LuAnn abandonou o ar de desafio, sentou na beirada da poltrona em que ele estava acomodado e passou os dedos pelos seus escassos fios de cabelo. Achei que, se eu procurasse Riggs antes que ele tivesse chance de fazer qualquer coisa, pedisse desculpas e o convencesse a esquecer tudo, nós ficaríamos livres do problema.

Charlie sacudiu a cabeça, estremecendo com uma pontada de dor na têmpora esquerda. Respirou fundo e passou o braço pela cintura dela.

— LuAnn, tive uma conversa muito proveitosa com John Pemberton hoje de manhã.

— com quem?

— O corretor imobiliário. O cara que nos vendeu esta casa. Isso não importa. O que importa é que Pemberton conhece todo mundo nesta cidade. Já deve ter começado a rastrear o sujeito do Honda para nós.

LuAnn sobressaltou-se.

— Você não contou a ele...

— Inventei uma história para servir de desculpa e ele engoliu como se fosse o melhor sorvete do mundo. Nesses dez anos eu e você nos aperfeiçoamos um bocado nisso de inventar boas histórias, não é mesmo?

— Às vezes boas demais — concordou LuAnn, melancólica. Está ficando cada vez mais difícil diferenciar a verdade da mentira.

— Também falei com Pemberton sobre Riggs. Para ver se conseguia saber de alguma história da vida dele, ver se tinha uma ideia melhor de quem era o cara.

— Ele não é tira. Perguntei e ele disse que não era. Ao contrário do que você falou.

— Eu sei, foi uma derrapada da minha parte, mas Riggs me levou a crer exatamente isso.

— E então, o que diabo ele foi? E por que tanto segredo?

— Uma pergunta engraçada partindo de você, LuAnn — ela deu uma cotovelada, de brincadeira, no lado do corpo de Charlie, mas seu sorriso desapareceu com as próximas palavras de Charlie: Pemberton acha que Riggs foi espião do governo.

— Espião? Como o pessoal da CIA?

— Quem pode saber? O sujeito não vai andar por aí alardeando o que fazia. Na verdade, ninguém sabe ao certo. Seu passado é meio obscuro, no que diz respeito ao que Pemberton é capaz de dizer.

LuAnn estremeceu, lembrando-se do volume de informações que Riggs conseguira reunir sobre ela tão rapidamente. Agora aquilo fazia sentido. Mas ainda não se convencera.

— E hoje ele constrói cercas na região rural do estado de Virginia. Eu não sabia que deixam os espiões se aposentarem.

— Você tem visto filmes de Máfia demais. Até mesmo espiões mudam de emprego ou se aposentam, especialmente com o fim da guerra fria. E há um monte de especialidades nessa coisa de coleta de informações. Nem tudo é capa e espada, pistolas na manga e tramas de assassinato visando a ditadores distantes. Ele pode ter sido apenas um boboca qualquer que trabalhava trancado em uma sala examinando fotos aéreas de Moscou.

LuAnn rememorou seu encontro com Riggs na casa dele. O modo como empunhava a escopeta, o aguçado senso de observação e o conhecimento de armas de fogo. Finalmente, sua maneira de ser, confiante e fria. Sacudiu a cabeça com firmeza. — Ele não me parece ter sido um burocrata.

Charlie respirou fundo.

— Nem a mim — concordou. — E então, como se passaram as coisas?

LuAnn levantou-se e foi encostar no batente da porta, os dedos metidos nas presilhas do cinto da calça jeans que acabara de vestir.

— Ele já tinha levantado algumas informações sobre mim e o Honda. Confirmando a história que inventamos como disfarce.

— E o Honda? Alguma coisa? LuAnn sacudiu a cabeça.

— Carro alugado em Washington, D.C. Nome da pessoa que alugou parecia falso. Provavelmente um beco sem saída.

— Riggs age rápido. Como foi que você descobriu isso?

— Espionei o escritório dele. Quando me pegou, empunhava uma escopeta.

— Meu Deus do céu, LuAnn, se o cara foi um espião, você deu sorte por ele não ter explodido seus miolos.

— Na hora não me pareceu arriscado. E no fim das contas tudo deu certo.

— Você e sua mania de correr riscos. Como ter ido ao sorteio naquela noite em Nova York. Eu realmente devia esperar por algo assim. O que mais?

— Admiti que a perseguição na estrada era algo que nos preocupava e de que estávamos tratando.

— E ele aceitou? Sem mais perguntas? — o tom de voz de Charlie denotava seu ceticismo.

— Eu estava falando a verdade, Charlie — retrucou ela, acaloradamente. — Fico entusiasmada quando acontece uma dessas raras ocasiões em que posso falar a verdade.

— Tudo bem, tudo bem. Não quis atrapalhar o seu lado. Meu Deus do céu, estamos parecendo mais um casal de velhos!

— Mas nós somos um casal de velhos — disse LuAnn, sorrindo.

— Só que temos mais segredos do que a maioria.

Charlie dirigiu-lhe um sorriso e deteve-se por um instante a fim de acender o charuto.

— Quer dizer que você pensa mesmo que não há problema com Riggs?

— Acho que ele é muito curioso, sem dúvida. Mas me disse que não vai insistir e acredito nele. Não sei dizer exatamente o motivo, mas acredito. Parece ser um homem de palavra.

— E o convite para ele vir almoçar amanhã? Estou entendendo que você deseja conhecê-lo melhor.

LuAnn estudou o rosto de Charlie por um instante. Haveria um toque de ciúme em suas palavras? Ela deu de ombros.

— Bem, é uma maneira de ficar de olho nele, e talvez descobrir mais alguma coisa a seu respeito. Talvez tenha alguns segredos também. De qualquer forma, é o que parece.

Charlie deu uma baforada.

— Quer dizer então que, se as coisas se ajustarem numa boa com o Riggs, só teremos de nos preocupar com o sujeito do Honda.

— E não basta?

— É melhor que duas dores de cabeça ao mesmo tempo. Se Pemberton conseguir encontrá-lo, pode ser que as coisas melhorem bastante para nós.

LuAnn dirigiu-lhe um olhar apreensivo.

— Nesse caso, o que é que você vai fazer?

— Estive pensando nisso. Acho que decidi jogar limpo com o sujeito, descobrir que cartas ele tem e ver o que diabo ele quer. Se for dinheiro, pode ser que a gente consiga dar um jeito.

— E se não for só dinheiro? — ela teve dificuldade em formular a pergunta

seguinte. — E se ele souber acerca da loteria?

Charlie tirou o charuto da boca e a encarou fixamente.

— Não vejo como ele poderia saber. Mas, neste caso, em que as probabilidades contra devem ser de uma para um bilhão, há um monte de outros lugares no mundo em que poderíamos morar, LuAnn. Poderíamos ir embora amanhã, se fosse preciso.

— Fugindo de novo — disse ela, arrasada.

— Considere a alternativa. Não seria agradável.

Ela se adiantou e tirou o charuto dos dedos dele. Prendendo-o entre os dentes, inspirou a fumaça e soltou lentamente, devolvendo o charuto.

— Quando Pemberton deverá procurar você?

— Não foi marcada uma data. Pode ser hoje à noite, pode ser na semana que vem.

— Avise-me quando tiver notícias dele.

— Você será a primeira a saber, minha senhora. Ela se virou para sair.

— Oh, estou convidado para o almoço de amanhã? LuAnn virou-se para fitá-lo.

— Eu até que estava contando com isso, Charlie — sorriu graciosamente e foi embora. Ele se levantou e ficou observando-a como que a deslizar pelo corredor, até que fechou a porta do escritório e deixou-se ficar sentado à escrivaninha, fumando pensativamente o charuto.



Riggs vestira uma calça esporte de algodão e o colarinho da camisa aparecia por baixo do suéter. Viera num jipe Cherokee que pedira emprestado enquanto a picape ficava na oficina para consertar o para-choque. De qualquer modo, o Cherokee parecia muito mais adequado àquele ambiente de riqueza do que sua velha picape. Deu uma ajeitada no cabelo recém-lavado antes de saltar e subir os degraus da escada de acesso à porta principal da mansão. Riggs não tinha mais o hábito do terno e gravata, a não ser por uma ou outra função social a que tivesse de comparecer na cidade. Além disso, concluíra que um paletó e calça esporte seria muito pretensioso. Afinal, era só um almoço. E, quem sabe? A dona da casa podia pedir que ele fizesse um servicinho qualquer, e era melhor estar à vontade.

A porta foi aberta pela criada que acompanhou Riggs até a biblioteca. Ele se perguntou se teria sido observado na chegada. Talvez houvesse câmeras de vídeo focalizando também a entrada de carros, com Catherine Savage e seu

camaradinha sentados em uma sala de observação entupida até o teto de monitores de televisão.

Riggs deu uma espiada em torno e fez o registro mental, com o devido respeito, dos numerosos livros que forravam as paredes. Não saberia dizer se era apenas exibição, como em muitos lugares em que estivera. Por algum motivo, contudo, achou que não devia ser esse o caso ali. Sua atenção depois foi atraída pelas fotos em cima do console da lareira. Todas eram de Charlie e de uma menina parecidíssima com Catherine Savage, não havendo nenhuma da própria Catherine. Parecia estranho, mas, como a mulher era mesmo estranha, ficava assim preservado um mínimo de coerência.

Virou-se quando a porta da biblioteca foi aberta. O primeiro encontro, no depósito de feno adaptado, não o preparara para o segundo.

O cabelo dourado caía sobre os ombros do vestido preto que ia até a barriga das pernas sem meias e não perdia um detalhe do contorno do corpo, longo e curvilíneo.

Ocorreu a Riggs que nela o vestido teria parecido igualmente provocante tanto em uma feira da roça quanto em um jantar na Casa Branca. Calçava sapatos de salto baixo.

A imagem de uma pantera esguia e musculosa, deslizando na sua direção, lhe veio rapidamente à cabeça. Depois de pensar um pouco, Riggs chegou à conclusão de que a beleza dela era inegável, mas não era perfeita. Afinal, quem a possui? Outro detalhe importante: embora já começassem a aparecer algumas ruguinhas em torno dos olhos, Riggs notou a ausência quase absoluta de rugas em volta da boca, como se ela jamais tivesse sorrido.

Curiosamente, a pequena cicatriz no queixo aumentava bastante seu encanto, atraindo Riggs ainda mais. Será porque insinuava um quê de perigo, de aventura, em seu passado?

— Fico feliz por ver que conseguiu vir — disse ela, adiantando-se com passadas enérgicas e estendendo a mão. Mais uma vez Riggs ficou assombrado com a força do seu cumprimento; os dedos compridos pareceram engolir a mão grande e calejada dele. — Sei que empreiteiros costumam ter de resolver numerosas emergências durante o dia. Nunca são donos do próprio tempo.

Riggs avaliou as paredes e o teto da biblioteca.

— Ouvi falar de algumas das reformas que você fez aqui. Por melhor que seja o empreiteiro, numa obra tão complexa como foi esta, as coisas de vez em quando fogem do controle.

— Charlie se encarregou de tudo. Mas acho que as coisas correram bem. E certamente fiquei satisfeita com o resultado final.

— Dá para ver.

— O almoço será servido em vinte minutos. Sally arrumou a mesa na varanda dos fundos. A sala de jantar é para cinquenta pessoas e eu achei que ia ser um pouco despropositado para três. Gostaria de beber alguma coisa antes?

— Estou bem — ele apontou para as fotos. — É sua filha? Ou irmã mais moça?

Ela ficou ruborizada e acompanhou o gesto dele, mas acomodou-se no sofá antes de responder.

— Minha filha, Lisa. Tem dez anos. Não posso acreditar como o tempo passa tão depressa.

Riggs a avaliou com naturalidade.

— Você deve ter sido mãe ainda muito moça.

— Provavelmente mais jovem do que deveria, mas eu não abriria mão dela por nada desse mundo. Você tem filhos?

Riggs sacudiu a cabeça rapidamente e olhou para as mãos.

— Nunca tive a sorte.

LuAnn notou a ausência de uma aliança, embora muitos homens não usem. No caso dele, já que trabalhava o dia inteiro com as mãos, podia ter razões de segurança para não usar.

— Sua mulher...

— Sou divorciado — interrompeu ele. — Faz quase quatro anos. Ele pôs as mãos nos bolsos e mais uma vez avaliou o aposento.

Podia sentir que ela acompanhava a direção do seu olhar.

— E você? — perguntou, encarando-a de novo.

— Viúva.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros.

— Foi há muito tempo — falou com simplicidade. Havia, contudo, uma certa nota melancólica em sua voz que disse a Riggs que o tempo não conseguira diminuir o impacto da perda.

— Srta. Savage...

— Por favor, me chame de Catherine — ela lhe dirigiu um sorriso travesso. — Todos os meus amigos me chamam.

Ele sorriu e se sentou ao lado dela.

— E então, por onde anda o Charlie?

— Saiu para fazer umas compras. Mas vem almoçar conosco.

— Ele é seu tio? LuAnn fez que sim.

— A mulher dele morreu há alguns anos. Não tenho mais pai nem mãe. Na verdade, somos o que resta da família.

— Pelo jeito, seu falecido marido se saiu muito bem na vida. Ou talvez tenha

sido você. Não quero parecer politicamente incorreto — Riggs sorriu, de repente. — Ou isso, ou um de vocês ganhou na loteria.

A mão de LuAnn contraiu-se visivelmente na beira do sofá.

— Meu marido foi um homem de negócios brilhante que, obviamente, me deixou muito bem — ela conseguiu dizer isso com um jeito despreocupado.

— Sem dúvida — concordou Riggs.

— E você? Sempre morou aqui?

— Puxa, depois que vim aqui ontem, pensei que você tivesse verificado por completo toda a minha história.

— Receio que eu não tenha fontes do mesmo nível das suas. Aliás, nunca pensei que construtores dispusessem de redes de informação — ela fixou os olhos nos dele.

— Eu me mudei para cá há cinco anos. Trabalhei como aprendiz de um construtor local que me ensinou a profissão. Ele morreu há três anos e então montei meu próprio negócio.

— Cinco anos. Quer dizer então que sua esposa viveu aqui com você por um ano.

Riggs sacudiu a cabeça.

— O divórcio foi homologado há quatro anos, mas já estávamos separados há catorze meses. Ela continuou morando em Washington. Provavelmente vai morar lá para sempre.

— Ela trabalha com política?

— Advogada. Sócia de uma firma. Tanto a parte dela quanto a firma são grandes. Tem clientes relacionados politicamente. É muito bem-sucedida.

— Ela deve ser muito competente então. Esse ainda é um mundo dos homens. Como inúmeros outros.

Riggs deu de ombros.

— Ela é inteligente, tem uma incrível capacidade para conseguir negócios. Acho que foi por isso que nos separamos. O casamento ficou no caminho.

— Entendo.

— Não é o que se pode chamar de uma história original, mas é a única que eu tenho. Mudei para cá e nunca mais olhei para trás.

— Vejo que gosta do que faz.

— Pode ser um pouco chato às vezes, como qualquer trabalho. Mas eu gosto de construir, montar coisas. É terapêutico. Tranquilo. Tenho tido sorte, as pessoas elogiam e o negócio vai bem. Como você provavelmente sabe, há um bocado de dinheiro nesta região. Mesmo antes da sua chegada já havia.

— Eu entendo. Fico satisfeita de saber que sua mudança de carreira deu certo.

Ele se recostou enquanto digeria as palavras dela, os lábios contraídos, as mãos cerradas, embora sem ser ameaçadoramente.

— Deixe eu adivinhar — disse Riggs por fim, com uma risadinha —, você ouviu dizer que eu fui da CIA ou fui um assassino internacional que decidiu abruptamente desistir de tudo e passou a martelar e serrar em um ambiente mais plácido.

— Para falar a verdade, não cheguei a tomar conhecimento dessa versão do ex-assassino.

Eles trocaram sorrisos.

— Se você dissesse a verdade, as pessoas iam parar de especular — LuAnn não pôde crer que tivesse falado aquilo, mas a verdade é que falara. Fitou-o com o que esperava fosse um ar de perfeita inocência.

— Você está presumindo que eu me importo com o que as pessoas especulem a meu respeito. Mas não me incomodo.

— Os comentários não chegam a atingi-lo, é isso?

— Olhe, se há uma coisa que aprendi na vida é a não me preocupar com o que as outras pessoas pensam ou dizem. Preocupar-se consigo mesmo já é o bastante. De outro modo você se transforma em uma espécie de cesta de lixo. As pessoas podem ser cruéis. Em especial quem supostamente se importa com você. Acredite em mim, falo por experiência própria.

— Suponho que o divórcio não tenha sido exatamente amigável. Ele não olhou para ela quando falou.

— Não estou supondo nada a seu respeito, mas às vezes perder o marido ou a mulher é menos traumático do que passar por um divórcio. Acho que essas coisas têm seus níveis específicos de dor.

Ele baixou os olhos. Havia um toque definitivo de sinceridade em suas palavras e na mesma hora LuAnn se sentiu culpada por não ter enviuvado de verdade, ou pelo menos por não ter ficado realmente viúva de um marido rico. Era como se Riggs tivesse desnudado o coração por ela ter feito o mesmo, quando da parte de LuAnn, como sempre, tudo não passava de uma grande mentira. Ainda seria capaz de falar a verdade? Como? Falar a verdade a destruiria, todas as mentiras imediatamente iriam ruir, como um velho edifício implodido.

— É verdade — concordou ela.

Riggs não pareceu inclinado a continuar. LuAnn finalmente consultou o relógio.

— O almoço já deve estar pronto. Eu pensei que, depois de comer, podíamos ir dar uma olhada na parte dos fundos, onde estou querendo construir um pequeno estúdio — ela se levantou e Riggs também, parecendo muito aliviado

com o fim daquela conversa particular.

— Boas falas, Catherine. No meu ramo de negócios, trabalho é uma coisa sempre bem-vinda.

Ao se dirigirem para a copa, Charlie juntou-se a eles. Os dois homens cumprimentaram-se com um aperto de mão.

— Prazer em vê-lo de novo, Matt. Espero que esteja com fome. Sally costuma preparar belos pratos.

O almoço foi dedicado à apreciação da comida e da bebida e comentários inócuos sobre assuntos de interesse local. Havia, contudo, uma energia evidente entre Charlie e LuAnn, algo de que Riggs não teve a menor dúvida. Um vínculo forte, concluiu ele. Inquebrantável, na verdade. Laços de família, afinal.

— Então, Matt, quais as perspectivas da cerca no tocante a prazos? — perguntou Charlie. Ele e Riggs se encontravam no terraço dos fundos contemplando a paisagem. O almoço terminara e LuAnn saíra para pegar Lisa. As aulas iam terminar mais cedo por causa de uma reunião de trabalho dos professores. LuAnn pedira a Riggs para não sair antes que ela voltasse, porque queria conversar com ele sobre a construção do estúdio. Riggs perguntou-se se não teria sido uma manobra deliberada para deixar Charlie sozinho tentando obter informações. Fosse qual fosse o motivo, permaneceu em guarda.

Antes que Riggs tivesse chance de falar sobre a cerca, Charlie ofereceu-lhe um charuto.

— Você fuma essas coisas?

Riggs aceitou.

— Depois de um almoço desses, num dia tão maravilhoso, mesmo que eu não fumasse, seria tentado.

Ele cortou a ponta com um cortador que Charlie lhe passou e depois ambos fizeram uma pausa para acender os charutos.

— Imagino que eu vá gastar uma semana para escavar os buracos de todos os postes. Duas semanas limpando o terreno e montando e instalando a cerca, o que inclui a concretagem da base dos postes. Mais outra semana para instalar o portão e os sistemas de segurança. Um mês ao todo. Mais ou menos o que estimei no nosso contrato.

Charlie o fitou atentamente.

— Eu sei, mas é que às vezes o que a gente põe no papel não funciona exatamente na realidade.

— Eu diria que isso é uma das características do meu tipo de negócio — concordou Riggs, dando uma baforada no charuto. — Mas nós vamos começar antes de a temperatura congelar o solo que, por sua vez, não é tão ruim quanto pensei no princípio — ele fez uma pausa e encarou Charlie direto nos olhos. —

Depois do que aconteceu ontem, eu gostaria que essa cerca já estivesse instalada hoje. Estou certo de que você também.

Era um convite aberto para discussão e Charlie não desapontou Riggs.

— Sente aí, Matt — Charlie indicou um par de cadeiras de ferro trabalhado colocadas junto da balaustrada e sentou-se cuidadosamente. — Nossa, essas coisas são desconfortáveis como o diabo, e pelo preço você ia achar que são de ouro. Começo a pensar que o decorador ganhou uma comissão extra da loja para nos empurrar essas cadeiras — ele deu uma tragada no charuto enquanto apreciava a paisagem. — Puxa, como é bonito aqui.

Riggs acompanhou o olhar dele.

— É uma das razões pelas quais vim para cá. Uma grande razão.

— E quais foram as outras razões? — Charlie sorriu ao formular a pergunta. — Estou brincando. O problema é seu — a ênfase no possessivo não passou despercebida aos ouvidos de Riggs. Charlie se remexeu na cadeira até que conseguiu uma posição confortável.

— Catherine me contou a conversinha que vocês tiveram ontem.

— Eu sabia que ela ia contar. O que posso dizer a você é que ela não devia andar por aí bisbilhotando a casa dos outros. Não é uma atividade saudável.

— Eu disse exatamente a mesma coisa. Sei que pode ser difícil de perceber, mas ela é um bocado cabeça-dura.

Os dois homens riram, sabendo muito bem que era aquilo mesmo.

— De qualquer modo, agradeço a você por ter concordado em deixar as coisas como estão — disse Charlie.

— Eu disse a ela que desde que o cara não me aborreça, eu também não o aborreço.

— Muito justo. Sem dúvida nenhuma você pode ver que, com toda a sua fortuna, Catherine é um alvo e tanto para tudo quanto é vigarice e golpe, sem falar nas ameaças diretas, quaisquer que sejam. E também temos de nos preocupar com Lisa. Estamos constantemente de olho nela.

— Parece que você tem experiência.

— E tenho mesmo. Essa não é a primeira vez. E não será a última. Mas você não pode ceder. Quer dizer, Catherine podia comprar uma ilha deserta sei lá onde e tornar impossível que qualquer pessoa se aproximasse, mas que tipo de vida iriam levar, ela e Lisa?

— E você também. Afinal, você está muito bem, Charlie. De repente pode até entrar no time dos Redskins no domingo.

Charlie vibrou com o elogio.

— Na verdade, joguei um pouco de futebol profissional no meu tempo. E me cuido. Catherine me atormenta com essa história de dieta. Acho que me deixa

fumar um charuto de vez em quando só de pena. Embora ultimamente eu venha me sentindo mais velho do que sou na verdade. Mas sim, é claro, não quero viver em uma ilha deserta.

— Teve sorte na busca do cara do Honda? — perguntou Riggs.

— Estou trabalhando nisso. Tenho umas investigações em andamento.

— Não se ofenda, mas o que pretende fazer se o encontrar?

Charlie encarou Riggs.

— O que você faria?

— Depende das intenções do sujeito.

— Exatamente. E por isso, enquanto não o encontrar e determinar quais são suas intenções, não sei o que vou fazer — havia um ligeiro traço de hostilidade na voz de Charlie que Riggs preferiu ignorar, virando-se outra vez para contemplar a paisagem.

— Catherine disse que quer construir um estúdio fora da casa. Sabe onde?

Charlie sacudiu a cabeça.

— Na verdade não conversei com ela sobre isso. Acho que foi um impulso recente.

Riggs fitou novamente Charlie, avaliando-o. Teria sido um escorregão consciente da parte dele? Era como se Charlie tivesse lhe dizendo na cara que a possível encomenda de um novo trabalho seria o pagamento por Riggs ficar de boca calada. Ou haveria outro motivo?

— Para que ela usaria o novo estúdio?

Charlie virou-se para ele.

— Faz diferença?

— Na verdade, faz. Se for um estúdio de pintura, seria preciso ter bastante iluminação, talvez eu tivesse de colocar umas claraboias, além de um sistema de ventilação para fazer a exaustão dos vapores venenosos das tintas. Se ela só quer um estúdio para se afastar um pouco, ler ou dormir, as soluções seriam diferentes.

Charlie balançou a cabeça, pensativo.

— Bem, não sei o que ela planeja fazer. Mas tenho certeza de que não pinta.

Os dois homens se calaram até que o silêncio foi interrompido pelo barulho de LuAnn e Lisa se aproximando. A porta do terraço abriu-se e as duas apareceram.

Pessoalmente Lisa Savage se parecia mais ainda com a mãe do que em fotografia. As duas andavam do mesmo modo, como se deslizassem, sem desperdício de energia.

— Este é o Sr. Riggs, Lisa.

Riggs não tinha grande convívio com crianças, mas fez o que lhe pareceu

natural. Estendeu a mão.

— Sou Matt, Lisa. Prazer em conhecê-la.

Ela sorriu e apertou a mão dele.

— Prazer em conhecê-lo, Matt.

— Isto é que é um aperto de mão — exclamou ele, olhando primeiro para LuAnn e depois para Charlie. — Já vi que todos na família têm essa característica. Se eu continuar vindo aqui, vou ter que começar a usar uma luva de aço.

Lisa sorriu.

— Matthew vai construir um estúdio para mim, Lisa. Num ponto qualquer aí fora — ela apontou para os fundos da casa.

A menina virou a cabeça para trás, na direção da casa e não escondeu seu espanto.

— A nossa casa não é grande o bastante?

Todos os adultos caíram na risada e finalmente Lisa também riu.

— Para que vai servir o estúdio? — quis saber Lisa.

— Bem, será talvez uma surpresa. Na verdade, posso deixar você usá-lo de vez em quando.

Lisa sorriu, radiante.

— Mas só se continuar tirando notas altas — disse Charlie. — A propósito, como é que se saiu na prova? — o jeito de Charlie falar foi brusco, mas evidentemente ele estava só se fingindo de durão. Para Riggs era óbvio que o velho gostava de Lisa tanto quanto da mãe dela, se não mais.

Lisa fez um biquinho.

— Não tirei dez...

— Tudo bem, querida — disse Charlie, bondosamente. — Deve ter sido culpa minha. Não sou tão bom assim com matemática.

Lisa deu uma risada.

— Tirei dez com louvor!

Charlie passou a mão na cabeça dela.

— Você tem o mesmo senso de humor de sua mãe, quanto a isso não tenho a menor dúvida.

— A Srta. Sally preparou almoço para você — disse LuAnn. — Sei que não teve chance de comer na escola. Vá correndo que encontro você depois de resolver umas coisas com o Matthew.

LuAnn e Riggs saíram caminhando pela parte de trás do terreno da casa. Charlie se desculpara e saíra. Tinha de fazer umas coisas, falou.

Depois de algum tempo caminhando, Riggs definiu-se por uma clareira plana, com vista desimpedida para as montanhas, mas que tinha árvores de

sombra em dois lados.

— Parece um bom lugar. Na verdade, com toda essa terra que você tem, provavelmente há muitos locais possíveis. A propósito, se eu soubesse o que pretende fazer com o estúdio, poderia fazer uma escolha melhor e olhe que você já tem inúmeras construções em torno da casa. Outra opção seria converter uma delas em estúdio.

— Desculpe, mas pensei que eu tivesse esclarecido essa questão. Quero começar da planta. Nenhuma das outras construções realmente serviria. Quero algo parecido com o que você tem atrás da sua casa. Dois andares. O térreo com espaço para alguns dos meus hobbies, quer dizer, quando eu tiver hobbies. Lisa pinta e começa a se sair muito bem. Talvez eu resolva aprender a esculpir... parece ser um passatempo muito relaxante. No segundo nível um aquecedor a lenha, telescópio, mobília confortável, estantes embutidas, talvez uma pequena cozinha e janelas de sacada.

Riggs fez que sim e olhou em torno.

— Vi a área da piscina. Você está planejando um vestiário para a piscina e talvez quadras de tênis?

— Na primavera que vem. Por quê?

— Eu estava pensando que podíamos amarrar tudo em um plano global. Sabe como é, usar os mesmos materiais ou uma combinação harmoniosa do que for aplicado.

LuAnn sacudiu a cabeça.

— Não, eu quero tudo separado. Vamos ter um caramanchão grande e tudo mais. A piscina e as quadras de tênis serão basicamente para o uso de Lisa. Quero as duas coisas perto da casa. A piscina já é perto. O estúdio eu quero afastado. Assim meio escondido.

— Ótimo. Certamente a área comporta tudo isso — ele avaliou o aclive do terreno. — Quer dizer então que você nada e joga tênis?

— Nado bem, mas nunca joguei tênis e não tenho vontade de começar.

— Pensei que todos os ricos jogassem tênis. Tênis e golfe.

— Pode ser, se você tiver nascido rico. Não é o meu caso.

— Georgia.

LuAnn voltou-se bruscamente para ele.

— O quê?

— Eu estava tentando localizar o seu sotaque. O de Lisa não dá para distinguir. No seu dá para se reconhecer, muito ao longe. Sei que passou muitos anos na Europa, mas é como se diz: pode-se tirar uma garota da Georgia, mas não se consegue tirar a Georgia de uma garota.

LuAnn hesitou por um momento antes de responder.

— Nunca estive na Georgia.

— Estranho. Geralmente sou muito bom para reconhecer sotaques.

— Ninguém é perfeito — ela tirou uma mecha de cabelo dos olhos. — Então, o que é que você acha?

Riggs encarou-a com um olhar cheio de curiosidade e respondeu após um momento.

— Teremos projetos, que vão ajudá-la a saber com mais exatidão o que deseja, embora pareça claro que já tenha uma boa noção. Dependendo do tamanho e complexidade do projeto, pode demorar de dois a seis meses.

— Quando você pode começar?

— Só no ano que vem, Catherine.

— Você está tão atarefado assim?

— Nada disso. Nenhum empreiteiro, em sã consciência, começaria agora um projeto desses. Precisamos dos projetos arquitetônicos e também das licenças para construir. Em pouco tempo o solo vai congelar e não me atrai a ideia de fazer a concretagem dos alicerces nessa situação. Não conseguiríamos montar uma estrutura e ficar debaixo de um telhado antes do inverno. O tempo aqui pode ser bem desagradável. Isso é definitivamente um projeto para a próxima primavera.

— Oh — LuAnn pareceu ficar profundamente desapontada. Virou-se para a futura localização do seu refúgio, dando a impressão de que o via inteiramente construído.

Riggs tentou reanimá-la.

— A primavera vai chegar logo, Catherine, antes que você perceba. E a espera durante o inverno nos permitirá trabalhar em um conjunto realmente bom de projetos. Conheço um arquiteto de primeira. Posso marcar uma reunião.

LuAnn mal o escutava. Ainda estariam ali na próxima primavera? O cronograma apresentado por Riggs dissipara muito do seu entusiasmo pelo projeto.

— Depois eu vejo isso. Obrigada.

Enquanto caminhavam de volta para a casa, Riggs tocou no ombro dela.

— Estou vendo que você não ficou satisfeita. Se eu pudesse começar a obra agora, começava. Alguns construtores descuidados, desonestos, podem aceitar a empreitada e cobrar de você um extra pelas condições desfavoráveis. Depois ergueriam um pavilhão que cairia em um ou dois anos. Mas eu me orgulho do meu trabalho e quero lhe entregar uma obra de primeira qualidade.

Ela sorriu para Riggs.

— Charlie me disse que você tinha referências excelentes. Acho que dá para ver por quê.

Neste exato momento estavam passando pelo estábulo. LuAnn apontou na sua direção e disse: — Acho que isso aí pode ser contado como um hobby. Você monta?

— Não sou perito, mas também não caio do cavalo.

— Devíamos sair para um passeio um dia desses. Há umas trilhas lindas por aqui.

— Eu sei — foi a surpreendente resposta de Riggs. — Eu costumava percorrê-las a pé antes de a propriedade ser vendida. Por falar nisso, em matéria de imóvel, você fez uma excelente escolha.

— Foi o Charlie.

— Ele é uma boa pessoa para se ter por perto.

— Charlie torna a minha vida muito mais fácil. Não sei o que faria sem ele.

— É bom ter uma pessoa assim na vida da gente — comentou Riggs.

Ela lhe dirigiu um olhar furtivo quando retomaram a caminhada de volta.

31

CHARLIE OS ESPERAVA NA PORTA DOS FUNDOS. Havia uma excitação contida em seu jeito, e os olhares carregados de significado que trocou com LuAnn lhe disseram a razão: Pemberton descobrira onde o homem do Honda se encontrava hospedado.

Embora sem comentar nada, Riggs percebeu que havia uma diferença sutil no ambiente e despediu-se.

— Muito obrigado pelo almoço — disse. — Tenho certeza de que vocês têm o que fazer e eu também tenho compromissos me esperando — ele deu uma olhada em LuAnn. — Catherine, depois me diga o que decidiu sobre o estúdio.

— Claro. Ligue para mim quando quiser cavalgar.

— Pode deixar.

Depois que ele foi embora, Charlie e LuAnn se fecharam no escritório de Charlie.

— Onde está o sujeito? — perguntou ela.

— Ele é nosso vizinho. — O quê?

— Alugou uma casinha bem isolada. Uns seis quilômetros daqui pela rodovia 22. Fui ver um terreno nessa região quando pensávamos em construir. Lembra que fomos de carro até lá algum tempo atrás?

— Lembro exatamente. Pode-se caminhar ou cavalgar por aquelas trilhas. Já fiz isso. O sujeito pode estar nos espionando não é de hoje.

— Eu sei. É o que me preocupa. Pemberton me deu uma orientação exata para chegar lá — Charlie deixou um papel em cima da mesa enquanto tirava o casaco.

LuAnn aproveitou a oportunidade para ler disfarçadamente e decorar as instruções escritas no papel.

Charlie abriu uma gaveta da escrivaninha que estava fechada a chave. LuAnn arregalou os olhos quando o viu tirar um 38, que passou a carregar.

— O que é que você vai fazer? — perguntou LuAnn impetuosamente.

Ele não olhou para ela enquanto não acionou a trava de segurança da arma e a colocou no bolso.

— Conforme planejamos, vou ver o que há.

— Vou com você.

— De jeito nenhum!

— Charlie, vou sim.

— E se houver encrenca?

— Você está dizendo isso a mim?

— Você sabe o que quero dizer. Deixe eu verificar primeiro, ver o que o cara quer. Não vou fazer nada de perigoso.

— Então para que a arma?

— Eu disse que eu não vou fazer nada de perigoso. Não sei quanto a ele.

— Não gosto disso, Charlie.

— Você pensa que eu gosto? Mas estou lhe dizendo: é o único jeito. Se acontecer algo, a última coisa que eu quero é ver você no meio.

— Nunca esperei que você travasse as minhas batalhas.

Ele acariciou-lhe o rosto.

— Você não está exatamente me forçando a fazer nada. Quero que você e Lisa permaneçam sãs e salvas. Para o caso de ainda não ter notado, fiz disso a meta da minha vida. Por minha livre escolha — ele sorriu.

Ela o observou enquanto ele abria a porta para sair.

— Charlie, por favor, seja cuidadoso.

Ele olhou para trás, notando a preocupação nas feições dela.

— LuAnn, você sabe que eu sou sempre cuidadoso.

Assim que ele saiu, LuAnn correu para o quarto, vestiu uma calça jeans e uma camisa quente e calçou um par de botas rústicas muito resistentes.

Para o caso de você ainda não ter notado, Charlie, a meta da minha vida é fazer com que você e Lisa estejam sempre sãos e salvos.

Pegou uma jaqueta de couro no *closet* e disparou para o estábulo. Lá, selou Joy e saiu a galope pelo emaranhado de trilhas que passavam por trás da mansão.

Assim que Charlie pegou a estrada principal, Riggs começou a segui-lo a uma distância segura no Cherokee. Riggs imaginou que havia cinquenta por cento de chance de que fosse acontecer alguma coisa assim que se retirasse. Um amigo seu comentara ter visto Charlie e Pemberton tomando café da manhã na véspera. Charlie fora esperto ao procurar Pemberton, e provavelmente seria também por intermédio de Pemberton que ele, Riggs, teria tentado encontrar o homem do Honda. Isso e o jeito excitado de Charlie foram o bastante para convencê-lo de que alguma coisa estava acontecendo. Se estivesse errado, não teria desperdiçado muito tempo. Conservou o Range Rover de Charlie no limite do seu campo de visão quando ele virou para o norte na Rodovia 22. Não era fácil ser invisível em uma estrada rural. Mas Riggs tinha certeza de que conseguiria. Sobre o banco a seu lado estava a escopeta. Desta vez estaria preparado.

Charlie olhou para a direita e para a esquerda ao entrar com o Ranger Rover debaixo das copas das árvores e parar. Podia ter estranhado o fato de construírem uma casa ali no meio do nada, mas Pemberton já lhe informara que era ali que

morava o caseiro de uma vasta propriedade que não mais existia. A ironia era a estrutura menor ter sobrevivido à casa-grande. Empunhou a arma sem tirá-la do bolso e saltou. Andando em ziguezague por entre as grossas árvores que o separavam da casa, ele fez a primeira parada no alpendre. Esfregando a sujeira e a gordura do vidro, conseguiu a muito custo ver que o Honda preto estava lá dentro.

Só por isso, ele e LuAnn ficavam devendo a Pemberton uma boa doação para uma instituição à sua escolha.

Charlie esperou cerca de dez minutos, o olhar fixo na casa, atento a qualquer movimento, qualquer sombra que passasse pelos vidros das janelas. O lugar parecia desocupado, mas o carro no alpendre negava essa aparência. Charlie adiantou-se cuidadosamente.

Olhou para os lados, mas não viu Riggs agachado atrás de uma densa fileira de azevinhos à esquerda da casa.

Riggs abaixou o binóculo e examinou a área. Como Charlie, não detectara movimentos ou ruídos oriundos da casa, mas isso não queria dizer nada. O sujeito podia estar lá dentro esperando que Charlie aparecesse. Na base de atirar primeiro e perguntar depois. Riggs empunhou a escopeta e aguardou.

A porta da frente estava trancada. Charlie podia quebrar o vidro e destrancar pelo lado de dentro, ou simplesmente derrubar a porta a pontapés, já que ela não parecia tão forte assim. Só que, se a casa estivesse ocupada, derrubá-la poderia provocar uma resposta mortal. E, se não estivesse ocupada, não queria deixar provas de que estivera ali. Resolveu bater na porta, a arma meio para fora do bolso. Esperou um pouco e bateu de novo. Nada. Guardou a arma novamente e examinou a fechadura. Seus olhos de perito reconheceram um modelo simples, de um pino. Do bolso de dentro do paletó retirou duas coisas — um palito de aço reto e uma pequena lâmina chata.

Por sorte a artrite ainda não atacara seus dedos, caso contrário não teria destreza suficiente para fazer aquilo. Primeiro enfiou o palito no buraco da fechadura e depois meteu a lâmina por baixo dele. com o palito de aço, Charlie levantou o pino até que ele fosse para a posição aberta, ao mesmo tempo em que mantinha, com a lâmina, a constante tensão necessária para que ela fosse mantida. Mexendo cuidadosamente, em um instante foi premiado com um clique. Então girou a maçaneta e a porta abriu. Guardou as ferramentas no bolso. Seu "curso" na penitenciária estadual mais uma vez operara a mágica O tempo todo permaneceu ouvindo com atenção. Tinha perfeita consciência de que podia haver uma armadilha à sua espera. Empunhou o 38. Se o sujeito lhe desse a oportunidade de usar a arma, ele a usaria. As consequências de um ato desses eram numerosas demais para analisar, mas pelo menos algumas seriam melhores

do que o puro e simples desmascaramento deles.

A divisão do chalé era bem simples. O corredor ia da frente até os fundos, dividindo o espaço em metades imperfeitas. A cozinha ficava nos fundos à esquerda, a pequena sala de jantar em frente a ela. À direita de Charlie estava a igualmente modesta sala de estar. Como uma espécie de apêndice por trás dela, havia uma combinação de vestíbulo e lavanderia. Uma escada de madeira crua do lado direito conduzia aos quartos de dormir do segundo andar. Charlie pouco observou disso, porque sua atenção estava concentrada na sala de jantar. Ficou assombrado com o computador, impressora, fax e pilhas de caixas com pastas. Chegou mais perto para poder examinar melhor o quadro de avisos cheio de recortes e fotos.

Leu as manchetes e passou para as fotos. O rosto de LuAnn era o que mais se destacava entre as fotos. Toda a história estava lá: os assassinatos no trailer, LuAnn ganhando a loteria, seu desaparecimento. Bem, com isso suas suspeitas ficavam confirmadas. Restava agora descobrir quem era o homem e, o mais importante, o que ele queria.

Contornou a sala levantando cuidadosamente papéis aqui e ali, estudando os recortes, examinando as caixas de arquivos. Seus olhos procuraram diligentemente alguma coisa que identificasse o homem, mas não havia nada. Quem quer que fosse o sujeito que os perseguia, sabia o que estava fazendo.

Charlie passou para a escrivaninha e, com todo o cuidado, abriu uma gaveta. Os papéis ali existentes nada revelaram de novo. Tentou as outras gavetas com resultados semelhantes. Por um momento pensou em ligar o computador, mas sua perícia com aquela tecnologia era quase nenhuma. Já ia começar uma revista no resto da casa quando uma caixa solitária a um canto lhe chamou a atenção. Não custava nada verificar também aquela, pensou.

Assim que levantou a tampa, os olhos de Charlie começaram a piscar incontrolavelmente. A palavra "merda" passou quase que silenciosamente por entre seus lábios e as pernas fizeram uma séria tentativa de ceder a seu peso.

Havia na caixa uma única folha de papel, onde havia sido impressa uma lista de nomes. Lá estava o nome de LuAnn. Quase todos os demais nomes representavam pessoas com que Charlie era familiarizado: Herman Rudy, Wanda Tripp, Randy Stith, Bobbie Jo Reynolds, entre eles. Todos ganhadores da loteria. A maioria havia sido escoltada pessoalmente por Charlie, como LuAnn. Todos, ele sabia, ganharam suas fortunas com a ajuda de Jackson.

Charlie amparou-se colocando a mão trêmula no peitoril da janela. Tinha ido ali intimamente preparado para encontrar provas de que o homem tinha conhecimento dos homicídios e do envolvimento de LuAnn. O que jamais imaginara era ver que o golpe da loteria fora descoberto. Os pelos dos seus

braços pareciam eletrificados.

Como? Como o sujeito do Honda descobrira aquilo? Quem diabos seria ele? Empurrou rapidamente a caixa de volta para o lugar onde a encontrara, virou-se e saiu porta afora. Certificou-se de que deixava a fechadura trancada e disparou de volta para o Range Rover.

Donovan vinha pela Rota 29. Estava na estrada havia quase duas horas, na viagem de volta de Washington, e sentia-se ansioso por voltar à caça. Quanto mais se aproximava do destino, mais acelerava. No caminho viera pensando nos próximos passos a empregar contra LuAnn Tyler. Passos destinados a fazer com que ela cedesse e depressa.

Se uma abordagem falhasse, empregaria outra. O melhor de tudo aquilo — uma expressão de profunda satisfação surgiu no rosto dele só de pensar — fora ter encurralado LuAnn. A frase tão repetida era inteiramente verdadeira: a corrente é tão forte quanto o mais fraco dos seus elos. E, LuAnn, você é o elo enferrujado, disse para si mesmo. E não vai escapar incólume. Verificou o relógio. Chegaria à casinha alugada no meio do mato dentro de pouco tempo. Em cima do banco a seu lado havia uma pistola pequena. Não gostava de armas, mas também não era nenhum idiota.

32

AO OBSERVAR CHARLIE SE AFASTAR, Riggs teve apenas um vislumbre do rosto dele. Foi, contudo, o bastante para entender que estava acontecendo alguma coisa. E, fosse o que fosse, era mau. Depois que o Range Rover desapareceu de seu campo visual, Riggs virou-se e deu uma olhada na casa. Devia revistar a casa também? Assim as várias perguntas poderiam ser respondidas. Tinha quase decidido tirar cara ou coroa quando outro fato fez com que se agachasse por trás do azevinho de novo e retornasse a seu papel de observador. LuAnn prendeu Joy em uma árvore no mato que ficava a cerca de cem metros de distância da clareira onde se erguia a casa. Saiu do meio das árvores com os mesmos movimentos graciosos que Riggs observara nela antes, agachou-se e esperou, vigiando a área com movimentos rápidos e bruscos da cabeça.

A despeito da copa impenetrável do azevinho, Riggs quase se sentiu nu sob seu olhar intenso.

LuAnn estudou a estrada ao mesmo tempo que Riggs a estudava. Saberia ela que Charlie estivera ali e fora embora? Provavelmente não. Suas feições, contudo, nada denotavam.

Ela observou a casa em silêncio por algum tempo antes de se deslocar até o alpendre. Dando uma espiada pela mesma janela que Charlie, viu o Honda. Depois tirou um pouco da sujeira acumulada em cima do peitoril e cobriu a pequena abertura feita por Charlie. Riggs sentiu crescente respeito por ela. Até mesmo ele poderia não ter pensado em fazer aquilo. Charlie certamente não pensara.

LuAnn desviou a atenção para a casa. Tinha ambas as mãos metidas nos bolsos do casaco. Ela sabia que Charlie estivera ali, a mancha no vidro lhe dissera isso. Deduzira também que ele não ficara muito tempo, porque exigira bastante de Joy e seu caminho fora muito mais direto que o dele, mesmo que ele tivesse saído bem antes. Sua curta estada indicava que ele não encontrara nada ou descobrira algo altamente incriminador. Sua intuição lhe dizia que fora, indubitavelmente, a última opção. Devia voltar para casa e deixar que ele lhe contasse? Embora fosse a coisa mais prudente a fazer, LuAnn correu até a varanda da frente e agarrou a maçaneta, que se conservou imóvel, a despeito da imensa pressão que exerceu. Não tinha ferramentas especiais como Charlie, de modo que foi andando, procurando outro modo de entrar, o que acabou por encontrar na parte dos fundos, onde uma janela finalmente se abriu ante seus persistentes esforços.

Desceu em silêncio do peitoril para o chão e se agachou imediatamente. De seu ângulo, era capaz de ver a cozinha. Tinha uma audição bem aguçada, de modo que, se houvesse alguém dentro da pequena casa, tinha certeza de que ouviria sua respiração, por mais leve que fosse. Prosseguiu até alcançar o que deveria ter sido a sala de jantar mas que fora organizada como um escritório. Os olhos de LuAnn se arregalaram quando ela deu com os recortes de notícias presos no quadro de avisos. Após uma olhada geral no resto, concluiu que havia ali algo mais do que um esquema de chantagem.

— Puxa vida! — Riggs mergulhou no chão, alarmado, quando viu o Chrysler passar a caminho do chalé. O homem estava debruçado sobre o volante, mas Riggs não teve dificuldade em reconhecê-lo, mesmo que tivesse raspado a barba. Pensando rápido, pegou a escopeta e correu para o Cherokee.

LuAnn voou para os fundos da casa assim que ouviu o barulho do carro se aproximando. Levantou a cabeça alguns centímetros acima do peitoril da janela e sentiu um aperto no coração.

— Que droga!

Observou Donovan dirigir-se para a parte de trás, parar e saltar do Chrysler. Seus olhos se fixaram na pistola que ele empunhava com a mão direita. Donovan seguiu direto para a porta de trás. LuAnn recuou, os olhos dardejando em todas as direções, procurando desesperadamente uma saída. O problema é que não havia, pelo menos fora do campo de observação do recém-chegado. A porta da frente estava trancada, e se ela tentasse abri-la, o homem a ouviria. Não havia tempo para pular uma janela.

A casa era tão pequena que ele certamente não deixaria de vê-la se permanecesse no térreo.

Donovan inseriu a chave na fechadura. Se tivesse espiado pelo vidro, teria visto LuAnn imediatamente. A porta começou a se abrir.

LuAnn recuou para a sala e estava prestes a subir a escada a fim de arriscar uma fuga pelo segundo andar quando o barulho começou.

A buzina do carro era alta e estridente, repetindo sempre o mesmo padrão, como se fosse um alarme ativado. Ela engatinhou de volta para a janela e viu Donovan parar, sobressaltado, fechar a porta com toda a força e correr em torno da casa, dirigindo-se para a parte da frente.

LuAnn não perdeu tempo. Jogou-se pela mesma janela que usara para entrar, caiu com um rolamento e já se levantou correndo. Voou até o alpendre e se agachou num canto. A buzina continuou disparada. Ela correu até a outra ponta do alpendre, deu uma espiada protegida pela quina da parede e viu Donovan avançando pela estrada, afastando-se dela na direção do barulho, brandindo a pistola com gestos largos.

A mão que subitamente agarrou o ombro de LuAnn quase a fez gritar.

— Onde está seu cavalo? — a voz de Riggs saiu calma e suave. Ela o encarou, a onda de medo retraindo-se tão depressa quanto aparecera.

— Cerca de cem metros, naquela direção — ela sacudiu a cabeça na direção onde o mato era mais cerrado. — Esse é o alarme do seu carro?

Riggs fez que sim e segurou com mais força as chaves do carro. com um olho em Donovan e outro na via de fuga deles, pôs-se de pé e puxou LuAnn.

— Pronto, vamos!

Os dois pularam do local protegido onde se encontravam e saíram disparados pelo terreno limpo. com os olhos fixos nas costas de Donovan, Riggs teve a infelicidade de tropeçar numa raiz e cair no chão, os dedos apertando sem querer o botão do chaveiro que desligava o alarme. Donovan virou-se com um salto e os encarou. LuAnn levou um segundo para levantar Riggs outra vez e num segundo sumiram entre as árvores. Donovan saiu correndo atrás, brandindo a arma e gritando: — Ei, vocês, parem! Parem aí mesmo onde estão! — ele apontou a pistola, mas não ia atirar. Não era nenhum criminoso.

LuAnn corria como o vento e Riggs descobriu que era impossível acompanhá-la. Ele torcera ligeiramente o tornozelo, disse a si mesmo, mas, a bem da verdade, tinha de reconhecer que, mesmo correndo a toda, talvez não conseguisse acompanhá-la. Logo chegaram ao local onde estava Joy, que aguardava pacientemente a voltada dona.

LuAnn a soltou rapidamente, pulou na sela sem se dar ao trabalho de usar o estribo, esticou o braço e içou Riggs para a garupa. No segundo seguinte estavam galopando numa trilha em louca disparada. Riggs olhou para trás por um instante, mas não havia sinal de Donovan. Moveram-se tão depressa que o surpreenderam. Riggs agarrou-se à cintura de LuAnn com ambas as mãos, sabendo que daquilo poderia depender sua vida, enquanto LuAnn obrigava Joy a galopar cada vez mais depressa, arriscando o pescoço naquelas trilhas sinuosas e irregulares.

Recolheram Joy ao estábulo e caminhavam de volta para a casa principal quando Riggs rompeu o silêncio.

— Estou vendo que é assim que você lida com situações desse tipo. Arromba a casa. Veja só o que pode encontrar. Não sei por que deveria me surpreender. Foi o que você fez no meu caso — ele a fitou com raiva.

Ela devolveu o olhar dele com igual fúria. — Não arrombei sua casa. E não me lembro de ter pedido a você para me seguir.

— Segui o Charlie, não você — corrigiu Riggs. — Mas foi uma mão na roda eu estar lá, não foi? Duas vezes em dois dias. A se manter essa proporção, você vai gastar suas nove vidas em uma semana — ela continuou andando, os braços

cruzados na frente do corpo, os olhos resolutamente fixos no caminho. Riggs parou.

Ela parou também e abaixou os olhos por um instante. Quando levantou a cabeça de novo, a expressão de seu rosto estava muito mais suave.

— Muito obrigada. De novo. Mas, quanto mais distância colocar entre nós três e você, melhor será para você mesmo, eu lhe garanto. Pode esquecer a cerca. Acho que não vamos continuar morando aqui. Não se preocupe, eu pagarei o combinado de qualquer maneira.

Ela o fitou por mais um momento, tentando afastar sentimentos que não experimentava havia tanto tempo que agora simplesmente a amedrontavam.

— Tenha uma boa vida, Matthew — ela se virou e dirigiu-se para a casa.

Catherine? — ela continuou andando. — Catherine — repetiu ele.

Ela finalmente se deteve.

— Você poderia fazer o favor de me dizer o que está acontecendo? Pode ser que eu consiga ajudá-la.

— Acho que não.

— Nunca se sabe.

— Pode acreditar em mim, eu sei. Ela retomou o caminho da casa.

Riggs ficou parado, olhando para ela.

— Ei, para o caso de você ter esquecido, estou sem carro. Quando ela se voltou, o chaveiro já estava voando e Riggs o apanhou na palma da mão.

— Leve meu carro. Está parado aí na frente. Fique com ele o quanto quiser. Tenho outro.

Com isso ela se virou e desapareceu no interior da casa.

Riggs pôs o chaveiro no bolso e saiu, balançando a cabeça em total frustração.

33

ONDE DIABOS VOCÊ ANDOU? — Charlie saiu do estúdio e recostou-se no portal. Tinha o rosto ainda pálido, um detalhe que LuAnn observou imediatamente.

— No mesmo lugar em que você esteve — respondeu ela.

— O quê? LuAnn, eu lhe disse...

— Você não estava sozinho. Riggs o seguiu. Na verdade ele conseguiu me salvar de novo. Se acontecer de ele me salvar mais uma vez, eu talvez pense na ideia de me casar com ele.

Charlie ficou um pouco mais pálido.

— Ele entrou na casa?

— Não, mas eu entrei.

— Chegou a ver tudo? — quis saber Charlie, nervosamente.

LuAnn passou por ele ao entrarem para o escritório. — Não quero que Lisa ouça.

Charlie fechou a porta e foi direto para o armário das bebidas, onde se serviu de um drinque. Por um instante, LuAnn observou em silêncio seus movimentos antes de falar.

— Parece que você viu mais do que eu.

Ele se virou para ela e engoliu a bebida de um gole.

— Os recortes sobre a loteria? Os crimes de morte?

LuAnn fez que sim.

— Eu vi isso. Depois do meu encontro com o homem, não fiquei muito surpresa.

— Nem eu tampouco.

— Aparentemente, havia mais — ela lhe dirigiu um olhar incisivo, ao mesmo tempo em que se sentava no sofá, cruzando as mãos no colo e procurando se acalmar da melhor forma que podia.

A expressão de Charlie era de assombro, como se tivesse acordado de um pesadelo, houvesse tentado esquecer tudo com uma risada e viesse a descobrir que não fora um sonho e sim a realidade.

— Vi alguns nomes. Na verdade, uma lista de nomes. O seu estava lá. Ele fez uma pausa e descansou o copo, as mãos trêmulas. LuAnn se preparou para o que viria. — Herman Rudy. Wanda Tripp. Randy Stith. Eles também estavam lá. Eu os acompanhei em Nova York.

LuAnn descansou lentamente a cabeça nas mãos.

Charlie sentou-se a seu lado, pôs uma mão musculosa nas suas costas e

começou a esfregar bem devagar.

Ela levantou a cabeça e o abraçou; uma fadiga amargurada contaminou suas palavras.

— Temos de ir, Charlie. Temos de arrumar tudo e ir embora. Hoje à noite.

Ele avaliou o pedido, e passou a mão na testa.

— Estive pensando nisso. Podemos fugir, como já fizemos antes. Mas há uma diferença agora.

A reação de LuAnn foi imediata.

— Ele sabe do golpe da loteria e sabe também que LuAnn Tyler e Catherine Savage são a mesma pessoa. Nosso disfarce não vai funcionar mais.

Charlie aquiesceu, melancólico.

— Nunca enfrentamos as duas coisas simultaneamente. Isso torna o desaparecimento um pouco mais difícil.

De repente ela se levantou e deu início ao ritual de pensar andando, deslocando-se em círculos em torno do aposento.

— O que ele quer, Charlie?

— Andei pensando nisso também — ele foi até o armário das bebidas com o copo vazio, hesitou e decidiu não tomar um segundo drinque. — Você viu a arrumação do cara lá na casa. O que foi que lhe pareceu?

LuAnn parou de andar e se apoiou no console da lareira. Reexaminou mentalmente cada detalhe do que vira.

— O carro dele é de uma locadora, alugado sob nome falso. O que significa Que não quer que descubramos sua verdadeira identidade. Não o reconheci, mas deve haver algum outro motivo pelo qual quer permanecer incógnito.

— Certo. — Charlie a observou. Em todos aqueles anos Charlie tinha aprendido que LuAnn não deixava passar nada e que seus instintos eram de primeira.

— Ele tentou me assustar, o que conseguiu. Considero que tenha sido uma advertência, uma mensagem dizendo que ele entrou no jogo e quer que tenhamos isso em mente na próxima vez em que aparecer.

— Continue — encorajou ele.

— A sala, o pouco que vi dela, estava arrumada como um escritório. Tudo arrumado, bem organizado. Computador, fax, impressora, arquivos. Como se tivesse sido organizado para um projeto especial.

— Bem, ele deve ter precisado fazer montes de pesquisas para chegar ao golpe da loteria. Jackson não é nenhum imbecil.

— Como é que você acha que ele conseguiu, Charlie?

Charlie esfregou o queixo e sentou-se à sua escrivaninha.

— Bem, não sabemos com certeza absoluta se ele descobriu tudo. Só vi a

lista. Mais nada.

— Com os nomes de todos aqueles ganhadores da loteria? Deixa disso, Charlie. Durante quanto tempo Jackson operou o esquema da loteria?

Charlie sacudiu a cabeça.

— Não sei. Quer dizer, eu estive em nove casos, o que inclui o seu. Começou em agosto. Você foi a Srta. Abril, meu último bico.

LuAnn sacudiu a cabeça obstinadamente.

— Ele sabe, Charlie; temos de assumir que ele sabe. Não interessa como, mas sabe.

— OK, então me parece bem claro que ele quer dinheiro.

Ela sacudiu a cabeça de novo.

— Nós não sabemos disso. Quer dizer, por que motivo ele haveria de querer se estabelecer daquele modo, aqui nas proximidades, trazendo tanta coisa? Não precisava. Bastava me mandar uma carta de lugares desconhecidos, com a mesma informação, exigindo que uma determinada quantia fosse transferida eletronicamente para sua conta.

Charlie sentou direito, o rosto denotando toda a sua enorme confusão. Não tinha pensado no assunto daquele modo.

— É verdade.

— E eu não acredito que ele esteja em dificuldades, sem dinheiro. Sua roupa era realmente de boa categoria. Dois carros alugados, o aluguel daquela casa não deve ser barato. E todo aquele equipamento. Não é um sujeito que esteja catando comida nas latas de lixo da vizinhança.

— Certo, mas, a menos que eleja seja um milionário, investir contra você iria engordar significativamente a conta bancária dele — lembrou Charlie.

— Mas ele não fez isso. Não pediu nada. Eu só queria saber o motivo — ela ficou perdida em seus pensamentos por um momento e ergueu os olhos. — Há quanto tempo Pemberton disse que a casa está alugada?

— Cerca de um mês.

— O que torna ainda mais improvável a chantagem. Por que esperar? Por que aparecer na minha frente a fim de me alertar de que sabe de tudo? Como pode saber que não vou simplesmente desaparecer no meio da noite? Se eu fizer isso, ele não vai reforçar nem um pouco sua conta bancária com o meu dinheiro.

Charlie suspirou.

— O que faremos então?

— Vamos esperar — foi a resposta que finalmente saiu dos lábios de LuAnn. — Mas prepararemos tudo para fugir do país a qualquer instante. Em jato particular. E, já que ele sabe da verdade sobre Catherine Savage, vamos precisar de outro conjunto de documentos de identidade. Você consegue?

— Terei de procurar alguns contatos antigos, mas consigo, sim. Levará alguns dias.

LuAnn se levantou.

— E o que me diz do Riggs? — perguntou Charlie. — O homem não vai desistir assim.

— Não há nada que eu possa fazer. Ele não confia em nós e não o culpo.

— Bem, duvido muito que ele vá fazer alguma coisa que prejudique você.

Ela lançou um olhar incisivo a Charlie. ;

— Como você sabe disso?

— Olhe, LuAnn, não é necessário ser um cientista espacial para ver que Riggs tem uma queda por você — houve um quê de ressentimento tingindo as palavras de Charlie. O tom de sua voz, contudo, suavizou-se nas palavras seguintes. — Parece um bom sujeito. Em outras circunstâncias, quem sabe. Você não devia passar a vida sozinha, LuAnn.

— Não estou sozinha — replicou ela, ruborizada. Tenho Lisa e tenho você. Não preciso de mais ninguém.

LuAnn desviou o olhar. Como poderia convidar uma pessoa para fazer parte de sua vida? Impossível. Meias verdades competindo com falsidades. Não era mais uma pessoa de verdade. Era uma casca vazia de trinta anos de idade, ponto. Tudo o que tivera um dia fora trocado por outras coisas, graças a Jackson. Ele e sua proposta. Se ela não tivesse dado aquele telefonema... E se não tivesse entrado em pânico? Não teria passado dez anos se transformando na mulher que sempre quisera ter sido.

Não estaria vivendo em uma mansão de muitos milhões de dólares. Só que, por mais irônico que pudesse parecer, provavelmente teria mais vida própria do que agora.

Mesmo que essa vida fosse passada em outro trailer caindo aos pedaços ou servindo porções de batatas fritas em uma parada de caminhoneiros, LuAnn, a pobre, provavelmente teria sido mais feliz que Catherine Savage, a princesa, jamais sonhou ser. Mas, se não tivesse aceitado a proposta, Jackson a teria matado. Não havia saída. Virou-se para Charlie com os braços abertos.

— É essa a troca, Charlie. Por isto aqui, por tudo isso. Você, eu e Lisa.

— Os Três Mosqueteiros — Charlie tentou sorrir.

— Vamos rezar por um final feliz — LuAnn abriu a porta e desapareceu no corredor em busca da filha.

34

— OBRIGADO POR VIR SE ENCONTRAR COMIGO assim tão de repente, Sr. Pemberton.

— John, por favor me chame de John, Sr. Conklin — Pemberton apertou a mão do outro homem e os dois se sentaram na pequena sala de reuniões na agência de imóveis de Pemberton.

— Costumam me chamar de Harry — disse o outro homem.

— Bem, pelo telefone você me disse que estava interessado em uma casa, mas não chegou a especificar a faixa de preço ou de área construída.

Sem que parecesse fazê-lo, Pemberton avaliou o aspecto de Harry Conklin. Tinha provavelmente uns sessenta anos, roupas caras, era decidido, sem dúvida nenhuma se tratava de um homem que gostava das boas coisas da vida. Pemberton calculou rapidamente o possível valor da sua comissão.

— Tive boas referências a seu respeito. Pelo que entendo, você se especializa na faixa mais elevada do mercado — disse Conklin.

— Exato. Nascido e criado aqui. Conheço todo mundo e toda propriedade que vale a pena conhecer. Então, qual seria a faixa de preço que o interessa? A mais alta?

— Deixe eu lhe contar algumas coisas a meu respeito — disse Conklin, inteiramente à vontade. — Ganho a vida em Wall Street e, se me permite, é uma vida danada de boa. Mas aquilo também é um jogo para jovens e não sou mais nenhum rapaz. Fiz minha fortuna e ela é substancial. Tenho uma cobertura em Manhattan, uma casa no Rio, outra na ilha Fisher, Flórida e uma casa de campo nas cercanias de Londres. Mas estou pensando agora em sair de Nova York e simplificar radicalmente minha vida. E esta região aqui é simplesmente lindíssima.

— Exatamente — ecoou Pemberton.

— Agora, eu recebo muito, de modo que teria de ser uma casa grande. Mas também quero privacidade. Alguma coisa antiga, elegante, mas restaurada. Gosto de coisas velhas, mas não de canos velhos, se me entende.

— Entendo perfeitamente.

— Ora, eu presumo que haja muitas propriedades aqui que se ajustam a essa descrição.

— Há, sim, com toda a certeza — afirmou Pemberton, animadíssimo.

— Mas, veja bem, eu tenho uma em mente. Uma de que, na verdade, tomei conhecimento por intermédio de meu pai. Ele também operava com a Bolsa, na

década de 1920.

Ganhou uma nota e teve a sorte de cair fora antes do Craque. Costumava vir para cá e ficar na casa de um amigo que também era da Bolsa. Meu pai, que Deus o tenha, gostava muito desta região e da casa desse amigo e eu achei que seria apropriado que o filho dele a comprasse para residir nela.

— Que grande ideia! Certamente isso facilita meu trabalho. Sabe o nome da casa? — o sorriso de Pemberton se abria cada vez mais.

— Wicken's Hunt.

O sorriso de Pemberton se desvaneceu rapidamente.

— Oh — ele procurou umedecer os lábios secos e estalou a língua contra os dentes. — Wicken's Hunt — repetiu, parecendo deprimido.

— O que há? Pegou fogo ou algo assim?

— Não, não. É uma linda mansão, maravilhosamente restaurada — Pemberton deixou escapar um suspiro fundo. — Lamentavelmente não está mais à venda.

— Tem certeza? — Conklin pareceu cético.

— Tenho certeza. Sou eu o corretor.

— Droga, há quanto tempo?

— Cerca de dois anos, embora os moradores tenham se mudado apenas há alguns meses.

Conklin dirigiu um olhar astucioso para Pemberton, as sobrancelhas ligeiramente levantadas.

— Acha que podem querer vender?

Pemberton avaliou mentalmente as possibilidades. Vender uma propriedade daquele valor no espaço relativamente curto de dois anos? Que maravilhoso impacto sobre a sua carteira!

— Tudo é possível. Na verdade vim a conhecê-los — bem, pelo menos um deles — muito bem. Ainda há pouco tomei o café da manhã com ele.

— Quer dizer então que é um casal de velhos como eu. Digo isso porque, pelo que meu pai falava, Wicken's Hunt não é bem o que se pode chamar de um ninho apropriado para jovens recém-casados.

— Na verdade não é um casal. Ele é mais velho que você, mas a propriedade não pertence a ele. Pertence a ela.

Conklin adiantou-se um pouco.

— Ela?

Pemberton olhou para um lado e para o outro, levantou-se, trancou a porta da sala e voltou a sentar-se.

— Compreenda que o que vou lhe dizer é na mais estrita confiança.

— Claro, claro. Não sobrevivi todo esse tempo em Wall Street sem entender

quando uma coisa é dita em confiança.

— Embora os registros mostrem que uma corporação é a titular da propriedade, a verdadeira dona de Wicken's Hunt é uma jovem mulher chamada Catherine Savage. É claro que inacreditavelmente rica. Para ser franco, não sei ao certo qual é a origem de sua fortuna, nem é da minha conta perguntar. Viveu no estrangeiro muito tempo. Tem uma filhinha de dez anos. Charlie Thomas — o velho — e eu já tivemos bons papos. Os dois são muito generosos com diversas instituições de caridade locais. Ela não aparece muito em público, o que é perfeitamente compreensível.

— Claro que sim. Se eu me mudasse para cá, você podia ficar sem me ver semanas a fio.

— Exatamente. Mas eles parecem ser boas pessoas. E também parecem estar felizes aqui. Muito felizes.

Conklin recostou-se na cadeira e foi sua vez de suspirar.

— Bem, acho que eles não vão pensar em se mudar tão cedo. Que pena — ele dirigiu a Pemberton um olhar firmemente concentrado.

— É em verdade uma pena, porque tenho o hábito de pagar ao corretor que encontra o imóvel que eu quero uma comissão maior do que a que ele pode receber do vendedor.

Pemberton animou-se visivelmente.

— É mesmo?

— Ora, não me diga que há considerações éticas que o impeçam de aceitar isso, há?

— Nenhuma de que eu possa me lembrar — respondeu prontamente Pemberton. — Mas então, a quanto chegaria o seu incentivo?

— Vinte por cento do preço de compra — Harry Conklin, tamborilando com os dedos em cima da mesa, ficou observando o rosto de Pemberton mudar de cor diversas vezes.

Se Pemberton não estivesse sentado, teria caído no chão.

— É muito generoso — conseguiu dizer por fim.

— Se eu quero alguma coisa, a melhor maneira para realizar meu objetivo é proporcionar incentivos decentes às pessoas em posição de me ajudar a alcançá-lo. Mas, pelo andar da carruagem, não creio que haja grandes possibilidades aqui. Talvez eu vá tentar a Carolina do Norte. Falam bem de lá — Conklin começou a se levantar.

— Espere um minuto. Por favor, espere um minuto. Conklin hesitou e lentamente voltou a se sentar.

— Na verdade, pode ser que você tenha chegado na hora certa.

— Como assim?

Pemberton se aproximou mais de Conklin.

— Nos últimos tempos tem acontecido coisas que talvez nos proporcionem uma abertura para abordá-los com uma proposta de compra.

— Se eles acabaram de se mudar e parecem tão felizes, de que tipo de acontecimento estamos falando? A casa é assombrada?

— Não, nada disso. Como eu falei antes, tive uma reunião com Charlie. Ele estava preocupado com uma pessoa que apareceu para visitá-los. Pedindo dinheiro.

— E daí? Isso me acontece o tempo todo Acha que isso fará com que eles arrumem as malas e se mudem?

— Bem, eu também não teria pensado nisso antes, mas quanto mais penso no caso, mais incomum me parece. Você tem razão, os ricos são abordados a todo instante, por que tal homem que os procurou haveria de aborrecê-los tanto? Mas foi obviamente o que aconteceu.

— Como é que você sabe disso?

Pemberton sorriu.

— De muitos modos, na verdade muito mais do que qualquer um de seus habitantes consentiria em admitir, Charlottesville é uma cidade pequena. Estou informado de que muito recentemente Matt Riggs examinava a linha que define a propriedade da Srta. Savage quando se envolveu em uma perseguição muito louca com outro carro, na qual quase foi morto.

Conklin sacudiu a cabeça, confuso.

— Mas quem é esse tal de Matt Riggs?

— Um empreiteiro local contratado pela Srta. Savage para instalar uma cerca de segurança em torno da propriedade.

— Então esse Matt Riggs perseguiu outro carro? Como isso o liga a Catherine Savage?

— Um amigo meu estava indo para o trabalho naquela manhã. Ele mora naquela área e trabalha na cidade. Já ia pegar a estrada principal que vem dar em Charlottesville quando um BMW cor de grafite passou voando. Segundo ele, devia estar fazendo uns cento e vinte por hora. Se tivesse chegado um segundo antes, o BMW poderia ter partido o carro dele em dois. Ficou tão assustado que não pôde se mexer durante alguns minutos. O que foi bom, porque, enquanto ele estava ali tentando não pôr o café da manhã para fora, a picape de Matt Riggs apareceu com outro carro grudado no seu para-choque.

— Você sabe quem estava no BMW?

— Veja bem, eu não cheguei a conhecê-la, mas conheço gente que já viu a Srta. Savage. Ela é uma loura alta e bonita. Muito bonita mesmo. Meu amigo só pôde vislumbrar a pessoa que estava ao volante do BMW, mas disse que era

loura e linda. E eu vi um BMW da mesma cor estacionado em Wicken's Hunt quando fui lá tratar da venda com Charlie.

— Você então acha que alguém a estava perseguindo?

— E que Matt Riggs deve ter aparecido na hora em que a coisa estava acontecendo. Sei que a picape dele está na oficina para consertar o para-choque. E sei também que Sally Beecham — a criada de Wicken's Hunt — viu Riggs saindo de lá furioso, um pouco mais tarde, na mesma manhã.

Conklin coçou o queixo.

— Muito interessante. Acho que não há como descobrir quem a perseguiu, não é?

— Claro que há. Eu mesmo descobri. Pelo menos a localização do sujeito. E o caso se torna cada vez mais interessante. Como disse, Charlie me convidou para um café da manhã, a fim de conversarmos. Foi quando ele me falou sobre esse homem que apareceu em Wicken's Hunt querendo dinheiro. Queria minha ajuda para descobrir se o homem estava em algum ponto da nossa região. Claro que concordei em fazer o que estivesse a meu alcance. A essa altura dos acontecimentos eu não sabia da caçada automobilística. Vim a saber mais tarde.

— Você disse que conseguiu encontrar o homem? Mas como? Não precisa ser adivinho para saber que deve haver montes de lugares para se esconder nesta região — sugeriu Conklin despreocupadamente.

Pemberton sorriu em triunfo.

— Não há muita coisa que me passe despercebida, Harry. Conforme disse, nasci e fui criado aqui. Charlie me deu uma descrição do homem e do carro. Usei meus contatos e em menos de vinte e quatro horas havia localizado o sujeito.

— Provavelmente metido em um buraco bem distante, sou capaz de apostar.

— De jeito nenhum. Ele estava bem debaixo do nariz deles. Uma casa pequena, um chalé a cerca de dez minutos de Wicken's Hunt de carro. Mas muito isolado.

— Vou precisar de sua ajuda, porque ainda não me oriento bem na região. É perto de Monticello?

— Bem, de modo geral pode-se dizer que sim, mas a área de que estou falando é ao norte de lá, na verdade ao norte da Interestadual 64. O chalé não é muito longe da propriedade chamada Airslie, ao lado da Rodovia 28. Aquela área é chamada de Keswick Hunt. O homem tinha alugado o chalé havia um mês.

— Nossa, não me diga que você conseguiu descobrir o nome dele.

— Tom Jones — Pemberton sorriu, com ar de conhecedor. — Evidentemente falso.

— Bem, eles devem ter ficado agradecidos a você pela ajuda. O que foi que aconteceu depois?

— Não sei. Meu negócio me faz ficar andando de um lado para o outro o tempo todo. Realmente não falei mais com eles sobre isso.

— Bem, esse tal de Riggs... — aposto como se arrependeu de ter se envolvido nessa história.

— Ele sabe se cuidar.

— Pode ser, mas andar por aí batendo com o carro em uma perseguição de alta velocidade? A maioria dos empreiteiros que conheço não faz isso.

— É, mas ele nem sempre foi empreiteiro.

— É mesmo? — disse Conklin, as feições imperscrutáveis. — Isso aqui é a própria Peyton Place, a Caldeira do Diabo. Qual é a história dele?

Pemberton deu de ombros.

— Seu palpite será tão bom quanto o meu. Ele nunca fala sobre o passado. Simplesmente apareceu aqui um dia, cinco anos atrás, começou a aprender seu negócio e foi ficando. Um bocado misterioso. Charlie acha que ele foi policial. Para ser franco, eu acho que trabalhou no governo em algum cargo secreto e o obrigaram a se aposentar. É a minha intuição.

— Realmente interessante. Já é velhote então.

— Não, não. Trinta e cinco, quarenta anos. Alto, forte e muito competente. Excelente reputação.

— Melhor para ele.

— Vamos agora ao nosso negócio. Se o tal homem está realmente importunando as pessoas de Wicken's Hunt, posso falar com Charlie, ver o que ele tem a dizer. Pode ser que resolvam se mudar. Certamente vale a pena perguntar.

— Olhe só, você me deixa pensar alguns dias.

— Posso dar início ao processo imediatamente.

Conklin levantou uma das mãos.

— Não, não quero você fazendo isso. Quando eu estiver pronto para agir, agiremos bem depressa, não se preocupe.

— Eu só pensei...

Conklin levantou-se abruptamente.

— Você terá notícias minhas em breve, John. Fico muito agradecido a você pelas suas ideias tão cheias de intuição, sinceramente.

— E, se eles não quiserem se mudar, há pelo menos mais umas doze propriedades que eu posso lhe mostrar. Serviriam igualmente bem a seus propósitos, tenho certeza.

— O sujeito do chalé me intriga. Você por acaso não teria seu endereço exato

ou a direção de onde se esconde, teria?

Pemberton ficou espantadíssimo com a pergunta.

— Você certamente não quer ir falar com ele, quer? O homem pode ser perigoso.

— Sei me defender. E aprendi, no meu ramo de negócios, que nunca se sabe onde se pode encontrar um aliado — Conklin lançou sobre Pemberton um olhar penetrante tão intenso que, ao cabo de um instante, uma expressão de entendimento surgiu nas feições do corretor de imóveis. Pemberton escreveu a informação em um pedaço de papel que passou ao outro homem.

Conklin tirou um envelope do bolso e o entregou a Pemberton, fazendo um gesto para que o abrisse.

— Oh, meu Deus — Pemberton olhou boquiaberto para o maço de dinheiro que sobrava do envelope. — Para que é isto aqui? Ainda não fiz nada.

Conklin encarou Pemberton com um olhar firme.

— Você me deu informação, John. E informação é um artigo sempre muito valioso para mim. Manterei contato.

Os dois homens apertaram as mãos e Conklin foi embora.



De volta ao motel onde estava hospedado, na zona rural, Conklin entrou no banheiro, fechou a porta e abriu a água. Quinze minutos depois a porta se abriu e Jackson saiu lá de dentro com os resquícios de Harry Conklin em um saco plástico que colocou numa divisão lateral da mala. A conversa com Pemberton fora muito esclarecedora.

O encontro com ele, no entanto, não fora por acaso. Ao chegar a Charlottesville, Jackson fizera discretas indagações e rapidamente identificara Pemberton como o corretor que vendera Wicken's Hunt. Jackson sentou na cama e abriu um mapa grande e detalhado de Charlottesville, anotando e memorizando os lugares sobre os quais ele e Pemberton haviam conversado, assim como as instruções escritas para chegar ao chalé. Antes de falar com Pemberton, ele estudara um pouco da história de Wicken's Hunt, lindamente detalhada em um livro sobre as grandes mansões locais e seus proprietários originais, que ele encontrara na biblioteca municipal. Aquilo lhe proporcionou as informações de fundo das quais precisava para formular sua história e tocar no assunto com Pemberton. Jackson fechou os olhos, imerso em pensamentos. Planejava naquele instante como começar sua campanha contra LuAnn Tyler e o homem que a

perseguia.

35

RIGGS DEIXOU PASSAR UM DIA antes de tentar resgatar seu jipe. Para o caso de o sujeito ainda estar por ali, foi armado e à noite. Riggs verificou que o Cherokee parecia intocado antes de se dirigir para a casa. O Chrysler não podia ser visto em parte alguma. Acendeu a lanterna na janela do alpendre. O Honda ainda estava lá. Riggs foi até a porta da frente e se perguntou pela centésima vez se não deveria simplesmente deixar aquilo de lado. Coisas perigosas pareciam acontecer em torno de Catherine Savage. Ele tivera sua cota e tinha ido para Charlottesville em busca de coisas diferentes. Ainda assim, não conseguiu deixar de girar cuidadosamente a maçaneta.

Uma vez a porta aberta, lanterna em uma das mãos e pistola na outra, Riggs adiantou-se devagar. Sentia-se razoavelmente seguro de que a casa estava vazia, mas suposições desse tipo podem resultar em uma viagem indesejada ao necrotério com uma etiqueta presa no dedão do pé. De onde se encontrava podia ver quase toda a extensão do andar térreo. Iluminou a sala com o facho de luz da lanterna, vagarosamente. Viu um interruptor na parede, mas não quis usá-lo. Maquilo que originalmente era uma sala de jantar, foi possível discernir manchas de poeira no chão, o que demonstrava que certos objetos haviam sido removidos. Passou os dedos por essas áreas e prosseguiu, até a cozinha, onde pegou o telefone. Não deu sinal de discar. Voltou para a sala.

Quando os olhos de Riggs vasculharam o chão, passaram bem por cima de um vulto todo de preto de pé junto à porta do *closet* que estava semiaberta, ao lado da escada.

Jackson fechou os olhos um segundo antes que a luz passasse pelo seu esconderijo, para que as pupilas não a refletissem. Quando o arco de luz passou, Jackson reabriu os olhos e agarrou com força o cabo da faca. Ele ouvira Riggs antes que este pusesse o pé na varanda. Não era o homem que alugara a casa, que se fora há muito tempo; Jackson já vasculhara tudo. Aquele homem também viera revistar o chalé. Só podia ser o tal de Riggs, concluiu Jackson. Na verdade, Jackson considerava Riggs quase tão interessante quanto o homem que ele fora matar naquela noite. Dez anos atrás, Jackson previra que LuAnn seria um problema, e agora suas previsões estavam se concretizando. Tinha feito uma investigação preliminar no passado de Riggs após a conversa com Pemberton. O fato de não haver praticamente nada a descobrir o intrigara muito.

Quando Riggs passou a poucos centímetros de distância, Jackson pensou em matá-lo. Bastaria um golpe da lâmina afiada como uma navalha contra a

garganta dele. Mas tão rapidamente quanto surgira, o ímpeto homicida desapareceu. Matar Riggs não atenderia a seus propósitos, pelo menos no momento. A mão que empunhava a faca relaxou.

Riggs viveria outro dia. Se houvesse uma próxima vez, decidiu Jackson, o desfecho poderia ser bem diferente. Não gostava que se metessem em seus negócios. Bem, agora ia verificar o passado de Riggs com muito mais vigor.

Riggs deixou a casa e se encaminhou para o seu Cherokee. Deu uma olhada para trás. Teve a exata sensação de que acabara de sobreviver por um triz. Procurou esquecer essa impressão. Houve um tempo em que vivera segundo seus instintos. Considerava que agora eles devessem estar enferrujados, já que mudara de ocupação. Era uma casa vazia e mais nada.

Ao observar da janela, Jackson percebeu a ligeira hesitação de Riggs, o que fez sua curiosidade crescer ainda mais. Riggs possivelmente daria um projeto interessante, mas teria de esperar. Jackson tinha algo mais premente que cuidar. No piso do armário pegou uma valise semelhante à de um médico e em seguida voltou para a sala, agachou-se e pôs no chão o conteúdo de um equipamento de primeira classe para levantamento de impressões digitais. Em seguida aproximou-se do interruptor de luz e disparou um raio laser de bolso, fazendo incidir a luz intensa de diversos ângulos. Várias impressões digitais como que saltaram a seus olhos por causa do laser. Jackson polvilhou a área com a ajuda de um pincel de fibra de vidro embebido em um pó preto, destacando cada impressão. A bancada da cozinha, o telefone e as maçanetas foram submetidos ao mesmo processo. O telefone, em especial, evidenciava impressões digitais muito claras. Jackson sorriu.

A verdadeira identidade de Riggs não continuaria sendo um mistério por mais muito tempo. Usando uma fita adesiva especial, levantou as digitais encontradas e as transferiu para cartões, que identificou com marcas ininteligíveis, cantarolando baixinho, e colocou em recipientes plásticos separados. Depois removeu o excesso do pó de cada uma das superfícies. Adorava toda aquela técnica. Passos precisos que levavam a uma conclusão precisa. Só precisou de um instante para guardar tudo na valise e ir embora. Saiu por uma trilha lateral até o ponto onde deixara o carro. Não era sempre que matava dois coelhos com uma só cajadada. O trabalho de hoje estava começando a parecer exatamente isso.

36

— GOSTO DO SR. RIGGS, MAMÃE.

— Bem, você na verdade não conhece o Sr. Riggs, conhece?

LuAnn sentou na beirada da cama da filha, brincando, distraidamente, com as cobertas.

— Tenho bons instintos sobre essas coisas.

Mãe e filha trocaram sorrisos.

— É mesmo? Bem, você talvez possa compartilhar um pouco a sua intuição comigo.

— Falando sério, ele vai voltar logo?

LuAnn respirou fundo.

— Lisa, pode ser que tenhamos de sair daqui muito em breve.

O sorriso esperançoso de Lisa se desvaneceu com a mudança súbita de assunto.

— Sair daqui? Para onde?

— Ainda não sei. E não há nada definido. Tio Charlie e eu ainda não chegamos a uma conclusão.

— Vocês iam me incluir nessa discussão?

O tom incomum da voz da filha espantou LuAnn.

— O que você está querendo dizer?

— Quantas vezes nos mudamos nos últimos seis anos? Oito? E isso é só o que consigo me lembrar. Deus sabe quantas vezes nos mudamos quando eu era menor. Não é justo — o rosto de LuAnn ficou vermelho e a voz embargada.

LuAnn passou um braço pelos ombros de Lisa.

— Meu amorzinho, eu não disse que era certo que fôssemos nos mudar. Eu disse talvez.

— Não é esse o problema. Tudo bem, então talvez não seja agora. Talvez seja mês que vem. Mas chegará o dia da mudança e não haverá nada que eu possa fazer a respeito.

LuAnn encostou o rosto nos longos cabelos de Lisa.

— Eu sei que é difícil para você, querida.

— Não sou mais nenhum bebê, mamãe. E realmente gostaria de saber de que estamos fugindo.

LuAnn endireitou-se e levantou a cabeça, os olhos fixos nos de Lisa.

— Não estamos fugindo de nada. Do que poderíamos estar fugindo?

— Eu gostaria que você me dissesse. Gosto daqui, não quero ir embora, e a

menos que você me dê uma explicação realmente boa do motivo pelo qual temos de ir, eu não vou.

— Lisa você tem dez anos de idade, e embora seja muito inteligente e amadurecida, ainda é uma criança. Sendo assim, aonde eu for, você irá.

Lisa virou a cara.

— Eu tenho muito dinheiro guardado no banco?

— Tem, por quê?

— Porque, quando eu fizer dezoito anos, vou ter minha casa e vou ficar lá até morrer. E não quero que você vá me visitar nunca.

O rosto de LuAnn ficou vermelho.

— Lisa!

— Estou falando sério. Pode ser que aí eu tenha amigas e consiga fazer as coisas que quero.

— Lisa Marie Savage, você já visitou o mundo inteiro. Já fez coisas que a maioria das pessoas jamais tem chance de fazer na vida inteira.

— Pois muito bem, quer saber de uma coisa?

— O quê? — gritou LuAnn de volta.

— Neste exato momento eu trocaria de lugar com elas num piscar de olhos.

Lisa deitou na cama e puxou as cobertas sobre a cabeça.

— E, neste exato momento, também quero ficar sozinha.

LuAnn começou a dizer qualquer coisa mas desistiu. Mordendo o lábio com força, saiu correndo pelo corredor até seu quarto, onde se jogou na cama.



O fio do novelo estava se desenrolando. Quase podia vê-lo, concretamente, como um grande novelo jogado de cima de uma escadaria. Levantou-se, entrou no banheiro e abriu o chuveiro. Tirou a roupa e meteu-se debaixo da água fumegante. Encostada na parede do boxe, fechou os olhos e tentou convencer-se de que tudo ia dar certo, que pela manhã Lisa teria voltado ao normal, que o amor dela permaneceria inalterado. Não era a primeira discussão séria entre mãe e filha. Lisa não era parecida com a mãe apenas fisicamente. A independência e a obstinação de LuAnn haviam se repetido na filha. Após alguns instantes LuAnn finalmente se acalmou e deixou que a água reconfortante a acariciasse.

Quando abriu os olhos, uma outra imagem invadiu seus pensamentos. Matthew Riggs, àquela altura, devia achar que ela era maluca. Maluca e mentirosa como o diabo.

Uma combinação e tanto se estivesse tentando impressioná-lo. Só que não estava. Se sentia alguma coisa, era pena dele, por ter arriscado a vida duas vezes e ter recebido em troca um chute no traseiro em ambas as ocasiões. Ele era um homem muito atraente, mas ela não estava em busca de um relacionamento. Como poderia? Como poderia sequer contemplar a possibilidade de estabelecer uma parceria com alguém? Sentiria medo de falar, temendo deixar escapar algum segredo. Mesmo assim, a imagem de Matt Riggs continuou fixa na sua cabeça. Um homem muito bonito. Forte, honesto, corajoso. E também havia um segredo em seu passado. E sofrimento. Subitamente amaldiçoou em voz alta a impossibilidade de ter uma vida normal. E de não poder sequer tentar uma amizade com ele.

Moveu as mãos energicamente pelo corpo, ensaboando-se, ao mesmo tempo em que liberava suas frustrações. Os movimentos fortes contra a pele reviveram uma descoberta perturbadora. O último homem com quem dormira fora Duane Harvey, mais de dez anos atrás. Quando seus dedos se moveram sobre os seios, o rosto de Riggs apareceu de novo em seus pensamentos. Sacudiu a cabeça com raiva, fechou os olhos de novo e encostou o rosto na parede. A cerâmica — cara e importada — estava úmida e quente.

Permaneceu nessa posição apesar dos sinais de perigo que riscavam sua mente. Tão úmida. Tão quente. Tão segura. Quase inconscientemente suas mãos desceram, primeiro para a cintura, depois para as nádegas, enquanto, o tempo todo, Matthew Riggs ia tomando conta de seus pensamentos. Manteve os olhos bem fechados. Os dedos da mão direita deslizaram em volta do umbigo. Os seios de LuAnn ficaram mais pesados. Abafado pelo barulho da água, um gemido passou por entre seus lábios. Uma grande lágrima desceu-lhe pelo rosto antes que a água do chuveiro a dissolvesse. Dez anos. Dez malditos anos. Os dedos de suas duas mãos se tocavam agora, como as engrenagens de um relógio. Lentos, metódicos, confiáveis. Para trás e para a frente... De repente ela se endireitou com um movimento tão brusco que quase esmagou o crânio no chuveiro.

— Meu Deus do céu, LuAnn! — exclamou, em voz alta. Fechou a água e saiu do boxe. sentou-se, então, sobre a tampa do vaso, com a cabeça entre os joelhos; a tonteira começou a passar. O cabelo molhado se espalhou sobre as pernas compridas. O chão foi ficando encharcado à medida que a água escorria do seu corpo. Deu uma olhada na direção do boxe, uma expressão de culpa no rosto. Os músculos das costas doíam, as veias dos braços estavam estufadas. Não era fácil. Nunca fora nem um pouco fácil.

Levantou-se, as pernas pouco firmes, enxugou-se e foi para o quarto.

Entre os objetos caríssimos que adornavam seu quarto havia um muito familiar. O relógio que a mãe lhe dera, e, ao ouvir o tiquetaque, os nervos de

LuAnn começaram a se firmar. Graças a Deus conseguira enfiar o relógio na bolsa pouco antes de quase ser morta no trailer, tantos anos atrás. Até hoje costumava às vezes ficar acordada à noite, ouvindo o som abafado de seu mecanismo. Falhava de vez em quando e lá pelas cinco da tarde fazia um barulho que dava a impressão de que uma pessoa golpeara muito de leve os pratos de uma bateria. As engrenagens e os fios, as vísceras do relógio, estavam cansadas; mas era como ouvir um amigo querido que tocava uma velha guitarra: as notas não saíam como deveriam, mas traziam conforto e um pouco de paz.

Vestiu uma calcinha e voltou para o banheiro a fim de secar o cabelo. A imagem que viu no espelho foi a de uma mulher à beira de alguma coisa, provavelmente de um desastre.

Deveria começar a se tratar com um analista? Não é preciso ser sincero e verdadeiro na terapia para que possa haver algum avanço? Ela formulou a pergunta para o espelho. Não, a psicoterapia não era uma opção possível. Como sempre, teria de seguir em frente sozinha.

Concentrou-se na cicatriz do rosto, acompanhando com o dedo cada marca deixada pela faca, revivendo, em essência, os dolorosos eventos do passado. *Nunca se esqueça,* disse a si mesma. *É tudo uma impostura. É tudo uma mentira.*

Terminou de secar o cabelo e já ia voltar para o quarto e cair na cama, quando as palavras de Lisa voltaram à memória. Não podia deixar que o ressentimento e a raiva estragassem toda a sua noite. Tinha de conversar de novo com a menina. Ou pelo menos tentar.

Por isso voltou ao quarto para vestir um robe antes de procurar Lisa.

— Olá, LuAnn.

O susto foi tão grande que LuAnn teve de se apoiar no portal para não cair no chão. Quando olhou para ele, descobriu que os músculos do seu rosto tinham parado de funcionar. Não conseguiu sequer formular uma resposta, como se tivesse sofrido um ataque.

— Já faz muito tempo — Jackson acabou de passar pela janela e sentou na beirada da cama.

A naturalidade dos movimentos dele finalmente rompeu a inércia de LuAnn.

— Como diabos conseguiu entrar aqui?

— Não vem ao caso — as palavras e o tom de voz foram instantaneamente reconhecidos. Tudo o que acontecera dez anos antes voltou com tal velocidade que o efeito foi quase incapacitante.

— O que você deseja?

— Ah sim, isto vem ao caso. No entanto, como temos muito o que conversar, eu ia sugerir que você o fizesse no conforto de uma roupa — o olhar dele não desgrudava do corpo de LuAnn.

Ela achou extremamente difícil desviar a atenção dele. Encontrar-se meio nua na frente daquele homem era muito menos perturbador do que dar as costas para ele. Finalmente escancarou a porta do *closet*, pegou um robe com a bainha nos joelhos e vestiu rapidamente. Apertou o cinto com força e se virou. Jackson não estava sequer olhando para ela. Avaliava as medidas espetaculares do *boudoir*; seu olhar demorou-se mais um pouco no relógio preso à parede e prosseguiu a inspeção. Aparentemente a breve visão do corpo dela — algo pelo qual muitos homens teriam pagado altas quantias — tinha inspirado nele nada mais que uma extrema timidez.

— Você se saiu muito bem. Se me lembro bem, seu gosto anterior em matéria de decoração era limitado a um linóleo sujo e sobras da caridade alheia.

— Não me agrada a sua intromissão.

Ele virou a cabeça e seus olhos faiscaram nos dela.

— E a mim não agrada tirar tempo de uma agenda muito apertada para salvar você de novo, LuAnn. A propósito, prefere LuAnn ou Catherine?

— Deixo a escolha por sua conta — retrucou ela, incisiva. — E não preciso ser salva por ninguém, muito menos por você.

Ele se levantou da cama e examinou detidamente a aparência alterada dela.

— Muito bem. Não tão bom quanto eu mesmo poderia ter feito, mas não vou discutir por ninharias — disse, finalmente. — Ainda assim, a aparência é muito chique, muito sofisticada. Parabéns.

LuAnn replicou com ironia.

— A última vez em que o vi, você usava um vestido. A não ser pela roupa, não mudou muito.

Jackson ainda trajava a mesma roupa preta com que entrara no chalé que fora ocupado por Donovan. As feições dele eram as mesmas do primeiro encontro, embora não tivesse engordado o corpo esbelto com enchimentos. Lançou a cabeça para a frente, e seu sorriso pareceu engolir-lhe o rosto todo.

— Você não sabia? — indagou. — Além de meus outros talentos notáveis, eu não envelheço.

O sorriso desapareceu, tão prontamente quanto surgira.

— Agora, vamos conversar. — Ele se acomodou de novo na beirada da cama e fez um gesto para que ela se sentasse em uma pequena escrivaninha antiga encostada a uma das paredes.

— Conversar sobre o quê?

— Suponho que você teve um visitante. Um homem que a perseguiu de carro?

— Como diabo você sabe disso? — explodiu LuAnn, furiosa.

— Você simplesmente não aceita o fato de que não pode esconder

informações de mim. Como o fato de ter regressado aos Estados Unidos contrariando minhas instruções.

— Os dez anos terminaram.

— Engraçado, não me lembro de ter definido uma data de fim de prazo nas instruções que lhe dei.

— Você não pode esperar que eu vá ficar fugindo o resto da minha vida.

— Pelo contrário, é exatamente o que eu espero. Exatamente o que exijo.

— Você não pode administrar minha vida. Jackson olhou em torno e se levantou.

— Primeiro as primeiras coisas. Fale-me sobre o tal homem.

— Posso cuidar sozinha dessa situação.

— É mesmo? Pelo que sei, você cometeu um erro grosseiro após outro.

— Quero que você vá embora imediatamente. Quero que você suma aqui da minha casa.

Jackson balançou a cabeça com calma.

— Dez anos em nada contribuíram para melhorar seu temperamento. Na verdade, não se pode comprar nem berço nem tato com dinheiro, ainda que em quantidades ilimitadas, não é mesmo?

— Vá para o inferno.

Em resposta, Jackson enfiou uma das mãos dentro do casaco.

Com a mesma rapidez, LuAnn agarrou um abridor de cartas na escrivaninha e levou o braço para trás, preparando-se para arremessá-lo.

— Posso matá-lo com isto a seis metros de distância. O dinheiro pode comprar muitas coisas.

Jackson sacudiu a cabeça tristemente.

— Dez anos atrás eu encontrei você, uma jovem com uma boa cabeça sobre os ombros vivendo em circunstâncias muito difíceis. Ainda assim, você era lixo, LuAnn. E, receio dizer, algumas coisas não mudam.

A mão dele saiu vagarosamente do bolso do paletó, segurando uma folha de papel.

— Pode largar seu brinquedinho. Não vai precisar dele.

Jackson a fitou com uma calma tal que conseguiu, naquelas circunstâncias, paralisá-la. — Pelo menos hoje.

Ele desdobrou a folha de papel.

— Ora, pelo que sei, dois homens entraram recentemente em sua vida. Matthew Riggs é um. O outro ainda permanece não identificado.

LuAnn baixou lentamente o braço, mas continuou empunhando o abridor de cartas.

Jackson levantou os olhos.

— Tenho o direito de me assegurar de que o seu segredo jamais será descoberto. Dedico-me a numerosas atividades empresariais, e, acima de tudo, valorizo o anonimato. Você representa um dominó em uma fila de dominós. Quando eles começarem acair, a tendência será continuarem caindo até o fim. Eu sou o fim. Você entende?

LuAnn sentou-se e cruzou as pernas.

— Sim — respondeu laconicamente.

— Você complicou desnecessariamente a minha vida ao retornar aos Estados Unidos. O homem que a está seguindo descobriu sua identidade em parte graças às suas declarações de Imposto de Renda. Aí está a razão pela qual nunca quis que você voltasse.

— Eu provavelmente não deveria ter feito isso — concedeu LuAnn. — Mas tente se mudar a cada seis meses, um novo país, um novo idioma. E tente fazer isso carregando uma filha pequena.

— Sei avaliar suas dificuldades. No entanto, presumi que o fato de ser uma das mulheres mais ricas do mundo compensaria com sobras o problema.

— Como você mesmo disse, o dinheiro não compra tudo.

— Você nunca viu o homem antes? Em uma de suas tantas viagens? Tem certeza absoluta?

— Eu teria me lembrado. Eu me lembro de cada coisa que aconteceu nesses dez anos — ela pronunciou as últimas palavras em tom suave.

Jackson a examinou detidamente.

— Acredito em você. Tem alguma razão para pensar que ele saiba a respeito da loteria?

LuAnn hesitou por um segundo.

— Não.

— Você está mentindo. Conte-me a verdade imediatamente ou matarei todo mundo dentro desta casa a começar por você.

A ameaça abrupta, proferida com calma e precisão, apavorou LuAnn.

Ela engoliu em seco.

— Ele tinha uma lista. Uma lista com doze nomes escritos. O meu, o de Herman Rudy, Bobbie Jo Reynolds e alguns outros.

Jackson assimilou a informação rapidamente e abaixou os olhos para o papel.

— E o homem chamado Riggs?

— O que é que tem Riggs?

— Há alguma confusão quanto ao passado dele.

— Todo mundo tem segredos.

Jackson sorriu.

— *Touché*. Em outras circunstâncias, isso não me incomodaria. Neste caso,

contudo, faz diferença.

— Não estou entendendo você.

— Riggs tem um passado misterioso e por acaso aparece quando você precisa de ajuda. Pelo que sei, ele realmente a ajudou.

LuAnn lançou um olhar indagador a Jackson.

— É, mas ele mora aqui há cinco anos, muito mais tempo do que eu.

— Não se trata disso. Não estou sugerindo que o homem seja um espião plantado no seu caminho, e sim que pode muito bem ser algo inteiramente diferente do que alega. Por coincidência, ele se choca com o seu mundo. É isto que me preocupa.

— Não acho que seja outra coisa além de pura coincidência. Ele foi contratado para fazer um serviço para mim. Era perfeitamente natural que estivesse por perto quando o outro homem começou a me perseguir.

Jackson sacudiu a cabeça.

— Não gosto disso. Eu o vi ainda há pouco — LuAnn estremeceu perceptivelmente. — Lá no chalé. Estive a esta distância dele — ele mostrou uns cinquenta centímetros com as duas mãos no ar. — Cheguei a pensar em matá-lo ali mesmo. Teria sido extremamente fácil.

LuAnn ficou lívida e com a boca seca.

— Não há motivo.

— Você não tem como saber isso. Vou verificar esse sujeito, ver de quem realmente se trata e, se encontrar em seu passado algo que sugira problemas para mim, eu o eliminarei. Muito simples.

— Deixe eu conseguir essa informação para você.

— O quê? — Jackson espantou-se.

— Riggs gosta de mim. Já me ajudou, provavelmente salvou minha vida. É natural que eu lhe demonstre minha gratidão. Que queira conhecê-lo melhor.

— Não, não gosto disso.

— Riggs é um zé-ninguém. Um empreiteiro local. Por que se aborrecer com ele? Segundo suas próprias palavras, você é um homem atarefado.

Jackson a estudou intensamente por um momento.

— Está bem, LuAnn, faça isso. No entanto, é melhor que qualquer informação que consiga me seja transmitida de imediato, se não quiser que eu cuide do assunto com as minhas mãos competentes. Certo?

LuAnn deixou escapar um suspiro.

— Certo.

— O outro homem eu vou ter de encontrar. Não há de ser terrivelmente difícil.

— Não faça isso.

— Como é que é?

— Você não precisa fazer isso. Encontrá-lo.

— Tenho certeza absoluta do contrário.

A lembrança do Sr. Arco-Íris voltou a sua memória. Não queria outra morte em sua consciência.

— Se ele aparecer de novo, nós vamos simplesmente deixar o país.

Jackson dobrou o papel de novo e guardou no bolso. Fez um triângulo perfeito com os dedos das mãos.

— É óbvio que não entende totalmente a situação. Se você fosse a única pessoa atrás de quem ele andasse, talvez sua solução simplista resolvesse a questão, pelo menos temporariamente. O homem, contudo, tem uma lista com os nomes das outras onze pessoas com quem trabalhei. Eu diria que uma decisão para que todos fugissem do país quase ao mesmo tempo seria essencialmente impraticável.

LuAnn respirou fundo.

— Eu poderia pagar a ele. Quanto dinheiro pode querer? A solução podia ser comprada.

Jackson sorriu um sorriso contido.

— Chantagistas não são fáceis. Nunca vão embora — ele fez uma pausa e acrescentou incisivamente. — A menos que sejam fortemente persuadidos.

— Sr. Jackson, por favor, não faça isso — repetiu LuAnn.

— Não faça o que, LuAnn? Você não quer que eu assegure sua própria sobrevivência? — Ele olhou em torno. — E a de tudo isso? — O olhar de Jackson voltou a se fixar em LuAnn. — E, a propósito, como vai Lisa? Tão bonita quanto a mãe?

LuAnn sentiu um nó na garganta.

— Ela está bem.

— Excelente. Vamos conservar as coisas desse jeito, está certo?

— Será que você não pode simplesmente deixar de lado e esperar que eu cuide de tudo?

— LuAnn, muitos anos atrás enfrentamos uma situação que envolvia outro candidato a chantagista. Cuidei de tudo naquele tempo e vou cuidar de novo agora. Em assuntos desse tipo eu quase nunca opto por delegar poderes. Agradeça aos céus pelo fato de eu estar permitindo que Riggs viva. Por ora.

— Mas aquele homem não é capaz de provar nada. Como poderia? E, mesmo que pudesse, ninguém conseguiria rastrear nada do que houve até você. Talvez eu vá para a cadeia, mas você não irá. Droga, sequer sei quem você é, na verdade.

Jackson levantou-se, os lábios contraídos, e deteve-se por um instante a

alisar com a mão esquerda a beirada da colcha.

— Bonito bordado — comentou ele. — Indiano, não é? Distraída por um instante com a pergunta dele, LuAnn se viu subitamente contemplando a boca do cano de uma pistola de 9mm, com silenciador.

— Uma solução possível poderia ser eu matar os doze vencedores da loteria, o que certamente resultaria um beco sem saída para o nosso amigo curioso. Lembre-se de que o período de dez anos terminou. O principal do dinheiro do prêmio já retornou para uma conta suíça que abri em seu nome. Aconselho enfaticamente que não transfira dinheiro para dentro dos Estados Unidos.

Jackson pegou outra folha de papel no bolso e colocou em cima da cama.

— Aqui estão os códigos de autorização e outras informações da conta que lhe permitirão acessá-la. Os fundos são impossíveis de serem rastreados. Aqui está. Conforme o combinado. — O dedo dele encostou na tecla do gatilho. — No entanto, agora não tenho mais incentivo para manter você por aí, tenho? — Ele avançou contra ela. Os dedos de LuAnn se fecharam em torno do abridor de cartas.

— Largue isso aí, LuAnn. Reconheço que você é notavelmente atlética, mas não é mais rápida do que uma bala. Largue isso aí. Agora!

Ela soltou o abridor de cartas e se encostou na parede.

Jackson parou a poucos centímetros de distância. Ao mesmo tempo em que alinhou a pistola com o osso malar esquerdo, alisou com a mão enluvada a outra face. Foi um gesto assexuado — mesmo através da luva LuAnn pôde sentir a natureza puramente fria e clínica do toque.

— Você deveria ter atirado na primeira vez, LuAnn. Sinceramente — o brilho dos olhos dele era zombeteiro.

— Não vou matar ninguém a sangue-frio — retrucou LuAnn.

— Eu sei. E é essa sua maior deficiência. Porque é precisamente a sangue-frio que se deve atacar.

Ele removeu a mão e olhou para ela.

— Dez anos atrás eu senti que você era o elo fraco da corrente. No período que se seguiu, achei que talvez tivesse me enganado. Estava tudo correndo tão bem. Mas vejo agora que minha intuição inicial estava correta. Mesmo que eu não estivesse correndo o perigo de ser descoberto, se fosse deixar o homem chantagear você ou até mesmo revelar as manipulações da loteria, seria uma falha da minha parte. E eu não falho. Nunca. E também não permito que os outros exerçam qualquer controle sobre os meus planos, pois isso, por si só, seria também uma forma de falhar. Além do mais, não poderia deixar que um desempenho tão fantástico fosse arruinado. Pense só na vida maravilhosa que lhe dei, LuAnn. Lembre-se do que lhe disse tanto tempo atrás: “Vá para qualquer

lugar, faça qualquer coisa.” Eu dei isso a você. O impossível. Tudo seu. Veja só como você é agora. Uma beleza imaculada.

A mão dele foi até a frente do robe. com lentos movimentos ele desfez o laço do cinto e o robe se abriu, expondo totalmente os seios trêmulos e a barriga lisa.

Depois ele puxou o robe de cima dos ombros, fazendo com que escorregasse e fosse direto ao chão.

— O que eu poderia fazer de mais prudente seria, é claro, matar você. Aqui mesmo e neste exato instante. Na verdade, que se dane — ele apontou a pistola diretamente para a cabeça dela e puxou o gatilho. LuAnn estremeceu e atirou-se para trás, fechando os olhos com toda a força.

Quando os abriu, deu com Jackson estudando suas reações. Ela tremia terrivelmente; o coração batia com muita força e era impossível recuperar o fôlego.

Jackson sacudiu a cabeça.

— Seus nervos não parecem mais ser tão fortes, LuAnn, do que quando estivemos juntos na última vez. E nervos, ou a falta deles, realmente são a essência de tudo.

Ele olhou para a pistola por um momento, desarmou o dispositivo de segurança e continuou a falar calmamente.

— Como eu estava dizendo, a coisa mais prudente a fazer, quando a pessoa enfrenta um elo fraco, é cortá-lo fora — ele fez uma pausa, para continuar logo em seguida. — Não vou fazer isso com você, pelo menos por enquanto. Nem mesmo depois de você ter me desobedecido, ter posto tudo em risco. Gostaria de saber por quê?

LuAnn permaneceu grudada na parede, com medo de se mexer, os olhos fixos nos dele.

Jackson tomou o silêncio dela por assentimento.

— Porque eu sinto que você tem um destino maior para viver. É uma afirmativa surpreendente, mas eu sou uma pessoa surpreendente. Penso que vou me conceder isso. É muito simples. E, de uma maneira bem ampla, você é uma criação minha. Será que você estaria vivendo nesta casa, falando e pensando como uma pessoa educada e instruída, viajando pelo mundo segundo seus caprichos, se não fosse por mim? É claro que não. Ao matá-la, eu, na verdade, estaria matando também uma parte de mim, o que abominaria fazer. Mesmo assim, por favor tenha em mente que um animal selvagem, quando preso numa armadilha, chega ao cúmulo de sacrificar um membro para fugir e sobreviver. Não pense nem por um momento que eu não seja capaz do sacrifício. Se pensar, será tolice de sua parte. Espero sinceramente que você consiga se livrar desse probleminha — ele sacudiu a cabeça compreensivamente, como fizera dez anos

antes, no primeiro encontro que tiveram. — Realmente espero, LuAnn. No entanto, às vezes é preciso reconhecer que é impossível. A todo instante surgem problemas no negócio e estou contando que você faça a sua parte, esforce-se ao máximo para que consigamos contornar com sucesso este problema específico.

O tom de voz de Jackson mais uma vez se tornou profissional, enquanto ele foi marcando os itens de que falava com os dedos: — Você não deixará o país. É evidente que teve muito trabalho para voltar, de modo que é melhor ficar e aproveitar por algum tempo. Você me participará imediatamente qualquer novo contato estabelecido pelo nosso estranho misterioso. O número de telefone que lhe dei há dez anos ainda é meu. Entrarei em contato regularmente. Quaisquer outras instruções adicionais que eu lhe der, serão seguidas com precisão. Deu para entender?

Ela balançou a cabeça mais do que depressa.

— Estou falando sério, LuAnn. Se me desobedecer de novo, mato você. E será uma morte lenta e inacreditavelmente dolorida — ele estudou por um momento a reação dela a suas palavras. — Vá agora para o banheiro se compor.

Ela começou a se virar.

— LuAnn?

LuAnn voltou.

— Tenha em mente que se não conseguirmos contornar esse problema e eu tiver de eliminar o elo mais fraco, não haverá razão para que eu me detenha nele — ele parou para lançar um olhar ameaçador na direção da porta que dava para o corredor, onde, a uns cinco metros de distância, Lisa dormia, e se virou de novo para ela.

— Gosto de dar a meus associados nos negócios tanto incentivo quanto possível para que tenham sucesso. Descobri que assim é muito mais provável que não me desapontem.

LuAnn correu para o banheiro, trancando a porta. Agarrou-se ao mármore frio da bancada da pia, tremendo incontrolavelmente. Embrulhando-se numa toalha grossa e bem grande, arriou no chão. Sua coragem natural era temperada por forte dose de bom senso e ela compreendia com perfeita clareza o sério perigo que corria. Mas isto estava longe de constituir seu maior medo. O fato de Jackson poder apontar o olhar assassino sobre Lisa fazia com que LuAnn delirasse de terror.

Curiosamente esse pensamento fez com que as feições de LuAnn fossem se imobilizando. Os olhos se fixaram na porta, no outro lado da qual estava uma pessoa com quem era provavelmente mais parecida do que diferente. Ambos tinham segredos; ambos eram incrivelmente ricos graças a ganhos ilícitos. Ambos tinham capacidade física e mental acima do comum. E, talvez o mais

significativo, ambos haviam matado. O ato dela fora espontâneo, a própria sobrevivência como único motivo. O de Jackson fora premeditado, embora, de certa forma, a sobrevivência também houvesse sido sua motivação. Talvez um abismo não tão grande; o resultado, afinal, fora o mesmo.

A morte de dois seres humanos.

Ela se levantou lentamente. Se Jackson um dia viesse atrás de Lisa, ou ele morreria ou LuAnn. Não haveria outra possibilidade. Deixou a toalha cair no chão e destrancou a porta. Parecia haver uma ligação etérea entre Jackson e LuAnn Tyler que desafiava uma explicação lógica. Era como se, mesmo depois de tanto tempo, os nervos deles tivessem se fundido, quase que em nível psíquico. Pois estava absolutamente certa do que encontraria quando voltasse para o quarto.

Nada. Jackson tinha ido embora.

LuAnn enfiou uma roupa e saiu voando pelo corredor para verificar Lisa. A respiração firme da menina lhe garantiu que ela estava dormindo. Durante algum tempo LuAnn limitou-se a ficar olhando Lisa de cima, com medo de deixá-la. Não queria acordá-la. Não seria capaz de lhe ocultar o terror que sentia. Até que finalmente se certificou de que as janelas estavam fechadas e deixou o quarto. Ela seguiu para o quarto de Charlie e o acordou delicadamente.

— Acabo de receber uma visita.

— O quê? Quem?

— Devíamos ter adivinhado que ele ia descobrir — disse ela, exausta.

Quando o significado das palavras de LuAnn atravessou a semi-inconsciência de Charlie, ele sentou na cama num movimento brusco, quase derrubando o abajur.

— Meu Deus, ele esteve aqui? Jackson esteve aqui?

— Quando saí do chuveiro, encontrei-o no quarto à minha espera. Acho que nunca me senti tão assustada em toda a minha vida.

— Oh, meu Deus, LuAnn... — Charlie a abraçou com força por um momento. — Como, diabos, ele conseguiu nos encontrar?

— Não sei, mas ele sabe de tudo. O homem que me perseguiu de carro. Matthew Riggs. Eu... eu lhe falei sobre os vencedores da loteria. Tentei mentir, mas ele soube que eu estava mentindo. Ameaçou matar todo mundo na casa se eu não dissesse a verdade.

— O que é que ele vai fazer?

— Encontrar o sujeito e matá-lo.

Charlie encostou na cabeceira da cama e LuAnn sentou-se a seu lado. Ele tapou o rosto com a mão enorme e sacudiu a cabeça, para depois olhar de novo para ela.

— O que mais ele disse?

— Que não devíamos fazer nada. Para ter cuidado com Riggs e falar com ele se o outro sujeito aparecesse de novo.

— Riggs? Por que falou em Riggs?

— Jackson pareceu muito desconfiado dele. Acha que ele pode ter uma razão oculta para se envolver.

— Filho da mãe — resmungou Charlie, rolando abruptamente para fora da cama. Levantou-se e começou a se vestir.

— O que é que você vai fazer?

— Não sei, mas sinto que devo fazer alguma coisa. Advertir Riggs. Se Jackson for atrás dele...

Ela se adiantou e segurou-lhe o braço.

— Se falar com Riggs de Jackson, tudo o que estará fazendo é garantir a morte dele. De algum modo, de algum jeito, Jackson saberá. Ele sempre sabe. Tenho Riggs em segurança, pelo menos por ora.

— Como assim?

— Jackson e eu fizemos uma combinação. Pelo menos eu acho que ele topou. Quem pode garantir, quando se trata de Jackson?

Charlie parou de vestir a calça e olhou para ela. LuAnn prosseguiu.

— Pelo menos por ora, Jackson vai se concentrar no outro homem. Vai descobri-lo e não podemos nem pensar em avisá-lo, porque sequer sabemos quem é.

Charlie sentou na cama.

— Então o que fazemos?

LuAnn pegou a mão dele.

— Quero que você leve Lisa embora daqui. Quero vocês dois longe.

— Não posso deixar você sozinha com aquele sujeito andando por aí. De jeito nenhum.

— Você vai sim, Charlie, porque sabe que estou certa. Sozinha eu fico bem. Mas se ele vier pegar Lisa... — LuAnn não precisou completar o raciocínio.

— Por que você não foge com ela e me deixa para tratar do caso?

LuAnn sacudiu a cabeça.

— Não vai funcionar. Se eu me afastar daqui, Jackson virá investigar. Mas investigar de verdade. Enquanto eu estiver por perto, ele não se afasta muito. É claro. Nesse meio tempo vocês dois poderão escapar.

— Não gosto da ideia. Não quero abandonar você, LuAnn. Não agora.

Ela passou um braço pelos seus ombros musculosos.

— Meu Deus, você não vai me abandonar. Vai tomar conta da coisa mais preciosa que eu tenho — ela não conseguiu prosseguir quando o rosto de

Jackson se plantou firmemente em meio a seus pensamentos.

Finalmente Charlie pegou carinhosamente a mão dela.

— Tudo bem. Quando é que você quer que a gente saia?

— Agora. Vou aprontar Lisa enquanto você faz as malas. Jackson acaba de sair, de modo que eu duvido que esteja vigiando a casa. Talvez imagine que estou apavorada demais para fazer alguma coisa. Na verdade, não estaria muito longe da verdade.

— Para onde vamos?

— Você escolhe o destino. Não quero saber. Assim ele não pode obter a informação por meu intermédio. Ligue quando chegar e aí combinaremos um modo de nos comunicar em segurança.

Charlie encolheu os ombros. — Nunca pensei que fosse chegar a esse ponto.

Ela deu um beijinho na testa dele.

— Vamos ficar bem. Só temos que ter muito cuidado.

— E você? O que é que *você* vai fazer?

LuAnn respirou fundo.

— O que for preciso para que todos nós possamos sobreviver a tudo isso.

— E Riggs?

— Especialmente Riggs.

— Odeio isso, mãe. Odeio — Lisa, de pijama, rodava pelo quarto batendo com os pés no chão enquanto LuAnn arrumava depressa sua bagagem.

— Sinto muito, Lisa, mas você simplesmente vai ter de confiar em mim.

— Confiar, rá, rá. Muito engraçado partindo de você — exclamou Lisa, fulminando a mãe com o olhar.

— Não preciso ouvir esse tipo de coisa agora, mocinha.

— E eu não preciso disso — Lisa sentou na cama e, teimosamente, cruzou os braços.

— Tio Charlie está pronto, você precisa seguir viagem com ele.

— Mas vamos ter uma festa na escola amanhã. Não pode pelo menos esperar a festa?

LuAnn fechou a mala com força.

— Não, Lisa, receio que realmente não seja possível.

— Quando isso vai parar? Quando você vai parar de me arrastar de um lado para o outro?

LuAnn passou a mão trêmula no cabelo e sentou-se ao lado da filha, envolvendo o corpinho trêmulo de Lisa em um abraço. Podia sentir fisicamente como a menina sofria.

Poderia a verdade magoá-la mais do que aquilo? LuAnn cerrou a mão e esforçou-se para controlar os nervos.

Virou-se para a filha.

— Lisa? — a menina recusou-se a olhar para a mãe.

— Lisa, por favor, olhe para mim.

Lisa finalmente encarou LuAnn, seu rostinho um misto de raiva e desapontamento, uma combinação que esmagou o coração da mãe.

Quando LuAnn falou, foi bem devagar. As palavras que ia pronunciar eram impensáveis uma hora antes. Mas então a aparição de Jackson mudara muitas coisas.

— Prometo que um dia, muito em breve, eu lhe direi tudo o que você quer saber. Na verdade, vou contar muito mais do que você jamais quis saber a meu respeito, sobre você mesma. Sobre tudo. Está certo?

— Mas porque...

LuAnn colocou delicadamente a mão sobre a boca da filha, silenciando-a.

— Mas vou lhe dizer desde já que, quando o fizer, isso a chocará e a magoará tanto que pode ser que nunca venha a compreender ou a avaliar o que eu fiz. Pode ser que você venha a me odiar, pode ser que venha a lamentar o fato de eu ser sua mãe — ela fez uma pausa, mordendo o lábio com força —, mas, seja como for, quero que saiba que fiz o que achei que fosse o melhor naquela oportunidade. Fiz o que pensei que seria o melhor para você. Eu era muito jovem e na realidade não tive quem me ajudasse a decidir.

Pegou o queixo da filha com a mão em concha e forçou-a a erguer o rosto para o dela. Os olhos de Lisa agora estavam cheios de lágrimas.

— Sei que estou magoando você agora. Não quero que se afaste, mas prefiro morrer a deixar que aconteça qualquer coisa a você. Da mesma forma ao tio Charlie.

— Mamãe, você está me assustando. LuAnn agarrou Lisa com ambas as mãos.

— Eu amo você. Lisa. Mais do que amei qualquer outra coisa em toda a minha vida.

— Não quero que nada lhe aconteça — Lisa acariciou o rosto da mãe. — Mãe, você vai ficar bem?

LuAnn conseguiu esboçar um sorriso tranquilizador.

— Os gatos sempre caem de pé, queridinha. Mamãe ficará bem.

37

NA MANHÃ SEGUINTE LUANN LEVANTOU-SE após uma noite praticamente insone. Despedir-se de Lisa fora a coisa mais sofrida que já fizera; sabia, contudo, que não seria nada comparado ao dia em que contaria a Lisa a verdade sobre a vida dela, sobre sua própria vida. LuAnn esperava que viesse a ter oportunidade para fazer isso. E, mesmo assim, uma imensa onda de alívio a envolvera quando vira as luzes do Range Rover desaparecerem na estrada.

Sua maior preocupação era imaginar um meio de se reaproximar de Riggs sem que ele ficasse ainda mais desconfiado. Mas não tinha muito tempo. Se não retornasse logo a Jackson com alguma informação, ele voltaria sua atenção totalmente sobre Riggs. E LuAnn não ia deixar que isso acontecesse.

Pensava nisso quando levantou a persiana do quarto e deu uma espiada no gramado que ficava na parte de trás da casa. Seu quarto era no terceiro andar e tinha uma visão estimulante da paisagem campestre da região. Uma porta francesa, de madeira leve e painéis de vidro de cima a baixo, se abria para uma varanda. Deveria ter sido por ai i que Jackson entrara no quarto na noite anterior. Normalmente ela ativava o alarme contra ladrões antes de se deitar. Podia começar a fazer isso mais cedo, embora tivesse pouca esperança de que qualquer sistema de segurança viesse a apresentar algum desafio para o homem. Era como se ele tivesse a capacidade de subir andando pelas paredes e de atravessar portas fechadas.

Preparou um café na pequena copa ao lado do quarto de vestir. Em seguida vestiu um robe de seda, e, com a caneca de café fumegante na mão, foi para a varanda, onde havia uma mesa e duas cadeiras. Preferiu, contudo, debruçar-se sobre o parapeito de mármore e admirar a propriedade. O sol já ia mais ou menos alto e seus raios rosados e cor de ouro formavam o pano de fundo de um mar de folhagens igualmente coloridas. Uma paisagem animadora, mas o que viu a seguir quase a fez cair da varanda.

Matthew Riggs estava se ajoelhando na grama perto do lugar onde ela havia dito que queria construir um estúdio. Foi com crescente espanto que o viu desenrolar um rolo de cópias heliográficas e estudar a disposição do terreno. LuAnn galgou o parapeito e, apoiada na parede de tijolinhos, ficou na ponta dos pés para enxergar melhor. Pôde ver assim uma série de estacas fincadas no chão em diversos pontos. Enquanto observava, Riggs desenrolou um pouco de cordão, amarrou a ponta a uma estaca e começou a delinear o que parecia ser a planta baixa de uma edificação. Tentou chamá-lo, mas sua voz não pôde alcançá-lo.

LuAnn saltou de cima do parapeito e atravessou correndo o quarto, sem parar sequer para se calçar. Desceu a escada de dois em dois degraus e abriu a porta dos fundos. Correr descalça na grama um ida do orvalho com o robe de seda colado ao corpo mostrava uma grande parte de suas pernas compridas.

Ofegante, chegou no ponto onde vira Riggs e olhou em torno. Seus seios eram visíveis e ela ajeitou o robe para se cobrir e se proteger do frio da manhã.

Onde diabos ele teria ido? Não podia imaginar. Lá estavam as estacas, com o cordão amarrado. Fixou os olhos nas estacas, como se fossem capazes de esclarecer o paradeiro do homem.

— Bom dia.

LuAnn virou-se e olhou espantada para ele, saindo de trás de uma fileira de árvores, com uma grande pedra na mão. Ele a arriou cerimoniosamente no meio da área marcada pelas estacas.

— A pedra de sua chaminé — mostrou, sorrindo.

— O que você está fazendo? — perguntou LuAnn, espantada.

— Sempre corre por aí assim? Vai pegar uma pneumonia — ele a encarou e desviou os olhos discretamente quando os raios do sol passaram por cima das árvores e tornaram o robe praticamente transparente; ela não vestia nada por baixo. — Para não falar no que está fazendo comigo — resmungou, baixinho.

— Não costumo ver pessoas na minha casa ao raiar do dia enfiando estacas no chão.

— Só estou seguindo ordens.

— O quê?

— Você queria um estúdio. Vou construir um estúdio.

— Você disse que não havia tempo suficiente antes do inverno. E que precisava de plantas e licenças.

— Bem, você admirou tanto o meu que tive a brilhante ideia de usar a mesma planta. Economizará um bocado de tempo. E, como tenho contatos no escritório da inspetoria de obras, podemos acelerar todo o processo da aprovação da obra — ele fez uma pausa e olhou para LuAnn, toda trêmula. — Mas não precisava sair correndo para me agradecer — acrescentou.

Ela cruzou os braços.

— Não é isso, é que eu — ela tremeu de frio novamente, quando uma lufada de vento ultrapassou a linha das árvores e a atingiu. Riggs tirou o pesado casacão e colocou sobre os ombros dela.

— Você sabe que realmente não devia estar aqui fora descalça.

— Você não precisa fazer isso, Matthew. Acho que já abusei muito do seu tempo e paciência.

Ele deu de ombros e olhou para o chão, batendo de leve com o pé numa das

estacas.

— Eu não me incomodo, Catherine, sinceramente — ele tossiu, meio envergonhado, e olhou para a copa das árvores. — Há muitas coisas piores do que passar o tempo tendo uma mulher como você como companhia — Riggs lhe dirigiu um rápido olhar e desviou o rosto.

LuAnn ruborizou-se, mordendo nervosamente o lábio inferior enquanto Riggs enfiava as mãos nos bolsos com o olhar perdido num ponto vago. Inconscientemente o casal agia como dois adolescentes, avaliando-se mutuamente na tentativa de um importantíssimo primeiro encontro.

Ela lançou um olhar para a faixa do terreno coberta de estacas.

— Então vai ser igual ao seu? Riggs fez que sim.

— Passei a ter tempo, já que você me despediu do trabalho da cerca.

— Eu lhe disse que pagaria e estava falando sério...

— Tenho certeza de que sim, mas tenho urna política de não aceitar pagamento por trabalhos que não realizei. Sou meio esquisito nessas coisas. Mas não se preocupe porque vou cobrar caro por esta obra.

Riggs mais uma vez deu uma olhada na paisagem.

— Não vai ficar muito mais bonito que isso, eu lhe garanto. Depois que eu aprontar o seu estúdio, você provavelmente não vai querer deixá-lo mais.

— Assim falado é lindo, mas está longe de ser realista. Ele se voltou para ela.

— Acho que você viaja muito. Uma pessoa na sua posição. — Nada disso. Mas viajo muito, sim — ela acrescentou, fatigada.

— Demais.

Riggs mais uma vez olhou em torno.

— É bom ver o mundo. Mas também é muito bom voltar para casa.

— Parece que você fala por experiência própria — ela lhe dirigiu um olhar curioso.

Ele sorriu timidamente.

— Eu? Na verdade nunca estive em lugar algum.

— Mas ainda assim gosta da ideia de voltar para casa. Em busca de um pouco de paz? — ela formulou a pergunta baixinho, os olhos muito grandes fixos nos dele.

O sorriso de Riggs desapareceu e ele a fitou com renovado respeito.

— Sim — respondeu, finalmente.

— Que tal tomar café comigo?

— Já comi, mas muito obrigado.

— Café puro, então? — ela ficou pulando de um pé para o outro, com o frio queimando a pele nua.

Ele observou seus movimentos.

— Levo você até lá em troca do café — Riggs tirou as luvas grossas de trabalho e as enfiou no bolso da calça. Depois virou-se e se agachou um pouco.

— Suba!

— Como?

— Suba aí — ele bateu nas próprias costas. — Sei que não sou tão corpulento quanto seu cavalo, mas faz de conta.

LuAnn não se mexeu.

— Não, acho que não vou fazer isso.

Riggs virou-se e a encarou.

— Quer montar logo? Não estou brincando quando falo em pneumonia. Além do mais, estou lhe dizendo que faço isso o tempo todo com bilionárias.

LuAnn riu, vestiu direito o casaco e pulou nas costas dele passando os braços pelo seu pescoço. Ele a segurou pelas coxas nuas.

— Tem certeza de que está a fim mesmo? Olhe que é longe e eu não sou exatamente *petite*.

— Acho que consigo quebrar o galho. Só quero que você não me sacrifique se eu cair no caminho.

No meio do percurso ela o fustigou jovialmente com os joelhos.

— Para que diabos foi isso?

— Estou só fingindo, como você disse que era para fazer.

— Veja se não força a barra — reclamou ele, muito sério, mas depois sorriu.



Em meio às árvores nas proximidades do estábulo, Jackson guardou seu microfone especial e dirigiu-se para o lugar onde deixara o carro, estacionado em uma estrada secundária. Assistira, divertido, à cena de Riggs carregando LuAnn para dentro de casa. Notara também a marcação no terreno da estrutura que Riggs aparentemente iria construir para ela. Considerando a maneira como estava vestida, Jackson achou provável que LuAnn e o bonitão Matthew Riggs desfrutariam um momento íntimo muito em breve. Ótimo, já que daria a ela oportunidade para extrair dele alguma informação. Usando o microfone, também gravara a voz de Riggs, um trunfo que poderia ser valioso mais tarde. Finalmente chegou ao carro e foi embora.

Riggs ficou bebericando o café na cozinha, enquanto LuAnn comia uma torrada com manteiga. Ela se levantou, serviu-se de outra xícara de café e

recompletou a dele.

Riggs não pôde evitar olhar fixamente quando ela virou as costas. Não tinha mudado de roupa e o robe aderente ao corpo estava fazendo com que ele pensasse coisas que provavelmente não deveria. Finalmente ele desviou o olhar, o rosto quente.

— Se eu vier a ter outro cavalo — disse LuAnn —, acho que vou dar o seu nome.

— Muitíssimo obrigado — ele olhou em torno. — O resto do pessoal está dormindo?

Ela deixou o bule de café em cima da bancada e gastou um instante limpando com a esponja algumas gotas derramadas.

— Sally está de folga. Charlie e Lisa saíram num pequeno período de férias.

— Sem você?

Ela sentou, os olhos vagando pelas paredes da cozinha antes de encará-lo novamente e falar, com naturalidade.

— Eu tinha algumas coisas para fazer. Devo viajar para a Europa em breve. Então me encontro com eles e seguimos todos juntos. A Itália é linda nesta época do ano. Já esteve lá?

— A única Roma em que estive fica em Nova York.

— Na sua vida passada? — ela o fitou por cima da xícara de café.

— Lá vem você com essa história do meu passado. Na verdade não é tão excitante assim.

— Por que então não me fala a respeito?

— Mas afinal por que a inquirição?

— Ah, imagino que esse seja o tipo de frase que você ouviu muitas vezes sua ex-mulher advogada dizer.

— Presumir é um perigo. Prefiro os fatos.

— Eu também. Pois então me dê um banho de fatos.

— Por que está tão interessada no que eu fazia antes de vir para Charlottesville?

Porque estou me esforçando ao máximo para conservar você vivo e porque me sinto mal cada vez que você é quase morto por minha causa. — LuAnn lutou para conservar o tom de voz em um nível natural a despeito da dolorosa realidade. — Eu sou naturalmente uma pessoa curiosa.

— E eu também. E tenho um palpite de que seus segredos são muito mais interessantes do que os meus.

Ela se esforçou para aparentar surpresa.

— Não tenho nenhum segredo. Ele descansou a xícara de café.

— Não posso acreditar que você seja capaz de dizer uma coisa dessas de cara

limpa.

— Eu tenho muito dinheiro. Algumas pessoas gostariam de tirá-lo de mim de qualquer maneira. Uma coisa dessas não se qualifica exatamente como uma grande surpresa.

— Quer dizer então que você concluiu que o cara do Honda era um sequestrador em potencial.

— Talvez.

— Sequestrador engraçado.

— Como assim?

— Estive pensando muito nesse caso. O cara parecia mais um professor universitário. Alugou uma casa aqui na região e a mobiliou. Quando tentou "sequestrar" você, não estava sequer usando uma máscara. E, quando apareci em cena, em vez de sumir, ficou tentando me ultrapassar, mesmo sem a menor chance de pegar você. E, na minha experiência, a maioria dos sequestradores não trabalha sozinho. Logisticamente é muito difícil tocar sozinho um sequestro.

— Na sua experiência?

— Vê? Eu estou dando um banho de fatos em você.

— Talvez ele estivesse apenas tentando me assustar antes de realizar a tentativa de sequestro propriamente dita.

— Acho que não. Por que alertar você? Os sequestradores costumam gostar do elemento surpresa.

— Se ele não é um sequestrador, o que será então?

— Eu esperava que você pudesse me dizer. Charlie entrou na casa dele e você também. O que foi que descobriram?

— Nada.

— Isso é mentira e você sabe disso.

LuAnn levantou-se e o fulminou com o olhar.

— Não me agrada nem um pouco ser chamada de mentirosa.

— Então pare de mentir.

Os lábios dela tremeram e LuAnn abruptamente virou de costas.

— Catherine, estou tentando ajudar você. Tudo bem, na minha profissão anterior eu realmente lidava com criminosos. Tenho algumas intuições e alguns talentos que podem vir a ser úteis se você pelo menos me disser a verdade.

Riggs levantou-se, pôs uma das mãos no ombro de LuAnn e fez com que ela se virasse para encará-lo.

— Sei que você está apavorada. E sei também que tem nervos mais fortes e mais coragem do que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido, o que me faz concluir que o que você está enfrentando é uma barra muito pesada. E eu quero ajudá-la, eu vou ajudá-la se você me deixar — ele cobriu o queixo dela

com a mão.

— Estou jogando sério com você, Catherine. Sinceramente.

Ela estremeceu imperceptivelmente quando ele disse seu nome de novo. Seu falso nome. Finalmente ergueu a mão e acariciou os dedos dele.

— Eu sei disso, Matthew, eu sei.

LuAnn levantou o rosto para ele, os lábios ligeiramente separados. Os olhares de ambos não desgrudaram um do outro quando seus dedos trocaram toques que subitamente eletrizaram os dois corpos. A espontaneidade da sensação os imobilizou totalmente. Mas não por muito tempo.

Riggs engoliu em seco, arriou as mãos para as nádegas dela. O calor e a suavidade dos seus seios abriram buracos invisíveis na grossa camisa de flanela que ele vestia.

As bocas se lançaram uma na outra quando ele puxou o robe, que caiu no chão. LuAnn gemeu e fechou os olhos, a cabeça oscilou de um lado para o outro, como se estivesse embriagada, quando Riggs agarrou seu pescoço. LuAnn puxou o cabelo dele e depois envolveu-lhe a cabeça com os braços enquanto ele a levantava no ar, o rosto enterrado em seu peito. Ela passou as pernas em torno do torso de Riggs.

Seguindo as frenéticas instruções que ela sussurrava, Riggs atirou-se às cegas pelo corredor até o quartinho de hóspedes do andar térreo e abriu a porta, empurrando-a.

LuAnn se libertou dele e atirou-se de costas na cama, os músculos das pernas compridas tensos, prevendo o prazer. Levantou um pouco o corpo e agarrou-se nele.

— Que droga, Matthew, depressa! — subconscientemente Riggs notou o abrupto retorno ao sotaque arrastado da Georgia, mas estava enlouquecido demais com a paixão do momento para fazer qualquer coisa a respeito.

As pesadas botas de trabalho de Riggs atingiram o soalho com um barulho surdo e foram imediatamente seguidas pelas suas calças. Ele puxou a camisa, arrancando diversos botões no processo, e arriou a cueca. Nem ele nem LuAnn pensaram nas cobertas da cama, mas Riggs ainda conseguiu fechar a porta com um chute antes de mergulhar em cima de LuAnn.

38

JACKSON SENTOU-SE À MESA e estudou a pequena tela do laptop. A suíte dele era grande e arejada, com as paredes cheias de reproduções do século XVIII. O chão, de madeira envelhecida, era parcialmente coberto com tapetes em que haviam sido bordados temas da América colonial. Em uma das paredes havia um grande trabalho de talha em madeira representando um pato em pleno voo. Em outra parede fora disposta uma coleção de quadros com nativos da Virginia que foram presidentes dos Estados Unidos muito tempo atrás. O hotel ficava bem próximo da área de interesse de Jackson, era tranquilo e proporcionava total liberdade de movimento, protegendo-o da observação alheia. Na noite anterior pagara a conta e fora embora na pele de Harry Conklin, voltando depois sob outro nome. Gostava de fazer isso. Não se sentia à vontade quando ficava muito tempo vivendo um só personagem. Além do mais tinha conversado com Pemberton na pele de Conklin e não queria se encontrar com o homem de novo. Tinha agora na cabeça um boné de jogador de beisebol. Pesadas bolsas de látex cercavam o falso nariz. O cabelo era louro acinzentado e preso atrás em um rabo-de-cavalo que saía pela parte de trás do boné. O cabelo era comprido e crespo e a silhueta era de um homem corpulento. Parecia um hippie envelhecido. A bagagem fora cuidadosamente empilhada a um canto. Jackson tinha o hábito de não desfazer as malas quando viajava; sua linha de trabalho às vezes requeria saídas rápidas.

Duas horas antes ele escancara um dos conjuntos de impressões digitais colhidas no chalé e as transmitira via Modern para um de seus agentes de informação, a quem telefonara avisando o que ia enviar. Esse agente tinha acesso a um banco de dados que abrigava oceanos de fatos muito interessantes, única razão pela qual Jackson o alistara a seu serviço muitos anos atrás. Não podia ter certeza de que o homem que perseguia LuAnn tivesse as impressões digitais arquivadas em algum lugar, mas nada tinha a perder verificando. Em caso afirmativo, a tarefa de rastreá-lo se tornaria muito mais fácil.

Jackson sorriu quando a tela do computador começou a ser preenchida por dados. Era um retrato digitalizado do homem associado a detalhes pessoais.

Thomas J. Donovan. A foto era de três anos atrás, mas Jackson não tinha dúvida de que, àquela altura da vida, ele não poderia ter mudado muito. Estudou cuidadosamente as feições dele e verificou o conteúdo de seu kit portátil de maquiagem e as várias perucas de diversos tamanhos que trouxera. Sim, caso fosse necessário, poderia personificar o homem. Na verdade, o nome de

Donovan era conhecido de Jackson. Donovan era um jornalista premiado do *Washington Tribune*. Na verdade, um ano antes produzira uma matéria em que tratara em profundidade da carreira do pai de Jackson como senador dos Estados Unidos.

Ele lera a história e rapidamente a condenara como um texto sem substância que não chegava perto da pessoa do pai e de seu comportamento monstruoso. Os livros de história podiam sorrir ao falar do homem; o filho sabia que não era bem assim.

O palpite de Jackson estava certo. Ele imaginara que o homem que seguia LuAnn não era o típico chantagista. Fora preciso muita coisa para rastrear LuAnn, e só um jornalista investigativo ou talvez um ex-agente da lei teria os conhecimentos, o preparo e, mais importante, os recursos de informação para fazer uma coisa bem-sucedida.

Jackson recostou-se e ficou cismando por um momento. Na realidade, um chantagista de verdade apresentaria menos dificuldade para ele. Donovan indubitavelmente estava correndo atrás de uma história, uma história de enorme repercussão, e não se deteria enquanto não alcançasse seu objetivo. Ou enquanto não o obrigassem a desistir. Um desafio interessante. Só que matar o homem de nada adiantaria. Podia despertar suspeitas. Além do mais, Donovan poderia ter falado a outras pessoas sobre suas investigações, embora Jackson soubesse muito bem que jornalistas do nível de Donovan costumassem manter suas cartas bem escondidas até a hora da publicação da matéria, por muitos motivos, dos quais o menor certamente não era o medo de ser ultrapassado por algum competidor.

Era preciso determinar o quanto Donovan sabia e se havia colocado alguém a par de suas investigações. Jackson pegou o telefone, conseguiu o número do *Washington Tribune* e discou. Pediu para falar com Thomas Donovan. Disseram que ele estava de licença. Jackson desligou lentamente. Não teria falado com o homem se ele viesse atender. Mas gostaria de ter ouvido sua voz, o que poderia vir a ser útil mais tarde. Jackson também era perfeito na arte da imitação de vozes, o que, todos sabem, é um modo maravilhoso de manipular os outros.

Segundo Pemberton, Donovan estivera na área de Charlottesville pelo menos durante um mês. Jackson concentrou-se brevemente em uma só questão: por que, entre todos os vencedores da loteria, o homem tinha eleito LuAnn como seu alvo? Jackson respondeu à própria indagação quase que de imediato. Porque era a única que fugia de uma acusação de crime de homicídio. A única que desaparecera por dez anos e depois reaparecera. Mas como pudera levantar sua trilha, se fora tão bem enterrada e se ficara enterrada mais fundo ainda com a passagem de dez anos? Mesmo que tivesse cometido a tremenda burrice de

voltar aos Estados Unidos, não dava para entender.

De repente Jackson teve uma ideia. Donovan aparentemente sabia o nome de todos os vencedores da loteria do seu ano. E se ele tentasse entrar em contato com os outros?

Se não conseguisse o que queria com LuAnn, o que Jackson se sentia razoavelmente certo de que iria acontecer, o próximo passo lógico seria procurar os outros. Jackson pegou a agenda eletrônica e começou a dar telefonemas. Em meia hora terminou o estabelecimento de contato com os outros onze. Comparados a LuAnn, eram como ovelhas a serem pastoreadas. O que mandasse, todos fariam. Era o salvador deles, o homem que os conduzira à Terra Prometida da fortuna e do lazer. Agora, se Donovan atacasse, a armadilha o pegaria.

Jackson começou a andar pelo quarto. Fez uma pausa e abriu a valise. Tirou as fotos. Tinham sido tiradas no seu primeiro dia em Charlottesville, antes mesmo do encontro com Pemberton. A qualidade delas era boa, considerando que usara uma teleobjetiva e que a luz do início da manhã não era das melhores. Todos os rostos de frente.

Sally Beecham, parecendo cansada e irritada. Mais de quarenta anos, era a governante de LuAnn, residindo em Wicken's Hunt. Suas acomodações ficavam no andar térreo, lado norte da mansão. Estudou as duas fotos seguintes. Duas jovens hispânicas que constituíam a equipe de limpeza. Entravam às nove horas e saíam às seis. Finalmente vinham as fotos do pessoal que trabalhava no terreno que cercava a mansão. Jackson estudou seus rostos. Quando tirou as fotos, observou atentamente cada uma daquelas pessoas; como se movimentavam, como gesticulavam. Seu microfone de bastão captara perfeitamente as vozes de todos. Ele as ouvira vezes sem conta, exatamente como acabara de fazer com a de Riggs. Sim, tudo se ajustava perfeitamente. Como peças de um plano estratégico de batalha, ele ia posicionando seus soldados em busca de uma vantagem definitiva. Possivelmente nenhuma das informações que tão laboriosamente coletara sobre o cotidiano de Catherine Savage seria utilizada. Mas, sendo preciso, estava mais do que pronto. Guardou as fotos na valise, de onde retirou, guardada em um compartimento secreto, uma faca de lançamento, de cabo curto. Feita à mão na China, sua lâmina era tão aguçada que não podia ser tocada pela mão desprotegida sem tirar sangue. Por destinar-se a ser lançada, tinha o cabo de teca perfeitamente balanceado. Jackson saiu andando pelo quarto, a atenção desviada por um instante. LuAnn era incomumente rápida, flexível, ágil, palavras que ele podia aplicar igualmente a si mesmo. No entanto, ela certamente havia se aperfeiçoado.

O que mais teria aprendido? Que outros talentos desenvolvera? Gostaria de

saber se havia experimentado a mesma premonição que ele: que seus caminhos iriam se encontrar de novo um dia, como dois trens colidindo. Teria se esforçado ao máximo a fim de se preparar para essa eventualidade? Seis metros. Usando o abridor de cartas ela poderia tê-lo matado a essa distância. Mesmo sendo rápido como era, a lâmina teria se cravado no seu coração antes que tivesse uma chance de reagir.

Quando formulou este último pensamento, Jackson girou e arremessou a faca. Ela voou pelo quarto, foi rachar a cabeça do pato de madeira em metades e terminou cravando alguns centímetros na parede. Jackson avaliou a distância entre ele e o alvo. Nove metros no mínimo, estimou. E sorriu. LuAnn teria sido muito mais esperta se o tivesse matado. Fora, sem dúvida nenhuma, contida pela consciência. Consciência que era a sua maior fraqueza, assim como constituía a maior vantagem de Jackson, que não tinha consciência ou dúvidas.

Em última análise, se as coisas chegassem a esse ponto, ele sabia que esta poderia ser a diferença.

39

LUANN OBSERVOU RIGGS, deitado, cochilando a seu lado. Deixou escapar um suspiro e esticou o pescoço. Sentira-se como uma virgem ao fazerem amor. com aquela performance sexual incrivelmente vigorosa, era de espantar que a cama ainda estivesse de pé; provavelmente estariam com o corpo dolorido no dia seguinte. Um sorriso se abriu no rosto dela. Acariciou-lhe o ombro e aninhou-se junto de Riggs, passando uma das pernas nuas sobre as duas pernas dele. com isso, ele finalmente estremeceu e acordou, olhando para LuAnn.

Um sorriso de garoto iluminou o rosto de Riggs.

— O que é? — perguntou ela com um olhar maroto.

— Estou tentando lembrar quantas vezes eu disse "oh, meu bem".

Ela esfregou a mão no peito dele, deixando as unhas cravarem na pele o bastante para fazê-lo reagir, prendendo-lhe os dedos com fingida força e disse: — Acho que foi maior do que o número de vezes em que gritei "venha, venha", mas isto só porque não consegui recuperar o fôlego. i .

Ele sentou e passou a mão pelo cabelo dela.

— Você me faz sentir jovem e velho ao mesmo tempo. Beijaram-se mais uma vez e Riggs deitou de costas, com LuAnn aninhada sobre seu peito. Ela notou uma cicatriz no lado do corpo dele.

— Deixe eu adivinhar, uma velha cicatriz de guerra?

Ele levantou a cabeça, surpreso, e depois seguiu o olhar dela até a cicatriz. — Oh, sim, realmente excitante, apendicite.

— É mesmo? Eu não sabia que agente nasce com dois apêndices.

— Como é que é?

Ela apontou para uma outra cicatriz do outro lado.

— Ei, será que a gente não pode simplesmente aproveitar este momento aqui e parar com as observações e perguntas? — ele falou em tom brincalhão, sem no entanto ocultar que no fundo estava falando a sério.

— Bem, sabe como é, se você vier trabalhar no estúdio todo dia, podemos transformar isto em uma função regular, tipo café da manhã — LuAnn sorriu mas quase imediatamente se conteve. Quais são as reais chances de que isso aconteça? O impacto do pensamento foi esmagador.

LuAnn afastou-se rapidamente dele e começou a se levantar. Riggs não pôde deixar de notar tão radical transformação.

— Foi alguma coisa que eu não disse?

Quando ela se virou, ele a encarava. Como se de repente sentisse vergonha

da sua nudez, pegou uma colcha e se envolveu com ela.

— Tenho muito o que fazer hoje.

Riggs sentou na cama e agarrou a colcha com que ela se cobrira.

— Bem, aceite milhões de desculpas da minha parte. Não tive a intenção de atrapalhar seu cronograma. Acho que minha reserva era para o horário das seis às sete da manhã. Quem é agora? O Kiwanis Club?

Ela largou a colcha.

— Ei, eu não mereço esta.

Riggs esfregou o pescoço e começou a se vestir.

— Tudo bem, é que eu tenho certa dificuldade em trocar de marcha tão depressa quanto você. Passar sem interrupções da paixão mais intensa que vi em toda a minha vida para uma discussão do cronograma de trabalho diário me afetou da maneira errada. Desculpe-me, sinceramente, se a ofendi.

LuAnn abaixou os olhos e foi se sentar ao lado dele.

— É assim que foi para mim também, Matthew — disse, baixinho. — Fico envergonhada de lhe dizer quanto tempo fazia — ela se interrompeu antes de completar, quase que para si mesma: — Anos.

Ele lhe dirigiu um olhar incrédulo.

— Você só pode estar brincando.

LuAnn não respondeu e ele relutou em quebrar o silêncio. Foi o toque da campainha do telefone que o fez.

Hesitando por um momento, LuAnn pegou o aparelho, pedindo a Deus que fosse Charlie e não Jackson.

Não era nenhum dos dois.

— Vamos conversar, Srta. Tyler, e vai ser hoje — disse Thomas Donovan.

— Quem está falando? — indagou LuAnn. Riggs rapidamente olhou para ela.

— Tivemos um rápido encontro outro dia, quando você saiu de carro. Quando a vi em seguida, você estava se esgueirando para fora da minha casa com seu namorado.

— Como foi que você conseguiu este telefone? Ele não consta da lista.

Donovan riu baixinho.

— Srta. Tyler, nenhuma informação é segura, se o interessado souber onde procurar. Imagino que agora esteja convencida de que sei onde procurar.

— O que é que você deseja?

— Como falei, quero conversar.

— Não tenho nada para lhe dizer.

Riggs se aproximou e segurou o telefone com ela. A princípio LuAnn tentou afastá-lo, mas ele segurou firme.

— Claro que tem. E eu também tenho muito a lhe dizer. Posso compreender sua reação no outro dia. Talvez eu devesse ter feito um outro tipo de abordagem, mas o que passou, passou. Sei, sem sombra de dúvida, que você está malocando uma história de imensa importância e eu quero saber que história é essa.

— Não tenho absolutamente nada para lhe dizer.

Donovan considerou por um instante a afirmativa. Não gostava normalmente de usar aquela tática, mas naquele instante não conseguiu imaginar uma estratégia alternativa, e decidiu-se.

— Vou lhe conceder isso como um incentivo. Se aceitar falar comigo, eu lhe darei quarenta e oito horas para abandonar o país antes que eu torne pública toda a história. Caso contrário, eu escancaro tudo o que tenho assim que desligar o telefone. Donovan debateu internamente por um momento e acabou por resolver acrescentar baixinho: — Homicídio não prescreve, LuAnn.

Riggs encarava LuAnn com os olhos arregalados.

— Onde? — perguntou ela.

Riggs sacudiu a cabeça furiosamente mas LuAnn o ignorou.

— Vamos marcar em um lugar bem público — disse Donovan.

— Michie's Tavern. Tenho certeza de que você sabe onde fica. Uma hora. E não traga ninguém. Estou velho demais para armas e perseguições automobilísticas. Se eu cismar que seu namorado ou qualquer outra pessoa está junto, o trato não vale mais e eu telefono para o xerife lá na Georgia. Deu para entender?

LuAnn arrancou o telefone das mãos de Riggs e o atirou no chão.

Riggs a encarou.

— Você poderia fazer o favor de me contar o que está acontecendo? Quem você teria matado? Alguém na Georgia?

Ela se levantou e o empurrou, o rosto muito vermelho por causa da abrupta revelação do segredo. Riggs agarrou-a pelo braço e a puxou com força.

— Droga, você agora vai me contar o que está acontecendo.

LuAnn virou-se, e, numa reação incrivelmente rápida, bateu com o punho fechado no queixo de Riggs, fazendo com que a cabeça dele recuasse e batesse na parede.

Quando voltou a si, Riggs estava deitado na cama e tinha LuAnn sentada a seu lado, segurando uma compressa fria no queixo machucado, que depois apertou no galo que crescia na cabeça dele.

— Droga! — exclamou ele, quando finalmente sentiu o frio da água.

— Desculpe, Matthew, não tive intenção. Eu só queria...

Ele esfregou a cabeça, incrédulo.

— Não posso acreditar que você tenha me posto a nocaute. Não sou

chauvinista, mas não posso acreditar que uma mulher tenha me derrubado com um soco.

Ela conseguiu forçar um sorriso sem graça.

— Tive muita prática quando era moça, e ainda sou muito forte — ela fez uma pausa para acrescentar logo em seguida, delicadamente: — Mas acho que o fato de sua cabeça ter batido na parede tem muito a ver com o que ocorreu.

Riggs esfregou o queixo e sentou-se na cama.

— Na próxima vez em que estivermos discutindo e você pensar em me dar um murro desses, me avise que eu desisto na hora. Combinado?

Ela acariciou o rosto dele e o beijou na testa.

— Não vou bater mais em você.

Riggs desviou o olhar para o telefone.

— Vai se encontrar com ele?

— Não tenho escolha.

— Vou com você. LuAnn sacudiu a cabeça.

— Você ouviu o homem.

Riggs suspirou.

— Não acredito que você tenha matado alguém.

LuAnn respirou fundo e decidiu contar.

— Eu não o matei. Foi legítima defesa. O homem com quem eu vivia envolveu-se com drogas. Acho que ele andou roubando o fornecedor e eu apareci bem no meio da briga.

— Você matou seu namorado?

— Não, foi um homem que o procurou.

— E a polícia...

— Não fiquei lá tempo bastante para descobrir o que eles iam fazer.

Riggs olhou em torno.

— As drogas. É delas que vem tudo isso aqui?

LuAnn quase riu.

— Não, ele era uma figura sem importância. O dinheiro das drogas não tem nada a ver com isso.

Riggs teve ímpetos de perguntar o que teria então gerado tanto dinheiro, mas se conteve Achou que ela já havia revelado bastante de sua vida passada. Observou, em vez disso, em silenciosa frustração, LuAnn lentamente se levantar e dispor-se a sair do quarto, arrastando a colcha às costas, os músculos bem definidos se flexionando a cada passada.

— LuAnn? É o seu nome de verdade?

Ela se voltou para ele e aquiesceu, num gesto quase imperceptível.

— LuAnn Tyler. Você estava certo a respeito da Georgia. Dez anos atrás eu

era muito diferente. Muito diferente mesmo.

— Eu acredito, embora seja capaz de apostar que sempre teve esse cruzado de direita — Riggs tentou um sorriso, mas ambos sabiam que não havia do que rir.

Riggs enfiou a mão no bolso, sob o olhar atento de LuAnn, e jogou algo para ela. LuAnn pegou o chaveiro na palma da mão.

— Obrigado por me deixar usar o BMW; pode ser que você precise de potência no motor para o caso de o tal sujeito resolver persegui-la de novo.

Ela franziu a testa, baixou os olhos e saiu.

40

USANDO UM CASACO LONGO de couro preto e chapéu combinando, olhos escondidos atrás de óculos escuros, LuAnn deteve-se à porta do "Ordinary", uma antiga construção de madeira que fazia parte da Michie's Tavern, uma estrutura histórica do final do século XVIII que mais tarde fora deslocada para sua atual locação na estrada de Monticello, já no final da década de 1920. Era hora do almoço e o lugar começava a ficar repleto de turistas que forravam o estômago com o bufê de frango frito ali oferecido após terem visitado a casa de Jefferson e sua vizinha Ash Lawn, ou se abasteciam antes de darem início ao giro turístico. Do lado de dentro, o fogo crepitava na lareira, e LuAnn, que chegara cedo como medida de precaução, permanecera primeiro algum tempo junto do fogo antes de decidir esperar o homem do lado de fora. Levantou os olhos quando ele se adiantou em sua direção. Mesmo sem barba, reconheceu-o prontamente.

— Vamos — disse Donovan.

LuAnn o encarou.

— Aonde vamos?

— Você me segue no seu carro. Vou acompanhar pelo retrovisor. Se perceber a presença de alguém que mesmo remotamente pareça estar nos seguindo, pego meu celular e você vai para a prisão.

— Não vou seguir você a parte alguma.

Ele aproximou o rosto do dela e disse, falando baixo:

— Acho que você talvez prefira reconsiderar.

— Não sei quem você é ou o que deseja. Disse que queria me ver. Estou aqui.

Donovan olhou em torno para o monte de gente que se aproximava do restaurante.

— Eu tinha em mente algo mais reservado do que isto aqui.

— Você escolheu o lugar.

— É verdade — concordou Donovan, que enfiou a mão nos bolsos, olhando para ela com evidente desconforto.

Foi LuAnn quem rompeu o silêncio.

— Vou lhe dizer uma coisa, nós vamos dar uma volta no meu carro — ela o encarou ameaçadoramente e baixou o tom de voz. — Mas não tente qualquer coisa, porque, se o fizer, eu machuco você.

Donovan ficou em silêncio por um momento, a respiração ofegante, mas com a mesma rapidez silenciou ao encará-la e ver a expressão de seus olhos. Seu

corpo estremeceu involuntariamente e ele acompanhou as longas passadas de LuAnn até o carro.

LuAnn atingiu a Interestadual 64 e colocou o carro em controle automático de velocidade. Donovan virou-se para ela.

— Sabe, há pouco você ameaçou me machucar. Talvez tenha mesmo matado o tal sujeito do trailer.

— Eu não matei ninguém. Não fiz nada de errado naquele trailer.

Donovan estudou suas feições e desviou o rosto. Quando falou de novo, seu tom de voz era mais suave, mais calmo.

— Não gastei os últimos meses rastreando-a, LuAnn, para destruir sua vida.

Ela o encarou.

— Então para que fez isso?

— Conte-me o que foi que aconteceu no trailer.

LuAnn sacudiu a cabeça, frustrada, e permaneceu em silêncio.

— Olhe, já meti a cara investigando muitas sujeiras durante a minha vida e sei ler nas entrelinhas. Não acredito que você tenha matado ninguém — disse Donovan. — Vamos, deixe disso. Não sou tira. Pode verificar, se quiser. Li todas as narrativas que saíram nos jornais. Gostaria de ouvir sua versão.

LuAnn deixou escapar um suspiro fundo e olhou para ele.

— Duane estava traficando drogas. Eu não sabia de nada. Só queria sair daquela vida. Fui até o trailer dizer isso a ele. Encontrei Duane seriamente ferido, cortado. Um homem me agarrou, tentou passar a faca na minha garganta. Lutamos. Bati nele com o telefone e ele morreu.

Donovan ficou assombrado.

— Você só bateu nele com o telefone?

— Mas bati muito forte. Acho que rachei o crânio dele.

Donovan esfregou o queixo pensativamente.

— O homem não morreu disso. Foi esfaqueado até morrer.

O BMW quase saiu da estrada. Quando recuperou o controle do carro, LuAnn virou-se para ele, os olhos arregalados.

— O quê? — perguntou, ofegante.

— Li o relatório da autópsia. Ele realmente tinha um ferimento no crânio, mas não foi fatal. Morreu de ferimentos múltiplos a faca no peito. Não há a menor dúvida a este respeito.

LuAnn não teve de pensar muito tempo para deduzir o que acontecera. Arco-Íris. Arco-Íris o matara. E depois mentira para ela. Sacudiu a cabeça. *Por que isso deveria ser uma grande surpresa*?, pensou.

— Todos esses anos eu acreditei que o houvesse matado.

— É uma coisa horrível para uma pessoa carregar na consciência. Fico

satisfeito por ver que agora pode aliviar-se desse fardo.

— A polícia não pode continuar interessada nessa história — disse ela. — Já se passaram dez anos.

— É neste ponto que você teve um azar inacreditável. O tio de Duane, Harvey, é o xerife de Rikersville atualmente.

— Billy Harvey é o xerife? — indagou LuAnn, atônita. — Ele é um dos maiores vigaristas de lá. Tinha uma desmanche de automóveis, jogava nos salões ao fundo dos bares e se metia em tudo em que fosse possível ganhar um dólar ilegalmente. Duane vivia tentando se associar a ele de algum modo, mas Billy sabia que Duane era burro demais e não era confiável. Provavelmente foi por causa disso que acabou vendendo drogas em Gwinnett.

— Não duvido. Mas o fato é que ele é o xerife. Provavelmente concluiu que o melhor meio de evitar problemas com a polícia era passar a ser, ele mesmo, a polícia.

— Você falou com ele?

Donovan fez que sim.

— De acordo com ele, a família jamais aceitou a perda do pobre Duane e o modo rápido com que saiu deste mundo. Ele disse que o lance das drogas manchou a reputação da família inteira. E o dinheiro que você mandou? Em vez de curar, foi como se tivessem jogado sal nas feridas, como se você tivesse tentado comprá-los, de alguma maneira. Quer dizer, eles gastaram o dinheiro e tudo mais, mas sem gostar, pelo menos de acordo com o ilustre Billy Harvey. Resumindo, ele me disse que o inquérito ainda está em vigor e que não vai descansar enquanto LuAnn Tyler não for levada a julgamento. Pelo que entendi, a teoria dele é que você é que tinha se envolvido com o tráfico de drogas, porque queria fugir de Duane e da vida monótona que levavam. Duane morreu tentando salvá-la e depois você assassinou o outro sujeito, que seria seu sócio.

— Um monte de mentiras.

Donovan deu de ombros.

— Você sabe que são mentiras, eu também sei. Mas quem vai decidir é um corpo de jurados escolhido entre seus pares, as pessoas de Rikersville, Georgia — ele se interrompeu por um momento, a admirar as roupas caras de LuAnn. — Ou, pelo menos, entre as pessoas que antigamente eram seus pares. Eu recomendaria que você não usasse esta roupa no julgamento. Poderia causar uma impressão errada. com Duane morto, e depois de você ter passado dez anos representando o papel de uma nova Jackie Onassis, não ia ter boa aceitação de parte daquelas boas pessoas de lá.

— Diga-me alguma coisa que eu não saiba — ela fez uma pausa. — Então é essa a jogada? Se eu não falar você vai me entregar a Billy Harvey?

Donovan bateu com a mão no painel.

— Pode ser que você se surpreenda, mas não ligo a mínima para essas coisas. Se você matou o tal homem, foi em legítima defesa. Nisto eu acredito.

LuAnn ergueu os óculos escuros e o encarou.

— Então para o que é que você liga?

Ele inclinou a cabeça na direção dela.

— A loteria — as sobrancelhas dele formavam um arco.

LuAnn rebateu, com tranquilidade.

— O que é que tem a loteria?

— Você ganhou dez anos atrás. Cem milhões de dólares.

— E daí?

— E daí, como foi que você ganhou?

— Comprei um bilhete que veio a ser o bilhete vencedor, de que outro modo poderia ter sido?

— Não é a isso que me refiro. Deixe eu lhe passar algumas informações. Sem entrar em muitos dados técnicos, estudei dez anos de ganhadores da sorte grande na loteria. Há uma taxa constante de falência declarada de nove em cada doze, todos os anos. A coisa é regular, dá para acertar o relógio. De repente dou com doze ganhadores consecutivos que, de algum modo, conseguiram evitar a falência, e você estava bem no meio deles. Como é que isso foi possível?

Ela dirigiu-lhe um rápido olhar.

— Como é que eu vou saber? Tive bons administradores financeiros. Talvez os outros também tenham tido.

— Você não pagou imposto de renda em nove dos últimos dez anos. Talvez isso ajude.

— Como você sabe disso?

— Vou repetir: todo tipo de informação está disponível. Só é preciso saber onde procurar. Eu sei.

— Você teria de falar com os meus assessores financeiros. Eu morava fora e talvez o rendimento não fosse tributável aqui.

— Duvido. Já escrevi um número suficiente de matérias financeiras para saber que não há nada que Tio Sam deixe de tributar, isto é, desde que consiga encontrar.

— Então ligue para o Imposto de Renda e me denuncie.

— Não é esta a história que estou procurando.

— História?

— Exatamente. Esqueci-me de informar o motivo pelo qual vim visitá-la. Meu nome é Thomas Donovan. Provavelmente você não ouviu falar de mim, mas sou jornalista do *Washington Tribune*, já vai para trinta anos, e sou

muitíssimo bom no que faço, se me permite fazer minha própria propaganda. Algum tempo atrás decidi escrever uma história sobre a loteria nacional. Pessoalmente, acho que a coisa toda é uma fraude grotesca. Nosso próprio governo fazendo uma coisa dessas com os pobres... Divulgando aqueles anúncios atraentes, como cenouras na frente do burro que puxa a carroça, para convencer as pessoas a trocar os cheques que recebem do Serviço Social a fim de jogar algum dinheiro num jogo em que as probabilidades são de um em muitos milhões. Desculpe-me o arrebatamento. Mas só escrevo sobre coisas que me apaixonem. De qualquer modo, minha abordagem inicial era falar dos ricos que sugavam o dinheiro dos pobres depois que estes ganhavam a sorte grande. Você sabe, vigaristas que se dizem especializados em investimentos, gente empurrando um esquema após outro nos vencedores, e o governo deixando que sigam em frente e façam tudo, para depois, quando as finanças dos vencedores estiverem tão depauperadas que eles não conseguem mais pagar os impostos, vem a Receita Federal e lhes tira até o último centavo, deixando-os mais pobres do que antes. Uma boa história e do tipo que eu acho que necessita ser contada. Pois muito bem, quando eu estava pesquisando para escrever a matéria, descubro essa coincidência tão interessante sobre os vencedores da loteria de um determinado ano. Nenhum deles perdeu um único dólar do dinheiro ganho. Na verdade, usando-se como parâmetro suas declarações de renda, todos estão mais ricos agora. Muito mais ricos. Desse modo eu descobri seu paradeiro e aqui estou. O que quero é muito simples: a verdade.

— E, se eu não lhe contar a verdade, termino em uma prisão da Georgia, é isso? Foi o que você quis dizer ao telefone.

Donovan lançou a LuAnn um olhar cheio de raiva.

— Ganhei dois prêmios Pulitzer antes de completar trinta e cinco anos. Cobri o Vietnã, a Coreia, China, Bósnia e África do Sul. Levei dois tiros. Passei a vida inteira visitando lugares onde o perigo de vida era imenso. Sou tão honesto quanto a mais honesta das criaturas. Não vou chantagear você, porque não é assim que eu ajo. Eu lhe disse isso pelo telefone só para fazê-la encontrar-se comigo. Se o xerife Billy a pegar, não há de ser com a minha ajuda. Pessoalmente espero que nunca pegue.

— Muito obrigada.

— Mas, se você não me contar a verdade, eu a descobrirei em algum outro lugar. E aí vou escrever a matéria. E, se você não me contar a sua versão, não posso lhe garantir que irei retratá-la de forma lisonjeira. Eu relato os fatos, estou pouco me incomodando em quem vai cair a culpa. Se quiser me falar, eu só posso lhe garantir uma coisa: que o seu lado da história será ouvido. Mas, se você violou a lei de algum modo, não há nada que eu possa fazer. Não sou tira, e

tampouco sou juiz — ele fez uma pausa e a fitou. — E então, o que é que vai ser?

Ela não falou por diversos minutos, os olhos fixos na estrada à frente. Ele podia ver o conflito que se desenrolava em seu íntimo.

Finalmente LuAnn olhou para ele e desabafou.

— Quero lhe dizer a verdade. Meu Deus, como eu quero lhe dizer a verdade — ela respirou tão fundo que chegou a estremecer. — Mas não posso.

— Por que não?

— Você já está correndo grande perigo. Se eu lhe dissesse qualquer coisa, esse perigo certamente se transformaria em morte.

— Ora, deixe disso LuAnn. Já estive em lugares perigosos antes. Ganho para isso. O que é, e o que está por trás disso?

— Quero que você deixe o país.

— Como?

— Eu pago. Você escolhe o lugar, eu tomo todas as providências. Abro uma conta para você.

— É esse o modo como você lida com os problemas? Manda-os para a Europa? Desculpe, mas tenho uma vida aqui para viver.

— É exatamente isso. Se ficar não vai ter vida alguma.

— Você vai ter de reforçar sua argumentação. Se colaborar comigo, poderemos realmente conseguir algum resultado. Basta falar comigo. Confiarem mim. Não vim até aqui para prejudicá-la. Mas também não vim para ouvir um monte de mentiras.

— Estou falando a verdade. Você corre enorme perigo!

Donovan não estava mais ouvindo. Esfregava o queixo, ao mesmo tempo em que pensava em voz alta.

— Histórias semelhantes. Todos pobres, desesperados — olhou para ela, segurou-lhe o braço. — Vamos, LuAnn, você teve ajuda ao deixar o país dez anos atrás. Posso sentir o cheiro da história, basta que me diga qual é o ângulo certo. De repente isso pode emparelhar com a história do sequestro do bebê Lindbergh e a da morte de JFK. Preciso saber a verdade. É o governo quem está por trás de tudo? O governo está faturando bilhões com a loteria todo mês, sugando o dinheiro dos pobres. O exemplo típico daquilo contra o que se lutou no princípio: paga-se uma espécie de imposto sem direito a representação política correspondente — Donovan esfregou as mãos energicamente. — Estamos nos referindo à Casa Branca? Por favor, diga-me.

— Não estou lhe dizendo nada. Justamente por querer que você continue vivo.

— Se você cooperar comigo, nós dois sairemos ganhando. — Não considero

ser assassinada uma vitória. Você considera?

— Última oportunidade.

— Quer fazer o favor de acreditar em mim?

— Acreditar em quê? Você ainda não me disse nada — exclamou ele.

— Se eu lhe contar o que sei, será a mesma coisa que colocar uma pistola em sua cabeça e eu mesma puxar o gatilho.

Donovan suspirou.

— Então por que não me leva de volta ao meu carro? Não sei não, LuAnn, acho que eu esperava mais de você. Nasceu pobre e miserável, criou uma filha sozinha e depois teve essa oportunidade inacreditável. Eu achava que você podia render uma matéria fantástica.

LuAnn engrenou e eles saíram de novo. Ela deu uma ou duas olhadas nele e começou a falar bem baixinho, como se tivesse medo de que a ouvissem.

— Sr. Donovan, a pessoa que o procura neste exato momento não é alguém com quem o senhor gostaria de se envolver. Ele me disse que o mataria porque era possível que soubesse demais. E matará! A menos que desapareça agora, neste instante, ele o achará, com toda a certeza, e, quando o encontrar, não será nada bom. Essa pessoa é capaz de tudo. Absolutamente tudo.

Donovan teve uma intuição. Seu rosto ficou imobilizado e ele se virou vagarosamente para encará-la quando afinal encontrou a resposta.

— Até mesmo transformar uma mulher pobre da Georgia em milionária?

Donovan viu que LuAnn estremeceu ligeiramente quando ele formulou a pergunta. E seus olhos se arregalaram.

— Jesus, é isso, não é? Você disse que o homem é capaz de qualquer coisa, ou seja, pode fazer qualquer coisa. Ele fez de você uma vencedora da loteria, não foi? Uma mulher que mal completara os vinte anos de idade fugindo da polícia por acreditar que tinha cometido um homicídio...

— Sr. Donovan, por favor...

— Ela compra um bilhete de loteria e depois, por acaso, vai para Nova York, onde o sorteio se realiza. E, imagine só, ganha cem milhões de dólares — Donovan deu um tapa no painel do carro com a palma da mão. — Meu Deus do céu, o resultado na loteria nacional foi arranjado.

— Sr. Donovan, o senhor vai ter que esquecer isso.

O rosto de Donovan ficou muito vermelho.

— De jeito nenhum, LuAnn. De jeito nenhum. Como já falei, você não poderia ter iludido a polícia de Nova York e o FBI inteiramente sozinha. Teve ajuda, muita ajuda. Essa história de cobertura elaborada que você teve na Europa. Sua assessoria financeira "perfeita". Esse sujeito montou tudo. Tudo mesmo, não foi? — LuAnn não respondeu. — Meu Deus, não posso acreditar

que eu não tenha enxergado isso antes. Só agora, sentado aqui a seu lado, conversando com você, é que o quebra-cabeça foi resolvido. Eu vinha andando à deriva, em círculos, meses a fio, e agora — ele se virou de lado no banco. — Você não é a única, certo? Os outros onze que não faliram? Talvez mais. Estou certo?

LuAnn sacudia a cabeça com força.

— Pare, por favor!

— Ele não fez isso de graça Deve ter ficado com parte do prêmio Mas, meu Deus, como foi que ele conseguiu manipular o resultado? Por quê? O que está fazendo com todo esse dinheiro? Não pode ser um sujeito só — Donovan disparava as perguntas a torto e a direito — Quem, o quê, quando, por quê, como? — ele a segurou pelo ombro. — Tudo bem, aceito sua afirmativa de que quem quer que esteja por trás de tudo isso seja um indivíduo muito perigoso. Mas não desconsidere o poder da imprensa, LuAnn. Já derrubou bandidos maiores que esse. E nós podemos com ele, se trabalharmos juntos — como LuAnn não respondeu, Donovan largou o ombro dela. — Tudo o que lhe peço é que pense nisso, LuAnn. Mas não temos muito tempo.

Quando retornaram ao ponto onde estava o carro de Donovan, ele saltou e abaixou a cabeça para falar com LuAnn.

— Ligando para este número aqui você fala comigo a qualquer hora — ele quis entregar um cartão que LuAnn não aceitou.

— Não quero saber como entrar em contato com você. Será mais seguro para você mesmo — LuAnn de repente estendeu a mão e apertou a de Donovan. A força foi tanta que ele estremeceu com a pressão dos seus dedos.

— Quer fazer o favor de pegar isso? — ela meteu a mão na bolsa e tirou um envelope. — Há dez mil dólares aqui. Faça as malas, vá para o aeroporto, pegue um avião e dê o fora, suma daqui. Telefone quando chegar e eu lhe mandarei dinheiro o bastante para sustentá-lo em hotéis e restaurantes o tempo que quiser.

— Não quero dinheiro, LuAnn. Quero a verdade.

LuAnn lutou para não gritar.

— Droga, estou me esforçando ao máximo para salvar sua vida.

Ele largou o cartão em cima do banco da frente.

— Você me avisou e eu fico agradecido. Mas, se não me ajudar, conseguirei ajuda em outro lugar. De um jeito ou de outro, a história será contada — Donovan lhe dirigiu um olhar agourento. — Se essa pessoa representar metade do perigo a que você se refere, você talvez queira pensar em desaparecer. Eu posso ser o alvo agora, mas sou eu sozinho. Você tem uma filha — ele fez uma nova pausa e um momento antes de se virar para ir embora, disse: — Espero que tanto eu quanto você consigamos nos safar dessa, LuAnn. Sinceramente.

Ele atravessou o estacionamento até onde deixara seu carro, entrou e saiu logo. LuAnn ficou olhando. Respirou fundo, tentando acalmar os nervos abalados. Jackson ia matar aquele homem a menos que fizesse alguma coisa Mas o que podia fazer? Para começar, não ia contar a Jackson o encontro que acabara de ter com Donovan. Olhou ao redor, em busca de qualquer sinal de Jackson na área de estacionamento. De que adiantava? Ele podia ser qualquer uma daquelas pessoas. Seu coração teve outro sobressalto. Ele podia ter grampeado as linhas telefônicas.

E nesse caso saberia do telefonema de Donovan e que eles tinham planejado se encontrar. Assim, era altamente provável que a tivesse seguido. E neste exato momento Jackson estaria seguindo Donovan. Desviou o olhar para a estrada. O automóvel de Donovan já estava fora de vista. LuAnn bateu com os punhos no volante.

LuAnn não sabia se Jackson tinha grampeado seu telefone, o que ele não fizera. Mas ela também não sabia que, diretamente embaixo do seu banco, um pequeno transmissor fora fixado ao chão. Toda a sua conversa com Donovan acabara de ser ouvida por outra pessoa.

41

RIGGS DESLIGOU o RECEPTOR e o ronco do motor do BMW de LuAnn não foi mais ouvido. Tirou lentamente o fone dos ouvidos, recostou-se na cadeira da escrivaninha e deixou escapar o ar dos pulmões. Tinha previsto que obteria alguma informação sobre LuAnn Tyler e a conversa que ela teria com o homem que agora sabia ser Thomas Donovan, o repórter. O nome dele era familiar a Riggs, que já vira sua assinatura em muitos artigos nos últimos anos. Não havia previsto, contudo, tropeçar em algo com todas as características de uma grave conspiração.

— Droga! — Riggs levantou e olhou pela janela do escritório que tinha em casa. As árvores estavam espantosamente lindas, e o céu de um azul-claro ao mesmo tempo fascinante e tranquilizador. Do lado direito um esquilo subiu correndo em uma árvore, com uma noz segura fortemente na boca. Mais atrás, por entre os grossos troncos, era possível distinguir uma fileira de cervos liderada por um macho com urna galhada de seis pontas, dirigindo-se cuidadosamente para o laguinho alimentado por uma fonte e situado em sua propriedade. Tão pacífico, tão sereno, tudo o que havia sonhado. Olhou de novo para o receptor que usara para escutar a conversa entre Lu Ann e Donovan. — LuAnn Tyler — disse, em voz alta. Nada de Catherine Savage, nem mesmo perto, ela dissera. Nova identidade, vida nova, longe, bem longe. Algo que Riggs certamente podia entender.

Ele olhou para o telefone, hesitou e depois o pegou. O número para o qual iria ligar lhe fora dado cinco anos atrás para emergências, da mesma forma que, sem que Riggs soubesse, Jackson também dera um número para LuAnn, dez anos antes. Só para emergências. Bem, decidiu Riggs enquanto teclava os números, imaginava que aquilo podia ser chamado de emergência.

Uma voz digitalizada atendeu. Riggs deixou uma série de números e depois seu nome. Falou lentamente a fim de permitir que o computador verificasse a autenticidade do padrão vocal. Desligou o aparelho. Um minuto mais tarde a campainha tocou. Riggs atendeu.

— Foi rápido — disse Riggs, sentando de novo.

— Esse número chama a nossa atenção. Qual é a situação? Você está em dificuldades?

— Não diretamente. Mas esbarrei em algo que preciso verificar.

— Pessoa, lugar ou coisa?

— Pessoa.

— Estou pronto, quem é?

Riggs respirou fundo e rezou para que estivesse fazendo a coisa certa. A ideia era pelo menos melhorar suas apostas até compreender um pouco melhor o que ocorria.

— Preciso saber o que existe a respeito de uma pessoa chamada LuAnn Tyler.



O telefone do carro de LuAnn tocou quando ela estava voltando para casa.

— Alô?

A voz do outro lado da linha fez com que respirasse com mais facilidade.

— Não me diga onde está, Charlie, não podemos ter certeza de que esta linha esteja limpa — ela verificou o ponto da estrada em que se encontrava. — Dê-me vinte minutos e ligue para o ponto combinado.

Ela desligou. Quando foram morar em Charlottesville, haviam identificado um telefone público em um McDonald's que recebia chamados de fora e o elegeram como o telefone seguro a ser usado quando fosse preciso.

Vinte minutos mais tarde ela estava de pé diante do telefone, que atendeu ao primeiro toque.

— Como está Lisa?

Charlie falou baixo.

— Bem, tanto eu quanto ela estamos bem. Lisa ainda está zangada. Mas quem pode culpar a pobre menina?

— Eu sei. Ela pelo menos falou com você?

— Falou um pouco. Mas acho que eu e você somos o inimigo, no que diz respeito a ela. Só que é reservada, não abre o jogo de modo algum. Parecida com a mãe, não é?

— Onde ela está?

— Estirada na cama. Viajamos a noite toda, e ela não dormiu muito, só olhando pela janela do carro.

— Onde vocês estão?

— Neste exato momento em um motel nas cercanias de Gettysburg, Pensilvânia, junto da fronteira do estado de Maryland. Tivemos de parar, eu estava dormindo no volante.

— Você não usou cartão de crédito, não é? Jackson é capaz de seguir o rastro de uma pessoa pelo uso do cartão.

— Pensa que eu sou fugitivo de primeira viagem? Tudo em dinheiro.

— Algum sinal que tenha sido seguido?

— Variei a rota, peguei a interestadual, estradas secundárias, um monte de paradas em lugares públicos. Verifiquei todo carro que me parecesse familiar, mesmo que vagamente. Não há ninguém nos seguindo. E aí o seu lado, como vai? Fez contato com Riggs?

LuAnn ficou ruborizada com a pergunta.

— Acho que se pode dizer isso — ela fez uma pausa e pigarreou. — Tive um encontro com Donovan.

— Quem?

— O tal sujeito do chalé. O nome dele é Donovan. É repórter.

— Droga!

— Ele sabe dos doze ganhadores da loteria.

— Como?

— É mais ou menos complicado, mas basicamente porque nenhum dos doze requereu falência. Na verdade todos nós ficamos muito mais ricos por intermédio de investimentos bem realizados. Acho que isso é bem raro acontecer com vencedores de loteria.

— Puxa, quer dizer então que Jackson não é infalível.

— O que é um pensamento reconfortante. Tenho de ir. Qual é o telefone aí?

Charlie deu o telefone e acrescentou. — Eu trouxe também o celular, LuAnn. Sabe o número?

— De cor.

— Não gosto de ver você inteiramente sozinha.

— Estou bem. Tenho de pensar em todas essas coisas. Quando Jackson aparecer, quero estar preparada para ele.

— Não sei se é possível. Aquele cara não é humano.

LuAnn desligou e voltou para o carro. Tão disfarçadamente quanto pôde, esquadrinhou o estacionamento em busca de alguém que parecesse — mesmo que remotamente — suspeito.

Mas esse era o problema: a aparência de Jackson nunca era suspeita.

Charlie desligou o telefone, viu como estava Lisa e foi para a janela do quarto do motel. Era no andar térreo e o prédio fora construído em forma de ferradura, de modo que dali era possível ver não apenas o estacionamento como também os quartos do motel do outro lado do estacionamento. Ele tinha o hábito de examinar tudo quanto era estacionamento de automóvel de trinta em trinta minutos, a fim de ver quem chegava depois. Selecionava sempre lugares bastante isolados para facilitar a descoberta de alguém que porventura o seguisse. A despeito de toda perspicácia do seu exame, não podia ter visto o

binóculo focalizado em cima dele, no recesso escuro do quarto de motel que ficava diretamente em frente ao seu. O carro dessa pessoa não se encontrava no estacionamento porque ela não era hóspede do motel. Invadira aquele quarto na hora em que Charlie e Lisa saíram para comer. O homem baixou o binóculo e rabiscou qualquer coisa em um caderninho antes de assumir novamente seu quarto de sentinela.

42

O BMW VIROU NA ENTRADA DE CARROS e parou. LuAnn se deixou ficar sentada, olhando fixamente para a casa. Não tinha voltado para a sua casa. Depois de dirigir à toa por algum tempo, decidira vir até ali. Lá estava o jipe, de modo que ele também devia estar. Ela saltou e dirigiu-se para a escadaria larga da casa de estilo vitoriano.

Riggs ouviu a aproximação de LuAnn. Terminava agora o telefonema que dera e tinha à sua frente um papel cheio de anotações. Coligira muito mais informações do que desejara saber. Sentia um nó na boca do estômago só de pensar naquilo tudo.

Abriu a porta quando ela bateu e passou direto sem sequer olhar para ele.

— Como é que foi? — perguntou ele.

LuAnn vagou pela sala antes de se acomodar no sofá e levantar os olhos para ele, encolhendo os ombros.

— Não muito bem, na verdade — a voz dela era absolutamente desanimada. Riggs esfregou os olhos e sentou-se em uma poltrona em frente a ela.

— Fale-me a respeito.

— Por quê? Por que diabos eu ia querer ver você envolvido em tudo isso?

Riggs fez uma pausa e considerou brevemente o que estava prestes a dizer. Podia perfeitamente sair fora daquilo. Era óbvio que ela estava lhe proporcionando a oportunidade de fazê-lo. Podia simplesmente concordar, dizer que ela estava certa e acompanhá-la até a porta e para fora de sua vida. Mas, ao fitá-la, vendo-a tão cansada, tão sozinha, falou baixo e intensamente.

— Quero ajudar você.

— Ótimo, mas eu realmente não saberia onde começar.

— Que tal na Georgia, dez anos atrás, com você fugindo da polícia por causa de um crime que não cometeu?

Ela arregalou os olhos para ele, mordendo o lábio. Queria desesperadamente confiar naquele homem, era quase uma necessidade fisiologicamente irresistível. E, ainda assim, ao ver o corredor que conduzia ao escritório, onde vira as informações que ele coligira a seu respeito com tanta facilidade e rapidez, as dúvidas voltaram, atropelando-a. Jackson desconfiava dele. Quem era na verdade? De onde viera? O que fazia anteriormente?

Quando olhou outra vez para Riggs, ele a observava detidamente. Percebeu a incerteza, as suspeitas que ela sentia.

— LuAnn, sei que na verdade você não me conhece. Ainda. Mas pode

confiar em mim.

— Eu quero, Matthew. Eu realmente quero confiar em você. Mas... — ela se levantou e começou suas caminhadas rituais, circulando pela sala. — Mas nos últimos dez anos contraí o hábito de jamais confiar em alguém. De qualquer outra pessoa que não fosse Charlie.

— Bem, Charlie não está por perto, e pelo andar da carruagem, você não vai conseguir lidar com isso sozinha.

— Você não ia acreditar no que sou capaz de enfrentar sozinha — retrucou ela, irritada.

— Não duvido de você. De modo algum — disse ele, com tanta sinceridade que a desarmou.

— E permitir que você se envolva significa, em última instância, colocá-lo em perigo. Não quero ter esse peso na consciência.

— Você se surpreenderia se soubesse como estou acostumado a lidar com coisas perigosas. E pessoas.

Ela fixou o olhar nele, uma sugestão de sorriso nos lábios. Seus olhos cor de avelã o deixavam tonto, evocando a lembrança recente de momentos de tanto amor.

— E além de tudo não quero que você se machuque.

— Então por que está aqui? Mesmo que tenha sido uma manhã fantástica, duvido que tenha vindo para uma sessão do meio-dia. Posso afirmar que tem outras coisas na cabeça.

Ela sentou e cruzou as mãos. Depois de meditar por mais um minuto, começou a falar, com evidente sinceridade.

— O nome do homem era Thomas Donovan. Repórter. Começou a me investigar.

— Por quê? Por que você? O assassinato? LuAnn hesitou antes de responder.

— Em parte, sim.

— E qual era a outra parte?

LuAnn não respondeu de imediato; limitou-se a olhar para o chão. Partilhar informações pessoais com qualquer pessoa que não fosse Charlie era algo que ia contra todos os seus instintos.

Riggs decidiu arriscar.

— Teve a ver com a loteria?

Ela levantou a cabeça vagarosamente, o assombro espelhado no rosto.

— Eu sabia seu nome verdadeiro e tive um estalo. Você ganhou cem milhões de dólares dez anos atrás, e muitas histórias a seu respeito foram publicadas. Então você desapareceu.

Ela o examinou, apreensiva, todos os seus alarmes internos disparando. A

expressão do rosto dele, contudo, era da mais completa e total sinceridade e afinal esta sinceridade prevaleceu sobre as suspeitas dela, pelo menos temporariamente.

— Sim, eu ganhei esse dinheiro.

— O que era então que Donovan queria? Sua versão do assassinato?

— Em parte.

— E qual seria a outra parte? — persistiu ele.

Os alarmes de LuAnn soaram de novo e desta vez a expressão de sinceridade de Riggs não os calou.

— Tenho que ir andando — disse ela, levantando-se.

— Deixe disso, LuAnn. Fale comigo.

— Acho que já falei mais do que deveria.

Riggs sabia muito mais do que aquilo que LuAnn lhe dissera, mas preferia ter ouvido diretamente dela. Sua fonte de informação, naturalmente, quis saber o motivo de sua curiosidade. Riggs mentira, ou quase. Não ia entregar LuAnn Tyler, pelo menos por enquanto. Não tinha motivo para confiar nela. Ao contrário, tinha muitas razões para não confiar. Mas o que se passava era justamente o contrário. Ele acreditava nela. Ele realmente confiava em LuAnn Tyler.

Quando a mão dela se fechou sobre a maçaneta, ele exclamou.

— LuAnn, se mudar de ideia, estarei aqui.

Não olhou para ele, com medo do que poderia acontecer se olhasse. A vontade que tinha era de lhe contar tudo. Queria sua ajuda, queria fazer amor com ele de novo.

Depois de todos aqueles anos de mentiras e invenções e constante medo de ser exposta, só queria ser abraçada, ser amada pelo que era e não pela sua enorme fortuna.

Riggs observou o BMW afastar-se. Quando desapareceu, virou-se e voltou para o escritório. Por causa das indagações que fizera sobre LuAnn Tyler, sabia muito bem que os federais sem dúvida nenhuma despachariam alguns agentes para Charlottesville a fim de falar com ele ou pelo menos para orientar o envolvimento do escritório local do FBI. Mas, por causa do seu status especial, teriam de ultrapassar algumas barreiras para que isso pudesse ser feito, o que lhe dava algum tempo, embora não muito. Quando os rapazes do Bureau chegassem, tudo estaria acabado para LuAnn. Toda a trabalheira que ela tivera nos últimos dez anos para desaparecer, Riggs podia detonar nos próximos dias. Uma forte emoção dizia a ele que não podia permitir que isso acontecesse, a despeito do que sabia sobre ela. "No decurso da sua antiga carreira, a mistificação tornara-se um meio de vida. Da mesma forma, a avaliação das pessoas, a distinção de boas

e más, no limite do possível. LuAnn era uma boa pessoa, Riggs concluíra havia bastante tempo. Mesmo que não quisesse sua ajuda, ela a teria. Mas estava, obviamente, envolvida com algumas pessoas muito perigosas. Tanto quanto ele próprio, pensou Riggs.

43

LUANN CHEGOU EM CASA já era tarde; os empregados já haviam saído e Sally Beecham não voltaria senão no dia seguinte. Entrou em casa pela garagem, teclou o código do alarme e largou o casaco e a bolsa na cozinha. Depois subiu para tomar um banho e trocar de roupa. Tinha muito em que pensar.

Em meio à cerca que delimitava o gramado do lado da garagem, Jackson ajoelhou sobre a cobertura orgânica colocada entre os arbustos para impedir, entre outras coisas, o congelamento das raízes e sorriu. Abaixou o pequeno equipamento que segurava. No seu visor apareciam os seis números que constituíam a senha de LuAnn para passar pelo sistema de alarme da casa. O escâner captara os impulsos elétricos gerados quando LuAnn teclara seu código e os decifrara. com a senha, Jackson ia poder entrar e sair à vontade.

Quando retornou ao carro alugado, o telefone celular tocou. Ele falou por alguns momentos e desligou. Charlie e Lisa se encontravam em um motel próximo de Gettysburg.

Provavelmente se deslocariam de novo muito em breve. LuAnn tentara afastá-los dele, ou melhor, afastar Lisa dele. Charlie podia cuidar de si, Jackson sabia muito bem. Se fosse necessário, Lisa seria o calcanhar de aquiles da mãe.

Da janela LuAnn vira o vulto seguir ao lado da fileira de árvores em direção à estrada principal. Os passos furtivos lembravam os de um animal, ou mesmo os dela, precisos, elásticos. Não sabia dizer o que a atraíra à janela naquele preciso instante. O fato é que não sentiu medo ou apreensão ao observar Jackson descer a suave elevação. Esperara que ele estivesse ali. Por que razão específica ou há quanto tempo Jackson estaria observando a casa, não poderia dizer ao certo. Só sabia que era algo completamente lógico. Ela era agora o centro das atenções dele, sabia disso. Como também sabia que isso era o mesmo que estar à beira do túmulo. Cerrou a cortina e sentou-se na cama. A casa enorme era fria e ameaçadora, e tinha a impressão de estar sozinha em um mausoléu de imensas proporções, esperando que algo indizivelmente horrível ocorresse.

Será que Lisa estaria mesmo a salvo, fora do alcance do homem? A resposta a esta pergunta foi tão óbvia que a atingiu com a violência de uma bofetada.

Sou capaz de fazer qualquer coisa, LuAnn.

A lembrança das palavras zombeteiras depois de todos aqueles anos lhe trouxe um calafrio. Riggs estava certo, não podia enfrentar aquilo sozinha. Ele oferecera ajuda, e desta vez ela precisava. Se estava tomando a decisão certa ou não, não importava. Precisava fazer qualquer coisa já, naquele instante.

Levantou-se de um pulo, pegou a chave do carro, abriu uma caixa no *closet* e pôs na bolsa a Magnum 44 niquelada. Desceu correndo a escada, entrou na garagem e um minuto depois o BMW voava pela estrada.

Riggs estava no quarto na parte de cima do celeiro quando ouviu o carro se aproximar e parar perto da garagem. Quando ele chegou na janela para dar uma olhada, LuAnn apareceu, dirigiu-se para a casa mas, sentindo a presença dele, virou-se para encará-lo. Ficaram imóveis por um instante, como se sondassem um ao outro. Um minuto depois ela estava sentada diante dele, esquentando as mãos no calor da estufa.

Desta vez Riggs não sentiu necessidade de poupar palavras.

— A loteria foi manipulada, não foi? Você sabia que ia ganhar, não sabia?

LuAnn levantou a cabeça bruscamente, numa reação que não chegou a se concretizar, porque quase ao mesmo tempo deixou escapar um suspiro de alívio.

— Sim — e com esta palavra parecia-lhe que seus últimos dez anos de vida tinham se evaporado subitamente. Uma sensação de limpeza. — Como foi que você concluiu isso?

— Tive certa ajuda.

LuAnn ficou tensa e se levantou vagarosamente. Teria acabado de cometer o maior erro de sua vida?

Riggs sentiu a súbita mudança e levantou uma das mãos. com toda a calma de que foi capaz, explicou: — Ninguém mais sabe de nada, por ora. Coligi informações de diversas fontes e arrisquei.

Ele hesitou antes de acrescentar.

— E também grampeei seu carro. Ouvi toda a conversa que você teve com Donovan.

— Quem diabos você é? — exclamou LuAnn, ao mesmo tempo em que, sem tirar os olhos dele, pegava a bolsa onde deixara a pistola.

Riggs limitou-se a ficar onde estava, sentado, os olhos fixos nela.

— Sou alguém muito parecido com você — foi a resposta dele, tão surpreendente que a imobilizou. Então se levantou, meteu as mãos nos bolsos e foi para a janela contemplar as árvores que o vento balançava delicadamente. — Meu passado é um segredo, meu presente é inventado. — Ele a encarou. — Uma impostura. Uma mentira. Mas por uma boa razão — ele ergueu as sobrancelhas. — Como você.

LuAnn tremeu por um instante. Sentiu as pernas fracas e abruptamente sentou no chão. Riggs rapidamente se ajoelhou a seu lado, segurando-lhe a mão.

— Não temos muito tempo, de modo que não vou abrandar as coisas. Fiz algumas indagações a seu respeito. Agi com discrição, mas mesmo assim vai ter consequências — ele a fitou intensamente. — Está em condições de ouvir o que

vou dizer?

LuAnn engoliu em seco e assentiu; o medo sumiu dos seus olhos e foi substituído por uma calma inexplicável.

— O FBI se interessa por você desde que fugiu do país. O caso foi deixado de lado por algum tempo, mas esta situação não tardará a ser alterada. Eles sabem que você está envolvida em alguma coisa, talvez tenha a ver com o modo como você ganhou o dinheiro, mas não sabem do que se trata e também nunca conseguiram provar nada.

— Se você grampeou o carro, sabe como foi que o Donovan descobriu.

Riggs fez que sim e a ajudou a se levantar. Os dois se sentaram no sofá.

— Falência dos ganhadores. Muito inteligente. Sei que os federais ainda não pensaram nisso. Você tem ideia de como foi feita a manipulação?

LuAnn sacudiu a cabeça negativamente.

— É uma organização, um grupo que está por trás disso? Donovan achava que seria o governo. Por favor, não me diga que é mesmo. Aí seria complicado demais.

— Não é, não — LuAnn falava com clareza agora, embora os resquícios do medo, o efeito da revelação súbita de segredos há tanto tempo guardados, pudessem ser identificados na expressão do seu rosto. — Até onde sei é uma pessoa.

Riggs se espantou.

— Uma pessoa? Não é possível ser apenas uma pessoa.

— Havia umas pessoas trabalhando para ele, pelo menos duas que eu saiba, mas tenho certeza absoluta de que era o chefe.

Isto era uma afirmativa no mínimo incompleta. LuAnn não era capaz de imaginar Jackson recebendo ordens de ninguém.

— Charlie era uma dessas pessoas.

Novo sobressalto.

— O que faz você dizer isso?

Riggs deu de ombros.

— A história do tio era meio sem pé nem cabeça. E vocês dois sempre me pareceram compartilhar um segredo. Não havia qualquer menção em toda a minha pesquisa à existência de um tio seu, de modo que presumi que ele entrou em cena depois do golpe da loteria.

— Não vou responder a isso — a última coisa que faria seria incriminar Charlie.

— Está certo. Mas que tal a pessoa por trás de tudo? O que pode me dizer acerca dele?

— Ele diz chamar-se Jackson — LuAnn deteve-se de repente, assombrada ao

ver que estava dizendo aquilo a alguém. Quando o nome passou pelos seus lábios, ela fechou os olhos e imaginou por um instante o que Jackson faria a ela, a todos eles, se tivesse ideia do que estava revelando. Olhou instintivamente por cima do ombro.

Riggs a segurou pelo ombro.

— LuAnn, você não está mais sozinha. Agora ele não pode mais feri-la.

Ela quase deu uma gargalhada.

— Matthew, se você for a pessoa com mais sorte deste mundo, ele nos matará depressa, em vez de nos fazer sofrer.

Riggs sentiu que o braço dela tremia. Como sabia que LuAnn era forte e decidida, era claro que estava apavorada.

— Se isso faz com que se sinta melhor — disse ele —, eu me envolvi com umas pessoas muito más no meu tempo, e ainda estou aqui. Todo mundo tem suas fraquezas.

— Certo, certo — a voz de LuAnn saiu num murmúrio, as palavras que pronunciou não tinham vida.

Riggs assumiu um tom áspero.

— Bem, se quiser se entregar e assumir uma atitude passiva, vá em frente. Só não sei como é que isso ajudaria Lisa. Se esse sujeito é tão assustador como você diz, acha que vai deixar que ela escape?

— Não falei nada a respeito disso com ela.

— Não é o que Jackson vai presumir. Ele vai achar que ela sabe de tudo e que terá de ser eliminada se as coisas se virarem contra ele.

— Eu sei — disse ela, afinal. Esfregou o rosto e dirigiu um olhar fatigado a Riggs. — Não compreendo. Por que você quer me ajudar? Nem mesmo me conhece. E acabei de lhe dizer que fiz uma coisa ilegal.

— Conforme disse antes, eu a investiguei. Conheço seu passado, Jackson se aproveitou de você. Pombas, se eu estivesse na sua situação, também teria pulado de felicidade com a chance de ser rico.

— Mas aí é que está, eu não queria! Tinha decidido não concordar, mas então esbarrei no lance das drogas do Duane e quando dei por mim havia dois homens mortos e eu corria o mais depressa possível com um bebê nos braços... Não achei que tivesse alternativa. Só queria fugir.

— Eu entendo, LuAnn. Sinceramente eu entendo.

— Venho fugindo desde então, com medo da minha própria sombra. com pavor de que alguém descubra tudo. Foram dez anos, mas para mim pareceram cem — ela sacudiu a cabeça e cerrou as mãos, com os dedos cruzados.

— Considero então que Jackson se encontra na área. — Estava no meu jardim cerca de quarenta e cinco minutos atrás.

— O quê?

— Não sei ao certo o que ele pretende, mas presumo que esteja realizando o trabalho de infraestrutura para seus planos, sejam quais forem.

— Que planos?

— Vai matar Donovan, para começar.

— Ouvi você falar isso com Donovan.

— E depois provavelmente virá atrás de nós — LuAnn mergulhou o rosto nas mãos.

— Muito bem, você não vai vê-lo de novo.

— Você está enganado, Matthew. Tenho que me encontrar com ele. E muito em breve.

Ele a fitou absolutamente chocado.

— Você está maluca?

— Jackson apareceu de repente no meu quarto ontem à noite. Tivemos uma longa conversa. Disse a ele que ia conhecer você melhor. Não penso que ele estivesse pensando em sexo, mas as coisas correram desse modo.

— LuAnn, você não...

— Ele esteve perto de matar você. No chalé do Donovan, ontem à noite. Acho que você voltou para pegar sua picape. Ele disse que esteve a cinquenta centímetros de você. Tem sorte de estar vivo. Muita sorte.

Riggs se sentou. Seus instintos haviam acertado. O que era um pouco encorajador, a despeito do risco que correra inconscientemente.

— Ele ia investigar você. Estava preocupado com seu passado, era confuso. Ele ia investigar e, se encontrasse algo que o preocupasse, ia matar você.

— E então?

— Mas eu disse a ele que ia investigar eu mesma.

— Você se arriscou.

— Não tanto quanto você se arriscou por mim. Eu estou em dívida com você. E não queria que nada lhe acontecesse. Não por minha causa.

Riggs levantou as palmas da mãos.

— Por que então? Por causa da manipulação do resultado da loteria? Você deu a ele parte do prêmio?

— Dei todo.

Riggs olhou para ela sem entender. LuAnn explicou.

— Ele teve o controle do dinheiro por dez anos. Esse período acaba de terminar. Ele investiu o dinheiro e me pagou com o resultado desse investimento.

— Ele teve cem milhões para investir. Quanto você ganhou por ano?

— Cerca de quarenta milhões sobre o principal inicial. Ele investia também tudo quanto eu não gastasse. com isso ganhei dezenas de milhões a mais

anualmente.

Riggs ficou boquiaberto.

— Temos aí quarenta por cento só sobre o seu grande prêmio.

— Eu sei. E Jackson ganhou muito mais, tenho certeza. Ele não agiu por bondade. Foi uma transação comercial, pura e simples.

— Quer dizer então que, se você ficou com quarenta por cento, ele provavelmente fez os mesmos quarenta e talvez ainda mais. O que dá um mínimo de oitenta por cento de retorno em cima do seu dinheiro. Ele só pode ter feito isso por canais ilegais.

— Não sei nada a esse respeito.

— E ao fim dos dez anos?

— Recebi os cem milhões de volta. Riggs esfregou a testa.

— E como eram doze ganhadores, digamos que a uma média de setenta milhões cada, esse sujeito teve quase um bilhão de dólares para investir.

— Ele tem muito mais que isso agora, tenho certeza — ela fitou Riggs e percebeu as rugas de preocupação na sua testa. — O que você está pensando?

Ele sustentou o olhar dela com firmeza.

— Outra coisa que enfureceu o FBI.

LuAnn ficou intrigada e Riggs começou a explicar.

— Sei que há anos o FBI, a Interpol e algumas outras agências internacionais têm conhecimento de que tremendas quantidades de dinheiro vêm sendo canalizadas para muitas atividades em todo o globo terrestre, algumas legítimas, outras não. A princípio os federais acreditaram que se tratasse de lavagem do dinheiro do cartel das drogas, da América do Sul ou da Ásia. Acabou não sendo o caso. Havia indícios aqui e ali, mas não levavam a nada conclusivo. Uma pessoa com tanto dinheiro na verdade pode se disfarçar realmente bem. E pode ser que seja o Jackson — Riggs silenciou.

— Tem certeza de que os federais não sabem a respeito da loteria?

Ele pareceu inseguro.

— O que posso lhe garantir é que, se souberem, não terá sido por meu intermédio. Mas sabem das indagações que fiz a seu respeito. Não foi possível contornar isso.

— E se eles desconfiaram por conta própria? Aí então teríamos Jackson e o Governo Federal vindo nos pegar. Certo?

Riggs desviou o rosto por um instante e depois a encarou diretamente, olho no olho.

— Certo.

— E, para dizer a verdade, não sei ao certo qual dos dois me assusta mais.

Eles se encararam, pensamentos similares fluindo pelas suas mentes. Duas

pessoas contra tudo aquilo.

— Preciso ir agora — disse LuAnn.

— Para onde?

— Tenho certeza absoluta de que Jackson vem seguindo todos os meus movimentos de perto. Ele vai saber que nós nos vimos diversas vezes. Pode ser que saiba do meu encontro com Donovan. Se eu não o informar rapidamente sobre o que está acontecendo neste ponto ela se deteve e engoliu em seco —, bem, não vai ser nada bom.

Riggs a segurou pelos ombros, com firmeza.

— LuAnn, esse sujeito pode ser um psicopata, mas também é muito inteligente, o que o torna ainda mais perigoso. O cara não vai ficar nem um pouco menos desconfiado quando você entrar lá com suas informações.

Ela passou as mãos delicadamente nos braços dele.

— Bem, eu só tenho de me assegurar de que ele não fique desconfiado.

— E como diabos você vai fazer isso? Eleja deve estar mais do que desconfiado. Eu acho que devemos trazer as tropas de reforço, cercar o sujeito e prendê-lo.

— E eu, o que você diz de mim?

A resposta de Riggs foi meio insegura.

— Tenho certeza de que você consegue um acordo com as autoridades.

— E aquela gente lá na Georgia? Você ouviu Donovan, eles querem me linchar.

— Os federais podiam falar com eles, e... — Riggs se interrompeu quando percebeu que absolutamente nada do que estava dizendo podia ser garantido.

— É, talvez eu consiga chegar a um acordo com todos os interessados. Devolvo o dinheiro. Pode espantar você, mas eu realmente não me importo. E depois talvez consiga um juiz ou juízes compreensivos, que me deem uma oportunidade. Tudo somado, que pena eu posso esperar? Vinte anos?

— Talvez nem tanto.

— Quanto, então?

— Não sei lhe dizer. Não tenho ideia.

— Eu seria verdadeiramente uma ré que despertaria solidariedade, não acha? Posso ver o teor das manchetes: Traficante de drogas transformada em assassina, transformada em ladra de sonhos, transformada em fugitiva, de nome LuAnn Tyler, vive como rainha, enquanto o povo torra seus cheques do Seguro Social comprando bilhetes da loteria. Talvez me deem um prêmio, em vez de me encarcerarem e jogarem fora a chave da cadeia. O que você acha?

Riggs não conseguiu responder ou tampouco encarar LuAnn.

— E digamos que a gente seja capaz de colocá-lo em uma situação

comprometedora, mas ele fuja? Ou até mesmo que consigamos prendê-lo. Você acha que, com todo o seu dinheiro e poder, ele não conseguirá escapar das acusações? Pode ser até que resolva pagar a alguém para executar sua vingança. Tendo em vista tudo isso, quanto você acha que vale a minha vida? E a de minha filha?

Desta vez Riggs respondeu.

— Nada. Tudo bem, mas será que você não consegue entrar em contato com o sujeito pelo telefone? Não precisa vê-lo pessoalmente. LuAnn pensou na sugestão de Riggs por um instante.

— Vou tentar — foi tudo que pôde prometer.

Em seguida ela se levantou e do alto do seu metro e oitenta olhou para ele. Parecia de novo uma jovem de vinte anos, forte, pernas e braços longos, cheia de confiança.

— A despeito de ter zilhões de dólares e de ter viajado pelo mundo todo, eu não sou o FBI. Continuo sendo uma garota boba da Georgia, mas você pode ficar um pouco surpreso com o que sou capaz de fazer quando me decido — o rosto dela denotava toda sua preocupação. — E eu tenho muito o que perder. Muito mesmo.

Os olhos de LuAnn pareciam olhar através dos dele, vendo qualquer coisa muito longe, bem no fim da estrada. E quando falou, sua voz traduziu, em verdadeira grandeza, suas profundas raízes sulistas.

— E exatamente por isso eu não vou perder.

44

GEORGE MASTERS EXAMINOU A PASTA atentamente. Ele estava sentado em seu escritório no Edifício Hoover, em Washington. Masters tinha mais de vinte e cinco anos de FBI, dez dos quais passados no escritório de Nova York. E agora tinha diante dos olhos um nome com que se tornara intimamente familiarizado cerca de dez anos antes: LuAnn Tyler. Masters fizera parte da equipe que investigara a fuga de Tyler dos Estados Unidos, e, embora a investigação tivesse sido oficialmente encerrada anos atrás devido à falta de movimentação, Masters jamais perdera o interesse pelo caso, principalmente porque nada daquilo fazia sentido. Coisas que não faziam sentido incomodavam muito o veterano agente do FBI. Mesmo depois de transferido para Washington ele conservara o caso em um canto de sua mente. Agora acontecimentos recentes haviam transformado a centelha de interesse em uma labareda intensa. Matthew Riggs tinha feito indagações sobre LuAnn Tyler. Riggs, Masters sabia, estava morando em Charlottesville, Virginia.

Masters conhecia Riggs, ou pelo menos quem era Riggs antigamente, muito bem. E, se alguém como Riggs estava interessado em Tyler, Masters também estava.

Depois de não conseguirem impedir a fuga de LuAnn Tyler de Nova York, Masters e sua equipe gastaram um tempo considerável tentando reproduzir os últimos dias antes do desaparecimento dela. A conclusão a que chegaram foi que a tinham levado de carro da Georgia para Nova York ou ela fora de trem. Não tinha carteira de motorista nem carro. O enorme conversível em que fora vista tinha sido encontrado na frente do trailer, de modo que ela não podia ter usado aquele veículo. Masters concentrara a atenção nos trens, e foi na estação de Atlanta que deu a sorte de descobrir que LuAnn Tyler tomara o Crescent da Amtrak para a cidade de Nova York no mesmo dia em que as autoridades acreditavam que os crimes foram cometidos. Mas não fora só isso que ela fizera. LuAnn havia feito uma ligação do telefone do carro de Otis Burns, o outro homem encontrado morto no trailer. O FBI rastreara esse telefonema. O número chamado fora um 0800 já desligado. As investigações para descobrir quem havia contratado o uso daquele número resultaram em um completo beco sem saída, o que aguçara ainda mais a curiosidade de Masters.

Agora que estava mais uma vez com a atenção concentrada em LuAnn Tyler, Masters instruíra seus homens a examinarem os registros do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York em busca de qualquer ocorrência pouco usual

da época do desaparecimento dela. Uma descoberta de um de seus homens o interessara muito. Um homem chamado Anthony Romanello fora encontrado morto em seu apartamento na noite anterior à entrevista coletiva em que LuAnn seria apresentada como vencedora do grande prêmio. A descoberta de um cadáver dentro de um apartamento na cidade de Nova York dificilmente pode ser considerada notícia; a polícia, contudo, se interessara mais por esse caso por causa do imenso prontuário criminal da vítima, sobre quem recaía a suspeita de ser assassino de aluguel. A polícia investigara em profundidade os detalhes do que ele fizera em seu último dia de vida. Romanello e uma mulher haviam sido vistos em um restaurante pouco antes que ele morresse; testemunhas assistiram aos dois tendo uma séria discussão. Menos de duas horas depois ele morria. A causa oficial da morte fora ataque do coração; a autópsia, contudo, não revelara qualquer sinal de problemas cardíacos no corpo jovem e vigoroso de Romanello. Nada disso despertou muito interesse em Masters. O que gerara uma descarga de adrenalina no homem do FBI fora a descrição da mulher. Encaixava-se perfeitamente à descrição de LuAnn Tyler.

Masters remexeu-se desconfortavelmente na cadeira e acendeu um cigarro. E então veio a grande surpresa: um recibo de uma passagem de trem havia sido encontrado no corpo de Romanello. Romanello estivera na Georgia e retornara a Nova York no mesmo trem que LuAnn, embora em compartimentos separados. Haveria uma relação? Ao juntar as informações há tanto tempo enterradas em um canto de sua memória, o veterano agente do FBI começou a montar as peças do quebra-cabeça de uma perspectiva mais clara. Talvez tivesse sido uma boa coisa ficar afastado do caso durante todos aqueles anos.

Terminou de estudar os documentos que acumulara sobre LuAnn Tyler, inclusive os registros da loteria. O bilhete premiado fora comprado em uma loja 7-Eleven de Rikersville, na Georgia, no dia dos assassinatos do trailer, presumivelmente por LuAnn Tyler. Bem atrevido da parte dela parar para comprar um bilhete de loteria depois de um duplo homicídio, pensou Masters. O bilhete vencedor fora anunciado na quarta-feira seguinte, após o sorteio realizado na sede de Nova York. A mulher que respondia à descrição de LuAnn fora vista com Romanello na sexta-feira seguinte, e a entrevista coletiva que anunciava LuAnn como ganhadora fora realizada no sábado. O problema era que, segundo os registros da Amtrak e o bilhete encontrado com Romanello, tanto Tyler quanto Romanello tomaram o trem para Nova York no domingo anterior. Nesse caso, ela fora para Nova York antes de saber que ganhara na loteria. Será que, ao fugir de uma possível acusação de homicídio, ela escolheu como esconderijo justamente Nova York onde, por coincidência, veio depois a ter a sorte de ganhar cem milhões de dólares? Se assim foi, ela deve ser a pessoa

mais sortuda do mundo. George Masters não acreditava que alguém pudesse ter tanta sorte assim. Ele repassou os principais pontos. Os dois homicídios. Telefonema. Compra do bilhete de loteria. Trem para Nova York antes que o bilhete sorteado fosse anunciado. LuAnn Tyler ganha na loteria.

Romanello e Tyler discutem. Romanello morre. LuAnn Tyler, uma jovem de vinte anos que havia estudado até a primeira série do segundo grau e uma filha de colo, consegue passar através da malha de uma densa teia policial e desaparecer. Impossível, concluiu Masters, que tivesse conseguido fazer isso sozinha. Tudo aquilo havia sido planejado com bastante antecedência. E significava uma coisa. Masters de repente agarrou os braços da cadeira com toda a força quando lhe veio à cabeça a conclusão lógica. LuAnn Tyler sabia que ia ganhar na loteria. As implicações desta ideia fizeram com que o velho agente sentisse um calafrio. Não podia acreditar que não enxergara essa possibilidade dez anos antes, mas tinha de admitir que jamais lhe ocorrera. Procurava um possível assassino e nada mais. Reconfortou-se ao lembrar que dez anos antes não tinha conhecimento da participação de Romanello.

Masters obviamente não tinha idade para lembrar de toda a corrupção da loteria do século passado, mas certamente se recordava dos escândalos dos programas de jogos com sorteios na década de 1950. Os quais, por sinal, pareceriam ridículos comparados ao que o país podia estar enfrentando agora.

Dez anos antes alguém podia ter fraudado a loteria dos Estados Unidos. No mínimo uma vez, possivelmente mais. As ramificações eram verdadeiramente assustadoras, só de pensar. O Governo federal dependia da renda obtida pela loteria a fim de custear uma infinidade de programas, programas estes que agora eram tão fortes, politicamente falando, que seria impossível rejeitá-los. Mas e se a própria fonte desses fundos estivesse contaminada? E se o Povo Americano viesse a descobrir o que acontecera?

Masters sentiu a boca seca. Tomou um gole d'água direto de uma garrafa que estava em cima de sua escrivaninha e engoliu duas aspirinas para combater o que achava que em breve se transformaria em uma dor de cabeça torturante. Compôs-se e pegou o telefone.

— Ligue-me com o diretor — determinou. Enquanto esperava que a ligação fosse completada, recostou-se na cadeira. Sabia que aquilo ia acabar tendo de subir até a Casa Branca. Mas ia deixar o diretor falar com a ministra da Justiça e esta então que falasse com o presidente. Se as conclusões a que chegara estivessem certas, ia ser tanta bosta no ventilador que acabaria respingando em todo mundo.

45

JACKSON ESTAVA DE NOVO EM SUA SUÍTE e mais uma vez com o olhar fixo no laptop. A esta altura, LuAnn já havia se encontrado com Riggs diversas vezes. Jackson lhe daria mais algumas horas e telefonaria. Mas estava desapontado com ela. Não grampeara a linha de LuAnn, um esquecimento que decidira que agora não adiantava mais remediar. Ela o pegara com a guarda meio baixa ao mandar Lisa para longe tão depressa. O capanga que ele encarregara de ficar de olho nos movimentos de LuAnn se vira compelido a seguir Charlie e Lisa, privando assim Jackson de um valioso par de olhos. Por isso não sabia que LuAnn e Donovan já tinham se encontrado.

Chegara a pensar em mandar mais gente para cobrir todas as bases, mas um número muito grande de pessoas estranhas em uma cidade pequena com certeza despertaria desconfiança. E Jackson queria evitar isso, se fosse possível. Particularmente porque estava em jogo um elemento desconhecido e que o deixava inseguro: Matt Riggs. Transmitira as digitais dele para a mesma fonte de sempre e agora aguardava a resposta.

Os cantos da boca de Jackson caíram um pouco quando a informação apareceu na tela. O nome que aparecia como dono das impressões digitais não era Matthew Riggs. Por um momento Jackson se perguntou se poderia ter levantado por engano as digitais de alguma outra pessoa dentro do chalé. Mas era impossível: vira a área exata tocada pelo homem que dizia se chamar Matthew Riggs. Não podia haver engano. Decidiu rapidamente verificar a existência de um possível erro. Discou um número e conversou longamente com a pessoa que atendeu.

— Essa foi difícil — disse a voz. — Inicialmente seguimos os caminhos normais para evitar surpresas. Acreditamos que o nosso pedido foi redirecionado para um nível superior e aí recebemos a resposta de "impressões não encontradas".

— Mas uma pessoa foi identificada — disse Jackson.

— Certo, mas só depois que recorremos a outros canais — Jackson sabia que isso significava que haviam invadido um banco de dados. — Foi assim que encontramos a informação que transmitimos a você.

— Só que o nome é diferente do que o que ele está usando agora e ainda por cima aparece como falecido.

— Certo. Mas o que acontece é que, quando um criminoso morre, o procedimento padrão é tirar as impressões digitais do cadáver e transmitir ao FBI

para verificação. Uma vez completado o processo, o link, a conexão que aponta a impressão digital — é apagado. O resultado é que, tecnicamente, não há impressões de criminosos mortos no banco de dados.

— Como explica então o que você acaba de me mandar? Por que essa pessoa constaria do banco de dados como falecida, mas sob outro nome?

— Bem, isso para mim quer dizer que o nome que consta do banco de dados é o verdadeiro, e o que ele está usando agora é falso. O fato de constar como falecido me diz que os federais querem que se acredite que o homem está morto, inclusive quem quer que consiga acesso ao banco de dados deles para verificar. Já vi os federais fazerem isso antes.

— Por quê?

A resposta que ouviu fez com que Jackson desligasse lentamente o telefone. Tudo agora fazia sentido. Ele olhou para a tela do laptop.

Daniel Buckman: Falecido.

Menos de três minutos depois de LuAnn sair, Riggs recebeu um telefonema. A mensagem foi concisa, mas ainda assim gelou os ossos de Riggs.

— Alguém acaba de acessar sem autorização seu arquivo de impressões digitais através do Sistema de Identificação Automática de Impressões Digitais. E era alguém que sabia o que estava fazendo, porque não percebemos senão depois que aconteceu. Tenha o máximo de cuidado, estamos verificando tudo.

Riggs bateu com o telefone e pegou a unidade receptora do grampo que colocara no carro de LuAnn. Levou um instante para destrancar e abrir uma gaveta da mesa. Pegou duas pistolas, dois pentes de munição e um coldre de tornozelo. A pistola maior ele pôs no bolso e a menor ficou no coldre que fixou ao tornozelo. Em seguida correu para o jipe. Sua esperança era de que LuAnn não tivesse encontrado e removido o transmissor do BMW.

46

DO TELEFONE DO CARRO LuAnn ligou para o número que Jackson lhe dera. Ele a chamou de volta menos de um minuto mais tarde.

— Estou de saída também — disse ele. — Precisamos conversar.

— Estou retornando a você, como disse que queria.

— Sem dúvida está. Tenho certeza de que você há de ter muito o que me contar.

— Não creio que tenhamos um problema sério em mãos.

— Oh, é mesmo? Fico muito satisfeito em ouvir isso.

LuAnn retrucou irritada: — Quer ouvir ou não?

— Sim, mas pessoalmente.

— Por quê?

— Por que não? — contra-atacou ele. — Além do mais, tenho algumas informações que podem ser do seu interesse.

— A respeito de quê?

— De que, não. De quem. Matt Riggs. Tipo o nome verdadeiro dele, seu verdadeiro passado e por que motivo você deve ter todo cuidado ao lidar com ele.

— Você pode me falar tudo isso pelo telefone.

— LuAnn, talvez você não tenha me ouvido. Eu falei que você vai se encontrar comigo pessoalmente.

— E por que deveria?

— Vou lhe dar uma razão maravilhosa. Porque, se não vier, eu acharei Riggs e o matarei na próxima meia hora. Corto a cabeça dele e a mando para você pelo correio. Se telefonar para avisá-lo, vou a sua casa e mato todo mundo lá, das criadas ao jardineiro e depois ponho fogo em tudo. E em seguida vou à escola de luxo da sua preciosa filhinha e mato todo mundo lá. Você pode ficar avisando, tentando alertar a cidade e eu continuarei matando gente aleatoriamente. Esta é uma boa razão, LuAnn, ou você quer ouvir mais?

LuAnn, pálida e trêmula ao ouvir aquele destempero, teve de forçar o ar para fora dos seus pulmões. Sabia que ele estava falando sério.

— Onde e como?

— Exatamente como nos velhos tempos. E, por falar nos velhos tempos, por que não pede a Charlie para se juntar a nós? Isso tudo também tem a ver com ele.

LuAnn segurou o telefone longe do rosto, olhando fixo para o aparelho,

como se quisesse que ele se desintegrasse junto com o homem do outro lado da linha.

— Ele não está por perto.

— Nossa! E eu que pensava que ele nunca saía do seu lado, o fiel companheiro de todas as horas.

Alguma coisa no tom de voz dele disparou uma lembrança em LuAnn. Não poderia dizer exatamente o que era, mas a impressão perdurou enquanto respondia: — Não somos exatamente irmãos siameses. Ele tem uma vida para viver.

Por enquanto, pensou Jackson. *Por enquanto, exatamente como você. Só que estou começando a me sentir cheio de dúvidas*.

— Vamos nos encontrar no chalé onde o nosso curioso amigo andou se escondendo. Trinta minutos... você consegue chegar lá em trinta minutos?

— Estarei lá.

Jackson desligou e, com um movimento automático, apalpou o punhal escondido no paletó.

A dezesseis quilômetros de distância LuAnn de certa forma refletiu o gesto de Jackson, quando destravou sua 44.

O crepúsculo já começava a prejudicar a visão quando LuAnn pegou a estrada de terra cercada de árvores. Aquela área era escura. Chovera forte na noite anterior e um jato de água caiu sobre o para-brisa quando ela atravessou uma poça funda, o que lhe provocou um susto. O chalé estava bem na frente. Reduziu a marcha e vasculhou a área com os olhos. Não viu carro ou pessoa alguma. Sabia que isso não queria dizer nada. Jackson aparecia e desaparecia quando quer que lhe desse na telha. Parou o BMW em frente do galpão e saltou. Ajoelhou-se por um instante e examinou a terra. Não havia outras marcas de pneus, o que a lama teria mostrado com grande clareza.

LuAnn observou o lado de fora do chalé. Ele já estava lá, tinha certeza. Era como se ele tivesse um cheiro que somente ela pudesse detectar. Um cheiro de tumba, podre e úmida. Respirou fundo e adiantou-se para a porta.

Ao entrar, examinou a pequena sala.

— Está adiantada — Jackson surgiu das sombras. O rosto era o mesmo de cada um dos encontros cara a cara que haviam tido. Ele gostava de ser coerente. Usava uma jaqueta de couro e jeans. Uma touca preta de esqui cobria o topo da sua cabeça. Botas escuras de caminhada lhe calçavam os pés. — Mas pelo menos veio sozinha — acrescentou.

— Espero que o mesmo possa ser dito de você — LuAnn mudou ligeiramente de lugar, passando a ter uma parede nas costas em vez de uma porta.

Jackson interpretou seus movimentos e sorriu ligeiramente. Cruzou os braços e encostou-se na parede, lábios contraídos.

— Pode começar o relatório — ordenou.

LuAnn conservou as mãos na jaqueta, uma delas empunhando a pistola. Conseguiu apontar a boca da arma para Jackson através do bolso.

Seus movimentos foram quase imperceptíveis, mas Jackson inclinou a cabeça e sorriu.

— Lembro-me perfeitamente de que você dizia que não seria capaz de matar a sangue-frio.

— Há exceção para tudo...

— Fascinante, mas não tenho tempo para brincadeiras. O relatório.

LuAnn se pôs a falar em rápidas rajadas.

— Encontrei-me com Donovan. É o homem que estava me seguindo, Thomas Donovan — LuAnn presumiu que àquela altura Jackson já tivesse conhecimento da identidade de Donovan. Durante o percurso de carro decidira que o melhor a fazer era dizer a Jackson basicamente a verdade, mentindo apenas em questões críticas. Meias verdades eram um meio maravilhoso de inspirar credibilidade, e naquele exato momento precisava de toda a credibilidade que pudesse conseguir. — Ele é repórter do *Washington Tribune*.

Jackson agachou-se, as mãos juntas na frente do corpo. Os olhos permaneceram intensamente fixos em LuAnn.

— Continue.

— Ele estava escrevendo uma matéria sobre a loteria. Doze ganhadores de dez anos atrás — ela acenou com a cabeça na direção de Jackson. — Você sabe quem são: todos progrediram muito financeiramente.

— E daí?

— E daí que Donovan quis saber como, já que a maioria dos vencedores da loteria perde tudo. Uma percentagem muito grande e constante, segundo ele. Assim, os seus doze se destacaram do resto.

Jackson escondeu bem seu desapontamento. Não gostava de deixar furos, e aquele fora de chamar a atenção. LuAnn o examinou detidamente e reconheceu em suas feições um indício quase imperceptível de insegurança. Aquilo foi bastante reconfortante para ela, mas não era hora de perder tempo com esse tipo de coisa.

— O que você disse a ele?

— Que eu fora encaminhada a uma excelente firma de investimentos por uma pessoa lá da loteria. Dei o nome da firma que você usou. Estou imaginando que seja legítima.

— Muito — replicou Jackson. — Pelo menos na superfície. E os outros?

— Eu disse a Donovan que não sabia da vida deles, mas que era bem possível que tivessem sido orientados a procurar a mesma firma que eu.

— E ele acreditou?

— Digamos que ficou desapontado. Queria escrever uma matéria sobre os ricos ferrando os pobres — você sabe, os pobres ganham a loteria e aí aparecem firmas de investimentos que se lançam ao dinheiro deles, comem todas as fatias do bolo e só restam as contas a pagar dos advogados que irão declarar a falência deles. Falei que o meu caso certamente não servia para sustentar essa conclusão. Que eu tinha me saído muito bem.

— E ele sabia de sua situação na Georgia?

— Imagino que tenha sido isso que o fez interessar-se pelo meu nome.

LuAnn sentiu-se aliviada quando viu Jackson balançar a cabeça ligeiramente ao ouvir sua resposta. Devia ter chegado à mesma conclusão.

— Acho que ele imaginou que eu fosse confessar alguma enorme conspiração criminosa.

Os olhos de Jackson brilharam sombriamente.

— Ele mencionou alguma outra teoria, como por exemplo o resultado da loteria ter sido manipulado?

LuAnn sabia que hesitar agora seria desastroso, de modo que mergulhou fundo.

— Não. Mesmo que pensasse que tinha uma grande história. Eu disse a ele que não tinha nada a esconder, que falasse diretamente com meus investidores. Isso parece que o desanimou. Eu disse também que, se ele quisesse entrar em contato com a polícia da Georgia, que entrasse. Talvez estivesse na hora de resolver o que aconteceu lá.

— Você não estava falando sério.

— Queria que ele acreditasse que eu estava. Imaginei que, se resistisse muito ou desse a impressão de estar escondendo alguma coisa, ele ficaria ainda mais desconfiado. Assim, acabou perdendo o entusiasmo.

— Como vocês se despediram?

— Ele agradeceu por ter ido encontrá-lo, e chegou até a se desculpar pelo aborrecimento que provocou. Disse que depois talvez entrasse em contato comigo, mas eu duvido — mais uma vez LuAnn viu Jackson balançar a cabeça. Ela estava se saindo melhor do que esperara. — Donovan saltou do meu carro e entrou no dele. Foi a última vez que o vi.

Jackson ficou em silêncio por alguns instantes e se levantou vagarosamente, batendo palmas em silêncio.

— Adoro um bom desempenho e acho que você conduziu a situação muito bem, LuAnn.

— Tive um bom professor.

— O quê?

— Dez anos atrás. O aeroporto, onde você se fez passar por irmã gêmea da mulher em que eu me transformara. Você me disse então que o melhor modo de se esconder era tornar-se visível, por ir de encontro à natureza humana. Seja aberta, cooperativa e sincera que até mesmo as pessoas de natureza desconfiada irão pensar duas vezes.

— Sinto-me honrado por você ter se lembrado disso.

Um pouco de massagem no ego consegue muito com a maioria dos homens. Mesmo excepcional de muitas maneiras, Jackson não era imune a isso. Numa atenuação da realidade de proporções abissais, LuAnn disse:

— É um pouco difícil esquecer você. Assim, não precisa fazer nada com Donovan, ele é inofensivo. Agora fale-me de Riggs.

Um sorriso formou-se nos lábios do homem.

— Testemunhei seu encontro improvisado com Riggs no terreno dos fundos da casa esta manhã. Foi bem pitoresco. Pelo seu estado de nudez, imagino que ele teve uma manhã bem agradável.

LuAnn escondeu a raiva que sentiu com aquela farpa. O que precisava naquele instante era de informação. E replicou: — Mais razão ainda para que eu saiba o que você descobriu sobre ele.

— Bem, vamos começar pelo verdadeiro nome: Daniel Buckman.

— Buckman? Por que ele usa outro nome?

— É engraçado que você faça essa pergunta, LuAnn. Por que as pessoas mudam de nome?

Gotículas de suor brotaram na testa dela.

— Porque elas têm alguma coisa a esconder.

— Precisamente.

— Ele era um espião.

Jackson riu.

— Não, exatamente. Na verdade, ele não é nada.

— Como assim?

— O que estou dizendo é que os mortos não podem ser tecnicamente outra coisa que não mortos, correto?

— Mortos? — LuAnn gelou. Teria Jackson matado Matthew? Não era possível. Ela lutou com toda as forças para não desmaiar e cair no chão. Por sorte Jackson continuou falando.

— Consegui as digitais dele e mandei procurar em um banco de dados. O computador informou que ele está morto.

— O computador está errado.

— O computador só informa o que é colocado em sua memória. Queriam que parecesse que Riggs está morto para o caso de aparecer alguém procurando por ele.

— Procurando por ele? Quem, por exemplo?

— Os inimigos dele — vendo que LuAnn nada disse, Jackson acrescentou. — Você já ouviu falar do Programa de Proteção a Testemunhas?

— Não. Eu deveria?

— Você viveu fora tanto tempo, acho que não. É administrado pelo Governo federal. Visa proteger pessoas que testemunham contra criminosos ou organizações perigosas. Dão a essas pessoas nova identidade, novas vidas. Oficialmente Riggs está morto. Aparece em uma cidade pequena e começa vida nova sob nova identidade. Talvez as feições dele tenham sido alteradas. Não sei ao certo, mas, com base na minha experiência de vida, acho que Riggs é membro desse seleto grupo.

— Riggs — Buckman — foi testemunha? De quê?

Jackson deu de ombros.

— Como saber? O que interessa? O que estou lhe dizendo é que Riggs é um criminoso. Ou foi um criminoso. Provavelmente drogas ou algo do tipo. Talvez informante da máfia. O Programa de Proteção não é usado para proteger sequestradores.

LuAnn apoiou-se na parede para não cair. Riggs era um criminoso.

— Espero que você não tenha confidenciado nada a ele. Não se pode saber o que ele planeja.

— Não confidenciei nada — conseguiu dizer LuAnn.

— E então, o que você pode me contar do homem?

— Não tanto quanto você me contou. Ele não sabe mais agora do que sabia antes. Não está forçando o assunto. Só acha que Donovan é um sequestrador em potencial. Pelo que você acaba de contar, tenho certeza de que Riggs não está nem um pouco interessado em chamar atenção.

— É verdade, e isso é muito bom para nós. Além do mais, tenho certeza de que seu pequeno encontro amoroso hoje de manhã não atrapalhou em nada.

— Isso não é da sua conta — retorquiu ela acaloradamente. Com a troca de informações encerrada, não ia deixar passar a observação dele em brancas nuvens.

— Ah, seu primeiro erro nesta sessão. Não dá para chegar ao fim sem cometer um erro crasso, não é mesmo? — ele apontou um dedo longo e fino para ela. — Tudo em você é da minha conta. Eu fiz você. E me sinto responsável pelo seu bem-estar. Não estou faltando à minha responsabilidade.

— Olhe aqui — explodiu LuAnn —, os dez anos passaram! Você ganhou seu

dinheiro. Eu ganhei o meu. O que eu digo é que a gente dê o caso por encerrado. Em trinta e seis horas estarei do outro lado do mundo. Você segue seu caminho, eu sigo o meu, porque estou mais do que cansada de tudo isso.

— Você me desobedeceu.

— Claro, passo dez malditos anos em vinte países diferentes, olhando o tempo todo para trás para ver se me seguem, obedecendo suas instruções. E acho que agora vou passar o resto da vida fazendo a mesma coisa. Por isso eu digo que está na hora de terminar — os dois se envolveram numa espécie de jogo de poder por intermédio do olhar.

— Você viaja imediatamente?

— Só preciso de tempo para fazer as malas. Amanhã de manhã não estaremos mais aqui.

Jackson esfregou o queixo enquanto considerava a proposta.

— Diga-me uma coisa, LuAnn. Diga-me por que eu não devo matar você neste instante.

Ela havia se preparado para esta pergunta.

— Porque Donovan pode estranhar o fato de eu aparecer morta logo depois de ele falar comigo. Não está desconfiado agora, mas acho que posso garantir que uma coisa dessas vai ligar o radar dele. Você realmente deseja esse tipo de problema?

Jackson contraiu os lábios por um momento e fez um gesto na direção da porta.

— Vá fazer as malas.

LuAnn olhou para ele e também fez um gesto para a porta.

— Você primeiro.

— Vamos sair juntos, LuAnn. Teremos assim uma chance razoável de reagir caso um de nós tente algo violento.

Os dois se dirigiram juntos para a porta, olhos fixos um no outro.

Exatamente no instante em que Jackson pôs a mão na maçaneta, a porta se escancarou, quase fazendo com que ele caísse no chão. Lá estava Riggs, a arma apontada para Jackson. Antes que pudesse atirar, Jackson puxou LuAnn para sua frente.

— Matthew, não! — exclamou ela.

Riggs lhe dirigiu um rápido olhar.

— LuAnn...

LuAnn sentiu mais do que viu Jackson flexionar o braço. Ele usou o método de arremesso de faca em que a mão se movimenta de baixo para cima, mas que nem por isso seria menos fatal.

Ela esticou a mão, que bateu parcialmente no antebraço de Jackson. No

segundo seguinte Riggs grunhia de dor, a faca espetada no braço. Ele arriou no chão, agarrado no cabo da faca. LuAnn sacou da arma e girou, tentando fazer pontaria em Jackson. No mesmo instante ele a puxou de costas de encontro ao próprio corpo. O impulso combinado do giro dela com o puxão dele fez com que Jackson e LuAnn fossem lançados através do vidro da janela. LuAnn caiu por cima dele quando bateram com força na varanda. A pistola de LuAnn pulou de sua mão e saiu deslizando. Cada um sentiu a força do outro ao lutarem em meio à camada grossa e escorregadia de estilhaços de vidro, na tentativa de abrir uma vantagem. Jackson a agarrou pelo pescoço, ela lhe chutou a virilha e meteu o cotovelo no queixo dele. Agarrados com força um no outro, os dois se levantaram vagarosamente, sempre procurando se impor.

Ela reparou no sangue que jorrava de uma ferida na mão de Jackson. Ele devia ter se cortado ao atravessar o vidro. O controle com aquela mão não podia estar cem por cento, calculou LuAnn. Com um arranco súbito tão vigoroso que surpreendeu o próprio Jackson, ela se livrou dele, agarrou-o pelo cinto e pela frente da camisa e o atirou de cabeça contra a parede lateral do chalé, onde ele se deixou ficar, momentaneamente fora de combate pelo impacto. Sem desperdiçar um instante ou um gesto desnecessário, LuAnn jogou-se para a frente, montou nas costas dele, agarrou-lhe o queixo com as mãos e puxou para trás, esforçando-se ao máximo para quebrar-lhe a espinha dorsal. Jackson gritou de dor quando ela forçou cada vez mais as costas dele. Mais um centímetro e ele seria um homem morto. Mas as mãos de LuAnn escorregaram de repente e ela caiu para trás, em cima dos estilhaços de vidro. Bateu com força no chão e ficou imóvel quando olhou para baixo. Tinha nas mãos o rosto de Jackson.

Ele se levantou com dificuldade. Por um instante terrível eles se encararam. Pela primeira vez, LuAnn estava diante do verdadeiro rosto daquele homem.

Jackson abaixou a cabeça, olhando para as mãos dela. Tocou no próprio rosto, sentindo a sua verdadeira pele, respirando em grandes haustos. Agora LuAnn era capaz de identificá-lo. Agora tinha que morrer.

O mesmo pensamento ocorreu a LuAnn. Ela mergulhou sobre a arma ao mesmo tempo em que Jackson saltava sobre ela e os dois assim deslizaram pela varanda, ambos lutando pela pistola.

— Largue-a, seu filho da mãe! — gritou Riggs.

LuAnn se virou para vê-lo, mortalmente pálido, em pé diante da janela, a camisa inteiramente vermelha, a pistola nas mãos trêmulas. Num arranco de invejável velocidade, Jackson pulou por cima da grade da varanda. Riggs disparou um segundo atrasado, as balas perfurando madeira em vez da carne.

— Merda! — gemeu Riggs, caindo de joelhos, e, com isso, desaparecendo do campo visual de LuAnn.

— Matthew! — LuAnn correu para a janela e, enquanto isso, Jackson sumia no mato.

LuAnn disparou, passou pela porta e foi despindo a jaqueta no caminho. Em um instante estava do lado de Riggs.

— Espere, Matthew, não tire.

Com os dentes, ela arrancou a manga da jaqueta e rasgou-a em tiras. Em seguida rasgou a manga da camisa dele e expôs o ferimento. A princípio tentou deter o sangramento com o pano, mas não conseguiu. Aí então meteu a mão na axila dele e pressionou um determinado ponto. O fluxo do sangue finalmente parou. Tão delicadamente quanto pôde tirou a faca; os dedos de Riggs se enterraram no seu braço, enquanto os dentes dele quase cortavam os lábios, no esforço para conter a dor. Ela largou a faca no chão.

— Matthew, coloque o dedo aqui, sem apertar demais, porque tem que circular um pouco de sangue — ela guiou o dedo dele até o ponto que apertara para conter a hemorragia. — Tenho um estojo de primeiros socorros lá no carro. Vou fazer um curativo nisso aí e depois vamos precisar levar você a um médico.

LuAnn pegou a pistola no chão da varanda e os dois seguiram para o BMW, onde ela limpou o ferimento e fez um curativo usando o estojo de primeiros socorros que havia no porta-luvas. Quando cortou o último pedaço de esparadrapo com os dentes e prendeu a gaze com ele, Riggs olhou para ela.

— Onde foi que aprendeu a fazer essas coisas?

— Ora — resmungou LuAnn —, a primeira vez que vi um médico na vida foi quando Lisa nasceu. E mesmo assim foi só por vinte minutos. Morando na roça sem dinheiro, você precisa aprender essas coisas se quiser sobreviver.

Quando chegaram a um pronto-socorro na Rota 29, ela começou a saltar do carro a fim de ajudar Riggs. Ele a deteve.

— Olhe, acho melhor eu entrar sozinho. Já estive aqui antes, eles me conhecem. Empreiteiros como eu vivem se machucando. Vou dizer a eles que escorreguei e acabei enfiando uma faca de caça no braço.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Acho que já atrapalhei muito você por hoje.

Ele saltou do carro, com alguma dificuldade.

— Estarei aqui quando voltar, prometo — disse ela.

Ele lhe dirigiu um sorriso fragilizado e, segurando o braço ferido, entrou.

LuAnn deu a volta com o BMW e foi parar no estacionamento, em uma vaga de onde podia ver quem quer que chegasse. Trancou as portas e praguejou baixinho. Riggs fora salvá-la, e por isso não tinha como culpá-lo. Mas pouco antes de ele aparecer ela havia convencido Jackson de que tudo estava bem. Mais um minuto e teriam ido para casa em liberdade. Meu Deus, que hora mais

ingrata! Ela arriou no banco do carro. Teria sido possível explicar a presença repentina de Riggs armado. Preocupado com sua segurança ele a seguira. Pensando que o homem com que tivesse ido se encontrar talvez fosse Donovan. Mas Riggs fizera outra coisa, algo que não podia disfarçar com uma simples explicação. Ela deixou escapar um gemido, olhos fixos no trânsito da Rota 29.

Riggs a chamara de LuAnn na frente de Jackson. Este simples detalhe arruinara tudo. Não havia chance de Jackson não ter percebido. Não tinha a menor dúvida de qual seria a punição para isso. Há menos de meia hora estava tão entusiasmada. Agora sentia que tudo estava perdido.

Baixou os olhos para o banco e viu o cartão que Donovan largara ali com seu telefone. Pensou por um momento e pegou o celular. Amaldiçoou-o silenciosamente quando a ligação se fez com uma secretária eletrônica. Deixou um recado extenso, contando o que acontecera. Implorou mais uma vez que ele desaparecesse, prometendo pagar todas as despesas. Era um bom homem, em busca da verdade, não queria que morresse. Não queria que ninguém mais morresse por causa dela. Pediu a Deus que ele vivesse o bastante para ouvir aquela mensagem.



Jackson apertou o pano contra a palma da mão. Sofrerá um corte feio quando atravessara a vidraça. Maldita mulher. Riggs estaria morto agora se ela não tivesse batido no seu braço uma fração de segundo antes de lançar a faca Apalpou cuidadosamente sua pele verdadeira. Aparecera um pequeno galo graças a um dos socos que ela lhe dera. Finalmente havia sentido toda a força dela, e, tinha de admitir, era bem maior que a sua. Quem teria pensado nisso? Os tipos musculosos de nascença, como LuAnn, não costumam ter a genuína força dada por Deus, do tipo que ela surpreendentemente demonstrara ter. Trata-se de uma força que não se pode fabricar numa academia de ginástica e que é mais uma combinação de um fenômeno interno com um externo, trabalhando em combinação precisa quando se faz necessário. Não se pode medir essa força ou avaliá-la, porque surge quando é preciso e varia de intensidade segundo as exigências da situação, realizando o que for indispensável e ainda por cima mantendo uma reserva de modo que nunca haja possibilidade de fracasso. Ou você tem esse tipo de força ou não. Era evidente que LuAnn tinha. Não se esqueceria disso. Não ia tentar vencê-la pelo uso da força, mas, como sempre, ia se adaptar para contornar o problema. E tudo indicava que as apostas seriam

muito altas, por uma razão específica.

A ironia era que ele tinha acreditado nela. Chegara até a se preparar para deixar que ela fugisse. Mas LuAnn contara tudo a Riggs, não havia dúvida. Riggs sabia seu nome verdadeiro. Havia pouca coisa que enfurecesse mais Jackson do que ser traído por sua própria gente. Deslealdade não podia e nem seria tolerada. Se ela mentira sobre Riggs, era mais que provável que tivesse mentido também sobre Donovan. Jackson tinha de admitir que o repórter do *Tribune* estava se aproximando da verdade. Assim, também tinha de ser detido.

Enquanto esses pensamentos rodavam na cabeça de Jackson, seu telefone celular tocou. Ele atendeu, fez umas perguntas, transmitiu algumas instruções bem explícitas e, quando desligou, uma expressão de profunda satisfação iluminava suas verdadeiras feições. A oportunidade não podia ser melhor. Sua armadilha acabava de ser montada.

47

O HELICÓPTERO BELL RANGER pousou em um gramado onde três sedas pretos com placas do Governo aguardavam. George Masters saltou acompanhado de outro agente, Lou Berman.

Entraram em um dos carros e partiram. Riggs subestimara seriamente a rapidez da reação de Washington.

Vinte minutos depois a carreata descia a estrada de cascalho e parava diante da casa de Riggs. As portas dos carros se abriram e homens sérios, empunhando armas e prontos para agir, cercaram a casa e o celeiro.

Masters avançou pela porta da frente. Quando viu que ninguém atendia fez um sinal para um dos seus homens. O agente que era um tipo muito corpulento, plantou um pé diretamente em cima da fechadura e a porta se escancarou, indo bater na parede de dentro. Depois de vasculharem a casa, convergiram para o escritório de Riggs.

Masters sentou-se à mesa e examinou rapidamente os papéis que lá estavam, os olhos brilhando com um dos conjuntos de anotações. Ele se recostou, estudando atentamente os rabiscos de Riggs sobre LuAnn Tyler e alguém chamado Catherine Savage. Levantou os olhos para Berman.

— Tyler desaparece e Catherine Savage aparece. Este é o disfarce.

— Podemos verificar os aeroportos, ver se Catherine Savage saiu do país dez anos atrás — sugeriu Berman.

Masters sacudiu a cabeça.

— Não é preciso. São a mesma pessoa. Tyler está aqui. Descubra o endereço da Savage rapidamente. Ligue para um dos corretores de mais categoria da região. Não acredito que Sua Majestade esteja morando em outro trailer.

Berman fez que sim, pegou um celular e foi conferenciar com os agentes locais do FBI que os haviam acompanhado até ali.

Masters examinou detalhadamente o escritório. Gostaria de saber como Riggs se encaixava naquilo. Ele tinha se instalado ali numa boa, vida nova, nova carreira, muitos anos de vida pela frente.

Mas e agora? Masters estivera no encontro da Casa Branca com o presidente, a ministra da Justiça e o diretor-geral do FBI. Quando Masters desenvolvera sua teoria, vira o rosto de cada um dos outros ficar doentiamente pálido. Um escândalo de horríveis proporções. A loteria oficial do Governo manipulada. As pessoas iam acreditar que seu próprio Governo fizera aquilo com elas — e como poderiam não acreditar? O presidente havia anunciado publicamente seu apoio à

loteria, e chegara até a aparecer em um comercial de televisão. Desde que os bilhões continuassem a entrar e alguns felizardos adquirissem status de milionários, quem se importava?

A ideia da loteria tinha recebido críticas que alegavam que o que era gasto em benefício do bem-estar público era largamente anulado pelo que custava em coisas como a separação das famílias, adesão ao vício do jogo, maior empobrecimento de pessoas que já eram pobres, abandono de hábitos de trabalho árduo e diligência em prol do sonho irreal de ganhar na loteria. Um crítico disse que pareciam garotos pobres de uma cidade lutando para serem profissionais da NBA em vez de lutarem para conseguir um diploma de MBA. A loteria, contudo, se mostrara à prova de bala, na capacidade de resistir a esses ataques.

Se fosse revelado que o jogo fora manipulado, contudo, o escândalo seria generalizado e todo mundo, do presidente até o menos importante dos burocratas, sofreria um terrível baque. Quando Masters sentou no Salão Oval, viu isso claramente nas feições de cada um deles: o diretor do FBI, a ministra da Justiça, o procurador-geral, o advogado-geral da União e o mais importante de todos eles, o próprio presidente. A responsabilidade recairia ali, e pesadamente. Assim, Masters recebera instruções bastante explícitas: trazer LuAnn Tyler, a todo e qualquer custo e de qualquer maneira. E ele pretendia fazer justamente isso.

— Como se sente?

Riggs entrou lentamente no carro. Tinha o braço direito preso numa tipoia.

— Bem, deram-me tantos analgésicos que acho que não estou sentindo mais nada.

LuAnn engrenou e meteu o pé no acelerador.

— Aonde estamos indo? — quis saber ele.

— McDonald's. Estou morrendo de fome e não consigo me lembrar quando foi a última vez em que comi um Big Mac com fritas. Boa ideia?

— Excelente.

Ela entrou na fila do atendimento de carros, pediu hambúrgueres, batatas fritas e dois cafés.

Comeram durante o trajeto. Riggs descansou o café, enxugou a boca e apalpou nervosamente o painel com o braço bom.

— Quero que agora você me diga até que ponto estraguei tudo para o seu lado.

— Matthew, não estou culpando você.

— Eu sei — ele disse timidamente. Bateu no banco. — Pensei que você estivesse se dirigindo para uma armadilha.

Ela o fitou espantada.

— E por quê?

Riggs olhou pela a janela durante algum tempo antes de responder.

— Logo depois que você saiu, eu recebi um telefonema.

— Tudo bem. De quem era e o que tinha a ver comigo?

Ele suspirou fundo.

— Bem, para começar, meu nome não é Matthew Riggs. Quer dizer, vem sendo o meu nome há cinco anos, mas não é meu nome de verdade.

— Bem, pelo menos no que diz respeito a nomes estamos empatados.

Ele forçou um sorriso.

— Daniel Buckman — disse, estendendo a mão. — Meus amigos me chamam de Dan.

LuAnn não apertou a mão dele.

— Você para mim é Matthew. Os seus amigos também sabem que tecnicamente você está morto e que se encontra sob a guarda do Programa de Proteção a Testemunhas?

Riggs retirou lentamente a mão. Ela lhe dirigiu um olhar impaciente.

— Eu lhe disse que Jackson é capaz de fazer qualquer coisa. Gostaria que você começasse a acreditar em mim.

— Eu estava certo de que fora ele quem conseguira acessar meu arquivo. Por isso a segui. Se ele soubesse a meu respeito, não sabia como iria reagir. Achei que seria capaz de matá-la.

— Esta é sempre uma possibilidade com aquele homem.

— Dei uma boa olhada nele.

LuAnn irritou-se.

— Aquele não era seu verdadeiro rosto. Droga, nunca é o verdadeiro rosto de Jackson — ela se lembrou da máscara de borracha que tivera em mãos. LuAnn vira o rosto dele. O seu verdadeiro rosto. E sabia muito bem o que isso significava. Jackson agora faria tudo o que estivesse a seu alcance para matá-la.

Ela deslizou as mãos nervosamente pelo volante.

— Jackson disse que você era um criminoso. E então, o que você faz?

— Você está me dizendo que acredita em tudo o que aquele cara lhe diz? Só para o caso de ainda não ter notado, o cara é maluco. Não vejo olhos como os dele desde que enforcaram Ted Bundy.

— Você está querendo dizer que não está no Programa de Proteção a Testemunhas?

— Não. O programa não é só para bandidos.

Ela o fitou, intrigada.

— Como assim?

— Você acha que criminosos podem pegar o telefone e conseguir

informações como as que consegui sobre você?

— Não sei, por que não poderiam?

— Pare o carro.

— O quê?

— Encoste e pare o carro!

LuAnn virou em uma área de estacionamento e parou. Riggs se virou e pegou o dispositivo de escuta que tinha escondido sob o banco.

— Eu lhe disse que tinha grampeado seu carro — ele levantou o sofisticado aparelho. — Pois deixe eu lhe dizer uma coisa: eles não costumam entregar equipamento como esse a bandidos.

LuAnn, olhos arregalados, era toda ouvidos. Riggs respirou fundo.

— Até cinco anos atrás eu era agente especial do FBI. Gostava de pensar que era um agente muito especial. Trabalhava disfarçado, infiltrado em quadrilhas que operavam tanto no México quanto ao longo da fronteira do Texas. Era gente envolvida com extorsão, narcotráfico, mortes por contrato, o que você puder imaginar eles eram capazes. Vivi e respirei com essa canalhada por um ano. Quando o caso foi aberto, fui a principal testemunha da acusação. Desmantelamos toda a operação e mandamos um bando deles para a prisão perpétua. Mas os chefões da Colômbia não ficaram muito satisfeitos comigo por ter tirado deles cerca de quatrocentos milhões por ano do narcotráfico. É claro que eu sabia o quanto eles queriam me pegar. Assim, tomei a atitude corajosa e honesta. Pedi para desaparecer.

— E daí?

— E o Bureau negou. Disseram que eu era valioso demais nas operações de campo. Tiveram a cortesia de me mandar para outra cidade, em outra missão. Trabalho burocrático por algum tempo.

— Então não houve esposa. Foi tudo inventado.

Riggs esfregou de novo o braço machucado.

— Não, eu me casei. Depois que fui transferido. O nome dela era Julie.

Lu Ann repetiu baixinho:

— Julie?

Riggs confirmou balançando vagarosamente a cabeça e tomou um gole de café. O vapor do líquido enfumaçou o vidro da janela e ele traçou suas verdadeiras iniciais nele, formando o "D" e o "B" de Dan Buckman como se estivesse fazendo aquilo a primeira vez em toda a sua vida.

— "Emboscada na Rodovia da Costa do Pacífico. Carro salta por cima do penhasco perfurado por uma centena de balas." Julie foi morta a tiros. Eu levei duas balas, e, não sei como, nenhuma delas pegou órgãos vitais. Fui lançado para fora do carro e caí num ressalto de pedra. Foram as cicatrizes que você viu.

— Oh, meu Deus. Sinto muito, Matthew.

— Sujeitos como eu provavelmente não deveriam se casar. Não era algo que eu estivesse procurando. Simplesmente aconteceu. Sabe como é, duas pessoas se conhecem, se apaixonam, querem se casar. Você espera que tudo mude depois. Coisas que você sabe que podem ressurgir para arruinar tudo, você espera que desapareçam para sempre. Se eu tivesse resistido a esse impulso, Julie ainda estaria viva e dando aulas para crianças — ele olhou para as mãos enquanto falava. — De qualquer modo, foi quando os brilhantes chefões do Bureau concluíram que era bom que eu quisesse me aposentar e mudar de identidade. Oficialmente, morri na emboscada. Julie foi enterrada em Pasadena e sou um empreiteiro na segura e bucólica Charlottesville — ele terminou o café. — Que, pelo menos, costumava ser segura.

LuAnn escorregou a mão sobre o banco da frente e segurou a dele com firmeza.

Ele retribuiu o carinho e disse:

— É duro apagar tantos anos da nossa vida. Tentar não lembrar, esquecer pessoas e lugares, coisas que foram tão importantes para você por tanto tempo. Sempre com medo de dar com a língua nos dentes — ele a encarou. — É muito duro — ele completou, cansado.

Ela levantou a mão e acariciou-lhe o rosto.

— Nunca percebi o quanto tínhamos em comum.

— Pois aqui vai mais uma coincidência — ele parou por um segundo, os olhos de um fixos nos do outro. — Não estive com uma mulher desde Julie.

Eles se beijaram terna e lentamente.

— Quero que você saiba — disse Riggs — que não foi essa a razão para o que aconteceu hoje de manhã. Tive outras oportunidades no decorrer desses anos. É que nunca senti vontade — ele acrescentou rapidamente — até aparecer você.

Ela traçou o contorno do queixo dele com o dedo indicador e depois subiu até seus lábios.

— Eu também tive outras chances — declarou. Eles se beijaram de novo e então seus corpos se abraçaram como por instinto, mantendo-se firmes como duas peças do mesmo molde, finalmente unidas. Ficaram assim por alguns minutos.

Quando finalmente se separaram, Riggs verificou a área de estacionamento, voltando a concentrar-se na situação presente.

— Vamos até sua casa, meter umas roupas nas malas e mais o que você precisar. Depois iremos para a minha casa e faremos o mesmo. Deixei as anotações que fiz a seu respeito em cima da minha mesa. Não quero deixar

rastro para mais ninguém.

— Há um motel na 29 a uns seis quilômetros daqui.

— É um começo.

— Então, o que você pensa que Jackson vai fazer agora?

— Ele sabe que menti a seu respeito. Evidentemente vai presumir que também menti a respeito de Donovan. Desde que eu tenho todos os motivos para não revelar a verdade e Donovan esta se esforçando ao máximo para fazer exatamente o contrario Jackson irá atras dele em primeiro lugar e depois virá me pegar. Telefonei para Donovan e deixei recado prevenindo-o.

— Puxa, é muito encorajador ser o número dois na lista de futuras vítimas do Mestre Louco — disse Riggs, batendo com a mão na cama enquanto ela enfiava algumas coisas numa pequena bolsa de viagem. — Tem certeza de que Lisa e Charlie estão bem?

— Tanto quanto possível. Eles estão bem longe daqui. E dele. Isso pode ser uma boa coisa.

Riggs foi até a janela que dava para a porta a frente da casa. Quando viu o que vinha subindo a estrada particular de acesso, sentiu os joelhos baquearem por um instante. Agarrou a mão de LuAnn e saiu correndo pela escada, tomando a direção da entrada de trás.

Os sedãs pretos pararam em frente à casa e os homens rapidamente saltaram espalhando-se. George Masters colocou uma das mãos no capo do BMW e examinou a área com um rápido olhar.

— Ainda está morno. Ela está por aí, em alguma parte. Encontrem-na!

Os dois homens saíram, se dispersaram e cercaram a casa.

LuAnn e Riggs passaram correndo pelo estábulo, na direção do mato quando LuAnn parou.

Riggs também parou, segurando o braço machucado, ofegante. Ambos estavam trêmulos.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

Ela fez um gesto na direção do estábulo.

— Você não pode correr com o braço desse jeito. E nós não podemos simplesmente desaparecer no meio do mato.

Eles entraram no estábulo. Joy imediatamente começou a fazer barulho. LuAnn correu e acalmou o animal. Enquanto ela arreava a égua, Riggs pegou um binóculo que estava pendurado na parede e saiu. Ajeitando-se no meio do grosso renque de arbustos que escondiam o estábulo da casa, focalizou o binóculo. Automaticamente levou um susto quando viu, sob as luzes que iluminavam por inteiro o gramado dos fundos, um homem andando de um lado para o outro, fuzil na mão e as letras "FBI" impressas no colete. O outro homem

que viu logo depois fez com que perdesse o fôlego. Fazia cinco anos que não via George Masters, mas ele não mudara praticamente nada. No instante seguinte os dois homens desapareceram do seu campo de visão, ao entrarem na casa.

Riggs correu de volta para o estábulo onde LuAnn acabava de selar Joy, acariciando-lhe o pescoço e sussurrando palavras para acalmar a égua enquanto colocava o bridão.

— Você está pronto? — perguntou a Riggs. — Tenho mais é que estar. Assim que encontrarem a casa vazia, vão revistar todo o resto. Sabem que estamos por aqui, em algum lugar, o motor do carro ainda está quente.

LuAnn colocou um engradado de madeira perto de Joy, montou e deu a mão para Riggs.

— Pise no engradado e segure com força na minha mão.

Ele conseguiu montar assim, usando praticamente um braço só, com o qual envolveu a cintura de LuAnn.

— Irei o mais depressa que puder, mas mesmo assim vai sacudir um bocado. Cavalgar é sempre assim.

— Não se preocupe comigo. Prefiro aguentar um pouco de dor a ter que explicar tudo ao FBI.

Quando saíram pela trilha, LuAnn perguntou.

— Então é isso o que eles são? Velhos amigos?

Riggs fez que sim.

— Pelo menos um deles era meu amigo. Ou melhor, *foi* meu amigo, para ser mais preciso. George Masters. Foi o cara do Bureau que disse que eu era valioso demais nas operações de campo e que não me deixou entrar para o Programa de Proteção a Testemunhas senão depois da morte da minha mulher.

— Matthew, não vale a pena. Não há razão por que você deva fugir deles, você não fez nada de errado.

— Olhe, LuAnn, não devo nada a esses caras.

— Mas se eu for apanhada e você estiver comigo?

— Bem, só que não vamos ser apanhados — sorriu ele.

— Qual é a graça?

— Eu estava pensando em como tenho me entediado nos últimos anos. Acho que realmente não me sinto feliz se não estiver fazendo algo em que haja uma séria possibilidade de perder a cabeça. Tenho que admitir isso.

— Bem, então escolheu a pessoa certa como companhia — ela examinou o terreno mais à frente. — O motel provavelmente está fora de questão.

— É, eles vão controlar lugares desse tipo. Além do mais, chegar ao motel a cavalo ia deixar o gerente meio desconfiado.

— Tenho outro carro nos fundos da casa, o que de nada nos adiantará.

— Espere um minuto. Nós *temos* um carro.

— Onde?

— Só temos que chegar ao chalé, rapidamente.

Quando chegaram, Riggs disse:

— Fique de olho para ver quem decidiu voltar.

Ele abriu a porta do alpendre dos fundos e entrou. Na escuridão LuAnn não pôde ver o que estava fazendo. Ouviu um motor arrancar e morrer em seguida. Foi ligado novamente e desta vez continuou funcionando. Um momento mais tarde, com o para-choque quebrado e tudo, apareceu o Honda preto de Donovan. Riggs o levou para fora do alpendre e saltou.

— O que você quer fazer com a égua?

LuAnn olhou em torno.

— Eu podia mandá-la de volta pela trilha. Provavelmente conseguiria chegar para o estábulo sozinha, mas no escuro talvez se perca ou se desvie e caia em algum buraco ou talvez no regato.

— Que tal deixá-la no alpendre e depois mandar alguém pegá-la? — sugeriu ele.

— Boa ideia — ela se virou e conduziu Joy para o alpendre.

Um rápido exame foi suficiente para ver que havia arreios pendurados em uma parede, água corrente e dois fardos de alfafa num canto.

— É perfeito. O inquilino que precedeu Donovan deve ter usado isso aqui como estábulo.

LuAnn tirou a sela e o bridão de Joy e a prendeu a um gancho na parede com um pedaço de corda que encontrou num canto. Depois pegou um balde e encheu de água e colocou, junto com o feno, na frente da égua, que imediatamente começou a comer. Em seguida LuAnn fechou as portas e acomodou-se na posição do motorista do Honda, enquanto Riggs se sentava no banco do carona.

Não havia chave na ignição. LuAnn deu uma olhada na coluna de direção e viu um punhado de fios expostos pendurados.

— Ensinam ligação direta lá no FBI?

— A gente aprende muita coisa pela vida afora.

Ela engrenou o carro.

— Conte o que você aprendeu.

Os dois ficaram em silêncio por um momento até que Riggs falou:

— Pode ser que tenhamos uma única chance para sair desta numa boa, relativamente intactos.

— E qual será essa chance?

— O FBI pode ser muito tolerante com quem coopera com ele.

— Mas, Matthew...

Ele a interrompeu.

— O FBI pode perdoar completamente quando as pessoas dão o que eles querem.

— Você está sugerindo o que eu estou pensando?

— Tudo o que temos a fazer é entregar Jackson a eles.

— Ainda bem. Por um minuto pensei que fosse ser uma coisa difícil.

Eles saíram no Honda.

48

ERAM DEZ DA MANHÃ. Donovan observava com um binóculo a imensa casa em estilo colonial sulista construída em meio a belas árvores. Ele se encontrava em McLean, Virginia, um dos locais mais ricos dos Estados Unidos. Propriedades de milhões de dólares eram a norma ali e geralmente com meio hectare, ou menos. A casa que ele observava ficava em um terreno de dois hectares bastante isolados. Era preciso ser dono de uma fortuna substancial para ter uma mansão daquelas. Enquanto contemplava o pórtico cercado por colunas, Donovan teve certeza absoluta de que o atual proprietário tinha dinheiro de sobra.

Nessa mesma hora, uma Mercedes nova em folha que vinha do lado oposto virou na direção dos portões da mansão. Assim que a Mercedes aproximou o capo da entrada, os portões se abriram e o carro entrou. Através do binóculo foi fácil para Donovan ver que quem dirigia era uma mulher de seus quarenta anos, mas que ainda lembrava muito bem a foto da loteria tirada dez anos antes. O dinheiro tem o poder de reduzir o ritmo do processo de envelhecimento, pensou Donovan.

Consultou o relógio. Tinha chegado cedo justamente para observar as coisas. Verificara a secretária eletrônica e ouvira o alerta de LuAnn Tyler. Não ia fugir ainda, mas levara muito a sério o conselho dela. Seria um imbecil se não achasse que havia algumas forças muito perigosas por trás de tudo aquilo. Tirou a arma do bolso e a examinou mais uma vez para ver se estava totalmente carregada. Esquadrinhou a área de novo. Esperou mais alguns minutos para dar tempo à motorista da Mercedes para se acomodar, jogou o cigarro pela janela, subiu o vidro e dirigiu-se para a casa.

Parou diante do portão e falou no intercomunicador. A voz que atendeu pareceu-lhe nervosa, agitada, mas um minuto depois ele estava de pé no *foyer*, cujo teto subia três andares acima da sua cabeça.

— Sra. Reynolds?

Bobbie Jo Reynolds se esforçou ao máximo para não o encarar diretamente nos olhos. Não falou nada, limitou-se a balançar a cabeça. Donovan percebeu que se vestia de um modo em que tudo combinava muito bem — ninguém suspeitaria de que dez anos antes não passava de uma atriz faminta trabalhando de garçonete. Estava no país havia quase cinco anos agora, após longa temporada na França. Durante a pesquisa que fizera sobre os ganhadores da loteria, Donovan a investigara minuciosamente. Agora era um membro muito respeitado da comunidade social de Washington. Subitamente teve vontade de

saber se ela e Alicia Crane se conheciam.

Após não conseguir chegar a parte alguma com LuAnn Tyler, Donovan entrara em contato com os outros onze ganhadores da loteria. Tinham sido muito mais fáceis de rastrear do que LuAnn. Nenhum era fugitivo da Lei. Ainda.

Reynolds era a única que consentira em falar com ele. Cinco tinham batido com o telefone na sua cara. Herman Rudy fizera ameaças de sérias lesões corporais e usou uma linguagem que Donovan não ouvia desde seus tempos na Marinha. Os demais não o haviam chamado de volta depois que ele deixara recados.

Reynolds o conduziu ao aposento que Donovan viu que se tratava da sala de estar — grande, arejada e cheia, presumivelmente sob a orientação de um bom decorador, de mobiliário contemporâneo, realçado, aqui e ali, por antiguidades caríssimas.

Reynolds sentou-se em uma *bergère* e, com um gesto, orientou Donovan para o sofá de tamanho médio que ficava bem em frente.

— Aceita um chá ou um café? — ela fez a pergunta ainda sem olhar para ele, retorcendo nervosamente as mãos.

— Não, obrigado — ele se inclinou para a frente, pegou o bloco de anotações e também um gravador. — Incomoda-se se eu gravar a nossa conversa?

— Por que seria necessário?

Reynolds de repente começava a exibir um pouco de espinha vertebral, pensou ele. Decidiu que o melhor era esmagar essa tendência antes que ganhasse mais força.

— Srta. Reynolds, presumi que quando me chamou de volta era porque estava preparada para falar. Sou repórter. Não quero colocar palavras na sua boca, quero os fatos exatamente como ocorreram, dá para entender isso?

— Sim, suponho que sim — respondeu ela, nervosamente. — Foi por isso que telefonei para você. Não quero ver meu nome manchado Quero que você saiba que ha muitos anos sou uma figura muito respeitável desta comunidade. Contribuo generosamente para numerosas obras de caridade. Pertenço a diversas organizações locais...

— Srta. Reynolds — interrompeu Donovan —, a senhorita se incomoda se eu a chamar de Bobbie Jo?

Foi visível o sobressalto que ela sentiu.

— Meu nome é Roberta — disse, afetadamente.

Reynolds lembrava tanto Alicia que Donovan se sentiu tentado a perguntar se não se conheciam. Decidiu conter o impulso.

— Está bem, Roberta. Sei que você tem feito muita caridade em prol dos

necessitados. Que tem sido um verdadeiro pilar da sociedade. Mas não estou interessado no presente. Quero lhe falar sobre o passado, especificamente sobre o que ocorreu há dez anos.

— Você mencionou isso pelo telefone. A loteria — ela passou a mão trêmula no cabelo.

— Exatamente. A fonte disso tudo — ele fez um gesto largo, indicando toda a opulência que os cercava.

— Ganhei na loteria dez anos atrás, dificilmente se poderia considerar isso uma novidade a essa altura, Sr. Donovan.

— Chame-me de Tom.

— Prefiro não.

— Tudo bem. Roberta, conhece alguém chamada LuAnn Tyler?

Reynolds pensou por um momento e sacudiu a cabeça. — Não parece familiar. Eu deveria conhecê-la?

— Provavelmente não. Ela também ganhou a loteria, na verdade dois meses depois de você.

— Que bom para ela.

— Ela era muito parecida com você. Pobre, sem grandes perspectivas. Na verdade, uma vida sem saída.

Reynolds riu nervosamente.

— Você fala de um jeito que faz parecer que me faltavam totalmente recursos para minha subsistência. Não era nada disso.

— Mas você não estava exatamente nadando em dinheiro, não é? Quer dizer, foi até por isto que jogou na loteria, certo?

— Suponho que sim. Eu não esperava ganhar.

— Não esperava, Roberta? Ela se assustou.

— O que é que você está querendo dizer?

— Quem administra seus investimentos?

— Não é da sua conta.

— Bem, meu palpite é que é a mesma pessoa que administra o dinheiro de onze outros ganhadores da loteria, inclusive LuAnn Tyler.

— E daí?

— Vamos, Roberta, fale comigo. Tem alguma coisa nisso tudo que você sabe o que é e eu quero descobrir. Na verdade, você sabia que ia ganhar na loteria.

— Você está louco — a voz dela tremia exageradamente.

— Estou? Pois eu acho que não. Já entrevistei milhares de mentirosos, Roberta, alguns muito competentes. Não é o seu caso.

Reynolds levantou-se.

— Não sou obrigada a ouvir esse tipo de coisa.

Donovan persistiu.

— A história virá a público, Roberta. Estou perto de ter êxito em uma variedade de frentes. É só uma questão de tempo. A questão é: quer cooperar e talvez sair dessa história toda relativamente incólume ou prefere afundar junto com todo mundo?

— Eu... eu...

Donovan continuou, sustentando a firmeza da voz.

— Minha intenção não é estragar a sua vida, Roberta. Agora, se você participou de uma conspiração para manipular o resultado da loteria, seja como for, vai sobrar para o seu lado. Mas eu vou lhe oferecer o mesmo acordo que ofereci a Tyler. Você me conta tudo o que sabe, eu vou e escrevo a minha história e você faz o que quiser enquanto ela não for publicada. Como desaparecer, por exemplo. Considere a alternativa.

Reynolds sentou de novo e olhou em torno por um momento.

Respirou fundo.

— O que você quer saber? Donovan ligou o gravador.

— O resultado da loteria foi manipulado?

Ela fez que sim.

— Preciso de uma resposta audível, Roberta — lembrou, indicando o gravador.

— Sim.

— Como? — Donovan tremia enquanto esperava pela resposta.

— Você se incomodaria de me servir um copo d'água daquela garrafa ali?

Donovan levantou-se de um pulo, serviu a água, colocou o copo em frente a Roberta Reynolds e sentou de novo.

— Como? — repetiu ele.

— Tinha a ver com substâncias químicas.

Donovan inclinou a cabeça.

— Substâncias químicas?

Reynolds puxou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas que de repente começaram a escorrer dos seus olhos.

Observando-a, Donovan não teve dúvida de que estava próxima do seu limite. Era uma ironia que quem tivesse telefonado de volta para ele fosse um tipo nervoso como *Bobbie Jo* Roberta Reynolds.

— Não sou cientista, Roberta, explique para mim da maneira mais simples que puder.

Reynolds agarrou o lenço com mais força.

— Todas as bolas menos uma, a que tinha o número vencedor, eram borrifadas com uma substância química. E a abertura através da qual a bola tinha

de passar também recebia uma aplicação qualquer. Não sei explicar direito, mas só a bola que não era borrifada com a tal substância é que conseguia passar e chegar ao depósito. O mesmo acontecia com todas.

— Droga! — Donovan a fitou, assombrado. — OK, Roberta, tenho um milhão de perguntas. Os outros vencedores sabem disso? Como foi feito? E por quem? — ele pensou de novo em LuAnn Tyler. Ela sabia, sem dúvida nenhuma.

— Não. Nenhum dos vencedores sabia como foi feito. Só sabia quem fez — ela apontou para o gravador. — O aparelho parou — tenho certeza de que você não vai querer perder uma só palavra do que vou dizer — ela acrescentou amargurada.

Donovan pegou o gravador e o estudou enquanto refletia sobre as palavras que acabara de ouvir.

— Não é bem assim, porque você sabe como a loteria foi manipulada, Roberta, acabou de me contar. Vamos, conte-me toda a verdade.

O golpe violentíssimo que o atingiu no torso jogou Donovan por cima do sofá. Ele aterrissou com força no piso de carvalho, sem conseguir respirar. Sentia as costelas quebradas flutuando no seu tórax.

Reynolds se aproximou.

— Não, a verdade é que a pessoa que imaginou tudo é a única que sabe como tudo foi feito — o cabelo feminino e o rosto caíram e foi Jackson quem encarou o homem ferido.

Donovan tentou desesperadamente se levantar.

— Meu Deus!

O pé de Jackson o alcançou no peito, atirando-o de encontro à parede. Jackson permaneceu ereto.

— O boxe tailandês é uma arte marcial particularmente mortífera. Pode-se literalmente liquidar uma pessoa sem usar as mãos.

A mão de Donovan deslizou para o bolso, à procura da arma. Ele mal conseguia mover os ombros, as costelas quebradas perfurando órgãos internos vitais. Quase não podia respirar.

— Realmente, você não está se sentindo nada bem. Deixe eu ajudá-lo — Jackson ajoelhou-se e, usando o lenço, retirou a pistola do bolso de Donovan. — Isso na verdade será perfeito. Muito obrigado.

Deu um chute terrível na cabeça do repórter e os olhos deste finalmente se fecharam. Em seguida pegou um cordão de plástico no bolso e em menos de um minuto tinha amarrado Donovan.

Arrancou fora o resto do disfarce, guardou cuidadosamente na bolsa que tinha posto debaixo do sofá e subiu a escada de dois em dois degraus. Seguiu disparado até a porta do quarto de dormir que ficava no fim do corredor.

Bobbie Jo Reynolds estava deitada de pernas e braços abertos em cima da cama, com os punhos e os tornozelos amarrados nos pés da cama e um esparadrapo na boca.

Lançou um olhar selvagem para Jackson, retorcendo o corpo em sinal de incontrolável pavor.

Jackson sentou-se ao lado dela.

— Quero lhe agradecer por ter seguido minhas instruções com tanta precisão. Deu um dia de folga aos criados e marcou o encontro com o Sr. Donovan, exatamente como eu queria — ele deu uma palmadinha na mão dela. — Eu sabia que podia contar com você, a ovelha mais fiel do meu pequeno rebanho.

Ele a fitou com olhos suaves e reconfortantes até que cessou o tremor do seu corpo. Aí então soltou as amarras e removeu delicadamente o esparadrapo.

Jackson levantou-se.

— Tenho de atender o Sr. Donovan lá embaixo. Dentro em breve teremos ido embora e não a aborreceremos mais. Você ficará aqui até que saiamos, entende?

Bobbie Jo Reynolds fez que sim com um movimento brusco, esfregando os pulsos.

Então ele apontou a arma de Donovan para ela e apertou o gatilho até não haver mais balas para disparar. Ficou observando por um momento o sangue encharcar as cobertas e sacudiu a cabeça tristemente. Não gostava de matar inocentes. Mas é assim que o mundo funciona. Os inocentes são feitos para o sacrifício. Nunca enfrentam uma briga.

Jackson voltou para o andar de baixo, pegou o estojo de maquiagem e o espelho e gastou os trinta minutos seguintes zanzando em torno de Donovan.

Quando o repórter finalmente voltou a si, tinha uma terrível dor de cabeça, podia sentir a hemorragia interna mas pelo menos ainda estava vivo. Seu coração quase parou quando se viu encarando... a si mesmo, Thomas Donovan. O sujeito tinha até vestido seu casaco e chapéu. Donovan focalizou direito o olhar. A impressão inicial era de que tinha diante de si um irmão gêmeo. Agora podia ver diferenças sutis, coisas que não eram exatamente iguais. Assim mesmo a personificação era impressionante.

Jackson ajoelhou-se.

— Você pode se espantar, mas eu lhe asseguro que sou muito eficiente com essas coisas. Pós, cremes, látex, perucas, colas rápidas. Massas. É realmente espantoso o que se consegue fazer, mesmo que não passe de uma ilusão. Além do mais, no seu caso não foi tão difícil assim. Não me leve a mal, mais você tem um rosto bastante comum. Não tive de fazer nada de especial e já faz alguns dias que venho estudando suas feições. É verdade que você me surpreendeu ao raspar

a barba, o que me obrigou a recorrer a outro tipo de material.

Ele agarrou Donovan pelas axilas e o acomodou no sofá, sentando-se à sua frente. O jornalista, tonto, tombou para um lado. Jackson, gentilmente, o escorou com uma almofada.

— Certamente não passaria por um exame mais detalhado. O resultado, contudo, não foi tão mal assim para apenas meia hora de trabalho.

— Preciso de um médico — Donovan conseguiu fazer com que as palavras passassem através dos lábios grossos de sangue.

— Receio que isso não vá acontecer. Mas gastarei dois minutos para lhe explicar algumas coisas. Acredito que lhe devo essa. Você foi muito imaginativo ao selecionar a abordagem da falência dos ganhadores. Admito que isso jamais me ocorreu. Minha preocupação principal era de que nenhum dos meus vencedores sentisse falta de dinheiro.

Qualquer falta de fundos podia lhes dar motivo para contar tudo. Gente gorda e feliz raramente trai seu benfeitor. E você encontrou o furo do meu plano.

Donovan tossiu e, com um movimento súbito, conseguiu sentar direito.

— Como foi que você me achou?

— Eu sabia que LuAnn não ia dizer basicamente nada. O que faria você? Atacar outra fonte. Telefonei para todos os meus outros vencedores e alertei que você podia telefonar. Dez foram instruídos a mandar você para o inferno. Para Bobbie Jo, desculpe, Roberta, eu disse que o recebesse.

— Por que ela?

— É simples. Geograficamente era a mais próxima de mim. Tive de dirigir a noite toda para chegar aqui a tempo de preparar tudo. A propósito, aquela pessoa no Mercedes era eu. Eu tinha uma descrição sua. Achei que era você no carro, vigiando a casa.

— Onde está Bobbie Jo?

— Não é importante — Jackson sorriu, tanto pela ansiedade que sentia de explicar tudo quanto pelo seu triunfo e controle total sobre o veterano repórter. — Agora, continuando. A substância aplicada a nove de cada dez bolas era um acrílico leve claro. Se você se interessa por detalhes, era uma solução diluída de polidimetil de siloxane ligeiramente modificada por mim, uma versão turbo, se preferir uma simplificação. Essa substância cria uma poderosa carga estática e também aumenta o tamanho da bola em aproximadamente dois milésimos de centímetro, sem, contudo, sofrer uma alteração mensurável em peso, aparência ou até mesmo cheiro. Eles pesam as bolas, você sabe, para se assegurarem de que todas têm peso igual. Em cada depósito a bola com o número vencedor é a única que não sofreu aplicação química. Cada passagem através da qual abola vencedora tem de subir também recebeu um leve borrifo da solução diluída de

polidimetil de siloxane. Sob tais condições, que têm de ser controladas com precisão, as nove bolas com a carga estática não podem penetrar em uma passagem revestida da mesma substância. Na verdade, elas se repelem, como em um campo de força. Assim, não podem ser parte da combinação vencedora. Somente a bola limpa poderá.

O espanto ficou evidente no rosto de Donovan, mas de repente suas feições se fecharam.

— Espere um minuto — se as nove bolas sofreram a aplicação da mesma substância química, por que não repeliriam umas às outras depois de sorteadas, quando estivessem no mesmo depósito? Não despertaria suspeitas?

— Sua pergunta é maravilhosa. Eu adoro detalhes. Introduzi posteriormente uma alteração na substância, de modo que ela passou a ser ativada instantaneamente pelo calor desprendido pelo fluxo de ar que entra nas máquinas a fim de fazer as bolas girarem. Até então, elas permaneciam imóveis.

Jackson fez uma pausa, os olhos brilhando.

— A mente inferior imagina tramas complicadíssimas; é preciso um cérebro brilhante para se conseguir a simplicidade. E tenho certeza de que a pesquisa que você fez para escrever sua matéria revelou que todos os meus vencedores eram pobres, desesperados e que ansiavam por uma pequena esperança, uma ajuda qualquer, mínima que fosse. Foi o que lhes dei. A todos. A loteria adorou. O Governo vestiu o manto da santidade ao se ver ajudando os pobres. Vocês, jornalistas, tiveram uma chance para escrever suas histórias piegas. Todo mundo ganhou. Inclusive eu — Donovan esperou que o homem fosse fazer uma reverência para agradecer os aplausos.

— E você fez tudo isso sozinho? — ironizou Donovan.

A réplica de Jackson foi feroz.

— Não precisei de mais ninguém, além dos meus vencedores. Os seres humanos são infinitamente falíveis, completamente não confiáveis. A ciência, não. A ciência é absoluta. Sob condições estritas e rigidamente controladas, se você fizer A e B, o resultado será C. Esse tipo de coisa raramente acontecerá se você introduzir as ineficiências da humanidade no processo.

— Como foi que você conseguiu ter acesso às máquinas?

Donovan tinha cada vez mais dificuldade para falar, à medida que seus ferimentos se agravavam.

Jackson abriu um sorriso.

— Consegui me empregar como técnico na companhia que fornece e mantém as máquinas de sorteio. Eu era superqualificado para a posição, razão pela qual me deram o emprego. Ninguém realmente se importava com o idiota desprezível de um humilde técnico. Era como se eu nem estivesse presente. Mas

eu tinha completo e irrestrito acesso às máquinas, de modo que pude experimentar inteiramente à vontade a combinação exata das substâncias químicas. Assim, lá estava eu borrifando as bolas com o que todo mundo pensava ser uma solução de limpeza para eliminar a poeira e outros resíduos gordurosos que podiam ter se acumulado nos depósitos. E tudo o que eu tinha de fazer era segurar a bola vencedora na minha mão enquanto trabalhava. A solução seca quase imediatamente. Sub-repticiamente eu largava a bola vencedora de volta no depósito e estava tudo pronto.

Jackson riu.

— As pessoas deviam respeitar mais os técnicos desse mundo, Sr. Donovan. Eles controlam tudo porque controlam as máquinas que controlam o fluxo da informação. Na verdade, uso muitos deles no meu trabalho. Não preciso comprar os chefes. São inúteis porque são exemplos cabais de incompetência. Prefiro sempre as abelhas operárias às rainhas.

Jackson levantou-se e calçou um par de luvas grossas.

— Acho que isso explica tudo — disse. — Agora, depois de terminar com você, vou visitar LuAnn.

Que idiota eu fui por não ter escutado você, LuAnn, pensou Donovan.

Através da luva Jackson esfregou a mão machucada onde o vidro o cortara. Tinha muito que se desforrar de LuAnn.

— Um lembrete, panaca — gaguejou Donovan. — Meta-se com aquela mulher que ela corta seus ovos fora.

— Obrigado pelo seu ponto de vista — Jackson segurou Donovan com força pelos ombros.

— Por que é que você está me conservando vivo, seu filho da puta? — Donovan tentou recuar, mas estava fraco demais.

— Na verdade, não estou — Jackson subitamente colocou as mãos nos lados da cabeça de Donovan e torceu abruptamente. O barulho de osso se partindo, embora não tendo sido alto, foi inconfundível. Em seguida ergueu o morto e o colocou no ombro. Carregou-o para a garagem, abriu a porta da frente da Mercedes e comprimiu os dedos de Donovan no volante, painel, relógio e diversas outras superfícies em que ficariam boas impressões. Finalmente prendeu na mão dele a arma que usara para matar Bobbie Jo Reynolds.

Embrulhando o corpo em um cobertor, colocou-o na mala da Mercedes. Aí correu até a casa, recuperou sua mala e o gravador de Donovan, voltou para a garagem e assumiu a posição do motorista. Em poucos minutos o carro deixou para trás o bairro tranquilo. Após algum tempo, Jackson parou do lado da estrada, baixou o vidro e atirou a arma no mato antes de seguir em frente. Ia esperar até o cair da noite e então um certo incinerador que descobrira em um

dos seus primeiros reconhecimentos da área viria a ser o lugar do descanso final de Thomas Donovan.

Enquanto dirigia, pensou rapidamente em como cuidar de LuAnn e seu novo aliado, Riggs. A deslealdade dela fora definitivamente comprovada e não haveria mais suspensão de pena. Concentraria sua atenção exclusivamente nisso. Mas antes tinha que providenciar outra coisa.



Jackson entrou no apartamento de Donovan, fechou a porta e gastou um minuto para examinar onde se encontrava. Ainda usava o rosto do homem morto. Assim, mesmo que fosse visto, não tinha com o que se preocupar. O corpo de Donovan fora incinerado, mas Jackson tinha um limite de tempo para completar a busca no apartamento do repórter. Os jornalistas costumam guardar registros de seu trabalho e era isso que Jackson viera buscar. Muito em breve a governanta descobriria o corpo de Bobbie Jo Reynolds e chamaria a polícia. E a investigação policial iria muito rapidamente, graças aos esforços de Jackson, chegar até Thomas Donovan.

Jackson revistou o apartamento depressa mas com método e em pouco tempo encontrou o que procurava. Empilhou as caixas de papelão no meio do pequeno *foyer*. Eram as mesmas que Donovan tinha consigo no chalé de Charlottesville, repletas com os resultados de sua investigação sobre a loteria. Em seguida ligou o computador de Donovan e verificou tudo o que havia no disco rígido.

Ainda bem que ele não se dera ao trabalho de usar senhas. O disco estava limpo. Provavelmente guardava tudo em disquete para facilitar o transporte. Procurou na parte de trás do computador e embaixo da mesa. Não havia um modem externo. Para não ter dúvidas, verificou novamente os ícones que apareciam na tela. Nenhum provedor do tipo America OnLine se fazia presente. Assim, não havia mensagens eletrônicas a procurar. Que comportamento antiquado o do Donovan, pensou Jackson. Em seguida pegou uma pilha de disquetes numa gaveta e colocou tudo em uma das caixas. Deixaria para examinar o conteúdo depois.

Estava se preparando para ir embora quando notou que a secretária eletrônica da sala estava com a luz vermelha piscando. Aproximou-se e pressionou o *play*. Os primeiros três recados eram inócuos. Já a voz da quarta mensagem fez com que Jackson se virasse bruscamente e abaixasse a cabeça para não perder uma única palavra.

Alicia Crane parecia nervosa e apavorada. *Onde você está*?, Thomas, implorava. *Você não telefonou. Você está trabalhando numa coisa perigosa demais. Por favor, por favor, ligue para mim*, dizia a mensagem.

Jackson rebobinou a fita e ouviu a voz de Alicia de novo. Pressionou outro botão da secretária eletrônica e, finalmente, pegou as caixas e retirou-se do apartamento.

49

LUANN CONTEMPLOU O LINCOLN MEMORIAL quando passou com o Honda pela Memorial Bridge. A água do rio Potomac estava escura e agitada. Flocos de espuma branca apareciam e desapareciam rapidamente. Era a hora do intenso movimento da manhã e o trânsito na ponte estava pesado. Tinham passado a noite em um motel perto de Fredericksburg enquanto decidiam o que fazer. Em seguida rumaram para as cercanias de Washington, D.C., e passaram a noite em um motel perto de Arlington. Riggs dera alguns telefonemas e fora fazer compras, preparando-se para os eventos que teriam lugar no dia seguinte. Depois ficaram no quarto do motel, comendo, enquanto Riggs repassava o plano, cujos detalhes LuAnn rapidamente memorizou. Dando por terminada esta fase, desligaram a luz.

Um dormia enquanto o outro montava guarda. Esta era pelo menos a ideia. Na verdade, nenhum dos dois conseguiu descansar direito. Finalmente os dois se sentaram, abraçados. Em qualquer outra circunstância provavelmente teriam feito amor. No caso, passaram a noite olhando pela janela para a rua escura lá fora, tentando perceber algum som que indicasse outra onda de perigo.

— Não posso acreditar que eu esteja fazendo isso — exclamou LuAnn quando seguiram em frente.

— Ei, você disse que confiava em mim.

— E confio. Confio em você.

— LuAnn, eu sei o que estou fazendo. Há duas coisas que sei: construir coisas e a maneira como o Bureau funciona. É assim que temos de agir. O único modo que faz sentido. Você foge, eles acabam achando você.

— Eu já consegui fugir antes — afirmou ela, cheia de confiança.

— Você teve ajuda e uma boa vantagem inicial. Jamais conseguiria sair do país agora. Assim, se não pode fugir, faça o contrário, corra direto na direção deles, assuma a ofensiva.

LuAnn concentrou-se no trânsito, ao mesmo tempo em que pensava intensamente naquilo que estavam prestes a fazer. O que ela estava prestes a fazer. O único homem em quem confiava totalmente era Charlie. E essa confiança não nascera de repente, fora sendo construída e cimentada em um período de dez anos. Conhecia Riggs havia muito pouco tempo. E no entanto ele conquistara sua confiança em questão de dias. As ações dele a atingiam muito mais profundamente do que qualquer palavra com que tentasse convencê-la.

— Você não está nervoso? — perguntou ela. — Quer dizer, você realmente

não sabe em que está se metendo.

Ele sorriu.

— Esta é realmente a melhor parte da coisa, não é?

— Você é maluco, Matthew Riggs, você é realmente maluco. Tudo o que quero na minha vida é um pouco de previsibilidade, uma aparência de tranquilidade ou mesmo de normalidade e você fica aí salivando só de pensar que vai se equilibrar na beira de um precipício.

— Tudo depende da maneira como se vê as coisas — ele deu uma olhada pela janela. — Chegamos.

Ele apontou para uma vaga no meio-fio e ela estacionou. Riggs saltou e meteu a cabeça pela janela.

— Lembra-se de todo o plano?

LuAnn fez que sim.

— O fato de ter estudado tudo ontem à noite ajudou muito. Não vou ter problema.

— Ótimo, até daqui a pouco.

Enquanto Riggs descia a rua na direção da cabine do telefone público, LuAnn levantou os olhos para o edifício grande e feio que tinha pintado na fachada o letreiro J. EDGAR HOOVER BUILDING. Sede do FBI, o Bureau Federal de Investigações. O FBI que procurava por ela em toda parte, quando estava estacionada a três metros da porta do seu maldito quartel-general. Estremeceu e pôs o óculos de sol. Engrenando o carro, tentou controlar os nervos. Esperava em Deus que o homem soubesse realmente o que estava fazendo.

Riggs deu o telefonema. O homem do outro lado da linha ficou compreensivelmente nervoso. Em questão de minutos ele estava no interior do Hoover Building e era acompanhado por um guarda armado até seu destino.



A sala de reuniões em que foi deixado era grande mas escassamente mobiliada. Ele passou pelas cadeiras reunidas em torno da mesinha e ficou de pé esperando que os outros chegassem. Respirou fundo e quase abriu um sorriso. Voltara para casa, por assim dizer. Examinou a sala em busca de câmeras ocultas e nada viu de óbvio, o que significava que devia estar sob vigilância de áudio e vídeo.

Virou-se quando a porta se abriu e entraram dois homens de camisa branca e gravatas parecidas.

George Masters estendeu a mão. Era um homem grande, meio careca, mas com o corpo ainda enxuto. Lou Berman exibia um corte de cabelo à escovinha e uma atitude geral absolutamente séria.

— Quanto tempo, Dan. Riggs apertou a mão dele.

— Agora sou Matt. Dan morreu, lembra, George?

George Masters pigarreou, olhou nervosamente em torno, e fez um gesto para que Riggs se sentasse à mesa que tinha o tampo todo riscado. Depois que todos estavam acomodados, Masters indicou o outro homem com uma inclinação da cabeça.

— Lou Berman é o encarregado da investigação de que falamos ao telefone — Berman cumprimentou Riggs com um gesto quase imperceptível da cabeça.

Masters olhou para Berman.

— Dan — ele fez uma pausa para corrigir-se —, Matt foi um dos melhores agentes secretos que já tivemos.

— Sacrifiquei-me um bocado em nome da justiça, não foi, George? — Riggs o encarou diretamente nos olhos.

— Quer um cigarro? — perguntou Masters. — Se estou bem lembrado, você era fumante.

— Desisti, era perigoso demais — ele olhou para Berman. — O George aqui poderá lhe dizer que fiquei tempo demais no jogo. Certo, George? Só que meio contra a minha vontade.

— Isso foi há muito tempo.

— Engraçado, para mim parece que foi ontem.

— Faz parte do jogo, Matt.

— E fácil dizer quando você não viu sua esposa ter os miolos estourados por causa do modo como o marido ganha a vida. A propósito, como vai a sua mulher, George? Três filhos, não é? Deve ser muito bom ter mulher e três filhos.

— Está certo, Matt. Sei aonde você quer chegar. Sinto muito.

Riggs engoliu em seco. Estava se sentindo muito mais emocionado do que esperara, mas tudo parecia ter acontecido ontem e ele esperara cinco anos para dizer aquilo.

— Teria sido muito mais importante se você tivesse dito isso cinco anos atrás, George.

O olhar de Riggs foi tão intenso que Masters finalmente teve de abaixar a cabeça.

— Vamos ao que interessa — disse Riggs finalmente, conseguindo se livrar do passado.

Masters apoiou os cotovelos na mesa e encarou Riggs.

— Para sua informação, eu estava em Charlottesville duas noites atrás.

— Uma bela cidadezinha acadêmica.

— Visitei alguns lugares. Pensei que pudesse ver você.

— Sou um trabalhador. Vivo ocupado.

Masters concentrou a atenção na tipoia.

— Acidente?

— O ramo da construção pode ser bem perigoso. Estou aqui para fazer um acordo, George. Um acordo que seja mutuamente satisfatório.

— Você sabe onde se encontra LuAnn Tyler? — Berman inclinou-se para a frente, os olhos esquadrinhando o rosto de Riggs.

Riggs inclinou a cabeça para o outro homem.

— Estou com ela lá embaixo no carro, Lou, quer ir verificar? Aqui está — Riggs meteu a mão no bolso, pegou um chaveiro e balançou na frente do agente do FBI. Eram, na verdade, as chaves de sua casa, mas Riggs imaginou que Berman não ia aceitar sua oferta.

— Não estou aqui para brincadeiras — retrucou Berman, irritado.

Riggs pôs as chaves de lado e adiantou-se um pouco.

— Nem eu. Conforme falei, estou aqui para fazer um acordo. Quer saber do que se trata?

— Por que iríamos querer fazer um acordo com você? Como podemos saber que não está trabalhando associado à Tyler?

— E se eu estiver?

O rosto de Berman ficou vermelho.

— Ela é uma criminosa.

— Trabalhei com criminosos a maior parte da minha carreira, Lou. E quem diz que ela é uma criminosa?

— O estado da Georgia.

— Você examinou realmente o processo? Refiro-me a um estudo em profundidade. Minhas fontes dizem que é tudo papo-furado.

— Suas fontes? — Berman quase riu.

Masters interveio.

— Eu mesmo examinei o que eles têm por lá, Matt. Provavelmente não tem o menor valor — ele dirigiu um olhar furioso a Berman. — E, mesmo que não seja, é um problema da Georgia e não nosso.

— Certo, e seus interesses devem se concentrar em outro lugar.

Berman recusou-se a ceder.

— Ela também é uma fraudadora de impostos. Ganhou cem milhões de dólares, desapareceu por dez anos e não pagou um só centavo a Tio Sam.

— Pensei que você fosse agente do FBI, não contador — retrucou Riggs.

— Vamos com calma, rapazes — pediu Masters.

Riggs adiantou-se um pouco.

— Pensei que vocês estivessem muito mais interessados na pessoa que se encontra por trás de LuAnn Tyler, a pessoa que está por trás de uma porção de gente. O sujeito invisível, com bilhões de dólares no bolso a percorrer o planeta, fazendo tudo o que lhe dá na telha, pilhando e espalhando o caos. Tornando miseráveis as vidas de tanta gente. Agora, vocês querem chegar a esse cara ou preferem conversar com LuAnn sobre as declarações do Imposto de Renda que ela apresentou?

— O que você está sugerindo?

Riggs recostou-se na cadeira.

— Exatamente como nos velhos tempos, George. Damos linha para o peixe grande e deixamos passar o pequeno.

— Não gosto disso — resmungou Berman.

Os olhos de Riggs se demoraram nas feições do homem.

— Com base na minha experiência no Bureau, pegar os peixes grandes faz com que você seja promovido e, mais importante ainda, resulta em aumento de salário; já pegar os peixes pequenos, ao contrário, de nada adianta.

— Não precisa me dar aula sobre FBI, Riggs. Já faz algum tempo que ando por aqui.

— Ótimo, Lou, então eu não devia ter perdido tempo à toa. Nós entregamos o homem a vocês e LuAnn se safa. E me refiro a tudo — acusações federais, impostos e o estado da Georgia.

— Não poderemos garantir isso, Matt. A rapaziada do Imposto de Renda tem lá sua própria maneira de agir.

— Bem, talvez ela pague algum dinheiro.

— Talvez ela pague um monte de dinheiro.

— Tudo bem, mas sem cadeia. A menos que possamos concordar quanto a isso, é definitivo. Vocês vão ter de sumir com a acusação de homicídio.

— E que tal se prendermos você agora e o detivermos até que nos conte onde ela se encontra? — Berman também se adiantou um pouco, na direção de Riggs.

— Então você jamais resolveria o maior caso de sua carreira. Porque LuAnn Tyler desapareceria de novo e você ficaria parado no ponto inicial de novo. E, a propósito, de que você ia me acusar?

— Cumplicidade — detonou Berman.

— Cumplicidade de quê?

Berman pensou por um momento.

— Ajudar e cooperar com um fugitivo.

— Que provas você tem disso? Que prova você tem de que sei onde ela se encontra ou mesmo de que a conheço?

— Você a investigou. Vimos as anotações na sua casa.

— Oh, quer dizer então que você passou pela minha casa quando esteve em Charlottesville? Devia ter me avisado. Eu teria preparado um jantar requintado.

— E encontramos coisas muito interessantes — acrescentou Berman.

— Melhor para você. Posso ver o mandado de busca que usou para entrar na minha residência sem permissão?

Berman começou a dizer qualquer coisa mas fechou a boca, em silêncio.

Um sorriso irônico cruzou o rosto de Riggs.

— Ótimo. Sem mandado. Tudo inadmissível. E desde quando é crime dar um telefonema e conseguir informações públicas sobre uma pessoa? Considerando que consegui as informações com os federais.

— Seu encarregado do Programa de Proteção a Testemunhas e não nós — disse Berman, em tom ameaçador.

— Acho que eu trato todos vocês como membros de uma só família, enorme e feliz.

Masters começou a falar vagarosamente.

— Supondo que a gente siga em frente, você ainda não nos forneceu a ligação entre Tyler e a outra pessoa.

Riggs previra esta pergunta e ficou surpreso por não ter sido formulada antes.

— Ele tinha de conseguir o dinheiro em algum lugar. Masters considerou as afirmativas de Riggs por um instante e seus olhos brilharam.

— Olhe, Matt, isto é um pouco maior do que você provavelmente sabe — ele deu uma rápida olhada em Berman antes de prosseguir.

— Nós sabemos, ou por outra, nós achamos, que a loteria foi... — Masters fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Acreditamos que a loteria tenha sido manipulada. Foi?

Riggs se recostou e tamborilou com os dedos no tampo da mesa.

— Talvez.

Mais uma vez Masters escolheu as palavras cuidadosamente.

— Deixe eu esclarecer tudo direitinho para você. O presidente, a ministra da Justiça, o diretor do FBI, todos foram informados sobre essa possibilidade. Posso lhe dizer que a reação coletiva foi de choque absoluto.

— Ótimo para eles.

Masters ignorou o tom sarcástico.

— Se a loteria foi manipulada, a situação tem de ser administrada muito cuidadosamente. — Riggs riu. — Tradução: se essa história chegar ao conhecimento da opinião pública, metade do pessoal de Washington, inclusive o presidente, a ministra da Justiça e o diretor do FBI e vocês dois estarão procurando emprego nos classificados logo logo. De modo que o que você está

me sugerindo é uma imensa conspiração para esconder o que houve.

— Ei, isso provavelmente aconteceu dez anos atrás — disse Berman. — Não éramos nós que estávamos de guarda.

— Ótimo, Lou, só que este é o tipo da explicação que não vai agradar à opinião pública. Os rabos de vocês todos estão na reta e vocês sabem disso.

Masters deu um soco na mesa.

— Você imagina o que aconteceria se fosse divulgado o fato de que a loteria foi manipulada? — perguntou Masters acaloradamente. — Pode imaginar os processos, as investigações, os escândalos, a cacetada com que o país seria acertado bem na boca do estômago? Não se pode permitir que aconteça. Não será permitido que aconteça.

— Qual é a sua sugestão, George?

Masters rapidamente se acalmou e foi marcando nos dedos os pontos que enunciava.

— Você traz a Tyler. Nós a interrogamos, conseguimos que colabore. Com essa informação trazemos as pessoas...

— A pessoa, George — interrompeu Riggs. — É só uma pessoa, mas deixe eu lhe dizer uma coisa: é uma pessoa muito especial.

— Tudo bem, então com a ajuda da Tyler a gente prende o sujeito.

— E o que acontece a LuAnn Tyler?

Masters levantou as palmas das mãos.

— Vamos, Matt, ela tem um mandado de prisão estadual. Ficou sem pagar imposto por quase uma década. Sou obrigado a presumir que esteja envolvida no golpe da loteria. Isso tudo somado dá várias prisões perpétuas, mas me satisfaço com uma só, talvez com meia se ela for realmente prestativa, mas não posso garantir nada.

Riggs levantou-se.

— Bem, pessoal, foi um prazer conversar com vocês.

Berman pôs-se de pé num segundo e bloqueou a saída de Riggs.

— Lou, ainda tenho um braço bom, e o punho dele está cocando para plantar um direto na sua cara — Riggs começou a avançar ameaçadoramente para a porta.

— Espere um minuto, calma aí. Vocês dois, vamos sentar — berrou Masters.

Riggs e Berman ficaram se encarando durante algum tempo até que voltaram, devagar, para as respectivas cadeiras. Riggs encarou Masters.

— Se você acha que a mulher vai entrar aqui arriscando a vida para atrair o tal bandido e depois ganhar como recompensa uma sentença de prisão perpétua, é porque já está trabalhando há tempo demais no Bureau, George. Ficou de miolo mole.

Após uma pausa, Riggs apontou um dedo para Masters.

— Deixe eu lhe dizer uma coisa, George. É o jogo da vida e o nome desse jogo é "quem pode mais". Você telefona para o estado da Georgia e diz a eles que LuAnn Tyler não é mais procurada por homicídio ou qualquer outra coisa. Se houver nem que seja só uma multa por estacionamento proibido, vai ter que desaparecer. Deu para entender? LuAnn Tyler fica absolutamente limpa, sem nada. Em seguida você liga para o Imposto de Renda e diz a eles que ela vai pagar o que deve, mas que podem esquecer essa história de cadeia. Quanto ao envolvimento com a fraude do resultado da loteria, se a pena já não prescreveu, fica tudo anulado. A menor infração que possa significar prisão para ela, mesmo que seja só por um segundo, tem que desaparecer. Ser cancelada. Ela é uma pessoa livre.

— Você está maluco? — indagou Berman.

— Ou? — quis saber Masters, serenamente, os olhos fixos em Riggs.

— Ou então nós vamos tornar público tudo o que houve, George. O que ela tem a perder? Se vai passar o resto da vida na prisão, é melhor que tenha alguns hobbies para preencher seu tempo. Imagino aparições dela em alguns programas de entrevistas, como *Sixty Minutes*, *Dateline* e *Prime Time Live*. Talvez até mesmo a Oprah. Um contrato para escrever um livro provavelmente pode ser considerado certo. Nele ela poderia se abrir, contar tudo o que houver em seu coraçãozinho sobre a loteria fraudada, e sobre como o presidente, a ministra da Justiça e o diretor do FBI quiseram ocultar tudo para salvar seus respectivos empregos, e até pode comentar como foram idiotas a ponto de permitirem a fuga de um supercriminoso que vem fazendo tudo o que bem entende no mundo inteiro há anos só para prender uma jovem que não fez nada que nenhum de nós não teria feito também sem se deter um segundo para pensar!

Riggs sentou de novo e olhou para os dois homens.

— Isso, cavalheiros, é o que entendo por "quem pode mais"!

Enquanto Masters meditava, Berman retorquiu, fazendo pouco caso do que acabara de ouvir.

— Um sujeito só? Não acredito. Estamos diante de uma grande organização. Não há como uma pessoa fazer tudo isso que aparece na tela do meu radar. Não conseguimos provar nada, mas sabemos que há vários elementos envolvidos neste jogo.

Riggs relembrou a cena no chalé, pouco antes que a faca entrasse em seu braço. Diante dele estava o par de olhos mais mortal que já vira em toda a sua vida. Trabalhando disfarçado tantos anos, vivenciara algumas situações muito perigosas e já ficara apavorado antes; afinal de contas, era apenas um ser humano. Mas jamais sentira o pavor que aqueles olhos despertaram nele. Se

tivesse um crucifixo à mão, o teria exibido para afastar aquele sujeito para longe. Ele olhou para Berman.

— Sabe de uma coisa, Lou, você ficaria surpreso. Este sujeito é um mestre do disfarce. Provavelmente ele é capaz de representar um número de papéis que daria para encenar um musical da Broadway. E, trabalhando sozinho, ele nunca tem que se preocupar com traições ou ameaças.

Masters começou a falar mais baixo, ao tentar uma abordagem diferente.

— Lembre-se, Matt, de que não há muito tempo você era um de nós. Talvez você possa pensar nisso. E óbvio que ganhou a confiança de LuAnn Tyler. Você a traz para nós e, bem, digamos que o seu Governo se mostraria muito grato. Nada mais de serrar e martelar para ganhar a vida.

— Deixe eu pensar nisso um segundo, George — Riggs fechou os olhos, reabriu-os quase que imediatamente e disse: — Vá para o inferno.

Ele e Masters ficaram se olhando.

— O que me diz, George? Negócio fechado? Ou saio daqui e telefono para a Oprah?

Lenta, quase imperceptivelmente, Masters balançou a cabeça.

— Eu realmente adoraria ouvir você dizer, George. — Berman se dispôs a interromper, mas George Masters o reduziu ao silêncio com um olhar. — Sim, negócio fechado. Sem cadeia.

— Inclusive o estado da Georgia?

— Inclusive a Georgia.

— Tem certeza de que pode fazer isso? Sei que sua autoridade é limitada — o tom de voz de Riggs era irônico.

— A minha é, mas não creio que o presidente dos Estados Unidos tenha o mesmo problema. Minhas instruções são para evitar exposição pública a qualquer custo. Garanto como ele ou a ministra da Justiça darão o telefonema que você quer.

— Ótimo, então chame aqui o diretor e a ministra, porque quero ouvir as mesmas coisas deles. A propósito, o presidente está ocupado hoje?

— O presidente não vai receber você de jeito nenhum.

— Então chame o diretor e a ministra, George. Agora.

— Você não acredita na minha palavra?

— Digamos apenas que o seu passado não inspira muito a minha confiança. E eu acredito em estatísticas — ele indicou o telefone com um gesto de cabeça. — Faça a ligação.

Masters e Riggs se encararam fixamente por pelo menos um minuto. Até que Masters lentamente pegou o telefone e falou por tempo considerável. Houve necessidade de trocar certos compromissos, mas em questão de trinta minutos o

diretor do FBI e a ministra da Justiça dos Estados Unidos estavam sentados diante de Riggs. Este lhes apresentou a mesma proposta que apresentara a Masters, e extraiu as mesmas promessas.

Riggs se levantou.

— Obrigado pela cooperação.

Berman também se levantou.

— Tudo bem, já que vamos trabalhar juntos agora, traga a Tyler, nós a grampeamos, reunimos uma equipe e vamos buscar essa "onda criminosa de um homem só".

— Nada disso, Lou. O trato foi de que eu o traria, não o FBI.

Berman deu a impressão de que ia explodir.

— Olhe aqui, seu...

— Cale a boca, Lou! — os olhos do diretor do FBI acabaram com o rompante de Berman e depois ele se virou para Riggs. — Você acha mesmo que consegue dar cabo dessa história?

Riggs sorriu.

— Já deixei vocês na mão antes? — ele deu uma olhada em Masters.

Masters não respondeu ao sorriso, limitando-se a observar.

— Se deixar, o trato está desfeito. Para a Tyler — e ele acrescentou ameaçadoramente — e para você. Seu disfarce não funciona mais, não tenho certeza se temos o incentivo necessário para restabelecê-lo e seus inimigos ainda estão em plena atividade.

Riggs atravessou a sala na direção da porta mas voltou.

— Bem, George, nunca esperei mais que isso de vocês. Oh, e não tente me seguir. Só vai servir para me irritar e nos fazer perder um monte de tempo. Certo?

Masters apressou-se a concordar.

— Tudo bem, fique frio.

A ministra, com seu vozeirão, fez uma pergunta final:

— A loteria foi fraudada, Sr. Riggs?

Riggs a encarou.

— Pode apostar que foi. E quer saber a maior? Tudo indica que a loteria dos Estados Unidos foi usada para financiar os planos de um dos mais perigosos psicopatas que já vi em minha vida. Espero sinceramente que isto nunca chegue a ser divulgado no noticiário das oito.

Ele vasculhou a sala com o olhar, reparando no pânico evidente no rosto de todos.

— Tenham um bom dia.

Depois que Riggs fechou a porta o resto do grupo se entreolhou.

— Que merda! — foi tudo o que o diretor foi capaz de dizer, a cabeça balançando de um lado para o outro.

Masters pegou o telefone.

— Ele está saindo do prédio agora. Sabe que está sendo seguido. Rédea curta, mas dê um pouco de trela. O homem é um perito nesse tipo de coisa, de modo que vai levar vocês para passear pela cidade, na tentativa de fazer com que o percam de vista. Fiquem atentos! Quando ele estabelecer ligação com a Tyler, quero que me comuniquem imediatamente. Mantenha-os sob vigilância, mas não os abordem — ele lançou um olhar de interrogação para a ministra, que aquiesceu, balançando a cabeça. Masters desligou e respirou fundo.

— Você acredita na história do Riggs, de que há um homem só por trás de tudo isso? — perguntou o diretor do FBI, olhando nervosamente para Masters.

— Parece inacreditável, mas espero em Deus que seja verdade — respondeu Masters. — Prefiro tratar com um sujeito só do que com um sindicato do crime espalhado pelo mundo todo.

Tanto a ministra quanto o diretor balançaram a cabeça, concordando.

Berman olhou para os demais, cheio de curiosidade.

— Qual é então o plano?

O diretor do FBI pigarreou e respondeu.

— Não podemos deixar que essa história vaze, vocês todos sabem disso Não importa o que aconteça Não importa quem se machuque. Mesmo que Riggs tenha êxito e consigamos prender o tal sujeito e qualquer outro envolvido no esquema, ainda teremos de enfrentar um problema enorme.

A ministra cruzou os braços e prosseguiu nessa linha de raciocínio.

— Mesmo que consigamos montar um processo sem nenhum furo contra ele, essa pessoa saberá que, como Riggs definiu, "pode mais". E usará a mesma ameaça que ele: negociar ou tornar o assunto público. Posso ver o advogado de defesa salivando ao fazer essa proposta — ela estremeceu involuntariamente.

— O que quer dizer então que essa coisa não deve ir a julgamento — traduziu Berman. — O que fazer então?

A ministra ignorou a pergunta e dirigiu-se a Masters.

— Você acha que Riggs está jogando limpo conosco?

Masters deu de ombros.

— Ele foi um dos melhores agentes secretos que tivemos. O que significa que tinha de mentir com regularidade sem parecer que estava. A verdade assume uma posição secundária. Às vezes a realidade fica embaçada. E é difícil se desfazer dos velhos hábitos.

— Traduzindo: não podemos confiar completamente nele — disse a ministra da Justiça.

Masters ficou pensativo por um momento.

— Não mais do que ele pode confiar em nós.

— Bem — disse o diretor —, há a forte possibilidade de que não consigamos trazer o tal sujeito vivo para cá — ele olhou para todos. — Certo?

A ministra, Masters e Lou Berman fizeram que sim, e Masters arriscou:

— Se ele representar a metade do perigo de que Riggs fala, eu atiraria primeiro e faria as perguntas depois. Então talvez o nosso problema desaparecesse.

— E o que vocês dizem de Riggs e Tyler? — quis saber a ministra da Justiça.

Foi Berman quem respondeu.

— Bem, se vamos seguir este caminho, a verdade é que, quando há um tiroteio, nunca se sabe quem pode levar uma bala perdida. Quero dizer que nenhum de nós quer que isso aconteça — acrescentou rapidamente —, mas, como no caso da mulher de Riggs, às vezes gente inocente morre.

— Tyler não tem nada de inocente! — exclamou o diretor, furioso.

— Concordo — disse Masters. — E se Riggs prefere ser mais leal a ela do que a nós, vai ter de aceitar as consequências. Sejam quais forem.

As quatro pessoas que se encontravam na sala se entreolharam sem graça. Em circunstâncias normais nenhum deles teria nem remotamente pensado em nada daquilo. Haviam dedicado suas vidas a prender criminosos e depois os ver recebendo um julgamento justo pelo que haviam feito. Agora rezavam para que a justiça desta vez não acontecesse, para que, em vez disso, diversos seres humanos morressem sem que fossem levados a um juiz ou a um júri — e nenhum deles aceitava aquilo bem. No entanto, defrontavam, naquele caso, com algo muito maior do que a simples caça a um criminoso. Aqui a verdade era muito mais perigosa.

— Sejam quais forem as consequências — repetiu o diretor.

50

AO DESCER A RUA, Riggs deu uma olhada no relógio. A caixa do relógio era na verdade um gravador altamente sofisticado; as minúsculas perfurações na correia de couro eram a única parte visível do microfone. Na véspera, passara algum tempo em uma "loja dos espiões" muito conhecida e que ficava apenas a quatro quarteirões do prédio do FBI. Certamente que a tecnologia melhorara muito com o passar do tempo. Pelo menos o trato com o Governo ficara gravado em outro lugar que não apenas em sua memória. com operações desse tipo, não dava para botar muita fé em ninguém, fosse qual fosse o lado em que estivesse.

Riggs sabia que o Governo jamais poderia permitir que a verdade viesse à luz. Num caso como este, capturar o criminoso vivo era tão ruim quanto não o capturar, talvez pior. E quem quer que soubesse a verdade corria grande perigo, e não apenas da parte 404

de Jackson. Riggs sabia que o FBI jamais atiraria intencionalmente em uma pessoa que fosse inocente. Mas sabia também que o FBI não considerava LuAnn inocente. E, como ele a estava apoiando, estava automaticamente rotulado como inimigo. Se posteriormente a coisa ficasse arriscada, o que Riggs sabia que aconteceria, e se LuAnn estivesse perto de Jackson, bem, o FBI podia não ter grandes cuidados quanto ao alvo dos seus tiros. Riggs não esperava que Jackson fosse se deixar abater sem reagir.

Levaria consigo tantos agentes quantos pudesse. Riggs vira isso nos olhos dele no chalé. O homem não tinha o menor respeito pela vida humana. Para ele uma pessoa era apenas um fator a ser manipulado e eliminado se as circunstâncias assim exigissem. Como agente secreto, Riggs trabalhara anos a fio com aquele tipo de gente.

Pessoas quase tão perigosas quanto Jackson. Dados esses elementos, o FBI iria preferir errar, matando-o, do que capturá-lo vivo; não arriscariam a vida de um agente só para levá-lo a julgamento. Riggs estava perfeitamente seguro de que o Governo não tinha qualquer incentivo para levar Jackson ao tribunal e todos os motivos para não o fazer. Assim, o trabalho de Riggs seria obrigar Jackson a aparecer e aí os federais poderiam fazer o que quisessem. Se isso significasse encherem o corpo do homem de chumbo, Riggs ficaria feliz em ajudá-los. Mas ia manter LuAnn o mais longe possível de Jackson. Ela não ia ser apanhada em meio ao fogo cruzado. Já passara por isso uma vez. A história não iria se repetir.

Riggs não se deu ao trabalho de olhar para trás. Sabia que estava sob

vigilância. A despeito das garantias de Masters, ele com certeza tinha ordenado que o seguissem imediatamente. Riggs teria feito o mesmo na posição dele. Agora precisava se livrar do sujeito que o seguia antes do encontro com LuAnn. Ele sorriu. Exatamente como nos velhos tempos.



Enquanto Riggs negociava com o FBI, LuAnn se deslocou para outro telefone público e ligou para um certo número. Tocou tantas vezes que pensou que provavelmente ia ser atendida pela secretária eletrônica. Até que uma voz atendeu. Mal pôde reconhecê-la, tão ruim estava a ligação. — Charlie?

— LuAnn?

— Onde você está?

— Na estrada, LuAnn. Mal consigo ouvir você. Espere um pouco, há algumas interferências na linha.

Em um momento a ligação melhorou bastante.

— Está melhor agora — disse LuAnn.

— Espere aí, tem alguém que quer falar com você. — Mãe?

— Olá, meu amor.

— Você está bem?

— Estou ótima, queridinha. Eu disse a você que mamãe ia ficar bem.

— Tio Charlie disse que você e o Sr. Riggs têm se visto.

— Exatamente. Ele está me ajudando. Em algumas coisas.

— Ainda bem que você não está sozinha. Estou sentindo sua falta.

— Estou com saudades também, Lisa, nem sei dizer quanto.

— Podemos ir logo para casa? Casa? Onde era a casa agora?

— Acho que sim, querida. Mamãe está se esforçando para conseguir isso.

— Amo você.

— Oh, querida, amo você também.

— Tio Charlie quer falar de novo.

— Lisa?

— Sim?

— Quero dizer que vou cumprir a promessa que fiz a você. Vou lhe contar tudo. A verdade. Certo?

A voz da resposta de Lisa foi pequena, um pouco assustada.

— Está bem, mãe.

Quando Charlie voltou ao telefone, LuAnn disse que se limitasse a ouvir. E

contou-lhe os últimos acontecimentos, inclusive o plano de Riggs e seu verdadeiro passado.

Charlie mal pôde se conter.

— Vou fazer uma parada para descanso dentro de dois minutos. Ligue de novo.

Quando LuAnn ligou, Charlie estava enfurecido.

— Você está maluca?

— Onde está Lisa?

— No banheiro.

— É seguro?

— Estou na frente da porta e o lugar está repleto de famílias. Agora responda a minha pergunta.

— Não, eu não acho que seja maluca.

— Você deixa Riggs, um ex-agente do FBI, entrar no Hoover Building e apresentar uma proposta de acordo em seu nome. Como diabos pode saber que ele não a traiu?

— Confio nele.

— Confia nele? — o rosto de Charlie ficou vermelho. — Você mal o conhece, LuAnn, isso é um grande erro. Um erro enorme, para ser preciso.

— Acho que não. Riggs está jogando limpo. Sei que está. Aprendi algumas coisas sobre ele nos últimos dias.

— Por exemplo, que ele é um agente secreto muito experiente e por isso mesmo perito em mentir.

LuAnn pestanejou, enquanto as palavras que acabara de ouvir calavam fundo no seu espírito. Uma pequena semente de dúvida cresceu repentinamente, minando a sua confiança em Matthew Riggs.

— LuAnn, você está me ouvindo?

Ela pegou o aparelho com força.

— Sim, estou. Bem, se ele me traiu, não vai levar muito tempo para eu descobrir.

— Você tem que dar o fora daí. Já que pegou o carro, suma daí, LuAnn!

— Charlie, ele salvou minha vida. Jackson quase o matou quando ele estava tentando me ajudar.

Charlie ficou em silêncio por um minuto. Vivia um conflito interno muito desconfortável. Por tudo que LuAnn acabara de lhe dizer, Riggs provavelmente ia jogar mesmo do lado dela. E Charlie achava que sabia o motivo: o homem estava apaixonado por ela. Mas estaria LuAnn apaixonada também por ele? E por que não deveria? O que isso significava para ele, Charlie? O fato é que Charlie queria que Riggs estivesse mentindo. Queria aquele homem fora de suas

vidas. Este pensamento estava distorcendo todo seu processo mental. A verdade era que amava LuAnn. E amava Lisa também. Sempre colocou seus próprios interesses em segundo plano. com este pensamento o conflito interno desapareceu. Era só continuar a fazer a mesma coisa — colocar o interesse delas na frente dos seus.

— LuAnn, eu acompanho seu instinto. Riggs provavelmente é um cara legal, posso ver isso agora, pensando no caso. Só quero que você fique sempre de olhos bem abertos.

— Ficarei, Charlie. Onde você está?

— Atravessamos West Virginia, entramos no Kentucky, passamos pela fronteira do Tennessee e agora estamos voltando à Virginia.

— Tenho que ir agora. Ligo mais tarde quando tiver notícias.

— Espero que o resto do dia de hoje não tenha a metade da excitação dos últimos dois.

— Nós também. Obrigada, Charlie.

— Por quê? Não fiz nada.

— Quem está mentindo agora?

— Cuide-se.

LuAnn desligou. Estaria se encontrando com Riggs dentro de pouco tempo se tudo saísse de acordo com o plano. Quando retornou ao carro, a reação inicial de Charlie voltou à sua memória. Será que podia confiar em Riggs? Acomodou-se no banco da frente do Honda. Havia deixado o motor ligado porque não tinha as chaves e, ao contrário de Riggs, não sabia fazer ligação direta. Já ia engrenar o carro quando sua mão se deteve. Não havia tempo para dúvidas, e no entanto se sentiu esmagada por elas.

Sua mão se recusou a mexer.

51

RIGGS DESCEU LENTAMENTE A RUA NOVE, olhando para um lado e outro, como se dispusesse de todo o tempo do mundo. Uma lufada de ar gelado o atingiu. Parou, tirou rapidamente o braço da tipoia e o colocou na manga do sobretudo, que abotoou até em cima. Como continuava a soprar um vento cortante, pegou no bolso uma touca de malha com o escudo dos Washington Redskins e enfiou na cabeça, deixando de fora apenas a parte inferior do rosto avermelhado pelo frio. Entrou na loja de conveniência da esquina.

As duas equipes de agentes que o vinham seguindo, uma a pé e a outra em um Ford cinzento, mudaram rapidamente de posição. Uma cobriu a frente da loja e a outra a retaguarda. Sabiam que Riggs era um agente muito experimentado e não queriam se arriscar.

Riggs apareceu carregando um jornal debaixo do braço, desceu um pouco a rua e fez sinal para um táxi. Os agentes rapidamente entraram no Ford e seguiram o táxi.

Momentos depois que o Ford desapareceu, o verdadeiro Matt Riggs, usando um boné de feltro escuro, saiu da loja e caminhou rapidamente na direção oposta. A chave do golpe tinha sido a touca de malha de cores brilhantes. Seus perseguidores haviam se concentrado no bordo com dourado como se fosse um sinal de rádio transmitido por um navio que seguiam, e se esqueceram de reparar nas diferenças sutis do sobretudo, calças e sapatos. Na véspera ele pedira um favor a um velho amigo que pensava que Riggs estivesse morto havia muito tempo. Naquele exato instante o FBI estava seguindo esse amigo até seu escritório em uma firma de advocacia nas proximidades da Casa Branca. O homem morava perto do prédio do FBI, de modo que não seria difícil explicar sua presença nas proximidades. E muitos habitantes de Washington usavam gorros dos Washington Redskins naquela época do ano. Finalmente, o FBI não devia saber da antiga ligação entre os dois homens. Os agentes o interrogariam rapidamente, reconheceriam seu erro, relatariam o caso a Masters e ao diretor do FBI e certamente teriam de responder pelos problemas da manhã.

Riggs pegou um táxi e deu um endereço. O carro saiu em disparada. Ele passou uma das mãos pelo cabelo. Ainda bem que tinha um endereço seguro para onde ir. Ele e LuAnn estavam longe de poderem ir para casa, mas era bom que houvesse ainda aquela possibilidade, mesmo que em pequenas doses. Quando o táxi parou num sinal vermelho, Riggs abriu o jornal que comprara na loja.

Olhando para ele na primeira página havia duas fotos. Uma pessoa que conhecia, a outra, uma estranha. Leu rapidamente a história e voltou a se concentrar nas fotos.

Com um crachá de jornalista pendurado no pescoço, um bloquinho e uma caneta aparecendo no bolso da camisa, um sonolento Thomas Donovan parecia ter acabado de saltar de um avião após ter coberto algum evento importantíssimo do outro lado do mundo.

A mulher da foto ao lado dele não podia fazer contraste maior com a imagem desleixada do repórter. O vestido era elegante, o cabelo e a maquiagem feitos por profissionais e por isso mesmo impecáveis, o cenário praticamente irreal de tão luxuoso: um evento beneficente onde os ricos e famosos se reúnem para levantar dinheiro para os menos afortunados. Roberta Reynolds havia muito tempo participava desse tipo de evento e a matéria do jornal dizia que seu brutal assassinato privara a sociedade de Washington de uma de suas maiores benfeitoras. Apenas uma linha do texto se referia à origem da fortuna de Reynolds; um prêmio de sessenta e cinco milhões de dólares ganhos dez anos antes na loteria. Aparentemente valia muito mais que isso agora. Ou, pelo menos, as propriedades dela valiam mais.

Ela havia sido assassinada, segundo a reportagem, por um tal Thomas Donovan. Ele tinha sido visto nas proximidades da casa da mulher. Uma mensagem de Donovan pedindo uma entrevista fora encontrada na secretária eletrônica da morta. As impressões de Donovan foram encontradas numa garrafa de água e em um copo na casa de Reynolds, o que indicava que os dois tinham chegado a se encontrar. E, finalmente, a pistola aparentemente usada para matar Roberta Reynolds fora encontrada no mato a cerca de mil e quinhentos metros da casa dela, junto com a sua Mercedes, tendo sido encontradas, tanto na arma quanto no carro, impressões digitais de Donovan. A mulher assassinada fora encontrada na cama. Tudo indicava que fora amarrada à cama e presa ali por algum tempo e que o crime obviamente havia sido premeditado. Fora expedido um mandado geral de busca e a polícia confiava que em pouco tempo Donovan seria preso.

Riggs terminou de ler a história e lentamente dobrou o jornal. Sabia que a polícia estava completamente enganada. Donovan não matara Reynolds. E era muito provável que o próprio Donovan também estivesse morto. Riggs respirou fundo e pensou em como iria dar essa notícia a LuAnn.

52

O HOMEM CORPULENTO DEU UMA OLHADA nas outras casas de luxo naquela rua de Georgetown. Cerca de cinquenta anos de idade, pálido e um bigode cuidadosamente aparado, ele arregaçou as calças, ajeitou a camisa enfiando-a melhor e tocou a campainha da porta da frente.

Alicia Crane atendeu à porta, parecendo ansiosa e cansada.

— Sim?

— Alicia Crane?

— Sim.

O homem exibiu rapidamente um crachá.

— Hank Rollins, detetive de homicídios, município de Fairfax, Virginia.

Alicia firmou a vista na foto do homem e no crachá onde estava preso.

— Não estou segura...

— A senhora é conhecida de Thomas Donovan?

Alicia semicerrou os olhos e mordeu um pouco o lábio. Quando os reabriu, disse: — Sim, sou eu.

Rollins esfregou as mãos.

— Senhorita, tenho algumas perguntas a fazer. Podemos ir até a delegacia ou a senhora pode me convidar para entrar antes que eu morra congelado aqui fora, depende de sua preferência.

Alicia abriu a porta imediatamente.

— Sim, sim, é claro. Desculpe — ela o conduziu ao longo do corredor até a sala de estar. Após acomodá-lo no sofá, perguntou se aceitava um café.

— Seria ótimo, sim, senhorita.

Assim que ela deixou a sala, Rollins se pôs de pé em um salto e examinou a sala Um item logo atraiu sua atenção. A foto de Donovan com o braço sobre os ombros de Alicia Crane. Parecia coisa recente. A aparência de ambos era de extrema felicidade.

Rollins segurava a foto com ambas as mãos quando Alicia voltou carregando uma bandeja com duas xícaras de café e um pote de creme e dois envelopes de adoçante.

Ela deixou a bandeja na mesinha de centro.

— Não consegui encontrar o açúcar. A governanta foi fazer umas compras. Voltará mais ou menos em uma hora e eu não estou acostumada... — ela percebeu a foto nas mãos dele.

— Pode me dar isso, por favor? — perguntou, estendendo a mão.

Rollins entregou rapidamente a foto e retornou a seu lugar.

— Vou direto ao ponto, Srta. Crane. Acredito que tenha lido o jornal, certo?

— Você está se referindo àquele monte de mentiras... — os olhos dela faiscaram por um instante.

— Bem, concordo que haja muita especulação a essa altura dos acontecimentos. Há, contudo, muitas coisas apontando para a hipótese de Thomas Donovan ter matado Roberta Reynolds.

— As impressões digitais e a arma dele?

— É uma investigação ativa de homicídio, Srta. Crane, de modo que eu realmente não posso entrar em muitos detalhes, mas sim, são coisas desse tipo.

— Thomas não seria capaz de fazer mal a ninguém.

Rollins deslocou o corpo volumoso, pegou uma xícara de café e acrescentou um pouco de creme. Provou o resultado e derramou o conteúdo de um pacote de Equal na xícara antes de voltar a falar.

— Mas ele foi visitar Roberta Reynolds.

Alicia cruzou os braços e o fulminou com um olhar.

— Foi mesmo?

— Ele não chegou lhe contar que ia se encontrar com ela?

— Não me disse nada.

Rollins ponderou um momento sobre o que acabara de ouvir.

— Madame, temos um recado seu gravado na secretária eletrônica do apartamento de Donovan. A senhora parecia zangada, disse que o que ele estava fazendo era perigoso. — Alicia não engoliu a isca. — A casa dele também tinha sido saqueada, todos os seus arquivos, relatórios, tudo desaparecido.

Alicia começou a tremer e finalmente conseguiu se controlar agarrando o braço da cadeira.

— Srta. Crane, talvez devesse tomar um pouco do seu café. Não está com boa aparência.

— Estou bem — mesmo assim, ela levantou a xícara e tomou, nervosamente, diversos goles.

— Bem, se, como diz, aconteceu alguma coisa no apartamento de Donovan, deve haver então alguma outra pessoa envolvida. Devia concentrar seus esforços para prender essa pessoa.

— Não estou discutindo este ponto, mas tenho algo em que me apoiar. Acho que não preciso lhe dizer que a Srta. Reynolds era um membro muito proeminente da comunidade e estamos sofrendo muitas pressões para descobrir logo quem foi seu assassino. Conversei com uma pessoa do *Tribune* e soube que Donovan estava trabalhando em uma história sobre ganhadores da loteria. E Roberta Reynolds foi uma pessoa que ganhou a sorte grande. Agora, eu não sou

repórter, mas quando se está falando nesse tipo de dinheiro, é bem possível que alguém tenha um motivo para cometer um assassinato.

Alicia sorriu por um instante.

— Alguma coisa que queira me contar?

Ela retornou a seu jeito formal e sacudiu a cabeça.

— Srta. Crane, trabalho em homicídios desde que meu filho mais moço nasceu e agora ele já tem seus próprios filhos. Não me leve a mal, mas está ocultando alguma coisa de mim e eu gostaria de saber por quê. Assassinato não é brincadeira — ele envolveu a sala elegante com um olhar. — Assassinos e cúmplices de assassinos não terminam seus dias em lugares bonitos como este.

Alicia arregalou os olhos para ele.

— O que está querendo sugerir?

— Não estou querendo sugerir absolutamente nada. Vim até aqui em busca de fatos. Ouvi sua voz na secretária eletrônica de Donovan. E a sua voz me sugeriu duas coisas. Primeiro, que estava apavorada por causa dele; e segunda, que sabia exatamente por que sentia tanto pavor.

Alicia retorceu as mãos cerradas no colo e fechou e abriu os olhos diversas vezes. Rollins esperou pacientemente ela passar pelo seu processo de tomada de decisão.

Quando começou a falar, as palavras saíram em rajadas. Rollins sacou o caderninho de notas e se pôs a escrever.

— Thomas começou a investigar a história da loteria porque estava convencido de que diversas firmas importantes de assessoria financeira estavam tirando o dinheiro dos vencedores e ou perdendo tudo ou cobrando comissões tão grandes que os pobres coitados ficavam sem nada. Ele também odiava o Governo por permitir que, em essência, os pobres ficassem expostos a esse tipo de coisa. E depois ainda tinha o fato de a maioria não entender como pagar os impostos, e vinha o Imposto de Renda e tirava tudo o que tinham, ou ainda mais, deixando-os sem nada, cheios de dívidas.

— Como foi que ele chegou a essa conclusão?

— Falências — respondeu ela, com simplicidade. — Toda aquela gente ganhava um dinheirão e depois se declarava falida.

Rollins coçou a cabeça.

— Bem, de vez em quando eu leio qualquer coisa sobre isso. Sempre achei que os vencedores não eram dados a economizar. Sabe como é, gastam tudo o que têm, se esquecem de pagar os impostos, esse tipo de coisa. Em pouco tempo gastam tudo o que ganharam. Pombas, eu provavelmente faria o mesmo, ia ficar maluco.

— Bem, Thomas não pensava que fosse só isso. E acabou descobrindo algo

diferente — ela tomou outro gole de café, o rosto se tornando lindamente ruborizado ao lembrar a inteligência de Thomas Donovan.

— O que foi? — insistiu Rollins.

— O fato de doze vencedores seguidos não terem se declarado falidos.

— E daí?

— E daí que Thomas recuou a pesquisa em muitos anos. Em todo o período que investigou, a proporção dos vencedores que se declaravam falidos foi completamente coerente. Então, no meio desse quadro constante, apareceram doze vencedores que não se deram mal. Não só não se declararam falidos como ficaram ainda muito mais ricos.

Rollins coçou o queixo, descrente.

— Ainda não estou vendo uma história aqui.

— Thomas ainda não chegara a uma conclusão também. Mas estava chegando perto. Ele me telefonava regularmente da estrada para me dizer como as coisas estavam indo, para contar o que descobrira. Foi por isso que fiquei tão preocupada quando não tive notícias dele.

Rollins consultou o caderninho de notas.

— Exato. Mencionou isso no recado.

— Thomas rastreou uma das doze vencedoras da loteria — Alicia fez uma pausa e esforçou-se para lembrar do nome. — LuAnn qualquer coisa. Tyler, isso mesmo, LuAnn Tyler. Disse que fora acusada de homicídio pouco antes de ganhar na loteria e depois desaparecera. Conseguiu descobrir o paradeiro dela, em parte devido a suas declarações de Imposto de Renda. Foi visitá-la.

— Onde foi mesmo? — Rollins mais uma vez voltou a escrever no bloco de anotações.

— Charlottesville. Uma região linda, algumas das mais belas mansões do país. Já esteve lá?

— Com o meu salário não dá para me dedicar à compra de imóveis. E depois?

— Ele se defrontou com a mulher.

— E?

— Ela cedeu. Ou quase. Thomas falava que sempre se pode reconhecer a verdade pelos olhos.

— Hmm-hmm — Rollins rolou os olhos para cima. — Então qual era o ângulo de Donovan?

— Como?

— O ângulo dele. Que história ele ia escrever que você achou que o colocaria em perigo?

— Oh, bem, a mulher era uma assassina. Já tinha matado uma vez, podia

matar de novo.

Rollins sorriu ligeiramente.

— Entendo.

— Não creio que esteja levando isso a sério.

— Eu levo meu trabalho muito a sério. Apenas não vejo a relação. Está sugerindo que essa tal de LuAnn Tyler matou Roberta Reynolds? Por que ela faria uma coisa dessas? Não sabemos sequer se se conheciam. Está sugerindo que ela possa ter ameaçado Donovan?

— Não estou sugerindo que LuAnn Tyler tenha ameaçado ou matado alguém. Quer dizer, não tenho prova alguma desse tipo de coisa.

— E daí? — Rollins lutava para conservar a calma.

Alicia desviou o rosto.

— Eu... eu não sei. Quer dizer, não sei ao certo.

Rollins levantou-se, fechando o caderninho de notas. — Bem, se eu precisar de mais informações, entrarei em contato.

Alicia limitou-se a ficar ali sentada, o rosto muito pálido, os olhos fechados. Rollins estava quase na porta quando ela falou.

— A loteria foi fraudada.

Rollins virou-se lentamente e voltou para a sala.

— Fraudada?

— Ele me telefonou há dois dias e disse isso. Fez com que eu prometesse não dizer uma palavra a ninguém — na sua ansiedade ela alisou a bainha da saia. — A tal de LuAnn Tyler praticamente admitiu que a loteria havia sido manipulada. Thomas parecia, bem, parecia um tanto amedrontado. E agora estou horrivelmente preocupada com ele. Devia ter me telefonado de novo, mas nada!

Rollins mais uma vez acomodou o corpanzil no sofá.

— O que mais ele disse?

— Que tinha entrado em contato com os outros onze vencedores, mas que só uma ligara de volta — os lábios dela tremiam. — Roberta Reynolds.

— Então Donovan foi encontrar Roberta Reynolds — o tom da voz dele foi acusatório.

Alicia enxugou uma lágrima. Não falou, limitou-se a balançar a cabeça. Finalmente disse:

— Ele vinha trabalhando nessa história há muito tempo, mas só recentemente me confidenciou o que fazia. Estava apavorado. Eu podia ver pela sua voz — ela pigarreou. — Tinha finalmente conseguido arranjar um encontro com Roberta Reynolds, encontro esse que deveria ter sido ontem de manhã. Não tenho notícias dele desde então, e ele tinha prometido me telefonar assim que acabasse. Oh, meu Deus, eu sei que alguma coisa terrível aconteceu!

— Ele lhe contou quem fraudou a loteria?

— Não, mas LuAnn Tyler lhe disse que tivesse cuidado com uma certa pessoa. Um homem. Que essa pessoa o mataria, que estava na trilha de Thomas e haveria de encontrá-lo. Que se tratava de um homem muito perigoso. Tenho certeza de que esse sujeito tem alguma coisa a ver com a morte daquela mulher.

Rollins sentou-se, contemplou Alicia com um olhar triste e tomou um gole grande do café quente.

Alicia não levantou os olhos.

— Eu disse a Thomas para ir à polícia com o que ele sabia.

Rollins adiantou-se um pouco.

— E ele foi?

Ela sacudiu a cabeça energicamente.

— Não, não, droga! — ela deixou escapar um suspiro. — Implorei a ele que fosse. Se tinham fraudado o resultado da loteria, o dinheiro era tanto que seria possível alguém querer matar por ele. Você, que é policial, não acha que estou certa?

— Conheço gente capaz de arrancar o coração de uma pessoa por um par de notas de um dólar — foi a resposta glacial de Rollins. Ele abaixou os olhos para sua xícara vazia. — Tem mais café?

Alicia sobressaltou-se.

— O quê? Oh, sim, acabei de fazer um bule novo.

Rollins pegou seu bloco mais uma vez.

— Tudo bem, quando você voltar repassamos todos os detalhes e depois chamo reforços. Não receio admitir que isso parece estar além das minhas possibilidades. Gostaria de ir até a delegacia?

Alicia aquiesceu sem maiores entusiasmos e deixou a sala. Regressou alguns minutos depois equilibrando a bandeja de madeira, totalmente concentrada nas xícaras, tentando não derramar a bebida. Quando levantou o rosto, arregalou os olhos na mais total incredulidade e largou a bandeja toda no chão.

— Peter?

Os resquícios do detetive Rollins — peruca, bigode, máscara facial e almofadas de borracha maleável — tinham sido cuidadosamente colocados sobre a aba da poltrona.

Jackson, ou Peter Crane, o irmão mais velho de Alicia Crane, olhava para ela, as feições infinitamente perturbadas, o rosto apoiado na palma da mão direita. A observação de Donovan de que Bobbie Jo Reynolds se parecia muito com Alicia Crane fora perfeita. Só que tinha sido Jackson, fazendo-se passar por Bobbie Jo Reynolds, que ele achara parecido com Alicia Crane. A semelhança dos irmãos era notável.

— Olá, Alicia.

Ela lançou um olhar indagador ao disfarce descartado.

— O que você está fazendo? O que significa tudo isso?

— Acho que você devia se sentar. Quer que eu limpe essa sujeira?

— Não toque em nada — ela se apoiou no portal para firmar as pernas.

— Não tive intenção de perturbá-la tanto — disse Jackson, com remorso súbito e sincero. — Acho que... quando preciso enfrentar alguma coisa, me sinto mais confortável não sendo eu mesmo — ele arriscou um sorriso.

— Não gostei nada disso. Quase tive um ataque do coração.

Ele se levantou rapidamente, rodeou a cintura dela com um dos braços e a conduziu até o sofá. Bateu carinhosamente na sua mão.

— Desculpe, Alicia, é com sinceridade que lhe peço desculpas.

Alicia olhou mais uma vez para os resquícios do corpulento detetive de homicídios.

— De que se trata tudo isso, Peter? Por que você me fez todas aquelas perguntas?

— Bem, eu precisava saber o quanto você sabia de tudo. Precisava saber o que Donovan lhe contou.

Ela libertou a mão, sacudindo-a com um gesto brusco.

— Thomas? Como é que você sabe de Thomas? Não vejo nem falo com você há pelo menos três anos.

— Tanto tempo assim? — disse ele, evasivamente. — Você não precisa de nada, não é? Se precisasse, bastava pedir.

— Seus cheques chegam com a precisão de um relógio — afirmou ela, um tanto amarguradamente. — Não preciso de mais dinheiro. Mas teria sido muito bom se o tivesse visto de vez em quando. Sei que você é muito ocupado, mas família é família. A propósito, falei com Roger um dia desses.

— E como vai nosso irmão mais moço, decadente e inútil?

— Precisava de dinheiro, como sempre.

— Espero que você não lhe tenha dado nada. Dei a ele dinheiro suficiente para toda a vida, cheguei até a investir para ele. Tudo o que tinha a fazer era se manter dentro de um orçamento razoável.

— Não há nada de razoável em Roger, você sabe disso — ela dirigiu um olhar nervoso para o irmão. — Enviei um pouco de dinheiro para ele — Jackson começou a dizer alguma coisa, mas ela se apressou. — Sei muito bem que você falou que não era para ajudar, mas eu simplesmente não podia deixá-lo ir para a rua.

— Por que não? Talvez fosse a melhor coisa que poderia lhe acontecer. Ele não devia morar em Nova York. É caro demais.

— Ele não sobreviveria. Roger não é forte, como o papai era.

Jackson se conteve ao ouvir a menção ao pai. O passar dos anos não havia clareado a cabeça da irmã a esse respeito.

— Esqueça, não vou perder meu tempo discutindo sobre Roger.

— Quero que você me diga o que está acontecendo, Peter.

— Quando foi que você conheceu Donovan?

— Por quê?

— Por favor, limite-se a responder.

— Quase um ano atrás. Ele escreveu um longo texto sobre o papai e a brilhante carreira dele no Senado. Foi um testemunho comovente, maravilhoso.

Jackson sacudiu a cabeça, descrente. Ela veria tudo exatamente daquele jeito: o exato oposto da verdade.

— Por isso telefonei para Thomas a fim de agradecer. Almoçamos, depois jantamos e, bem, foi maravilhoso. Extraordinariamente maravilhoso. Thomas é um homem digno com um digno objetivo na vida.

— Como nosso pai? — a boca de Jackson contorceu-se num ricto de ironia.

— Parecidíssimo com ele — afirmou ela, indignada.

— É verdadeiramente um mundo pequeno — ele sacudiu a cabeça ante a ironia.

— Por que você diz isso?

Jackson levantou-se e abriu os braços, de modo a abranger tudo o que havia na sala.

— Alicia, de onde exatamente você pensa que vem tudo isso?

— Ora, do dinheiro da família, é claro.

— O dinheiro da família? Acabou, Alicia. Todo ele. Há anos que acabou.

— Do que você está falando? Eu sei que papai teve algumas dificuldades financeiras em certos momentos, mas recuperou-se.

Como sempre, Jackson olhou para ela com desprezo.

— Recuperou-se merda nenhuma, Alicia. Ele jamais ganhou um único centavo em toda a sua vida. O dinheiro já existia muito antes que ele entrasse em cena. Tudo o que fez foi torrar o que havia. Minha herança, a sua. Desperdiçou tudo consigo mesmo e seus sonhos idiotas de grandeza. Além de ser uma fraude, ele era um perdedor.

Ela adiantou-se e o esbofeteou.

— Como se atreve! Tudo o que você tem deve a ele. Jackson esfregou vagarosamente a pele do rosto no ponto onde ela o acertara. Sua pele verdadeira era pálida, lisa como se ele tivesse passado toda ávida em um templo, como um monge budista, o que, de certo modo, fora exatamente o que fizera.

— Dez anos atrás eu fraudei a loteria nacional — disse ele, falando baixo, os

olhos escuros cintilando, fixos no rosto pequeno e atônito da irmã. Todo o dinheiro, tudo o que você tem veio desse dinheiro. De mim. Não do seu queridinho papai.

— Como assim? Como é possível que você... Jackson a empurrou, forçando-a a sentar no sofá.

— Recolhi quase um bilhão de dólares de doze vencedores da loteria, os mesmos que Donovan estava investigando. Peguei o dinheiro que ganharam e investi. Lembra-se da rede do vovô da elite de Wall Street? Vovô na realidade ganhou o dinheiro dele. Mantive esses contatos o tempo todo com um objetivo específico. Com a fortuna que reuni somando o dinheiro dos vencedores da loteria, que Wall Street presumiu ser "dinheiro da família", fui um dos clientes favoritos deles. Consegui os melhores negócios, sempre me ofereceram as ofertas públicas em primeiro lugar, todos os negócios que certamente seriam lucrativos. Este é um segredo muito bem guardado dos ricos, Alicia. O direito que se arrogam de serem os primeiros a se aproveitar de tudo. A ação que me custa dez dólares a unidade, antes de ser oferecida ao mercado, sobe para setenta nas primeiras vinte e quatro horas de pregão. Vendo para pessoas comuns, faturo meus seiscentos por cento de lucro e sigo em frente para a próxima chuva de dinheiro. É como se fosse imprimir dinheiro; o segredo está todo em quem você conhece e no que você coloca em cima da mesa. Quando você leva um bilhão de dólares, acredite em mim, todo mundo se assanha e repara. Os ricos ficam mais ricos e os pobres não ganham dinheiro nunca.

Os lábios de Alicia começaram a tremer a meio caminho da explicação dada pelo irmão, à medida que a maneira como ele falava e seus maneirismos ficavam mais e mais intensos.

— Onde está Thomas? — a pergunta feita por Alicia era quase um sussurro.

Jackson desviou os olhos e tentou umedecer os lábios secos.

— Ele não prestava para você, Alicia. De jeito nenhum. Não passava de um oportunista. E tenho certeza de que amava tudo isso. Tudo o que você tinha. Tudo o que dei a você.

— Não prestava? Não prestava? — Alicia levantou-se, as mãos cerradas com tanta força que a pele parecia cheia de bolhas. — Onde está ele? O que foi que você fez com Thomas?

Jackson a encarou fixamente, procurando qualquer coisa em suas feições. De repente ocorreu-lhe que o que procurava era alguma qualidade redentora. Fazia muito tempo que conservava visões idílicas de sua única irmã, colocando-a talvez em uma espécie de pedestal. Face a face com ela descobria agora que essa imagem era insustentável. E assim, mesmo que o tom de sua resposta tenha sido indiferente, as palavras estavam longe de o ser, quando ele finalmente se decidiu.

— Eu o matei, Alicia.

Ela ficou imóvel por um instante e começou a desabar. Ele a agarrou, sem deixar que caísse no chão, e a colocou no sofá, desta vez não tão delicadamente.

— Não fique assim. Haverá outros homens, posso lhe assegurar. Você pode palmilhar a terra em busca de nosso pai. Donovan não era ele, mas tenho certeza de que você prosseguirá tentando.

Jackson não tentou ocultar o sarcasmo.

Ela não o estava ouvindo, contudo. As lágrimas molhavam suas faces.

Ele continuou, a despeito das lágrimas dela, o professor em frente à classe de uma única aluna.

— Você terá de deixar o país, Alicia. Apaguei sua mensagem telefônica para Donovan, de modo que a polícia não tenha como prosseguir a investigação. No entanto, como o relacionamento de vocês já durava mais de um ano, devia ser do conhecimento de outras pessoas. A polícia não custará muito a aparecer. Eu cuidarei de todos os detalhes. Pelo que me lembro, você sempre amou a Nova Zelândia. Ou talvez a Áustria. Estivemos lá diversas vezes quando éramos crianças.

— Pare! Pare com isso, seu animal!

Quando ele se virou, encontrou-a de pé.

— Alicia...

— Não vou a parte alguma.

— Deixe eu ser bem claro. Você sabe demais. A polícia fará perguntas. Você não tem experiência nessas coisas. Eles conseguirão a verdade de você com muita facilidade.

— Você tem toda a razão quanto a isso. Pretendo telefonar para a polícia agora mesmo e contar tudo.

Ela começou a se dirigir para o telefone, mas ele bloqueou o caminho.

— Alicia, seja razoável.

Alicia o atingiu com os punhos, usando toda a sua força. Não lhe causou dano físico, mas a agressão trouxe de volta a lembrança de um confronto violento com outro membro da família. O pai naquele tempo era fisicamente mais forte que ele, e foi capaz de dominá-lo de uma maneira pela qual Jackson nunca mais se deixara dominar.

— Eu o amava, droga! Eu amava Thomas — Alicia soltou um grito estridente bem na cara do irmão.

— Eu também amei alguém — disse ele. — Alguém que deveria ter me amado e me respeitado, mas nunca teve a menor consideração comigo — a despeito de todos aqueles anos de sofrimento, culpa e vergonha, ele ainda guardava, enterrado num canto do coração, os sentimentos que nutrira pelo pai.

Sentimentos sobre os quais nunca parara para pensar ou verbalizar, até aquele momento. O reaparecimento daquele turbilhão emocional teve um violento impacto sobre ele.

Jackson agarrou Alicia pelos ombros e a atirou rudemente sobre o sofá.

— Peter...

— Cale a boca, Alicia! — ele se sentou ao lado dela. — Você vai deixar o país. Você não vai chamar a polícia. Dá para entender?

— Você está maluco, completamente insano. Oh, meu Deus, não acredito que isso esteja acontecendo.

— Para falar a verdade, neste exato momento, estou absolutamente seguro de que sou o membro mais racional da família — ele a encarou, olhos nos olhos. E repetiu as palavras muito devagar: Você não vai falar com ninguém, Alicia, entendeu?

Ela sustentou o olhar dele e de repente estremeceu e refugiou-se nas profundezas da própria alma. Pela primeira vez durante aquele confronto, o pavor substituía a raiva. Fazia muito tempo que não via o irmão. O menino com quem brincara tão alegre e feliz, e cuja maturidade e inteligência a tinham fascinado, estava agora irreconhecível.

Aquele homem não era seu irmão.

Alicia mudou rapidamente de linha de ação e falou com o máximo de calma que conseguiu.

— Sim, Peter, eu compreendo... Farei as malas esta noite.

O rosto de Jackson exibiu um nível de desespero como não acontecia havia muitos e muitos anos. Ele lera seus pensamentos, seus temores, tão claramente estavam escritos na fina pele das feições suaves de Alicia. Os dedos de Jackson agarraram a enorme almofada que estava entre eles no sofá.

— Para onde você gostaria de ir, Alicia?

— Qualquer lugar, Peter, qualquer lugar que você queira. Nova Zelândia, você falou em Nova Zelândia. Seria ótimo.

— É um belo país. Ou a Áustria, onde, como eu disse, nós nos divertimos tanto, não foi? — ele apertou a almofada com mais força. — Não foi? — ele repetiu.

— Sim, sim, nós nos divertimos muito — ela abaixou os olhos para seguir os movimentos dele e tentou engolir, mas sua garganta estava muito seca. — Talvez eu pudesse viajar primeiro para a Áustria e depois seguisse para a Nova Zelândia.

— E nem uma palavra para a polícia? Promete? — ele levantou a almofada.

O queixo dela tremeu incontrolavelmente enquanto via a almofada descer sobre sua cabeça.

— Peter, por favor. Peter, não!

Ele pronunciou as palavras com absoluta precisão.

— Meu nome é Jackson, Alicia. Peter Crane não mora mais aqui.

Com uma súbita arremetida, ele a deitou no sofá, a almofada cobrindo-lhe completamente o rosto. Alicia lutou com toda força, chutando, arranhando, girando o corpo, mas era tão pequena, tão fraca, que Jackson mal sentiu o quanto a irmã lutou pela vida. Ele passara muitos anos cuidando para que seu corpo ficasse rígido como uma rocha; ela passara o mesmo tempo esperando que uma réplica perfeita do pai surgisse galantemente em sua vida, músculos e mente se enfraquecendo no processo.

Em pouco tempo estava acabado. Observados por ele, os movimentos violentos diminuíram rapidamente e depois cessaram. O braço direito dela, muito branco, escorregou para o lado do corpo e depois ficou pendurado para fora do sofá. Ele removeu a almofada e obrigou-se a encará-la. Alicia merecia isto, pelo menos. A boca estava parcialmente aberta, os olhos arregalados e fixos. Fechou-os rapidamente e sentou-se ali com ela, batendo carinhosamente em sua mão. Não tentou conter as próprias lágrimas. Seria inútil. Lutou para se lembrar da última vez em que chorara mas não conseguiu. Como alguém pode ser saudável se não consegue sequer relembrar o passado?

Colocou os braços cruzados sobre o peito mas depois decidiu deixá-los na cintura. Cuidadosamente, ergueu as pernas para cima do sofá e colocou sob sua cabeça a almofada que usara para matá-la, ajeitando a bela cabeleira para que se dispusesse por igual de ambos os lados. Achou-a muito bonita depois de morta, a despeito da total imobilidade. Havia paz, uma serenidade que pelo menos o encorajava, como se o que tivesse acabado de fazer não fosse tão terrível assim.

Hesitou por um momento e depois seguiu em frente: checou rapidamente seu pulso. Se ainda estivesse viva teria saído, fugido do país e deixado tudo como estava. Não teria tocado nela de novo. Afinal de contas, era sua irmã. Mas estava morta. Levantou-se e olhou para Alicia uma última vez.

Não precisava ter terminado daquele modo. Agora de toda a família só lhe restava o inútil do Roger. Devia matá-lo naquele instante. Era ele quem devia estar deitado ali, e não sua querida Alicia. Roger, contudo, não valia o esforço. Jackson ficou imóvel por um instante quando lhe ocorreu uma ideia. Talvez o irmão pudesse desempenhar um papel de coadjuvante naquela produção. Telefonaria para ele e lhe faria uma oferta. Uma oferta a que estava certo que o irmão mais moço seria incapaz de resistir, já que seria em dinheiro vivo: a droga mais poderosa que existe.

Reuniu os elementos do seu disfarce e metodicamente os reaplicou, ao mesmo tempo em que dirigia o olhar para a irmã morta de tempos em tempos.

Tinha aplicado sobre as mãos uma espécie de esmalte, de modo que não se preocupou com impressões digitais. Saiu pela porta dos fundos. Ela seria encontrada em pouco tempo. Alicia dissera que a governanta saíra para fazer compras. Tudo indicava que a polícia ia pensar que Thomas Donovan continuara seu ataque de fúria homicida liquidando a amante, Alicia Morgan Crane. O necrológio dela seria extenso, a família fora muito importante, havia muito o que escrever. E, em determinado instante, Jackson teria de voltar, uma vez mais como ele mesmo, a fim de enterrá-la. Roger dificilmente seria confiável para tratar disso. Desculpe, Alicia, não deveria ter terminado assim. Nunca em toda a sua vida algo conseguira praticamente imobilizá-lo por completo como o rumo inesperado que tomaram os acontecimentos. Acima de tudo ele gostava de se sentir no controle dos acontecimentos, e, de repente, isso lhe havia sido arrebatado. Olhou para as mãos, o instrumento da morte da irmã. Da sua irmã. Até agora sentia as pernas bambas, o corpo fora de sincronia com a mente.

Ao descer a rua, ainda aturdido com o que acabara de fazer, a energia mental de Jackson afinal conseguiu se concentrar na pessoa que ele imaginava ser a única responsável por aquilo tudo.

Lu Ann Tyler ia experimentar o impacto do que ele sentia agora. A dor que o fustigava seria multiplicada por cem até que ela implorasse que ele a liquidasse, que fizesse com que parasse de respirar porque cada respiração seria um inferno, muito além do que qualquer pessoa fosse capaz de aguentar. Até ela mesma.

E o melhor de tudo era que não teria de sair para procurá-la. LuAnn é que viria atrás dele. Viria correndo a toda velocidade e força de que era capaz aquele corpo extraordinário. Pois teria algo que ela buscaria em qualquer lugar, pelo que seria capaz de fazer qualquer coisa, inclusive a própria vida. *E assim você fará LuAnn Tyler liquidar Catherine Savage*. Ao desaparecer descendo a rua ele jurou isso, sobre a imagem mental de um corpo ainda quente cujo rosto querido era tão parecido com o seu.

53

PELA DÉCIMA VEZ Riggs deu uma olhada no shopping center e consultou o relógio. O acordo com o FBI representara uma das coisas mais delicadas e difíceis que ele já conseguira e agora LuAnn estava três horas atrasada. Se não aparecesse, o que aconteceria com ele? Jackson ainda estava à solta e Riggs duvidava que a faca dele errasse o alvo uma segunda vez. Se não aparecesse com Jackson, cumprindo o trato com o antigo empregador, e assim restabelecesse seu disfarce, os membros do cartel que tinham jurado matá-lo cinco anos atrás acabariam sabendo que estava vivo e com certeza tentariam de novo. Não podia retornar para casa. Seu negócio provavelmente estava indo para o buraco e, para culminar, tinha cinco dólares no bolso e estava sem carro. Não saberia dizer como seria capaz de prejudicar a própria vida ainda mais do que isso. Ou se seria possível.

Riggs arriou o corpo num banco e ficou contemplando o Monumento a Washington enquanto o vento frio açoitava o espaço aberto que se estendia entre o Lincoln Memorial e o Capitólio. O céu estava fechado; em breve a chuva cairia de novo. Dava para sentir o cheiro no ar. Maravilha. E você está exatamente entre a cruz e a caldeirinha, Sr. Riggs. Seu barômetro emocional desceu ao ponto mais baixo desde que a mulher morrera no ataque da gangue, cinco anos antes. Será que há menos de uma semana ele estava mesmo levando uma vida relativamente normal? Construindo coisas para gente rica, lendo livros ao lado da estufa, frequentando algumas aulas noturnas na universidade, pensando seriamente em tirar férias de verdade, só para variar?

Ele soprou os dedos frios e os enfiou nos bolsos. O ombro machucado doía. Já ia embora quando a mão tocou no seu pescoço.

— Desculpe.

Quando virou a cabeça, seu estado de espírito se elevou com tal rapidez que ele chegou a se sentir tonto. Mas não pôde deixar de sorrir. Precisava desesperadamente sorrir.

— Desculpe por quê?

LuAnn acomodou-se a seu lado e passou o braço pelo dele. Não respondeu logo. Depois de ficar com o olhar perdido à sua frente por um minuto e respirar fundo, virou-se para ele, acariciando-lhe a mão.

— Tive algumas dúvidas.

— A meu respeito?

— Não deveria. Depois de tudo o que você fez, não era para eu ter dúvidas.

Ele a fitou com um olhar generoso.

— É claro que era. Todo mundo tem dúvidas. E depois dos últimos dez anos você tem direito a ter mais dúvidas do que a maioria das pessoas — ele bateu carinhosamente na mão dela, fitou-a nos olhos, notou os cantos úmidos e disse: — Você está aqui agora. Você veio. Então deve estar tudo bem, certo? Passei no teste?

Ela se limitou a balançar afirmativamente a cabeça, incapaz de falar.

— Proponho que descubramos um lugar quente para eu lhe contar os últimos acontecimentos e onde possamos discutir um plano de ataque. Que tal?

— Sou toda sua — ela apertou a mão dele como se nunca mais fosse soltar. O que, naquele instante, estava simplesmente ótimo para Riggs.

Livraram-se do Honda e alugaram um sedã. Riggs tinha ficado cansado de tanta ligação direta.

Seguiram até o limite oeste do município de Fairfax e pararam para almoçar em um restaurante quase vazio. Riggs aproveitou para contar como tinha sido o encontro no Hoover Building. Passaram pela área do bar e se sentaram a uma mesa de canto. LuAnn observou distraidamente o homem do bar mexer no aparelho de televisão a fim de melhorar a imagem da novela a que assistia. Depois encostou-se no bar, brincando com uma haste de mexer bebidas de copos longos, e ficou olhando a telinha. *Seria maravilhoso*, pensou LuAnn, *conseguiu relaxar daquela maneira*.

Depois que pediram a comida, Riggs puxou o jornal. Não disse uma palavra enquanto LuAnn lia toda a história.

— Meu Deus.

— Donovan devia ter escutado você.

— Acha que Jackson o matou?

Riggs fez que sim, amargurado.

— Provavelmente montou uma emboscada. Fez com que Reynolds ligasse para ele, dizendo que ia contar tudo, botar tudo para fora, escondeu-se na casa dela e matou os dois, pondo a culpa no Donovan.

LuAnn apoiou a cabeça nas duas mãos, abalada.

— Ei, LuAnn — disse Riggs, gentilmente —, você tentou alertar o sujeito. Fez tudo o que podia.

— Eu podia ter dito não a Jackson dez anos atrás. Então nada disso teria acontecido.

— É, mas aposto que, se o fizesse, ele a teria matado no ato.

Ela enxugou os olhos com a manga da blusa.

— Quer dizer então que agora tenho esse grande trato que você negociou com o FBI para mim, para cuja concretização precisamos apenas de jogar uma

rede para capturar Lúcifer — ela deu uma golada no café. — Você se incomodaria de me dizer como é que vamos fazer isso?

Riggs pôs o jornal de lado.

— Tenho pensado muito nisso, como você bem pode imaginar. O problema é que não podemos ser nem simples nem complicados demais. De um jeito ou de outro, ele vai sentir o cheiro da armadilha.

— Não creio que ele aceite outro encontro comigo.

— Não, eu não ia sugerir isso. Ele não apareceria, mas mandaria alguém para matar você. Perigoso demais.

— Você não sabe que eu gosto de perigo, Matthew? Se eu não for constantemente submetida a situações de perigo, fico sem saber o que fazer de mim mesma. Tudo bem, sem encontro, o que mais poderia ser?

— Como eu disse antes, se pudéssemos descobrir quem ele é realmente, saber onde mora, aí estaríamos no jogo — Riggs fez uma pausa quando a comida chegou. Depois que a garçonete se foi, ele pegou o sanduíche e começou a falar entre uma mordida e outra. Você não se lembra de nada a respeito do cara? Refiro-me a algo que pudesse nos colocar na direção certa para descobrir quem ele realmente é?

— Ele sempre apareceu disfarçado.

— E os documentos financeiros que ele remetia para você?

— Eram de uma firma sediada na Suíça. Tenho alguns lá em casa, onde acho que não tenho condições de ir. Mesmo com o nosso acordo, certo? — ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Eu não aconselharia, LuAnn. Se os federais esbarrarem em você agora podem esquecer o nosso acordo.

— Tenho outros documentos no meu banco em Nova York.

— Ainda arriscado demais.

— Eu podia escrever para a firma suíça, mas não acho que eles saibam de nada. E, mesmo que saibam, não vão falar. Quer dizer, é exatamente por isso que as pessoas guardam dinheiro nos bancos suíços, certo?

— Tudo bem, tudo bem. Alguma coisa mais? Tem de haver alguma coisa de que você se lembre a respeito dele. O modo como se vestia, cheirava, falava, andava. Algum interesse em particular? E o que me diz de Charlie? Ele teria alguma ideia?

LuAnn hesitou.

— Podíamos perguntar a ele — disse ela, limpando as mãos no guardanapo — mas eu não apostaria nisso. Charlie me disse que nunca se encontrou com Jackson pessoalmente. Foi sempre pelo telefone.

Riggs recuou um pouco, tocando no braço machucado.

— Eu simplesmente não vejo como chegar até ele, Matthew. — Há uma maneira, LuAnn. Na verdade, eu já concluíra que era a única. Eu ia acabar chegando lá com todas essas perguntas que fiz.

— Como?

— Você tem um número de telefone onde pode encontrá-lo?

— Tenho. E daí?

— Nós marcamos um encontro.

— Mas você acabou de dizer...

— O encontro será comigo, e não com você. LuAnn se levantou, furiosa.

— De jeito nenhum, Matthew, não vou deixar você chegar perto daquele sujeito. Olhe só o que ele lhe fez — ela apontou o braço dele. — Da próxima vez será pior. Muito pior.

— Teria realmente sido muito pior se você não tivesse atrapalhado a pontaria dele — Riggs sorriu ternamente para LuAnn. — Olhe, vou telefonar para ele. Digo que você está deixando o país e todos os problemas para trás. Você sabe que Donovan está morto, de modo que Jackson não pode mais explorar este ponto. Todo mundo está tranquilo, numa boa.

— Ele vai matar você.

LuAnn continuou sacudindo vigorosamente a cabeça quando se sentou.

— Então eu digo a ele — prosseguiu Riggs — que eu é que não estou me sentindo tão feliz assim. Que já pensei bastante no assunto e cheguei à conclusão de que estou um pouco cansado de trabalhar como empreiteiro de obras e quero a minha parte para ficar quieto.

— Não, Matthew, não!

— Jackson pensa que sou um criminoso, de modo que tentar extorquir dinheiro dele não vai ser uma coisa assim tão anormal. Digo que grampeei seu quarto de dormir, que tenho uma gravação de uma conversa que ele teve com você naquela noite em sua casa, em que ambos falaram muito sobre um monte de coisas.

— Você está maluco?

— Quero dinheiro. Muito dinheiro. Depois ele pode ficar com a fita.

— Ele vai matar você.

Riggs fechou a cara.

— Ele vai querer me matar de qualquer maneira. Não gosto de ficar parado esperando que as coisas aconteçam. Prefiro passar à ofensiva. Fazer com que ele se assuste um pouco, para variar. E pode ser que eu não seja a máquina de matar que ele é, mas também não sou nenhum moleirão inepto. Sou um veterano agente do FBI. Já matei antes, no cumprimento do dever, mas, se você pensa que eu hesitaria um segundo para explodir os miolos dele, então você realmente não

me conhece.

Riggs abaixou a cabeça por um momento, tentando acalmar-se. Seu plano era arriscado, mas que outro não seria? Quando levantou de novo os olhos para LuAnn, ia dizer qualquer coisa, mas a expressão do rosto dela congelou as palavras em sua boca.

— LuAnn?

— Oh, não! — a voz exprimia todo o pânico que ela sentia.

— O que é? O que está havendo?

Riggs a segurou pelos ombros, que tremiam. Ela não respondeu, olhava para alguma coisa nas costas dele. Riggs virou-se, esperando ver Jackson entrando, com uma faca de meio metro em cada mão. Examinou com rapidez o restaurante praticamente vazio e por fim os olhos se detiveram no aparelho de televisão, onde um noticiário especial estava sendo exibido.

Um rosto de mulher apareceu na tela. Duas horas antes, Alicia Crane, importante personalidade de Washington, fora encontrada morta em sua casa pela governanta. Pelos indícios colhidos até agora, tudo indicava que fora assassinada. Os olhos de Riggs se arregalaram quando o locutor mencionou que Thomas Donovan, principal suspeito no caso da morte de Roberta Reynolds, aparentemente estava tendo um caso com Alicia Crane.

LuAnn não conseguiu desviar os olhos daquele rosto. Ela vira aquelas feições, aqueles olhos a encarando na varanda da frente do chalé. Os olhos de Jackson.

O verdadeiro rosto de Jackson.

Tinha se assustado ao ver o verdadeiro rosto dele. Esperara nunca mais pôr os olhos naquelas feições de novo. Mas agora lá estavam elas, plantadas na tela da televisão.

Quando Riggs olhou de novo para ela, LuAnn apontou um dedo trêmulo para o aparelho.

— Aquele é Jackson — disse, a voz insegura — vestido de mulher.

Riggs olhou de novo para a televisão. Não podia ser Jackson, é claro.

— Como é que você sabe? — perguntou a LuAnn. — Você disse que ele sempre aparecia disfarçado.

LuAnn mal pôde tirar os olhos do rosto que permanecia sendo exibido na tela.

— No chalé, quando eu e ele pulamos a janela, lutamos, e o seu rosto, plástico, borracha, o que fosse, saiu. Vi o verdadeiro rosto dele. Aquele rosto — ela apontou para a tela de novo.

O primeiro pensamento de Riggs foi correto. Família? Meu Deus, seria possível? A ligação com Donovan talvez não fosse uma coincidência! Ele correu

para o telefone.

— Desculpe se deixei para trás os seus rapazes, George. Espero que não tenha lhe custado algum ponto negativo com o chefão.

— Onde diabos você está? — quis saber Masters.

— Apenas ouça o que vou lhe dizer — Riggs contou a notícia que acabara de ser veiculada e o comentário de LuAnn.

— Você acha que ele é aparentado com Alicia Crane? perguntou Masters, a voz ressoando de excitação, a raiva de Riggs completamente esquecida.

— Pode ser. As idades combinam. Irmão mais velho ou mais moço, talvez, eu não sei.

— Graças a Deus pelos genes fortes.

— Qual o seu plano?

— Verificamos a família dela. Não deve ser tão difícil assim. O pai foi senador por muitos anos. Gente muito importante. Se ela tiver irmãos, primos, o que seja, chegamos rapidamente a eles. Convocamos todos para interrogatório. Droga, mal não pode fazer.

— Não acho que ele vá ficar esperando que você bata na sua porta.

— Eles nunca ficam, não é mesmo?

— Se ele estiver rodando por aí, George, tenha cuidado.

— É... Se você estiver certo a respeito disto... Riggs terminou por ele.

— O cara acaba de matar a própria irmã. Eu detestaria ver o que ele seria capaz de fazer com uma pessoa que não fosse de sua família.

Riggs desligou. Pela primeira vez se sentia realmente esperançoso. Mas não se iludia achando que Jackson ia facilitar sua própria prisão pelo FBI. Devia estar furioso, querendo se vingar de LuAnn. Pois teria de passar pelo cadáver de Riggs para chegar até ela. Só que eles não iriam servir de alvos para Jackson. Estava na hora de se movimentarem.

Dez minutos mais tarde estavam no carro, seguindo para lugares desconhecidos.

54

JACKSON EMBARCOU NA PONTE AÉREA da Delta para Nova York. Precisava de suprimentos adicionais e ia pegar Roger. Não podia contar com ele para viajar sozinho e chegar aonde deveria estar. Depois seguiriam rumo ao Sul. Durante o voo, que era bastante curto, Jackson verificou como andava a situação com o homem que estava seguindo Charlie e Lisa. Soube que eles haviam feito uma parada para descansar. Charlie falara ao telefone. Sem dúvida para fazer um relatório para LuAnn. Eles tinham feito um largo percurso e agora estavam perto de retornar ao estado da Virginia pelo lado Sul. Estava tudo correndo muito bem. Uma hora mais tarde Jackson estava dentro de um táxi em Manhattan, seguindo na direção do seu apartamento.

Horace Parker olhou em torno com intensa curiosidade. Trabalhando como porteiro há mais de cinquenta anos em um prédio onde a área média dos apartamentos excedia os quatrocentos metros quadrados e os cinco milhões de dólares, e onde a cobertura que ocupava três vezes essa mesma área custava vinte milhões, ele nunca tinha visto aquilo antes. Observou o pequeno exército de homens trajando jaquetas do FBI invadir o saguão e entrar no elevador privativo que servia apenas à cobertura.

O aspecto de todos eles era mortalmente sério e o arsenal que portavam comprovava isso.

Ele saiu e, uma vez na calçada, olhou para os dois lados da rua. Logo parou um táxi, do qual saltou Jackson. Parker foi imediatamente ao encontro dele. O porteiro o conhecia praticamente desde que nascera. Anos atrás pegara muitas moedas no enorme chafariz que havia no saguão, com Jackson e Roger, o irmão mais moço. Para ganhar um dinheiro extra, muitas vezes bancara a babá deles, levando-os para passear no Central Park nos fins de semana; comprara para eles suas primeiras cervejas quando eles mal tinham entrado na puberdade. Até que finalmente os vira crescer e deixar o ninho. Os Cranes, ele ouvira dizer, tinham atravessado tempos difíceis, e haviam deixado Nova York. Peter Crane, contudo, voltara e comprara a cobertura. Tudo indicava que tinha se saído financeiramente muito bem.

— Boa noite, Horace — disse Jackson, cordialmente.

— Boa noite, Sr. Crane — disse Parker, levando a mão ao boné. Jackson adiantou-se e já ia passar por ele.

— Sr. Crane, por favor? Jackson virou-se para ele.

— O que é? Estou com um pouquinho de pressa, Horace. Parker olhou para

cima.

— Apareceram uns homens no edifício, Sr. Crane. Subiram diretamente para seu apartamento. Um bando deles. FBI. Armados e tudo o mais, nunca vi nada parecido. Estão lá em cima neste exato instante. Devem estar esperando que o senhor chegue em casa.

A resposta de Jackson foi calma e imediata.

— Muito obrigado pela informação, Horace. Simplesmente um mal-entendido.

Jackson estendeu a mão, que Parker apertou. Imediatamente Jackson virou-se e se afastou do edifício. Quando Parker abriu a mão viu um maço de notas de cem dólares.

Olhou discretamente em torno antes de enfiar o dinheiro no bolso e voltar à sua posição junto da porta.

Das sombras de uma viela do outro lado da rua, Jackson virou-se e olhou para o prédio. Fixou os olhos até que vieram a descansar nas janelas da cobertura. A sua cobertura.

Podia ver as silhuetas se moverem lentamente através das janelas, e seus lábios começaram a tremer com a ultrajante invasão da casa. A possibilidade de terem feito a ligação dele à sua residência pessoal não lhe havia ocorrido. Como fora possível, droga? Mas não podia se preocupar com isso agora. Atravessou a rua e deu um telefonema. Vinte minutos mais tarde uma limusine o apanhou. Telefonou para o irmão e disse que abandonasse o apartamento imediatamente, sem se dar ao trabalho de arrumar uma mala, a fim de se encontrar com ele, Jackson, na porta do Teatro St. James. Jackson não sabia ao certo como a polícia descobrira sua identidade, mas tinha certeza quase absoluta de que era bem possível que aparecessem a qualquer minuto no apartamento de Roger Crane. Em seguida fez uma rápida parada para pegar alguns suprimentos de que precisava em outro apartamento menor, que mantinha sob nome falso. Outra coisa que tinha em nome de uma de suas numerosas corporações era um jato particular com uma tripulação em estado de alerta as 24 horas do dia no aeroporto LaGuardia. Telefonou para lá a fim de que o piloto pudesse preencher o plano de voo o mais rapidamente possível. Não pretendia esperar passivamente que o avião levantasse voo. A limusine os levaria direto para o avião. Uma vez dado o telefonema, pegou o irmão na frente do teatro.

Roger era dois anos mais moço e de constituição mais magra que o irmão, mas igualmente forte. Tinha o mesmo tipo de cabelo castanho-escuro e as feições delicadas. Certamente estava curioso com o súbito reaparecimento do irmão na sua vida.

— Não pude acreditar que fosse você ligando para mim assim sem mais nem

menos. O que está havendo, Peter?

— Cale a boca que eu preciso pensar — ele de repente se virou para o irmão mais moço. — Viu o noticiário?

Roger sacudiu a cabeça.

— Eu geralmente não vejo televisão. Por quê?

Obviamente ele não tinha conhecimento da morte de Alicia. Ótimo. Jackson não respondeu à pergunta, limitando-se a se recostar no banco, o cérebro criando um número aparentemente infinito de opções.

Em meia hora estavam no aeroporto LaGuardia. E dentro de pouco tempo tinham deixado para trás a linha de arranha-céus característica de Manhattan, seguindo rumo ao sul.

O FBI realmente foi ao pequeno edifício de apartamentos onde morava Roger Crane, mas um pouco tarde. Ficaram, contudo, muito mais intrigados com o que tinham descoberto na cobertura de Peter Crane.

Masters e Berman, que percorreram juntos o imenso apartamento, encontraram a sala de maquiagem de Jackson, os arquivos e o centro de controle computadorizado.

— Nossa! — exclamou Berman, as mãos enfiadas nos bolsos, contemplando as máscaras, depósitos de produtos de maquiagem e araras cheias de roupas.

Masters pegou o livro de recortes nas mãos enluvadas. Os técnicos do FBI vasculhavam tudo em busca de provas.

— Parece que Riggs tinha razão. Um sujeito só. Talvez todos consigamos sobreviver a isto — disse Masters.

— E agora, o que fazemos?

A resposta de Masters foi imediata.

— Concentramo-nos em Peter Crane. Estendemos uma rede nos aeroportos e terminais rodo e ferroviários. Quero postos de controle em todas as principais artérias que saem da cidade. Você deve instruir todos os homens de que se trata de uma pessoa extremamente perigosa e um mestre do disfarce. Envie fotos do sujeito para toda a parte, mesmo que não adiante nada. Temos de cortar a ligação dele com sua base logística, mas é óbvio que ele dispõe de enormes recursos financeiros. Se conseguirmos levantar o paradeiro dele, não quero correr riscos desnecessários. Diga aos homens que, ao sinal da menor ameaça, devem matá-lo.

— E Riggs e Tyler?

— Desde que não interfiram, eles ficarão bem. Se no meio do caminho se envolverem com Crane, então não poderá haver garantia de nada. Não vou colocar em perigo a vida dos meus homens para me assegurar que eles não sejam feridos. No que me diz respeito, LuAnn Tyler pertence à cadeia. Exatamente por

isso que temos certo poder sobre ela. Podemos mandá-la para a cadeia ou ameaçá-la. Creio que ficará de bico calado. Por que você não vai supervisionar o resto da coleta de provas?

Quando Berman se afastou, Masters sentou-se e leu a informação que acompanhava a foto de LuAnn.

Estava terminando quando Berman voltou.

— Acha que Crane agora vai tentar pegar a Tyler? — indagou Berman.

Masters não respondeu. Ficou olhando para a foto de LuAnn no álbum de retratos. Entendia agora por que fora escolhida como vencedora da loteria. Por que todos eles tinham sido escolhidos. Tinha agora uma ideia muito mais clara de quem era LuAnn Tyler e por que ela fizera o que fizera. Era uma pessoa totalmente destituída de recursos, mergulhada num ciclo de miséria do qual não poderia sair, com uma filha de colo. Sem esperança. Todos os vencedores escolhidos por Peter Crane haviam compartilhado esse mesmo denominador comum — a mais absoluta falta de esperanças. Estavam maduros para o esquema do homem. As feições de Masters demonstraram as emoções que ele estava sentindo. Naquele exato momento, e por um sem-número de razões, George Masters começava a sentir uma imensa culpa.

Era quase meia-noite quando Riggs e LuAnn pararam em um motel. Depois de se hospedarem, ele telefonou para George Masters. O agente do FBI tinha acabado de voltar de Nova York e contou o que acontecera desde que tinham se falado pela última vez. Quando desligou, Riggs se virou para LuAnn, ansiosíssima.

— O que foi que aconteceu? O que eles disseram?

Riggs sacudiu a cabeça.

— Como esperado, Jackson não estava lá, mas encontraram provas suficientes para mantê-lo na cadeia pelo resto da vida. Até um álbum de recortes com tudo sobre os doze vencedores da loteria.

— Então ele era mesmo parente de Alicia Crane. Riggs concordou, abalado.

— Seu irmão mais velho. Peter. Peter Crane é Jackson. Ou pelo menos tudo aponta nesta direção.

LuAnn estava de olhos arregalados.

— Então ele matou a própria irmã.

— É o que parece.

— Porque ela sabia demais? Por causa de Donovan?

— Exatamente. Jackson não podia se arriscar. Pode ser que ele tenha ido vê-la disfarçado, ou de cara lavada. Talvez tenha conseguido saber o que queria, pode ser que tenha dito que matou Donovan. Quem pode saber? Aparentemente ela estava namorando o tal Donovan. Pode ter enlouquecido de ódio, ameaçado

ir à polícia. Em algum momento ele a assassinou, disso estou absolutamente seguro.

LuAnn estremeceu.

— Onde você acha que ele pode estar? Riggs encolheu os ombros.

— Os federais foram até a casa dele, mas, pelo que foi visto lá, o homem tem muito dinheiro para queimar, um milhão de lugares diferentes para ir, uma dúzia de rostos e identidades que pode usar. Não vai ser fácil pegá-lo.

— Para consumar nosso acordo? — o tom de voz de LuAnn foi ligeiramente sarcástico.

— Nós entregamos a identidade dele aos federais. Estão neste instante no seu quartel-general mundial. Quando disse que iríamos entregá-lo ao FBI, não quis dizer que ia ser dentro de uma caixa com uma fita, na escadaria do Hoover Building. No que me diz respeito, nós já cumprimos nossa parte do acordo.

LuAnn deixou escapar um longo suspiro.

— Quer dizer então que está tudo certo? com o FBI? com o estado da Georgia?

— Temos de acertar ainda alguns detalhes, mas sim, creio que sim. Sem que eles soubessem, gravei toda a reunião que tivemos no Hoover Building. Nessa fita, Masters, o diretor do FBI e a própria ministra da Justiça — agindo nada menos que em nome do presidente dos Estados Unidos — aceitam o acordo que eu propus. Eles vão ter de jogar limpo conosco. Mas tenho de ser honesto com você. O Imposto de Renda vai dar uma dentada em sua conta bancária. Na verdade, depois de tantos anos de multas e juros superpostos, não sei se vai sobrar algum dinheiro.

— Não me importo. Quero pagar os impostos que devo, mesmo que fique sem nada. A verdade é que, para início de conversa, eu roubei o dinheiro. Só quero saber se vou ter de ficar preocupada com o passado o resto da minha vida.

— Você não vai para a prisão, se é isso que está querendo dizer. — Riggs fez um carinho no queixo dela. — Mas não me parece feliz.

LuAnn corou e sorriu.

— Estou feliz sim — o sorriso desapareceu rapidamente.

— Sei o que está pensando.

Ela desabafou:

— Enquanto não pegarem Jackson, minha vida não valerá coisa alguma. Ou a sua. Nem a de Charlie — os lábios dela tremeram. — E a de Lisa.

LuAnn levantou-se de um salto e agarrou o telefone.

— O que é que você vai fazer? — quis saber Riggs.

— Preciso ver minha filha. Preciso saber que está segura.

— Espere um minuto, o que vai dizer para eles?

— Que podemos nos encontrar em algum lugar. Quero Lisa perto de mim. Nada lhe acontecerá sem que aconteça comigo primeiro.

— LuAnn, olhe...

— Este assunto não está aberto à discussão — o tom de voz dela foi feroz.

— Tudo bem, tudo bem, estou ouvindo. Mas onde vamos nos encontrar com eles?

LuAnn passou a mão pela testa.

— Não sei. Tem importância?

— Onde eles estão agora? — quis saber Riggs.

— A última notícia que eu tive foi que estavam retornando ao estado da Virginia pelo sul.

Ele esfregou o queixo.

— Que carro Charlie está dirigindo?

— O Range Rover.

— Ótimo. É suficiente para todos nós. Vamos nos encontrar com eles onde quer que estejam agora. Deixamos o carro alugado e seguimos juntos. Vamos para um lugar e esperamos que o FBI faça o que tiver de fazer. Pode telefonar para eles enquanto vou àquela loja de sanduíches buscar comida.

— Ótimo.

Quando Riggs voltou com dois sacos de sanduíches, LuAnn não estava mais ao telefone.

— Conseguiu falar?

— Estão num motel nas proximidades de Danville, na Virginia. Mas fiquei de ligar de novo para avisar quando vamos chegar lá ela olhou em torno. — Onde diabos nós estamos?

— Edgewood, Maryland, norte de Baltimore. Danville fica um pouco mais de cento e cinquenta quilômetros ao sul de Charlottesville, o que significa que estamos mais ou menos a cinco ou seis horas de Danville.

— Tudo bem, se a gente sair agora...

— LuAnn, já passa de meia-noite. Eles provavelmente estão dormindo, certo?

— E daí?

— E daí que também podemos dormir um pouco, já que dormir é uma coisa que nós dois realmente precisamos fazer para levantar cedo e encontrá-los por volta de meio-dia.

— Não quero esperar. Quero Lisa em segurança comigo.

— LuAnn, dirigir quando a pessoa está exausta não é seguro. Mesmo que saíssemos agora, não chegaríamos lá antes das cinco ou seis da manhã. Não vai acontecer nada nesse espaço de tempo. Vamos, acho que já tivemos aventura

demais para um dia. E, se a Lisa souber que você vai sair agora, não vai dormir um segundo sequer.

— Não me importo. Prefiro vê-la com sono e em segurança. Riggs sacudiu a cabeça lentamente.

— LuAnn, há outra razão pela qual talvez seja melhor não irmos ao encontro deles agora, e tem a ver com a segurança de Lisa.

— Do que está falando?

Riggs pôs as mãos nos bolsos e encostou-se na parede.

— Jackson está andando por aí, isso nós sabemos. A última vez em que o vi estava fugindo para o meio da floresta. Podia facilmente ter voltado e ter nos seguido.

— Mas o que você me diz de Donovan, Bobbie Jo Reynolds e Alicia Crane? Ele matou os três.

— Nós acreditamos que ele matou essas pessoas, ou mandou que alguém as matasse. É possível também que tenha matado todos pessoalmente e contratado alguém para nos seguir. Aquele homem tem dinheiro que não acaba mais, pode comprar praticamente tudo.

LuAnn lembrou-se rapidamente de Anthony Romanello. Jackson o havia contratado para matá-la.

— Pode ser então que Jackson tenha sabido da sua ida ao FBI? Que saiba onde nos encontramos neste instante?

— E se sairmos correndo para ver Lisa, o levaremos direto a ela também.

LuAnn sentou na cama, desanimada.

— Não podemos fazer isso, Matthew — disse, cansada. Ele fez uma massagem nos ombros dela.

— Eu sei.

— Mas eu quero ver minha filhinha. Será que não posso? Riggs pensou alguns minutos e depois se sentou na cama ao lado dela, segurando-lhe as mãos.

— OK, vamos passar a noite aqui. Seria muito mais fácil para alguém nos seguir na escuridão da noite sem ser visto. Amanhã sairemos cedo para Danville. Ficarei de olho em qualquer pessoa que pareça, mesmo remotamente, suspeita. Como agente secreto, sou um bocado bom nesse tipo de coisa. Seguiremos por estradas secundárias, faremos paradas frequentes e ocasionalmente pegaremos uma rodovia interestadual. Será impossível nos seguir. Encontraremos Charlie e Lisa no motel e aí faremos com que ele a deixe na agência do FBI de Charlottesville. Seguiremos em nosso carro mas não entraremos. Não quero que os federais se metam com você tão cedo. Mas, já que temos um acordo com eles, podemos muito bem nos valer de alguns dos recursos de proteção de que dispuserem. Que tal?

Ela sorriu.

— Então eu verei a Lisa amanhã?

Ele fez um carinho no queixo dela.

— Amanhã.

LuAnn ligou de novo para Charlie, marcando o encontro para o dia seguinte à uma da tarde, no motel de Danville. com Charlie, Riggs e a própria LuAnn protegendo a menina, Jackson podia aparecer e tentar alguma coisa, porque ela confiava nas chances de sobrevivência que tinham sob tais circunstâncias.

Quando se deitaram, Riggs passou o braço são em torno da cintura de LuAnn e aninhou-se afetuosamente a seu lado. Tinha a 9mm embaixo do travesseiro e uma cadeira presa com força sob o trinco da porta. Ele havia tirado uma lâmpada do abajur, quebrara-a e jogara os cacos diante da porta.

Embora não esperasse que fosse acontecer alguma coisa, queria ser alertado o mais cedo possível, se fosse o caso.

Ali deitado ao lado dela, sentiu-se ao mesmo tempo confiante e inseguro. LuAnn aparentemente sentiu isso e virou-se para encará-lo, acariciando-lhe o rosto com meiguice.

— Preocupado com alguma coisa?

— Estou ansioso, eu acho. Quando trabalhava no FBI, era preciso eu me esforçar muito para ter paciência. Parece que tenho uma aversão natural a adiar o que posso vir a ter de bom.

— É só isso? — Riggs fez que sim, balançando bem devagar a cabeça. — Tem certeza de que não está arrependido de ter se envolvido nisso?

Ele a puxou mais para junto de si.

— E por que motivo deveria?

— Bem, deixe eu fazer uma lista. Você foi apunhalado, e por um centímetro não morreu. Um louco provavelmente vai fazer o melhor que puder para nos matar. Você arriscou seu pescoço com o FBI por minha causa e perdeu seu disfarce, como resultado as pessoas que tentaram matá-lo antes poderão tentar de novo. Você está correndo de um lado para o outro ao meu lado tentando manter-se à frente de todos, enquanto o seu negócio está indo para o buraco, e tudo indica que não terei dois centavos para começar a pagar tudo quanto lhe devo. Chega?

Riggs acariciou-lhe o cabelo e achou que estava na hora de falar. Quem podia dizer o que o futuro lhe traria? Podia ser que nunca mais tivesse outra chance.

— Faltou na lista o item "estou apaixonado por você".

Ela perdeu o fôlego, ao mesmo tempo em que o examinava cuidadosamente, atenta a cada movimento sutil, a cada tremor, tentando atribuir a tudo o que via

um significado.

O tempo todo as palavras dele ecoavam na sua cabeça. Tentou falar, mas não conseguiu.

Foi o próprio Riggs quem rompeu o silêncio.

— Sei que provavelmente não podia ter sido mais inoportuno, mas só queria que você soubesse.

— Oh, Matthew — ela finalmente conseguiu falar. Sua voz estava tremendo, todo o seu corpo tremia.

— Tenho certeza de que você já ouviu essas palavras antes. Muitas e muitas vezes, de caras provavelmente mais bem qualificados...

Ela lhe cobriu os lábios com a mão, mas não disse nada por um longo minuto. Riggs beijou-lhe gentilmente os dedos.

A voz de LuAnn saiu rouca, como se ela tivesse sido obrigada a buscar bem no fundo do coração as palavras que pronunciou: — Outros homens já as disseram. Mas esta é a primeira vez que estou realmente escutando.

Ela acariciou o cabelo de Riggs e então seus lábios se abriram e acharam os dele na escuridão, sugando-os lenta e profundamente. Despiram-se um a outro às cegas, com dedos que ao mesmo tempo que sondavam, atrevidos, acariciavam delicadamente. LuAnn começou a chorar baixinho quando o medo nervoso e a felicidade intensa lutaram pelo domínio de suas emoções. Finalmente, deixou de pensar e entregou-se ao que tinha procurado por tantos anos, em tantos países, a partir de sonhos preciosos que se dissolviam rudemente em pesadelos, a enquadrar realidades que jamais iam além de inspirar nela algo mais que uma extrema ambivalência a respeito da própria vida.

Agarrou-se com força a Matthew Riggs, como se percebesse que aquela podia ser sua última oportunidade. E foi preciso que se passasse muito tempo até que os corpos se soltassem, relaxados. Então caíram no sono, exaustos, nos braços um do outro.

55

ESFREGOU os OLHOS e olhou para o telefone. Já fazia umas duas horas que LuAnn lhe contara os últimos acontecimentos e ele ainda não conseguira dormir. Quer dizer então que Jackson na verdade era Peter Crane. Pessoalmente esta informação de nada lhe adiantava, mas dava para imaginar que ajudaria muito os esforços das autoridades para descobrir o paradeiro do homem. O pior era que, se Jackson soubesse que sua identidade fora descoberta, com toda a certeza estaria louco de ódio. E Charlie não gostaria de que qualquer pessoa de quem gostasse estivesse nas proximidades dele. Ele se levantou do sofá. Seus joelhos doíam mais que o usual. Dirigir tanto tempo o estava prejudicando. Ansiava por rever LuAnn. E Riggs também, por que não? Tudo indicava que o cara aparecera para ajudar LuAnn. Se conseguisse desatar também aquele nó, bem, seria um milagre.

Entrou no quarto ao lado e verificou como estava Lisa. Dormia a sono solto. Observou suas feições delicadas, tão parecidas com as da mãe. Também ia ser alta. Os últimos dez anos tinham passado muito depressa. Onde estariam todos na semana que vem? Onde ele estaria? Talvez, com a entrada em cena de Riggs, não tivesse mais um papel a desempenhar. Não tinha dúvida de que LuAnn cuidaria dele financeiramente, mas jamais seria a mesma coisa. Mas, que diabo, o turbilhão vivido nos últimos dez anos com ela e Lisa fora muito mais do que ele merecera.

O toque do telefone o assustou. Consultou o relógio. Quase duas da manhã. Pegou o receptor.

— Charlie?

Charlie não reconheceu a voz a princípio.

— Quem está falando?

— Matt Riggs.

— Riggs? Onde está LuAnn? Ela está bem?

— Está melhor do que você possa imaginar. Eles o pegaram. Pegaram Jackson — o tom de voz dele era de irrestrita alegria.

— Cristo todo-poderoso! Aleluia! Onde?

— Em Charlottesville. O FBI tinha uma equipe de agentes no aeroporto e ele e o irmão esbarraram direto nos dois agentes. Acho que ele ia se vingar de LuAnn.

— Ele tem um irmão?

— Roger. O FBI não sabe se está envolvido ou não, mas não creio que se

preocupem. Pegaram Peter Crane. Querem que LuAnn vá a Washington de manhã para prestar depoimento.

— Amanhã? E o encontro que vamos ter aqui?

— Foi por isso que telefonei. Quero que você e Lisa façam as malas agora e se encontrem conosco em Washington. No Hoover Building, esquina da rua Nove com a avenida Pensilvânia. Vão estar à espera de vocês. Já arranjei tudo. Se vocês saírem agora, vamos poder tomar o café da manhã juntos. Eu, pessoalmente, quero celebrar.

— E o FBI? A acusação de homicídio?

— Tudo resolvido, Charlie. LuAnn vai para casa livre. — Excelente, Riggs. São as melhores notícias que me lembro de já ter ouvido em toda a minha vida. Onde está LuAnn?

— No outro telefone falando com o FBI. Diga a Lisa que a mãe dela a ama e que não pode esperar a hora de revê-la.

— Você conseguiu — ele desligou e imediatamente começou a arrumar as coisas. Adoraria ter visto a cara de Jackson quando o FBI o pegou. O filho da mãe. Charlie achou que seria bom arrumar tudo no carro antes de acordar Lisa. O melhor era deixá-la dormir tanto quanto possível. Quando ela soubesse das últimas notícias sobre a mãe, não ia conseguir dormir mais. Tudo indicava que Riggs afinal conseguira sair ganhando.

Com o coração mais leve do que em nenhum dia daqueles últimos anos, Charlie, uma mala debaixo de cada braço, abriu a porta da frente.

Ficou imóvel na mesma hora. O homem estava de pé na entrada, o rosto coberto por uma máscara de esqui preta, pistola na mão. com um grito de raiva, Charlie atirou a mala em cima dele, derrubando a pistola. A seguir, agarrou-o pela máscara e o puxou para dentro do quarto, onde bateu de encontro a uma parede e arriou no chão.

Antes que conseguisse se levantar, Charlie estava em cima dele o martelando com direitas e esquerdas, a antiga perícia do boxe voltando como se ele nunca tivesse deixado o ringue.

A saraivada de socos derrubou o homem, que caiu gemendo e ficou imóvel. Charlie virou a cabeça quando sentiu a segunda presença no quarto.

— Olá, Charlie — Jackson fechou a porta. Assim que reconheceu a voz, Charlie pulou em cima dele, surpreendendo Jackson com sua rapidez. Os dois dardos da pistola elétrica o atingiram no peito, mas não antes que seu imenso punho colidisse com o queixo de Jackson, arremessando-o de encontro à porta. Mesmo assim Jackson continuou a apertar o gatilho, não permitindo que fosse interrompida a forte corrente elétrica que entrava no corpo de Charlie.

Charlie caiu de joelhos, mas continuou usando toda a sua força para se

levantar, esmagar aquele homem a pontapés, lançá-lo no silêncio do esquecimento, onde não pudesse ferir mais ninguém. Tentou pular para a frente, todos os impulsos mentais do seu cérebro ansiando no mínimo pela completa destruição de Jackson. Só que o corpo se recusava a seguir suas ordens. Quando lentamente terminou de arriar no chão, ainda viu Lisa, aterrorizada, na porta que dava para o quarto.

Ainda tentou dizer algo, gritar para que ela corresse, para que saísse em louca disparada, mas só conseguiu murmurar umas palavras ininteligíveis.

Foi com horror que viu Jackson se levantar, pular sobre Lisa e apertar algo sobre sua boca. A menina lutou valentemente mas não adiantou. Quando suas narinas sugaram o clorofórmio que empapava o lenço, não levou muito tempo para cair no chão ao lado de Charlie.

Jackson limpou o sangue do rosto e levantou o capanga com brutalidade.

— Leve-a para o carro e não deixe que ninguém o veja.

O homem fez que sim, ainda meio confuso, o corpo todo machucado da surra que levara de Charlie.

Charlie observou, impotente, o homem carregara inconsciente Lisa para fora. Depois os olhos se desviaram para Jackson, que se ajoelhara a seu lado, esfregando o queixo energicamente.

Em seguida, falou numa voz que era exatamente igual à de Riggs:

— Eles o pegaram. Pegaram Jackson. Eu pessoalmente quero celebrar — e caiu na gargalhada.

Charlie nada disse. Ficou ali quieto, observando, esperando. Quando Jackson falou de novo, usou sua verdadeira voz.

— Eu sabia que meu telefonema ia fazer com que você baixasse a guarda o bastante. Para abrir a porta sem verificar primeiro, sem estar armado. Que relaxamento. Mas você foi muito diligente em não ser seguido. Eu sabia que ia ser assim. Foi por isso que, na primeira noite em Charlottesville, entrei na garagem de Wicken's Hunt e coloquei um transmissor na roda de cada veículo, inclusive o seu Range Rover. Esse transmissor foi projetado para uso militar e emprega tecnologia de rastreamento por satélite. Eu poderia seguir vocês por todo o planeta. Muito caro, mas evidentemente valeu o preço.

"Eu sabia que, depois do meu encontro com LuAnn, ela mandaria Lisa se afastar com você e que eu ia precisar saber exatamente sua localização, para o caso de necessitar da pequena Lisa no confronto final. Adoro planejamento estratégico, você não? É tão raro quando alguém o formula corretamente. Tendo em vista o modo como as coisas se passaram, vou precisar dela sim. É por isso que estou aqui."

Charlie estremeceu ligeiramente quando Jackson pegou a faca no casaco e

encolheu-se de novo quando ele puxou a manga da sua camisa.

— Eu realmente adoro este instrumento — disse Jackson, olhando para a pistola elétrica. — É um dos poucos de que tenho conhecimento que asseguram o controle total sobre outra pessoa, sem machucar seriamente e ainda a deixando totalmente consciente.

Jackson guardou a pistola no paletó, mas deixou os dardos espetados no corpo de Charlie. Desta vez não estava preocupado em deixar indícios.

— Você ficou do lado da pessoa errada — enquanto Jackson pronunciava estas palavras, rasgou a manga da camisa de Charlie até o ombro a fim de ter um bom campo onde trabalhar. — Foi leal a LuAnn e olhe só aonde a sua lealdade o levou — Jackson sacudiu a cabeça tristemente mas o sorriso nos lábios denotava o júbilo que na realidade sentia.

Tão vagarosamente quanto pôde, Charlie tentou flexionar os joelhos. Fez uma careta, mas foi capaz de sentir ambas as pernas. O que Jackson não sabia era que um dos dardos pegara no grosso crucifixo de Charlie, ficando inteiramente embutido nele. O outro dardo quebrara parcialmente o medalhão antes de entrar no seu peito, com o resultado de que a voltagem que paralisara seu corpo era muito menor do que o que Jackson imaginara.

— Agora, a carga elétrica paralisante vai durar aproximadamente quinze minutos — ensinou Jackson. — Lamentavelmente, o corte que vou fazer no seu braço resultará em uma hemorragia que levará mais ou menos dez minutos para matá-lo. No entanto, não vai sentir nada, fisicamente. Mentalmente, bem, talvez seja um tanto irritante se ver esvaindo em sangue sem poder fazer absolutamente nada. Eu poderia matá-lo depressa, mas deste jeito me parece muito mais gratificante.

Enquanto falava, Jackson fez um corte comprido e profundo na parte superior do braço de Charlie, que mordeu os lábios ao sentir a força da lâmina amolada cortando sua pele. Quando o sangue começou a jorrar num fluxo constante, Jackson se levantou.

— Adeus, Charlie, vou dizer a LuAnn que você se despediu dela. Vai ser a última coisa que vou fazer antes de matá-la — Jackson pronunciou a última frase com uma expressão de ódio na fisionomia, mas logo em seguida sorriu e fechou a porta.

Centímetro a centímetro, num esforço medonho, Charlie conseguiu rolar e ficar de costas. Depois, com um esforço igualmente desesperado, levantou as mãos enormes até que se fecharam em torno dos dardos. Já começava a se sentir tonto por causa da perda de sangue. O suor porejando na testa, ele puxou com toda a força pouco a pouco, os dardos se soltaram e ele os jogou de lado. Não melhorou o entorpecimento dos músculos, mas mesmo assim foi um grande

alívio. com o resto de controle que tinha dos membros, escorregou de costas até a parede e ergueu o torso até a posição sentada, com o apoio da superfície sólida. Sentia as pernas em fogo, o equivalente a um milhão de agulhas incandescentes espetadas nelas, e tinha o corpo coberto de sangue, mas conseguiu se levantar, os joelhos se encaixando no lugar. Ironicamente, o impacto da pistola elétrica fizera com que seus joelhos melhorassem como nunca em todos aqueles anos. Conservando-se encostado na parede para não perder o apoio, deslocou-se até o *closet*, que conseguiu abrir com um empurrão. Pegou um cabide de arame com os dentes. Todos os seus membros estavam em fogo agora, o que era altamente estimulante porque o lento retorno das funções motoras estava se tornando evidente em todo o corpo. Conseguiu agarrar o cabide com uma das mãos e arrancar a haste de madeira que serve para pendurar as calças. Largando o resto do cabide, afastou-se da parede e deu um impulso para alcançar a cama. Usando os dentes e uma das mãos, rasgou uma tira estreita na coberta, trabalhando mais depressa agora que seus membros começavam a voltar à normalidade. Mesmo assim, já se sentia nauseado por causa da perda de sangue. Já não dispunha de muito tempo. O mais depressa que pôde passou uma tira comprida de pano direto sobre o corte e depois usou a haste de madeira para apertar o nó. O torniquete improvisado operou sua mágica salva-vidas e o fluxo de sangue finalmente foi estancado. Então Charlie pegou o telefone e discou para a emergência. Depois de dar a sua localização, sentou na cama, molhado de suor, o corpo inteiro vermelho do próprio sangue. Ainda não sabia se iria sobreviver ou não, e só conseguia pensar numa coisa — que Jackson estava com Lisa. Sabia exatamente o que Jackson ia fazer com ela. A garota era a isca. Isca para atrair a mãe. E, quando LuAnn fosse atrás da isca, Charlie sabia exatamente o que ia acontecer: Jackson mataria as duas.

Este terrível pensamento foi o último que passou pela sua cabeça antes que ele perdesse a consciência.



Quando a van pegou a rodovia, Jackson deu uma olhada em Lisa, inconsciente, e acabou por acender uma pequena lanterna sobre suas feições para poder enxergar mais claramente.

— A cara da mãe — disse para si mesmo. — E com o mesmo espírito de luta — acrescentou.

Ele estendeu a mão e tocou no rosto da menina.

— Você era um bebê de colo a última vez em que a vi — fez uma pausa por um instante e dirigiu o olhar para a escuridão da noite, antes de fitá-la de novo. — Sinto muito que o fim tenha de ser esse.

Esfregou o queixo lentamente antes de retirar a mão. Roberta, Donovan, sua irmã, Alicia e agora a pequena Lisa. Quantas pessoas mais teria que matar? Depois que aquilo tudo acabasse, disse a si mesmo, iria para o lugar mais remoto que pudesse encontrar e não faria nada por cinco anos seguidos. Quando tivesse limpado a mente dos eventos desta última semana, continuaria com sua vida. Mas antes tinha de dar um jeito em LuAnn. Esta seria uma morte pela qual não perderia muito sono.

— Estou chegando, LuAnn — disse ele, para a escuridão.

LuAnn sentou-se na cama de um pulo, como se tivesse cada nervo do corpo em fogo. Ofegava, e o coração batia descontroladamente.

— Querida, o que é? — Riggs também se sentou e passou um braço pelos seus ombros trêmulos.

— Oh, meu Deus, Matthew.

— O quê? O que é, LuAnn?

— Alguma coisa aconteceu a Lisa.

— O quê? LuAnn, você estava sonhando. Teve um pesadelo, mais nada.

— Ele a pegou. Pegou minha filhinha. Oh, meu Deus, Jackson a estava tocando. Eu vi.

Riggs a pegou pelos ombros e forçou-a a encará-lo. Os olhos dela percorriam o quarto todo, de um lado para o outro, sem parar.

— LuAnn, não há nada de errado com Lisa. Você teve um pesadelo. Perfeitamente natural nessas circunstâncias — ele tentou aparentar o máximo de calma que pôde, embora o fato de ter sido acordado de um sono profundo por aquela crise histérica certamente o tivesse deixado nervoso.

Ela o empurrou de lado, deu um pulo e começou a jogar no chão as coisas que estavam em cima da mesa de cabeceira.

— Onde está o telefone?

— O quê?

— Onde está o maldito telefone? — ela gritou. Na mesma hora em que disse isso, achou o aparelho.

— Vai ligar para quem?

Ela não respondeu. Seus dedos voaram no teclado do celular. Mal conseguiu esperar uma resposta. — Não respondem.

— E daí? Charlie provavelmente desligou o aparelho. Sabe que horas são?

— Ele não ia desligar o telefone. Ele nunca desliga o maldito telefone — ela discou de novo, com o mesmo resultado.

— Bem, pode ser então que a bateria esteja pifada. Basta ele não a ter posto para carregar quando chegou ao motel.

LuAnn sacudiu a cabeça.

— Alguma coisa aconteceu. Algo de errado aconteceu.

Riggs levantou-se e se aproximou dela.

— LuAnn, escute — ele a sacudiu tanto quanto a dor do ferimento lhe permitiu. — Quer me escutar por um minuto?

Ela finalmente se acalmou um pouco e conseguiu olhar para ele.

— Lisa está bem. Charlie está bem. Você teve um pesadelo, mais nada — ele a abraçou com força. — Vamos vê-los amanhã. E tudo vai estar bem de novo, OK? Se sairmos agora à noite e formos seguidos, nunca saberemos. Não deixe que um pesadelo faça algo que terminaria realmente por colocar Lisa em perigo.

Ela o encarou com os olhos ainda cheios de terror. Ele continuou a murmurar coisas no seu ouvido e o tom suave finalmente a tranquilizou. Permitiu que ele a puxasse de volta para a cama e, juntos, os dois se deitaram. Ao se acomodar para dormir, contudo, LuAnn ficou olhando para o teto, rezando silenciosamente para que tivesse sido de fato um pesadelo. Alguma coisa bem no seu íntimo dizia que não. Na escuridão pudera ver o que parecia uma mão se estendendo para pegar Lisa. Não saberia dizer se se tratava de um gesto amistoso. Porque não chegara a se formar por completo e logo desaparecera. Ela passou um braço em torno do sonolento Riggs, segurando-o protetoramente. Seria capaz de dar qualquer coisa se alguém pudesse fazer o mesmo pela sua filha.

56

OS VENTOS ESTAVAM AINDA MAIS FORTES e caiu muita chuva naquela noite e no dia seguinte. Estacionados na estrada que conduzia à casa de LuAnn, os veteranos agentes tinham visto pouca atividade, mas se mantinham atentos apesar do tédio.

Às onze horas um carro se aproximou do ponto onde eles se encontravam e parou. O vidro do lado do motorista foi arriado.

Sally Beecham, governanta de LuAnn, lançou um olhar de expectativa para um dos agentes e ele rapidamente acenou para que seguisse em frente. Ela saíra duas horas antes para fazer compras. Quando passara pelo ponto de fiscalização estabelecido pelo FBI, se mostrara muito nervosa. O FBI não lhe dera grandes explicações, mas deixara claro que ela não estava metida em encrenca. Queriam que continuasse exercendo as tarefas rotineiras, conservando tudo de acordo com a normalidade. E lhe deram um número de telefone para ligar caso observasse algo suspeito.

Ao passar pelo posto de controle daquela vez, ela parecia bem mais à vontade, talvez com um certo ar de importância por se ver alvo de tanta atenção oficial.

Um dos agentes comentou com o outro:

— Não acho que a Tyler vá voltar para comer essa comida — o colega sorriu, aprovando.

O veículo que apareceu depois e parou no posto de controle despertou certa atenção. O homem mais velho, que dirigia a van, explicou que era o zelador do terreno da mansão. O sujeito mais jovem que vinha sentado no banco a seu lado era o assistente. Os dois exibiram os documentos de identidade, que os agentes examinaram minuciosamente e depois deram alguns telefonemas para verificar. Abriram a parte de trás do veículo e viram que estava realmente cheia de ferramentas, caixas e lonas velhas. Só para evitar dúvidas, um dos agentes seguiu a van.

O carro de Sally Beecham estava estacionado em frente; vindo da casa ouvia-se um bip estridente. A porta da frente estava aberta e o agente pôde vê-la logo do lado de dentro desativando o sistema de alarme, pelo menos foi o que presumiu. Sua suposição provou estar correta quando o bip parou de tocar. Em seguida os homens saltaram da van, retiraram algumas ferramentas da parte de trás do veículo, jogaram tudo num carrinho de mão e seguiram para os fundos da casa. com isso, o agente entrou no seu carro e voltou para o posto de controle.

LuAnn e Riggs estavam de pé na área de estacionamento do motel, em Danville, Virginia. Riggs falara com o gerente. A polícia fora chamada na noite anterior. O homem do quarto 112 foi atacado e ficou seriamente ferido. O ferimento era tão grave que providenciaram um helicóptero para removê-lo via aérea. O nome que o homem dera não fora o de Charlie, o que, contudo, nada significava. E o gerente não estava certo de que houvesse uma menina na companhia do tal homem.

— Tem certeza de que eles estavam no quarto 112? LuAnn virou-se.

— É claro que tenho certeza.

Ela fechou os olhos, parou de andar de um lado para o outro e balançou nos calcanhares. Desde o primeiro instante sabia o que tinha acontecido! Só de pensar em Jackson tocando em Lisa, machucando-a, tudo por causa do que LuAnn fizera ou deixara de fazer, era uma coisa de atordoar, de paralisar de maneira total e absoluta qualquer pessoa.

— Olhe, como eu ia adivinhar que você tinha a capacidade de estabelecer uma ligação psíquica com esse cara? — replicou Riggs.

— Não era com ele, droga! com ela! Minha filha!

Esta afirmativa fez com que Riggs parasse onde estava. Olhou para o chão e depois a observou voltar a andar.

— Precisamos de algumas informações, Matthew. Neste instante.

Riggs concordou, mas não quis ir à polícia. Significaria perder muito tempo em explicações e a polícia local bem podia acabar prendendo LuAnn.

Finalmente Riggs disse:

— Vamos.

Foram todos para o escritório do motel e Riggs se dirigiu para um telefone público, de onde ligou para Masters. O FBI ainda não tinha pistas de Jackson e Roger Crane não aparecera.

Riggs explicou concisamente o que acontecera na noite anterior no motel.

— Espere um pouco — disse Masters.

Enquanto Riggs esperava, percebeu que LuAnn olhava fixamente para ele. Aguardava em silêncio pelas piores notícias que podia receber, disso ele tinha certeza. Tentou sorrir para reanimá-la, mas desistiu. A última coisa que ia conseguir fazer agora era tranquilizá-la, particularmente sem base em nada. E poderia ser pior depois, se nada desse certo.

Quando Masters voltou ao aparelho, seu tom de voz era baixo e nervoso.

— Acabo de checar com a polícia de Danville. Sua informação está correta, um homem foi esfaqueado no tal motel nas cercanias da cidade. O documento de identidade encontrado com ele afirmava ser de Robert Charles Thomas.

Charlie? Riggs umedeceu os lábios, agarrou o telefone com mais força.

— Sua identidade? Ele não conseguiu falar com a polícia?

— Estava inconsciente. Perdeu muito sangue. Um milagre que não tenha morrido, segundo o que me disseram. O ferimento foi realizado com precisão profissional, visando a matar a vítima com uma hemorragia lenta. Encontraram dardos de uma pistola elétrica no quarto. Deve ter sido paralisado pelo choque elétrico. Hoje de manhã cedo, ainda não podiam dizer se ia sobreviver ou não.

— Como é a aparência dele? — Riggs ouviu o farfalhar de papéis do outro lado da linha. Tinha quase certeza de que era Charlie, mas precisava estar absolutamente seguro.

Masters começou a falar de novo.

— Acima de um metro e oitenta, sessenta e tantos anos, corpulento, deve ser forte como um touro para ter sobrevivido até agora.

Riggs respirou fundo. Não havia dúvida — era Charlie mesmo.

— Onde ele está agora?

— O helicóptero o levou para o centro traumatológico de emergência de Charlottesville.

Riggs sentiu a presença de alguém a seu lado. Virou-se e deu com os olhos de LuAnn, cheios de pavor.

— George, falaram em uma menina de dez anos que estava com ele?

— Eu perguntei. Disseram que o homem voltou a si por alguns segundos e começou a gritar um nome.

— Lisa?

Riggs ouviu Masters pigarrear.

— Sim, isso mesmo — Riggs permaneceu em silêncio. — Era a filha dela, não era? — perguntou Masters. — O sujeito a pegou, não foi?

— Parece que sim — disfarçou Riggs.

— Onde é que você está?

— Olhe, George, acho que ainda não estou em condições de lhe dar esta informação.

Masters começou a falar com mais intensidade.

— Ele pegou a menina, Matt. Vocês dois podem ser os próximos. Pense nisso. Nós podemos proteger a ambos. Vocês têm de nos procurar.

— Não sei.

— Olhe, vocês podem voltar para a casa dela. Tenho a entrada sob guarda vinte e quatro horas por dia. Se ela concordar, encho o lugar de agentes.

— Espere aí, George — Riggs segurou o telefone encostado no peito e olhou para LuAnn. Os olhos dele diziam tudo o que ela precisava saber.

— Charlie?

— Inconsciente. Não sabem se ele vai conseguir sobreviver. A boa notícia é

que ele foi removido de helicóptero para o centro traumatológico do hospital universitário.

— Ele está em Charlottesville? — perguntou ela.

Riggs fez que sim.

— É um pulinho de Danville até lá de avião e a unidade traumatológica é de primeira categoria. Ele terá o melhor tratamento possível.

LuAnn continuou a olhar fixamente para ele, esperando. E ele sabia exatamente o quê.

— Jackson com certeza está com Lisa — ele prosseguiu rapidamente. — LuAnn, o FBI quer que nos entreguemos. Assim eles poderão nos proteger. Vamos para Wicken's Hunt, se você quiser. Já há agentes lá guardando a entrada. Eles acreditam...

LuAnn arrancou o telefone da mão de Riggs.

— Não quero proteção — gritou ela. — Não preciso de sua maldita proteção. Ele pegou minha filha. E a única coisa que vou fazer é encontrá-la. Vou pegar Lisa de volta. Está me ouvindo?

— Sra. Tyler — começou a dizer Masters —, estou imaginando que seja a Sra. Tyler...

— Só quero que vocês se afastem do meu caminho. Ele a matará se imaginar que vocês estão por perto!

Masters tentou permanecer calmo mesmo quando pronunciou as detestáveis palavras:

— Sra. Tyler, a senhora não pode saber se ele já não fez qualquer coisa com sua filha.

A resposta dela foi surpreendente, tanto pelo conteúdo quanto pela intensidade.

— Sei que ele não a machucou. Ainda não.

— O homem é um psicopata. A senhora não pode estar certa...

— Uma ova que não posso. Sei exatamente o que ele quer. E não é Lisa. Saia do meu caminho, FBI. Se minha filha vier a morrer por sua causa, não haverá lugar na terra onde eu não possa encontrá-lo.

Mesmo sentado em seu escritório no Hoover Building com toda a pesada segurança, mesmo depois de vinte e cinco anos de trabalho policial de alto nível durante o qual se defrontara com uma parcela mais do que suficiente do Mal, mesmo cercado por milhares de agentes especiais soberbamente treinados e amadurecidos pela experiência, George Masters estremeceu ao escutar aquelas palavras. A única coisa que ouviu depois foi o barulho do telefone batendo.

Riggs correu atrás de LuAnn quando ela disparou para o lugar onde deixara o carro.

— LuAnn, quer esperar um minuto, por favor? — ela se virou e ficou esperando que ele falasse. — Olhe, o que George disse faz sentido.

Ela levantou as mãos e começou a entrar no carro.

— LuAnn, você se entrega ao FBI. Deixa que eles a protejam desse sujeito. Eu fico do lado de fora e descubro o paradeiro dele.

— Lisa é minha filha. Sou eu o motivo pelo qual ela está em perigo e sou eu a pessoa que vai salvá-la. Só eu. Ninguém mais. Charlie está quase morto. Você quase foi morto. Três outras pessoas foram assassinadas. Não vou mais desperdiçar a vida de ninguém por causa da miserável desculpa que uso para justificar minha própria vida há tanto tempo.

Ela gritou estas palavras para ele e, quando parou, estava ofegante.

— LuAnn, não vou deixar você ir atrás dele sozinha. Se você não quer a proteção do FBI, tudo bem. Eu também não quero. Mas você não vai, repito, não vai atrás dele sozinha. Desse jeito vocês duas vão morrer.

— Matthew, será que você não me ouviu? Dê o fora! Vá procurar seus amiguinhos do FBI e deixe que eles lhe arrumem uma vida nova longe como o diabo de tudo isso. Longe como o diabo de mim. Você quer morrer? Porque, se ficar do meu lado, vai morrer, certo como agora estou olhando para você. — A aparência civilizada desapareceu, posta de lado como a pele de uma cobra no outono.

— Ele vem atrás de mim de qualquer maneira, LuAnn — disse Riggs, falando baixinho. — Vai me encontrar e matar quer eu procure a proteção do FBI ou não. — como LuAnn não respondeu, ele continuou. — E, para falar a verdade, estou velho demais e cansado demais de fugir e me esconder para começar tudo de novo. Prefiro ir até o ninho da cobra e encontrá-la frente a frente. Vou me arriscar, tendo você a meu lado. Prefiro me arriscar com você do que com todos os agentes do FBI, ou com todos os policiais do país. Provavelmente vamos ter uma única chance, e quero que ela seja a seu lado.

Ele fez uma pausa enquanto ela o fitava, os olhos enfurecidos, o cabelo comprido flutuando ao vento, as mãos fortes se fechando e abrindo e finalmente terminou: — Se você quiser arriscar comigo...

O vento realmente soprava com mais força. Os dois se encontravam a pouco mais de meio metro um do outro. O vazio que os separava ou aumentaria ou diminuiria com a resposta de LuAnn. A despeito do frio, os dois rostos estavam cobertos de suor. Ela finalmente rompeu o silêncio.

— Entre.



O quarto estava completamente às escuras. Do lado de fora caía uma chuva forte desde cedo. Sentada no centro do espaço, o corpo amarrado fortemente a uma cadeira, Lisa estava tentando, sem muito sucesso, usar o nariz para se livrar da máscara que lhe cobria os olhos. A intensa escuridão — o fato de se sentir total e completamente cega — a enervava. Tinha a impressão de que coisas perigosas se moviam muito perto dela.

Estava completamente certa.

— Você está com fome? — a voz soou junto a seu cotovelo e o coração dela quase parou.

— Quem é? Quem é você? — a voz dela tremeu.

— Sou um velho amigo de sua mãe — Jackson ajoelhou-se ao lado dela. — Os laços não estão muito apertados, estão?

— Onde está tio Charlie? O que foi que você fez com ele? — a coragem de Lisa subitamente reapareceu.

Jackson deu uma risadinha.

— Tio, é? — ele se levantou. — Essa é boa, muito boa.

— Onde ele está?

— Não importa — retorquiu Jackson. — Se está com fome, me diga.

— Não estou.

— Alguma coisa para beber então?

Lisa hesitou.

— Talvez um pouco de água.

Ela ouviu um tilintar de copo e, quando sentiu uma coisa fria encostar nos lábios, recuou bruscamente.

— É só água. Não vou envenenar você — Jackson falou em um tom de voz tão imperioso que Lisa rapidamente abriu a boca e bebeu. Jackson segurou o copo com paciência até que ela terminou.

— Se precisar de alguma outra coisa, como por exemplo ir ao banheiro, basta falar. Estarei aqui.

— Onde estamos? — como Jackson não respondeu, ela perguntou: — Por que você está fazendo isso?

Sentado ali na escuridão, Jackson considerou a pergunta cuidadosamente antes de responder.

— Sua mãe e eu temos uma questão pendente. Tem a ver com coisas que

ocorreram há muito tempo, embora sejam as repercussões mais recentes que na verdade estejam me motivando.

— Aposto como a mamãe não fez nada a você.

— Ao contrário, embora deva a mim toda a sua vida, tem feito tudo o que pode para me ferir.

— Não acredito — retorquiu Lisa, acaloradamente.

— Não espero que você acredite — disse Jackson. — Você é leal à sua mãe, e assim é que deve ser. Os laços de família são muito importantes — ele cruzou os braços e pensou por um momento na própria família, no rosto doce e pacífico de Alicia. Doce e pacífico na morte. com um esforço, livrou-se da visão da irmã morta.

— Minha mãe vem me tirar daqui.

— Eu certamente espero que ela faça isso.

Lisa pestanejou rapidamente quando o significado das palavras dele se fez claro.

— Você vai machucá-la, não vai? Você vai tentar machucar a mamãe quando ela vier me pegar — a voz da menina aumentou de volume.

— Chame se precisar de alguma coisa. Não pretendo fazer com que você sofra indevidamente.

— Não machuque a mamãe, por favor — as lágrimas se materializaram atrás da máscara.

Jackson se esforçou ao máximo para ignorar as súplicas de Lisa. Finalmente o choro se transformou em soluços e numa exausta sucessão de gemidos. Ele tinha conhecido Lisa quando era um bebê de dezoito meses. Certamente que, ao crescer, ela se transformara em uma linda criança. Se LuAnn não houvesse aceitado sua oferta, a órfã Lisa provavelmente teria sido enviada para algum asilo. Ele a contemplou, sofrendo terrivelmente em seu íntimo, a cabeça baixa sobre o peito em sua agonia. Era muita coisa para uma menina de dez anos de idade suportar. Talvez fosse melhor que tivesse sido criada em um asilo, sem ter chegado a conhecer realmente a mãe. A mulher que Jackson eliminaria agora da vida dela. Não queria provocar dor na filha, mas a vida é assim. Não é justa. Dissera isso a LuAnn no dia em que se conheceram. Se você quer alguma coisa tem de pegar. Antes que alguma outra pessoa tire essa coisa de você. Na vida só os rápidos e decididos conseguem se adaptar e sobreviver.

Todos os demais são simplesmente esmagados quando criaturas mais ágeis ocupam o lugar onde ficaram parados por um tempo excessivo.

Ele ficou completamente imóvel, como se quisesse conservar as energias para o que tinha diante de si, o olhar perdido na escuridão. Muito em breve tudo começaria.

E muito em breve tudo também terminaria.

57

AS INSTALAÇÕES MÉDICAS DA UNIVERSIDADE da Virginia não eram apenas local de treinamento da Faculdade de Medicina, mas um hospital público muito respeitado e um centro traumatológico de referência. LuAnn saiu em disparada pelo corredor. Riggs ficou estacionando o carro e depois a seguiria. Ela refletiu um pouco sobre o fato de nunca ter estado em um hospital. Concluiu rapidamente que não se incomodava com o cheiro e muito menos com a atmosfera. Tudo provavelmente se devia à razão pela qual se encontrava ali: ver Charlie.

Ele estava internado em um quarto particular, com um policial de Charlottesville de guarda na porta. LuAnn passou direto por ele e se dispôs a entrar.

— Um momentinho aí, madame, nada de visitas — disse o policial, um homem corpulento dos seus trinta anos, que, querendo ser mais enfático, ergueu o enorme braço.

LuAnn já tinha se virado, pronta para brigar, quando Riggs se apressou.

— Oi, Billy.

O policial de serviço se virou para ele.

— Ei, Matt, como é que vão as coisas?

— Não vão lá muito bem. Vai demorar um pouco até conseguir jogar basquete com você. Ele reparou na tipoia.

— Como é que você arranjou isso aí?

— É uma longa história. O cara que está aí dentro é tio dela — ele indicou LuAnn com um gesto de cabeça.

Billy ficou envergonhado.

— Desculpe, madame, eu não sabia. Tinham me dito nada de visitas, mas eu sei que não se referiam a membros da família. A senhora pode entrar.

— Obrigado, Billy — agradeceu Riggs.

LuAnn empurrou a porta e entrou, com Riggs nos seus calcanhares.

Ela contemplou o corpo de Charlie estendido na cama. Como se tivesse sentido sua presença, ele abriu os olhos e um sorriso se espalhou em seu rosto. Embora pálido, os olhos se mostraram rápidos e ativos.

— Puxa vida, isso é que uma visão agradável — disse ele. LuAnn adiantou-se depressa para o lado dele, segurando carinhosamente sua mão enorme.

— Graças a Deus você está bem.

Charlie estava prestes a dizer qualquer coisa quando um homem de meia-

idade, de avental branco, meteu a cabeça dentro do quarto.

— Só estou fazendo minha ronda, pessoal — explicou ele, abrindo totalmente a porta e entrando com uma prancheta nas mãos.

— Dr. Reese — disse ele, apresentando-se.

— Matt Riggs. Esta é a sobrinha de Charlie, Catherine — Riggs apontou para LuAnn, que apertou a mão do médico.

O Dr. Reese checou os sinais vitais de Charlie enquanto falava.

— Bem, foi uma sorte e tanto que o Charlie fosse tão bom com um torniquete. Estancou a perda de sangue antes que as coisas ficassem realmente feias.

— Quer dizer então que ele vai ficar bom? — quis saber LuAnn, ansiosa.

Reese virou-se para ela.

— Oh, sim. Ele não corre perigo. Substituímos o sangue que ele perdeu, fechamos o ferimento, e tudo o que ele precisa agora é um pouco de descanso para recuperar as forças — Reese anotou suas avaliações no prontuário de Charlie.

Charlie se sentou na cama.

— Sinto-me bem. Quando é que vão me dar alta?

— Acho que você vai precisar de mais uns dois dias para ficar pé de novo.

Charlie ficou claramente irritado com a resposta.

— Volto pela manhã — disse Reese. — Não fiquem muito tempo, vocês dois, ele precisa descansar.

Assim que Reese saiu, Charlie endireitou-se na cama.

— Alguma notícia de Lisa?

LuAnn fechou os olhos e abaixou a cabeça. Densas lágrimas escorreram de suas pálpebras.

— Achamos que ele está com ela, Charlie — disse Riggs.

— Eu sei que ele está com ela — afirmou Charlie. — Disse aos policiais tudo o que sabia assim que voltei a mim.

— Tenho certeza de que eles estão trabalhando nisso — afirmou Riggs, meio sem graça.

Charlie bateu com o punho na guarda de metal da cama.

— Droga, não vão pegá-lo. Já se foi há muito tempo. Temos que fazer alguma coisa. Ele não tentou entrar em contato com vocês?

— Eu vou ligar para ele — disse LuAnn, abrindo os olhos. — Mas tive de vir ver você primeiro. Eles disseram que você talvez não saísse desta — a voz falhou e ela apertou a mão de Charlie com mais força.

— Seria preciso muito mais que um corte para me mandar mesmo para o outro mundo — ele fez uma pausa, lutando com o que ia dizer em seguida. —

Desculpe, LuAnn. O filho da mãe pegou Lisa e a culpa foi minha. Telefonou no meio da noite, imitando a voz de Riggs. Falou que o FBI tinha prendido Jackson. Que era para eu ir com Lisa para Washington e me encontrar com você no prédio do FBI. Baixei a guarda. Entrei direto na armadilha dele — Charlie sacudiu a cabeça. — Meu Deus, eu devia ter suspeitado de alguma coisa, mas a voz era igualzinha à de Riggs.

LuAnn abaixou-se e o abraçou.

— Ora, Charlie, você quase se deixou matar por ela. E por mim.

Charlie a envolveu com seus braços enormes enquanto Riggs observava em silêncio respeitoso os dois se abraçarem carinhosamente.

— Lisa vai ficar legal, Charlie — ela deixou transparecer muito mais confiança do que na verdade sentia. Seja como for, de nada serviria para Lisa se a mãe ficasse histérica e, por isso mesmo, imprestável.

— LuAnn, você conhece o cara. Ele é capaz de fazer qualquer coisa contra ela.

— Ele quer a mim, Charlie. O mundo de Jackson está se esfacelando. Os federais o perseguem, ele matou Donovan, Bobbie Jo Reynolds e provavelmente sua irmã também. E eu sei que ele acha que eu sou a causa de tudo.

— Loucura.

— Não é loucura se ele acredita que eu sou a culpada.

— Bem, você não pode simplesmente aparecer e se entregar a ele.

Riggs interveio.

— Exatamente o que penso. Você não pode simplesmente aparecer diante do sujeito e dizer: "Não se preocupe, já estou indo para aí para que você possa me matar."

LuAnn não respondeu.

— Ele está certo, LuAnn — disse Charlie, começando a se levantar.

— Que diabo está fazendo? — indagou ela, incisiva.

— Vou me vestir.

— Ainda que mal lhe pergunte, não escutou o que o médico disse?

— Estou velho, cada dia escuto pior.

— Charlie...

— Olhe — disse ele, furioso, enquanto tropeçava na tentativa de enfiar as calças. LuAnn segurou seu braço bom, enquanto Riggs o amparava do outro lado. — Não vou ficar deitado aqui nesta cama enquanto o filho da mãe está com Lisa em seu poder. Se vocês não conseguem entender isso, só posso dizer que não ligo a mínima.

LuAnn fez que sim, em sinal de compreensão, e o ajudou a vestir as calças.

— Você é um urso velho e teimoso, e sabe disso.

— Ainda tenho um braço bom, e deixe só eu chegar com ele perto desse sujeito.

Riggs levantou o braço ferido. — Venha, somando eu e você temos dois braços bons. O cara também me deve.

LuAnn pôs as mãos nas cadeiras e olhou em torno.

— Tem um policial aí fora.

— Posso tomar conta dele — ofereceu-se Riggs.

LuAnn pegou o resto das coisas de Charlie, inclusive o telefone celular, e colocou tudo em um saco plástico do hospital.

Quando Charlie terminou de se vestir, Riggs abriu a porta e falou com Billy.

— Billy, você se incomoda de descer até a lanchonete e trazer alguns cafés e uns troços para a gente mastigar? Eu iria, se não estivesse com um braço fora de combate — ele girou a cabeça na direção do quarto. — E ela está muito nervosa. Não quero deixá-la sozinha.

— Não devo deixar meu posto, Matt.

— Deixe comigo que fico no seu lugar, Billy, não tem problema — Riggs estendeu algum dinheiro. — Compre alguma coisa para você também. Da última vez em que jogamos basquete, me lembro de que você comeu sozinho uma pizza inteira no final — ele avaliou as saudáveis dimensões de Billy. — Não quero que definhe à toa.

Billy pegou o dinheiro e riu.

— Você sabe direitinho o caminho do coração de um amigo.

Assim que Billy entrou no elevador e as portas se fecharam, Charlie, Lu Ann e Riggs deixaram o quarto e saíram pela escada dos fundos. Com LuAnn e Riggs apoiando Charlie, atravessaram rapidamente, sob a chuva, o espaço que os separava do carro.

Pouco tempo depois os três seguiam pela Rota 29. Charlie aproveitou para contar tudo o que acontecera no motel, inclusive o fato de que Jackson tinha outro homem com ele. Depois que terminou, inclinou-se um pouco para a frente e perguntou: — E então, qual é o plano? — ele estremeceu de dor quando o carro passou por um ressalto na estrada e sacudiu o braço machucado.

LuAnn entrou num posto de gasolina e pegou um pedaço de papel no bolso.

— Vou telefonar para ele — anunciou.

— E depois? — quis saber Riggs.

— Vou ver o que ele vai falar — foi a resposta dela.

— Você sabe que diabos ele vai falar — interveio Charlie. — Vai marcar um encontro, só você e ele. E, se você for, ele vai matá-la.

— E se eu não for vai matar Lisa.

— Ele vai matá-la de qualquer maneira — disse Riggs, irritado.

LuAnn o fitou.

— Não se eu o pegar primeiro — ela pensou no último encontro que tivera com ele, no chalé. Era mais forte que Jackson. Não muito, mas tinha uma clara vantagem. Só que ele sabia disso também. O que significava que ele não a veria em condições de igualdade nunca mais, pelo menos não fisicamente. Tinha de se lembrar disso. Se ele podia se adaptar, ela também podia.

— LuAnn, eu tenho muita confiança em você, mas esse sujeito é um caso completamente diferente.

— Ele está certo, LuAnn — acrescentou Charlie.

— Obrigada pelo voto de confiança, rapazes — ela não esperou pela resposta. Tirou o celular da bolsa e teclou o número. Antes que começasse a tocar, olhou para os dois. — Mas, lembrem-se, tenho os dois braços bons.

Riggs deslizou a mão pelo casaco até tocar no metal tranquilizador da pistola. Sua mira tinha que ser muito melhor desta vez. Esperava não ser de novo dolorosamente atrapalhado por uma faca espetada no braço.

Ele e Charlie observaram LuAnn falando ao telefone, deixando o número do celular. Depois ela desligou e esperou, ainda sem olhar para nenhum dos dois. Mal se passaram três minutos antes que o telefone tocasse.

Antes que LuAnn pudesse dizer alguma coisa, Jackson foi falando:

— Saiba, por favor, que tenho um dispositivo instalado no meu telefone que indica se a chamada está sendo rastreada, para o caso de você estar neste instante sentada na chefia da polícia. Este dispositivo me diz em cinco segundos se isso está ocorrendo. Se estiver, eu me levantarei imediatamente e irei cortar o pescoço da sua filha.

— Nem estou na polícia nem estou rastreando a ligação.

Ele nada falou por cinco segundos. Podia imaginá-lo observando o dispositivo, verificando se ela não estaria mentindo.

— Aplaudo você por evitar o óbvio — disse finalmente, satisfeito.

— Quando e onde? — disse LuAnn.

— Sem cumprimentos? Sem um papinho? Onde estão seus modos? Será que a princesa dispendiosamente construída deteriorou tão depressa? Como uma flor sem água? Sem a luz do sol?

— Quero falar com Lisa. Agora.

— Sinto muito a respeito de tio Charlie — disse Jackson. Ele estava sentado no chão na mais absoluta escuridão. Segurava o telefone junto da boca e falava devagar e no tom mais natural que lhe foi possível forçar. Queria que o nível de pânico dela subisse constantemente, queria que LuAnn sentisse que ele tinha o controle absoluto da situação. Quando chegasse a hora, queria que ela se adiantasse obedientemente para receber sua punição. Que fosse submissamente

enfrentar seu carrasco.

LuAnn não ia dizer a Jackson que Charlie estava sentado bem a seu lado sem outro desejo que não acabar com a vida dele.

— Quero falar com Lisa!

— Como você pode ter certeza de que eu não a matei?

— O quê?

— Você pode falar com ela, mas como saberá que não sou eu imitando a voz dela? "Mamãe, mamãe", eu podia dizer. "Venha me ajudar." Eu podia dizer todas essas coisas. Assim, se quiser falar com ela, pode, mas não vai provar nada.

— Seu filho da mãe.

— Você ainda gostaria de falar com ela?

— Sim — disse LuAnn, em tom de súplica.

— Olhe os modos. Sim, o quê?

Ela hesitou por um momento, respirando fundo, tentando conservar a flexibilidade do raciocínio e a calma.

— Sim, por favor — disse ela.

— Espere um minuto. Agora, onde foi que coloquei aquela menina?

Riggs se esforçava ao máximo para ouvir a conversa. Exasperada, LuAnn finalmente abriu a porta e saltou do carro.

Ela se esforçou para ver se ouvia algum ruído ao fundo.

— Mamãe, mamãe, é você?

— Querida, queridinha, é a mamãe sim. Oh, meu Deus, sinto tanto tudo isso...

— Oh, me desculpe, Lu Ann, era eu ainda — interrompeu Jackson.

— "Oh, mamãe, mamãe, é você?" — repetiu ele, imitando com perfeição a voz de Lisa.

LuAnn estava atônita demais para dizer qualquer coisa.

O que ouviu a seguir foi a voz dele mesmo, a verdadeira voz. Num tom que quase feriu seu ouvido, de tão violento.

— Vou deixar você falar com ela, realmente falar com ela. Vão poder ter seu diálogo mãe e filha cheio de emoções. Mas, quando terminar, eu vou lhe dizer exatamente o que fará. Se se desviar de alguma maneira das minhas instruções...

Ele não terminou. Nem precisava. Os dois ficaram sentados diante dos respectivos telefones, ouvindo simplesmente a respiração um do outro. Dois trens desgovernados, prestes a se chocarem. LuAnn tentou com todas as forças controlar a respiração. Sabia o que ele estava querendo fazer. O que estava impondo à sua mente. Mas estava igualmente certa de que não podia fazer nada a esse respeito. Pelo menos não agora.

— Está me entendendo?

— Estou — assim que pronunciou esta palavra, ela ouviu o barulho do fundo que a fez sorrir e fazer uma careta de dor simultaneamente. Consultou o relógio. Cinco horas. O sorriso aumentou ao mesmo tempo em que surgiu um brilho nos olhos. Um brilho de esperança.

No minuto seguinte estava falando com Lisa, fazendo rapidamente perguntas que só sua filhinha seria capaz de responder. Ambas desejavam desesperadamente vencer o escuro abismo que as separava.

E então Jackson entrou na linha de novo e deu as instruções, o *onde* e *quando*. Nada do que disse a surpreendeu quando ela se concentrou nos ruídos que se ouviam ao fundo. Jackson terminou a ligação dizendo, com a finalidade de desencorajar:

— Até breve.

Ela desligou o telefone e voltou para o carro. Quando falou, foi com uma calma que deixou os dois homens estarrecidos, particularmente tendo em vista as circunstâncias.

— Devo ligar para ele às dez da manhã. Só então me dará o local do encontro. Soltará Lisa se eu for. Se chegar a pensar que tem outra pessoa por perto, ele a matará.

— Então é você pela Lisa — resumiu Riggs.

Ela olhou para ambos.

— É assim que vai ser.

— LuAnn...

— É assim que vai ser — ela repetiu, desta vez com mais determinação.

— Como você sabe que ele vai soltá-la? Não pode confiar nele! — implorou Charlie.

— Nisso eu posso. Ele só quer a mim.

— Tem que haver outro modo — exclamou Riggs.

— Só há um jeito, Matthew, e você sabe disso — ela olhou para ele tristemente antes de engrenar o carro e sair.

LuAnn tinha mais uma carta para jogar. Mas Charlie e Riggs não seriam convidados para o jogo. Já tinham se sacrificado demais por ela. Jackson quase conseguira matá-los, e ela não ia dar outra chance ao monstro. Se Jackson tivesse outra chance, ela sabia muito bem qual seria o resultado. Agora dependia dela. Dependia dela salvar a filha e era assim que as coisas deviam ser. Sempre fora autoconfiante na maior parte da sua vida, e, verdade seja dita, era assim que gostava das coisas.

Saber disso era tranquilizador. E ela sabia mais outra coisa.

Sabia onde Jackson e Lisa estavam.

58

A CHUVA FINALMENTE DIMINUÍRA de intensidade, mas as águas da primavera estavam longe de acabar. LuAnn colocara um cobertor na janela quebrada do chalé. Riggs ligara o aquecimento ao máximo e o resultado foi que o ambiente se tornou bastante confortável. Havia restos de uma refeição em cima da pia da cozinha. Riggs deu uma olhada nas manchas do chão da sala de jantar. Seu sangue. Charlie e Riggs puxaram colchões do andar de cima e colocaram no chão do térreo. Tinham decidido que o chalé seria o melhor lugar para passarem a noite. Charlie e Riggs discutiram horas com LuAnn tentando fazer com que mudasse de ideia. Finalmente ela disse que eles podiam chamar o FBI antes que telefonasse para Jackson. Era possível que o FBI pudesse rastrear o telefonema. Isso apaziguara os homens o bastante para deixar que LuAnn ficasse de prontidão no primeiro quarto. Riggs a substituiria duas horas depois.

Exaustos, os dois homens logo começaram a ressonar sonoramente. De costas para a janela, LuAnn ficou observando-os em silêncio. Consultou o relógio; passava da meia-noite.

Certificou-se de que sua arma estava carregada, depois se ajoelhou ao lado de Charlie e deu-lhe um beijinho no rosto. Ele não se moveu.

Adiantou-se até Riggs e ficou observando o ritmo constante com que seu peito subia e descia. Afastando o cabelo dos olhos dele, observou-o por mais algum tempo.

Sabia que não eram grandes as probabilidades de ver qualquer um dos dois de novo. Beijou-o delicadamente nos lábios e levantou-se. Por um longo instante ficou encostada na parede, respirando fundo, sentindo que tudo com que defrontava ameaçava simplesmente esmagá-la.

Em seguida deslocou-se novamente, pulando a janela para evitar a porta barulhenta. Pôs o capuz na cabeça para se proteger da chuva fina. Ignorando o carro e o barulho inevitável que iria fazer, foi até o alpendre e abriu a porta. Joy ainda estava lá. LuAnn se esquecera de pedir a alguém para ir buscar a égua; no entanto, o alpendre estava quente e seco e ainda havia feno e água. Ela selou rapidamente o animal e montou, saindo do alpendre e entrando no mato praticamente sem fazer barulho.

Quando chegou no limite da propriedade, desmontou e conduziu Joy de volta para o estábulo. Hesitou por um momento, pegou o binóculo que estava pendurado na parede, conseguiu ver através do mato fechado e montou uma vigilância em uma folga estreita na linha das árvores, exatamente no mesmo

lugar onde Riggs se instalara antes.

Dali podia vasculhar a parte dos fundos da casa. Levou um susto quando os faróis de um carro apareceram no campo focai do binóculo. O carro contornou a garagem, mas as portas dela não se movimentaram. Enquanto LuAnn vigiava, um homem saltou e contornou os fundos da casa, como se estivesse em patrulha. Sob as luzes da parte traseira da mansão, ela conseguiu ler a insígnia do FBI bordada na jaqueta. Algum tempo depois, o homem entrou de novo no carro e se afastou.

LuAnn saiu de trás das árvores e correu pelo campo aberto. Chegou ao lado da casa a tempo de ver o carro tomar o caminho privativo que dava na estrada principal, a mesma de onde fugira de Donovan, o encontro que dera início a todo aquele pesadelo. O FBI guardava a entrada da sua casa. Subitamente se lembrou de que Riggs mencionara isso para ela a propósito da conversa que tivera com Masters. Teria adorado se tivesse conseguido a competente ajuda dos agentes federais, mas sem dúvida eles a prenderiam no ato. O medo de ser presa, contudo, não era o principal fator. Ela se recusava a envolver qualquer outra pessoa nos seus problemas. Ninguém mais ia ser esfaqueada ou morta por causa dela. Jackson a queria, e somente a ela. Sabia que ele esperava que ela se encaminhasse humildemente para ele a fim de receber sua punição. Pois muito bem, neste caso ele teria muito mais do que queria. Muito mais. Ela e Lisa iriam sobreviver àquilo. Ele não.

Quando começou a voltar para a parte dos fundos, notou uma outra coisa. O carro de Sally Beecham na frente, do lado de fora. Aquilo a intrigou, mas deu de ombros e entrou pela porta dos fundos.

O ruído que ouvira ao fundo durante a ligação de Jackson fora o que a trouxera ali. O ruído absolutamente único do velho relógio, a herança de família, que herdara da mãe e do qual sempre fizera questão absoluta de nunca se separar. Acabara de provar ser a coisa mais valiosa que possuía, porque o ouvira batendo ao fundo enquanto conversava com Jackson.

Jackson estava na casa, falara com ela da sua casa. E LuAnn estava absolutamente convencida de que Lisa estava lá agora. com Jackson, é claro. LuAnn tinha de admirar a coragem do homem, de vir para cá, com o FBI montando guarda na entrada. Dentro de poucos minutos ela estaria frente a frente com seu pior pesadelo.

Ela se achatou de encontro à parede de tijolinho e espiou pela porta lateral, esforçando-se ao máximo para ver se enxergava através do painel de vidro a fim de descobrir se a luz do alarme, visível daquele ponto, estava vermelha ou verde. Deixou escapar um tranquilo suspiro de alívio quando viu o verde. Ela sabia qual era o código para desarmar o alarme, mas isso provocava um bip agudo que

poria tudo a perder.

LuAnn inseriu a chave na fechadura e abriu lentamente a porta. Esperou um minuto com o revólver fazendo rápidos movimentos em todas as direções. Nada ouviu. Passava bastante de meia-noite, de modo que isso não era de surpreender. Mas algo a incomodava, de qualquer forma.

Estar de volta à própria casa devia lhe trazer algum conforto, mas não era o caso. A sensação era mais desorientadora do que qualquer outra coisa. Baixar a guarda agora, deixar-se levar pela familiaridade do local, podia fazer com que ela e Lisa não estivessem vivas quando o sol nascesse.

Continuou a descer o corredor e ficou imóvel. Ouviu vozes, claramente. Diversas pessoas — não reconheceu a voz de nenhuma delas. Deixou escapar lentamente o ar dos pulmões quando a música de um comercial se fez ouvir. Alguém estava assistindo à televisão. Uma fresta de luz saía pela última porta do corredor. LuAnn se moveu silenciosamente para a frente, parando quando sua sombra ia passar pela pequena abertura entre a porta e a parede. Deteve-se para ouvir mais alguns segundos. Então abriu a porta, empurrando-a com a mão esquerda, ao mesmo tempo em que apontava com a direita pela abertura. A porta girou silenciosamente para o lado de dentro e LuAnn entrou. O quarto estava escuro, a única luz vinha da televisão. O que viu a seguir fez com que ficasse novamente imóvel. O cabelo escuro, cortado curto em torno do pescoço e penteado alto na forma de uma colmeia modificada, estava diretamente na sua frente. Sally Beecham estava no quarto dela assistindo à televisão.

Ou não? Estava tão imóvel que LuAnn não poderia dizer se estava viva ou morta.

Por um instante lhe veio à mente a imagem dela mesma ao entrar no trailer, dez anos antes, localizando Duane no sofá. Caminhando até ele. E vendo-o virar-se lentamente na direção dela, o peito todo encharcado de sangue, o rosto tão cinzento quanto um navio da Marinha. Em seguida observando-o cair do sofá, morrendo. E por fim a mão que veio cobrir-lhe a boca, vinda de trás. Vinda de trás!

Virou-se, mas não havia ninguém ali; no entanto, seus movimentos abruptos tinham provocado algum ruído. Quando olhou para trás, Sally Beecham a fitava com horror nos olhos. Ao reconhecer LuAnn pareceu recuperar o fôlego. Levou uma mão trêmula ao peito arfante.

Sally começou a dizer alguma coisa, mas LuAnn pôs um dedo sobre seus lábios e sussurrou: — Shhh!

— Há alguém aqui — disse LuAnn, e Sally pareceu confusa. Você viu alguém? — Sally sacudiu a cabeça e apontou para si mesma, o rosto extremamente pálido vincado de rugas.

Foi quando LuAnn se deu conta do que vira antes e ela mesma ficou extremamente pálida.

Sally Beecham jamais estacionava na parte da frente da casa. Sempre colocava o carro na garagem que tinha uma ligação direta com a cozinha. A mão de LuAnn apertou com mais força a pistola. Olhou de novo para o rosto de Sally. Era difícil dizer com certeza naquela escuridão, mas não se arriscaria.

— Vou lhe dizer uma coisa, Sally. Quero que você entre na despensa da cozinha. Vou trancar você lá dentro. Só por segurança.

LuAnn observou os olhos da outra dardejarem sobre seu rosto. Em seguida uma das mãos de Sally começou a se mexer para as costas.

LuAnn brandiu sua pistola.

— E vamos fazer isso imediatamente, ou atiro em você aqui mesmo. Puxe a sua arma, seu merda.

Quando a pistola apareceu, LuAnn indicou o chão com um gesto. A arma fez um barulho surdo quando bateu no assoalho.

Quando a pessoa se moveu na frente de LuAnn, ela levantou rapidamente a mão e puxou a peruca, revelando o homem. Um sujeito de cabelo escuro e curto. Sacudiu-se por um instante, mas LuAnn comprimiu sua orelha com a pistola.

— Mexa-se, Sr. Jackson! Ou devo dizer Sr. Crane? — não tinha falsas esperanças quanto ao destino de Sally Beecham, mas, tendo de enfrentar tanta coisa, não havia tempo para pensar nela. Esperava que ainda viesse a ter oportunidade de chorar pela mulher.

Quando chegaram à cozinha, LuAnn o empurrou para dentro da despensa e trancou a porta por fora. A porta era original, do tempo em que a casa fora construída, de carvalho maciço, quase oito centímetros de espessura e um trinco. Aquilo o seguraria. Pelo menos por algum tempo. Que não precisava ser muito.

LuAnn correu até o fim do corredor e subiu voando os degraus acarpetados. No segundo andar foi seguindo de porta em porta. Tinha quase certeza de que Lisa estava no seu quarto, mas não podia se arriscar. Os olhos tinham se ajustado bem à escuridão e ela examinou rapidamente cada aposento. Todos vazios. Seguiu em frente. Havia apenas mais um quarto, que era o seu. LuAnn esforçou-se ao máximo para ver se ouvia algum barulho que indicasse que Lisa estava viva, qualquer coisa que indicasse a LuAnn que ela estava OK. Não podia chamá-la, era perigoso demais. Lembrou que Jackson tinha agora a companhia de alguém. Onde estaria essa pessoa?

Chegou à porta, meteu a mão na maçaneta, respirou fundo e a girou.



Um raio comprido cortou o céu, seguido por um trovão ensurdecedor. No mesmo instante o cobertor foi arrancado da janela e a chuva começou a entrar. A combinação de todos esses eventos finalmente acordou Riggs. Ele se sentou desorientado por um momento e olhou em torno. Viu a janela aberta, o vento e a chuva entrando. Deu uma olhada em Charlie, que ainda dormia. Então viu o que faltava.

— LuAnn? — exclamou, levantando-se. — LuAnn?

Seus gritos acordaram Charlie.

— Que diabo? — disse ele.

Em um minuto eles tinham vasculhado o pequeno chalé.

— Ela não está! — gritou Riggs para Charlie.

Os dois saíram correndo. O carro ainda estava lá. Riggs olhou de um lado para o outro, confuso.

— LuAnn! — gritou Charlie, sobrepujando o barulho da tempestade.

Riggs olhou para o alpendre. As portas estavam abertas. Riggs correu até lá e viu que o local estava vazio. Deu uma olhada na lama frente às portas. Mesmo no escuro dava para ver as marcas das ferraduras. Seguiu-as até o mato, Charlie correndo a seu lado.

— Joy estava no alpendre — ele disse a Charlie. — Tudo indica que ela foi para Wicken's Hunt.

— Por que faria uma coisa dessas?

Riggs pensou por um minuto.

— Você se surpreendeu por ela finalmente ter concordado em chamar o FBI amanhã?

— Sim, me surpreendi, mas estava cansado e aliviado demais para ficar pensando nisso.

— Por que ela ia querer voltar para casa? — Riggs repetiu a pergunta de Charlie. — O FBI está guardando o lugar. O que haveria lá que ela achasse que compensava correr esse tipo de risco?

Charlie ficou pálido e quase chegou a perder o equilíbrio.

— O que foi, Charlie?

— LuAnn uma vez me falou sobre uma coisa que Jackson lhe disse. Uma regra segundo a qual ele vivia.

— O que era? — exigiu Riggs.

— Se você quer esconder uma coisa, coloque à vista de todo mundo porque aí ninguém vai ver.

Foi a vez de Riggs empalidecer quando se deu conta do que aquilo queria dizer.

— Lisa está na casa. E Jackson também.

Eles correram para o carro.

Quando o sedã voou pela estrada, Riggs pegou o telefone e discou o número da polícia e o do escritório local do FBI. Ficou chocado ao reconhecer a voz de Masters na linha.

— Ele está aqui, George. Crane está em Wicken's Hunt. Traga tudo o que você tiver — Riggs ouviu o telefone de Masters bater na mesa e o barulho de passos correndo.

Então ele desligou e pisou fundo no acelerador.



Quando a porta abriu, LuAnn disparou para dentro do quarto. Bem no centro havia uma cadeira e nesta cadeira Lisa estava arriada, exausta. O que LuAnn ouviu a seguir foi o tiquetaque do relógio, aquele relógio maravilhoso que fora de sua mãe. Fechou a porta e correu para a menina, abraçando-a. Seu rosto desmanchou-se num enorme sorriso quando os olhos das duas se encontraram.

Neste instante um laço de corda grossa foi passado em torno do pescoço de LuAnn e puxado com toda a força. Ela perdeu o fôlego e sua arma caiu no chão.

Lisa gritou e gritou em silêncio agonizante, a fita adesiva ainda presa com força sobre a boca. Ela chutou, tentando derrubar a cadeira, querendo ver se ajudava a mãe de alguma maneira antes que aquele homem a matasse.

Jackson estava atrás de LuAnn. Assistira do escuro, junto da cômoda, quando LuAnn se lançara sobre Lisa, esquecida por completo da presença dele no quarto. Então atacara. A corda tinha um pedaço de madeira preso nela, que Jackson torcia cada vez mais. O rosto de LuAnn estava ficando azul, ela começava a perder os sentidos à medida que a corda ia mergulhando mais profundamente na pele do pescoço. Tentou socá-lo, mas estava muito desajeitada e os punhos falhavam, minando o restante de força que ainda tinha. Chutou, mas ele foi rápido e se desviou dos chutes com facilidade. Tentou enfiar os dedos fortes na corda, mas estava tão encravada na sua pele que não havia espaço para os dedos entrarem. Ele cochichou no ouvido dela.

— Tiquetaque, LuAnn. Tiquetaque vai fazendo o reloginho. — Como um

ímã, ele a atraiu direto para os meus braços. — Segurei o telefone bem perto dele para que não houvesse jeito de você não ouvir. Uma vez disse a você que descubro tudo a respeito das pessoas com quem faço negócio. Visitei seu trailer na boa e velha Rikersville. Ouvi os sons únicos do velho relógio muitas e muitas vezes. E depois o vi na parede do seu quarto, na noite em que a visitei. A herancinha barata da sua família — ele deu uma risada. — Eu adoraria ter visto a expressão do seu rosto quando pensou que tinha sido mais esperta que eu. Foi uma expressão de alegria, LuAnn, não foi?

O sorriso de Jackson abriu-se mais quando ele sentiu que ela ia cedendo, que sua tão decantada força estava no fim.

— Agora, não se esqueça de sua filha. Lá está ela — ele acendeu um interruptor e girou-a violentamente para que pudesse ver Lisa querendo alcançá-la. — Ela vai ver você morrer, LuAnn. E depois será a vez dela. Você me custou um membro da família. Uma pessoa a quem eu amava. Que tal é sentir-se responsável pela sua morte? — ele apertou a corda com mais força ainda. — Morra, LuAnn. Desista. Feche os olhos e pare de respirar. É simples. E fácil. Faça isso por mim. Você sabe que na verdade é o que quer.

Os olhos de LuAnn estavam quase saltando das órbitas, os pulmões quase mortos. Era como se estivesse debaixo d'água; daria qualquer coisa para respirar apenas uma vez. Quando ouviu as palavras dele, foi levada de volta a uma sepultura, a um pedaço de terra, uma pequena marca de metal no chão, muitos anos atrás. Exatamente para onde estava se dirigindo. *Faça isso pelo seu papai, LuAnn. É tão fácil. Venha ver o papai. Você sabe que você quer ver o papai*.

Com o canto do olho direito injetado, ela conseguiu ver Lisa gritando silenciosamente pela mãe, querendo alcançá-la antes que os segundos que as separavam se tornassem eternos. Naquele exato momento surgiu de um lugar tão profundo que LuAnn nem tinha ideia uma torrente de força inacreditavelmente poderosa que quase a derrubou. Com um grito agudo, sacudiu o corpo para cima e depois para a frente, jogando o assombrado Jackson no ar. Trancou os braços em torno das pernas dele, carregando-o, e em seguida flexionou as pernas como um saltador de distância prestes a se lançar sobre a caixa de areia e atirou Jackson violentamente contra a pesada cômoda encostada na parede. A quina da madeira dura o pegou em cheio na espinha.

Ele gritou de dor mas continuou segurando a corda. LuAnn adiantou-se e cravou as unhas na ferida recente que havia na mão dele — a resultante da briga no chalé —, abrindo por completo o corte. Jackson gritou de novo e desta vez largou a corda. Sentindo que a corda afrouxava, LuAnn sacudiu o torso para a frente e Jackson saiu voando por cima dos seus ombros e espatifou-se em um espelho pendurado na parede.

LuAnn cambaleou no meio do quarto, sugando o ar em grandes quantidades. Meteu a mão no pescoço e arrancou fora a corda. Em seguida seus olhos se fixaram no homem.

Jackson pôs a mão na coluna machucada e lutou para se levantar. Mas já era um pouco tarde, porque, com um grito gutural, LuAnn se lançou sobre ele. Achatou-o no chão e prendeu-o ali, com as pernas em torno das dele, imobilizando-o. Envolveu com as mãos o pescoço dele e aí foi a vez de o rosto de Jackson ficar azul. A pressão que ele sentiu no pescoço foi dez vezes mais forte do que a que sentira na briga da varanda do chalé. Com os olhos fixos nos olhos dela, injetados, com os vasos capilares mostrando as marcas do quase estrangulamento, ele soube que LuAnn não o soltaria. As mãos dele se arrastaram pelo chão, à medida que ela continuava a arrancar-lhe a vida dos pulmões. Uma série de imagens passou pela sua mente, mas não havia força que as acompanhasse. O corpo de Jackson foi perdendo as forças, os olhos rolaram nas órbitas, o pescoço estava ao ponto de ser quebrado com a pressão sempre crescente. Seus dedos finalmente conseguiram pegar um caco de vidro que sobrara do espelho espatifado. Acionou-o para a frente, pegando-a no braço e cortando-lhe a pele através do pano da roupa.

LuAnn não afrouxou. Ele a cortou de novo e de novo, mas de nada adiantou. LuAnn estava além da dor; simplesmente não ia largá-lo.

Por fim, com o último resquício de força que lhe restara, os dedos dele a pegaram sob o braço e ele apertou tanto quanto pôde. De repente os braços de LuAnn perderam a força quando Jackson encontrou o ponto de pressão e as mãos dela largaram o pescoço dele. No instante seguinte ele a empurrou para longe e saiu correndo, ofegando.

Foi horrorizada que LuAnn viu quando ele agarrou a cadeira de Lisa e a arrastou na direção da janela. Pôs-se de pé de um salto e voou na direção da cadeira. Sabia exatamente o que ele queria fazer, mas era mais fácil ela morrer do que deixá-lo fazer isso. Jackson estava levantando a cadeira com Lisa sentada nela, mas LuAnn mergulhou e agarrou a perna da filha no momento em que a cadeira esmagou a janela que dava no pátio quase dez metros abaixo. LuAnn e Lisa caíram no chão repleto de estilhaços de vidro.

Jackson tentou pegar a arma mas LuAnn adiantou-se, levantou a perna e deu-lhe um pontapé na virilha. Ele se encolheu, gemendo. Ela se adiantou e acertou-lhe uma poderosa direita no queixo. Jackson arriou no chão.

À distância ouviram as sirenes da polícia. Jackson praguejou baixinho, levantou-se e, segurando as partes baixas saiu correndo pelo corredor, e trancou a porta.

LuAnn deixou que ele fosse. Gritando e chorando de alívio, ela arrancou

delicadamente a fita adesiva e desamarrou as cordas que seguravam Lisa. Mãe e filha se abraçaram com força. LuAnn quase esmagou o corpo de Lisa, enfiou o rosto no cabelo dela, maravilhou-se com o perfume de sua menina. Depois levantou-se, pegou a arma e disparou dois tiros pela janela.

Riggs, Charlie e os agentes do FBI estavam envolvidos em uma acalorada discussão na entrada da estrada privativa quando ouviram os tiros. Riggs engrenou e meteu o pé no acelerador. Os agentes correram para seu carro.

Jackson disparou pelo corredor, parou de repente e deu uma olhada no quarto de Sally Beecham. Vazio. Viu uma pistola no chão e pegou. Depois ouviu as batidas. Correu até a cozinha, destrancou e abriu a porta da despensa. Roger Crane, os olhos semicerrados e trêmulo, saiu tropeçando.

— Graças a Deus, Peter. Ela estava armada com uma pistola. Obrigou-me a entrar aqui. Eu... eu fiz exatamente o que você falou.

— Muito obrigado, Roger — ele levantou a pistola. — Diga a Alicia que mandei lembranças — em seguida ele atirou à queima-roupa no rosto do irmão. No instante seguinte tinha saído porta afora e atravessava correndo o gramado na direção do mato.



Quando saltaram do carro, Riggs viu Jackson primeiro e disparou atrás dele. Charlie, mesmo muito enfraquecido, foi logo atrás. Quando os policiais chegaram, segundos mais tarde, dirigiram-se direto para a casa.

LuAnn encontrou-os na escada.

— Onde estão Matthew e Charlie?

Os homens se entreolharam.

— Vi alguém fugindo para o mato — respondeu um deles.

Todos saíram em disparada para o gramado da frente. Foi quando ouviram o barulho do motor de um helicóptero avançando através da chuva e do vento. Ele pousou no gramado da frente da casa. A insígnia do FBI era bem visível na lateral do aparelho. O grupo saiu correndo. LuAnn e Lisa chegaram primeiro.

Diversos carros da polícia pararam perto do chafariz e deles saltou um pequeno exército de agentes da lei.

George Masters saiu do helicóptero seguido por uma equipe de agentes do FBI. Olhou para ela.

— LuAnn Tyler?

Ela fez que sim.

Masters olhou para Lisa. — Sua filha?

— Sim, minha filha — respondeu LuAnn.

— Graças a Deus — ele deixou escapar um profundo suspiro de alívio e estendeu a mão. — George Masters, FBI. Vim para a cidade a fim de entrevistar Charlie Thomas. Mas, quando cheguei ao hospital, ele tinha ido embora.

— Tivemos que sair para perseguir Jackson, quer dizer, Peter Crane. Ele se meteu no mato — disse LuAnn. — Matthew e Charlie foram atrás dele. Mas eu quero Lisa sã e salva. Não posso deixá-la sem saber que estará inteiramente a salvo.

Masters olhou para as duas, mãe e filha, uma a cara da outra, e depois para o helicóptero.

— Nós a levaremos para o escritório do FBI em Charlottesville neste helicóptero. Eu a colocarei bem no centro de uma sala com meia dúzia de agentes do FBI fortemente armados. Está bom para você? — ele entreabriu os lábios num sorriso.

O brilho da gratidão iluminou o rosto dela.

— Sim, sim, muito obrigada pela compreensão.

— Também tenho filhos, LuAnn.

Enquanto Masters dava instruções ao piloto, LuAnn abraçou e beijou Lisa mais uma vez e depois se virou e saiu correndo pelo mato, seguida por um enxame de agentes do FBI e de policiais locais. com sua rapidez e bom conhecimento do terreno, logo os deixou para trás.



Riggs podia ouvir os pés de Jackson voando na frente dele. Charlie ficara um pouco atrasado, mas Riggs podia ouvir sua respiração forte, não muito longe. O mato era trançado na mais completa escuridão e a chuva continuava a cair com violência. Riggs piscou os olhos rapidamente para melhorar um pouco a visão noturna. Puxou a arma e desarmou a trava com um rápido golpe do dedo. Parou abruptamente quando os ruídos à sua frente cessaram. Agachou-se e vasculhou a área com os olhos, brandindo a arma em amplos arcos. Ouviu o barulho às suas costas com um segundo de atraso, quando foi atingido por um chute que o arremessou para frente e para o chão. Bateu com força no solo molhado, o rosto deslizando dolorosamente no capim e na terra e terminou batendo numa árvore, a pistola se chocando com força no tronco. O impacto fez com que o braço machucado recomeçasse a sangrar. Quando se virou de costas, viu o homem

voando contra ele, o pé em posição para aplicar outro golpe esmagador. Então Charlie atacou Jackson de surpresa e os dois homens caíram.

Furioso, Charlie socou Jackson e contraiu o braço para desfechar um direto definitivo. Rápido como uma enguia, Jackson deu um murro que atingiu em cheio o ferimento de Charlie, que gritou e se dobrou em dois. Em seguida, com o mesmo movimento que usaria para fazer soar os pratos de uma banda, bateu com as palmas das mãos nos ouvidos de Charlie, formando uma súbita torrente de ar para dentro dos canais auditivos e rompendo um tímpano. Nauseado e tonto com a combinação de golpes, Charlie saiu de cima de Jackson e caiu no chão gemendo.

— Eu devia ter cortado a sua garganta lá no motel — no exato momento em que Jackson cuspiu as palavras cheias de ódio e se preparou para chutar a cabeça de Charlie, ouviu Riggs gritar:

— Afaste-se dele se não quer que eu estoure essa sua maldita cabeça!

Quando Jackson se virou, a arma de Riggs estava apontada diretamente para ele.

— Finalmente nos encontramos. Riggs, o criminoso. Que tal discutirmos um arranjo financeiro que o deixasse muito rico? — perguntou Jackson. Sua voz ainda estava rouca e fraca por ter sido quase estrangulado por LuAnn. Segurou a mão lacerada; o rosto sangrava dos socos de Charlie.

— Não sou criminoso, seu panaca. Eu era agente do FBI que testemunhou contra um cartel. Era por isso que eu estava no Programa de Proteção a Testemunhas.

Jackson aproximou-se de Riggs.

— Ex-FBI? Bem, pelo menos posso ter certeza de que você não vai atirar em mim a sangue-frio — ele apontou um dedo de advertência a Riggs. — É preciso que entenda que, se me pegarem, LuAnn também vai comigo. Vou dizer a seus antigos patrões que ela estava metida em tudo, que até me ajudou a planejar cada golpe. Pintarei um quadro tão negro que ela vai ter sorte se ficar apenas na prisão perpétua. Meus advogados providenciarão o que for preciso. Mas não se preocupe, pelo que sei, a maioria das prisões hoje em dia permite visitas íntimas conjugais.

— Você vai apodrecer na cadeia.

— Eu diria que não. A única coisa que consigo imaginar é o tipo de acordo que posso fazer com os federais. Imagino que eles sejam capazes de qualquer coisa para evitar que a opinião pública tome conhecimento de tudo que aconteceu. E, quando isso terminar, tenho certeza de que o verei de novo. Na verdade, estou ansioso para que chegue esse momento.

O tom de zombaria de Jackson irritou cada fibra do corpo de Riggs. O mais

enlouquecedor era que todas as suas previsões eram perfeitamente possíveis. Mas não aconteceriam, Riggs jurou para si mesmo.

— É aí que você se engana — disse.

— Sobre o quê?

— Sobre matar você a sangue-frio — Riggs puxou o gatilho. O barulho que não aconteceu pareceu fazer sumir todo o sangue do seu corpo. Puxou o gatilho de novo com o mesmo resultado enlouquecedor. A arma não disparou; tinha engasgado com o impacto na árvore.

Na mesma hora Jackson puxou sua arma e apontou para Riggs.

Riggs largou a arma inútil e recuou quando Jackson avançou. Finalmente parou quando sentiu que o caminho acabava. Olhou para trás — uma queda direta na correnteza do riacho. Olhou de novo para Jackson, que sorriu e atirou.

A bala pegou o chão ao lado do pé de Riggs, que recuou um centímetro, equilibrando-se na borda da ribanceira.

— Vejamos como você nada sem os braços — o tiro seguinte pegou no braço bom de Riggs. Ele grunhiu de dor e dobrou-se, com a mão no ferimento, tentando manter o equilíbrio. Então ele ergueu os olhos para o rosto debochado de Jackson.

— Ou leva outro tiro ou se joga lá embaixo, são as alternativas. Mas escolha logo, que não tenho muito tempo.

Riggs dispunha apenas de um instante. Ao se abaixar, o braço baleado havia deslizado pela extensão da tipoia, algo muito natural naquelas circunstâncias. Jackson, contudo, subestimara a determinação dele e não imaginara que Riggs também sobrevivera muitas vezes graças a sua engenhosidade e conseguira se safar de inúmeras situações difíceis graças a muita agilidade e rapidez. O que ele estava prestes a fazer salvara sua vida quando trabalhava em missão secreta durante uma transação de drogas que saíra errada. Não salvaria a sua vida desta vez, mas salvaria a vida de diversas outras pessoas, inclusive uma que valorizava mais que a sua própria — a de LuAnn.

Encarou Jackson bem nos olhos. Seu ódio era tão intenso que bloqueou a dor em ambos os braços. Fechou a mão em torno da arma compacta que prendera com esparadrapo dentro da tipoia, a arma que normalmente ele usava no coldre de tornozelo. A boca do cano estava apontada direto para Jackson. com o braço ferido e tudo, sua pontaria continuava tão certeira como sempre fora. E Jackson estava a menos de um metro de distância. Mas Riggs tinha de dar o primeiro tiro.

— Riggs! — gritou Charlie.

Jackson não tirou os olhos de Riggs.

— Você é o próximo, tio Charlie.

Matt Riggs nunca se esqueceria da expressão do rosto de Jackson quando o

primeiro tiro que deu irrompeu através da tipoia e atingiu o homem em cheio na cara, atravessando primeiro o pó, a massa e a cola volátil para, um microssegundo depois, penetrar na sua carne e osso verdadeiros. A pistola caiu das mãos do atônito Jackson.

Riggs continuou puxando o gatilho, disparando bala após bala em Jackson. Cabeça, torso, perna, braço — não houve um pedaço dele que Riggs errasse até que acabou a munição, doze tiros depois. E o tempo todo suas feições conservaram um ar de suprema descrença, enquanto o sangue ia se misturando a cabelo e pele falsos, cremes e pós se tingindo de escarlate. O efeito total foi estranho, assustador, como se o homem estivesse se dissolvendo. Então Jackson caiu de joelhos. O sangue jorrava de uma dúzia de ferimentos. Caiu de cara no chão e não se moveu de novo. Sua derradeira performance.

Este instante também marcou a queda de Riggs. Os múltiplos tiros serviram para desequilibrá-lo e os pés não conseguiram se segurar na lama vermelha e escorregadia.

Uma expressão de amarga resignação surgiu em seu rosto quando viu o abismo em que ia mergulhando. Com dois braços inúteis, ambos sangrando numa hemorragia que o levaria à morte, uma correnteza veloz e gelada, de águas fundas, nada em que se agarrar. Estava terminado.

Ouviu Charlie chamar seu nome mais uma vez e depois não ouviu mais nada. Não mais sentiu dor, só paz. Bateu na água desajeitadamente e mergulhou.

Charlie ficou de quatro e estava prestes a mergulhar quando um corpo pulou por cima dele e saltou na correnteza.

LuAnn submergiu e reapareceu quase imediatamente, examinando a superfície das águas rápidas que já a iam puxando.

Na margem, Charlie tropeçava passando por entre as grossas árvores e a cerrada vegetação, tentando manter-se ereto. Os gritos dos agentes do FBI e dos policiais eram cada vez mais altos, mas não parecia que a ajuda deles fosse chegar a tempo.

— Matthew! — gritou LuAnn.

Nada. Mergulhou e nadou por baixo d'água, indo metodicamente de uma margem a outra à procura dele. Vinte segundos mais tarde reapareceu para respirar.

— LuAnn! — gritou Charlie.

Ela ignorou seus gritos. Quando a chuva gelada a atingiu com violência, encheu os pulmões de ar e mergulhou de novo. Charlie parou, os olhos vasculhando tudo, tentando definir o ponto onde ela reapareceria. Não queria perder os dois.

Quando LuAnn mais uma vez apareceu na superfície, não estava sozinha.

Agarrava Riggs com toda a força em torno do peito dele, com a correnteza envolvendo a ambos.

Ele tossia e cuspia, com os pulmões tentando voltar a funcionar. LuAnn esforçou-se para atravessar a corrente nadando, mas fez pouco progresso. Estava congelando.

Em mais um minuto a hipotermia a paralisaria. Riggs em nada ajudava, pelo contrário, era um peso morto, e ela sentiu suas forças falharem. Passou as pernas como tesoura em torno da parte superior do torso dele, cuidando para que seu rosto ficasse acima da água, e continuou a pressionar-lhe o estômago, fazendo o diafragma subir e descer, para ajudar a limpar os pulmões.

Olhou desesperadamente para trás, em busca de alguma saída. Seus olhos deram com uma árvore caída, e, mais importante, com um galho grosso suspenso parcialmente sobre a água. Estava perto. Preparou-se, avaliando a distância e a altura. Aumentou a tensão das pernas em torno de Riggs e deu o bote. Conseguiu alcançar com as mãos o galho e segurar-se. Levantou-se um pouco. Agora ela e Riggs estavam parcialmente fora da água. Tentou levantar mais, sem conseguir; ele era muito pesado.

Olhou para baixo e o viu olhando para ela, a respiração muito curta. E foi horrorizada que percebeu Riggs começar a se desembaraçar das pernas dela, que o sustentavam.

— Matthew, não! Por favor!

Por entre os lábios azulados que se moveram de um modo dolorosamente lento, ele disse: — Não vamos morrer nós dois, LuAnn.

Riggs empurrou de novo as pernas de LuAnn, que passou a ter de lutar contra ele, a correnteza, a dor que sentia nas pernas e o frio que ia tomando conta de todo o seu corpo. Os lábios dela tremiam ao mesmo tempo de raiva e impotência. Olhou novamente para baixo e o viu tentando desesperadamente se desprender das pernas dela, livrá-la do fardo que seu peso representava. LuAnn podia simplesmente largar o galho e mergulhar com ele, mas e Lisa? Tinha segundos para tomar uma decisão, mas de repente não teve que decidir nada. Pela primeira vez em sua vida as forças de LuAnn falharam e suas mãos soltaram o galho. Começou a mergulhar.

O braço musculoso que lhe envolveu o corpo bloqueou sua queda e a próxima coisa que sentiu foi ela mesma e Riggs serem içados por completo para fora da água.

Inclinou a cabeça para trás e viu o rosto dele.

Montado sobre o tronco da árvore, Charlie, com o braço machucado, grunhiu, gemeu e fez caretas até que finalmente conseguiu colocá-los a salvo em cima da margem estreita, onde desabaram, a centímetros de distância da água.

As pernas de LuAnn mantiveram a pressão em torno de Riggs.

Ela se deixou ficar deitada, com a cabeça no peito de Charlie, que ofegava ruidosamente por causa do esforço. LuAnn deslizou a mão direita até Riggs, que a pegou e encostou no rosto. A esquerda subiu e agarrou o ombro de Charlie, que a cobriu com a sua. Nenhum dos três disse uma só palavra.

59

— BEM, ESTA TUDO ACABADO — disse Riggs, desligando o telefone. Estavam no escritório que ele tinha em casa, LuAnn, Charlie e Lisa. Lá fora nevava de leve.

O Natal se aproximava depressa.

— Resumindo, como ficamos? — perguntou LuAnn.

LuAnn e Charlie já estavam curados. Riggs não precisava mais da tipoia, e o gesso que tivera de usar para soldar o osso que a bala de Jackson quebrara também fora removido recentemente. Ele, no entanto, ainda se movia devagar.

— Com pouca coisa. A Receita Federal terminou os cálculos dos impostos que você devia, multas e juros superpostos dos últimos oito anos, mais ou menos.

— E daí?

— E isso soma todo o dinheiro que você tinha, todos os investimentos e todas as propriedades, inclusive Wicken's Hunt — ele conseguiu forçar um sorriso, tentando amenizar o impacto da notícia deprimente. — Na verdade, você ia ficar devendo sessenta e cinco centavos, mas eu paguei por você, gentileza da casa.

Charlie bufou.

— Que presente de Natal! E os outros vencedores da loteria conseguiram ficar com todo o dinheiro. Não é justo.

— Eles pagaram impostos, Charlie — replicou Riggs.

— Ela pagou também.

— Só depois que voltou para os Estados Unidos e apenas sob o nome de Catherine Savage.

— Bem, ela não podia pagar antes. Não sem provavelmente ir para a cadeia por causa de um crime que não tinha cometido.

— Puxa, isso é que é um argumento vitorioso.

— É, mas todos os outros também ganharam graças à fraude na loteria — replicou Charlie.

— Bem, o Governo não vai anunciar isso ao mundo. Afinal, ele ganha bilhões com a loteria. Dizer a verdade poderia atrapalhar tudo, não acha?

— E o que me diz de todos os milhões que ela deu a instituições de caridade, isso não vale de nada? — exclamou Charlie, furioso.

— A Receita aplaudiu a generosidade de LuAnn, mas disse que não podia ajudar em nada porque ela jamais preenchera uma declaração de Imposto de

Renda. Estou dizendo a você que este não é um mau acordo. Ela poderia passar uma longa temporada na prisão. A não ser por isso, provavelmente poderia até ficar com parte do dinheiro. Mas havia uma ameaça muito real sobre a cabeça dela. O xerife Harvey não cedeu muito facilmente.

— Não dá para acreditar... Depois de tudo pelo que ela passou? LuAnn acaba com a organização criminosa de Crane, o FBI passa mais uma vez por herói e mesmo assim confiscam tudo o que ela tem, metem bilhões de dólares dentro do Tesouro e LuAnn termina sem nada. Sequer um tapinha nas costas. Não é justo!

LuAnn pôs a mão no ombro de Charlie, procurando acalmá-lo.

— Está tudo bem, Charlie. Eu não merecia nem um centavo daquele dinheiro. E queria pagar o que devia. Só quero ser LuAnn Tyler de novo. Falei isso com Matthew. Mas não matei ninguém. Todas as acusações contra mim foram retiradas, certo? — ela olhou para Riggs, em busca de confirmação.

— Certo. Acusações federais, estaduais, tudo. Livre como um passarinho.

— É, mas pobre de dar pena — acrescentou Charlie, furioso.

— É isso mesmo, Matthew? Eles não podem vir em cima de mim mais tarde? Refiro-me à Receita. Em busca de mais dinheiro?

— Todos os documentos foram assinados. Eles deram tudo por encerrado. Está acabado. Confiscaram todas as suas contas e arrestaram a casa. De qualquer modo, mesmo que venham em cima de você, o que não podem, você não ia ter mais dinheiro.

Lisa olhou para ele.

— Talvez possamos mudar para cá, mamãe — ela acrescentou depressa —, quer dizer, por algum tempo.

Lisa olhou para LuAnn e Riggs nervosamente. LuAnn sorriu para a filha. Dizer-lhe toda a verdade tinha sido a coisa mais difícil que já fizera na vida, mas jamais sentira um alívio tão grande. Lisa aceitara tudo maravilhosamente. Agora pelo menos o relacionamento delas podia adquirir uma imagem de normalidade.

Riggs encarou LuAnn, ele mesmo um tanto nervoso.

— Na verdade eu estava pensando mais ou menos isso — ele engoliu em seco. — Podem nos dar licença por um instante? — pediu a Charlie e Lisa.

Riggs pegou LuAnn pelo braço e os dois deixaram a sala juntos. Charlie e Lisa ficaram vendo e trocaram sorrisos.



Riggs sentou LuAnn diante da lareira e ficou em pé na frente dela.

— Eu adoraria se todos vocês se mudassem para cá. Há muito lugar. Mas... — ele olhou para o chão.

— Mas o quê?

— Eu estava pensando em um arranjo mais permanente.

— Entendo.

— Quer dizer, eu ganho bem, e a verdade é que você agora não tem mais todo aquele dinheiro — ela inclinou a cabeça enquanto ele deixava escapar um longo suspiro. — Eu não queria que você pensasse que eu estava atrás do seu dinheiro. Teria me deixado maluco. Era um obstáculo difícil de transpor. Não quero que pense que me sinto feliz por saber que você não é mais rica. Se houvesse algum modo para você ficar com o dinheiro, teria sido ótimo. Mas agora que você não tem, só quero que saiba... — ele gaguejou de novo, incapaz de continuar, subitamente apavorado com a profundeza das águas em que se metera.

— Eu amo você, Matthew — disse ela, com simplicidade.

As feições dele relaxaram. Não mais parecia sentir medo. Na verdade não se lembrava de ter se sentido mais feliz em toda a sua vida.

— Eu amo você também, LuAnn Tyler.

— Você já esteve na Suíça? — perguntou ela.

Ele pareceu surpreso.

— Não. Por quê?

— Sempre pensei em passar a lua de mel lá. E tão romântico, tão bonito. Especialmente na época do Natal.

Riggs pareceu ficar perturbado.

— Bem, querida, eu trabalho duro, mas empreiteiros de cidades pequenas não costumam ganhar o bastante para esse tipo de turismo. Desculpe — ele umedeceu os lábios nervosamente. — Eu compreendo que você tenha dificuldade em aceitar isso, depois de tantos anos sendo tão rica...

Como resposta, LuAnn abriu a bolsa e tirou um pedaço de papel. Nele estava escrito o número de uma conta de um banco na Suíça. Conta esta que fora aberta com cem milhões de dólares: era o retorno de Jackson do seu principal. Estava tudo lá, apenas esperando. Rendia seis milhões por ano só de juros. Afinal de contas, ia acabar ficando com o prêmio da loteria. E dessa vez não sentia a menor culpa. Ao contrário, a impressão que tinha era de que merecia aquele dinheiro. Passara os últimos dez anos tentando ser alguém. Fora uma vida de grande fortuna e grande miséria ao mesmo tempo. Agora ia passar o resto da vida sendo quem realmente era e aproveitando. Tinha uma filha bela e saudável e dois homens que a amavam. Nada mais de fugir, nada mais de se esconder para LuAnn Tyler. Podia se considerar verdadeiramente abençoada por Deus.

Ela sorriu para ele, acariciando-lhe o rosto.
— Sabe de uma coisa, Matthew?
— O quê?
Pouco antes de beijá-lo ela disse:
— Acho que ficaremos muito bem.

FIM

Este livro foi composto pela MG Textos Editoriais Ltda
Av. Venezuela, n° 131/813
e impresso na Editora JPA Ltda.
Av. Brasil, n° 10.600 — Rio de Janeiro, RJ
em junho de 1999 para a
Editora Rocco Ltda

Digitalização e correção: Edith Suli.